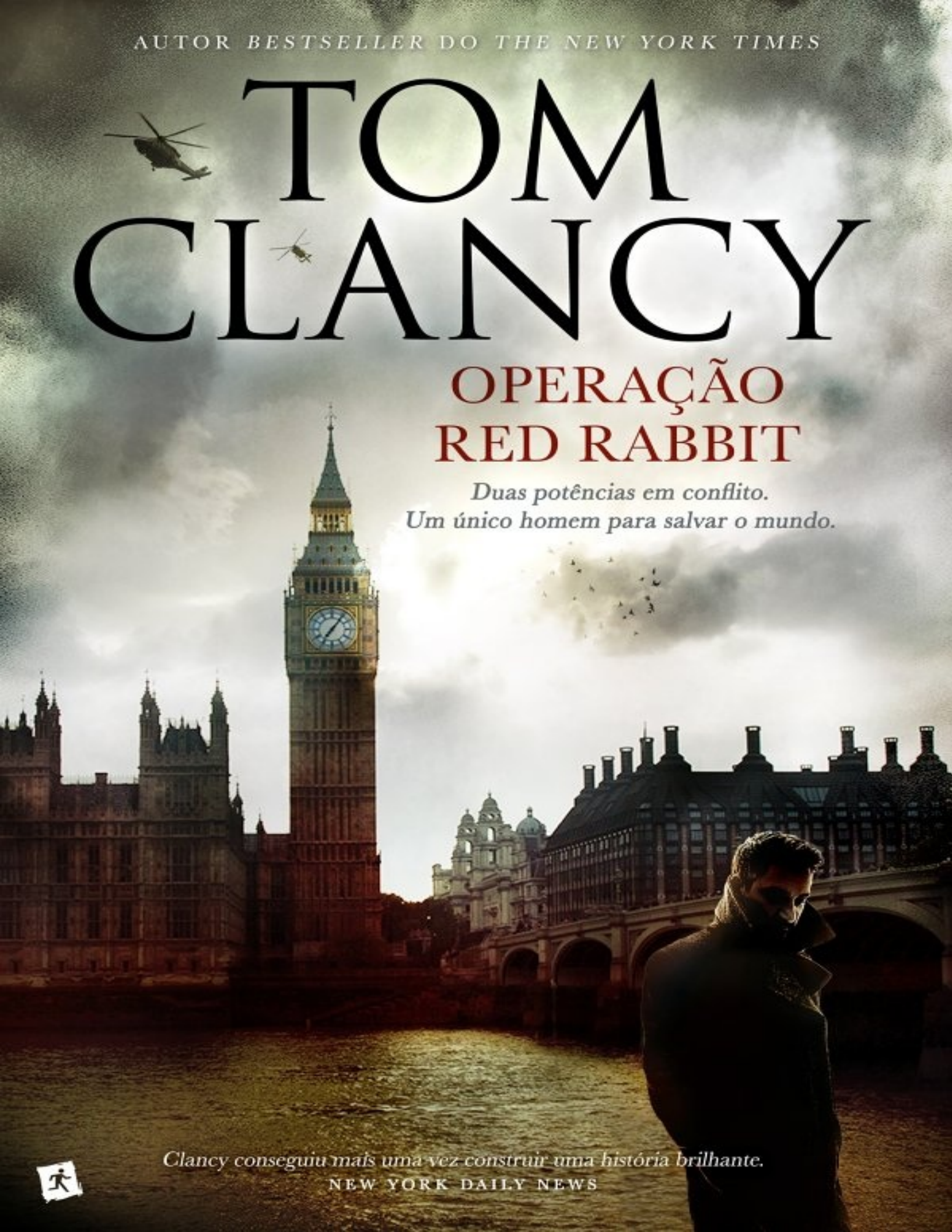
AUTOR *BESTSELLER* DO *THE NEW YORK TIMES*

TOM CLANCY

OPERAÇÃO RED RABBIT

Duas potências em conflito.
Um único homem para salvar o mundo.



Clancy conseguiu mais uma vez construir uma história brilhante.
NEW YORK DAILY NEWS

FICHA TÉCNICA

Título: *Operação Red Rabbit*
Autoria: *Tom Clancy*
Editor: *Luís Corte Real*
Esta edição © 2021 Edições Saída de Emergência
Título original Red Rabbit *© 2002 Rubicon, Inc. Publicado nos EUA por Berkley Publishing Group, uma divisão de Penguin Group*
Tradução: *José Manuel Lopes*
Revisão: *Paula Almeida*
Design da capa: *Luís Morcela*
Imagens da capa: *Arcangel / © Hayden Verry / © Paul Gooney*
Data de Edição E-Book: *janeiro, 2021*
ISBN: *978-989-773-382-6*
Edições Saída de Emergência
Taguspark - Rua Prof. Dr. Aníbal Cavaco Silva,
Edifício Qualidade - Bloco B3, Piso 0, Porta B
2740-296 Porto Salvo, Portugal
Tel e Fax: *214 583 770*
Acompanhe as nossas novidades em
WWW.SDE.PT
FACEBOOK
INSTAGRAM
E TWITTER

DEDICATÓRIA

Para Danny O. e para os homens do Engine 52 e da Ladder 52

Os heróis são muitas vezes os homens mais comuns.
HENRY DAVID THOREAU

AGRADECIMENTOS

À Leanart, à Joni e ao Andy, por me terem segurado na mão por detrás da Velha Cortina e pelo curso intensivo em contrabando.
À Alex, é claro, por me ter segurado na outra o tempo todo.
Ao Tom e à rapaziada do Palácio Real e Fortaleza de Sua Majestade. É difícil encontrar um ótimo grupo de homens assim, e um raro prazer descobri-lo.
Aos funcionários do corpo diplomático da Embaixada dos EUA em Budapeste, por terem lidado de um modo tão simpático com uma visita inesperada.
E ao Michael, à Melissa, ao Gilbert e à comandante Marsha, antecipando o seu excelente profissionalismo.

EPÍGRAFE

A coisa mais importante na vida humana é a arte
de ganhar a alma para o bem ou para o mal.

PITÁGORAS

Sem reconhecer os mandamentos celestes
é impossível ser-se um homem superior.

CONFÚCIO

PRÓLOGO

O JARDIM DAS TRASEIRAS

Jack decidiu que a parte que receava mais era guiar. Já comprara um *Jaguar* (que aqui se pronunciava *Jag-iu-á*, teria de se lembrar), porém, de ambas as vezes que se deslocara até à concessionária, tinha-se dirigido para a porta da frente à esquerda do automóvel, em vez de para a da direita. O negociante não se rira dele, mas Ryan tinha a certeza de que ele tivera vontade de o fazer. Pelo menos não se sentara no assento do passageiro, por engano, e não fizera figura de parvo. Teria de se lembrar de tudo isso: o lado «direito» da estrada era o *esquerdo*. Uma curva à direita faria com que ele se atravessasse no tráfego que vinha em sentido contrário, não uma curva à esquerda. A via da esquerda destinava-se às velocidades mais lentas nas interestaduais, *autoestradas*, corrigiu-se a si mesmo. As fichas elétricas nas paredes eram todas esquisitas. A casa não tinha aquecimento central, apesar do preço principesco que ele dera por ela. Não havia ar condicionado, ainda que o mesmo provavelmente não fosse necessário aqui. Não era dos climas mais quentes. Os habitantes começavam a cair para o lado nas ruas quando o termómetro marcava vinte e três graus centígrados. Jack perguntava-se o que é que o clima de Washington lhes faria. Claro estava que a expressão do passado acerca de «cães raivosos e ingleses» já não se aplicaria.

Mas poderia ter sido pior. Ele tinha um cartão para poder fazer compras no Serviço de Trocas do Exército e da Força Aérea, também conhecido por PX[1], na vizinha base de Greenham Commons, de modo que, pelo menos, teriam bons cachorros-quentes e marcas que se assemelhavam àquelas que ele comprava no Giant, junto à sua residência no Maryland.

Tantas outras notas discordantes. A televisão britânica era diferente, é claro, não que ele estivesse à espera de muitas oportunidades para vegetar diante do ecrã fosforoso, mas a pequena Sally precisava dos seus desenhos animados. Para além disso, mesmo quando se estava a ler algo importante, o ruído de fundo de qualquer programa desmiolado era reconfortante à sua maneira. Contudo, os noticiários televisivos não eram muito maus e os jornais eram particularmente bons… melhores do que aqueles que ele geralmente lia na sua zona. No entanto,

de manhã, iria ter saudades do *Far Side*. Ryan esperava que talvez o *International Tribune* o tivesse. Ele poderia comprá-lo no quiosque da estação de comboio. De qualquer modo, teria de seguir o beisebol.

O pessoal das mudanças, que aqui tinha um outro nome, estava a trabalhar no duro sob as ordens de Cathy. A casa não era má, embora fosse mais pequena do que a que eles tinham em Peregrine Cliff, arrendada agora a um coronel da Marinha que dava aulas aos dedicados rapazes e raparigas da Academia Naval. O quarto principal dava para o que parecia ser um jardim com mil metros quadrados. O agente imobiliário entusiasmara-se particularmente com isso. E os inquilinos prévios tinham investido nele muito tempo: havia rosas que cobriam as paredes, principalmente vermelhas e brancas, para honrar as Casas de Lancaster e York, segundo parecia. Havia outras, cor-de-rosa, entre elas, para mostrar que se tinham juntado para formar os Tudor, embora essa Casa tivesse morrido com Isabel I, tendo aberto caminho para uma nova série de membros da realeza de que Ryan tinha amplas razões para gostar.

E as condições atmosféricas não eram nada más. Estavam no país há três dias e ainda não chovera. O sol nascia muito cedo e punha-se tarde, e, no inverno, segundo o que ele ouvira dizer, nunca nascia e voltava a pôr-se de imediato. Algumas das amizades que ele fizera no Departamento de Estado tinham-no informado de que as longas noites poderiam ser difíceis para as crianças. Com quatro anos e seis meses, Sally ainda era uma delas. Jack, com cinco meses, talvez não se desse conta de tais coisas e, felizmente, dormia muito bem. Era o que estava a fazer agora, de facto, sob os cuidados da sua ama, Margaret van der Beek, uma jovem ruiva filha de um pastor metodista da África do Sul. Ela viera com excelentes recomendações, após ter sido aprovada através de um inquérito aos seus antecedentes, levado a cabo pela Polícia Metropolitana. Cathy estava um pouco preocupada com a hipótese de contratar uma ama. A ideia de outra pessoa educar o seu bebé incomodava-a, como ouvir unhas a rasparem num quadro de ardósia, mas era um costume local muito estimado e funcionara muito bem para um tal Winston Spencer Churchill. Miss Margaret fora recomendada através da agência de Sir Basil. Com efeito, a sua agência fora oficialmente autorizada pelo governo de Sua Majestade. O que nada quereria dizer, pensou Jack. Ele fora muito bem informado durante as semanas antes da sua partida. A «oposição», um termo também usado em Langley, penetrara na comunidade da

informação inglesa mais do que uma vez. A CIA acreditava que a mesma ainda o não tinha feito em Langley, mas Jack não estava bem certo disso. O KGB era muito bom e havia gente gananciosa por esse mundo fora. Os russos não pagavam muito bem, mas algumas pessoas vendiam a alma e a liberdade por uma tuta-e-meia. Também não andavam com um sinal luminoso na roupa a dizer SOU UM TRAIDOR.

De todas as suas sessões de informação, as mais cansativas tinham sido sobre segurança. O pai de Jack fora o polícia da família e o próprio filho nunca dominara bem essa maneira de pensar. Uma coisa era procurar dados concretos, no meio da cascata de lixo que acabava sempre por vir ao de cima nos sistemas de informação; outra, olhar com suspeição para toda a gente no escritório e esperar, apesar de tudo, trabalhar cordialmente com todos eles. Perguntava-se se alguns dos outros também olhavam para ele do mesmo modo… *Talvez não*, acabou por decidir. Ele pagara o preço da pior maneira. Apesar de tudo, tinhas as pálidas cicatrizes no ombro que o poderiam provar, já para não mencionar os pesadelos dessa noite, na baía de Chesapeake, os sonhos em que a sua arma nunca disparava, apesar de os seus esforços e gritos desesperados de terror e de inquietação a soarem-lhe nos ouvidos. Ganhara no entanto essa batalha, não ganhara? Por que razão os sonhos pensam o contrário? Algo para contar a um psiquiatra, talvez, mas, como diziam as velhas tradições, tinha de se ser doido para consultar um deles…

Sally estava a andar de um lado para o outro, a observar o seu novo quarto, a admirar a cama nova que o pessoal das mudanças estava a montar. Jack manteve-se fora do caminho. Cathy tinha-lhe dito que ele não prestava sequer para poder supervisionar esse tipo de trabalho, apesar da sua caixa de ferramentas, sem a qual nenhum homem americano se sentiria verdadeiramente viril, e que fora das primeiras coisas a serem desencaixotadas. O pessoal das mudanças tinha as suas próprias ferramentas, é claro, e também eles tinham sido investigados pelo Serviço Secreto de Informação britânico, não fosse algum agente controlado pelo KGB ter posto uma escuta na casa. Tal não seria aceitável, meu rapaz…

— Onde está o turista? — perguntou uma voz americana. Jack foi até à entrada para ver quem…

— Dan, meu amigo, como estás?

— Foi um dia muito aborrecido no escritório, de modo que eu e a Liz viemos ver como é que iam as coisas por aqui. — E, como seria de esperar, mesmo por detrás do assessor jurídico estava a sua mulher, essa rainha de beleza, a muito sofrida Santa Liz das Esposas do FBI. A Senhora Murray dirigiu-se a Cathy para a abraçar e beijar irmãmente e, em seguida, ambas saíram logo para o jardim. Cathy adorava as rosas, é claro, o que para Jack não era um problema. O seu pai fora portador de todos os genes de jardinagem da família Ryan, mas não passara nenhuns ao filho. Murray olhou atentamente para o amigo. — Estás com um péssimo aspeto.

— Um voo muito longo, com um livro aborrecido… — explicou Jack.

— Não dormiste durante a travessia? — perguntou Murray, surpreendido.

— Num avião? — retorquiu Ryan.

— Incomoda-te assim tanto?

— Dan, num barco conseguimos ver o que nos dá apoio. Não é o caso dos aviões.

Isso fez com que Murray desse uma gargalhada.

— É melhor que te vás habituando. Irás acumular uma série de milhas entre Washington e Dulles.

— Talvez. — Estranhamente, Jack não considerara esse facto quando aceitara o posto. *Estúpido*, dera-se conta tarde de mais. Ele iria fazer viagens para Langley pelo menos uma vez por mês, o que não era a coisa mais apetecível para quem não gostava de aviões.

— Está tudo bem com a mudança? Podes confiar nesta gente, não sei se sabes. O Basil usou-os ao longo de mais de vinte anos, os meus amigos na Scotland Yard também gostam deles. Metade destes tipos são antigos polícias. — E os polícias, se bem que ele não tivesse de o dizer, eram mais confiáveis do que os espiões.

— Não há escutas na casa de banho? Ótimo — observou Ryan.

Durante a sua curta experiência, aprendera que a vida no Serviço de Informação era um pouco diferente de ensinar História na Academia Naval. *Haveria* provavelmente escutas, mas que comunicavam com o escritório de Basil…

— Pois. Também acho. As boas notícias são que me irás ver muitas vezes… se é que não te importas.

Ryan acenou cansadamente com a cabeça, tentando esboçar um sorriso.

— Bem, pelo menos tenho alguém com quem posso beber uma cerveja.

— É esse o desporto nacional. Fazem-se mais negócios nos bares do que no escritório. É a versão deles dos clubes de campo.

— A cerveja não é má.

— Melhor do que a espécie de mijo que se bebe na América. Quanto a isso não tenho dúvidas.

— Disseram-me em Langley que fazes muito serviço de informação para o Emil Jacobs.

— Algum — admitiu Murray, anuindo com um aceno de cabeça. — A verdade é que nós somos melhores a fazê-lo do que muitos de vocês da Agência. O pessoal de Operações ainda não se restabeleceu do que se passou em mil novecentos e setenta e sete, e não creio que isso venha a acontecer tão depressa.

Ryan teve de concordar.

— O almirante Greer também pensa assim. O Bob Ritter é muito esperto (talvez esperto de mais, se é que sabes até onde quero chegar), mas não tem amigos suficientes no Congresso para que o seu império se expanda como ele quer.

Greer era o analista-chefe da CIA, Ritter o vice-diretor de Operações. Os dois nem sempre se entendiam.

— Eles não confiam no Ritter como confiam no vice-diretor de Informação. Consequências da confusão causada pela Comissão Church, há dez anos. Sabes, o Senado parece que nunca se lembra de quem se encarregou dessas operações. Canonizaram o chefe e crucificaram as tropas que tentaram obedecer às suas ordens, ainda que de um modo inapropriado. Que diabo, será que se tratava de… — Murray estava à procura da palavra. — Os alemães chamam-lhe *schweinerei*. Não existe uma tradução exata, mas, como sabes, soa ao que é.

Jack riu-se muito divertido.

— Pois, é melhor do que «erro gritante».

Os esforços da CIA para assassinar Fidel Castro, que tinham sido dirigidos pelo departamento do procurador-geral durante os tempos do Camelot, pareciam ter saído dos desenhos animados do Pica-Pau, com um cheirinho de *Os Três Estarolas*: políticos a tentarem imitar James Bond, uma personagem inventada por um espião britânico *falhado*. Os filmes realmente não eram a vida real, como

Ryan aprendera da maneira mais difícil, primeiro em Londres e depois na sua própria sala de estar.

— Então, Dan, será que prestam para alguma coisa?

— Os britânicos? — Murray conduziu Ryan até ao jardim da frente. As pessoas das mudanças tinham sido aprovadas pelo Serviço Secreto, mas Murray pertencia ao FBI. — O Basil tem muita classe. É por isso que tem durado tanto tempo. Era um espião brilhante no terreno e foi o primeiro a ter uma má impressão de Philby e, não sei se sabes, o Basil nesse tempo era ainda um novato. É bom na administração, e tem o raciocínio mais ágil que alguma vez encontrei. Os políticos locais de ambos os lados do corredor gostam e confiam nele. Isso não é fácil. É um pouco como o Hoover foi para nós em tempos, mas sem aquela coisa do culto da personalidade. Eu gosto dele. Um fulano com quem se pode trabalhar. E o Basil gosta muito de ti, Jack.

— Porquê? — inquiriu este —, não fiz assim tanta coisa.

— O Basil tem um olho especial para o talento. Ele acha que tu tens o que é preciso. Adorou aquela coisa que engendraste no ano passado para detetar falhas de segurança, a «Armadilha para Canários»[2], e resgatar o seu próximo rei também acabou por contribuir, não sei se sabes. Vais ser um rapaz muito popular na Century House. Se conseguires manter a tua reputação, talvez tenhas uma hipótese no campo da espionagem.

— Ótimo. — Ryan, no entanto, ainda não tinha a certeza se era isso o que ele queria fazer. — Dan, eu sou um corretor da bolsa que se transformou num professor de História, lembras-te?

— Jack, isso já é água por baixo da ponte. Olha mas é para a frente. Tu eras ótimo a comprar ações na Merrill Lynch, não é verdade?

— Fiz algum dinheiro — admitiu Ryan. Na verdade fizera bastante dinheiro e o seu portefólio ainda estava a crescer. As pessoas estavam a engordar em Wall Street.

— Assim sendo, põe a tua inteligência a trabalhar em qualquer coisa bastante importante — sugeriu Dan. — Detesto ter de to dizer, Jack, mas não existe muita gente inteligente na comunidade dos serviços de informação. Sei-o bem. Trabalho lá. Muitos espertalhões, muitos indivíduos com uma inteligência moderada, mas muito poucas estrelas, meu amigo. Tu tens estofo para poderes ser uma estrela. O Jim Greer pensa o mesmo, tal como o Basil. Tu sabes pensar

fora da caixa. Eu também. É por isso que já não ando atrás de assaltantes de bancos no Riverside, em Filadélfia. Mas nunca ganhei milhões na bolsa.

— Ter sorte não faz de ti um grande homem, Dan. Meu Deus, o pai da Cathy, o Joe, ganhou muito mais do que eu alguma vez poderia ambicionar, e ele é um arrogante filho da puta, muito opinioso.

— Ora bem, tu fizeste da sua filha a mulher de um cavaleiro da grã-cruz, não é verdade?

Jack sorriu, timidamente.

— Sim, creio que sim.

— Isso irá abrir aqui muitas portas, Jack. Os britânicos gostam dos seus títulos. — Ele fez uma pausa. — Ora bem, como é que vos posso arrastar para irmos beber uma caneca de cerveja? Há um bom bar no topo da colina, o Gipsy Moth. Esta mudança ainda vai dar com vocês em doidos. É quase tão terrível como construir uma casa.

O seu escritório ficava na primeira cave do Centro[3], uma medida de segurança que nunca lhe fora explicada, mas havia de facto um outro equivalente na sede do Inimigo Principal. Lá, chamavam-lhe MERCÚRIO, o mensageiro dos deuses, muito apropriado se o seu país reconhecesse o conceito de deus. As mensagens passadas através do código e da cifra dos funcionários chegavam à sua secretária e ele examinava-lhes o conteúdo e as palavras codificadas, antes de as enviar para as secções apropriadas e para os oficiais devidamente responsáveis. Em seguida, quando essas mesmas mensagens lhe chegavam de novo, ele enviava-as para outro lado. Esse tráfego tornara-se uma rotina regular; de manhã as mensagens chegavam e à tarde partiam. A parte mais aborrecida era, como seria de esperar, encriptá-las, dado que muitas das pessoas que se encontravam no terreno usavam blocos de notas específicos que só eram utilizados uma vez. As únicas cópias desses mesmos blocos encontravam-se numa série de divisões à sua direita. Os funcionários que aí se encontravam transmitiam e guardavam segredos que iam das vidas sexuais dos parlamentares italianos à hierarquia de alvos dos ataques nucleares americanos.

Por estranho que pudesse parecer, nenhum deles falava acerca do que fazia ou do que encriptava, quer das coisas que chegavam, quer das que eram enviadas. Os funcionários não tinham grandes cabeças. Talvez fossem recrutados com base

em tais características psicológicas, algo que não o surpreendia. Se alguém pudesse alguma vez construir tais robôs, de certeza que já os teriam arranjado, porque poderíamos acreditar em máquinas para não divergirem nem se desviarem muito do caminho pretendido.

Contudo, as máquinas não conseguiam pensar e, para o seu trabalho específico, pensar e ser capaz de se lembrar eram coisas úteis para que a Agência funcionasse, o que tinha de acontecer. Tratava-se do escudo e da espada de um Estado que precisava dos dois. E ele era uma espécie de chefe dos correios. Tinha de se lembrar do que ia para onde. Não sabia de tudo o que lá se passava, mas sabia bem mais do que a maioria das pessoas no edifício: nomes e lugares de operações, muitas vezes missões operacionais e tarefas. Geralmente não conhecia os verdadeiros nomes e os rostos do pessoal no terreno, mas conhecia os seus alvos, os nomes de código dos seus agentes recrutados e, na maior parte dos casos, o que esses agentes forneciam.

Ele estava aqui, neste departamento, há nove anos e meio. Começara em 1973, logo após ter completado, na Universidade Estatal de Moscovo, uma licenciatura em Matemática. A sua mente altamente disciplinada chamara desde logo a atenção de um caçador de talentos do KGB. Ele era muito bom nos jogos de xadrez, e isso, supunha ele, estava na base do seu treino de memória, de todos os estudos acerca dos jogos dos grandes mestres, para que numa dada situação ele soubesse qual seria a sua próxima jogada. Ele até pensara fazer do xadrez uma carreira, porém, embora estudasse com afinco, parecia não ter sido o suficiente. Boris Spassky, que à época era ele próprio um jovem jogador, tinha-o derrotado em seis jogos em que ele apenas ganhara um, com duas jogadas desesperadas, tendo tal posto fim às suas esperanças de fama e fortuna… e viagens. Ele suspirava sentado à secretária. Viajar… Também estudara os livros de Geografia e, ao fechar os olhos, podia ver as imagens, quase todas a preto e branco: o Grande Canal em Veneza, a Regent Street em Londres, a magnífica praia de Copacabana no Rio de Janeiro, a encosta do monte Evereste, que Hillary escalara quando ele ainda estava a aprender a andar… todos os lugares que nunca iria ver. Ele não. Não uma pessoa com o seu tipo de acessos e certificação de segurança. Não, o KGB era muito cuidadoso com essas pessoas. Não confiava em ninguém, uma lição que lhe custara bem caro. Que havia no seu país para que tanta gente quisesse fugir dele? E, no entanto, tantos milhões

tinham morrido a lutar pela Rodina[4]… Ele fora dispensado do serviço militar devido ao seu potencial na matemática e no xadrez, e depois, supunha ele, devido ao seu recrutamento para o n.º 2 da praça Dzerjinsky. Com isso, viera um belo apartamento, com uns bons setenta e cinco metros quadrados, num prédio recém-construído. Também uma patente militar. Tornara-se capitão a poucas semanas da sua maioridade, o que, de um modo geral, não era nada mau. Melhor ainda, começara agora a ser pago em rublos certificados, de modo que poderia comprar bens de consumo ocidentais em lojas «vedadas» e, o que era ainda mais agradável, com pequenas filas. A mulher dele apreciava esse facto. Em breve estaria no nível de entrada da *nomenklatura*, como um pequeno príncipe czarista, a olhar para o topo do escadote para ver até onde poderia trepar. Não obstante, ao contrário dos czares, ele estava ali não por uma questão de sangue mas por mérito, um facto que agradava à sua virilidade, pensava o capitão Zaitzev.

Sim, ele lutara para ali chegar, o que era importante. Era por isso que confiavam nele no que dizia respeito a segredos, a este, por exemplo: um agente, cujo nome de código era CASSIUS, um americano que vivia em Washington, parecia ter acesso a valiosa informação política, preciosa para o pessoal do quinto andar, que, muitas vezes, era passada a especialistas no Instituto de Estudos Americanos e Canadianos, que estudava as folhas de chá na América. O Canadá não era muito importante para o KGB, exceto pela sua participação nos sistemas aéreos de defesa americanos e devido ao facto de os seus políticos mais velhos não gostarem do seu poderoso vizinho a sul, ou assim o seu *rezident* em Otava contava regularmente aos seus superiores nos andares de cima. Zaitzev refletia sobre isso. Os polacos poderiam também não gostar do seu vizinho a leste, mas faziam geralmente o que lhes era pedido, relatara o *rezident* em Varsóvia, com um prazer não disfarçado, no seu envio do mês prévio, como essa cabeça tonta do sindicato verificara para seu incómodo. «Lixo contrarrevolucionário» fora o termo usado pelo coronel Igor Alekseyevitch Tomachevskiy. Pensava-se que esse coronel era uma estrela em ascensão, visto ter sido colocado no Ocidente. Era para aí que iam os bons.

A quatro quilómetros, do outro lado da cidade, Ed Foley foi o primeiro a chegar à porta, a sua mulher, Mary Patricia, mesmo atrás dele, com Eddie pela mão. Os olhos azuis e jovens de Eddie estavam muito abertos, com uma curiosidade

infantil, contudo, mesmo agora, a criança com quatro anos e meio estava a perceber que Moscovo não era a Disneylândia. O choque cultural estava prestes a atingi-lo como o martelo de Thor, mas iria expandir um pouco os seus horizontes, segundo os pais pensavam, tal como os deles.

— Ora bem — disse Ed Foley quando olhou para dentro. Um oficial consular da embaixada vivera ali antes deles. E, pelo menos, fizera um esforço para limpar a casa, sem dúvida com o auxílio de uma empregada doméstica russa. O governo soviético fornecia-as e elas eram muito diligentes… para ambos os patrões. Ed e Mary Pat tinham sido muito bem informados durante semanas, não, meses, antes de terem apanhado o longo voo da Pan Am do aeroporto JFK até Moscovo.

— Então esta é a nossa casa — observou Ed, com uma voz neutra estudada.

— Bem-vindos a Moscovo — disse Mike Barnes aos novatos. Este era outro oficial consular, ligado ao Serviço dos Negócios Estrangeiros, que estava a subir na carreira e cujo dever dessa semana era ser o responsável da embaixada por dar as boas-vindas aos recém-chegados. — O último ocupante foi o Charlie Wooster. Uma boa pessoa que está de volta a Foggy Bottom a desfrutar do calor do verão.

— Como são os verões aqui? — perguntou Mary Pat.

— Um pouco como em Mineápolis — respondeu Barnes. — Não muito quentes, a humidade também não é muito má e os invernos não são tão rigorosos… Eu fui criado em Mineápolis — explicou ele. — É claro, o Exército alemão talvez não concorde, ou Napoleão, mas, enfim, ninguém alguma vez disse que Moscovo deveria ser como Paris, não é verdade?

— Sim, falaram-me da vida noturna — disse Ed, com uma gargalhada. Para ele estava bem. Eles não precisavam de um chefe de posto em Paris e esta era a maior e mais apetecível nomeação que ele alguma vez esperara alcançar. Talvez a Bulgária, mas não o próprio ventre do monstro. Bob Ritter deveria ter ficado muito impressionado com a sua estada em Teerão. Ainda bem que Mary Pat dera Eddie à luz no momento exato. Eles tinham perdido a mudança de governo no Irão por… talvez três semanas? Fora uma gravidez difícil e o médico de Mary Pat insistira em que eles regressassem a Nova Iorque para o parto. As crianças eram uma dádiva de Deus, sem dúvida… Para além disso, também fizera de Eddie um nova-iorquino e Ed quisera, com todo o afinco, que o seu filho fosse

um devoto dos Yankees e dos Rangers, desde a nascença. As melhores notícias acerca desta nomeação, para lá das questões de ordem profissional, eram que ele iria ver o melhor hóquei no gelo do mundo, mesmo ali, em Moscovo. Que se lixasse o *ballet* e os concertos. Aqueles cabrões sabiam patinar. Pena era que os russos não percebessem nada de beisebol. Talvez fosse demasiado sofisticado para os *mujiks*[5], terem de escolher entre todo o tipo de lançamentos…

— Não é lá muito grande — observou Mary Pat, olhando para uma janela rachada. Estavam no sexto andar. Pelo menos o ruído do trânsito não seria muito incomodativo. A residência para estrangeiros, o gueto, estava bem murado e guardado. Por uma questão de proteção, insistiam os russos. Porém, o crime de rua no que dizia respeito a estrangeiros não era um problema em Moscovo. O cidadão russo comum estava proibido de ter moeda estrangeira na sua posse e, de qualquer forma, não teria um modo conveniente de a gastar. Assim, não lucravam muito em assaltar um americano ou um francês na rua, e não havia como não reparar neles, as roupas distinguiam-nos como se fossem pavões entre um bando de corvos.

— Bom dia. — Tratava-se de um sotaque inglês. O rosto corado apareceu momentos depois. — Somos os vossos vizinhos, o Nigel e a Penny Haydock — disse o dono do rosto. Ele deveria ter uns quarenta e cinco anos, era alto e magro, com um cabelo prematuramente grisalho que já começara a cair. A sua mulher, mais jovem e mais bonita do que ele provavelmente merecia, surgiu um instante depois, com uma travessa de sandes e uma garrafa de vinho branco de boas-vindas.

— Tu deves ser o Eddie — observou a Senhora Haydock, com o seu cabelo de um louro quase branco. Foi então que Ed Foley reparou no vestido de mamã. Pelo que parecia, deveria estar grávida de seis meses. Assim sendo, a informação estava completamente certa. Foley confiava na CIA, no entanto aprendera à sua custa a verificar tudo, desde os nomes das pessoas que viviam no mesmo andar, ao facto de o autoclismo funcionar bem. *Especialmente em Moscovo*, pensou ele, dirigindo-se para a casa de banho. Nigel seguiu-o.

— A canalização funciona bem aqui, mas faz muito barulho. Ninguém se queixa — explicou Haydock.

Ed Foley rodou o puxador e, como seria de esperar, ouviu-se um certo ruído.

— Eu próprio o arranjei. Dedico-me um pouco à *bricolage*, não sei se estás a

ver. — Em seguida, com uma voz mais baixa, continuou: — Tem cuidado com o sítio onde falas nesta casa, Ed. Há escutas por todo o lado, especialmente nos quartos. Os sacanas dos russos gostam de contar os nossos orgasmos, segundo parece, eu e a Penny tentamos não os desapontar. — Um sorriso malicioso. — Bem, para algumas cidades, trazemos a nossa própria vida noturna.

— Já estás aqui há dois anos? — O autoclismo parecia não parar. Foley sentiu-se tentado a levantar-lhe a tampa para ver se Haydock substituíra o mecanismo lá dentro por algo especial. Decidiu que não teria de ver para o verificar.

— Vinte e nove meses. Mais sete até ao final. É um sítio muito animado para se trabalhar. Tenho a certeza de que te disseram que, para onde quer que vás, poderás contar com um «amigo». Também não os subestime. Os fulanos da Segunda Direção estão muito bem treinados… — O autoclismo parou, e Haydock mudou o tom de voz. — No duche… a água quente geralmente não falha, mas o cano do chuveiro chocalha um pouco, como o do nosso apartamento… — Ele abriu a torneira para o demonstrar. De facto, chocalhava. *Será que alguém perfurara a parede para tentar soltá-lo*?, pensou Ed. Provavelmente. Talvez tivesse sido aquele homem muito dado à *bricolage* que estava com ele.

— Ótimo.

— Sim, poderás fazer muito trabalho aqui. Partilhar o duche com alguém e poupar água… não é isso que eles dizem na Califórnia?

Foley conseguiu dar a sua primeira gargalhada em Moscovo.

— Sim, é isso mesmo que eles dizem. — Olhou para o seu visitante. Estava surpreendido pelo facto de Haydock se ter apresentado tão cedo, mas talvez estivesse a despistar um inglês ao ser tão óbvio. O ramo da espionagem tinha toda a espécie de modos e regras, e os russos gostavam de segui-las. De modo que Bob Ritter lhe dissera para deitar fora *parte* do livro das regras:

— Mantenha-se fiel à sua missão secreta e seja um americano parvo e imprevisível, sempre que puder. — Também dissera aos Foleys que Nigel Haydock era alguém em quem eles poderiam confiar. Tratava-se do filho de outro funcionário de Informação, um homem traído pelo próprio Kim Philby, um dos pobres diabos que caíra de paraquedas na Albânia para os braços do comité de receção do KGB, que o esperava. Nessa altura, Nigel tinha cinco anos, o

suficiente para se lembrar sempre do que era perder o pai às mãos de um inimigo. A motivação de Nigel era provavelmente tão boa como a de Mary Pat, o que significava que era ótima. Melhor talvez do que a sua, talvez admitisse Foley após umas quantas bebidas. Mary Pat odiava os sacanas dos comunistas como o Deus Todo-Poderoso odiava o pecado. Haydock não era ali o chefe de posto, mas o detetive principal da operação dos Serviços Secretos britânicos em Moscovo, o que fazia dele uma pessoa importante. O diretor da CIA, o juiz Moore, confiava nos britânicos: depois de Philby, ele vira-os percorrer os seus próprios Serviços Secretos com um lança-chamas mais intenso do que a cana de pesca à mosca do James Jesus Angleton,[6] para cauterizar qualquer possível fuga. Por sua vez, Foley confiava no juiz Moore, tal como o presidente. Essa era a parte mais louca do ramo da informação: não se podia confiar em *ninguém*… mas tinha de se confiar em *alguém*.

Bem, pensou Foley, experimentando a água quente com a mão, *ninguém me disse que este ramo de atividade faria muito sentido*. Tal como a metafísica clássica, existia simplesmente.

— Quando é que a mobília cá chega?

— O contentor deve estar agora numa camioneta em Leninegrado. Será que o irão investigar?

Haydock encolheu os ombros.

— Revista tudo — avisou ele, e depois, com um tom de voz mais suave: — Nunca se sabe até onde eles poderão ir, Edward. O KGB é uma burocracia dos diabos… Tu não conheces o significado da palavra até a teres visto aqui em ação. Por exemplo, as escutas no teu apartamento… quantas é que estarão realmente a funcionar? Eles não são a British Telecom nem a AT&T. É, de facto, a maldição deste país, mas funciona para nós. No entanto, mesmo isso é algo em que não podemos confiar. Quando se é seguido nunca sabemos se se trata de um especialista cheio de experiência ou de um inepto que não é capaz de descobrir o caminho para a casa de banho. Eles têm todos o mesmo aspeto e vestem-se da mesma maneira. Vendo bem, tal como nós, mas a burocracia deles é tão extensa que existe uma maior hipótese de poder proteger os incompetentes… ou talvez não. Só Deus sabe como na Century House temos a nossa própria dose de maus funcionários.

Foley assentiu com um aceno de cabeça.

— Em Langley chamamos-lhes a Direção de Informação.

— Pois. Nós chamamos aos nossos o palácio de Westminster — observou Haydock, com o seu preconceito favorito. — Creio que já tentámos examinar convenientemente a canalização. — Foley fechou a torneira e os dois homens voltaram à sala, onde Penny e Mary Pat estavam a tentar conhecer-se melhor.

— Pois bem, querida, temos água quente de sobra.

— Ainda bem que assim é — retorquiu Mary Pat. Ela voltou-se para a mulher que a viera visitar. — Onde é que aqui costuma ir às compras?

Penny Haydock sorriu.

— Posso levá-la lá para artigos especiais, podemos fazer encomendas a partir de uma agência em Helsínquia, coisas de excelente qualidade: inglesas, francesas, alemãs… até americanas, para artigos como sumos e comida enlatada. A comida fresca é finlandesa e é geralmente boa, especialmente a carne de borrego. Eles não têm um ótimo borrego, Nigel?

— De facto têm… tão bom como o da Nova Zelândia — concordou o marido.

— Os bifes já não são tão bons — disse-lhes Mike Barnes —, mas todas as semanas temos bifes que chegam de avião de Omaha, montes deles… distribuímo-los por todos os nossos amigos.

— Isso é verdade — confirmou Nigel. — O vosso gado alimentado a milho é excelente. Receio que nos tenhamos já todos viciados nele.

— Ainda bem que existe a Força Aérea dos EUA — continuou Barnes. — Eles transportam a carne de vaca para todas as bases da NATO, e nós estamos na lista de distribuição. Os bifes vêm congelados, não são tão bons como os frescos, no Delmonico, mas são o suficiente para nos lembrarem da nossa terra. Espero que vocês tenham comprado um grelhador para churrascos. Nós costumamos levá-lo para o telhado, para cozinhar. Também importamos carvão. O Ivan não consegue perceber isso. — O apartamento não tinha varanda, talvez para os proteger do cheiro a gasóleo que estava impregnado por toda a cidade.

— Como é que se vai para o trabalho? — inquiriu Foley.

— É melhor apanhar o metro, que é ótimo — disse-lhe Barnes.

— Vais deixar-me o carro? — perguntou Mary Pat, com um sorriso expectante. Tudo estava a correr de acordo com o plano. Era de esperar. Porém, tudo o que corria bem naquele ramo surgia como algo semelhante a uma surpresa, como o presente apropriado sob a árvore natalícia. Esperava-se sempre

que o Pai Natal tivesse recebido a carta, mas nunca se tinha a certeza.

— É melhor aprender a guiar nesta cidade — opinou Barnes. — Pelo menos tem um bom carro. — O residente prévio do apartamento deixara para trás um *Mercedes* 280 para eles usarem, que era, de facto, um belo automóvel. Na verdade, um pouco belo de mais por ter apenas quatro anos. Não que houvesse muitos carros em Moscovo, e a matrícula iria decerto assinalá-lo como pertencendo a um diplomata americano, logo, fácil de saltar aos olhos de qualquer polícia de trânsito e dos funcionários na viatura do KGB que o seguiriam para a maioria dos sítios para onde fosse. Mais uma vez era um truque para apanhar os ingleses. Mary Pat teria de aprender a guiar como uma residente de Mineápolis durante a sua primeira viagem a Nova Iorque. — As ruas são bonitas e largas — disse-lhe Barnes — e a estação de gasolina fica apenas a três quarteirões — fez notar. — É enorme. Os russos gostam de as construir assim.

— Muito bem — observou ela, para grande agrado de Barnes, assumindo já o seu disfarce de loura bonitinha e desmiolada. Em todo o lado, as bonitinhas eram vistas como sendo as mais estúpidas, sobretudo as louras. Apesar de tudo, era muito mais fácil assumir o papel de parva do que o de uma mulher inteligente, não obstante os atores de Hollywood.

— E as reparações mecânicas do carro? — perguntou Ed.

— É um *Mercedes*. Não se avariam muito — assegurou-lhes Barnes. — A Embaixada da Alemanha tem um indivíduo que consegue reparar tudo o que se avarie. Temos relações cordiais com os nossos aliados da NATO. Vocês gostam de futebol?

— É um jogo para meninas — retrucou Foley, de imediato.

— Isso não é nada simpático da tua parte — rebateu Nigel Haydock.

— Deem-me sempre futebol americano — ripostou Foley.

— Trata-se de um estúpido de um jogo primitivo, cheio de violência e de encontros de comités — observou o britânico.

Foley sorriu.

— Vamos comer.

Sentaram-se. A mobília temporária era adequada, algo que se poderia encontrar num motel vulgaríssimo no Alabama. Podia dormir-se na cama e o inseticida matara provavelmente todas as coisas rastejantes. Provavelmente.

As sandes eram boas. Mary Pat foi buscar copos e abriu a torneira…

— Não a recomendo muito, Senhora Foley — avisou Nigel. — Há pessoas que se queixam do estômago devido à água da torneira…

— Oh… — Ela interrompeu o que estava a fazer. — E eu chamo-me Mary Pat, Nigel.

Agora já tinham sido devidamente apresentados.

— Sim, Mary Pat, nós preferimos beber água engarrafada. A água da torneira presta para tomar banho e podemos fervê-la em quantidades moderadas para fazer chá ou café.

— É mesmo pior do que a de Leninegrado — alertou Nigel. — Os residentes são mais ou menos imunes, segundo me dizem, mas nós, estrangeiros, podemos ter severos problemas gastrointestinais.

— E as escolas? — Mary Pat tinha estado preocupada acerca delas.

— A escola americano-britânica toma bem conta das crianças — prometeu-lhe Penny Haydock. — Eu trabalho lá a tempo parcial e o programa académico é excelente.

— O Eddie já está a começar a ler, não está, querida? — anunciou o pai orgulhoso.

— Apenas o *Pedrito Coelho* e esse género de coisas, o que não é nada mau para quatro anos — confirmou uma mãe satisfeita. No que lhe dizia respeito, Eddie descobrira o prato das sandes e estava a mastigar qualquer coisa. Não era a sua tão preferida mortadela, mas uma criança com fome nem sempre é exigente. Havia também quatro frascos de manteiga de amendoim com pedaços, da marca *Skippy*, guardados num lugar seguro. Os pais pensaram que podiam encontrar geleia de uva em qualquer lado, mas não a *Skippy*. O pão local, segundo o que todos diziam, era decente, ainda que não fosse o *Wonder Bread* que as crianças comiam geralmente. E Mary Pat tinha uma máquina de fazer pão no seu contentor, agora numa camioneta ou num comboio entre Leninegrado e Moscovo. Era uma boa cozinheira, e uma verdadeira artista a fazer pão, esperando que esse facto lhe facilitasse a entrada no grupo social da embaixada.

Não muito longe de onde eles se encontravam, uma carta mudou de mãos. Quem a entregou era de Varsóvia e fora enviada pelo seu governo… na verdade, por uma agência do seu governo para uma agência do governo a que se destinava. O mensageiro não estava muito satisfeito com a sua missão. Ele era comunista,

teria de o ser para lhe confiarem essa tarefa, contudo, também era polaco, tal como o assunto da mensagem e da missão. E isso incomodava-o.

A mensagem era, de facto, uma fotocópia do original, que fora entregue em mão a um departamento bastante importante em Varsóvia, apenas há três dias.

O mensageiro, um coronel bem colocado no Serviço de Informação do seu país, era conhecido pessoalmente pelo destinatário, de vista, senão especialmente por afeição. Os russos usavam os seus vizinhos ocidentais para muitas tarefas. Os polacos tinham muito talento para as operações de informação, pela mesma razão que os israelitas: estavam rodeados de inimigos. A oeste havia a Alemanha e a leste a União Soviética. As infelizes circunstâncias que tinham envolvido ambos os países tinham resultado no facto de a Polónia ter posto os seus melhores homens, e os mais inteligentes, no ramo da informação.

O destinatário estava ao corrente de tudo isso. Efetivamente, ele já conhecia o conteúdo da mensagem, palavra por palavra. Conhecera-o no dia anterior. Contudo, não o surpreendia o atraso. O governo polaco reservara esse dia para considerar o seu teor antes de enviá-la, e o destinatário não se melindrou. Cada governo no mundo tirava pelo menos um dia para examinar tais coisas. Fazia parte da natureza dos homens, em posições de poder, atardarem-se em pormenores e hesitarem, ainda que soubessem que esse atraso era uma completa perda de tempo. Até mesmo o marxismo-leninismo não poderia alterar a natureza humana. Era triste, mas era verdade. O Novo Homem Soviético, tal como o Novo Homem Polaco, era, vistas bem as coisas, apenas um homem.

O *ballet* que agora se estava a desenrolar era tão estilizado como qualquer um exibido pela companhia Kirov em Leninegrado. O destinatário chegava a imaginar ouvir-lhe a música. Na verdade, preferia o jazz do Ocidente à música clássica. Não obstante, de qualquer modo, a música no *ballet* era apenas um ornamento, o sistema que avisava os dançarinos para saltarem juntos como belos cães amestrados. As bailarinas eram demasiado magras para o gosto russo, é claro, mas as verdadeiras mulheres eram por de mais pesadas para poderem ser erguidas no ar por aqueles lingrinhas a quem chamavam homens.

Por que motivo não se conseguia concentrar? Voltou a sentar-se, recostando-se vagarosamente na cadeira de couro ao desdobrar a carta. Estava escrita em polaco, mas, apensa à mesma, encontrava-se uma tradução em bom russo. É óbvio que ele teria os seus próprios tradutores a examinar a mensagem, mais três

ou quatro psiquiatras para considerarem o estado mental de quem a escrevera e para comporem uma análise com várias páginas que ele teria de ler, apesar da possível perda de tempo que isso implicaria. Em seguida, teria de escrever um relatório sobre a mesma e enviar aos seus superiores políticos (não, aos seus *colegas* políticos) todos os conhecimentos adicionais, de modo que estes pudessem perder *o seu* tempo a lerem a mensagem e as suas implicações, antes de considerarem o que fazer dela.

O diretor perguntava-se se aquele coronel polaco teria conhecimento de como os seus chefes políticos tinham tido uma vida fácil. No final, tudo o que eles teriam tido de fazer era enviá-la aos seus próprios mestres políticos para que estes agissem, atirando a responsabilidade da decisão para os homens do topo, tal como todos os funcionários do governo faziam, independentemente do lugar ou da filosofia. Os vassalos eram sempre vassalos em todo o lado.

O diretor levantou os olhos para olhar para ele.

— Camarada coronel, obrigado por me ter chamado a atenção para esta carta. Por favor, dê os meus cumprimentos ao seu comandante. Dispensado.

O polaco pôs-se em sentido, fez continência de um modo curiosamente polaco, manobrou no seu melhor na direção contrária e dirigiu-se para a porta.

Yuriy Andropov viu a porta a fechar-se antes de voltar a focar a sua atenção na mensagem e na sua tradução apensa.

— Com que então, Karol, estás a ameaçar-nos, não é verdade? — Fez um estalido com a língua e abanou a cabeça, antes de continuar tão calmamente como antes. — És corajoso, mas as tuas opiniões precisam de ser ajustadas, meu camarada clerical.

Voltou a erguer os olhos, pensativo. O escritório tinha as usuais obras de arte a cobrirem as paredes e, pela mesma razão do que em qualquer outro escritório, para evitar o vazio. Duas eram pinturas a óleo de mestres renascentistas, emprestadas de uma coleção de algum czar, ou nobre, há muito falecido. Uma terceira era um retrato, por acaso bastante aceitável, de Lenine, com a sua pele pálida e a testa alta conhecida por milhões de pessoas em todo o mundo. Uma fotografia bem encaixilhada de Leonid Brejnev, o secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, estava pendurada não muito longe. A fotografia era uma mentira, uma imagem de um homem jovem e vigoroso, não do velho senil que agora se sentava à cabeceira da mesa do Politburo. Bem, todos os

homens envelheciam, mas, na maioria dos países, esses homens deixavam os seus empregos e optavam por uma reforma honrosa. Mas não no seu país, deu-se conta Andropov… antes de voltar a olhar para a carta. E não aquele homem. Aquele posto também era vitalício.

Mas estava a ameaçar mudar parte da equação, pensava o diretor do Comité para a Segurança do Estado. E o perigo estava aí.

Perigo?

As consequências eram desconhecidas e isso era perigo suficiente. Os seus colegas do Politburo vê-lo-iam do mesmo modo, dado que eram homens envelhecidos, cautelosos e assustados.

Assim sendo, não teria tão-só de relatar o perigo, teria também de apresentar um meio de lidar efetivamente com ele.

Os retratos que agora deveriam estar na sua parede eram os de dois homens semiesquecidos. Um deles seria o do *Félix de Ferro*… o próprio Dzerjinsky, o fundador da Checa, o antecessor do KGB.

O outro deveria ser o de Iossif Vissarionovitch Estaline. O líder fizera em tempos uma pergunta que era relevante para a situação concreta com que Andropov se deparava presentemente. Nesse tempo estavam em 1944. Agora… talvez fosse ainda mais relevante.

Bem, era uma incógnita. E ele seria o homem para proceder a tal determinação, disse Andropov para si mesmo. Todos os homens poderiam desaparecer. O pensamento deveria tê-lo surpreendido quando lhe surgiu na cabeça, mas não foi esse o caso. Aquele edifício, construído oitenta anos antes para ser a sede palaciana da Companhia de Seguros Rossiya, vira já muitas coisas semelhantes, e os seus habitantes tinham promulgado ordens para infligir muitas, muitas mais mortes. Costumavam ter execuções na cave. Tinham acabado com elas apenas alguns anos antes, quando o KGB se expandira para abarcar todo o espaço, mesmo nessa enorme estrutura — e outro na estrada que formava um anel em torno da cidade —, mas o pessoal das limpezas murmurava ocasionalmente acerca dos fantasmas que se viam no silêncio noturno, por vezes assustando a velha mulher da limpeza com os seus baldes e escovas e com o cabelo semelhante ao das bruxas. O governo deste país não acreditava em coisas como espíritos e fantasmas, tal como não acreditava na alma imortal dos homens, mas verem-se livres das superstições dos camponeses simples era uma

tarefa mais difícil do que pôr a *intelligentsia* a comprar os volumosos escritos de Vladimir Ilyitch Lenine, de Karl Marx, ou de Friedrich Engels, já para não mencionarmos a prosa túrgida de Estaline (na verdade escrita por um comité formado por homens assustados, e ainda pior por isso mesmo), que, abençoadamente, já não era muito procurada, exceto pelos intelectuais mais masoquistas.

Não, disse Yuriy Vladimirovitch para consigo, *pôr as pessoas a acreditar no marxismo não era assim tão difícil*. Primeiro, martelavam-lhes a cabeça nas escolas, nos Jovens Pioneiros e nos liceus, e nos *komsomolets*, a Liga dos Jovens Comunistas. Em seguida, os mais espertos tornavam-se membros permanentes do Partido, mantendo os cartões do mesmo «encostados ao coração», nos bolsos das camisas para cigarros.

Mas, por essa altura, já estavam mais bem informados. Os membros politicamente conscientes professavam a sua crença nos encontros do Partido, pois tinham de o fazer para avançarem nas suas carreiras. Do mesmo modo que os cortesãos espertos no Egito faraónico se ajoelhavam e protegiam os olhos do rosto de onde emanava uma luz brilhante, não fossem ficar cegos… Levantavam as mãos porque no faraó, na pessoa do deus vivo, havia poder pessoal e prosperidade, de modo que ajoelhavam em obediência, renegando dos seus sentidos e sensibilidade para subirem na vida. O mesmo se passava aqui. Cinco mil anos, não era? Ele poderia verificá-lo num livro de História. A União Soviética produzira alguns dos historiadores medievais mais famosos do mundo e, sem dúvida, também alguns dos estudiosos da Antiguidade, pois essa era uma área académica onde a política não era muito importante. Os factos do Egito Antigo eram por demais distantes da realidade contemporânea para serem relevantes para uma especulação filosófica acerca de Marx ou das infinitas divagações de Lenine. De modo que alguns ótimos académicos tinham optado por essa área. Um número maior dedicara-se às ciências puras, porque estas eram precisamente ciências puras e um átomo de hidrogénio não tinha orientação política.

Contudo, esse não era o caso da agricultura nem da manufatura. De modo que os melhores e mais inteligentes se mantinham longe desses ramos, optando, em vez disso, por estudos políticos. Porque neles era fácil encontrar o sucesso. Não tinham de acreditar neles mais do que acreditavam que Ramsés II era o filho

vivo do deus sol, fosse qual fosse o diabo de deus de que ele teria despontado. Em vez disso, pensava Yuriy Vladimirovitch, os cortesãos viam que Ramsés tinha numerosas mulheres, e até uma progenitura ainda mais numerosa, o que, de um modo geral, não era uma vida nada má para um indivíduo. O equivalente clássico de uma *dacha* nas colinas de Lenine e verões na praia, em Sotchi. Assim sendo, será que o mundo mudara mesmo?

Talvez não, decidiu o chefe do Comité para a Segurança do Estado. A sua tarefa era em grande parte proteger o país contra a mudança.

E aquela carta ameaçava mudança, sem dúvida. Era uma ameaça e talvez ele tivesse de fazer qualquer coisa acerca da mesma. Isso queria dizer fazer qualquer coisa acerca do homem por detrás dela.

Já acontecera antes. Poderia acontecer outra vez, decidiu ele.

Andropov não iria viver o tempo suficiente para saber que, ao considerar aquela ação, iria despoletar a morte do seu próprio país.

---

[1] Sigla para Post Exchange. *(N. do T.)*

[2] Método para descobrir a fonte de uma fuga de informação. *(N. do T.)*

[3] Referência à sede do KGB no centro de Moscovo. *(N. do T.)*

[4] «Pátria», em russo. *(N. do T.)*

[5] Camponeses da Rússia, em russo. *(N. do T.)*

[6] Chefe da contrainformação da CIA, de 1954 a 1975. *(N. do T.)*

CAPÍTULO 1

DIVAGAÇÕES E SONHOS

— Quando é que começas, Jack? — perguntou Cathy na quietude da cama deles.

E o marido dela ficou contente por se tratar da cama de ambos. Confortável como fora a do hotel de Nova Iorque, nunca era a mesma coisa e, para além disso, ele já aturara o suficiente do sogro, com o seu dúplex em Park Avenue e o seu imenso sentido de importância. Pois bem, Joe Muller tinha uns bons noventa milhões no banco e um portefólio diversificado, e isso estava a crescer muito bem com a nova presidência, mas já começava a ser de mais.

— Depois de amanhã — disse-lhe o marido. — Creio que devo lá ir depois do almoço, só para dar uma vista de olhos.

— Já era altura de estares a dormir — disse ela.

Havia inconvenientes em se estar casado com uma médica, costumava Jack dizer a si mesmo. Não se podia esconder muita coisa. Um toque suave e amoroso poderia revelar a temperatura do nosso corpo, os batimentos cardíacos, e só Deus sabia que outras coisas mais, e os médicos escondiam os seus sentimentos acerca do que pensavam, com a mesma destreza de um jogador de póquer profissional. Bem, às vezes.

— Sim, foi um dia que nunca mais acabava. — Eram quase cinco da tarde em Nova Iorque, mas o «dia» dele durara mais do que as normais vinte e quatro horas. Não havia dúvida de que ele tinha de aprender a dormir em aviões. Não era por o seu assento não ser confortável. Ele pagara a diferença dos bilhetes dados pelo governo para ir em primeira classe, com o seu cartão da American Express, e em breve as milhas aéreas iriam crescer tanto que tais melhorias seriam automáticas. *Sim, era ótimo,* ponderou Jack. Iriam reconhecê-lo quando o vissem em Heathrow e em Dulles. Bem, pelo menos tinha o seu novo passaporte diplomático de capa negra e não teria de se incomodar com revistas e coisas do género. Ryan estava tecnicamente destacado para a embaixada americana em Londres, na Grosvenor Square, mesmo em frente ao edifício onde se situara o escritório de Eisenhower durante a Segunda Guerra Mundial, e com essa

atribuição vinha o estatuto diplomático que o transformava numa superpessoa desembaraçada das inconveniências da legislação civil. Ele poderia trazer um quilo de heroína para Inglaterra e ninguém poderia sequer tocar-lhe nas malas sem a sua autorização… que ele poderia sumariamente recusar, com base nos privilégios diplomáticos e na urgência dos assuntos a tratar. Era um segredo público que os diplomatas não se incomodavam com taxas alfandegárias para coisas como perfumes para as esposas (ou outras afins) e/ou bebidas para eles mesmos, mas, para a natureza católica de Ryan quanto à conduta pessoal, tratava-se de pecados veniais e não mortais.

Eram os habituais pensamentos confusos de um cérebro fatigado, reconheceu. Cathy nunca se permitiria operar num estado mental semelhante. Na verdade, como médica interna tinham-na mantido a trabalhar horas sem fim (sendo a ideia habituá-la a decidir corretamente sob condições miseráveis), mas uma parte do seu marido interrogava-se acerca de quantos doentes teriam sido sacrificados no altar desse campo de treino intensivo. Se os advogados de barra alguma vez descobrissem como fazer dinheiro com isso…

Cathy (a Doutora Caroline Ryan, Médica, FACS[7], dizia o crachá em plástico na sua bata branca) lutara durante essa fase da sua formação e, mais de uma vez, o seu marido se preocupara com o seu percurso até casa ao volante de um *Porsche* desportivo, após trinta e seis horas seguidas no serviço de obstetrícia, ou de pediatria, ou de cirurgia geral, áreas em que ela não estava particularmente interessada, mas sobre as quais teria de saber alguma coisa para ser uma boa médica no Johns Hopkins. Bem, ela soubera o suficiente para lhe fazer um penso no ombro naquela tarde em frente ao palácio de Buckingham. Ele não morrera a sangrar diante da mulher e da filha, o que teria sido bastante ultrajante para todos os presentes, especialmente para os britânicos. *Será que me teriam ordenado cavaleiro postumamente?*, pensou Jack com uma gargalhada nervosa. Então, por fim, os seus olhos fecharam-se pela primeira vez em trinta e seis horas.

— Espero que ele goste de lá estar — disse o juiz Moore, ao fim do dia, num encontro de quadros superiores.

— Arthur, os nossos primos sabem o que é a hospitalidade — fez notar James Greer. — O Basil tem obrigação de ser um bom professor.

Ritter não disse nada. Aquele amador do Ryan obtivera muita publicidade, até

de mais, para um empregado da CIA, sobretudo dado que era um fulano que se dedicava à informação de defesa. Tanto quanto Ritter sabia, a Direção de Informação abanava a cauda para o cão do diretor de Operações. Era verdade que Jim Greer era um bom espião e um bom homem com quem se podia trabalhar, mas não era um espião no terreno e, ao contrário do Congresso, era disso que a Agência precisava. Pelo menos Arthur Moore percebia isso, mas, na colina do Capitólio, se se mencionasse «oficial de informação no terreno» aos representantes que controlavam as verbas, eles recuariam como o Drácula diante de um crucifixo de ouro e mostrariam coletivamente uma expressão de repulsa. Então era a altura de falar.

— De que acham que eles o vão informar? — interrogou-se o vice-diretor de Operações, como se estivesse a pensar em voz alta.

— O Basil irá vê-lo como o meu representante pessoal — afirmou o juiz Moore, após um momento de análise. — De modo que tudo o que partilhem connosco poderão partilhar com ele.

— Eles vão elegê-lo como membro, Arthur — avisou Ritter. — Ele está metido em coisas que eles desconhecem. Irão tentar espremer o Ryan em busca de informação, e ele talvez não saiba defender-se contra isso.

— Bob, eu próprio o informei acerca do assunto — anunciou Greer. O vice-diretor de Operações, é claro, já sabia, mas Ritter tinha um verdadeiro talento para se fingir de rabugento quando as coisas não corriam à sua maneira. Greer perguntava-se como teria sido ser mãe de Bob. — Não subestime este rapaz, Bob. É um tipo esperto. Aposto consigo um jantar de bifes em como ele consegue extrair mais coisas dos britânicos do que eles conseguirão dele.

— Fraca aposta — retrucou o vice-diretor de Operações.

— No Snyder’s — espicaçou ainda mais o vice-diretor de Informação. Era o restaurante especializado em bifes, preferido por ambos os executivos, situado mesmo do outro lado da ponte Key, em Georgetown.

O juiz Arthur Moore, diretor-geral da Agência Central de Informação, assistia divertido àquela troca. Greer sabia como pisar o rabo de Ritter e, de certo modo, Bob nunca descobrira como se defender contra esse facto. Talvez fosse o sotaque de Nova Inglaterra. Texanos como Bob Ritter (e até o próprio Arthur Moore) achavam-se superiores a qualquer pessoa que falasse pelo nariz, certamente sobre um baralho de cartas ou em volta de uma garrafa de *bourbon*. O juiz

pensava estar acima dessas coisas, embora fossem divertidas de observar.

— Pois bem, jantar no Snyder's. — Ritter estendeu a mão. E era já tempo de o diretor-geral de Informação retomar o controlo daquele encontro.

— Agora que esse assunto está resolvido, meus senhores, o presidente quer que eu lhe diga o que irá acontecer na Polónia.

Ritter não saltou ao ouvi-lo. Tinha um bom chefe de posto em Varsóvia, mas esse fulano dispunha apenas de três oficiais de campo no seu departamento, e um deles era um novato. No entanto, tinham um ótimo agente implantado por eles, dentro da hierarquia política do governo de Varsóvia, e outros muito bons no Exército.

— Arthur, *eles* não sabem. Eles andam a dançar em torno desta coisa do Solidariedade diariamente — comunicou o vice-diretor de Operações aos outros. — E a música está sempre a mudar.

— No fim de contas, tudo se irá resumir ao que Moscovo lhes diga para fazerem, Arthur — concordou Greer. — E Moscovo também não sabe.

Moore retirou os óculos de leitura e esfregou os olhos.

— Pois. Eles não sabem o que fazer quando alguém os desafia abertamente. O Estaline teria dado um tiro a todos eles, mas o presente grupo não tem a iniciativa para o fazer, graças a Deus.

— As regras da camaradagem trazem ao de cima o cobarde em cada um, e o Brejnev não tem o que é preciso para liderar. Tanto quanto sei, têm de o levar até à casa de banho. — Era um pequeno exagero, mas agradou a Ritter que a liderança soviética estivesse a enfraquecer.

— Que nos diz o CARDEAL? — Moore referia-se ao agente mais importante implantado por eles no Kremlin, o assistente pessoal do ministro da Defesa, Dmitriy Fedorovitch Ustinov. Chamava-se Mikhail Semyonovitch Filitov, mas para todos, exceto para uns quantos do pessoal ativo da CIA, era conhecido simplesmente como o CARDEAL.

— Diz que não tem esperança que qualquer coisa de útil saia do Politburo até terem um líder que possa verdadeiramente liderar. O Leonid está a ficar cada vez mais lento. Todos o sabem, mesmo as pessoas mais comuns. Não podem camuflar a sua imagem televisiva, pois não?

— Quanto tempo acredita que ainda lhe resta?

Houve uns quantos encolheres de ombros e Greer decidiu responder.

— Os médicos com quem falei dizem que ele poderia cair para o lado amanhã, ou que ainda se poderá arrastar por mais alguns anos. Dizem que lhe veem um leve indício de Alzheimer, mas apenas leve. O seu problema geral é uma miopatia cardiovascular progressiva, talvez exacerbada por um alcoolismo incipiente.

— Mas *todos eles* têm esse problema — observou Ritter. — O CARDEAL confirma os problemas de coração, já agora, tal como os que são causados pela vodca.

— O fígado é importante e o dele provavelmente não estará muito bom — continuou Greer, usando um eufemismo. Em seguida, Moore terminou esse pensamento.

— Mas não podemos dizer a um russo que pare de beber tal como não podemos pedir a um urso pardo que não cague nos bosques. Não sei se sabes, mas, se houver alguma coisa capaz de dar cabo destes fulanos, será a sua falta de habilidade para lidarem com uma transição ordenada do poder.

— Ora, meu Deus, meritíssimo! — Bob Ritter levantou os olhos, com um sorriso malicioso. — Creio que eles não devem ter advogados suficientes. Talvez pudéssemos enviar-lhes cem mil dos nossos.

— Eles não são assim tão estúpidos. Seria melhor enviar-lhes alguns mísseis Poseidon. Talvez significasse menos danos para o ambiente social — observou o subdiretor.

— Porque é que as pessoas menosprezam a minha honrosa profissão? — perguntou Greer revirando os olhos para o teto. — Se há alguém que salve o sistema terá de ser um advogado, meus senhores.

— Acha que sim, Arthur? — inquiriu Greer.

— Não podemos ter uma sociedade racional sem um Estado de direito, e não podemos ter um Estado de direito sem advogados para o administrarem. — Moore era um antigo juiz presidente do Tribunal de Recursos do Estado do Texas. — Eles ainda não têm essas regras, não quando o Politburo pode pôr as mãos de fora e executar quem quer que seja, de quem eles não gostem, sem terem de passar por algo parecido com um processo de recurso. Deve ser como viver no Inferno. Não se pode contar com nada. É como viver em Roma sob o reinado de Calígula… qualquer ideia que ele tivesse tinha a força da lei. No entanto, que diabo, até Roma tinha *algumas* leis que os imperadores tinham de

respeitar. Não é o caso dos nossos amigos russos. — Os outros não conseguiam de modo algum apreciar como aquele era um conceito tão terrível para o diretor. Ele fora em tempos o melhor advogado de barra num Estado conhecido pela qualidade da sua comunidade jurídica e, para mais, um juiz instruído em exercício num tribunal repleto de homens ponderados e justos. A maioria dos americanos estava tão acostumada a um estado de direito como aos vinte e sete metros entre as bases de um losango de beisebol. Para Ritter e Greer era mais importante que, antes da sua carreira jurídica, Arthur Moore tivesse sido um espião no terreno de grande qualidade. — Assim sendo, que diabo é que eu digo ao presidente?

— A verdade, Arthur — sugeriu Greer. — Nós não sabemos porque *eles* não sabem.

É claro que essa era a única coisa verdadeira e racional que ele poderia dizer.

— Raios o partam, Jim, eles *pagam-nos* para sabermos!

— Tudo se resume ao facto de os russos se poderem sentir ameaçados. A Polónia para eles não passa de uma marioneta, um Estado vassalo que salta sempre que eles estalam os dedos — disse Greer. — Os russos podem controlar o que o povo vê na televisão ou lê no *Pravda*…

— Mas não podem controlar os mexericos que saltam as suas fronteiras — ripostou Ritter. — E as histórias que os soldados deles contam quando regressam a casa após as missões que têm lá… *e* na Alemanha, *e* na Checoslováquia, *e* na Hungria, e o que ouvem no programa Voz da América e na Rádio Europa Livre. — A CIA controlava diretamente o primeiro desses programas e, quanto ao outro ser teoricamente quase independente, tal não passava de uma ficção em que ninguém acreditava. O próprio Ritter tinha uma grande influência em ambos os programas de propaganda do governo americano. Os russos percebiam e respeitavam quer a agitação quer a propaganda políticas.

— Será que eles se sentem muito apertados? — interrogou-se Moore, em voz alta.

— Apenas há dois ou três anos pensavam que estavam na crista da onda — anunciou Greer. — A nossa economia estava pelas ruas da amargura, com a inflação e as filas para a gasolina, a confusão do Irão. Eles tinham acabado de fazer com que a Nicarágua se lhes sentasse no colo. O nosso moral nacional estava em baixo e…

— Bem, isso está a mudar, graças a Deus — continuou Moore. — Uma mudança completa? — perguntou. Não poderiam esperar tanto, mas, bem no fundo, Arthur Moore era um otimista… se assim não fosse, como poderia ele ser diretor-geral de Informação?

— É para aí que estamos a ir, Arthur — retorquiu Ritter. — Eles são lentos a aperceberem-se do que se está a passar. Não são os pensadores mais ágeis. Essa é a fraqueza deles. Os sujeitos no topo estão casados com a ideologia deles, a ponto de não conseguirem ver mais nada para além da mesma. Não sei se sabe, mas podemos magoar esses sacanas, magoá-los a sério, se pudermos examinar detalhadamente as suas fraquezas e arranjarmos um modo de tirar partido delas.

— Acha mesmo que sim, Bob? — inquiriu o vice-diretor de Informação.

— Não acho nada, tenho a certeza! — ripostou o vice-diretor de Operações. — Eles estão numa situação *vulnerável* e o melhor de tudo é que ainda não o sabem. É altura de fazermos qualquer coisa. Temos agora um presidente que nos poderá apoiar se arranjarmos algo suficientemente bom em que ele invista o seu capital político. O Congresso tem tanto medo dele que não se irá intrometer no caminho.

— Robert — disse o diretor-geral de Informação —, soa-me a que tem muito jogo na manga.

Ritter pensou por breves instantes antes de continuar.

— Pois tenho, Arthur, pois tenho. Tenho estado a pensar nisto desde que eles me retiraram do terreno, há onze anos. Não escrevi uma única palavra. — Ele não tinha de explicar porquê. O Congresso poderia apreender qualquer folha de papel no edifício… bem, quase qualquer folha… mas não algo transportado apenas na mente de alguém. Contudo, talvez já tivesse chegado a altura de começar a escrever. — Que é que os soviéticos mais desejam?

Greer tentou responder.

— Não nos é permitido pensar nesses termos. Queremos arranjar um acordo com eles. — De qualquer modo, aquilo era o que o *New York Times* dizia, e não era aquela a voz da nação? — Pois bem, Bob, cuspa lá isso.

— Como é que os atacamos? — perguntou Ritter. — E com isto quero dizer agarrar esses filhos da mãe mesmo no seu terreno, magoá-los…

— Dar com eles de pantanas? — perguntou Moore.

— E porque não? — retorquiu Ritter.

— Será que é possível? — perguntou o diretor-geral de Informação, interessado pelo facto de Ritter estar a pensar desse modo.

— Bem, Arthur, se eles podem apontar-nos um canhão tão grande, por que motivo não poderemos nós apontá-lo a eles? — Ritter tinha acabado de pôr o dedo na ferida. — Eles enviam dinheiro a grupos políticos no nosso país para complicarem o nosso processo político. Têm manifestações antinucleares pela Europa fora, apelando para que acabemos com o nosso teatro de armas nucleares, enquanto eles reconstroem o deles. Nós nem sequer podemos passar para os meios de comunicação o que sabemos…

— E, se o fizéssemos, os mesmos meios de comunicação não o publicariam — observou Moore. Apesar de tudo, os meios de comunicação também não gostavam de armas nucleares, embora estivessem dispostos a tolerar as armas soviéticas, pois estas, de um modo ou de outro, não eram desestabilizadoras. O que Ritter queria realmente fazer, receava ele, era ver se os soviéticos tinham influência nos meios de comunicação americanos. No entanto, mesmo que a tivessem, essa investigação só poderia dar frutos envenenados. Os meios de comunicação mantinham a visão da sua integridade e dos equilíbrios, tal como um avarento manteria a sua acumulação. Mas eles sabiam, mesmo sem terem provas, que o KGB *tinha* algum poder sobre os meios de comunicação americanos, porque este era fácil de estabelecer e de exercer. Adulá-los, revelar-lhes possíveis segredos era meio caminho andado para que eles começassem a confiar. Mas será que os soviéticos sabiam como um jogo desse género poderia ser perigoso? Os meios de comunicação americanos tinham algumas crenças básicas e perturbá-las seria como brincar com uma bomba prestes a explodir. Uma manobra errada poderia sair-lhes caro. Ninguém, naquele escritório do sétimo andar, albergava muitas ilusões acerca do génio do Serviço de Informação russo. Este tinha pessoas aptas, decerto, que também tinham sido muito bem treinadas; contudo, o KGB também tinha as suas fraquezas. Tal como a sociedade que servia, aplicava um molde político à realidade e ignorava fortemente a informação que não se encaixava nele. De modo que, após meses, até anos de planeamento e preparação meticulosos, eles permitiam muitas vezes que as operações falhassem, porque um dos seus oficiais decidira que a vida na terra do inimigo não era assim tão má como a pintavam. A cura para uma mentira era sempre a verdade. Tinha um modo de nos bater na cara e, quanto

mais esperto se era, mais doía.

— Isso não é importante — afirmou Ritter, surpreendendo ambos os colegas.

— Pois bem, continue — exigiu Moore.

— O que precisamos de fazer é examinar as vulnerabilidades deles e atacá-las… com o objetivo de lhes destabilizar o país por completo.

— Isso é muito difícil, Robert — observou Moore.

— Tomou um comprimido de ambição, Bob? — perguntou Greer, intrigado mesmo assim. — Os nossos mestres políticos irão ficar lívidos perante um objetivo tão ambicioso.

— Oh, bem sei. — Ritter levantou as mãos. — Oh, não, não os devemos magoar. Eles poderão atacar-nos com uma bomba atómica. Mas, vamos lá, é muito menos provável que sejam eles a atacar do que nós. Escutem, eles têm *medo* de nós. Têm medo da *Polónia*, pelo amor de Deus. Porquê? Porque há uma doença na Polónia que poderá contagiar o povo deles. Chama-se expectativas crescentes e estas são algo que eles não poderão satisfazer. A economia soviética está mais estagnada do que a água de um charco. Se lhes dermos um empurrãozinho…

— «Tudo o que temos de fazer é arrombar a porta e toda essa estrutura podre se irá desfazer» — citou Moore. — Isso já foi dito antes, mas o próprio Adolfo teve uma desagradável surpresa quando a neve começou a cair.

— Ele era um idiota que não tinha lido Maquiavel — ripostou Ritter. — Primeiro conquistam-se, depois executam-se. Por que razão avisá-los?

— Enquanto os nossos presentes adversários poderiam ter ensinado ao velho Nicolau umas quantas lições… — concordou Greer. — Muito bem, Bob, que propõe?

— Um exame sistemático das fraquezas soviéticas com vista a podermos tirar partido delas. Para simplificar, investigamos a forma possível de um plano capaz de causar um grande incómodo ao nosso inimigo.

— Que diabo, isso é o que nós deveríamos ter estado sempre a fazer, de qualquer modo — observou Moore, concordando logo com a ideia. — James?

— Não tenho qualquer problema com isso. Posso arranjar uma equipa para discutir umas quantas ideias no meu escritório.

— Não os suspeitos do costume — urgiu o vice-diretor de Operações. — Nunca iremos obter nada que nos seja útil de um grupo regular. Já é tempo de

começarmos a pensar em qualquer porra bem fora da caixa habitual.

Greer pensou nisso por momentos, depois anuiu com um aceno de cabeça.

— Pois bem, eu encarrego-me de recrutar as pessoas. Um projeto especial. Arranjem-lhe um nome.

— Que tal INFEÇÃO? — perguntou Ritter.

— E se a coisa se vier a transformar numa operação vão chamar-lhe PESTE? — perguntou o vice-diretor de Informação, com uma gargalhada.

Moore também se riu.

— Não, já sei, MÁSCARA DA MORTE VERMELHA. Qualquer coisa do Poe soa-me bem.

— Isto tem mesmo que ver com o facto de o diretor de Operações se sobrepor ao diretor de Informação, não tem? — pensou Greer em voz alta.

Ainda não era um empreendimento sério, apenas um exercício académico interessante, do mesmo modo que um especialista poderia olhar para a robustez e para as fraquezas de uma empresa sobre a qual ele quisesse fazer uma OPA … e então, se as circunstâncias assim o justificassem, dividi-la em várias partes. Não, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas era o centro do seu mundo profissional, o Bobby Lee para o seu Exército em Potomac, os New York Yankees para os seus Boston Red Socks. Derrotá-los, por mais atrativo que fosse o sonho, não passava disso, de um sonho.

Mesmo assim, o juiz Moore aprovou aquela maneira de pensar. Se um homem não ambicionasse mais do que aquilo que estava ao seu alcance, então para que diabo servia o céu?

Quando se aproximavam as vinte e três horas em Moscovo, Andropov estava a saborear um cigarro (de facto, um *Marlboro* americano) e a bebericar uma vodca, uma especial, da marca *Starka,* que era castanha como o *bourbon* americano. No gira-discos estava outro produto americano, um LP do Louis Armstrong a tocar, no trompete, um extraordinário jazz de Nova Orleães. Tal como muitos outros russos, o diretor do KGB via os negros como sendo pouco mais do que macacos antropófagos, mas os que viviam nos EUA tinham inventado a sua própria forma de arte. Ele sabia que deveria ser um devoto de Borodin ou de outro compositor russo, mas havia algo acerca da vitalidade do jazz americano que lhe fazia tocar uma espécie de campainha na cabeça.

A música, no entanto, era apenas uma ajuda para pensar. Yuriy Vladimirovitch Andropov tinha umas sobrancelhas descaídas e um maxilar esguio, com um queixo proeminente que sugeria uma outra origem étnica, contudo a sua mente era inteiramente russa, o que queria dizer que era em parte bizantina e em parte tártara e mongol, completamente focada em atingir os seus próprios objetivos. Destes ele tinha muitos, mas, acima de tudo, queria ser o líder do seu país. Alguém o teria de salvar e ele sabia exatamente quanto é que o mesmo precisava de ser salvo. Uma das vantagens de se ter tornado diretor do Comité para a Segurança do Estado é que não havia muita coisa que fosse secreta para ele, e aquela era uma sociedade repleta de mentiras, onde estas eram, de facto, a mais elevada das formas de arte. Tal era especialmente o caso da economia soviética. A estrutura, controlada pelo comando, daquele colosso flácido significava que cada fábrica e que cada gestor de fábrica tinham objetivos de produção que ambos teriam de satisfazer. Estes poderiam ser realistas ou não. Não era isso o importante. O que importava era que o seu cumprimento era draconiano. Não tanto quanto o tinha sido em tempos, é claro. Nas décadas de 1930 e 40, não atingir o objetivo determinado pelo Plano significava a morte ali mesmo, naquele edifício, porque os que falhassem em atingir o Plano eram os «destruidores», sabotadores, inimigos do Estado, *traidores* num país onde a traição era um crime pior do que qualquer outro, e que exigia uma punição pior do que qualquer outra, geralmente uma bala de calibre 44 de um dos revólveres *Smith & Wesson* que os czares tinham comprado à América.

Como resultado, os gestores das fábricas tinham aprendido que se, efetivamente, não fossem capazes de satisfazer as expectativas do Plano, o teriam de fazer no papel, prolongando quer as suas vidas, quer as vantagens do seu posto. A verdade desse fracasso perdia-se geralmente no mar de burocracia que fora herdado dos czares e alimentado, para poder crescer mais, sob o marxismo-leninismo. Andropov sabia que a sua própria agência também tinha muito dessa mesma propensão. Ele poderia dizer alguma coisa, proferir palavras com voz de trovão, mas isso não significava que alguns resultados acontecessem. No entanto, tal acontecia por vezes, sobretudo ultimamente, porque Yuriy Vladimirovitch Andropov mantinha as suas anotações pessoais, que verificaria mais ou menos uma semana depois. E, gradualmente, a sua agência estava a aprender a mudar.

Mas não havia modo de disfarçar que a ofuscação derrotava até mesmo o seu tipo de rigor implacável. Mesmo Estaline, se voltasse a nascer, não poderia mudá-la, e *ninguém* queria que ele renascesse. A ofuscação institucional tinha subido até ao topo da hierarquia do Partido. O Politburo não era mais decidido do que o pessoal que geria a quinta do Estado «Sol Nascente». Ninguém aprendera a ser eficiente, observara ele durante a sua ascensão até ao topo, e, como resultado, muita coisa acontecia com um piscar de olhos ou com um assentimento de cabeça, com a compreensão de que tal não era assim tão importante.

E, devido ao facto de acontecerem tão poucos avanços, cabia a ele e ao KGB corrigir tudo o que estava errado. Se os órgãos do Estado não podiam obter aquilo de que este necessitava, o KGB teria então de o ir roubar a quem o tivesse. A agência de espionagem de Andropov e o seu serviço irmão, a GRU[8], roubavam toda a espécie de *designs* de armas do Ocidente. *Eram tão eficientes*, pensou ele, com um riso abafado, *que os pilotos soviéticos morriam por vezes devido aos mesmos defeitos de fabrico que tinham matado os pilotos americanos, anos antes*.

E ali residia o busílis. Se bem que o KGB fosse muito eficiente, os seus sucessos mais relevantes garantiam apenas que o Exército do seu país estava, pelo menos, cinco anos atrasado em relação ao Ocidente. E a única coisa que nem ele nem os seus oficiais de campo podiam roubar ao Ocidente era o controlo de qualidade das suas indústrias, que tornava possível as armas mais avançadas. Quantas vezes, pensava ele, tinha o seu povo obtido *designs* dos EUA e de outros lados para vir a constatar que o seu país não os poderia replicar?

E era isso que ele teria de remediar. As tarefas míticas de Hércules pareciam triviais em comparação, disse Andropov para si mesmo, apagando o cigarro. Transformar a sua nação? Na Praça Vermelha mantinham a múmia de Lenine como uma espécie de deus comunista, a relíquia de um homem que transformara a Rússia de um Estado monárquico atrasado num… Estado socialista atrasado. O governo de Moscovo desprezava quaisquer países que tentassem combinar socialismo com capitalismo, exceto por uma pequena coisa: o KGB também tentava roubar destes últimos. O Ocidente raramente derramava sangue e dinheiro para descobrir armas soviéticas, a não ser para se dar conta do que nelas não funcionava. Os serviços de informação ocidentais fizeram o seu melhor para

assustarem os respetivos governos, proclamando que as novas armas soviéticas eram os instrumentos de destruição de Satã. Porém, não demorou até se darem conta de que o tigre soviético tinha botas de chumbo e que não podia caçar veados, se bem que os seus dentes pudessem parecer assustadores. Fossem quais fossem as ideias originais criadas por cientistas russos, e houvera muitas, eram devidamente furtadas e convertidas pelo Ocidente em instrumentos que realmente funcionavam.

Os gabinetes de *design* prometiam coisas aos militares e ao Politburo. Falavam-lhes no modo como os seus novos sistemas poderiam melhorar, apenas com uns quantos fundos… *Ah!* E, o tempo todo, aquele presidente americano estava a fazer o que os seus predecessores não tinham feito: estava a alimentar *o seu* tigre. O monstro industrial americano estava a comer carne vermelha crua e, realmente, a manufaturar em grandes quantidades as armas que os russos tinham desenvolvido na década precedente. Os seus oficiais no terreno e os seus agentes relatavam que o moral dos militares americanos estava a aumentar pela primeira vez numa geração. O Exército, em particular, estava a treinar cada vez mais, e as suas novas armas…

… Não que o Politburo fosse acreditar nele quando lhes dissesse. Os seus membros eram demasiado provincianos, não estavam expostos ao mundo real para lá das fronteiras soviéticas. Assumiam que o mundo inteiro era mais ou menos como era ali, de acordo com as teorias políticas de Lenine, escritas há sessenta anos! Como se o mundo em nada tivesse mudado desde então! Yuriy Vladimirovitch enchia-se de uma raiva silenciosa. Ele gastara enormes quantidades de fundos para saber o que estava a acontecer no mundo, tivera os dados a ser analisados por especialistas qualificados e requintadamente treinados, apresentara relatórios impecavelmente organizados ao idoso que se sentava em torno da mesa de carvalho… e eles *ainda* não o escutavam.

E depois havia o problema corrente.

É assim que irá começar, disse Andropov para si mesmo, com outro grande gole da sua *Starka*. Só será preciso uma pessoa se ela for a pessoa certa. Ser a pessoa certa queria dizer que toda a gente a escutaria e prestaria atenção às suas palavras e ações. E algumas pessoas suscitavam esse tipo de atenção.

E essas eram aquelas que eles tinham de temer…

Karol, Karol, porque tens de causar tantos problemas?

E seria um grande problema se ele agisse do modo como ameaçava fazê-lo. A carta que ele enviara para Varsóvia não fora apenas para aqueles lacaios naquela capital, ele sabia muito bem onde é que ela iria parar. Não era nenhum parvo. De facto, era tão astuto como qualquer figura política que Yuriy tivesse conhecido. Ele não podia ser um padre católico num país comunista e ter subido até ao topo da maior igreja do mundo, ser até *o seu* secretário-geral, sem saber operar as alavancas do poder. Mas o seu posto remontava quase há mil anos, se é que alguém acreditava nesse absurdo… bem, talvez. A idade da Igreja Católica Romana era um facto objetivo, não era? Os factos históricos eram factos históricos, mas isso não tornava a estrutura da crença subjacente mais válida do que Marx dissera que era… ou que *não era*, para ser mais preciso. Yuriy Vladimirovitch nunca considerara que a crença em Deus fizesse mais sentido do que a crença em Marx ou em Engels. Mas sabia que todos tinham de acreditar em qualquer coisa, não porque fosse verdade, mas porque tal era em si mesmo uma fonte de poder. As pessoas menores, a quem tinham de dizer o que fazer, tinham de acreditar em algo maior do que elas. Os primitivos, que viviam nas selvas que restavam no mundo, ainda ouviam no trovão não apenas um choque de ar quente e frio, mas a voz de qualquer coisa viva. Porquê? Porque sabiam que eram seres fracos num mundo forte e pensavam que poderiam influenciar fosse qual fosse a deidade que os controlava, sacrificando porcos, ou até crianças, e os que controlavam essa *influência* adquiriam então o poder de moldarem a sua sociedade. O poder era a sua própria moeda. Alguns Grandes Homens usavam-no para alcançarem conforto, ou mulheres. Um dos seus predecessores, no KGB, usara-o para arranjar mulheres, na verdade, jovens raparigas, contudo, Yuriy Vladimirovitch não compartilhava desse vício em particular. Não, o poder era suficiente em si mesmo. Um homem podia regalar-se nele, como um gato junto à lareira com o simples prazer de a ter por perto, sabendo que tinha a capacidade de governar os outros, de trazer a morte ou o bem-estar àqueles que o serviam, que o satisfaziam com a sua obediência e com o seu reconhecimento bajulador de que ele era maior do que eles.

Não era apenas isso, é claro. Tinha de se *fazer* qualquer coisa com esse poder. Tinha de se deixar pegadas nas areias do tempo. Boas ou más, não importava, desde que fossem suficientemente grandes para darem nas vistas. No seu caso, um país inteiro precisava da sua orientação, porque, de todos os homens no

Politburo, só ele poderia ver o que precisava de ser feito. Só ele poderia traçar o curso que a sua nação teria de seguir. E, se o fizesse bem, seria lembrado. Ele sabia que um dia a sua vida iria terminar. No caso de Andropov seria uma doença de fígado. Ele não deveria beber vodca, mas, com o poder, também vinha o direito absoluto de poder escolher o seu próprio caminho. Nenhum homem podia dizer o que ele teria de fazer. A sua inteligência latente dizia-lhe que isso nem sempre era a coisa mais acertada. Contudo, os Grandes Homens não escutavam os mais insignificantes e ele considerava-se o mais importante dos primeiros. Será que a sua força de vontade não seria bastante forte para definir o mundo em que vivia? Claro que era. De modo que tomava uma bebida ou duas, ou por vezes três, à noite. Mesmo mais, em jantares oficiais. O seu país há muito ultrapassara a fase de ser governado por um único homem… Isso acabara já há trinta anos, com o falecimento de *Koba*, Iossif Vissarionovitch Estaline, que governara com uma crueldade capaz de fazer com que Ivan, *o Terrível*, ficasse com as pernas a tremer. Não, esse tipo de poder era demasiado perigoso para quem governava e para quem obedecia. Estaline fizera tantos erros como escolhas acertadas e, se bem que as últimas tivessem sido úteis, os primeiros quase tinham condenado a União Soviética a um atraso perpétuo. De facto, ao criar a mais tremenda burocracia do mundo, ele, em grande parte, renunciara ao progresso para a sua nação.

Mas um homem, o homem certo, poderia liderar e encaminhar os seus associados políticos no Politburo na direção certa e, em seguida, ao selecionar novos membros, poderia realizar os objetivos pretendidos através da influência e não do terror. Só então, quem sabe, ele poderia pôr o país a andar de novo, mantendo o controlo único de que todas as nações precisavam, ao juntar-lhe a necessária flexibilidade de que precisava para que novas coisas acontecessem… para atingir o Verdadeiro Comunismo… para verem o Futuro Radiante que os escritos de Lenine proclamavam e que acabaria por premiar os Fiéis.

Andropov não via a contradição na sua própria mente. Tal como muitos Grandes Homens, ele era cego em relação às coisas que não se encaixavam no seu vasto ego.

E, de qualquer modo, tudo voltava a Karol e ao perigo que ele representava.

Fez uma anotação mental para a reunião com o pessoal no dia seguinte de manhã. Tinha de ver quais seriam as possibilidades. O Politburo divagaria em

voz alta acerca de como lidar com o problema anunciado pela Carta de Varsóvia, os olhares voltar-se-iam para a sua cadeira e ele iria precisar de ter algo para dizer. O truque era arranjar qualquer coisa que não assustasse os colegas, nem pusesse em jogo as suas posições conservadoras. Eles tinham tanto medo, esses homens supostamente poderosos…

Ele lera muitos relatórios dos seus oficiais no terreno, os espiões talentosos da Primeira Direção-Geral, sempre a investigarem os pensamentos dos seus homólogos. Era tão estranho darem-se conta de quanto medo havia no mundo… e os mais medrosos de todos eram muitas vezes os que detinham o poder nas mãos.

Não, Andropov despejou o copo e decidiu que não iria beber mais. A razão para esse medo era que eles se preocupavam com não terem poder. Não eram fortes. Eram dominados pelas suas mulheres, do mesmo modo que os operários ou os trabalhadores agrícolas. Temiam perder o que detinham tão avidamente, de modo que usavam o seu poder em operações ignóbeis dirigidas a esmagarem aqueles que se pudessem apoderar do que eles tinham. Até mesmo Estaline, o mais poderoso dos déspotas, usara o seu poder sobretudo para eliminar os que se poderiam sentar na sua elevada cátedra. Assim, o grande *Koba* desperdiçara as suas energias sem olhar para a frente, sem olhar para fora, mas a olhar para baixo. Ele era como uma mulher na sua cozinha, com medo de ratos por baixo da saia, em vez de se comportar como um homem capaz de matar um tigre que lhe quisesse saltar em cima.

Mas será que ele poderia ter agido de outro modo? Sim! Poderia ter olhado em frente, ver o futuro e traçar para si um caminho. Sim, ele poderia ter comunicado a sua visão aos homens menores que se sentavam em volta da mesa no Kremlin e liderá-los com a sua força de vontade. Sim, ele poderia ter dado um novo enfoque à visão de Lenine e de todos os pensadores da filosofia que governava o seu país. Sim, ele poderia ter alterado o curso da nação e ser para sempre lembrado como um Grande Homem…

Mas primeiro, aqui e agora, teria de lidar com Karol e com a sua aborrecida ameaça à União Soviética.

---

[7] Sigla de Fellow of the American College of Surgeons, ou seja, Membro do Colégio Americano de Cirurgiões. *(N. do T.)*

[8] Acrónimo russo para Agência de Informação Militar. *(N. do T.)*

CAPÍTULO 2

VISÕES E HORIZONTES

Cathy quase entrou em pânico só de pensar que teria de ir levá-lo até à estação de comboios. Ao vê-lo caminhar para o lado esquerdo do carro, ela assumiu, tal como qualquer americano, que ele a iria conduzir, de modo que ficou verdadeiramente surpreendida quando ele lhe atirou com as chaves.

Os pedais, descobriu ela, eram iguais aos de um carro americano, porque as pessoas, pelo mundo fora, usavam mais naturalmente o pé direito, ainda que em Inglaterra se guiasse pela esquerda. A alavanca das mudanças estava no centro do tablier, de modo que ela tinha de usar a mão esquerda para a utilizar. Fazer marcha-atrás, no caminho de acesso em tijolo, não era tão diferente do normal. Ambos pensaram logo se seria igualmente difícil para os britânicos passarem a guiar pelo lado direito da estrada, em mais do que um aspeto, ao irem para os EUA, ou quando tomavam o barco para França. Jack decidiu que, um dia, iria perguntá-lo a alguém enquanto bebessem cerveja.

— Lembra-te só, a esquerda é a direita, a direita é a esquerda, e que guias em contramão.

— Muito bem — respondeu ela, aborrecida. Ela sabia que teria de aprender, a parte racional do seu cérebro dava-se conta de que essa era uma oportunidade tão boa como qualquer outra, apesar de *agora* ter um modo incómodo de surgir, como se de debaixo do chão, como um guerrilheiro de um buraco de aranha. O caminho para sair do miniprojeto habitacional levou-os a passar em frente de um edifício, apenas de primeiro andar, que parecia servir de gabinete médico, e pelo parque com uma série de baloiços, que convencera Jack a escolher essa casa em particular. Sally gostava dos baloiços e iria lá encontrar e fazer novos amigos. E o pequeno Jack poderia também ali apanhar algum sol. No verão, de qualquer modo.

— Volta à esquerda, querida. Faz-se uma curva à direita quando se quer ir para a esquerda, não te atravesses no trânsito.

— Eu sei — disse a Doutora Caroline, pensando por que motivo Jack não chamara um táxi. Ela ainda tinha imenso que fazer na casa e não precisava de

uma lição de condução. Bem, pelo menos parecia ser um carro rápido, concluiu ela, dando-lhe um toque no acelerador que o fez andar mais depressa. Contudo, não se comparava ao seu velho *Porsche*.

— No sopé da colina vira à direita.

— Estou a ver… — Ótimo, aquilo parecia-lhe simples. Ela teria de encontrar o caminho para casa e detestava ter de pedir direções. Isso vinha-lhe do facto de ser uma cirurgiã, que comandava o seu mundo como um piloto de combate no *cockpit*… E, como cirurgiã, ela não podia entrar em pânico, pois não…?

— Aqui mesmo — disse-lhe Jack. — Lembra-te do tráfego que vem em direção contrária. — Não havia nenhum nesse momento, mas isso iria mudar, provavelmente logo que ele saísse do carro. Ele não invejava a sua tentativa de aprender a andar nas estradas locais sozinha, porém, a maneira mais eficaz de se aprender a nadar era dar um salto para a água… assumindo que ninguém se afogava. Não obstante, os britânicos eram um povo amável e, se necessário, algum motorista local simpático talvez lhe indicasse o caminho até casa.

A estação de comboios era quase tão impressionante como a plataforma elevada do Bronx, um pequeno edifício de pedra com degraus e/ou escadas rolantes que levavam à linha mais abaixo. Ryan comprou o bilhete com dinheiro vivo, mas viu um sinal que publicitava conjuntos de bilhetes para uso diário. Pegou num exemplar do *The Daily Telegraph*. Isso iria marcá-lo como um tipo conservador junto dos habitantes locais. Os que eram mais liberais escolhiam *The Guardian*. Decidiu ignorar os tabloides que tinham mulheres nuas lá dentro. Um diabo de uma coisa para se ver, logo depois do pequeno-almoço.

Teve de esperar dez minutos pelo comboio que chegou com pouco ruído, sendo este uma mistura entre um comboio elétrico intercidades e uma carruagem de metro. O bilhete dele era de primeira classe, o que o colocou num pequeno compartimento. As janelas abriam-se e fechavam-se, se usássemos uma alça de couro, e a porta do compartimento abria-se para fora, para permitir que ele pudesse descer diretamente sem ter de percorrer o corredor. Após ter feito aquelas descobertas, Ryan sentou-se e examinou a primeira página do jornal. Tal como na América, a política local cobria cerca de metade da folha e Ryan olhou para dois dos artigos, pensando aprender assim os costumes locais e as queixas. O horário dizia que iria demorar quarenta minutos até Victoria Station. Não era muito mau e muito melhor do que ter de guiar, dissera-lhe Dan Murray. Para

além disso, estacionar um carro em Londres era ainda pior do que em Nova Iorque, com o lado errado da estrada e tudo o mais.

A viagem de comboio foi agradavelmente tranquila. Os comboios eram, evidentemente, um monopólio gerido pelo governo e gastava-se dinheiro na brita sobre a qual assentavam os carris. Um revisor olhou-lhe para o bilhete com um sorrido, sem dúvida marcando instantaneamente Jack como um ianque, e seguiu, deixando-o entregue ao seu jornal. O cenário que via da janela em breve lhe dominou o interesse. O campo era verde e viçoso. Os britânicos adoravam os seus relvados. As casas geminadas eram ali mais pequenas do que as do seu bairro de infância em Baltimore, com o que pareciam ser telhados de ardósia e, meu Deus, as ruas eram estreitas. Teria de se ter muita atenção a conduzir, caso contrário poderíamos acabar na sala de estar de alguém. Isso decerto não cairia bem, mesmo para os ingleses habituados a lidar com os problemas dos visitantes americanos.

Era um dia límpido, havia nuvens brancas e macias lá no alto e um azul delicioso. Ele nunca ali apanhara chuva. Contudo, tinham de a ter. Um em cada três homens na rua transportava um chapéu de chuva enrolado e muitos deles usavam chapéu. Ryan não o fazia desde os seus tempos no Corpo de Fuzileiros Navais. A Inglaterra era suficientemente diferente dos EUA para ser perigosa, decidiu. Havia muitas similaridades, mas as diferenças sobressaíam e assaltavam-nos quando menos esperávamos. Ele teria de ter muito cuidado quando Sally atravessasse as ruas. Com quatro anos e meio estava sujeita a olhar para o lado errado na hora errada. Ele já vira a sua menina no hospital e isso, meu Deus, chegara-lhe para a vida toda.

Estava agora a entrar na cidade, que lhe pareceu atravancada. A prioridade para os carros era elevada. Olhou em volta, em busca de marcos reconhecíveis. Será que aquilo era a catedral de São Paulo à sua direita? Se assim fosse, chegaria em breve a Victoria. Dobrou o jornal. Em seguida, o comboio começou a abrandar e, não havia dúvidas, era Victoria Station. Abriu a porta do compartimento, como um habitante local, e saiu para a plataforma. A estação era uma série de arcos em aço com vidraças, que tinham sido enegrecidas devido ao fumo dos comboios a vapor há muito desaparecidos… Mas ninguém se dera ao trabalho de limpar os vidros. Ou será que tal se devia à poluição do ar? Vá lá saber-se. Jack seguiu as restantes pessoas para o enorme salão em tijolo que

parecia constituir a área de chegada e partida da estação. Como seria de esperar, havia a habitual série de bancas de revistas e de lojinhas. Conseguiu ver a saída e viu-se ao ar livre, procurando nos bolsos o mapa Chichester de Londres. Westminster Bridge Road era demasiado longe para ir a pé, de modo que apanhou um táxi.

No interior do mesmo, Jack olhou em volta, com a cabeça a rodar, um pouco como o turista que ele já não era. E ali estava ele.

A Century House, assim chamada por se situar no n.º 100 da Westminster Bridge Road, era, segundo pareceu a Jack, uma estrutura típica de entre as duas guerras com uma altura considerável e uma fachada em pedra que estava… a descascar-se? O edifício estava coberto com uma rede de plástico cor de laranja que, obviamente, se encontrava ali para impedir que parte da fachada caísse sobre os peões. Bem. Será que alguém estava a examinar o edifício à procura de escutas russas? Ninguém em Langley o avisara acerca disso. Mesmo ao cimo da rua estava a ponte de Westminster e, do outro lado da mesma, as Casas do Parlamento. De qualquer modo, encontrava-se num belo bairro. Jack começou a subir rapidamente os degraus de pedra até à porta com dois batentes e avançou uns bons três metros até encontrar um balcão de atendimento a cargo de alguém com uma espécie de uniforme da polícia.

— Em que posso ajudar o senhor? — perguntou o guarda. Os britânicos diziam-no sempre, como se, realmente, quisessem mesmo ajudar. Jack interrogou-se se não haveria algures uma pistola escondida. Se não aí, talvez não muito longe. Tinha de haver segurança naquele local.

— Bom dia. O meu nome é Jack Ryan. Vou começar a trabalhar aqui.

Houve um instantâneo sorriso de reconhecimento.

— Ah, Sir John.[9] Bem-vindo à Century House. Deixe que faça uma chamada para o andar de cima. — O que ele fez. — Vem alguém a caminho. Queira sentar-se.

Jack mal tivera tempo de o fazer, quando alguém que lhe era familiar surgiu através das portas giratórias.

— Jack! — exclamou ele.

— Sir Basil. — Ryan levantou-se para lhe apertar a mão estendida.

— Não estava à sua espera até amanhã.

— Estou a deixar que a Cathy comece a desencaixotar as coisas. De qualquer

modo, ela não confia em mim para fazer esse trabalho.

— Pois, nós, homens, temos as nossas limitações, não é verdade? — Sir Basil Charleston estava na casa dos cinquenta, alto e imperialmente magro, como o poeta dissera em tempos, com cabelo castanho que ainda não estava grisalho. Tinha uns olhos brilhantes cor de avelã e um fato que não era barato, de lã cinzenta com finas riscas brancas, apresentando-se assim como um banqueiro comercial muito próspero. De facto, a sua família dedicara-se a esse ramo de negócio, mas ele achara que o mesmo o restringia e optou, em vez disso, por pôr a sua educação de Cambridge ao serviço do próprio país; primeiro como oficial de informação no terreno e, mais tarde, como administrador. Jack sabia que James Greer gostava dele e que o respeitava, tal como o juiz Moore. Conhecera Charleston há um ano, logo após ter levado um tiro. Depois viera a saber que Sir Basil admirava a sua invenção da Armadilha para Canários, que lhe granjeara um alto nível de notoriedade em Langley. Basil usara-a, evidentemente, para pôr fim a algumas fugas incómodas. — Venha, Jack. Precisamos de o equipar convenientemente. — Ele não se estava a referir ao fato de Jack, que era um Saville Row tão caro como o seu. Não, isso significava uma visita aos recursos humanos.

A presença de Charleston, tal como o título do trabalho que o esperava, tornava tudo isso indolor. Eles já tinham um conjunto das impressões digitais de Ryan, vindas de Langley, era sobretudo questão de lhe tirarem uma fotografia e de a porem no seu cartão, que lhe permitiria passar por todas as portas eletrónicas, semelhantes às da CIA. Experimentaram esse mesmo cartão, através de uma porta falsa, e viram que estava a funcionar. Em seguida, teve de subir no elevador até ao escritório espaçoso e de esquina de Sir Basil.

Era melhor do que a longa e estreita divisão com que o juiz Moore se tinha de contentar. Tinha uma vista decente do rio e do palácio de Westminster. O diretor-geral convidou Jack a sentar-se numa cadeira de couro.

— Então, algumas impressões iniciais? — perguntou Charleston.

— Tudo bem até aqui. A Cathy ainda não foi ao hospital, mas o Bernie, o chefe dela no Hopkins, diz que o diretor médico daqui é um indivíduo muito simpático.

— Sim o Hammersmith tem uma boa reputação e o Doutor Byrd é visto como sendo o melhor cirurgião de oftalmologia da Grã-Bretanha. Nunca o conheci

pessoalmente, mas disseram-me que é uma pessoa muito decente. Como passatempo, adora pescar salmão nos rios da Escócia. É casado, tem três filhos, o mais velho é tenente nos Coldstream Guards.

— Estiveram a investigá-lo? — perguntou Jack, incrédulo.

— Nunca se pode ser demasiado cuidadoso, Jack. Alguns dos seus primos do outro lado do mar da Irlanda não gostam muito de si, sabia?

— E isso é um problema?

Charleston abanou a cabeça.

— Não creio. Quando você ajudou a desmantelar o ULA[10], talvez tivesse salvado algumas vidas no PIRA[11]. Isso ainda está a ser resolvido, mas trata-se de um trabalho para o Serviço de Segurança. Nós não temos muitas negociações com eles, pelo menos nada que o possa preocupar diretamente. — O que levou à próxima pergunta de Jack.

— Sim, Sir Basil… mas qual irá ser exatamente o meu trabalho aqui?

— O James não lhe disse? — perguntou Charleston.

— Não exatamente. Ele gosta das suas surpresas, segundo me disseram.

— Bem, o Grupo de Trabalho Conjunto está focado principalmente nos nossos amigos soviéticos. Temos boas fontes, tal como as vossas. A ideia é compartilhar informação a fim de melhorarmos a nossa imagem geral.

— Fala de informação, não de fontes — observou Ryan.

Charleston teve um sorriso de compreensão.

— Temos de protegê-las, como sabe.

Jack sabia disso. Na realidade, sabia muito pouco acerca das fontes da CIA. Esses eram os segredos mais bem guardados na Agência e, sem dúvida, ali também. As fontes eram pessoas verdadeiras e bater com a língua nos dentes era o suficiente para que fossem assassinadas. Os serviços de informação valorizavam as fontes mais pela informação que facilitavam do que pelas suas vidas (o negócio da informação era, apesar de tudo, um negócio), porém, mais tarde ou mais cedo, começavam a preocupar-se com elas e com as suas famílias, e também com as suas características pessoais. *Sobretudo a bebida*, pensou Ryan. Especialmente para os russos. O cidadão soviético comum bebia o suficiente para ser visto como um alcoólico nos EUA.

— Não há problema, Sir Basil. Não conheço o nome ou a identidade de uma única fonte da CIA nos EUA. Nem uma — enfatizou Ryan. Não era bem

verdade. Não lhe fora dito, mas podia deduzir-se bastante com base na natureza da informação transmitida e do modo como ele, ou ela, citavam pessoas. Tratava-se geralmente de um «ele», contudo Ryan questionava-se acerca de algumas fontes. Era um jogo intrigante em que entravam todos os analistas, invariavelmente no recolhimento das suas próprias mentes, embora Ryan tivesse especulado algumas vezes com o seu chefe pessoal, o almirante Jim Greer. Geralmente, o vice-presidente avisara-o para não especular em voz muito alta, mas o modo como ele pestanejara duas vezes dissera mais a Ryan do que ele pensara transmitir. Ora, eles tinham-no recrutado devido às suas capacidades analíticas, e Ryan sabia-o. Eles não queriam que ele as pusesse em suspenso. Quando a informação transmitida se tornava um pouco embaraçosa, revelava que algo acontecera à fonte, como ter sido apanhada ou ter enlouquecido. — O almirante está, no entanto, interessado numa coisa…

— Que é…? — inquiriu o diretor-geral.

— Na Polónia. Parece-nos que as coisas se estão a degradar e nós estamos a pensar até que ponto, com que velocidade, e o que isso poderá provocar. Refiro-me aos efeitos.

— Nós também, Jack. — Basil anuiu pensativamente com a cabeça. As pessoas, especialmente os repórteres nos seus bares da Fleet Street, estavam a especular muito acerca disso. E os repórteres também tinham excelentes fontes, em algumas áreas tão boas como as dele. — Que pensa o James?

— Recorda-nos a ambos algo que aconteceu na década de 1930. — Ryan recostou-se melhor na cadeira e descontraiu-se. — Os United Auto Workers.[12] Quando organizaram a Ford houve problemas. Muitos problemas. A Ford chegou a contratar rufiões para dar cabo dos organizadores dos sindicatos. Lembro-me de ver fotografias de… quem seria? — Jack fez uma pausa para organizar as ideias. — Walter Reuther? Um nome assim. Nesse tempo aparecia na revista *Life*. Os rufiões estavam a falar com ele e com alguns outros fulanos (as primeiras fotografias mostram-nos a sorrirem uns para os outros, como fazem os homens antes de as coisas se descontrolarem) e depois começou uma luta. Dá que pensar na gestão da Ford… permitir que algo assim acontecesse em frente dos repórteres já é bastante mau, mas repórteres com *máquinas fotográficas*? Bem, isso é uma coisa mesmo estúpida.

— Pois, o Tribunal da Opinião Pública — concordou Charleston. — É bem

real e a tecnologia moderna tornou-o ainda mais e, sim, isso causa problemas aos nossos amigos do outro lado do fio. Não sei se sabe, mas o canal de notícias CNN, que acabou de começar no seu lado do mar, poderá mudar o mundo. A informação tem o seu modo de circular. As intrigas já são suficientemente más. Não as podemos parar e elas têm um modo de adquirir uma vida própria…

— Mas uma imagem vale mesmo mil palavras, não é verdade?

— Quem teria sido a primeira pessoa a dizer isso…? Fosse quem fosse não era parvo. A coisa é ainda mais verdadeira em relação aos filmes.

— Presumo que os iremos usar…

— Vocês, rapazes, estão um pouco reticentes. Eu não estou tanto. É bastante fácil pôr o funcionário de uma embaixada a beber uma caneca de cerveja com um repórter, e talvez deixar transparecer uma estranha pista durante a conversa. Há uma coisa acerca dos repórteres, é que ficam agradecidos se lhes dermos uma história suficientemente bizarra e decente.

— Em Langley odeiam a imprensa, Sir Basil. E quero mesmo dizer *odeiam*.

— É um bocadinho retrógrado da parte deles. No entanto, creio que poderemos exercer mais controlo sobre a imprensa aqui do que vocês na América. No fim de contas, não é assim tão difícil ser mais esperto do que eles, pois não?

— Nunca o tentei. O almirante Greer diz que falar com um repórter é como dançar com um *rottweiler*. Nunca sabemos se nos vai lamber a cara ou dar uma dentada na garganta.

— Eles não são cães assim tão maus desde que os domestiquemos convenientemente.

Os britânicos e os cães, refletiu Ryan. *Gostam mais dos seus animais de estimação do que dos filhos*. Ele não gostava muito de cães grandes. Um Labrador como o *Hernie* era diferente. Estes tinham uma boca macia. A Sally tinha saudades dele.

— Então, que me diz acerca da Polónia, Jack?

— Acho que a panela vai estar a ferver até a tampa saltar, e depois, quando o caldo se entornar, vai dar uma grande confusão. Os polacos nunca aderiram verdadeiramente ao comunismo. O Exército tem *capelães*, pelo amor de Deus. Muito dos agricultores operam por conta própria, vendendo presuntos e coisas semelhantes. O programa de televisão mais popular que eles lá têm é o *Kojak*,

até o passam aos domingos de manhã para ver se desviam as pessoas das igrejas. Isto mostra-nos duas coisas. A população gosta da cultura americana e o governo ainda tem medo da Igreja Católica. O governo polaco é instável e sabe-o. Permitir ao povo um certo espaço de manobra é uma boa tática, pelo menos a curto prazo, mas o problema fundamental é que eles têm um governo fundamentalmente injusto. Os países injustos não são estáveis, Sir Basil. Se bem que possam parecer muito fortes, estão podres por baixo.

Charleston assentiu pensativamente com a cabeça.

— Eu informei a primeira-ministra há três dias, em Chequers Court, e disse-lhe a mesma coisa. — O diretor-geral hesitou por momentos e depois decidiu-se. Levantou um ficheiro de um monte que estava na sua secretária e passou-lho.

Na capa lia-se ULTRASSECRETO. De modo que Jack pensou*: É agora que as coisas vão começar*. Questionou-se se Basil aprendera a nadar por ter caído no Tamisa e pensou que todos deveriam aprender do mesmo modo.

Ao abrir a capa, viu que aquela informação vinha de uma fonte chamada WREN. Este era polaco e, pelo aspeto do relatório, bem colocado e, o que ele dizia…

— Raios partam — observou Ryan. — Será que isto é credível?

— Completamente. Trata-se de um «cinco-cinco», Jack. — Com isso ele queria dizer que a fonte tinha uma classificação de cinco numa escala de cinco, por confiabilidade, e que a importância da informação relatada fora classificada do mesmo modo. — Você é católico, não é verdade? — É claro que ele já o sabia, estava apenas a fazer conversa.

— Tive os jesuítas no secundário, no Boston College e em Georgetown, e as freiras na St. Matthews. É melhor que o seja.

— Que pensa do vosso novo papa?

— É o primeiro que não é italiano em quatro séculos, talvez mais, e isso já quer dizer alguma coisa. Quando ouvi dizer que o novo papa era polaco, julguei que se tratava do cardeal Wiszybski, de Varsóvia… esse fulano tem o cérebro e o génio de uma raposa esperta. Sobre este não sabia patavina, mas, pelo que tenho vindo a ler, é um cidadão muito bem-conceituado. Um bom padre de paróquia, um bom administrador e muito astuto politicamente… — Ryan fez uma pausa. Estava a falar do pontífice máximo da sua Igreja como se de um candidato político se tratasse e sabia que haveria mais coisas acerca dele do que apenas o

que acabara de dizer. Tinha de ser um homem com uma grande fé, com um tipo de convicções arreigadas que nem um terramoto poderia abanar ou quebrar. Ele fora escolhido entre pares para ser o líder e o porta-voz da maior Igreja do mundo, que, por acaso, também era a de Ryan. Era um homem muito destemido, um homem para quem uma bala era um passaporte para sair da prisão, uma chave para a própria presença de Deus. E seria um homem que sentia a presença de Deus em tudo o que fazia. Não era alguém que se assustasse, nem alguém que virasse as costas ao que pensava que se deveria fazer.

— Se ele escreveu esta carta, Sir Basil, não a poderemos ver como um *bluff*. Quando é que foi entregue?

— Há menos de quatro dias. O nosso amigo quebrou uma regra ao entregar-no-la tão depressa, mas a sua importância é bem patente, não é?

Bem-vindo a Londres, Jack, considerou Ryan. Ele acabara de cair na sopa, num grande caldeirão, como aqueles em que costumavam cozer os missionários nas bandas desenhadas.

— Pois bem, foi reenviada para Moscovo, não é verdade?

— Foi isso que o nosso amigo nos disse. Assim sendo, Sir John, que tem o Ivan a dizer acerca disto? — E, com essa pergunta, Sir Basil Charleston acendeu o lume por baixo do caldeirão pessoal de Jack.

— Trata-se de uma pergunta multifacetada — afirmou Ryan, tentando escapar-se tão habilmente quanto a situação o permitia.

Não foi muito longe:

— Ele irá dizer-me qualquer coisa… — observou Charleston, olhando Ryan nos olhos.

— Muito bem, eles não vão gostar. Vão vê-lo como uma ameaça. A questão é se o vão levar muito a sério e se lhe vão dar muito crédito. O Estaline poderia ter-se rido disto… ou talvez não. O Estaline definiu a palavra «paranoia», não é verdade? — Ryan fez uma pausa e olhou através das janelas. Será que estava a ver uma nuvem de chuva? — Não, o Estaline teria agido, de algum modo.

— Acha que sim? — Charleston estava a avaliá-lo e Jack sabia-o. Era um pouco como as provas orais para o seu doutoramento em Georgetown. O tear de sagacidades e as questões requintadamente «bordadas» do padre Tim Riley… Sir Basil era mais civilizado do que o clérigo azedo, mas este exame não iria ser fácil.

— O Leon Trotsky não era uma ameaça para ele. O seu assassínio resultou de uma combinação de paranoia com pura mesquinhez. Foi uma coisa pessoal. O Estaline fez inimigos e nunca se esqueceu deles. Mas a presente liderança soviética não tem coragem para agir do mesmo modo.

Charleston apontou através da vidraça da janela para a ponte de Westminster.

— Os russos, meu rapaz, tiveram a coragem tenaz de matarem um homem mesmo ali naquela ponte, há menos de cinco anos…

— E foram acusados por isso — lembrou Ryan ao seu anfitrião. Fora uma combinação de boa sorte com um médico britânico muito esperto, e não teria valido nada salvarem a vida daquele pobre diabo. Tinham, no entanto, identificado a causa da morte e a mesma não se devia a nenhum bandido de rua.

— Pensa que perderam algum sono por causa desse incidente? Eu não acho — assegurou-lhe Charleston.

— Mas parece mal. Eles já não fazem nada disso, pelo menos que eu tivesse tido conhecimento.

— Só no terreno deles, garanto-lho. Mas a Polónia, para os russos, é o «terreno deles», bem dentro da sua esfera de influência.

— No entanto, o papa vive em Roma, que *não* o é. Tudo se resume a saber se eles estão com medo, Sir Basil. O padre Riley, em Georgetown, quando concluí o meu doutoramento, disse-me para nunca me esquecer de que as guerras começam devido a homens assustados. Temem a guerra, porém, mais do que isso, temem o que possa acontecer se não iniciarem uma… ou tomarem uma ação equivalente, creio eu. De modo que as verdadeiras perguntas são, tal como eu disse, se irão dar muito crédito a essa ameaça e se acham que a mesma se trata de uma coisa séria. Sobre a primeira questão, não há dúvida, não me parece que estejam a fazer *bluff*. Quanto ao carácter, antecedentes e coragem pessoal do papa, não me parece que se trate de coisas para serem postas em causa. Assim sendo, a ameaça é bem real. A grande questão é como avaliar a magnitude da ameaça para eles…

— Continue — ordenou o diretor-geral, delicadamente.

— Se eles forem suficientemente espertos para o reconhecerem… Sim, Sir Basil, na posição deles, eu ficaria preocupado… talvez até um pouco assustado. Se bem que os soviéticos pensem que são uma superpotência, em pé de igualdade com a América e tudo isso, bem no fundo sabem que o Estado deles

não é legítimo. O Kissinger deu-nos uma palestra em Georgetown… — Jack recostou-se mais na cadeira e fechou os olhos por instantes, para captar esse momento. — Foi algo que ele disse quase no fim, falando do carácter dos líderes russos. O Brejnev estava a mostrar-lhe um ou outro edifício oficial do Kremlin, onde o Nixon iria estar para a sua última cimeira. Estava a destapar as estátuas, mostrando como se tinham dado ao trabalho de limparem tudo, em preparação para a visita. Porquê fazer isso?, perguntei-me na altura. Quero dizer, é claro que têm empregados e pessoal da manutenção. Por que motivo mostrá-lo ao Henry? Terá de ver com um certo sentido de inferioridade, de insegurança fundamental. Continuamos a ouvir que eles têm três metros de altura, mas não me parece, e, quando mais sei acerca dos russos, menos formidáveis penso que são. Eu e o almirante temos discutido isto, de vários ângulos, durante os últimos dois meses. Eles têm um grande Exército. Os seus Serviços de Informação são de primeira qualidade. São *grandes*. Grandes ursos feios, como o Muhammad Ali costumava dizer, mas, como sabe, o Ali derrotou o melhor lutador que eles tinham, duas vezes, não é verdade?

— Isso é uma forma indireta de o dizer. Sim, sem dúvida, creio que esta carta os assusta. A questão é: será que os assusta o suficiente para que façam qualquer coisa? — Ryan abanou a cabeça. — Talvez sim, mas, de momento, não temos dados que cheguem. Se eles decidirem pressionar o tal botão, será que o iremos saber com antecedência?

Charleston tinha estado à espera de que Ryan atirasse a bola para o seu campo.

— Esperemos que sim, mas é impossível ter a certeza.

— No ano em que estive em Langley, a impressão que tive foi que o nosso conhecimento do alvo é profundo mas estreito em certas áreas, superficial e alargado em outras. Ainda tenho de encontrar alguém que se sinta confortável a analisar os dados… bem, isto não é inteiramente verdade. Alguns sentem-se confortáveis, mas as suas análises são muitas vezes, pelo menos para mim, pouco fiáveis. Como aquilo que obtemos acerca da economia deles…

— O James dá-lhe acesso a isso? — Basil estava surpreendido.

— O almirante deu-me livre acesso nos primeiros dois meses. O meu primeiro grau académico foi em Economia, no Boston College. Passei o meu exame de contabilista público certificado antes de ter embarcado com o Corpo de Fuzileiros Navais. Aqui chamam-lhe outra coisa. Depois, quando deixei a

Marinha, dei-me bem no negócio dos títulos e das ações, antes de acabar o meu doutoramento e ter começado a ensinar.

— Quanto é que fez, exatamente, em Wall Street?

— Enquanto estive na Merrill Lynch? Oh, entre seis e sete milhões. Muito foi feito à conta dos Chicago and North Westerns Railroad. O meu tio Mario, o irmão da minha mãe, disse-me que os empregados iam comprar as ações e tentar pôr essa companhia de caminhos de ferro outra vez a dar lucro. Eu examinei a questão e gostei do que vi. Recebi, líquido, vinte e três vezes mais do que investi. Deveria ter investido mais, mas ensinaram-me a ser conservador na Merrill Lynch. A propósito, nunca trabalhei em Nova Iorque. Estava nos escritórios de Baltimore. De qualquer modo, o dinheiro ainda está investido em ações, e o mercado, de momento, parece-me bastante bom. Nunca sabemos quando é que vamos ganhar e ainda é um passatempo interessante.

— Certamente, se vir qualquer coisa prometedora, informe-me.

— Não lhe irei levar nada por isso, mas não lhe posso dar garantias — ironizou Jack.

— Não estou acostumado a isso, Jack, não neste maldito ramo. Vou colocá-lo no nosso grupo de trabalho sobre a Rússia com o Simon Harding. É um licenciado por Oxford e tem um doutoramento em Literatura Russa. Irá ver tudo o que ele vê… tudo menos as fontes de informação.

Ryan fê-lo parar, levantando as mãos.

— Sir Basil, eu não quero estar ao corrente dessas coisas. Não preciso disso e conhecê-lo iria manter-me acordado a noite toda. Só quero ter acesso aos dados por tratar. Prefiro fazer a minha própria análise. Esse tal Harding é um fulano esperto? — perguntou Ryan, deliberadamente de chofre.

— Muito. Se calhar, já viu o seu trabalho. Há dois anos, fez a avaliação pessoal do Yuriy Andropov.

— De facto li isso. Sim, era um bom trabalho. Deduzi que ele era psiquiatra.

— Ele leu muitos livros de psicologia, mas não o suficiente para ter um grau académico. O Simon é muito inteligente. A mulher é pintora, uma senhora adorável.

— Agora mesmo?

— Porque não? Tenho de voltar ao meu trabalho. Venha, eu acompanho-o.

Não era longe. Ryan ficou logo a saber que iria compartilhar um gabinete ali,

no andar do topo. Tal facto surpreendeu-o. Demorava-se anos a chegar ao sétimo andar em Langley, e, por vezes, isso significava ter de passar por cima de cadáveres. Alguém, especulou Jack, deveria ter pensado que ele era esperto.

O gabinete de Simon Harding não era muito impressionante. As suas janelas davam para o lado do rio a montante, principalmente para estruturas de tijolo, com dois ou três andares, cuja ocupação não era clara. O próprio Harding estava na casa dos quarenta, pálido, de cabelo claro, com olhos azuis da cor da porcelana chinesa. Tinha um colete desabotoado, a que em Inglaterra chamavam outra coisa, e uma gravata acinzentada. A sua secretária estava coberta de ficheiros, debruados com fita adesiva às riscas, o código universal para material secreto.

— Sir John, não é verdade? — inquiriu Harding, pousando o seu cachimbo de urze-branca.

— Chamo-me Jack — corrigiu-o o americano. — Não me cabe a mim pretender que sou um cavaleiro. Para além disso não tenho um cavalo nem uma armadura. — Jack apertou a mão do seu companheiro de trabalho. Harding tinha mãos pequenas e ossudas, mas os seus olhos azuis revelavam inteligência.

— Tome bem conta dele, Simon. — Sir Basil saiu de imediato.

Já havia uma cadeira giratória junto a uma secretária suspeitamente limpa. Jack experimentou-a. A divisão iria parecer-lhe demasiado povoada, mas não muito. O seu telefone tinha por baixo um encriptador para fazer chamadas seguras. Jack interrogou-se se funcionaria tão bem como os STU[13] que tinham em Langley. O pessoal da sede das Comunicações do Governo em Cheltenham trabalhava de perto com a Agência Nacional de Segurança, e talvez se tratasse do mesmo conteúdo com uma embalagem de plástico diferente. Ele tinha de se lembrar que estava num país estrangeiro. Isso não seria assim tão difícil, esperava Jack. As pessoas ali tinham um sotaque engraçado, embora o efeito dos filmes americanos e da televisão global estivessem, lenta mas inexoravelmente, a perverter a língua inglesa que ali se falava, aproximando-a da variedade americana.

— O Basil falou consigo acerca do papa?

— Sim. Aquela carta pode ser uma bomba prestes a explodir. Ele perguntava-se de que modo o Ivan iria reagir a ela.

— Todos nós nos perguntamos, Jack. Tem alguma ideia?

— Acabei de dizer ao seu chefe que se o Estaline fosse vivo talvez quisesse encurtar a vida do papa, mas isso seria um jogo muito arriscado.

— O problema, penso eu, é que embora eles sejam muito iguais entre colegas, no que respeita às suas decisões, o Andropov está em ascendência e poderá ser menos reticente do que os outros.

Jack sentou-se melhor na cadeira.

— Não sei se sabe, mas a minha mulher e os colegas dela do Johns Hopkins foram lá, há cerca de dois anos. O Mikhail Suslov tinha retinopatia diabética… ele já era muito míope… e eles foram até lá para o tratarem e para ensinarem aos médicos russos como seguirem os procedimentos. A Cathy na altura era apenas uma interna. Mas o Bernie Katz fazia parte da equipa. Ele é diretor do Wilmer.[14] Um excelente cirurgião de oftalmologia e muito boa pessoa. A Agência entrevistou-o, juntamente com outros médicos, depois de terem regressado. Já alguma vez viu esse documento?

Havia agora interesse nos olhos de Simon.

— Não, é interessante?

— Uma das coisas que aprendi, por estar casado com uma médica, é a ouvir o que ela diz acerca das pessoas. E também o teria feito em relação ao Bernie. Vale a pena ler. Existe uma tendência universal para as pessoas falarem sinceramente com os médicos e, tal como disse, os médicos são bons a verem coisas em que a maioria de nós não repararia. Eles disseram que o Suslov era esperto, cortês, profissional, mas, bem no fundo, era o tipo de homem em quem não confiaríamos se tivesse uma pistola na mão ou, mais provavelmente, uma faca. Ele não gostou nada do facto de ter de recorrer a médicos americanos para lhe salvarem a vista. Não lhe agradou nada que não houvesse russos capazes de fazerem aquilo que ele necessitava. Por outro lado, disseram que a hospitalidade tinha sido de cinco estrelas, logo que acabaram a intervenção. De modo que não eram os bárbaros de que o Bernie, até certo ponto, estava à espera… Ele é judeu, de famílias polacas, ainda do tempo em que a Polónia pertencia ao czar, penso eu. Quer que peça esse relatório à Agência?

Harding balançou um fósforo sobre o cachimbo.

— Sim, gostava de ver isso. Os russos são muito peculiares, não sei se sabe. Em certos aspetos são muito cultos. A Rússia é o último lugar do mundo onde um homem pode ganhar a vida como poeta. Eles adoram os seus poetas e até

admiro esse facto neles, mas, ao mesmo tempo… o próprio Estaline hesitava em perseguir os artistas… estou a falar dos escritores. Lembro-me de um fulano que viveu muitos mais anos do que seria de esperar… Mesmo assim, morreu no *gulag*. De modo que a civilização deles tem os seus limites.

— O Simon fala a língua deles? Eu nunca a aprendi.

O analista britânico anuiu com um aceno de cabeça.

— Pode ser uma ótima língua para a literatura, um pouco como o grego ático. Presta-se à poesia, mas mascara uma capacidade para o barbarismo capaz de nos fazer gelar o sangue. Em muitos aspetos são um povo relativamente previsível, especialmente nas suas decisões políticas, até certo ponto. A sua imprevisibilidade consiste em conjugarem o seu inerente conservadorismo com uma visão política dogmática. O nosso amigo Suslov está seriamente doente… suponho que devido à diabetes… mas o fulano por detrás dele, o Mikhail Yevgeniyevitch Alexandrov, combina partes iguais de russo e de marxista com a moral de um Lavrenti Beria. Ele odeia o Ocidente com todas as suas forças. Suponho que tenha aconselhado o Suslov (são velhos amigos) a aceitar a cegueira, em vez de ter de se submeter novamente aos médicos americanos. E se esse fulano, o Katz, é judeu, segundo disse, isso também não iria ajudar de modo algum. Não é um indivíduo nada simpático. Quando o Suslov morrer, daqui a uns meses, segundo pensamos, ele será o novo ideólogo do Politburo. Irá apoiar o Yuriy Vladimirovitch em qualquer coisa que ele deseje fazer, mesmo que isso signifique atacar fisicamente Sua Santidade.

— E acha que as coisas poderiam chegar a esse ponto? — perguntou Jack.

— Sim, muito provavelmente.

— Pois bem, essa carta já foi enviada para Langley?

Harding assentiu com um aceno de cabeça.

— O seu chefe de posto veio aqui buscá-la hoje. Espero que vocês tenham as vossas próprias fontes, mas não vale a pena correr riscos.

— De acordo. Sabe, se o Ivan entrar em exageros, ir-nos-á sair muito caro.

— Talvez, mas eles não veem as coisas como nós, Jack.

— Bem sei. No entanto é difícil imaginá-lo.

— Demora tempo — concordou Simon.

— Será que ler a poesia deles ajuda? — observou Ryan, pensativo. Ele apenas lera alguma, mas traduzida, o que não era o modo adequado de se ler poesia.

Harding abanou a cabeça.

— Nem por isso. É através dela que alguns deles protestam. Tais protestos têm de ser suficientemente velados para que o mais obtuso dos leitores possa apenas deleitar-se com a liberdade lírica de expressão. Deve haver toda uma secção do KGB que analisa os poemas em busca de conteúdo político escondido, a que ninguém presta qualquer atenção até os membros do Politburo se darem conta de que o conteúdo sexual é demasiado explícito. São um bando de puritanos, não sei se sabe… Que estranho que é que tenham esse tipo de moral e não outra.

— Bem, não os podemos criticar por terem desaprovado *Debbie Does Dallas* — sugeriu Ryan.

Harding quase se engasgou com o fumo do cachimbo.

— Pois, não é exatamente o *Rei Lear*, pois não? Mas eles tiveram escritores como Tolstoi, Tchekhov, Pasternak.

Jack não lera nenhum deles, mas essa não era a altura para o admitir.

— Ele disse *o quê*? — perguntou Alexandrov.

O ultraje era previsível, mas notavelmente contido, pensou Andropov. Talvez ele tivesse elevado a voz para uma audiência mais considerável, ou, mais provavelmente, para os seus subordinados no edifício do Secretariado do Partido.

— Aqui está a carta e a tradução — disse o diretor do KGB, passando o documento.

O ideólogo-chefe de serviço pegou nas folhas da mensagem e leu-as vagarosamente. Não queria que a sua raiva o impedisse de perceber cada cambiante. Andropov esperou, acendendo entretanto um *Marlboro*. Os seus convidados não tinham tocado na vodca que ele servira, notou o diretor.

— Este homem da Igreja está a tornar-se muito ambicioso — afirmou ele, finalmente, colocando os papéis na mesinha em frente dele.

— Concordo com isso — observou Yuriy.

Com espanto na voz:

— Será que ele se sente invulnerável? Será que não sabe que estas ameaças têm consequências?

— Os meus especialistas acham que as suas palavras são genuínas e não acreditam que ele não tema as consequências.

— Se o martírio é o que ele deseja, talvez lhe devêssemos fazer esse jeitinho… — O modo como a sua voz se interrompeu causou um arrepio, mesmo para o sangue-frio de Andropov. Estava na altura de um aviso. O problema com os ideólogos era que as suas teorias nem sempre tinham a realidade em consideração, um facto para o qual eles eram maioritariamente cegos.

— Mikhail Yevgeniyevitch, tais ações não deverão ser tomadas de ânimo leve. Poderá haver consequências políticas.

— Não, nem por isso, Yuriy, nem por isso — repetiu Alexandrov. — Mas sim, concordo, o que fizermos como resposta deverá ser considerado em todas as suas dimensões, antes de tomarmos as medidas necessárias.

— Que pensa o camarada Suslov? Já o consultou?

— O Misha está muito doente — retorquiu Alexandrov, sem grande demonstração de pena. Tal atitude surpreendeu Andropov. O seu convidado devia muito a esse homem mais velho e doente, mas aqueles ideólogos viviam no seu pequeno mundo circunscrito. — Receio que a sua vida esteja a chegar ao fim.

Aquela parte não era uma surpresa. Bastava olhar para ele nas reuniões do Politburo. Suslov tinha o aspeto desesperado que víamos no rosto de um homem que sabia que o seu tempo estava a aproximar-se do fim. Ele queria endireitar o mundo antes de sair dele, mas também sabia que tal ato estaria para lá das suas capacidades, um facto que lhe chegara como uma surpresa indesejável. Será que ele finalmente se deu conta de que a realidade do marxismo-leninismo era um caminho falso? Andropov chegara àquela conclusão há cerca de cinco anos. Mas não era o tipo de coisa de que se falasse no Kremlin, não é verdade? Sobretudo com Alexandrov.

— Ele foi um bom camarada durante todos estes anos. Se o que me disse é verdade, iremos sentir muito a sua falta — notou sombriamente o diretor do KGB, genufletindo diante do altar da teoria marxista e do seu sacerdote moribundo.

— É mesmo verdade — concordou Alexandrov, desempenhando o seu papel tal como o seu anfitrião… tal como todos os membros do Politburo, porque assim era esperado… porque era necessário. Não porque fosse verdade, ou mesmo algo aproximado.

Tal como o seu convidado, Yuriy Vladimirovitch acreditava não porque

acreditasse, mas porque aquilo em que ele *pretendia* acreditar era a fonte da questão real: o poder. O diretor interrogou-se sobre o que aquele homem iria dizer a seguir. Andropov precisava dele e Alexandrov também precisava *dele*, talvez até mais. Mikhail Yevgeniyevitch não tinha o poder pessoal necessário para se tornar secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética. Era respeitado pelos seus conhecimentos teóricos, pela sua devoção à religião de Estado em que o marxismo-leninismo se tornara, mas nenhum dos que se sentavam em torno da mesa acreditava que ele fosse um bom candidato a líder. O seu apoio seria vital para quem quer que tivesse essa ambição. Tal como nos tempos medievais, quando o filho mais velho se tornava o senhor da mansão e o segundo filho se tornava o bispo da diocese correspondente, assim Alexandrov, como Suslov em tempos, tinha de fornecer a justificação espiritual (seria esta a palavra certa?) para a sua ascensão ao poder. O sistema de pesos e contrapesos permanecia, só que ainda mais perverso do que antes.

— É claro que o camarada irá tomar o seu lugar na devida altura — sugeriu Andropov como promessa de uma aliança.

Alexandrov não ligou muito a esse comentário, como seria de esperar… ou fingiu não o ter ouvido.

— Existem muitos homens qualificados no Secretariado do Partido.

O diretor do Comité para a Segurança do Estado abanou a mão, desdenhosamente.

— O camarada é o mais velho e o mais confiável.

Algo que Alexandrov sabia muito bem.

— É muito simpático da sua parte dizê-lo, Yuriy. Assim sendo, que vamos fazer com esse polaco insensato?

E isso, tão desajeitadamente afirmado, seria o custo da aliança. Para obter o apoio de Alexandrov para se tornar secretário-geral, Andropov teria de disfarçar mais a coisa ao… bem, ao fazer algo em que ele já andava a pensar, de qualquer modo. Isso seria indolor, não seria?

O diretor do KGB adotou um tom de voz clínico e profissional:

— Misha, levar a cabo uma operação desta envergadura não é um mero exercício. Terá de ser planeada com todo o cuidado e rigor, e depois o Politburo terá de a aprovar com os olhos bem abertos.

— Deverá ter algo em mente…

— Tenho muitas coisas em mente, *mas* um devaneio não é um plano. Avançar requer pensar em profundidade e planeamento, para ver se uma coisa destas tem possibilidades. Um degrau de cada vez, com muito cuidado — avisou Andropov. — Mesmo assim, não há garantias ou promessas que possam ser feitas. Isto não se destina à produção de um filme. O mundo real, Misha, é complexo. — Foi o mais perto que ele pôde chegar para dizer a Alexandrov que não se desviasse muito da sua caixa de areia das teorias e brinquedos e que não entrasse no mundo real, onde existia sangue e consequências.

— Bem, o camarada é um bom homem do Partido. Sabe bem o que está aqui em jogo. — Com estas palavras, Alexandrov disse ao seu anfitrião o que esperava do Secretariado. Para Mikhail Yevgeniyevitch, o Partido e as suas crenças eram o Estado… e o KGB era a Espada e o Escudo do Partido.

Estranhamente, deu-se conta Andropov, este papa polaco também deveria sentir o mesmo acerca das suas crenças e das suas visões do mundo… Porém, essas crenças não eram, estritamente falando, uma ideologia, pois não? *Bem, para esses fins, poderiam muito bem ser*, disse Yuriy Vladimirovitch para si mesmo.

— O meu pessoal irá examinar isto com todo o cuidado. Não podemos fazer o impossível, Misha, mas…

— Mas será que existe alguma coisa impossível para esta agência do Estado soviético? — Tratava-se de uma pergunta retórica com uma maldita resposta. E uma que também era perigosa, mais ainda do que aquele académico se poderia aperceber.

Como eles eram parecidos, percebeu o diretor do KGB. Este homem, a beber confortavelmente a sua *Starka* castanha, acreditava absolutamente numa ideologia que não poderia ser provada. Que curioso estado de coisas. Uma batalha de ideias, em que ambos os campos se temiam mutuamente. Temiam? Que temeria Karol? Decerto não a morte. A sua carta para Varsóvia proclamava-o sem palavras. De facto, ele estava a gritar em voz alta pela morte. Ele *procurava* o martírio. *Por que motivo um homem procuraria tal coisa?*, pensou o diretor, por momentos. Usar a sua vida ou a sua morte como uma arma contra o inimigo. Sem dúvida que ele via a Rússia e o comunismo como inimigos; uma, por questões nacionalistas; a outra, por razões que se prendiam com as suas convicções… Mas será que ele *temia* esse inimigo?

Não, provavelmente, não, admitiu Yuriy Vladimirovitch para si mesmo. Isso dificultava a sua tarefa. A agência dele precisava do medo para ser bem-sucedida. O medo era a sua fonte de poder e um homem que não o tivesse era alguém que ele não conseguiria manipular…

Contudo, aqueles que ele não conseguia manipular poderiam sempre ser mortos. Quem, apesar de tudo, se lembrava de muitas coisas acerca de Leon Trotsky?

— Poucas coisas são verdadeiramente impossíveis, apenas difíceis — concordou o diretor, tardiamente.

— Então irá ver as possibilidades?

Ele acenou com a cabeça, cautelosamente.

— Sim, a partir de amanhã de manhã.

E foi assim que se iniciou o processo.

---

[9] Nome pelo qual Jack Ryan é chamado por alguns britânicos. *(N. do T.)*

[10] Sigla de Ulster Liberation Army, ou seja, Exército de Libertação do Ulster, uma organização terrorista mencionada em *Patriot Games*, um romance deste mesmo autor. *(N. do T.)*

[11] Sigla de Provisional Irish Republican Army, ou seja, Exército Republicano Irlandês Provisional. *(N. do T.)*

[12] Trabalhadores Unidos da Indústria Automóvel, um dos maiores sindicatos da América do Norte. *(N. do T.)*

[13] Sigla de Secure Telephone Unit, ou seja, Unidade de Telefone Segura. *(N. do T.)*

[14] Instituto de Oftalmologia que funciona no Johns Hopkins. *(N. do T.)*

CAPÍTULO 3

EXPLORAÇÕES

— Bem, o Jack já tem a sua secretária em Londres — disse Greer aos seus colegas no sétimo andar.

— Apraz-me sabê-lo — observou Bob Ritter. — E acha que ele sabe o que fazer com ela?

— Bob, que se passa entre si e o Ryan? — inquiriu o vice-diretor de Informação.

— O seu menino de ouro está a subir muito depressa. Um dia, ele vai cair e vai ser uma grande confusão.

— Quer transformá-lo em mais um medroso sentado à secretária? — James Greer tinha muitas vezes aparado as queixas de Ritter acerca do tamanho e do consequente poder da Direção de Informação. — Você também tem algumas estrelas a florescer na sua secção. Este fulano tem boas possibilidades e eu vou permitir que ele corra até que se despiste contra uma parede.

— Pois, já estou a ouvir o ruído que isso irá criar — resmungou o vice-diretor de Operações. — Pois bem, qual das joias da coroa é que ele quer passar aos nossos primos britânicos?

— Nada de muito importante. A avaliação do Mikhail Suslov que os médicos do Johns Hopkins fizeram, quando foram até lá para lhe tratarem dos olhos.

— E eles não estão na posse disso? — perguntou o juiz Moore. Não era assim um documento tão sensível.

— Acho que eles nunca o pediram. Que diabo, de qualquer modo o Suslov não estará entre nós durante muito mais tempo, pelo que temos visto.

A CIA tinha muitas maneiras de determinar a saúde dos funcionários soviéticos de topo. As mais usadas eram as fotografias, ou, o que era ainda melhor, os filmes das pessoas em questão. A Agência utilizava médicos (muitas vezes profissionais efetivos em grandes escolas médicas) para olharem para as fotografias e diagnosticarem as suas doenças sem terem de se aproximar seis mil quilómetros deles. Não se tratava de boa medicina, mas era melhor do que nada. Também o embaixador americano, cada vez que ia ao Kremlin, voltava para a embaixada e comunicava as suas impressões acerca de tudo o que vira, não

importava se pudessem parecer pequenas ou insignificantes. Frequentemente, as pessoas tinham feito pressão para que colocassem um médico no cargo de embaixador, mas tal nunca acontecera. Na maior parte dos casos, as operações a cargo do diretor tinham sido direcionadas para a obtenção de amostras de urina de importantes homens de Estado estrangeiros, dado que esta era uma fonte de informação para um bom diagnóstico. Tal prática pressupunha estranhos arranjos na canalização da Blair House, do outro lado da rua da Casa Branca, onde os dignitários estrangeiros eram muitas vezes hospedados, para não falar das estranhas tentativas para assaltar os gabinetes dos médicos por todo o mundo. E havia mexericos, ouviam-se sempre mexericos, especialmente lá. Tudo isso resultava do facto de a saúde de um homem ter um papel no seu pensamento e nas suas decisões. Todos os três indivíduos naquele escritório tinham brincado quanto a contratarem um cigano ou dois e tinham observado, devidamente, que aqueles teriam produzido resultados não muito menos fiáveis do que os obtidos por oficiais de informação profissionais muito bem pagos. Em Fort Meade, no Maryland, desenrolava-se uma outra operação, cujo nome de código era STARGATE, em que a Agência empregava pessoas muito mais duvidosas do que os ciganos. Esta começara dado que os soviéticos também empregavam esse tipo de pessoas.

— Está mesmo muito doente?

— Pelo que vi há três dias, não irá chegar ao Natal. Insuficiência coronária aguda, segundo dizem. Temos uma fotografia dele a tomar o que parece ser um comprimido de nitroglicerina. Não é um bom sinal para o *Miguelzinho Vermelho* — concluiu James Greer, usando a alcunha que davam a Suslov.

— E o Alexandrov vai substituí-lo? Que grande bênção — observou Ritter, de maneira concisa. — Penso que os ciganos o trocaram à nascença… outro Crente Fervoroso no Grande Deus Marx.

— Não podemos ser todos batistas, Robert — apontou Arthur Moore.

— Isto chegou há duas horas pelo fax seguro de Londres — disse Greer, passando as folhas. Ele guardara o melhor para o fim. — Poderá ser importante — acrescentou o vice-diretor de Informação.

Bob Ritter era um leitor multilingue rápido.

— Meu Deus!

O juiz Moore demorou o seu tempo. *Tal como competia a um juiz*, pensou ele.

Cerca de vinte segundos mais tarde do que o vice-diretor de Operações:

— Meu Deus. — Uma pausa. — E não há nada acerca disto, vindo das nossas fontes?

Ritter agitou-se na cadeira.

— Demora tempo, Arthur, e os Foleys ainda se estão a instalar.

— Presumo que ouçamos qualquer coisa do CARDEAL. — Não evocavam muitas vezes o nome de código *daquele* agente. No panteão das joias da coroa da CIA, ele era o diamante Cullinan.

— Mas deveremos, se o Ustinov falar acerca disto, tal como espero que faça. Se eles fizerem alguma coisa acerca do assunto…

— Será que irão fazê-lo, meus senhores? — inquiriu o vice-diretor de Informação.

— De certeza que irão pensar muito nisso — opinou logo Ritter.

— É um grande passo a dar — pensou Greer, mais sobriamente. — Supõem que Sua Santidade esteja a desafiar o perigo? Não há muitos homens que se dirijam a um tigre, lhe abram a jaula e depois se ponham a fazer-lhe caretas.

— Terei de mostrar isto amanhã ao presidente — disse Moore, parando um pouco para pensar. O seu encontro semanal na Casa Branca estava marcado para as dez da manhã. — O núncio papal está fora da cidade, não está? — Os outros não sabiam. Ele teria de enviar alguém para o verificar.

— De qualquer modo, que lhe vai dizer? — perguntou Ritter. — Tem de pensar que os outros fulanos em Roma o teriam tentado dissuadir.

— James?

— Parece que nos leva até Nero, não acham? É quase como se ele estivesse a ameaçar os russos com a sua própria morte… Raios partam, será que as pessoas ainda pensam assim?

— Há quarenta anos pôs a sua vida em perigo, James.

Greer fizera a tropa em submarinos, durante a Segunda Guerra Mundial, e, muitas vezes, usava uma miniatura dos seus golfinhos de ouro na lapela do casaco do fato.

— Arthur, corri os meus riscos, tal como todos os outros na embarcação. *Não disse* ao Tojo onde me encontrava, escrevendo-lhe uma carta.

— O homem tem mesmo tomates, rapazes — retorquiu Ritter. — Já vimos este tipo de coisa antes. O Doutor King nunca deu um passo atrás na sua vida,

pois não?

— E suponho que o KKK fosse tão perigoso para ele como o KGB é para o papa — completou Moore. — Os homens que usam hábitos têm um modo diferente de olharem para o mundo. Chama-se «virtude», penso eu. — Sentou-se mais à beira da cadeira. — Pois bem, quando o presidente me perguntar acerca disto… e tenho quase a certeza de que o fará… que diabo é que lhe digo?

— Que os nossos amigos russos podem ter decidido que Sua Santidade já viveu o tempo suficiente — respondeu Ritter.

— Isso é um grande passo a dar — objetou Greer. — Não é o tipo de coisa que um comité faça.

— Este talvez o faça — disse o vice-diretor de Operações ao vice-diretor de Informação.

— Teríamos de pagar um preço muito elevado, Bob. Eles sabem bem disso. Aqueles homens são jogadores de xadrez, não são apostadores.

— A carta empurra-os para um canto — apontou Ritter. — Creio que a vida do papa possa estar em perigo.

— Ainda é muito cedo para o podermos dizer — objetou Greer.

— Não, se se lembrarem de quem é que controla o KGB. O Andropov é um homem do Partido. Toda a lealdade dele é para com essa instituição, e nunca para algo que nós pudéssemos reconhecer como um princípio. Se isto os assusta, ou simplesmente os preocupa, irão pensar no assunto. O papa mostrou-lhes que estava pronto para lutar, meus senhores — disse o vice-diretor de Operações aos outros.

— Será que já houve algum papa que tivesse feito uma coisa destas? — perguntou Moore.

— Que tivesse renunciado ao cargo? Não que me lembre — admitiu Greer. — Nem sequer sei se existe uma forma já prevista para o fazer. Digo-vos que é uma porra de uma decisão. Temos de assumir que ele está a falar verdade. Não vejo isto como um *bluff*.

— Pois não — concordou o juiz Moore. — Não pode tratar-se disso.

— Ele é leal ao seu povo. Tem de o ser. Ele foi em tempos padre de uma paróquia. Batizou bebés, realizou casamentos. Conhece bem *aquela* gente. Não como uma massa amorfa… ele esteve lá a batizá-los e a enterrá-los. São o povo *dele*. Talvez pense que toda a Polónia é a sua paróquia. Será que irá manter-se

leal para com eles, mesmo pondo a sua vida em perigo? Como poderá ele deixar de o ser? — Ritter debruçou-se um pouco mais. — Não é apenas uma questão de coragem pessoal. Se ele não o fizer, é a Igreja Católica que irá ficar mal. Não, rapazes, ele está mesmo a falar a sério e não está a fazer *bluff*. A questão é: que poderemos nós fazer acerca do assunto?

— Ameaçar os russos? — aventou Moore, em voz alta.

— Nem pensar — ripostou Ritter. — Tem ideias melhores do que essa, Arthur. Se eles organizarem uma operação, esta terá mais intermediários do que qualquer coisa que a máfia alguma vez tenha feito. Como acham que é a segurança em volta dele?

— Não faço ideia — admitiu o vice-diretor de Informação. — Sei que os guardas suíços existem, com os seus belos uniformes e alabardas… Eles não combateram em tempos?

— Penso que sim — observou Greer. — Alguém tentou matá-lo e eles ficaram na retaguarda a lutar enquanto ele fugia da cidade. Muitos foram mortos, penso eu.

— Agora, a maioria deles posa para fotografias e, provavelmente, indica às pessoas onde ficam as casas de banho — disse Ritter, como se estivesse a pensar em voz alta. — Mas deve haver alguma coisa que eles fazem. O papa é demasiado proeminente para não atrair um ou outro doido. O Vaticano é, tecnicamente, um Estado soberano. Tem de ter alguns dos mecanismos de um país. Suponho que os pudéssemos avisar…

— Só quando tivermos algo de concreto. O que não é o caso de momento, pois não? — fez notar Greer. — Ele sabia que ao afirmá-lo iria estar a incomodar algumas pessoas. Seja qual for a proteção que ele tenha, já deverão estar alerta.

— Isto também irá atrair a atenção do presidente. Ele vai querer saber mais e irá pedir que se sugiram opções. Meu Deus, desde que ele fez aquele discurso acerca do Império do Mal, os problemas não têm parado. Se eles fizerem qualquer coisa, mesmo que não possamos atribuí-la a eles, irá entrar em erupção como o monte Santa Helena. Existem cerca de cem milhões de católicos aqui, na América, e muitos deles votaram nele.

No que lhe tocava, James Greer pensava até que ponto as coisas poderiam sair fora de controlo.

— Meus senhores, tudo o que temos até ao momento é um fax com a

fotocópia de uma carta enviada ao governo de Varsóvia. Não temos a certeza se já seguiu para Moscovo. Não temos qualquer reação à mesma vinda de Moscovo. Ora, não poderemos dizer aos russos que sabemos que conhecemos o seu conteúdo. De modo que não os poderemos ameaçar. Assim, não iremos poder revelar as nossas intenções. Pela mesma razão, não poderemos dizer ao papa que estamos preocupados. Se o Ivan reagir, eventualmente, alguma das pessoas do Bob irá avisar-nos e o Vaticano tem o seu próprio serviço de informação, que, por acaso, até é bastante bom. Visto isto, de momento, tudo o que temos é um pedaço de informação interessante que, com toda a probabilidade, é verdadeiro, mas mesmo isso ainda não está confirmado.

— Então, por agora, acha que devemos esperar e pensar melhor em tudo isto? — perguntou Moore.

— Não há mais nada que possamos fazer, Arthur. O Ivan não irá agir tão depressa. Ele nunca o faz… não quando se trata de uma coisa com estas implicações políticas. Bob?

— Sim, talvez tenha razão — concordou o vice-diretor de Operações. — No entanto, o presidente precisa de estar ao corrente.

— É um pouco tarde para isso — avisou Greer. — Mas sim, suponho que sim. — Principalmente, ele sabia que *não* o comunicar ao presidente e depois acontecer algo de terrível os poria a todos em busca de um novo emprego. — Se a coisa se espalhar por Moscovo, deveremos ter informação antes que algo de drástico aconteça.

— Ótimo. Posso dizer-lhe isso — concordou o juiz Moore. *Senhor presidente, estamos a seguir a questão muito de perto.* Esse tipo de coisa geralmente funcionava. Moore chamou a secretária e pediu-lhe que trouxesse café. No dia seguinte, às dez da manhã, iriam informar o presidente na Sala Oval, e depois, após o almoço, ocorreria a reunião entre ele e os chefes dos outros serviços, da Agência da Informação da Defesa e da Agência de Segurança Nacional, para ver que coisas interessantes estariam a ocorrer. A ordem deveria ter sido revertida, mas era assim que tudo era geralmente planeado.

No seu primeiro dia de trabalho, ele demorara-se um pouco mais do que esperava antes de poder sair. Ed Foley estava impressionado com o metro de Moscovo. O decorador deveria ter sido o mesmo louco que desenhara o edifício

em pedra da Universidade Estatal de Moscovo, em forma de bolo de noiva, evidentemente adorado por Iossif Estaline, cuja estética pessoal abrangia a gama de Y a Z. Era estranhamente reminiscente dos palácios czaristas, tal como seriam interpretados por um alcoólico terminal. Dito isto, a engenharia do metro era excelente, se bem que tudo parecesse pesado. Mais precisamente, o passar constante da multidão era muito agradável para os espiões. Passar coisas rapidamente de mão em mão ou outro tipo de recolhas de um agente não seria muito difícil, desde que ele se mantivesse fiel ao seu treino, e também era algo em que Edward Francis Foley era bom. Mary Pat iria adorar viver ali, tinha agora a certeza. Aquele meio para ela seria como a Disneylândia para Eddie. O aperto das pessoas, todas elas a falar russo. O russo dele era bastante bom; o dela era literário, tendo-o aprendido sentada nos joelhos do avô, embora ela o tivesse de modificar, para que não pensassem que o falava bem de mais para ser uma mera esposa de um empregado menor da embaixada.

O metro era conveniente para ele, com uma estação apenas a dois quarteirões da embaixada e uma outra praticamente à porta de casa. Até mesmo o mais paranoico funcionário da Segunda Direção não consideraria o seu uso muito suspeito, apesar da adoração americana por automóveis. Ele não olhou em volta mais do que um turista poderia ter feito e pensou que, provavelmente, detetara uma das pessoas que o seguiam. Teria havido mais do que uma atrás dele. Ed era um novo empregado da embaixada e os russos iriam querer ver se ele se movimentava como um espião da CIA. Ed decidiu agir como um americano inocente, o que, para eles, poderia ser, ou não, a mesma coisa. Tudo dependia da experiência de quem o seguia e não haveria maneira de o saber. Decerto, teria uma pessoa a segui-lo durante duas semanas. Tratava-se de um incómodo expectável. O mesmo se passaria com Mary Pat e até talvez com Eddie. Os soviéticos eram muito paranoicos, mas ele não poderia verdadeiramente queixar-se disso, pois não? Dificilmente o poderia fazer. O seu trabalho era precisamente desvendar os segredos mais bem guardados daquele país. Ele era o novo chefe de posto, mas deveria ser o mais furtivo possível. Tratava-se de uma das ideias mais novas e criativas de Bob Ritter. Tipicamente, a identidade do chefe dos espiões não deveria ser um segredo. Mais tarde ou mais cedo, todos se queimavam de um modo ou de outro, ou identificados através de uma «operação de bandeira falsa» ou através de um erro operacional, e isso era como perder a

virgindade. Uma vez perdida, nunca mais voltava. Mas a Agência raramente usava uma equipa no terreno constituída por marido e mulher e ele passara anos a aperfeiçoar o seu disfarce. Licenciado pela New York Fordham University, Ed Foley fora recrutado quando ainda era novo, tivera uma verificação de antecedentes levada a cabo pelo FBI e, em seguida, fora trabalhar para o *The New York Times* como repórter especializado. Fora responsável por algumas histórias interessantes, mas não por muitas e, por fim, fora-lhe dito que, se bem que o *Times* não o fosse despedir, talvez fosse melhor procurar emprego num jornal mais pequeno, onde pudesse subir melhor na carreira por si mesmo. Ele percebera a insinuação e arranjara um emprego no Departamento de Estado como adido de imprensa, algo que lhe pagava um burocrático e decente ordenado, se bem que não lhe proporcionasse um excelente futuro. O seu emprego oficial na embaixada consistia em conversar casualmente com a elite dos correspondentes estrangeiros dos grandes jornais americanos e dos canais televisivos, garantindo-lhes acesso ao embaixador e a outros funcionários da embaixada, e depois manter-se afastado enquanto eles entregavam as suas histórias importantes.

A tarefa mais importante era parecer competente mas pouco mais do que isso. O correspondente local do *Times* já estava a dizer aos colegas que Foley não tinha o que seria necessário para se tornar um grande jornalista no jornal mais importante da América e, dado que ainda não tinha idade para ensinar (a outra prateleira para os repórteres incompetentes), ele estava a fazer a coisa pior que se seguia, ao tornar-se um funcionário inferior do governo. Era sua função alimentar essa arrogância, sabendo que o KGB teria os seus funcionários atentos ao corpo de imprensa americano, no que dizia respeito à sua avaliação do pessoal da embaixada. O melhor disfarce de todos para um espião era ser visto como uma pessoa aborrecida e apagada, porque estas não eram encaradas como sendo suficientemente espertas para serem espiões. Por isso, estava agradecido a Ian Fleming e aos filmes que ele inspirara. James Bond era um rapaz esperto. Esse não era o caso de Ed Foley. Não, este era um funcionário. A parte mais louca era que os soviéticos, cujo país inteiro era administrado por funcionários apagados, acabavam por acreditar nessa história, do mesmo modo que uma pessoa acabada de sair de uma porqueira no Iowa.

Não há nada de previsível no ramo da espionagem… exceto aqui, disse o

chefe de posto para si mesmo. A única coisa mais certa a respeito dos russos era a sua previsibilidade. Tudo era escrito num livro enorme que ditava todas as ações.

Foley entrou numa carruagem de metro, olhando em volta para os outros passageiros, vendo o modo como estes olhavam para ele. As roupas dele indicavam-no como estrangeiro, tal como um halo brilhante marcaria um santo numa pintura renascentista.

— Quem é o senhor? — perguntou uma voz neutral, para grande surpresa de Foley.

— Desculpe? — respondeu Foley, num russo com um forte sotaque.

— Ah, é americano.

— *Da*[15]. É isso mesmo. Trabalho na Embaixada dos Estados Unidos da América. É o meu primeiro dia. Sou novo em Moscovo. — Fosse ele alguém que o estivesse a seguir ou não, o melhor seria agir de forma natural.

— E gosta de aqui estar? — perguntou o inquiridor. Ele tinha o aspeto de um burocrata, talvez um agente de contraespionagem do KGB, ou um jornalista pago à peça. Ou talvez um segurança de alguma repartição do governo que estivesse cheio de curiosidade. Havia alguns assim. Será que um cidadão comum o abordaria? Talvez não, pensou Foley. A atmosfera tendia a limitar a curiosidade ao espaço entre as orelhas de uma pessoa… exceto que os russos eram tremendamente curiosos acerca dos americanos, os russos olhavam para eles do mesmo modo que Eva olhara para a maçã.

— O metro é bastante impressionante — retorquiu Foley, olhando em volta com um ar o mais ignorante possível.

— De que parte da América é que vem?

— Da cidade de Nova Iorque.

— E joga hóquei no gelo, na América?

— Oh, sim! Tenho sido um fã dos New York Rangers desde criança. Quero ver o hóquei aqui. — O que era inteiramente verdadeiro. Os passes do hóquei russo eram a coisa mais parecida com Mozart no mundo desportivo. — A embaixada tem bons bilhetes, disseram-me hoje. Clube Central de Desportos do Exército — acrescentou.

— *Ora!* — resmungou o moscovita. — Eu sou fã dos Wings.

O fulano talvez fosse mesmo genuíno, pensou Foley, surpreendido. Os russos

eram tão esquisitos com os seus clubes de hóquei como os fãs americanos de beisebol com as suas equipas. Mas a Segunda Direção-Geral também teria provavelmente fãs de hóquei a trabalhar ali.

— O Clube Central é a equipa campeã, não é verdade?

— São demasiado arrogantes. Veja o que lhes aconteceu na América.

— Na América, o nosso jogo é mais… físico… é esta a palavra certa? Para o senhor devem parecer *hooligans*, não é verdade?

Foley apanhara o comboio para Filadélfia para ver o jogo. Os Flyers, mais conhecidos como Broad Street Bullies, tinham dado cabo do focinho de uns visitantes russos um pouco arrogantes, para seu grande divertimento. A equipa de Filadélfia fora ao ponto de utilizar a sua arma secreta, a envelhecida Kate Smith a cantar «God Bless America», o que, para aquela equipa, era semelhante a um pequeno-almoço de pregos afiados e carne de criancinhas. Raios partam, que grande jogo aquele fora!

— Eles jogam com uma certa violência, sim, mas não são maricas. O Clube Central pensa que é o Bolshoi, pelo modo como patinam e fazem os seus passes. Por vezes é bom vê-los numa situação de humildade.

— Bem, ainda me lembro dos Jogos Olímpicos da década de oitenta, mas, honestamente, foi para nós um milagre termos derrotado a vossa ótima equipa.

— Milagre! *Ora, ora!* O nosso treinador estava a dormir. Os nossos heróis estavam a dormir. Os vossos rapazes fizeram um jogo vivo e ganharam honestamente. O treinador precisava de um tiro. — Não havia dúvida, aquele fulano falava como um fã.

— Bem, quero que o meu filho aprenda hóquei aqui.

— Que idade tem ele? — Havia um interesse sincero nos olhos daquele homem.

— Tem quatro anos e meio — respondeu Foley.

— É uma boa idade para aprender a patinar — observou o outro homem. — Há muitas oportunidades para as crianças patinarem em Moscovo, não há, Vanya? — observou ele para o indivíduo que estava a seu lado e que assistira àquela troca de palavras com curiosidade e apreensão.

— Certifique-se de que ele tem bons patins — disse o outro homem. — Os maus podem magoar os tornozelos. — Tratava-se de uma resposta tipicamente russa. Nesse país, por vezes inóspito, a solicitude para com as crianças era

ternamente genuína. O urso russo tinha um coração de manteiga para as crianças, mas de granito gelado para os adultos.

— Obrigado. É isso que irei fazer.

— Vive na residência para estrangeiros?

— Pois vivo — confirmou Foley.

— A próxima paragem é a sua.

— Oh, *spasiba*[16], e tenham um ótimo dia. — Ele dirigiu-se para a porta, voltando-se para anuir com um aceno de cabeça na direção dos seus amigos russos. *Serão do KGB*?, pensou. Talvez, mas não tinha a certeza. Determinaria isso, caso os voltasse a ver no metro daí a mais ou menos um mês.

O que Ed Foley não sabia era que toda a conversa fora observada por um homem a cerca de mais ou menos dois metros, com um exemplar daquele dia do *Sovietkiy Sport*. O seu nome era Oleg Zaitzev e Oleg Ivanovitch era do KGB.

O chefe de posto deixou a carruagem do metro e seguiu a multidão até às escadas rolantes. Em tempos, teria sido conduzido até um retrato de corpo inteiro de Estaline, mas isso fora retirado e ainda não fora substituído. O ar lá fora adquirira o frio do início do outono, o suficiente para ele se sentir bem depois do metro abafado. Em volta dele, dez ou mais homens acenderam os seus cigarros malcheirosos e foram cada um para seu lado. Era apenas meio quarteirão até ao conjunto murado de blocos de apartamentos, com a sua guarita, com guardas e um assistente de uniforme, que olhou melhor para Foley e decidiu que ele era americano pela qualidade do sobretudo, sem ter reconhecido a sua passagem com um aceno de cabeça ou um sorriso. Os russos não sorriam muito. Era algo que surpreendia todos os visitantes americanos. A natureza exteriormente severa do povo russo parecia quase inexplicável para os estrangeiros.

Duas paragens mais abaixo, Oleg Zaitzev pensou se não deveria escrever um relatório de contacto. Os oficiais do KGB eram encorajados a fazê-lo, em parte como um sinal de lealdade, em parte para mostrar a sua eterna vigilância contra os cidadãos do Inimigo Principal, que era como a América era conhecida no interior da sua comunidade profissional. Tratava-se sobretudo de mostrar a paranoia institucional deles, uma característica abertamente encorajada pelo KGB. Mas, por profissão, Zaitzev era um manga de alpaca e não sentia a necessidade de criar mais papelada irrelevante. Esta seria apenas olhada, quando

muito lida à pressa e atirada para alguma caixa de ficheiros, por outro burocrata do seu escritório no andar de cima, para nunca mais ser lida. O seu tempo era demasiado precioso para esse tipo de absurdo. Para além disso, ele nem sequer falara com um estrangeiro, pois não? Saiu do comboio na paragem apropriada, subiu pelas escadas rolantes até ao ar fresco do fim de tarde, acendendo o seu cigarro *Trud* ao chegar lá fora. Era uma coisa desprezível. Ele tinha acesso às lojas «vedadas» e poderia ter comprado cigarros franceses, ingleses e até americanos, mas estes eram muito caros e os seus fundos não eram tão ilimitados quanto as suas escolhas. De modo que fumava a sua bem conhecida marca *Trabalho*, como inúmeros milhões dos seus conterrâneos. A qualidade da sua roupa era um pouco melhor do que a usada pela maioria dos seus camaradas, mas não ao ponto de dar muito nas vistas. Não que ele se fizesse notar entre os outros. Apenas tinha de andar dois quarteirões até casa. O seu apartamento era o n.º 3, no primeiro andar (os americanos ter-lhe-iam chamado o segundo), em vez de mais acima, e isso estava bem para ele porque significava que não tinha de se arriscar a ter um ataque de coração se o elevador não funcionasse, o que acontecia pelo menos uma vez por mês. Hoje estava a funcionar. A mulher idosa que ocupava o apartamento da porteira, no andar térreo, tinha a sua porta fechada, em vez de aberta para o poder alertar para algum problema mecânico, para o qual lhe teria de chamar a atenção. De modo que nada no edifício se encontrava avariado. Não era causa para festejar, apenas uma das pequenas coisas da vida por que dar graças a Deus ou a quem quer que fosse que determinava os caprichos do destino. O cigarro apagou-se quando ele franqueou a porta da rua. Zaitzev atirou a beata para o cinzeiro e dirigiu-se para o elevador que, invulgarmente, estava à espera dele com a porta aberta.

— Boa noite, camarada Zaitzev — disse o operador em jeito de cumprimento.

— Boa noite, camarada Glenko. — Este homem, deficiente, era um veterano da Grande Guerra Patriótica, com medalhas para o provar. Talvez fosse o informador do edifício, o homem que relatava ocorrências pouco usuais a algum outro esbirro do KGB, obtendo, em troca disso, uma magra ajuda para suplementar a pensão que o Exército Vermelho lhe pagava. Foi essa a totalidade do diálogo. Glenko rodou a alavanca e trouxe o elevador, suavemente, até ao andar dele, abrindo-lhe a porta. Dali eram uns meros cinco metros até sua casa.

Ao abrir a porta do apartamento, foi saudado pelo cheiro a couves cozidas que

estavam a ser preparadas para o jantar. Bastante comuns, eram habituais nas refeições russas, juntamente com um ótimo pão negro.

— Papá! — Oleg Ivanovitch baixou-se para levantar a sua pequena Svetlana. Ela era a menina dos olhos de Zaitzev, com o seu rosto de querubim e o seu sorriso de boas-vindas.

— Como está hoje a minha pequenina *zaitchik*[17]? — Abraçou-a e aceitou o seu pequeno beijo ternurento.

Svetlana frequentava um jardim de infância repleto de outras crianças da idade dela… não era bem um infantário nem um berçário. A sua roupa consistia talvez nas únicas peças coloridas que se poderiam arranjar no seu país, neste caso uma túnica verde e calças cinzentas, que caíam sobre pequeninos sapatos de couro vermelho. Se o acesso dele às lojas «vedadas» tinha uma vantagem, era relativamente àquilo que conseguia arranjar para a sua menina. A União Soviética nem sequer tinha fraldas de pano para os seus bebés (as mães faziam-nas geralmente de lençóis usados), muito menos as do tipo descartável preferidas no Ocidente. Como resultado, havia um incentivo para treinar as crianças a usarem a casa de banho, algo que a pequena Svetlana conseguira há já algum tempo, para grande alívio da mãe. Oleg seguiu o cheiro a couves e foi até à cozinha, onde estava a mulher.

— Olá, querido — disse Irina Bogdanova, junto ao fogão. Couves, batatas e o que ele esperava ser um pernil fumado a cozer. Chá e pão. Para a vodca ainda era cedo. Os Zaitzev bebiam, mas não excessivamente. Em geral, esperavam até que Svetlana tivesse ido para a cama. Irina trabalhava como contabilista nos armazéns GUM. Possuidora de uma licenciatura pela Universidade Estatal de Moscovo era uma mulher liberta, no sentido ocidental, mas não emancipada. Pendurado junto à mesa da cozinha via-se um saco de cordel que ela levava na mala para todo o lado, sempre atenta a qualquer coisa que pudesse comprar para comerem ou para embelezar o seu triste apartamento. Isso queria dizer estar numa fila, que era a tarefa das mulheres na União Soviética, para além de terem de cozinhar o jantar para os maridos, independentemente do estatuto profissional dele ou dela. Ela tinha conhecimento de que ele trabalhava para a Segurança do Estado, mas não sabia bem o que ele lá fazia, só que pagava um salário relativamente confortável, que vinha com um uniforme, que ele raramente usava, e também que ele ocupava um posto onde iria em breve ser promovido. De

modo que, fosse qual fosse a ocupação dele, deveria desempenhá-la bem, pensava ela, e isso era o suficiente. Filha de um soldado de infantaria durante a Grande Guerra Patriótica, frequentara escolas oficiais onde obtivera notas acima da média, mas onde nunca atingira o que pretendia. Mostrara algum talento para o piano, mas não o bastante para ir para um conservatório do Estado. Tentara escrever, mas, também aí, não detinha o talento necessário para ser publicada. Não era uma mulher atrativa e era magra para os padrões russos. O seu cabelo, de um castanho cor de rato, caía-lhe sobre os ombros e estava geralmente bem penteado. Lia muito, fossem quais fossem os livros que conseguia arranjar e que merecessem que ela gastasse o seu tempo com eles, e gostava de ouvir música clássica. Ela e o marido iam frequentemente aos concertos no Tchaikovsky. Oleg preferia o *ballet*, de modo que também iam lá, ajudados, assumia Irina, pelo emprego dele no n.º 2 da praça Dzerjinsky. Ele ainda não tinha antiguidade suficiente para poderem confraternizar com os oficiais mais velhos da Segurança do Estado nas festas do Partido. Talvez quando ele se tornasse coronel, esperava ela. De momento, viviam a vida de classe média dos burocratas do Estado, desenvencilhando-se com os seus salários combinados. As boas notícias eram que, por vezes, tinham acesso às lojas «vedadas» do KGB, onde, pelo menos, podiam comprar coisas bonitas para ela e para Svetlana. E, quem sabe, talvez, a seu tempo, pudessem ter outro filho. Eram ambos ainda muito novos e um rapazinho iria dar mais vida ao lar.

— Alguma coisa de interessante hoje? — perguntou ela. Era praticamente a piada diária deles.

— Nunca se passa nada de interessante no trabalho — disse ele, ironicamente, como resposta. Não, apenas as mensagens do costume de e para oficiais no terreno, que ele enviava para os respetivos compartimentos, para que o correio interno as levasse em mão até lá acima, aos escritórios dos oficiais de controlo que eram quem, na verdade, geria as coisas no KGB. Um coronel, com muito mais antiguidade, viera até aos andares de baixo para ver a operação na semana anterior, algo que fez sem um sorriso, sem uma palavra amigável ou uma pergunta, durante vinte minutos, antes de ter desaparecido no elevador. Oleg estava ao corrente do nível de antiguidade daquele homem apenas através da pessoa que o acompanhava: o coronel encarregado da sua própria operação. Fossem quais fossem as palavras trocadas, tinham sido proferidas demasiado

longe para que ele as pudesse ouvir (as pessoas tendiam a sussurrar quando falavam, se é que o faziam, no seu departamento) e ele fora treinado para não mostrar muito interesse.

Mas o treino só por si não chegava. O major Oleg Ivananovitch Zaitzev era demasiado inteligente para poder desligar a mente por completo. De facto, as suas tarefas requeriam algo que se aproximava do raciocínio para serem devidamente executadas, mas isso era qualquer coisa que ele teria de exercitar tão cautelosamente como um rato que passasse por uma sala cheia de gatos. Ele nunca deixava de consultar o seu superior imediato e começava sempre com a mais humilde das perguntas, antes de obter aprovação. Efetivamente, as suas perguntas, que envolviam juízos de valor, eram sempre aprovadas. Oleg tinha essa facilidade e estava a começar a ser reconhecido por isso. A sua majoria não estava assim tão longe. Mais dinheiro, mais acesso às lojas «vedadas» e, pouco a pouco, mais independência… Não, isso não estava bem. Teria de haver menos limitações para o que ele poderia fazer. Um dia, até talvez pudesse inquirir se uma mensagem enviada fazia sentido. *Quer mesmo fazer isto, camarada?*, quisera ele perguntar várias vezes. Não lhe cabia tomar decisões operacionais, é claro. Mas poderia — ou seria capaz, no futuro — questionar a redação de uma diretiva nos termos mais oblíquos. De vez em quando, via qualquer coisa a sair para o Gabinete 457 em Roma, por exemplo, e pensava se o seu país quereria mesmo arriscar as consequências de fazer com que a ordem da missão corresse mal. E, por vezes, corriam mal. Há dois meses vira um despacho de Bona a avisar que algo correra mal no serviço de contrainformação da Alemanha Ocidental e que o oficial no terreno solicitava instruções. Estas foram para continuar a sua missão sem pôr em causa a informação dos seus superiores. E esse oficial desaparecera da rede. *Preso ou morto a tiro?*, pensou Oleg. Ele conhecia alguns nomes dos oficiais no terreno, praticamente todos os nomes das operações e muitos dos alvos e objetivos. Sobretudo, sabia o nome de código de centenas de cidadãos estrangeiros que eram agentes do KGB. No seu melhor, era como ler um romance de espionagem. Alguns dos oficiais no terreno tinham uma veia literária. Os seus despachos não eram os comunicados concisos dos oficiais militares. Não, eles gostavam de comunicar o estado de espírito dos seus agentes, o *sentimento* da informação e da missão designada. Poderiam assemelhar-se a escritores de diários de viagem que descrevessem as coisas para

um público que lhes pagasse. Zaitzev não deveria digerir tal informação, mas era um homem com um cérebro e, para além disso, havia códigos reveladores, escondidos em cada despacho. A terceira palavra com um erro ortográfico, por exemplo, poderia ser um aviso de que o oficial fora comprometido. Cada um deles tinha um sistema de chaves diferente e Zaitzev tinha uma lista deles todos. Apenas duas vezes detetara tais irregularidades e, numa dessas ocasiões, os seus supervisores tinham-lhe pedido para o ignorar como sendo um erro de máquina… um facto que ainda o espantava. Mas o erro nunca fora repetido e talvez se tratasse apenas de um erro de cifra por parte do oficial em questão. Afinal de contas, dissera-lhe o seu superior, os homens treinados no Centro não eram com frequência apanhados no terreno. Eram os melhores do mundo e os inimigos ocidentais não eram assim *tão bons*, ou sê-lo-iam? Em seguida, Zaitzev assentira com um aceno de cabeça em sinal de submissão, anotara o seu aviso e certificara-se de que o mesmo constava dos ficheiros permanentes, protegendo-se assim como qualquer bom burocrata.

E se o seu superior imediato estivesse sob o controlo de alguma agência de espionagem ocidental?, interrogava-se por vezes, sobretudo mais tarde, após umas quantas bebidas em frente da televisão. Tal compromisso seria a própria perfeição. Em nenhuma parte do KGB havia uma lista com os nomes dos seus oficiais e agentes. Não, a «compartimentalização» era um conceito ali inventado na década de 1920, ou até talvez mais cedo. Até mesmo o diretor Andropov não estava autorizado a pôr a mão numa coisa dessas, não fosse *ele* fugir para o Ocidente e levar essa lista consigo. O KGB não confiava em ninguém, sobretudo no seu diretor. De modo que, estranhamente, apenas as pessoas do seu departamento tinham acesso a uma informação tão alargada, mas estes não eram o pessoal de Operações. Eram apenas transmissores.

Contudo, não era a pessoa que o KGB tentava *sempre* comprometer um funcionário de cifras de uma embaixada estrangeira? Porque ele ou ela era o tal funcionário, aquele que não era suficientemente inteligente para que se lhe confiasse alguma coisa importante… Não seria *ela* a pessoa específica em quem se *confiava* tanto? Era muitas vezes uma mulher, apesar de tudo, e os oficiais do KGB estavam treinados para as seduzir. Ele vira alguns despachos desse teor, alguns deles a descreverem a sedução em pormenores escabrosos, talvez para impressionarem os homens do andar de cima com as suas proezas masculinas e

com a qualidade da devoção que tinham ao Estado. Ser pago para ter relações sexuais com mulheres não impressionava Zaitzev como sendo algo conspicuamente heroico, mas, quem sabe, talvez aquelas mulheres fossem extremamente feias e desempenhar os deveres masculinos sob tais circunstâncias talvez fosse difícil.

Afinal, tudo se resumia ao seguinte, refletiu Oleg Ivanovitch: aos funcionários eram muitas vezes confiados segredos cósmicos e ele era um deles. Não era divertido? Decerto mais divertido do que a sopa de couves, embora estas pudessem ser nutritivas. Assim sendo, até o Estado soviético confiava em algumas pessoas, embora «confiar» fosse um conceito tão divorciado da sua forma coletiva de pensar como um homem o seria de Marte. E ele era um homem desses! Bem, um resultado dessa ironia era a túnica verde que a sua filha trazia vestida. Pôs alguns livros em cima do tampo da cadeira da cozinha e sentou Svetlana em cima deles, para que ela pudesse comer o jantar. As mãos dela eram um pouco pequenas de mais para os pratos e copos de zinco e alumínio, mas, pelo menos, estes não eram demasiado pesados para ela usar. Ele ainda tinha de lhe pôr a manteiga no pão. Era bom poder comprar manteiga verdadeira.

— Vi uma coisa bonita a caminho de casa, na loja especial — observou Irina, tal como as mulheres fazem ao jantar, para apanharem os maridos bem-dispostos. As couves estavam especialmente boas nesse dia, e o pernil era polaco. De modo que não havia dúvida de que ela fizera compras na loja «vedada». Adquirira esse hábito apenas há nove meses e agora perguntava-se como é que conseguira viver sem isso.

— De que estás a falar? — perguntou Oleg, enquanto bebia o seu chá da Geórgia.

— Sutiãs. Sutiãs suecos.

Oleg sorriu. Os que eram feitos na Rússia pareciam ser sempre concebidos para raparigas camponesas que davam mama a vitelos em vez de a crianças… demasiado grandes para uma mulher com proporções mais humanas como a sua.

— Quanto custavam? — perguntou ele, sem levantar os olhos.

— Só dezassete rublos.

Dezassete rublos certificados, ele não a corrigiu. Um rublo certificado tinha um valor real. Teoricamente até podia ser trocado por moeda estrangeira, ao

contrário do papel sem valor que eles usavam para pagar ao operário normal, cujo valor era apenas teórico… como tudo nesse país, a bem ver.

— De que cor?

— Brancos. — Talvez a loja especial os tivesse em preto ou em encarnado, mas eram raras as mulheres soviéticas que os usariam. As pessoas ali tinham hábitos muito conservadores.

Após o jantar, Oleg deixou a cozinha por conta da mulher e levou a filha para a sala onde estava a televisão. As notícias diziam que tinham iniciado as colheitas, tal como todos os anos, com os trabalhadores heroicos nas quintas coletivas a apanharem a primeira safra de trigo do verão nas zonas mais a norte, onde tinham de a plantar e colher rapidamente. Uma ótima colheita, diziam na televisão. *Muito bem*, pensou Oleg, *este ano não haverá falta de pão… provavelmente*. Nunca se podia ter a certeza acerca do que se dizia na televisão. Em seguida, uma cobertura queixosa acerca das armas nucleares americanas que estavam a ser espalhadas pelos países da NATO, apesar dos pedidos razoáveis da União Soviética para que se abandonassem tais ações desnecessárias, provocadoras e desestabilizantes no Ocidente. Zaitzev sabia que os mísseis soviéticos SS-30 estavam a ser colocados algures e que, é claro, não eram de modo algum desestabilizadores. O grande programa de televisão para essa noite chamava-se *Servimos a União Soviética*. Era sobre operações militares em que jovens homens soviéticos serviam o seu país. Nessa noite havia uma rara reportagem sobre os que cumpriam o seu «dever nacional» no Afeganistão. Os meios de comunicação poucas vezes cobriam esse tipo de assunto e Oleg estava curioso por saber o que eles iriam mostrar. Havia por vezes discussões no trabalho, à hora do almoço, acerca da guerra no Afeganistão. Ele tendia mais a ouvir do que a participar, porque fora dispensado do serviço militar, algo que não lamentava de todo. Ouvira muitas histórias acerca da brutalidade casual nas unidades de infantaria e, para além disso, os uniformes não eram muito atrativos. O do KGB, que ele raramente usava, já era bastante mau. Não obstante, as imagens contavam histórias que as palavras nem sempre transmitiam e ele tinha um olho atento aos pormenores, como requerido pelo seu trabalho.

— Não sei se sabes, mas todos os anos fazem colheitas de trigo no Kansas. No entanto, isso nunca chega às notícias da noite da NBC — disse Ed Foley para a

mulher.

— Suponho que conseguirem alimentar-se seja uma grande conquista — observou Mary Pat. — Como é o escritório?

— Pequeno. — Em seguida abanou as mãos, como que a dizer que nada de interessante acontecera.

Em breve, ela teria de dar umas voltas no automóvel em busca de sinais de alerta. Estavam a trabalhar com o agente CARDEAL ali em Moscovo e essa era a tarefa mais importante que tinham. O coronel sabia que teria ali novos agentes responsáveis por o contactarem. Arranjar tudo aquilo iria ser muito melindroso, mas Mary Pat estava habituada a lidar com coisas desse género.

[15] «Sim», em russo. *(N. do T.)*
[16] «Obrigado», em russo. *(N. do T.)*
[17] «Coelhinha», em russo. *(N. do T.)*

CAPÍTULO 4

APRESENTAÇÕES

Eram cinco da tarde em Londres e meio-dia em Langley, quando Ryan ligou o seu telefone de segurança para telefonar para casa. Teria de se habituar aos fusos horários. Como muitas pessoas, achava que os períodos mais criativos do seu dia tendiam a dividir-se em duas partes. As manhãs eram melhores para digerir informação, mas os fins de tarde eram mais favoráveis a uma atitude contemplativa. O almirante Greer tendia a ser da mesma opinião e, assim, Jack acabava por se encontrar desligado da rotina de trabalho do seu diretor, o que não era bom. Também tinha de se habituar ao modo de lidar com os documentos. Estivera ao serviço do governo tempo suficiente para saber que nunca seria tão fácil como ele estaria à espera, nem tão simples como tinha a obrigação de ser.

— Fala Greer — disse uma voz, após a ligação de segurança ter sido estabelecida.

— Fala Ryan, senhor almirante.

— Como é que está a Inglaterra, Jack?

— Ainda não choveu. A Cathy vai começar no seu novo emprego, amanhã de manhã.

— Que tal o Basil?

— Não me posso queixar da hospitalidade.

— Onde é que está agora?

— Na Century House. Deram-me um escritório no último andar, com um fulano que aqui faz parte da secção russa.

— Aposto que quer um telefone seguro para sua casa.

— Acertou em cheio, senhor almirante. — O velho sacana era bom a ler os pensamentos.

— E que mais?

— De momento não consigo pensar em mais nada.

— E já se deparou com alguma coisa interessante?

— Mal comecei o meu trabalho, senhor almirante. A secção russa parece-me excelente. O indivíduo com quem estou a trabalhar, o Simon Harding, lê bem as

folhas de chá — disse Ryan, satisfeito por Simon não estar ali de momento. É claro, talvez o telefone estivesse sob escuta… não… não com um cavaleiro-comendador da Real Ordem Vitoriana… ou será que se atreveriam?

— As crianças estão bem?

— Estão, sim. A Sally está a tentar ver como é a televisão local.

— As crianças adaptam-se num instante.

Muito melhor do que os adultos.

— Logo lhe direi, senhor almirante.

— O documento do Hopkins deverá estar na sua secretária amanhã.

— Obrigado. Acho que vão gostar dele. O Bernie disse umas coisas interessantes. Essa outra coisa com o papa…

— Que dizem os seus primos?

— Estão preocupados, e eu também. Penso que Sua Santidade lhes perturbou muito as coisas e creio que o Ivan se irá dar conta disso.

— Que diz o Basil?

— Não diz muito. Não sei que ativos têm no local. Imagino que estão à espera de ver o que podem descobrir. — Jack fez uma pausa. — Alguma coisa desse lado?

— Ainda não — foi a resposta curta. Não andava muito longe de: «Nada sobre o qual eu possa falar.» *Será que o almirante Greer agora já confia realmente em mim?*, pensou Jack. Sem dúvida. Greer gostava dele, mas será que confiava nele como sendo um bom analista? Talvez essa estada em Londres fosse, se não um campo de treino, talvez uma segunda passagem pela escola básica. Era aí que o Corpo de Fuzileiros Navais se certificava de que os jovens com divisas de tenente tinham o que era preciso para os liderar no terreno. Dizia-se que era a escola mais rigorosa das várias forças militares. Não fora especialmente fácil para Ryan, mas diplomara-se com a nota mais alta da turma. Teria ele talvez tido sorte…? Não servira tempo suficiente para o descobrir, devido a um CH-46 avariado sobre a ilha de Creta, um acontecimento que ainda o atormentava, uma vez por outra, em pesadelos. Felizmente o seu sargento-ajudante e um oficial médico lá o estabilizaram, mas Jack ainda se arrepiava só de pensar em helicópteros. — Diga-me o que pensa, Jack.

— Se a minha tarefa fosse manter o papa vivo, estaria um pouco nervoso. Os russos podem ser violentos quando querem. O que eu não consigo avaliar é

como o Politburo irá reagir… quero dizer, quanta determinação poderão eles ter. Quando falei com o Basil, disse-lhe que tudo depende de saber se estão mesmo com medo devido à ameaça dele, se é que se trata de uma ameaça.

— Que lhe chamaria, Jack? — perguntou-lhe o vice-diretor de Informação, a uma distância de sete mil quilómetros.

— Pois, senhor almirante, não lhe sei responder. Creio que se trata de um certo tipo de ameaça para a maneira de pensar deles.

— De um certo tipo? E como é que eles a veem? — Jim Greer teria sido um grande filho da mãe se ensinasse cursos de pós-graduação em História ou em Ciência Política. Poderia estar ao mesmo nível do padre Tim, em Georgetown.

— Estou a ver, almirante. É uma ameaça, e eles irão vê-la desse modo. No entanto não sei até que ponto a irão levar muito a sério. Não é que eles acreditem em Deus. Para eles, «Deus» é a política e esta é apenas um processo, não um sistema de crenças como nós compreendemos a palavra.

— Jack, tem de aprender a ver a realidade através dos olhos do seu adversário. A sua habilidade analítica é de primeira ordem, mas irá ter de aperfeiçoar a sua perceção. Neste caso não se trata de ações e de títulos, em que lidou com números concretos e não com a perceção dos mesmos. Dizem que El Greco tinha estigmatismo e que isso fazia com que tudo para ele adquirisse uma certa inclinação. Eles também veem a realidade através de lentes diferentes. Se puder replicá-lo, tornar-se-á num dos melhores, mas terá de dar um salto de imaginação. O Harding é muito bom nisso. Aprenda com ele a ver-lhes a parte de dentro das cabeças.

— Conhece o Simon?

— Há anos que leio as suas análises.

Nada disto é um acaso, Jack, disse a si mesmo, com mais surpresa do que deveria. Era a sua segunda lição importante do dia.

— Estou a perceber, senhor almirante.

— Não pareça assim tão surpreendido, meu rapaz.

— Sim, sim, senhor almirante — respondeu Jack, como um novato dos fuzileiros. *Não voltarei a fazer esse erro, almirante*. E, nesse instante, Jack Patrick Ryan tornou-se um verdadeiro analista de informação.

— Vou pedir à embaixada que lhe entregue um telefone seguro. Deve saber como o manter assim — acrescentou o vice-diretor de Informação, por cautela.

— Sim, senhor almirante, sei como o fazer.

— Ótimo, então contacte-me aqui à hora do almoço.

— Certamente, falo com o senhor amanhã. — Ryan pousou o auscultador e depois retirou o cartão de plástico que estava na ranhura, que meteu no bolso. Olhou para o relógio. Eram já horas de se ir embora. Já limpara a sua secretária de ficheiros classificados. Uma mulher apareceu, por volta das quatro e meia, com um carrinho de compras para os levar para os arquivos centrais. Nesse preciso momento, Simon apareceu.

— A que horas é o seu comboio?

— Às seis e dez.

— Então ainda temos tempo para uma cerveja, Jack. Agrada-lhe?

— Não me desagrada, Simon. — Levantou-se e saiu com o colega.

Era apenas uma caminhada de quatro minutos até ao Fox and Cock, um bar muito ao gosto tradicional inglês que ficava a um quarteirão da Century House. Talvez demasiado tradicional: parecia uma relíquia da época de Shakespeare, com traves maciças de madeira e paredes de estuque. Tinha de ser, para criar um efeito arquitetural; nenhum edifício verdadeiro poderia ter sobrevivido durante tanto tempo. Lá dentro havia uma nuvem de fumo de tabaco e muita gente de fato e gravata. Decerto era um bar sofisticado, muitos dos clientes eram, provavelmente, da Century House. Harding confirmou-o.

— É onde vimos matar a sede. O dono costumava ser um de nós, talvez ganhe agora mais dinheiro do que alguma vez ganhou na nossa chafarica. — Sem ser ostensivo, Harding pediu duas canecas de cerveja que não demoraram a chegar. Depois, levou Jack até uma mesa de canto.

— Então, Sir John, gosta de aqui estar?

— Até agora não me queixo. — Bebeu um gole. — O almirante Greer pensa que você é muito inteligente.

— E o Basil também acha o mesmo acerca dele. É um indivíduo bom com quem trabalhar? — perguntou Harding.

— Sim, excelente. Ele escuta e ajuda-nos a pensar. E não cai em cima de nós a pés juntos quando metemos água. Prefere ensinar em vez de humilhar, pelo menos é essa a minha experiência. Alguns dos analistas mais antigos tiveram um tratamento mais radical, creio que ainda não chegou a minha vez. — Ryan fez uma pausa. — O Simon é o oficial que me irá treinar?

Aquela pergunta direta surpreendeu o seu anfitrião.

— Não diria isso exatamente. Sou um especialista soviético. Você, segundo creio, é mais um generalista.

— Diga antes «aprendiz» — sugeriu Ryan.

— Muito bem, que quer aprender?

— A pensar como um russo.

Harding riu-se para a caneca de cerveja.

— É uma coisa que aprendemos todos os dias. A chave é saber que para eles tudo é política, e a política, lembre-se, é toda ela acerca de ideias nebulosas, estéticas. Especialmente na Rússia, Jack. Eles não conseguem distribuir produtos como automóveis e televisões, de modo que têm de se concentrar em tudo o que se possa encaixar na teoria política deles, nos ditames de Marx e de Lenine. E, é claro, Lenine e Marx não sabiam patavina acerca de como se faziam coisas verdadeiras no mundo real. É como uma religião que tivesse enlouquecido, mas que, em vez de raios e trovões, ou de pragas bíblicas, mata os seus apóstatas com pelotões de fuzilamento. Na sua visão do mundo, tudo o que acontece de errado resulta de apostasia política. A teoria política deles ignora a natureza humana e, dado que a teoria política deles é uma Sagrada Escritura, nunca está errada, deve ser a natureza humana que erra. Não é consistente de um ponto de vista lógico, não sei se está a ver. Já alguma vez estudou metafísica?

— No segundo ano, no Boston College. Os jesuítas obrigaram-nos a passar um semestre a estudá-la — confirmou Ryan, bebendo um longo gole —, quer quiséssemos, quer não.

— Pois bem, o comunismo é como a metafísica aplicada impiedosamente ao mundo real e, quando as coisas não se encaixam, a culpa é dos descontentes quadrados que não cabem nos buracos redondos que lhes foram designados. Eles podem ser muito cruéis com os descontentes, não sei se está a ver. Por isso é que o Iossif Estaline matou mais ou menos vinte milhões deles, em parte devido à teoria política, em parte devido à sua própria doença mental e aos seus malditos escrúpulos. Esse sacana doido definiu o que era a paranoia. Paga-se sempre o preço por se ser governado por um doido com um livro de regras distorcidas, não sei se está a ver.

— Mas será que a liderança política atual continua fiel à teoria marxista?

Simon anuiu pensativamente com a cabeça.

— É essa a questão, Jack. A resposta é que nós não sabemos. Todos eles se apresentam como verdadeiros crentes, mas será que o são? — Era a vez de Harding fazer uma pausa, para um gole contemplativo. — Só quando lhes convém, julgo eu. Mas isso depende de quem se está a falar. Suslov, por exemplo, acredita plenamente… mas o resto…? Em maior ou em menor grau, acreditam e não acreditam. Suponho que os possa caracterizar como pessoas que costumavam ir à missa todos os domingos, mas que depois perderam esse hábito. Parte deles ainda acredita, mas esse não é caso de uma outra maior ou menor parte. No que eles acreditam *realmente* é no facto de a religião do Estado ser a fonte do seu poder e do seu estatuto. De modo que, para todas as pessoas comuns que os rodeiam, têm de *parecer* acreditar, porque isso é a única coisa que lhes dá poder e estatuto.

— Inércia intelectual? — especulou Jack, em voz alta.

— É isso mesmo, Jack. A primeira lei de Newton sobre o movimento.

Ryan, em parte, queria objetar àquele discurso. O mundo teria de fazer mais sentido do que isso. Mas será que era esse o caso? *Que regra dizia que teria de o fazer?*, perguntou-se. E quem fazia cumprir essas regras? Expressar-se-ia assim de um modo tão simples? O que Harding acabara de explicar, em menos de duzentas palavras, pretendia justificar centenas de biliões de dólares em despesa, armas estratégicas de poder incompreensível e milhões de pessoas cujos uniformes denotavam uma inimizade que exigia agressão e morte, em tempo de guerra ou de quase guerra.

Mas o mundo era acerca de ideias, boas ou más, e o conflito entre estas e as de Ryan definia a realidade em que ele trabalhava, definia o sistema de crença das pessoas que tinham tentado assassiná-lo, a ele e à sua família. E isso era tão verdadeiro quanto teria de ser, não era? Não, não havia uma regra que obrigasse o mundo a fazer sentido. As pessoas decidiam por si o que fazia sentido, ou não. Assim sendo, será que tudo acerca do mundo era uma questão de perceção? Seria tudo uma coisa mental? Que era a realidade?

Mas essa era a questão por detrás de toda a metafísica. Quando Ryan a estudara, no Boston College, esta tinha sido tão puramente teórica que parecia não ter qualquer ligação com a realidade. Fora muito para Ryan absorver, com apenas dezanove anos de idade, e, dava-se agora conta, muito para absorver aos trinta e dois. Porém, as notas aqui eram escritas em sangue humano, não num

relatório de escola.

— Meu Deus, Simon. Não sei se sabe, mas seria muito mais fácil se eles acreditassem em Deus.

— Nesse caso, Jack, seria apenas uma outra guerra religiosa, e essas também pressupõem combates sangrentos, como se deverá lembrar. Pense nas cruzadas, uma versão de Deus contra outra. Essas guerras foram suficientemente terríveis. Os verdadeiros crentes em Moscovo pensam que estão na crista da onda da história, que estão a trazer a perfeição à condição humana. Devem ficar extremamente furiosos quando se dão conta de que o país deles mal se consegue alimentar. Assim sendo, tentam ignorá-lo, mas é difícil ignorar uma barriga vazia, não é verdade? De modo que nos culpam disso, tal como os «destruidores» (traidores e sabotadores) no seu próprio país. Esses são as pessoas que eles prendem ou matam. — Harding encolheu os ombros. — Pessoalmente, vejo-os como infiéis, crentes num falso Deus. Assim é mais fácil. Estudei a teologia política deles, mas esta tem um valor limitado porque, tal como já mencionei, muitos deles não acreditam verdadeiramente na substância do seu sistema. Por vezes pensam como russos tribais, cuja visão do mundo sempre foi enviesada pelos nossos padrões. A história da Rússia é uma tal confusão que estudá-la tem os seus próprios limites em termos de lógica ocidental. São extremamente xenófobos, sempre o foram, mas por causas históricas relativamente razoáveis. Sempre tiveram ameaças de leste e de oeste. Os mongóis, por exemplo, foram até ao Báltico, e os alemães e os franceses martelaram nas portas de Moscovo. Como costumamos dizer, são gente estranha. Uma coisa que sei é que nenhum homem com a cabeça no lugar os quer como patrões. Uma pena, na verdade. Têm poetas e compositores tão bons…

— Flores num armazém de sucata… — sugeriu Ryan.

— É isso mesmo, Jack. É mesmo isso. — Harding pegou no cachimbo e acendeu-o com um fósforo de cozinha. — Então, gosta da cerveja?

— É excelente, muito melhor do que a americana.

— Não sei como é que vocês a conseguem beber. Mas a vossa carne de vaca é melhor do que a nossa.

— São alimentadas a milho. A carne delas é melhor do que as que são alimentadas a pasto. — Ryan suspirou. — Ainda me estou a habituar à vida aqui. Sempre que me começo a sentir confortável, algo me atinge, como uma cobra

entre as ervas.

— Bem, teve menos de uma semana para se acostumar a nós.

— Os meus filhos irão falar de uma maneira engraçada.

— Civilizada, Jack, civilizada — observou Harding, com uma boa gargalhada. — Vocês, ianques, dão cabo da nossa língua.

— Pois, está visto. — Em breve iria referir-se ao beisebol como *rounders*, que ali era um jogo de raparigas. Não sabiam nada acerca do verdadeiro jogo.

Por seu turno, Ed Foley sentiu-se subitamente furioso com as escutas que ele sabia que deveriam existir no seu apartamento. Cada vez que fazia amor com a mulher, algum lingrinhas manga de alpaca do KGB estava à escuta. Provavelmente uma bela diversão perversa para os seus funcionários da contraespionagem, mas era, pelo amor de Deus, a vida amorosa dos Foleys, e será que não havia nada de sagrado? Ele e Mary Pat tinham sido informados acerca do que esperar, e sua mulher tinha de facto feito piadas acerca disso durante o voo… não podiam pôr escutas nos aviões. Ela chamou-lhe um modo de mostrar a esses bárbaros como viviam as pessoas normais e ele rira-se, mas aqui e agora já não era tão engraçado. Sentia-se como um animal num maldito jardim zoológico, com pessoas a verem, a rirem e a apontarem. Será que o KGB iria manter um ficheiro acerca de quantas vezes ele e a mulher tinham sexo? *Talvez*, pensou, esperando encontrar dificuldades conjugais como pretexto para o recrutar a ele ou a Mary Pat. Todos o faziam. De modo que tinham de fazer amor regularmente só para desencorajarem essa possibilidade, embora utilizarem uma «operação de bandeira falsa» ao contrário pudesse ter algumas possibilidades teóricas, interessantes só por si… Não, decidiu o chefe de posto, isso seria uma complicação desnecessária para a estada deles em Moscovo, e ser chefe de posto já era suficientemente complexo.

Apenas o embaixador, o adido de defesa e os seus funcionários poderiam saber quem ele era. Ron Fielding era, abertamente, o chefe de pessoal e o seu trabalho era rabear, como uma boa minhoca no anzol. Ao estacionar o carro, baixaria, ocasionalmente, a pala ou rodá-la-ia noventa graus; por vezes, usava uma flor na lapela e tirava-a, após ter percorrido meio quarteirão, como se estivesse a fazer um sinal a alguém ou, o que era ainda melhor, embatia ligeiramente nas pessoas como se lhes tivesse a passar qualquer coisa. Esse tipo

de comportamento poderia fazer com que os contraespiões da Segunda Direção-Geral ficassem furiosos e corressem atrás de moscovitas inocentes, talvez até agarrassem alguns para interrogatórios, ou pusessem um esquadrão de oficiais atrás de um pobre diabo escolhido ao acaso, para verem o que ele fazia. Quanto mais não fosse, forçava o KGB a perder ativos em perseguições que não iam a lado nenhum, numa caça aos gambozinos. O melhor de tudo é que os persuadira de que Fielding era um chefe de posto desastrado. Tal fazia sempre com que o outro lado se sentisse bem, e *isso* era sempre uma jogada inteligente da parte da CIA. O jogo que ele desempenhava fazia com que outras jogadas de poder se assemelhassem a um elaborado jogo de tabuleiro.

Mas o facto de que talvez houvesse escutas no seu quarto incomodava-o. E ele não podia fazer a coisa do costume para as neutralizar, como pôr o rádio a tocar e falar mais baixo. Não, ele não podia agir como um espião treinado. Tinha de aparentar ser estúpido e isso requeria cérebro, disciplina e o máximo rigor. Nem um único erro era permitido. Esse erro específico poderia provocar a morte de alguém, e Ed Foley tinha uma consciência, o que era uma coisa perigosa para um espião no terreno. Este tinha de se preocupar com os seus agentes, com os cidadãos estrangeiros que trabalhavam para ele e lhe passavam informação. Todos, ou quase todos, tinham problemas, e o maior deles nesse país era o alcoolismo. Ele esperava que cada agente que encontrasse tivesse um problema com a bebida. Alguns eram um pouco loucos. Outros, pessoas que queriam vingar-se: dos seus patrões, do sistema, do país, do comunismo, das suas mulheres, de todo o mundo perverso. Alguns, muito poucos, poderiam ser genuinamente atrativos, mas Foley não os escolheria. Eles é que o escolhiam a ele. E Foley tinha de jogar com as cartas que lhe davam. As regras daquele jogo eram difíceis e severas. A sua vida estava segura. Oh, é claro, ele poderia ser agredido, ou até Mary Pat, mas ambos tinham passaportes diplomáticos e atingirem-no com mais gravidade implicava que, algures na América, algum diplomata soviético ou outra pessoa numa alta posição pudesse ter alguns contratempos às mãos de bandidos de rua… que poderiam, ou não, ser agentes da lei. Os diplomatas não gostavam dessas coisas, de modo que o evitavam. Com efeito, os russos seguiam as regras mais à letra do que os americanos. De modo que ele e a mulher estavam a salvo, mas os seus agentes, se e quando denunciados, seriam alvo de menos clemência do que um rato por parte de um

gato particularmente sádico. Ali ainda havia tortura, interrogatórios que duravam longas horas. Os devidos procedimentos legais eram o que o governo da altura pudesse pensar que eram. E os processos de recurso estavam limitados pelo facto de a pistola do assaltante estar ou não carregada. Assim sendo, tinha de tratar os seus agentes, fossem eles bêbedos, prostitutas ou criminosos, como os seus próprios filhos, mudando-lhes as fraldas, dando-lhes um copo de água à hora de deitar e assoando-os.

Vistas bem as coisas, era um diabo de um jogo que o mantinha acordado à noite. Será que os russos se dariam conta disso? Será que havia câmaras nas paredes? Será que *isso* era perverso? Mas a tecnologia americana não estava tão avançada, de modo que ele tinha a certeza de que a russa também não poderia estar. Provavelmente. Foley tentava pensar que havia ali pessoas inteligentes e que muitas delas trabalhavam para o KGB.

O que o intrigava era que a sua mulher dormia o sono dos justos, deitada a seu lado. Ela era uma melhor espia no terreno do que ele. Lidava com esse aspeto como uma foca com a água do mar, perseguindo os seus peixes. E os tubarões? Ele supunha que seria normal que um homem se preocupasse com a sua mulher, não importava se esta era uma ótima espia. Era assim que os homens eram programados, tal como ela fora programada para ser mãe. Mary Pat parecia-lhe um anjo à luz fraca, devido ao sorriso encantador e ensonado que ela tinha, e ao modo como o seu cabelo louro e fino, como o dos bebés, se despenteava logo que ela encostava a cabeça na almofada. Para os russos, ela era uma possível espia, mas, para Edward Foley, era a sua mulher amada, companheira de trabalho e mãe do seu filho. Era tão esquisito que as pessoas conseguissem ser tantas coisas, dependendo de quem olhava para elas, e, contudo, todas essas facetas eram verdadeiras. Com esse pensamento filosófico… Meu Deus, ele *não conseguia* adormecer!... Ed Foley fechou os olhos.

— Então, que disse ele? — perguntou Bob Ritter.

— Ele não está lá muito contente — respondeu o juiz Moore, sem que ninguém se tivesse surpreendido. — Mas percebe que não há muita coisa que possamos fazer acerca disso. Ele irá, provavelmente, fazer um discurso na próxima semana sobre a nobreza do homem trabalhador, especialmente dos que fazem parte de sindicatos.

— Ótimo — resmungou Ritter. — Ele que o diga aos controladores aéreos. — O vice-diretor de Operações era o mestre das piadas fáceis, embora tivesse o bom senso de não as dizer no contexto errado.

— Onde é o discurso? — perguntou o vice-diretor de Informação.

— Em Chicago, na próxima semana. Há lá uma grande população de origem polaca — explicou Moore. — Ele irá falar dos trabalhadores dos estaleiros, é claro, e mencionar que, em tempos, foi chefe do seu próprio sindicato. Ainda não vi o discurso, mas espero que seja sobretudo «baunilha»[18], com algumas pepitas de chocolate por cima.

— E os jornais irão dizer que ele anda atrás do voto dos operários — observou Jim Greer. Sofisticados como julgavam ser, os jornais não percebiam muita coisa até que lhes apresentassem as batatas fritas e o *ketchup*. Eram mestres do discurso político, mas não sabiam patavina acerca de como se desenrolava o verdadeiro jogo até serem informados, de preferência com palavras muito simples e corriqueiras. — Será que os nossos amigos russos irão dar por isso?

— Talvez, eles têm gente muito boa a ler as folhas de chá no Instituto de Estudos Americanos e Canadianos. Talvez alguém diga qualquer coisa de passagem, numa conversa casual em Foggy Bottom, sobre o facto de estarmos a olhar para a situação polaca com alguma preocupação, dado que temos tantos cidadãos com essa origem. Presentemente, não podemos ir mais longe — explicou Moore.

— De modo que, de momento, estamos preocupados com a Polónia, não com o papa — observou Ritter, para clarificar a situação.

— Ainda não sabemos nada acerca disso, pois não? — perguntou o diretor-geral, retoricamente.

— Será que não irão interrogar-se por que motivo o papa não nos incluiu na sua ameaça…?

— Talvez não. O tipo de escrita da carta sugere uma comunicação privada.

— Não tão privada que Varsóvia não a tenha enviado para Moscovo — objetou Ritter.

— Como a minha mulher gosta de dizer, isso é diferente — fez notar Moore.

— Não sei se sabe, Arthur, mas, por vezes, esta coisa de rodas a girar dentro de rodas dá-me uma dor de cabeça — afirmou Greer.

— O jogo tem regras, James.

— O boxe também tem, mas essas são muito mais claras.

— «Protegermo-nos sempre» — sugeriu Ritter. Essa é, neste caso, a Regra Número Um. Bem, nós ainda não temos quaisquer avisos específicos, pois não? — As cabeças abanaram durante muito tempo. Não, não tinham. — Que mais disse ele, Arthur?

— Ele quer que sejamos nós a descobrir se há algum perigo para Sua Santidade. Se alguma coisa lhe acontecer, o nosso presidente irá ficar mesmo zangado.

— Juntamente com milhões de outros católicos — concordou Greer.

— Vocês supõem que os russos possam contratar os protestantes da Irlanda do Norte para se encarregarem do atentado? — perguntou Ritter, com um sorriso malicioso. — Eles também não gostam dele, pois não? É algo para o Basil investigar.

— Robert, isso é completamente descabelado, penso eu — analisou Greer. — De qualquer modo, eles odeiam o comunismo tanto quanto o catolicismo.

— O Andropov não pensa assim tão fora da caixa — decidiu Moore. — O mesmo se aplica a qualquer russo. Se ele decidir eliminar o papa, irá usar os seus ativos e tentar ser esperto acerca do assunto. É assim que iremos saber, oxalá eu não tenha razão, se a coisa for tão longe. E se parecer que ele está para aí inclinado, teremos de o dissuadir dessa ideia.

— Não chegaremos a isso. O Politburo é demasiado circunspecto — disse o vice-diretor de Informação. — E é pouco subtil para eles. Não é o tipo de coisa que um jogador de xadrez possa fazer, e o xadrez ainda é o jogo nacional deles.

— Vá dizê-lo ao Leon Trotsky — afirmou Ritter, de chofre.

— Isso foi uma questão pessoal. O Estaline queria comer-lhe o fígado com cebolas e molho — retorquiu Greer. — Isso foi puro ódio pessoal e acabou por nada conseguir a um nível político.

— Não foi o modo como o todo-poderoso Estaline viu a coisa. Ele tinha um medo verdadeiro do Trotsky…

— Não, não tinha. Muito bem, pode dizer que ele era um sacana paranoico, mas até ele conhecia a diferença entre paranoia e medo verdadeiro. — Greer soube logo que aquela afirmação era um erro no instante em que a proferiu. Tentou remediar o que dissera: — E mesmo que ele tivesse medo desse velho bode, o presente grupo já não é assim. Não têm a paranoia do Estaline, mas, o

que é ainda pior, não têm o seu poder de decisão.

— Está errado, Jim. A Carta de Varsóvia é uma ameaça potencialmente perigosa para a estabilidade política deles, e eles *irão* levá-la a sério.

— Robert, não sabia que era tão religioso — ironizou Moore.

— Não sou, nem eles o são, mas ficarão preocupados com isto. Acho mesmo que vão ficar muito preocupados. O suficiente para uma ação direta? Disso não tenho a certeza, mas irão pensar muito no assunto.

— A ver vamos — ripostou Moore.

— Arthur, esta é a minha análise — retrucou o vice-diretor de Operações, e, com essa palavra começada por «A», a afirmação tornava-se séria, pelo menos nos claustros da CIA.

— Que o fez mudar tão depressa de ideias, Bob? — perguntou o juiz.

— Quanto mais penso nisso, do ponto de vista deles, tanto mais séria a questão me começa a parecer.

— Está a planear alguma coisa?

Isso provocou uma certa inquietação em Ritter.

— Ainda é cedo para encarregar os Foleys de uma missão importante, mas vou enviar-lhes um alerta, pelo menos qualquer coisa que os ponha a pensar no assunto.

Esta era uma decisão operacional, que os outros acabavam por deferir para Bob Ritter e para os seus instintos, no que dizia respeito a espiões no terreno. Tirar informação de um agente era muitas vezes mais simples e mais rotineiro do que *dar instruções* a um agente. Dado que se assumia que cada funcionário da embaixada de Moscovo era seguido regularmente, era perigoso pedir-lhes para fazerem qualquer coisa que pudesse comprometê-los. Isto era especialmente verdade no que se prendia com os Foleys… Eram tão novos no local que estariam a ser seguidos ainda mais de perto. Ritter não queria que eles fossem expostos, pelas razões do costume e por uma outra: a sua seleção de uma equipa marido/mulher fora um pouco arriscada e, se não funcionasse, todos lhe viriam pedir contas. Como um jogador de póquer habituado a grandes apostas, Ritter, como qualquer outro indivíduo, não gostava de perder as suas fichas. Tinha grandes esperanças para os Foleys e não queria que o potencial deles fosse destruído após duas semanas em Moscovo.

Os outros dois não comentaram, o que permitia que Ritter se pudesse

encarregar da questão à sua maneira.

— Como vê — começou Moore, recostando-se melhor na cadeira —, aqui estamos nós, os melhores e os mais inteligentes, os membros mais bem informados da administração presidencial, e não sabemos o que quer que seja acerca de um assunto que poderá ser de uma grande importância.

— É verdade, Arthur — concordou Greer. — Mas não o sabemos com uma autoridade considerável. Isso é mais do que qualquer um pode dizer, não é?

— É mesmo isso que eu estava a precisar de ouvir, James. — Queria dizer que os que estavam do lado de fora daquele edifício eram livres de pontificar, mas, aqueles três homens, não. Não, tinham de ter cuidado com tudo o que dissessem, porque as pessoas tendiam a ver as opiniões deles como factos, o que, tal como se sabia no sétimo andar, não era o caso. Se eram assim tão bons, poderiam estar a fazer algo mais proveitoso com as suas vidas, como escolher e adquirir ações da bolsa.

Ryan sentou-se na sua cadeira com um exemplar do *Financial Times*. A maioria preferia lê-lo de manhã, mas Jack não. As manhãs eram para as notícias gerais, para o prepararem para o dia de trabalho na Century House. Na América, costumava ouvir as notícias no rádio do carro durante mais ou menos uma hora, dado que o tema da informação acabava por penetrar muitas vezes nas notícias. Aqui e agora poderia descontrair-se com as questões financeiras. O jornal britânico não era igual ao *The Wall Street Journal*, mas a perspetiva diferente com que via as coisas era interessante… dava-lhe um novo ângulo no que dizia respeito a problemas abstratos aos quais ele poderia então aplicar a sua especialização americana. Para além disso, ajudava-o a manter-se ao corrente do que se passava. Deveria haver ali oportunidades financeiras, à espera de quem as aproveitasse. Encontrar algumas tornaria toda a sua aventura europeia em algo que valeria a pena. Ele ainda via o seu emprego na CIA como uma coisa mais na sua experiência de vida, cujo último objetivo ainda se encontrava muito longe, na neblina. Iria jogar as suas cartas, uma de cada vez.

— O meu pai telefonou hoje — disse Cathy, dando uma vista de olhos à sua revista médica, *The New England Journal of Medicine*, uma das seis que subscrevia.

— Que queria o Joe?

— Era só para perguntar como é que estamos, como estão as crianças, esse tipo de coisas — respondeu Cathy.

Não gastou muitas palavras a perguntar por mim, pois não?, não se incomodou Ryan a perguntar. Joe Muller, vice-presidente da Merrill Lynch, não aprovava o modo como o genro abandonara os negócios comerciais, depois de ter tido a infeliz ideia de ter fugido com a sua filha, primeiro para dar aulas e depois para jogar às escondidas com espiões e outros funcionários governamentais. Joe não tinha em grande conta o governo e os seus sequazes. Achava que estes se apoderavam do dinheiro que ele e os outros conseguiam granjear. Jack percebia-o, mas alguém tinha de lidar com os tigres deste mundo e um deles era John Patrick Ryan. Ele gostava de dinheiro, tal como qualquer outro, mas, para ele, tratava-se de uma ferramenta e não de um fim em si mesmo. Era como um bom automóvel que nos podia levar para lugares agradáveis, mas onde não tínhamos de dormir. Joe não via assim as coisas e nem sequer tentava perceber aqueles que pensavam de um modo diferente. Por outro lado, gostava muito da filha e nunca a pressionara acerca de ela se ter tornado cirurgiã. Talvez ele pensasse que tomar conta dos doentes era um bom emprego para as raparigas, mas fazer dinheiro era o trabalho dos homens.

— Foi simpático da parte dele, querida — disse Ryan, por detrás do seu *FT*. Ryan achava que a economia japonesa parecia periclitante, ainda que não para o conselho editorial do jornal. Bem, eles já se tinham enganado antes.

Foi uma noite em branco em Moscovo. Yuriy Andropov fumara mais do que a sua dose normal de *Marlboros*, mas só tinha tomado uma vodca depois de ter chegado a casa, vindo de uma receção diplomática para o embaixador de Espanha e que fora uma total perda do seu tempo. A Espanha juntara-se à NATO, e o seu serviço de contrainformação era deprimentemente eficiente a identificar as suas tentativas de introduzir um agente de penetração no seu governo. Talvez tivesse sido melhor para ele tentar a corte do rei. Os cortesãos, apesar de tudo, eram sempre muito faladores e o governo eleito manteria provavelmente o novo monarca reinstituído informado, quanto mais não fosse para o adular. De modo que ele bebera o vinho, petiscara os pratinhos de comida e entabulara a habitual conversa social. *Sim, tem sido um ótimo verão, não tem?* Por vezes pensava se a sua ascensão até ao Politburo valeria a pena toda aquela

perda de tempo. Ele já mal tinha tempo para ler… apenas para o seu trabalho e para os seus deveres diplomáticos e políticos, que pareciam não ter fim. Agora dava-se conta de como deveria ser-se uma mulher, pensou Andropov. Não admirava que fossem tão quezilentas com os maridos.

Porém, o pensamento que nunca lhe saía da cabeça era a Carta de Varsóvia. *Se o governo de Varsóvia persistir com a sua irracional repressão do povo, ver-me-ei obrigado a renunciar ao papado e a regressar, para estar com o meu povo nos seus momentos de dificuldade*. Um sacana daqueles! A ameaçar a paz no mundo. Será que os americanos o tinham encorajado a fazê-lo? Nenhum dos seus oficiais de campo o tinha descoberto, mas nunca se poderia ter a certeza. Era óbvio que o presidente americano não era amigo do seu país, estando sempre à procura de maneiras de aguilhoar Moscovo… O descaramento daquela nulidade intelectual a dizer que a União Soviética era o âmago do mal no mundo! O cabrão do *ator* a dizer aquelas coisas! Nem mesmo os gritos de protesto da imprensa americana e dos académicos tinham atenuado aquele ferrão. Os europeus tinham-se agarrado àquela notícia, pior ainda, a *intelligentsia* dos europeus de *leste* tinha-a agarrado, o que causara todo o tipo de problemas aos seus subordinados da contrainformação, através de todos os países do Pacto de Varsóvia. Como se eles não estivessem já bastante ocupados com trabalho, resmungou Yuriy Vladimirovitch, enquanto retirava outro cigarro da caixa vermelha e branca e o acendia com um fósforo. Ele nem sequer ouvia a música que estava a tocar, enquanto o seu cérebro se focava na informação, vezes sem conta.

Varsóvia teria de apertar com aqueles contrarrevolucionários em Danzig (estranhamente, Andropov pensava sempre naquela cidade portuária com o antigo nome alemão) não fosse o seu governo desagregar-se. Moscovo pedira-lhes, usando os termos mais diretos, para resolverem as coisas, e os polacos sabiam acatar ordens. A presença de tanques do Exército soviético no seu território ajudava-os a perceber o que era ou não necessário. Se essa coisa do Solidariedade polaco fosse muito mais longe, será que a infeção não começaria a espalhar-se, a oeste para a Alemanha, a sul para a Checoslováquia… e a leste para a União Soviética? Eles não poderiam permiti-lo.

Por outro lado, se o governo polaco conseguisse suprimir o problema, então tudo sossegaria de novo. *Até à próxima vez?*, pensou Andropov.

Se a sua perspetiva fosse um pouco mais lata, talvez ele tivesse compreendido

o problema fundamental. Como membro do Politburo, estava isolado dos aspetos mais desagradáveis da vida no seu país. Nada lhe faltava. Para obter boa comida bastava pegar no telefone. O seu belo apartamento estava muito bem mobilado e equipado com eletrodomésticos alemães. O mobiliário era confortável. O elevador do seu edifício *nunca* se avariava. Tinha um motorista para o levar e trazer do escritório. Contava com uma equipa de proteção que se certificava de que ele nunca seria incomodado por vadios de rua. Estava tão protegido como Nicolau II e, como todos os homens, assumia que as suas condições de vida eram normais, mesmo que, intelectualmente, soubesse que não eram. As pessoas do lado de fora da sua janela tinham comida, televisão e filmes para verem, clubes desportivos para apoiarem e a oportunidade de terem um automóvel, não tinham? Em troca de lhes dar todas essas coisas, ele podia gozar de um estilo de vida um pouco melhor. Tal era inteiramente razoável, não era? Será que ele não trabalhara bastante mais do que eles? Que raio de mais porras é que essa gente queria?

E agora, aquele padre polaco estava a pôr tudo em jogo.

E se calhar até era capaz de o fazer, pensou Andropov. Estaline colocara em tempos uma pergunta famosa acerca de quantas divisões o papa comandava, mas mesmo ele deveria ter sabido que nem todo o poder do mundo emanava do cano de uma espingarda.

Se Karol *renunciasse* ao papado, que aconteceria? Tentaria regressar à Polónia. Será que os polacos poderiam mantê-lo afastado, revogar-lhe a cidadania, por exemplo? Não, de uma maneira ou de outra, ele arranjaria modo de regressar à Polónia. Andropov e os polacos tinham os seus agentes dentro da Igreja, é claro, mas essas coisas não poderiam ir muito longe. Até que ponto a Igreja se teria infiltrado nas suas agências? Não havia como sabê-lo. De modo que, de momento, qualquer tentativa de o manter fora da Polónia estaria provavelmente condenada a falhar e, se o tentassem alguma vez, logo que o papa entrasse na Polónia ocorreria um desastre de proporções épicas.

Poderiam tentar contactos diplomáticos. O ministro certo dos Negócios Estrangeiros poderia apanhar o avião para Roma, onde se encontraria clandestinamente com Karol, tentando dissuadi-lo de continuar com a sua ameaça. Mas que cartas poderia ele jogar? Uma ameaça direta à sua vida… não iria funcionar. Esse tipo de desafio seria um convite ao martírio e à santidade,

algo que só o encorajaria a fazer a viagem. Para um crente seria um convite para o Reino Celestial, enviado pelo próprio demónio, e ele pegaria em armas com alacridade. Não, não poderiam ameaçar aquele homem de morte. Até mesmo ameaçar o seu povo com medidas mais duras só o iria encorajar. Ele iria querer regressar para os proteger a todos ainda mais depressa, para que parecesse mais heroico aos olhos do mundo.

A sofisticação da ameaça que ele enviara para Varsóvia era algo que apenas se poderia valorizar com a contemplação, admitiu Andropov para si mesmo. Mas havia uma resposta certa para isso: Karol teria de descobrir, por si, se realmente existia um Deus.

Será que Deus existe?, pensou Andropov. Uma pergunta que resistia à passagem do tempo, respondida por muitos de muitas maneiras, até Karl Marx e Vladimir Lenine terem resolvido a questão, pelo menos na União Soviética. *Não*, disse Yuriy Vladimirovitch para si mesmo, era tarde de mais para que ele pudesse reconsiderar a sua resposta a essa pergunta. *Não, não havia Deus*. A vida ocorria num aqui e agora e, quando acabasse, acabava. De modo que aquilo que fazíamos era o melhor que podíamos fazer, vivendo a vida o melhor possível, colhendo o fruto que poderíamos alcançar e construindo um escadote para os outros que não o poderiam fazer.

Mas Karol estava a tentar mudar essa equação. Estava a tentar abanar o escadote… ou seria a árvore? Essa questão era demasiado profunda.

Andropov voltou-se na cadeira e encheu mais uma vez o copo com vodca, depois bebeu um gole, contemplativo. Karol estava a tentar reforçar as suas crenças falsas por conta própria, ameaçando abanar os próprios alicerces da União Soviética e das suas longínquas alianças, tentando dizer às pessoas que havia algo melhor em que acreditar. Com isso, estava a tentar alterar o trabalho de gerações, e ele e o seu país não o poderiam permitir. Mas ele não poderia evitar o esforço de Karol. Não o poderia persuadir a desistir. Não, Karol teria de ser obrigado a parar de um modo capaz de evitar plenamente a sua ação e de lhe pôr um fim.

Não seria fácil e não seria totalmente seguro. Contudo, não fazer nada era ainda menos seguro, para ele, para os seus colegas, para o seu país.

Assim sendo, Karol teria de morrer. Primeiro, Andropov teria de conceber um plano. Depois teria de o submeter ao Politburo. Antes de propor uma ação teria

de a ter inteiramente planeada, com uma garantia de sucesso. Bem, não seria para isso que existia o KGB?

---

[18] Baunilha, neste caso, tem o sentido, em inglês, de coisa normalíssima. *(N. do T.)*

CAPÍTULO 5

A APROXIMAREM-SE

Sendo um madrugador, Yuriy Vladimirovitch já se tinha barbeado, tomado duche e o pequeno-almoço antes das sete da manhã. Para ele este consistia em *bacon*, três ovos mexidos e fatias espessas de pão russo, barradas com manteiga da Dinamarca. A origem do café era alemã, tal como os eletrodomésticos que tinha no apartamento. Recebia o *Pravda* da manhã, tal como recortes selecionados de jornais do Ocidente traduzidos por linguistas do KGB, e algum material informativo preparado de madrugada no Centro e entregue em mão no seu apartamento, todas as manhãs, às seis. Nesse dia, não havia nada de importante, segundo podia constatar, acendendo o seu terceiro cigarro e bebendo a sua segunda chávena de café. Tudo coisas rotineiras. O presidente americano não fizera vibrar o seu sabre na noite anterior, o que era uma agradável surpresa. Talvez tivesse adormecido em frente da televisão, como Brejnev costumava fazer.

Até quando iria o Leonid dirigir o Politburo?, pensou Andropov. É óbvio que aquele homem não se iria aposentar. Se o fizesse, os seus filhos sofreriam, e eles gostavam demasiado de ser a família real da União Soviética para permitirem que o pai fizesse uma coisa dessas. A corrupção nunca era uma prática bonita. Andropov não sofria dela. De facto, era uma das suas mais arreigadas crenças. Era por isso que a situação corrente era tão frustrante. Ele iria… ele *teria de*… salvar o país do caos em que se estava a afundar. *Se eu viver o suficiente e se o Brejnev morrer depressa, quero dizer*. Leonid Ilyitch estava definitivamente mal de saúde. Conseguira parar de fumar aos setenta e seis anos, o que, Yuriy Vladimirovitch admitia para si mesmo, era bastante impressionante, mas o homem estava senil. A sua mente divagava. Tinha dificuldade em lembrar-se de coisas. Por vezes, dormitava durante encontros importantes, para consternação dos seus associados. Mas agarrava-se ao poder com um furor mortal. Fora responsável pela queda de Nikita Sergeyevitch Khrushchev, através de uma série magistral de manobras, e *ninguém* em Moscovo se esquecera desse apetitoso pedaço de história… um truque como esse nunca funcionaria em alguém que o tivesse executado. Ninguém alguma vez dissera sequer a Leonid que ele deveria

abrandar — se não mesmo afastar-se um pouco, pelo menos deixar que outros se encarregassem dos seus deveres de natureza administrativa, permitindo assim que ele concentrasse as suas aptidões nas questões mais importantes. O presidente dos EUA não era muito mais novo do que Brejnev, mas vivera uma vida mais saudável, ou viera de uma estirpe de camponeses mais resistentes.

Nos seus momentos de reflexão, Andropov surpreendia-se com o facto de estranhar a sua própria objeção àquele tipo de corrupção. Ele via-a precisamente como tal, mas só raramente se perguntava *por que motivo* a via assim. Nesses momentos, regressava às suas crenças marxistas, as mesmas que pusera de parte há muitos anos, porque até ele tinha de recorrer a uma forma de ética, que era tudo o que ele tinha. Ainda mais estranho, era a área em que Marx e o cristianismo se sobrepunham no que se prendia com as crenças. Deveria ter sido um acaso. Apesar de tudo, Karl Marx fora um judeu, não um cristão, e, fosse qual fosse a religião que ele rejeitasse ou abraçasse, deveria ser a sua, não uma que fosse estranha para ele e para as suas origens. O diretor do KGB punha de lado todo esse raciocínio com um incomodado abanar de cabeça. Já tinha que lhe bastasse na sua área profissional, mesmo quando terminava o que estava a fazer. Bateram-lhe discretamente à porta.

— Entre — disse Andropov, sabendo quem era, pelo som.

— O seu carro está pronto, camarada diretor — anunciou o chefe da equipa de segurança.

— Obrigado, Vladimir Stepanovitch. — Levantou-se da secretária, pegou no casaco do fato e vestiu-o para a sua viagem até ao trabalho.

Demorava-lhe catorze minutos através do centro de Moscovo. O seu automóvel *ZiL* era inteiramente feito à mão, aliás semelhante em aparência aos táxis *Checker* americanos. Corria pelo centro de vastas avenidas, numa faixa larga reservada aos oficiais políticos com mais antiguidade e mantida desimpedida pelos agentes da Milícia de Moscovo. Ali permaneciam, sob o calor de verão e no castigador frio de inverno, mais ou menos um polícia a cada três quarteirões, certificando-se de que ninguém obstruiria a passagem por mais tempo do que o que demoraria a atravessar a faixa. Fazia com que o caminho até ao trabalho fosse tão conveniente como tomar um helicóptero, e muito melhor para os nervos.

O Centro de Moscovo, como o KGB era conhecido através do mundo da

informação, situava-se na antiga sede da Companhia de Seguros Rossiya e deveria ter-se tratado de uma grande companhia para construir um edifício daqueles. O automóvel de Andropov atravessou o portão e entrou no pátio interior, até chegar às portas de bronze, onde a porta do carro se abriu e ele saiu, para ser saudado por homens fardados da Oitava Direção. Lá dentro, dirigiu-se para o elevador que fora aberto para ele, é claro, e, depois, para o último andar. A sua equipa olhou-lhe para o rosto, a fim de determinar o seu estado de espírito (tal como aquele tipo de homens fazia em todo o mundo) e, como de costume, nada conseguiu ver. Ele guardava os seus sentimentos tão escondidos como um jogador de cartas profissional. No último andar, havia um corredor, com talvez quinze metros, até à porta do seu secretário. Isso devia-se ao facto de o escritório de Andropov não ter uma porta própria. Em vez disso, havia um bengaleiro na antecâmara e a entrada para o seu escritório situava-se aí. Tal trapalhada recuava aos tempos de Lavrenti Beria, o chefe dos serviços clandestinos de Estaline, que tinha um grande e irracional medo de ser assassinado e criara essa medida de segurança, não fosse uma companhia de comandos irromper na sede do Comissariado do Povo para Assuntos Internos. Andropov achava aquele arranjo teatral, mas tornara-se uma tradição do KGB e, de certo modo, acabava por entreter os visitantes… de qualquer maneira, existia há demasiado tempo para ser um segredo para alguém que conseguisse chegar até lá.

O seu horário dava-lhe quinze minutos, no começo do dia, para rever os papéis que tinha em cima da secretária, antes de iniciar as informações diárias, seguidas de reuniões que estavam marcadas com semanas de avanço. Nesse dia tratava-se quase tudo de questões relacionadas com a segurança interna, embora alguém do Secretariado do Partido tivesse encontro marcado, antes do almoço, para discutir assuntos estritamente políticos. *Oh, sim, aquela coisa em Kiev*, lembrou-se. Logo após ter-se tornado diretor do KGB, achara que os assuntos do Partido não tinham a mesma importância do que a satisfatoriamente larga tela de desenho que ele tinha ali, no n.º 2 da praça Dzerjinskiy. O estatuto do KGB, na medida em que tinha tais limitações, era ser a «Espada e o Escudo» do Partido. Logo, a sua primeira missão, teoricamente, seria manter um olho nos cidadãos soviéticos que poderiam não estar tão entusiasmados com o governo do país como deveriam. A Helsinki Watch estava a tornar-se um grande incómodo. A URSS tinha feito um acordo na capital finlandesa há sete anos, no que dizia

respeito à monitorização dos direitos humanos, e, evidentemente, eles tinham levado tudo a sério. Pior ainda, tinham atraído, ocasionalmente, as atenções dos meios de comunicação ocidentais. Os repórteres poderiam ser um grande aborrecimento, e já não era possível intimidá-los como de costume, pelo menos não todos. O mundo capitalista tratava-os como semideuses e esperava que todos fizessem o mesmo, quando todos sabiam que eles eram espiões. Tornava-se divertido ver como o governo americano proibia abertamente os seus serviços de informação de adotarem disfarces como jornalistas. Quaisquer serviços de espionagem no mundo o faziam. Como se os americanos seguissem as suas leis imaculadas e que tinham apenas sido promulgadas para que as outras nações se sentissem bem por terem o *The New York Times* a meter o bedelho nos seus países. Nem valia a pena uma reação negativa. Era absurdo. Todos os cidadãos estrangeiros na União Soviética eram espiões. Todos o sabiam, e isso era a razão pela qual a sua Segunda Direção-Geral, cuja tarefa era a contraespionagem, era uma parte tão extensa do KGB.

Bem, o problema que lhe custara uma hora de sono na noite anterior não era assim tão diferente, pois não? Não, quando se lhe olhava para os detalhes. Yuriy Vladimirovitch pressionou um botão no seu intercomunicador.

— Diga ao Aleksey Nikolayevitch para me vir ver.

— É para já, camarada. — Demorou quatro minutos no relógio da secretária de Andropov.

— Sim, camarada diretor. — Aleksey era um coronel sénior da Primeira Direção (a dos estrangeiros), um oficial de campo muito experiente que servira durante muito tempo na Europa Ocidental, embora nunca no hemisfério ocidental. Sendo um bom agente de campo e responsável por agentes, fora contratado pelo Centro devido à sua sagacidade e conhecimentos práticos para agir mais ou menos como um especialista residente, para que Andropov o pudesse consultar sempre que precisasse de informação acerca de operações no terreno. Não muito alto nem especialmente bem-parecido, era o tipo de homem que se poderia tornar invisível numa rua de uma qualquer cidade, em qualquer parte do mundo, o que, em parte, explicava o seu sucesso no ramo.

— Aleksey, tenho um problema teórico. Tanto quanto sei, trabalhou em Itália.

— Passei três anos destacado em Roma, camarada diretor, sim, sob as ordens do coronel Goderenko. Ele ainda lá está como *rezident*.

— Trata-se de um bom homem? — inquiriu Andropov.

Ele assentiu enfaticamente, com um aceno de cabeça.

— Um ótimo oficial superior, sem dúvida, camarada diretor. Ele é bom a gerir o posto. Aprendi muito com ele.

— E ele conhece bem o Vaticano?

Isso fez com que Rojdestvenskiy pestanejasse.

— Não há lá muito para se conhecer. A Igreja Católica é um alvo difícil de infiltrar, por razões óbvias. Temos lá alguns contactos, sim, mas nada muito relevante.

— E quanto à Igreja Ortodoxa? — perguntou Andropov.

— Temos lá alguns contactos, sem dúvida, e temos tido algum *feedback*, mas raramente algo de valor. Mais do género da intriga e, mesmo nesses casos, nada que não possamos obter através de outros canais.

— Será que a segurança em torno do papa é boa?

— Segurança física? — perguntou Rojdestvenskiy, sem saber bem para onde aquela conversa estava a ser levada.

— Precisamente — confirmou o diretor.

Rojdestvenskiy sentiu a temperatura do seu sangue baixar alguns graus.

— Camarada diretor, o papa tem alguma proteção em torno dele, sobretudo do género passivo. Os seus guarda-costas são suíços, em roupa normal. O grupo que parece ter saído de uma ópera cómica, e que se pavoneia com fatos às riscas, fá-lo sobretudo por uma questão de espetáculo. De tempos a tempos, têm de deitar a mão a um crente demasiado comovido pela proximidade do sumo pontífice, esse género de coisas. Nem sequer sei se têm armas, embora assuma que as tenham.

— Pois bem, gostaria de saber se será difícil aproximarmo-nos fisicamente do papa. Tem alguma ideia?

Ah, pensou Rojdestvenskiy.

— Não tenho conhecimento pessoal disso, camarada. Visitei o Vaticano várias vezes quando estava em Roma. A coleção de arte que eles têm, como poderá imaginar, é impressionante, e a minha mulher interessa-se por essas coisas. Levei-a lá pelo menos meia dúzia de vezes. A área está infestada de padres e de freiras. Confesso que nunca reparei em disposições de segurança, mas nada me saltou à vista, para além do que seria de esperar… medidas contra roubo e

vandalismo, esse género de coisas. Existem os guardas de museu do costume, cuja função principal parece ser informar as pessoas acerca do local das casas de banho.

» O papa vive nos aposentos papais, adjacentes à igreja de São Pedro. Nunca lá estive. Não é o tipo de sítio que me despertasse um interesse profissional. Sei que o nosso embaixador vai lá ocasionalmente para funções diplomáticas, mas eu nunca fui convidado. O meu posto era como adido de assistência comercial, não sei se está a ver, camarada diretor, e eu ainda não tinha muitos anos de serviço — continuou Rojdestvenskiy. — Diz-me que estava interessado em saber até onde nos poderíamos aproximar do papa. Presumo que, com isso, queira dizer…?

— Cinco metros, mais perto se possível, mas pelo menos cinco metros.

A distância de uma pistola, raciocinou de imediato Rojdestvenskiy.

— Não sei o suficiente acerca disso. Isso seria um trabalho para o coronel Goderenko e para o seu pessoal. O papa dá audiências aos fiéis. Não faço ideia como se arranja uma. Ele também aparece em público para várias finalidades. Não imagino sequer como essas coisas sejam programadas.

— Vejamos então como se faz — sugeriu Andropov, de um modo ligeiro. — Informe-me diretamente. Não discuta isto com mais ninguém.

— Sim, camarada diretor — disse o coronel, fazendo continência ao receber aquela ordem. — E a prioridade?

— É para já — respondeu Andropov, com a mais informal das vozes.

— Eu próprio vou tratar disso, camarada diretor — prometeu-lhe o coronel Rojdestvenskiy. O seu rosto não revelava quaisquer sentimentos. De facto, tinha muito poucos. Os oficiais do KGB não eram treinados para terem muitos escrúpulos, pelo menos fora da política, na qual era suposto terem muita fé. As ordens vindas de cima tinham a força da vontade divina. As únicas preocupações de momento de Aleksey Nikolayevitch centravam-se nas possíveis consequências de deixar cair aquela arma nuclear, em particular. Roma ficava a mais de mil quilómetros de Moscovo, mas isso não seria, com toda a probabilidade, suficientemente longe. Contudo, não lhe cabia formular perguntas políticas e apagou a questão da sua mente, pelo menos de momento. Enquanto ele o fazia, a caixa intercomunicadora, na secretária do diretor, tocou. Andropov pressionou o botão de cima, à direita.

— Sim?

— A primeira pessoa com quem se vai reunir já chegou, camarada diretor — anunciou o secretário.

— Quanto tempo é que pensa que irá demorar, Aleksey?

— Provavelmente alguns dias. Assumo que queira uma avaliação imediata, seguida de que tipo de dados específicos?

— Pois, de momento, apenas uma avaliação geral — disse Yuriy Vladimirovitch. — Ainda não estamos a planear nenhuma ação.

— Como queira, camarada diretor. Vou já até ao Centro de Comunicações.

— Ótimo, obrigado, Aleksey.

— Sirvo a União Soviética — foi a resposta automática. O coronel Rojdestvenskiy pôs-se outra vez em sentido, depois voltou-se para sair. Ele tinha de baixar a cabeça para entrar no escritório do secretário, tal como muitos homens, e daí voltou à direita para o corredor.

Então, como é que nos podemos aproximar do papa, deste padre polaco?, pensou Rojdestvenskiy. Era, pelo menos, uma questão teórica interessante. O KGB estava repleto de teóricos e de académicos que examinavam tudo, desde como assassinar chefes de governos estrangeiros (útil no caso de uma grande guerra poder ser declarada), à melhor maneira de roubar e interpretar registos médicos dos hospitais. O âmbito largo das operações de campo do KGB conhecia poucas limitações.

Não se poderia deduzir muito do rosto do coronel quando este caminhou até aos elevadores, pressionou o botão e esperou durante quarenta segundos até as portas se abrirem.

— Para a cave — disse ele ao operador. Todos os elevadores tinham operadores. Os elevadores eram locais demasiado bons para se passar informação para que ficassem sem vigia. Mesmo assim, os operadores eram treinados para estarem alerta para rápidas passagens de mensagens. Não se confiava em ninguém naquele edifício. Havia muitos segredos que se poderiam descobrir. Se havia um único local na União Soviética em que um inimigo poderia querer colocar um agente de penetração para espionagem, era ali, naquele edifício, de modo que todos se entreolhavam numa espécie de jogo de sombras, sempre alerta, medindo cada conversa em busca de um sentido oculto. Os homens faziam ali amigos, como em outras atividades. Falavam das mulheres

e dos filhos, de desportos e do tempo, acerca de comprarem ou não um carro, acerca de arranjarem uma *dacha* no campo, no caso daqueles que tinham suficiente antiguidade. Mas raramente falavam de trabalho, exceto com os seus colegas de trabalho imediatos e, mesmo assim, em salas de conferência onde se deveriam discutir tais assuntos. Nunca ocorrera a Rojdestvenskiy que essas restrições institucionais reduziam a produtividade e prejudicavam, de facto, a eficiência da sua agência. Essa circunscrição era apenas parte da religião institucional do Comité para a Segurança do Estado.

Ele tinha de passar por um posto de controlo para entrar na sala das Comunicações. Um sargento de vigilância verificava a fotografia no seu passe e deixava-o entrar sem reparar muito nele.

Rojdestvenskiy já lá estivera, é claro, vezes suficientes para ser conhecido, pelo rosto e pelo nome, por parte dos operadores superiores, que ele também conhecia. As secretárias estavam dispostas com bastante espaço entre elas, e o ruído de fundo dos teletipos impedia que a conversação normal fosse ouvida a uma distância de mais de três ou quatro metros, mesmo pelos ouvidos mais sensíveis. Isto e quase tudo, acerca do arranjo da sala, evoluíra ao longo dos anos, até as disposições de segurança estarem tão próximas da perfeição como qualquer um pudesse imaginar, embora isso não impedisse os especialistas em eficiência, do terceiro andar, de vaguearem por ali com expressões de contrariedade, sempre à procura de algo de errado. Foi até à secretária do oficial de vigilância superior de comunicações.

— Oleg Ivanovitch — disse ele, em jeito de saudação.

Zaitzev levantou os olhos para ver o quinto visitante do dia que acabara de se iniciar, o quinto visitante e a quinta *interrupção*. Era muitas vezes uma maldição ser-se ali o oficial superior de vigilância, especialmente no turno da manhã. O turno da noite era aborrecido, mas pelo menos ele poderia trabalhar sem ter de interromper o que estivesse a fazer.

— Sim, coronel, em que posso ajudá-lo esta manhã? — perguntou ele com gentileza, de oficial júnior para oficial superior.

— Tenho uma mensagem especial e pessoal para o nosso posto em Roma, para o *rezident*. Preciso de uma cifra de uso único. Preferia que fosse você a tratar do assunto. — *Em vez de ter um técnico de cifras a fazer esse trabalho*, não chegou a dizer. Isso era um pouco fora do comum e despertou o interesse de

Zaitzev. De qualquer modo, teria de a ver. Eliminar o técnico de cifras reduzia para metade o número de pessoas que veriam essa mensagem em particular.

— Muito bem. — O major Zaitzev pegou num livro de notas e num lápis.

> ULTRASSECRETO. IMEDIATO E URGENTE. DO CENTRO DE MOSCOVO. ESCRITÓRIO DO DIRETOR PARA O CORONEL RUSLAN BORISSOVITCH GODERENKO, *REZIDENT*, ROMA. MENSAGEM SEGUINTE: VERIFICAR E COMUNICAR MEIOS DE APROXIMAÇÃO FÍSICA AO PAPA. FIM.

— É tudo? — perguntou Zaitzev, surpreendido. — E se ele perguntar o que isto quer dizer? Não se trata de uma mensagem muito clara…

— Ruslan Borissovitch irá percebê-la bem — assegurou-lhe Rojdestvenskiy. Ele sabia que Zaitzev não lhe estava a perguntar nada que não devesse. As cifras de uso único eram um grande incómodo, de modo que as mensagens que assim eram enviadas deviam ser explícitas em todos os pormenores, para que as trocas de mensagens, para efeitos de clarificação, não comprometessem os elos de comunicação. Assim, aquela mensagem seria enviada por telex, de modo que, de certeza, seria intercetada e certamente reconhecida pelo seu formato por ter uma cifra de uso único, o que realçava a sua importância. Os decifradores de códigos americanos e britânicos talvez a atacassem, e todos desconfiavam deles e dos seus truques engenhosos. As malditas agências de informação do Ocidente trabalhavam juntas.

— Se assim o diz, camarada coronel. Irei mandá-la dentro de uma hora. — Zaitzev olhou para o relógio de parede para se certificar de que o poderia fazer. — Estará na secretária dele logo que ele entre no escritório.

Irá demorar vinte minutos para o Ruslan a desencriptar, calculou Rojdestvenskiy. *Será que ele nos vai fazer perguntas acerca da mesma, como o Zaitzev sugere? Talvez. O Goderenko é um homem minucioso e atento… e politicamente astuto. Mesmo com o nome de Andropov no topo, Ruslan Borissovitch terá curiosidade suficiente para pedir uma clarificação.*

— Se houver uma resposta, telefone-me assim que tiver a versão descodificada do texto.

— É então o ponto de contacto para esta linha? — perguntou Zaitzev, só para se certificar de que enviaria as coisas corretamente. Afinal, o cabeçalho da

mensagem, tal como o coronel lho ditara, dizia «Escritório do Diretor».

— Isso mesmo, major.

Zaitzev anuiu com um aceno de cabeça, em seguida estendeu o formulário para o coronel Rojdestvenskiy, para que este o assinasse/confirmasse. Tudo no KGB tinha de ter um registo escrito. Zaitzev baixou os olhos para olhar para a lista de verificação. Mensagem, remetente, destinatário, método de encriptação, ponto de contacto… sim, tinha tudo, e todos os espaços estavam devidamente assinados. Levantou os olhos.

— Coronel, irei enviá-la sem demora. Vou telefonar-lhe para confirmar a hora da transmissão. — Ele iria também enviar um registo em papel para o andar de cima, para os ficheiros operacionais permanentes. Fez uma última anotação e entregou a cópia em papel químico.

— Aqui está o número do despacho. É também o número de referência da operação, até que o mude.

— Obrigado, major. — O coronel saiu.

Oleg Ivanovitch olhou mais uma vez para o relógio de parede. A hora de Roma diferia três horas da de Moscovo. Dez ou quinze minutos para o *rezident* descodificar o texto (o pessoal no terreno era muito desastrado nestas coisas, segundo sabia), pensar nela, e depois…? Zaitzev fez uma pequena aposta consigo mesmo. O *rezident* de Roma iria querer um pedido de clarificação. Não havia dúvida. O major enviava e recebia mensagens daquele homem há já alguns anos. Goderenko era um homem cuidadoso que gostava das coisas bem claras. De modo que deixaria o bloco de Roma na gaveta da secretária, pronto para a mensagem de resposta. Contou 209 caracteres, incluindo espaços em branco e pontuação. Era uma pena que não o pudessem fazer num daqueles novos computadores americanos que estavam a examinar no andar de cima. Mas não fazia sentido desejar o impossível. Zaitzev retirou o bloco de cifras da gaveta da secretária e, desnecessariamente, escreveu o seu número antes de se dirigir à parte oeste da vasta divisão. Ele conhecia quase todos eles pelos números, um produto da sua experiência em xadrez, imaginou ele.

— Bloco um-um-cinco-oito-nove-zero — disse ele ao funcionário por detrás da divisória de metal, entregando-lhe o pedaço de papel. O funcionário, que teria uns longos cinquenta e sete anos, muitos deles a trabalhar no local, percorreu uns quantos metros para ir buscar o bloco para mensagens cifradas correto. Era um

ficheiro com folhas soltas, com dez centímetros de largura por vinte e cinco de altura, cheio de folhas de papel perfuradas, talvez quinhentas ou mais. A página corrente estava marcada com uma etiqueta em plástico.

As páginas assemelhavam-se às de uma lista telefónica, até as olharmos melhor e vermos que as letras não formavam palavras em qualquer língua conhecida, exceto por uma questão aleatória. Havia, em média, duas ou três dessas ocorrências por página. Fora de Moscovo, na estrada que formava um anel, situava-se a sede da Direção de Zaitzev, a Oitava, a parte do KGB que se encarregava de fazer e decifrar códigos e cifras. No telhado do edifício havia uma antena muito sensível ligada a uma máquina de teletipo. O recetor, que se situava entre a antena e essa máquina, estava à escuta, numa atmosfera de ruído aleatório, e o teletipo interpretava esses «sinais» como letras de pontos e traços, que a máquina de teletipo adjacente imprimia devidamente. De facto, várias dessas máquinas estavam ligadas de tal modo que a aleatoriedade do ruído atmosférico era novamente configurada, sob uma forma aleatória, formando uma algaraviada inteiramente imprevisível. Era a partir desta que eram feitas as cifras de uso único, que deveriam ser transposições totalmente aleatórias, para que nenhuma fórmula matemática as pudesse prever, logo desencriptar. A cifra de uso único era vista universalmente como sendo o mais seguro sistema de encriptação. Isso era importante, dado que os americanos eram os líderes mundiais na resolução de cifras. O projeto deles, Verona, comprometera mesmo as cifras soviéticas das décadas de 1940 e 50, para grande desconforto da agência-mãe que precedera a de Zaitzev. As mais seguras mensagens com cifras de uso único eram também as mais complicadas e inconvenientes, mesmo para mãos experientes como as daquele major. Mas isso não se poderia remediar, e o próprio Andropov queria saber como alguém se poderia aproximar fisicamente do papa.

Foi então que Zaitzev se deu conta: *aproximar-se fisicamente do papa*. Mas por que motivo queria alguém fazê-lo? Decerto, Yuriy Vladimirovitch não pretendia que alguém ouvisse a sua confissão.

Que lhe estariam a pedir para transmitir?

O *rezident* em Roma, Goderenko, era um oficial de campo com muita experiência, cuja *rezidentura* geria muitos agentes do KGB italianos e de outras nacionalidades. Ele reenviava todo o tipo de informações, algumas

declaradamente importantes, outras meramente divertidas, embora potencialmente úteis para comprometer pessoas importantes com embaraçosos pontos fracos. Será que apenas os importantes tinham tais fraquezas, ou será que os seus cargos lhes permitiam meramente entreterem-se de um modo que todos os homens sonhavam, mas a que poucos se poderiam entregar? Fosse qual fosse a resposta, Roma teria de ser uma boa cidade para o fazer. *Cidade dos Césares*, pensou Zaitzev, *teria de ser*. Ele refletiu acerca dos livros de viagens e de história que lera sobre aquela cidade e época… a História clássica, na União Soviética, continha algum tipo de comentário político, mas não muito. O enfoque político, aplicado a todos os aspetos da vida, era o fator mais cansativo, de um ponto de vista intelectual, da vida no seu país, muitas vezes suficiente para arrastar um homem para a bebida… o que, na União Soviética, é claro, só lhe facilitaria o caminho. Era altura de voltar ao trabalho. Retirou um disco de cifras da sua gaveta de cima. Era como o disco de um telefone, punha-se a letra a ser transportada, no topo de um deles, e depois rodava-se o outro para a letra indicada na página do bloco de transposição. Neste caso, ele estava a trabalhar no início da décima segunda linha da página 284. A referência seria incluída na primeira linha da transmissão, para que o destinatário soubesse como obter o texto descodificado a partir da algaraviada que fora transmitida.

Era um trabalho laborioso, apesar do uso do disco de cifras. Ele teria de pôr uma letra do texto descodificado, que escrevera no formulário da mensagem, e depois rodá-la até à letra na página impressa do bloco de cifras de uso único, para escrever cada resultado específico. Cada operação exigia que ele pousasse o lápis, rodasse o disco, pegasse de novo no lápis, verificasse os resultados (duas vezes, neste caso) e começasse de novo. Os funcionários de cifras que não faziam mais nada conseguiam trabalhar com as duas mãos, uma habilidade que Zaitzev ainda não adquirira. Era mais do que entediante, de modo algum o tipo de trabalho para alguém formado em Matemática. Como se estivesse a corrigir testes de ortografia na escola primária, resmungou Zaitzev para consigo. Levou-lhe mais de seis minutos até acertar. Teria demorado muito menos tempo se lhe tivessem permitido ter alguém para o ajudar naquele processo, mas isso teria ido contra as regras, e ali, as regras eram inabaláveis.

Um pouco mais tarde, com a tarefa concluída, teria de repetir tudo para se certificar de que não transmitira nenhuns erros, porque estes davam cabo de tudo

em ambos os lados do sistema e, assim, se os mesmos acontecessem, ele poderia atribuí-los aos operadores de teletipo, algo que, de qualquer modo, todos faziam. Mais quatro minutos e meio vieram confirmar que ele não cometera erros. Ótimo.

Zaitzev levantou-se e foi até ao outro lado da divisão, através da porta que dava para a sala de transmissões. O barulho que aí se ouvia era suficiente para dar com um homem em doido. Os teletipos eram de um modelo antigo. De facto, um deles fora roubado da Alemanha em 1930, e todos pareciam metralhadoras, embora sem os rebentamentos das cargas. Diante de cada máquina encontrava-se um datilógrafo fardado… eram todos homens, sentados e muito direitos como estátuas, com as mãos que pareciam coladas ao teclado em frente deles. Todos usavam proteção para os ouvidos, não fosse o ruído daquela sala atirá-los para um hospital psiquiátrico. Zaitzev levou o formulário da sua mensagem até ao supervisor, que pegou na folha sem dizer uma palavra (ele também usava proteção para os ouvidos) e a levou até ao datilógrafo sentado na mais distante fila de trás. Aí, o supervisor prendeu-a a uma prancheta sobre o teclado. No topo do formulário estava o identificador para o destinatário. O datilógrafo discou o número apropriado, depois esperou pelo som engasgado do teletipo no outro lado — este fora concebido para se poder ouvir através dos tampões para os ouvidos e também acendia uma luz amarela na máquina de teletipo. Em seguida, datilografou a algaraviada.

Como o conseguiam fazer sem enlouquecerem era algo que Zaitzev não percebia. A mente humana gostava de padrões e de elementos que fizessem sentido, mas datilografar TKALNNETPTN requeria uma atenção robótica ao pormenor e uma total negação da humanidade. Havia quem dissesse que os datilógrafos eram todos excelentes pianistas, porém, Zaitzev tinha a certeza de que isso não poderia ser verdade. Até mesmo a composição mais discordante para piano tinha *alguma* harmonia unificadora. Mas não uma cifra de uso único.

O datilógrafo levantou os olhos após alguns segundos.

— Transmissão completa, camarada.

Zaitzev acenou afirmativamente com a cabeça e foi até à secretária do supervisor.

— Se alguma coisa chegar, com este número de referência, traga-ma imediatamente.

— Sim, camarada major — retorquiu o supervisor, fazendo uma anotação na sua série de números «quentes».

Feito isso, Zaitzev voltou à sua secretária, onde a pilha de trabalho já tinha crescido e era apenas marginalmente menos anestesiante do que o dos robôs da sala vizinha. Talvez fosse por isso que algo lhe tinha começado a murmurar na cabeça: *aproximação física do papa… para quê?*

O despertador tocou faltava um quarto para as seis. Era uma hora terrível. No seu país, disse Ryan para si mesmo, era um quarto para a *uma*, mas não refletiu muito acerca disso. Puxou os cobertores para trás e levantou-se para cambalear até à casa de banho. Havia lá muitas coisas a que ele ainda tinha de se habituar. Os autoclismos funcionavam da mesma maneira, mas o lavatório… *Que diabo*, pensou Ryan, *seriam precisas duas torneiras para pôr água no lavatório, uma para a quente e outra para a fria?* Em casa punha-se a mão debaixo da maldita torneira, mas ali a água tinha de se misturar primeiro no lavatório e isso demorava mais tempo. A primeira olhadela ao espelho, de manhã, foi difícil. *Será que eu tenho mesmo este aspeto?*, continuava a pensar, enquanto regressava ao quarto para dar uma palmadinha no rabo da mulher.

— São horas, querida.

Ouviu-se um resmungo estranhamente feminino.

— Sim, eu sei.

— Queres que vá buscar o Jack pequeno?

— Deixa-o dormir — recomendou Cathy. Na noite anterior, o menino não estava com muito sono. De modo que não lhe apeteceria acordar agora.

— ’Tá bem. — Jack dirigiu-se à cozinha. A máquina de café só precisava que lhe carregassem no botão e ele era capaz de fazer isso. Mesmo antes de voarem para Londres, vira uma nova empresa americana, uma IPO. Vendia café da melhor qualidade e dado que, em relação ao café, Jack se comportara sempre como um snobe, investira cem mil dólares e arranjara algum do produto da empresa. Se bem que a Inglaterra fosse um ótimo país, não era um sítio que se visitasse pelo café. Pelo menos, ele poderia arranjar *Maxwell House* através da Força Aérea, e talvez a Starbucks lhe pudesse enviar algum do seu lote. Mais uma nota mental para fazer. Em seguida, pensou no que Cathy poderia cozinhar para o pequeno-almoço. Apesar de ser cirurgiã, via a cozinha como o domínio

dela. O marido podia fazer sandes e arranjar bebidas, mas só isso, o que agradava a Jack, para quem o fogão era uma terra incógnita. O que tinham ali era a gás, como o que a mãe dele usara, mas de uma marca diferente. Foi até à porta da rua, à espera de encontrar um jornal.

Estava lá. Ryan tinha subscrito o *Times*, para completar o *International Herald Tribune* que comprava na estação de comboio em Londres. Por fim, acendeu a televisão. Por estranho que pudesse parecer, havia uma versão inicial de televisão por cabo naquela subdivisão e, *mirabile dictu*, tinha o serviço de notícias da nova CNN americana, mesmo a tempo dele se informar dos resultados do beisebol. De modo que a Inglaterra, apesar de tudo, era civilizada. Os Orioles tinham ganho ao Cleveland na noite anterior, cinco a quatro em onze tempos. Os jogadores estavam, decerto, ainda na cama nesse momento, a restabelecerem-se das cervejas que, após o jogo, tinham emborcado no bar do hotel. Como era agradável pensar nisso. Tinham ainda mais oito horas de sono pela frente. Na próxima hora, a equipa da noite da CNN em Atlanta faria um resumo dos acontecimentos do dia anterior. Nada digno de nota. A economia estava um pouco tremida. O Dow Jones recuperara muito bem, mas a taxa de desemprego não o acompanhara, tal como os votos da classe operária. Bem, a democracia era isso. Ryan tinha de se lembrar que a sua visão da economia era provavelmente diferente da dos indivíduos que faziam o aço e montavam os *Chevys*. O seu pai fora membro de um sindicato, apesar de ser um tenente da polícia e fazer parte da gestão e não da mão de obra, e o seu pai votava nos Democratas na maior parte das vezes. Ryan não se registara em nenhum partido, optando por ser um independente. Limitava o correio não solicitado que recebia e, de qualquer modo, quem é que se interessava pelas primárias?

— Bom dia, Jack — disse Cathy ao entrar na cozinha com o seu robe cor-de-rosa. Estava um pouco velho, o que era surpreendente, dado que a sua mulher tinha sempre muito cuidado com o que vestia. Ele não perguntara, mas supunha que aquela peça de roupa talvez tivesse um significado sentimental para ela.

— Olá, querida. — Jack levantou-se para dar à mulher o primeiro beijo do dia, acompanhado por um abraço um pouco frouxo. — Queres o jornal?

— Não, vou lê-lo no comboio. — Ela abriu a porta do frigorífico, de onde tirou algumas coisas. Jack não olhou.

— Queres tomar café esta manhã?

— Sim, não tenho nada agendado. — Quando tinha cirurgias marcadas, Cathy não tocava no café, não fosse a cafeína provocar-lhe tremores nas mãos, o que não era recomendável quando se estava a operar um globo ocular. Não, nesse dia ia conhecer o professor Byrd. Bernie Katz conhecia-o e chamava-lhe amigo, o que pressagiava boas coisas. Para além disso, Cathy era uma excelente cirurgiã de oftalmologia e não tinha razão nenhuma para estar preocupada com um novo diretor e um novo hospital. Contudo, tais preocupações eram humanas, embora Cathy fosse demasiado machona para o dar a perceber. — Que te parece o *bacon* com ovos? — perguntou ela.

— Será que posso ingerir algum colesterol? — perguntou o marido, surpreendido.

— Uma vez por semana — retorquiu a senhora doutora Ryan, imperiosamente. No dia seguinte servir-lhe-ia papas de aveia.

— Parece-me bem, querida — respondeu Ryan, com algum prazer.

— Já sei que, de qualquer modo, no escritório irás comer qualquer coisa que não te faz bem.

— Eu?

— Sim, provavelmente um *croissant* com manteiga. Eles são feitos quase inteiramente com manteiga, não sei se sabes…

— Pão sem manteiga é como tomar um duche sem sabonete.

— Diz-me quando tiveres o teu primeiro ataque de coração.

— No meu último exame médico, o meu colesterol estava… como?

— A cento e cinquenta e dois — respondeu Cathy, com um bocejo de aborrecimento.

— E isso não é mau — persistiu o marido.

— É aceitável — admitiu ela. Mas o colesterol dela estava a cento e quarenta e seis.

— Obrigado, querida — disse-lhe Ryan, fixando-se na página oposta à do editorial do *Times*. As cartas ao editor eram positivas, naquele país, tal como a qualidade da escrita, nos vários jornais, era superior a tudo o que ele encontrara na imprensa americana. Bem, era ali que a língua fora inventada, pensou Ryan, por isso não seria de admirar. O estilo da frase era muitas vezes tão elegante como em poesia e, frequentemente, demasiado subtil para que os seus olhos americanos o apreciassem. Iria tornar-se mais sensível a isso com o passar do

tempo, pensou ele.

O som e o cheiro familiar do *bacon* a fritar em breve encheram a cozinha. O café, a que se juntava leite em vez de natas, era agradável e as notícias não eram do tipo que pudessem estragar o pequeno-almoço. Exceto pelo horário maldito, as coisas não eram assim tão más e, para além disso, a pior parte do despertar já passara.

— Cathy?

— Sim, Jack?

— Será que já te disse que te amo?

Ela pôs-se declaradamente a olhar para o relógio.

— Estás um bocado atrasado, mas vou atribuí-lo ao facto de ser ainda muito cedo.

— Como é que irá ser o teu dia, querida?

— Conhecer pessoas, ver como as coisas estão organizadas. Sobretudo encontrar-me com os meus enfermeiros. Espero ter bons profissionais.

— Isso é assim tão importante?

— Nada é tão prejudicial à cirurgia como um mau enfermeiro. Mas o pessoal no Hammersmith deve ser bastante bom e o Bernie diz que o professor Byrd é o melhor indivíduo que eles têm aqui. Ensina lá no hospital e em Moorefields. Ele e o Bernie já se conhecem há vinte anos. Ele esteve muitas vezes no Hopkins, mas, não sei porquê, nunca me encontrei com ele. Queres que vire os ovos um bocadinho?

— Se não te importas…

Em seguida ouviu-se o som de ovos a serem partidos. Tal como Jack, Cathy acreditava numa boa frigideira de ferro forjado. Talvez fossem mais difíceis de lavar, mas os ovos sabiam muito melhor. Por fim, ouviu-se a torradeira a ser acionada.

A página dos desportos era ali chamada «desporto» (no singular) e informava Jack acerca de tudo o que ele alguma vez precisaria de saber sobre o futebol, o que não era muito.

— Que resultado tiveram os Yankees ontem à noite? — perguntou Cathy.

— Que é que isso interessa? — ripostou o marido. Ele crescera com Brooks Robinson, Milt Pappas e com os Orioles. A mulher dele era uma fã dos Yankees, o que complicava as coisas no casamento. É claro que Mickey Mantel fora um

bom jogador de bola (talvez até tivesse gostado muito da sua mãe), mas jogava para os Yankees, o que para Jack o arrumava. Ryan levantou-se, arranjou o café para a mulher e deu-lho com um beijo.

— Obrigada, querido. — Cathy trouxe o pequeno-almoço ao marido.

Os ovos pareciam um pouco diferentes, como se as galinhas tivessem comido milho-rei para os fazer de um amarelo-vivo. Mas eram muito saborosos. Após cinco minutos de satisfação, Ryan foi tomar duche para que a mulher não tivesse de esperar muito para o fazer.

Dez minutos depois, estava a escolher uma camisa de algodão branca, uma gravata às riscas e um clipe de gravata do Corpo de Fuzileiros Navais. Às seis e quarenta ouviu-se alguém a bater à porta.

— Bom dia. — Era Margaret van der Beek, a ama/governanta. Ela vivia a cerca de dois quilómetros e vinha até ali de carro. Recomendada por uma agência aprovada pelo Serviço Secreto Britânico, nascera na África do Sul, filha de um pastor protestante, era magra, bonita e, aparentemente, muito simpática. Trazia uma grande mala de senhora. Tinha um cabelo ruivo da cor do napalm, o que dava a entender que deveria descender de irlandeses, mas era estritamente sul-africana e holandesa. O sotaque dela era diferente de muitos dos habitantes locais, contudo agradável aos ouvidos de Jack.

— Bom dia, Miss Margaret — disse ele, convidando-a a entrar. — As crianças ainda estão a dormir, mas espero que acordem a qualquer momento.

— O Jack pequeno dorme bem para cinco meses.

— Talvez seja ainda o *jet lag* — refletiu Ryan em voz alta, embora Cathy tivesse dito que os bebés não eram afetados pelo mesmo. Jack não ficara lá muito convencido. De qualquer modo, o sacaninha (Cathy não gostava nada quando o marido se referia a ele desse modo) só adormecera depois das dez e meia, na noite anterior. Isso era mais cansativo para Cathy do que para Jack. Ele conseguia dormir com barulho; ela não.

— São quase horas, querida — alertou Jack.

— Já sei… — ripostou ela. Em seguida apareceu com o filho ao colo e com Sally atrás dela, com um pijama com coelhinhos estampados.

— Olá, minha menina. — Ryan pegou na filha para lhe dar um abraço e um beijo.

Sally sorriu para ele e agradeceu-lhe com um abraço muito apertado. Como as

crianças conseguiam acordar de tão bom humor era um mistério perverso para ele. Talvez fosse um forte sentido de ligação, para se certificarem de que os pais tomavam conta delas, como quando tinham sorrisos para a mãe e para o pai, quase desde o primeiro momento. Os bebés eram criaturinhas muito espertas.

— Jack, põe o biberão ao lume — disse Cathy, dirigindo-se a uma mesa para mudar o bebé.

— Mensagem recebida, doutora — respondeu devidamente o analista de informação, indo para a cozinha em busca de uma beberagem que ele misturara na noite anterior… esse *era* trabalho de homem, segundo Cathy lhe tornara claro durante os primeiros meses de Sally, tal como rearranjar a mobília ou levar o lixo para a rua, as tarefas caseiras para as quais os homens estavam geneticamente preparados.

Era como limpar uma espingarda para um soldado: desaparafusar a tampa, inverter a tetina, pôr o biberão num tacho com oito a dez centímetros de água, ligar o fogão e esperar alguns minutos.

No entanto, essa iria ser a tarefa de Miss Margaret. Jack viu o táxi pela janela a entrar na área de estacionamento.

— O carro já chegou, querida.

— Está bem — foi a resposta resignada. Cathy não gostava de abandonar os filhos para ir para o trabalho. Bem, talvez nenhuma mãe gostasse. Jack observou-a a dirigir-se para a casa de banho das visitas, para lavar as mãos. Depois saiu, para vestir o casaco de fazenda que condizia com o seu traje cinzento, que incluía uns sapatos rasos de tecido da mesma cor. Queria dar uma primeira boa impressão. Um beijo da Sally e outro do bebé e dirigiu-se para a porta que Jack já abrira para ela.

O táxi era um vulgar *Land Rover* com um espaçoso interior. Apenas Londres exigia o clássico táxi inglês com a devida sinalização, embora alguns dos mais antigos se tivessem instalado no interior. Ryan arranjara a sua vinda todas as manhãs no dia anterior. O motorista era um tal Edward Beaverton, que lhe pareceu levar um preço muito barato para alguém que tinha de trabalhar antes das sete.

— Olá — disse Jack. — Ed, esta é a minha mulher, a Doutora Ryan.

— Bom dia, minha senhora — retorquiu o motorista. — Segundo sei, a senhora é cirurgiã.

— Pois sou, de oftalmologia…

O marido dela interrompeu-a.

— Ela corta globos oculares para os coser em seguida. Deveria ver, Ed. É fascinante observar como ela o faz.

O motorista encolheu os ombros.

— Agradeço-lhe, mas prefiro não ver.

— O Jack só o diz para tentar pôr as pessoas a vomitar — explicou Cathy ao motorista. — Para além disso, ele é demasiado cobarde para ver uma cirurgia.

— E muito adequadamente, minha senhora. É muito melhor causar cirurgias do que presenciá-las.

— Desculpe…

— É um ex-fuzileiro naval?

— Pois sou, e você?

— Estive no Regimento de Paraquedas. Foi isso que nos ensinaram: é melhor ferirmos um outro fulano do que ficarmos feridos.

— A maioria dos fuzileiros concordaria com isso, meu amigo — concordou Ryan, com uma gargalhada.

— Não foi isso que nos ensinaram no Hopkins — ripostou Cathy.

Era uma hora mais tarde em Roma. O coronel Goderenko, titularmente o segundo secretário da Embaixada Soviética, tinha cerca de duas horas por dia para deveres diplomáticos, mas muito do seu tempo era ocupado pelo trabalho como *rezident*, ou chefe de posto, para o KGB. Era um local com muito movimento. Roma era um dos grandes pontos de informação para a NATO, uma cidade onde se poderia obter todo o tipo de informação política e militar, e isso era a sua maior preocupação profissional. Ele e os seus seis oficiais, a tempo parcial e a tempo inteiro, estavam encarregados de um total de vinte e três agentes, cidadãos italianos (um deles era alemão) que forneciam informação à União Soviética por questões políticas e pecuniárias. Teria sido melhor para ele se a motivação deles fosse sobretudo ideológica, mas isso estava a tornar-se rapidamente uma coisa do passado. A *rezidentura* em Bona tinha uma melhor atmosfera para se trabalhar. Os alemães eram alemães, e muitos deles poderiam ser persuadidos de que ajudar os que falavam a mesma língua na RDA era preferível a trabalhar com americanos, britânicos ou franceses que se intitulavam

aliados da pátria. Para Goderenko e para os seus compatriotas, os alemães nunca seriam aliados, fosse qual fosse a política que eles afirmassem ter, embora a camuflagem do marxismo-leninismo pudesse por vezes ser um disfarce útil.

Em Itália, as coisas eram diferentes. A memória persistente de Benito Mussolini estava agora muito mais esbatida e os habitantes locais que acreditavam verdadeiramente no comunismo estavam mais interessados em vinho e em massa do que no marxismo revolucionário, exceto no que dizia respeito aos bandidos das Brigadas Vermelhas. Estes eram mais desordeiros e perigosos do que quaisquer outros indivíduos de ação confiáveis. Eram diletantes ferozes mais do que qualquer outra coisa, se bem que não sem a sua utilidade. Ocasionalmente, controlava as suas viagens à Rússia onde estudavam teoria política e, mais especificamente, aprendiam táticas de combate, que, pelo menos, se prestavam a algum uso tático.

Em cima da secretária tinha uma série de despachos que tinham chegado durante a noite, no topo dos quais havia uma mensagem sensível do Centro de Moscovo. O cabeçalho dizia-lhe que era importante e indicava-lhe o livro de cifras: 115890. Este estava no cofre do escritório, no armário por detrás da sua secretária. Teve de girar a sua cadeira rotativa e quase ajoelhar-se no chão para discar a combinação para abrir a porta, após ter desativado o alarme que estava ligado ao disco. Essa tarefa demorou alguns segundos. Em cima do livro estava o seu disco de cifras. Goderenko odiava, cordialmente, usar cifras de uso único, mas estas eram parte da sua vida, tal como usar a sanita. Desagradável, mas necessário. A desencriptação do despacho demorou-lhe dez minutos. Só depois de feita é que ele pôde ler a mensagem. *Do próprio chefe?*, pensou ele. Tal como qualquer oficial governamental de nível médio do outro lado do mundo, era como ser chamado ao escritório do diretor da escola.

O papa? Por que porra é que o Yuriy Vladimirovitch se interessa assim tanto em aproximar-se do papa? Depois pensou durante alguns segundos. *Oh, é claro. Não é acerca do chefe da Igreja Católica. É acerca da Polónia. Podemos tirar um polaco da Polónia, mas não poderemos tirar a Polónia de um polaco. Trata-se de uma coisa política*. Isso tornava a mensagem importante.

Mas esta não agradava a Goderenko.

«VERIFICAR E COMUNICAR MEIOS DE APROXIMAÇÃO FÍSICA AO PAPA», voltou a ler. Na linguagem profissional do KGB, isso só poderia querer

dizer uma coisa.

Matar o papa?, cogitou Goderenko. Isso seria um desastre político. Católica como era a Itália, os italianos não eram um povo conspicuamente religioso. *La dolce vita* era, na verdade, a religião do país. Os italianos eram o povo mais profundamente desorganizado do mundo. Como é que eles tinham sido aliados dos hitlerianos era algo que não caberia na cabeça de ninguém. Para os alemães, tudo devia estar *in Ordenung*, devidamente arranjado, limpo e pronto a ser usado em qualquer altura. A única coisa que os italianos mantinham em ordem eram as suas cozinhas e talvez as suas adegas. Para um russo, vir para Roma era um choque cultural, semelhante a ser trespassado por uma baioneta no peito. Os italianos não tinham qualquer sentido de disciplina. Bastava observar o tráfego para nos darmos conta, e guiar nele era semelhante a pilotar um avião de combate.

Mas os italianos tinham todos nascido com um sentimento de estilo e de propriedade. Havia certas coisas que não se podiam fazer aqui. Tinham um sentido de beleza difícil de criticar, e violar esse código poderia trazer sérias consequências. Poderia comprometer as suas fontes de inteligência. Mercenários ou não… Nem mesmo os mercenários trabalhariam contra a sua própria religião, certo? Todos os homens têm alguns escrúpulos, até mesmo — não, corrigiu-se, *especialmente* — aqui. Portanto, as consequências políticas de algo como esta missão poderiam influenciar de forma adversa a produtividade da sua *rezidentura* e ter sérios impactos no recrutamento.

Então, que diabos faço agora?, perguntou-se a si mesmo. Sendo coronel sénior da Primeira Direção-Geral do KGB e um *rezident* de grande sucesso, ele tinha um certo grau de flexibilidade nas suas ações. Era também membro de uma grande burocracia, e a coisa mais fácil seria fazer o que todos os burocratas fazem: iria atrasar, ofuscar e obstruir.

Isso exigia um certo grau de habilidade, mas Ruslan Borissovitch Goderenko sabia tudo o que era preciso saber.

CAPÍTULO 6

MAS SEM SE APROXIMAREM MUITO

As coisas novas eram sempre interessantes e isso também se aplicava aos cirurgiões. Enquanto Ryan lia o jornal, Cathy olhava pela janela do comboio. Era outro dia de sol, com o céu tão azul como os belos olhos da sua mulher. No que dizia respeito à maior parte, Jack tinha o caminho bastante bem memorizado e o aborrecimento dava-lhe sempre sono. Encostou-se a um canto do assento e deu-se conta de que as suas pálpebras se tornavam mais pesadas.

— Jack, vais dormir? E se perdermos a paragem?

— Trata-se de um terminal — explicou o marido. — O comboio não para lá, *termina* lá. Para além disso, nunca devemos ficar de pé quando nos podemos sentar e nunca nos devemos sentar quando nos podemos deitar.

— Quem é que te disse uma coisa dessas?

— O meu sargento — respondeu Jack, com os olhos fechados.

— Quem?

— O meu sargento-ajudante Philip Tate, do Corpo dos Fuzileiros Navais. Ele estava encarregado do meu pelotão até eu ter sido morto naquele desastre de helicóptero, também se encarregou disso quando me vim embora, suponho. — Ryan ainda lhe enviava postais de Natal. Será que Tate fizera um mau trabalho? Esse «ter sido morto» poderia não ter tido a piada frouxa que ele pretendia. Tate e um médico especialista de segunda classe do Exército, chamado Michael Burns, tinham estabilizado as costas de Ryan, pelo menos tinham impedido que ele ficasse com uma deficiência permanente. Burns também recebia um postal pelo Natal.

A cerca de dez minutos de Victoria Station, Ryan esfregou os olhos e sentou-se direito.

— Bem-vindo a este mundo — observou Cathy, secamente.

— Estarás a fazer o mesmo a meio da próxima semana.

Ela ripostou:

— Para um ex-fuzileiro, és mesmo preguiçoso.

— Querida, se não há nada para fazer, poderemos usar o tempo

produtivamente.

— É o que eu faço. — Ela levantou um exemplar da revista *The Lancet*.

— E que tens estado a ler?

— Tu não ias perceber — respondeu ela. Era verdade. Os conhecimentos de Ryan sobre biologia limitavam-se à rã que dissecara e desmembrara no secundário. Cathy também o fizera, mas, se calhar, conseguira montá-la de volta e vê-la saltar para a sua folha de nenúfar. Ela também podia dar cartas como um crupiê em Las Vegas, um talento que deixava sempre o marido fascinado cada vez que ela lho demonstrava. Mas Cathy não valia nada com uma pistola, o que acontecia a muitos médicos, e, naquele país, as pistolas eram vistas como objetos sujos mesmo pelos polícias, onde apenas uma minoria as poderia usar. Que país mais esquisito.

— Como é que vou agora para o hospital? — perguntou Cathy, quando o comboio começou a parar.

— Apanha um táxi da primeira vez. Também podes apanhar o metro — sugeriu Jack. — É uma cidade nova. Demora tempo até que nos consigamos orientar.

— Como é esta vizinhança? — perguntou ela. Isso devia-se ao facto de ter crescido em Nova Iorque e de ter trabalhado no centro da cidade de Baltimore, onde tinha de manter sempre os olhos bem abertos.

— Bastante melhor do que em torno do Hopkins. Não irás ver muitos traumas provocados por tiros nas emergências. E as pessoas são muito simpáticas. Quando descobrirem que és americana vão desfazer-se em atenções.

— Bem, eles foram muito simpáticos connosco ontem na mercearia — ripostou Cathy. — Mas, como sabes, não têm sumo de uva.

— Meu Deus, não são nada civilizados! — exclamou Jack. — Então arranja uma das cervejas locais para a Sally.

— Não sejas parvo! A Sally gosta de sumo de uva, lembra-te, e de sumo de cereja com vitamina C. Tudo o que eles têm aqui é sumo de amora. Tive medo de o comprar.

— Sim e ela também vai escrever com uma ortografia esquisita. — Jack não estava preocupado com a pequena Sally. As crianças eram criaturas extremamente adaptáveis. Talvez ela viesse a aprender as regras do críquete. Caso isso acontecesse, teria de explicar ao pai aquele jogo incompreensível.

— Meu Deus, *toda a gente* aqui fuma — observou Cathy, quando chegaram a Victoria Station.

— Querida, pensa nisso como uma fonte futura de rendimento para todos os médicos.

— É uma maneira terrível e *estúpida* de se morrer.

— Pois, querida. — Sempre que Jack fumava um cigarro, havia uma grande discussão em sua casa. Mais uma desvantagem de se estar casado com uma médica. Ela tinha razão, é claro, e Jack sabia-o, mas todos tinham direito a pelo menos um vício. Exceto Cathy. Se ela tivesse um, deveria escondê-lo muito bem. O comboio parou, permitindo-lhes porem-se de pé e abrirem a porta do compartimento.

Chegaram à hora da confusão dos empregados de escritório. *É mesmo como o terminal da Grand Central em Nova Iorque*, considerou Jack. Londres tinha muitas estações, espalhadas como os tentáculos de um polvo. A plataforma era agradavelmente larga e a multidão muito mais cortês do que a de Nova Iorque. A hora de ponta era a mesma coisa em todo o lado, mas a cidade inglesa tinha uma pátina de aristocracia de que era difícil não gostar. Até Cathy em breve a admiraria. Ryan foi com a mulher até ao exterior, onde uma fila de táxis já se encontrava à espera. Levou-a até ao primeiro.

— Para o hospital de Hammersmith — disse ele ao motorista. Em seguida, despediu-se da mulher com um beijo.

— Até logo à noite, Jack. — Ela tinha sempre um sorriso para ele.

— Oxalá tenhas um bom dia, querida. — E Ryan dirigiu-se até ao outro lado do edifício. Parte dele detestava o facto de Cathy ter de trabalhar. A mãe dele nunca tivera de o fazer. O seu pai, como todos os homens da sua geração, sabia que era o dever do homem pôr comida na mesa. Emmet Ryan teria gostado que o filho se tivesse casado com uma médica, mas a atitude chauvinista dele acerca do papel da mulher tinha, de um modo ou de outro, passado para o filho, apesar de Cathy ganhar muito mais dinheiro do que Jack, talvez por os oftalmologistas serem mais valorizados na sociedade do que os analistas de informação. Ou então, para todos os efeitos, era o que pensava o mercado. Bem, ela não poderia fazer o que ele fazia e vice-versa, era tudo.

Na Century House, o segurança fardado reconheceu-o com um gesto de mão e um sorriso.

— Bom dia, Sir John.

— Olá, Bert. — Ryan colocou o cartão na ranhura. A luz ficou verde e Jack passou pelo posto de controlo. Daí, eram apenas alguns passos até ao elevador.

Simon Harding também estava a chegar e ouviu-se o cumprimento do costume.

— Bom dia, Jack.

— Olá — resmungou Jack como resposta, a caminho da sua secretária. Havia um envelope de papel manila à espera dele. O quadrado de papel autocolante dizia que fora enviado da Embaixada dos EUA, em Grovesnor Square. Abriu-o logo para ver se era o relatório de Hopkins acerca de Mikhail Suslov. Jack folheou as páginas e viu algo de que se tinha esquecido. Bernie Katz, que era um médico muito escrupuloso, avaliara a diabetes de Suslov como perigosamente avançada e previra que a sua longevidade iria ser limitada.

— Ora aqui está, Simon. Diz aqui que o chefe comunista está mais doente do que possa parecer.

— É pena — ironizou ele, enquanto mexia no cachimbo. — Ele não é um tipo muito agradável, não sei se sabe.

— Já ouvi dizer…

A seguir, no amontoado de papéis de Ryan estavam os das informações da manhã, etiquetados com a palavra SECRETO, o que queria dizer que os conteúdos poderiam não aparecer nos jornais durante um dia ou dois. Mesmo assim eram interessantes, porque os documentos anotavam as fontes, o que, por sua vez, indicava se a informação era boa ou não. Por estranho que pudesse parecer, nem todos os dados recebidos pelos serviços de informação eram muito fiáveis. Muitos deles poderiam ser classificados como coscuvilhice, porque até mesmo as pessoas importantes nos corredores do governo se entregavam a isso. Eram filhos da puta ciumentos e capazes de apunhalarem pelas costas, como quaisquer uns. Especialmente em Washington. Mas não seriam talvez ainda mais em Moscovo? Foi perguntar a Harding.

— Oh, sim, sem dúvida. A sociedade deles depende muito do estatuto e apunhalar pelas costas poderá ser… bem, Jack, poderá ser o desporto nacional deles. Quero dizer, também o temos aqui, é claro, mas lá poderá atingir proporções verdadeiramente agressivas. Tal como seria numa corte medieval, imagino, pessoas a tentarem aceder às melhores posições todo o santo dia. As

lutas internas dentro das suas grandes burocracias devem ser horríveis.

— E como é que isso afeta este tipo de informação?

— Por vezes penso que deveria ter lido umas coisas de psicologia em Oxford. Temos no nosso pessoal alguns psiquiatras, tal como vocês devem ter em Langley.

— Oh, sim, conheço uns quantos, alguns na minha direção, mas também outros em Ciência e Tecnologia. Não somos assim tão bons nisso como deveríamos ser.

— Como assim, Jack?

Ryan distendeu mais os músculos na cadeira.

— Há coisa de dois meses, estive a falar com um dos colegas da Cathy no Hopkins, o nome dele é Solomon, um neuropsiquiatra. Teria de conhecer o Sol. Ele é muito esperto, inclusivamente é diretor de um departamento. Ele não acredita muito na ideia de pôr os pacientes no divã e falar com eles. Está convencido de que a maior parte das doenças mentais se devem a desequilíbrios químicos no cérebro. Quase se iam vendo livres dele por causa disso, mas, vinte anos mais tarde, deram-se conta de que ele tinha razão. De qualquer modo, o Sol disse-me que a maior parte dos políticos são como estrelas de cinema. Rodeiam-se de bajuladores, de gente que lhes está sempre a dizer que sim, e de outros que lhes estão sempre a murmurar merdas bonitas ao ouvido, e muitos deles começam a acreditar nisso, porque *querem* acreditar. É tudo um grande jogo para eles, mas um em que tudo é processo e quase porra nenhuma é produto. Não são como pessoas verdadeiras. Não fazem qualquer trabalho real, mas parecem fazê-lo. Há uma fala em *Tempestade sobre Washington*: «Washington é uma cidade onde se lida com as pessoas não como elas são mas como elas dizem que são.» Ora, se isso se aplica a Washington, imagine como se deverá aplicar a Moscovo. Lá, *tudo* é política. É tudo símbolos, não é verdade? De modo que as lutas internas e as facadas pelas costas devem aí atingir grandes proporções. Creio que isso nos deverá afetar em dois aspetos. Em primeiro lugar, significa que os dados que recebemos estão completamente lixados, porque as fontes dos mesmos ou não conhecem a realidade, nem mesmo quando salta em cima deles e lhes morde o rabo, ou porque distorcem os dados para os seus próprios propósitos, à medida que os vão processando e passando… seja tal feito de um modo consciente ou inconsciente. Em segundo lugar, significa que até mesmo as pessoas do outro

lado, que necessitam dos dados, não sabem distinguir os bons dos maus. De modo que, mesmo se nós pudermos determiná-lo, não conseguimos prever o que querem dizer, porque eles não conseguem decidir por si mesmos que diabo fazer com eles… *mesmo se* souberem que diabo é, em primeiro lugar. Aqui temos de analisar informação defeituosa que será provavelmente implementada de um modo incorreto pelas pessoas a quem se destina. Assim sendo, como é que poderemos prever o que eles irão fazer, quando eles próprios não sabem qual a medida correta a tomar?

Isso valeu-lhe um sorriso irónico junto ao bocal do cachimbo.

— Muito bem, Jack. Já vejo que começa a perceber. Muito pouco do que fazem possui qualquer espécie de sentido, de um ponto de vista objetivo. No entanto, não é assim tão difícil prever o comportamento deles. Decidimos primeiro como deverá ser a ação mais inteligente e depois invertemo-la. Funciona sempre. — Harding riu-se.

— Mas a outra coisa que o Sol disse, e que me preocupa, é que pessoas como essas, que têm o poder nas mãos, podem ser perigosos filhos da mãe. Não sabem quando parar, nem como usar o poder deles inteligentemente. Acho que foi assim que as coisas no Afeganistão começaram.

— Pois. — Simon assentiu seriamente com a cabeça. — Eles estão cativos das suas próprias ilusões ideológicas, e não conseguem sair delas. E o problema é que controlam muito poder.

— Algo me falta nesta equação — disse Ryan.

— E a todos nós, Jack. Isso faz parte do trabalho.

Era altura para mudar de assunto:

— Algo de novo acerca do papa?

— Ainda não temos nada. Se o Basil tem qualquer coisa, deverei sabê-lo antes do almoço. Está preocupado com isso?

Jack anuiu sobriamente com a cabeça.

— Sim, o problema é: se virmos uma ameaça real, que fazemos acerca dela? Não é como se pudéssemos pôr uma companhia de fuzileiros em volta dele, pois não? Sujeito como ele está… Quero dizer, ele está em público tantas vezes que não o conseguiremos proteger.

— E pessoas como ele não evitam o perigo, pois não?

— Ainda me lembro quando o Martin Luther King foi assassinado. Meu Deus,

ele sabia… *deveria* tê-lo sabido… havia pistolas que tinham o nome dele escrito. Mas ele nunca desistiu. Não fazia parte da sua ética fugir e esconder-se. Não será muito diferente em Roma, meu amigo, nem em outro lado para onde ele possa ir.

— É mais difícil acertar em alvos em movimento — observou Simon, sem grande entusiasmo.

— Não quando se sabe para onde é que ele vai, com um mês ou dois de antecedência. Se o KGB decidir eliminar este fulano não estou a ver que porra possamos fazer.

— A não ser talvez avisá-lo.

— Pois. Para ele se poder rir acerca do assunto. Era homem para o fazer, não sei se sabe. Durante os últimos quarenta anos teve de aturar os nazis e os comunistas. Que mais poderá haver que o assuste? — Ryan fez uma pausa. — Se eles decidirem fazê-lo, quem é que carrega no botão?

— Penso que se trata de uma coisa que terá de ser votada pelo Politburo em sessão plenária. As implicações políticas são demasiado grandes para que seja apenas um membro, não importa a antiguidade que possa ter, a decidir uma coisa destas por si mesmo, e lembre-se do modo como eles são colegiais… Ninguém faz nada sozinho, nem mesmo o Andropov que, nesse grupo, é o que tem uma mentalidade mais independente.

— Pois bem. Então, de que estamos a falar? Quinze fulanos que têm de votar no assunto? Quinze bocas, mais o resto do pessoal e membros da família com quem falarem acerca do assunto? Será que as nossas fontes são mesmo boas? Será que iremos ouvir alguma coisa acerca disso?

— É uma questão sensível, Jack. Receio não poder responder a essa pergunta.

— Não pode mesmo, ou não tem permissão para o fazer? — perguntou Jack, de chofre.

— Sim, Jack, temos fontes que eu conheço mas que não posso discutir consigo. — Na verdade, Harding pareceu embaraçado ao dizê-lo.

— Percebo muito bem, Simon. — Jack também tinha algumas dessas fontes. Por exemplo, ele não poderia sequer mencionar ali as palavras BURACO DA FECHADURA TALENTOSO, fontes às quais ele tinha acesso mas que estavam marcadas «No-Forn», ou seja, que não poderiam ser mencionadas a um estrangeiro, ainda que Simon e decerto Sir Basil soubessem bastante acerca disso. Era tão perverso… pois negava informação a pessoas que poderiam fazer

bom uso dela. *Se Wall Street agisse dessa maneira, toda a América estaria abaixo do limiar da pobreza,* resmungou Jack consigo mesmo. Ou as pessoas eram confiáveis ou não eram. Mas o jogo tinha as suas regras, e Ryan seguia-as. Era esse o custo de admissão naquele clube particular.

— Isto é ótimo material — disse Harding, folheando a informação reunida por Bernie Katz até à página três.

— O Bernie é um homem inteligente — confirmou Ryan. — É por isso que a Cathy gosta de trabalhar para ele.

— Mas ele é um médico oftalmologista e não um psiquiatra, não é verdade?

— Simon, ao nível da medicina, todos são um pouco de tudo. Perguntei à Cathy. A retinopatia diabética que o Suslov tinha é indicativa de um problema maior. A diabetes interfere um pouco com os pequenos vasos sanguíneos na parte de trás do globo ocular, e estes podem ser vistos quando se faz um exame. O Bernie e a sua equipa remediaram-no em parte (não se consegue curar por completo) e restituíram-lhe cerca de setenta e cinco a oitenta por cento da visão. De qualquer modo, o suficiente para ele poder guiar um automóvel à luz do dia. No entanto, o problema de saúde subjacente não é brincadeira. Não se trata apenas dos pequenos vasos sanguíneos nos olhos. Ele tem esse problema pelo corpo todo. Acho que o *Miguelzinho Vermelho* irá morrer de insuficiência renal ou de uma doença de coração nos próximos dois anos, no máximo.

— Os nossos colegas pensam que ele ainda tem mais ou menos cinco anos — observou Harding.

— Bem, eu não sou médico. Pode arranjar-se alguém que fale com o Bernie, se estiver interessado, mas está tudo aí. A Cathy disse-me que podemos saber bastante acerca da diabetes só de olhar para o globo ocular.

— Será que o Suslov o sabe?

Ryan encolheu os ombros.

— É uma boa pergunta, Simon. Os médicos nem sempre dizem tudo aos seus doentes e, lá, talvez ainda menos. Creio que o Suslov está a ser tratado por um médico de grande estatuto profissional da confiança política deles. Aqui significaria um especialista de renome que sabe mesmo o que está a fazer. Lá…?

Harding assentiu com um aceno de cabeça.

— Pois. Ele pode saber mais acerca de Lenine do que de Pasteur. Já alguma vez ouviu falar do Sergey Korolev, o diretor e desenhador de foguetões deles?

Esse foi um incidente bastante desagradável. O pobre diabo foi essencialmente assassinado enquanto estava a ser operado, porque dois cirurgiões de renome não gostavam um do outro e um deles não desculpou o outro quando o barco começou a meter água. Provavelmente, foi bom para o Ocidente, mas era um excelente engenheiro e foi morto por incompetência médica.

— Alguém pagou por isso? — inquiriu Ryan.

— Oh, não. Tinham ambos uma grande relevância política e muitos patronos em postos de chefia. Estão seguros até matarem um dos seus amigos e isso não irá acontecer. Tenho a certeza de que ambos têm gente nova do lado deles capazes de os protegeram.

— Sabe o que faz falta na Rússia? Advogados. Não gosto de advogados do cambão, mas, pelo menos, mantêm as pessoas bem alerta.

— De qualquer modo, não. O Suslov talvez não esteja ao corrente da gravidade da sua doença. Pelo menos, é isso que os nossos médicos que consultámos pensam. Ele ainda bebe vodca, de acordo com os relatórios de informação, o que não é nada aconselhável. — Harding fez uma careta. — E ele irá ser substituído pelo Alexandrov, que é um fulano tão desagradável como o seu mentor. Tenho de atualizar o ficheiro dele. — Simon tomou nota.

Quanto a Ryan, voltou às páginas informativas dessa manhã, antes de começar com o seu projeto oficial. Greer queria que Ryan começasse a trabalhar num estudo sobre práticas de gestão na indústria soviética do armamento, para ver como, e se, esse segmento da economia soviética funcionava. Ryan e Harding cooperariam nesse estudo, que iria usar dados americanos e ingleses. Era algo que se encaixava na formação académica de Ryan. Até poderia fazer com que, nos níveis superiores, reparassem nele.

A mensagem de resposta chegou às 11:32. *Trabalham rápido em Roma,* pensou Zaitzev, ao começar a desencriptação. Iria chamar o coronel Rojdestvenskiy assim que a tivesse completado, mas isso ainda iria demorar algum tempo. O capitão olhou para o relógio de parede. Tal atividade também lhe iria atrasar o almoço, mas a prioridade condenava-o a alguns ruídos estomacais. As únicas notícias boas eram que o coronel Goderenko começara a sua sequência de codificação no topo da página 285.

ULTRASSECRETO

IMEDIATO E URGENTE
DE: *REZIDENT* DE ROMA
PARA: ESCRITÓRIO DO DIRETOR, CENTRO DE MOSCOVO
REFERÊNCIA: DESPACHO OP 15-8-82-666
APROXIMARMO-NOS DO PADRE NÃO SERÁ DIFÍCIL SEM RESTRIÇÕES DE TEMPO FIXO. ACONSELHAMENTO SERÁ PRECISO PARA UMA AVALIAÇÃO COMPLETA DO SEU PEDIDO. O PADRE PARTICIPA EM APARECIMENTOS E AUDIÊNCIAS EM PÚBLICO QUE SÃO CONHECIDOS COM MUITA ANTECEDÊNCIA. FAZER USO DESTA OPORTUNIDADE NÃO SERÁ FÁCIL, REPITO NÃO SERÁ FÁCIL, DADAS AS GRANDES MULTIDÕES PRESENTES NAS FUNÇÕES. PLANOS DE SEGURANÇA DIFÍCEIS DE AVALIAR SEM MAIS ACONSELHAMENTO. NÃO SE RECOMENDA AÇÃO FÍSICA A SER TOMADA CONTRA PADRE DEVIDO A CONSEQUÊNCIAS POLÍTICAS ADVERSAS. DIFÍCIL ESCONDER ORIGEM DE UMA OPERAÇÃO CONTRA O PADRE.
FIM.

Pois bem, pensou Zaitzev, *o* rezident *não gostava muito da ideia*. Será que Yuriy Vladimirovitch iria dar ouvidos a essa recomendação vinda do terreno? Isso, sabia Zaitzev, estava muito acima da sua folha de pagamento. Pegou no telefone e discou.

— Coronel Rojdestvenskiy — respondeu uma voz brusca.

— Fala o major Zaitzev, da Central de Comunicações. Tenho uma resposta para o seu seis-seis-seis, camarada coronel.

— Vou já a caminho — respondeu Rojdestvenskiy.

O coronel era tão fiável quanto a sua palavra, passando pelo posto de controlo três minutos mais tarde. Por essa altura, Zaitzev já pusera o livro de cifras no arquivo central e colocara o formulário da mensagem, juntamente com a sua tradução, num envelope castanho que entregou ao coronel.

— Já alguém leu isto?

— Claro que não, camarada.

— Muito bem. — O coronel Rojdestvenskiy afastou-se, sem dizer mais nada. Por seu lado, Zaitzev levantou-se da sua secretária e dirigiu-se para a cantina,

para almoçar. A comida era a melhor razão para se trabalhar no Centro.

Do que ele não se conseguia esquecer, quando parou junto ao lavatório para lavar as mãos, era da sequência da mensagem. Yuriy Andropov queria matar o papa, e o *rezident* em Roma não gostava da ideia. Zaitzev não deveria ter qualquer opinião a esse respeito. Ele era apenas parte do sistema de comunicações. Raramente ocorria à hierarquia do Comité para a Segurança do Estado que o seu pessoal tivesse cérebro…

… e até consciência…

Zaitzev pôs-se na fila e retirou o tabuleiro de metal e os talheres. Decidiu-se pelo guisado de vaca e por quatro fatias grossas de pão, com um grande copo de chá. O caixa pediu-lhe cinquenta e cinco copeques. Os seus colegas da hora do almoço já lá tinham estado e já se tinham ido embora, de modo que acabou por se sentar a um canto de uma mesa cheia de gente que não conhecia. Estavam a falar de futebol, mas, em vez de entrar na conversa, abandonou-se aos seus pensamentos. O guisado era muito saboroso, tal como o pão acabado de sair do forno. Praticamente a única coisa que ali não tinham era talheres adequados, ao contrário do que sucedia nas casas de jantar privadas dos andares mais acima. Em vez disso, usavam uns utensílios muito leves feitos de zinco e alumínio, tal como todos os outros cidadãos soviéticos. Funcionavam bem, mas, como eram tão leves, pareciam estranhos quando se pegava neles.

Então, pensou ele, *eu tinha razão*. *O diretor está a pensar assassinar o papa*. Zaitzev não era um homem religioso. Não entrara numa igreja durante toda a sua vida, exceto naqueles grandes edifícios convertidos em museus desde a Revolução. Tudo o que ele sabia acerca de religião era a propaganda dispensada por rotina na educação pública da União Soviética. E, no entanto, algumas das crianças que ele conhecera na escola tinham-lhe dito que acreditavam em Deus, mas ele não as denunciara, pois fazê-lo não estava na sua natureza. As Grandes Questões da Vida eram coisas em que ele não pensava muito. Na sua maior parte, a vida na União Soviética estava limitada a ontem, hoje e amanhã. Os factos económicos da vida não permitiam a uma pessoa fazer planos a longo termo. Não havia casas no campo para comprar, nenhuns carros de luxo para desejar, nenhumas férias elaboradas para as quais juntar algum dinheiro. Ao trazer para o povo aquilo a que chamavam socialismo, o governo do seu país permitia (forçava) todos a aspirarem às mesmas coisas, sem tomar em

consideração os gostos individuais, o que significava pôr-se o nome numa lista infindável para se ser notificado quando chegasse a nossa vez, e ser constantemente ultrapassado por aqueles que tinham mais antiguidade no Partido, ou não, porque alguns tinham acesso a lugares melhores. A sua vida, tal como a dos outros, era como a de um novilho junto a um lote de ração. Tomavam conta dele moderadamente bem e alimentavam-no com a mesma comida, às mesmas horas, em idênticos dias sem fim. Havia um cinzentismo, um tédio dominante em todos os aspetos da vida, aliviado apenas pelo conteúdo das mensagens que ele processava e enviava. Não deveria pensar acerca das mensagens, muito menos lembrar-se delas, porém, sem ninguém com quem falar, tudo o que ele podia fazer era empreender nelas, na privacidade da sua própria cabeça. Hoje, a sua mente tinha apenas um ocupante e não se iria silenciar. Corria como um hámster numa roda de exercício, dando voltas e mais voltas, mas voltando sempre ao mesmo sítio.

O Andropov quer matar o papa.

Ele já processara antes mensagens de homicídio. Não muitas. O pessoal do KGB estava, gradualmente, a tentar desviar-se dessa prática. Havia muitas coisas que não corriam bem. Apesar das competências profissionais e da sagacidade dos oficiais de campo, os polícias em outros países eram infinitamente mais espertos e tinham a paciência estúpida de uma aranha na sua teia, e, até que o KGB pudesse desejar a morte de uma pessoa e satisfazer esse mesmo desejo, haveria testemunhas e provas, porque uma capa de invisibilidade era algo que só se encontrava nos contos para crianças.

Mais frequentemente, ele processava mensagens acerca de desertores ou de pessoas que pudessem estar a pensar em fugir da União Soviética… ou, o que era igualmente grave, funcionários que se tinham passado para o outro lado, para servirem o inimigo. Ele vira mesmo esse tipo de provas comunicadas sob a forma de mensagens, chamando os oficiais ao país, para «consultas» das quais raramente regressavam para as suas *rezidenturas*. Exatamente o que lhes acontecia era apenas o assunto de mexericos, todos eles muito desagradáveis. Um oficial que traíra a causa, segundo se contava, fora cremado vivo, tal como se dizia que as SS alemãs costumavam fazer. Ele ouvira dizer que havia mesmo um filme dessa execução e falara com pessoas que conheciam pessoas que conheciam outras pessoas que o tinham visto. Mas ele realmente nunca o vira,

nem se encontrara com ninguém que o tivesse visto. Algumas coisas, pensava Oleg Ivanovitch, estavam completamente fora do âmbito do KGB. Não, a maioria das histórias falava acerca de pelotões de fuzilamento para pessoas que se tinham portado mal, ou de um único tiro na cabeça, tal como acontecera a Lavrenti Beria. *Todos* acreditavam nessas histórias. Ele vira fotografias de Beria e estas pareciam escorrer sangue. E o *Félix de Ferro* teria executado gente enquanto comia uma sandes. Ele era o tipo de pessoa que dava à palavra «crueldade» uma terrível reputação.

Não obstante, era do conhecimento geral, ainda que não muito falado, que o KGB se estava a tornar mais *kulturniy* no seu modo de lidar com o mundo. Mais culto. Mais civilizado. Mais simpático e amável. Os traidores, é claro, eram executados, mas só após um julgamento em que, pelo menos, lhes era dada uma hipótese *pro forma* de explicarem as suas ações e, caso fossem inocentes, de o provarem. Isso quase nunca acontecia, mas apenas porque o Estado perseguia sempre os que eram indubitavelmente culpados. Os investigadores da Segunda Direção-Geral estavam entre os mais temidos e hábeis em todo o país. Dizia-se que eles nunca erravam e que nunca eram enganados, como se fossem um tipo de deuses.

Exceto que o Estado dissera que não havia deuses.

Havia homens… e mulheres. Todos tinham conhecimento da Escola do Pardal, acerca da qual os homens falavam por vezes com sorrisos torcidos e piscadelas de olhos. *Ah, ser aí um professor, ou, melhor ainda, um oficial de segurança de qualidade!*, costumavam eles sonhar. E ser pago por isso. Tal como a sua Irina assinalara muitas vezes, todos os homens eram uns porcos. *Mas*, meditava Zaitzev, *poderia ser divertido ser um porco.*

Matar o papa… mas porquê? Ele não é uma ameaça para este país. O próprio Estaline, em tempos, dissera a piada: *Quantas divisões comanda o papa?* Assim sendo, porquê matar esse homem? Até mesmo o *rezident* alertara contra isso. Goderenko temia as repercussões políticas. Estaline ordenara a morte de Trotsky e despachara um funcionário do KGB para o fazer, *sabendo* que ele iria sofrer um longo período na prisão por se ter encarregado dessa ação. Mas ele fizera-o, fiel à Força de Vontade do Partido, num gesto profissional que era mencionado nas aulas de formação da academia, juntamente com as recomendações mais descontraídas sobre o facto de *já não fazermos esse tipo de coisa*. Não era, não

acrescentavam os instrutores, *kulturniy*. De modo que, sim, o KGB estava a desviar-se desse tipo de comportamento.

Até agora. Até hoje. E até mesmo o *rezident* com mais antiguidade estava a recomendar que não se tomasse aquela ação. Porquê? Seria porque não queria que ele, a sua agência, ou o seu país fossem *nekulturniy*?

Ou porque fazer isso seria pior do que a loucura? Seria *errado*…? «Errado» era um conceito inteiramente estranho para os cidadãos da União Soviética. Pelo menos, o que as pessoas percebiam como sendo moralmente errado. A moralidade naquele país fora substituída por aquilo que era politicamente correto ou incorreto. Será que tudo o que servisse os interesses do sistema político da URSS era digno de louvor, e o que não servia merecia… a morte?

E quem é que decidia essas coisas?

Os homens.

Os homens faziam-no porque não havia moralidade, tal como o mundo entendia o conceito. Não havia Deus para declarar o que era bom ou mau.

E no entanto…

E no entanto o coração de cada homem tinha um conhecimento inato do certo e do errado. Matar outro homem era errado. Para se tirar a vida a um homem tinha de existir uma causa justa. Mas eram também os homens que decidiam o que constituía um caso desses. Os homens certos, no lugar certo, com a autoridade certa, tinham a possibilidade e o direito de matar porque… porquê?

Porque Marx e Lenine o tinham dito.

Era isso o que o governo do seu país decidira há muito.

Zaitzev barrou com manteiga a sua última fatia de pão e mergulhou-a no molho que ainda restava na sua tigela, antes de a comer. Sabia que estava a ter pensamentos demasiado profundos e perigosos. A sua sociedade não encorajava nem sequer permitia o pensamento independente. Não se devia pôr em questão o Partido e a sua sabedoria. Pelo menos não ali. Na cantina do KGB, *nunca por nunca* se ouvia alguém a cogitar em voz alta se o Partido e a pátria, que serviam e protegiam, seriam capazes de cometer um ato incorreto. Oh, talvez uma vez por outra se especulasse acerca de tática, mas, mesmo nesses casos, a conversa estava dentro de limites que eram mais altos e mais fortes do que as paredes de tijolo do próprio Kremlin.

A moralidade do seu país, meditava ele, fora predeterminada por um judeu

alemão que vivia em Londres, filho de um burocrata czarista que simplesmente nunca gostara muito do czar e cujo irmão, manifestamente aventureiro, fora executado por ter tomado uma ação direta. O homem encontrara refúgio na mais capitalista de todas as nações, na Suíça, em seguida fora despachado para a mãe Rússia pelos alemães, na esperança de que ele pudesse perturbar o governo do czar, permitindo assim à Alemanha derrotar as outras nações do Ocidente na Frente Ocidental da Primeira Grande Guerra Mundial. Apesar de tudo, não parecia ser uma coisa ordenada por qualquer deidade para um grande plano para o avanço da humanidade, pois não? Tudo o que Lenine usara como modelo para mudar o seu país (e através deste o mundo todo) viera de um livro escrito por Karl Marx, juntamente com os escritos de Friedrich Engels, e com a sua própria visão para se tornar chefe de um novo tipo de país.

A única coisa que distinguia o marxismo-leninismo de uma religião era a ausência de uma divindade. Ambos os sistemas reivindicavam uma autoridade absoluta sobre os assuntos dos homens e ambos alegavam estarem certos *a priori*. Exceto que o sistema do seu país escolhera afirmar essa autoridade ao exercer o poder de vida e de morte.

O seu país dizia que trabalhava para a justiça, para o bem dos operários e dos camponeses em todo o mundo. Mas outros homens, em posições mais altas na hierarquia, decidiam quem iriam ser os camponeses e os operários e, eles próprios, viviam em *dachas* ricamente ornamentadas, em andares com muitas divisões e tinham automóveis e motoristas… e privilégios.

E que privilégios tinham eles! Zaitzev também despachara mensagens acerca de colãs e de perfumes que os homens naquele mesmo edifício queriam para as suas mulheres. Estes artigos eram muitas vezes entregues nas malas diplomáticas das embaixadas no Ocidente, coisas que o seu país não poderia produzir, mas pelas quais a *nomenklatura* ansiava, juntamente com os seus frigoríficos e fogões da Alemanha Ocidental. Quando via os grandes senhores a correrem pelo centro das ruas de Moscovo nos seus *ZiL* com motoristas, Zaitzev percebia como Lenine se sentira em relação aos czares. O czar dizia ter um direito divino que lhe permitia um assento pessoal no poder. Os chefes do Partido afirmavam as suas posições como sendo ditadas pelo povo.

Exceto que o Povo nunca lhes dera nada através de uma aclamação pública. As democracias ocidentais tinham eleições (o *Pravda* cuspia nelas

periodicamente), mas *eram* eleições verdadeiras. A Inglaterra estava agora a ser governada por uma mulher de aspeto antipático, e a América por um velho ator bufo, mas ambos tinham sido escolhidos pelo povo dos seus países, e os governantes prévios tinham sido retirados por uma escolha popular. Nenhum desses líderes era muito benquisto na União Soviética e ele vira um sem-número de mensagens oficiais enviadas com o fim de determinar o estado mental dos mesmos e as suas convicções políticas mais profundas. A preocupação nessas mensagens era bem visível, e até o próprio Zaitzev as tinha, mas por mais desagradáveis e instáveis que esses líderes fossem, o povo deles escolhera-os. Decididamente, o povo soviético não selecionara a colheita atual de príncipes no Politburo.

E, agora, os novos príncipes comunistas estavam a pensar assassinar um papa polaco em Roma. Mas em que medida é que *ele* ameaçava a Rodina? Este papa não tinha formações militares a seu cargo. Seria então uma ameaça política? Mas como? O Vaticano deveria ter uma identidade diplomática, mas uma nação sem poder militar era… o quê? Se Deus existia, então, fosse qual fosse o poder que o papa exercia, teria de ser uma ilusão que não teria mais substância do que o fumo de um cigarro. O país de Zaitzev tinha o maior Exército do mundo, um facto proclamado regularmente por *Servimos a União Soviética*, o programa televisivo que toda a gente via.

Assim sendo, por que motivo quereriam eles matar um homem que não representava uma ameaça? Será que ele abriria os oceanos com o aceno do seu cetro e traria para a Terra as pragas? Claro que não.

E matar um homem indefeso é um crime, disse Zaitzev para consigo, exercitando a mente pela primeira vez desde que entrara para o n.º 2 da praça Dzerjinskiy e afirmando silenciosamente o seu livre-arbítrio. Fizera uma pergunta e encontrara uma resposta.

Teria sido útil se ele tivesse tido alguém com quem falar acerca desse assunto, contudo, como seria de esperar, tal estava fora de questão. Isso deixou Zaitzev sem uma válvula de segurança, sem modo de processar os seus sentimentos e trazê-los até uma certa forma de resolução. As leis e os costumes da sua nação forçavam-no a reciclar os seus pensamentos vezes sem conta e, por fim, isso conduziu-o apenas numa direção. Que se tratava de uma que o Estado não aprovava era, afinal, um produto das próprias práticas do Estado.

Quando acabou de almoçar, bebeu o chá e acendeu um cigarro, mas esse ato contemplativo não veio ajudar o estado da sua mente. O hámster ainda estava a correr na roda. Ninguém nessa enorme sala de jantar se dera conta. Para aqueles que viam Zaitzev tratava-se apenas de mais um homem a saborear o seu cigarro pós-prandial em solidão. Como todos os cidadãos soviéticos, Zaitzev sabia esconder os seus sentimentos, de modo que o seu rosto nada revelava. Limitou-se a olhar para o relógio de parede para que não chegasse atrasado ao trabalho para o seu turno da tarde, apenas mais um burocrata num enorme edifício repleto deles.

Nos andares mais acima era um pouco diferente. O coronel Rojdestvenskiy não quisera interromper o almoço do diretor, de modo que se sentara no seu escritório à espera que os ponteiros do relógio rodassem, comendo uma sandes mas ignorando a sopa que viera com ela. Tal como o diretor, fumava cigarros americanos *Marlboro*, que eram mais suaves e mais bem fabricados do que os equivalentes soviéticos. Tratava-se de uma afetação que ele adquirira no terreno, mas, enquanto oficial de alta patente da Primeira Direção-Geral, podia fazer compras na loja especial do Centro de Moscovo. Eram caros, mesmo para alguém que era pago em rublos «certificados», mas ele só bebia vodca barata, de modo que as coisas se equilibravam. Estava a pensar de que modo Yuriy Vladimirovitch reagiria à mensagem de Goderenko. Ruslan Borissovitch era um *rezident* muito capaz, cuidadoso e conservador, e um homem com uma antiguidade que lhe permitia discordar, digamos assim. A sua função, apesar de tudo, era enviar boa informação para o Centro de Moscovo e, se ele pensasse que algo poderia comprometer a missão, era seu dever avisá-los. Para além disso, o despacho não tinha uma diretiva obrigatória, apenas um pedido para averiguar uma situação. De modo que, não, Ruslan Borissovitch não iria ter problemas devido à sua resposta. Mas Andropov poderia resmonear e, se o fizesse, seria ele, o coronel A.N. Rojdestvenskiy, a ter de ouvir o barulho, o que nunca era divertido. O seu lugar ali era por um lado invejável e por outro assustador. Podia aproximar-se do ouvido do diretor, mas, ao fazê-lo, também ficava perto dos seus dentes. Na história do KGB não era raro que uns tivessem de pagar pelas ações dos outros. Mas não seria provável nesse caso. Embora fosse decididamente um homem rijo, Andropov também era um indivíduo bastante

razoável. Mesmo assim, não era bom estar perto de um vulcão em atividade. O telefone na sua secretária tocou. Era o secretário do diretor.

— O diretor vai vê-lo agora, camarada coronel.

— *Spasiba*. — Levantou-se e pôs-se a andar pelo corredor.

— Temos uma resposta do coronel Goderenko — informou Rojdestvenskiy, entregando-a.

Por seu lado, Andropov não ficou surpreendido, e, para o alívio invisível do coronel Rojdestvenskiy, não perdeu a cabeça.

— Já estava à espera disto. O nosso povo perdeu o sentido da ousadia, não é verdade, Aleksey Nikolayevitch?

— Camarada diretor, o *rezident* dá-lhe a sua avaliação pessoal do problema — respondeu o oficial.

— Continue — ordenou Andropov.

— Camarada diretor — respondeu Rojdestvenskiy, escolhendo as palavras com muito cuidado —, não pode levar a cabo uma operação como a que está evidentemente a considerar sem riscos políticos. O padre tem muita influência, não importa que a mesma possa ser meramente ilusória. O Ruslan Borissovitch está preocupado que um ataque que o tenha como alvo consiga afetar a sua capacidade de recolher informação e isso, camarada, é a nossa tarefa principal.

— Cabe-me a mim a avaliação do risco político, não a ele.

— Com certeza, camarada diretor, mas trata-se do território dele, e cabe-lhe a ele dizer-lhe o que pensa que o camarada deve saber. A perda do serviço de alguns dos seus agentes poderá sair-nos caro, direta ou indiretamente.

— Caro como?

— É impossível prevê-lo. A *rezidentura* em Roma tem um número de agentes altamente produtivos para a informação política e militar da NATO. Será que poderíamos viver sem eles? Sim, suponho que sim, mas será melhor viver com eles. Os fatores humanos envolvidos tornam difíceis as previsões. Gerir os agentes é uma arte e não uma ciência, não sei se está a ver…

— Já mo disse antes, Aleksey. — Andropov esfregou os olhos cansados. A sua pele estava um pouco pálida nesse dia, notou Rojdestvenskiy. Será que estava outra vez com uma crise de fígado?

— Os nossos agentes não passam de pessoas, e cada pessoa tem as suas peculiaridades. Não há como evitá-lo — explicou Rojdestvenskiy, talvez pela

centésima vez. Poderia ter sido pior; Andropov, por vezes, até escutava as pessoas. Os seus predecessores não tinham sido tão iluminados. Talvez tal se devesse à inteligência de Yuriy Vladimirovitch.

— É isso que eu gosto na SIGINT[19] — resmungou o diretor do KGB. Era isso que toda a gente nesse ramo dizia, notou o coronel Rojdestvenskiy. O problema era ter acesso a informação de sinais. O Ocidente era melhor nesse aspeto do que o seu país. Especialmente, a Agência Nacional de Segurança dos EUA e a sede das Comunicações Governamentais do Reino Unido trabalhavam constantemente para derrotarem a segurança das comunicações soviéticas e, por vezes, preocupavam-se eles, eram bem-sucedidos. Era por isso que o KGB dependia de um modo tão absoluto dos blocos de cifra de uso único. Não podiam confiar em mais nada.

— Isto é mesmo bom? — perguntou Ryan a Harding.

— Pensamos tratar-se do artigo genuíno, Jack. Parte dele provém de fontes abertas, mas grande parte vem de documentos preparados para o Conselho de Ministros deles. A esse nível não mentem muito uns aos outros.

— Porque não? — perguntou Jack, de chofre. — Todos lá o fazem.

— Mas neste caso estamos a lidar com algo concreto, produtos que têm de ser entregues ao Exército deles. De qualquer modo, se não aparecem, isso será notado e serão feitos inquéritos — continuou Harding, qualificando-se a si mesmo com muito cuidado. — Aqui, o material mais importante tem que ver com questões de procedimentos, e para isso nada se ganha mentindo.

— Talvez. Levantei alguma poeira em Langley no mês passado, quando examinei uma avaliação económica que ia para o gabinete do presidente. Disse que não poderia ser verdade, e o fulano que a fez disse que era apenas o que o Politburo vira nas suas reuniões…

— E você disse o quê, Jack? — interrompeu Harding.

— Simon, tivessem os grandes dirigentes visto ou não, disse-lhes que não poderia ser verdade. Esse relatório era lixo, o que me faz pensar como é que o diabo do Politburo determina procedimentos, quando os dados em que os baseiam são tão verdadeiros como a Alice na porra do País das Maravilhas. Não sei se sabe, mas quando eu estava no Corpo de Fuzileiros preocupávamo-nos com o facto de o Ivan Ivanovitch, o soldado russo, poder ter três metros de

altura. Mas não tinha. Poderia haver muitos, mas são mais pequenos do que nós, porque não comem tão bem em crianças e têm umas armas que não prestam para nada. A *AK-47* é uma boa espingarda, mas eu prefiro decididamente a *M16*, e uma espingarda é bem mais simples do que um rádio portátil. De modo que entro na CIA e descubro que os rádios táticos que o Exército deles usa não valem um corno e que afinal eu tinha razão acerca disso quando ainda era um novato sem grandes insígnias no Exército. Em suma, Simon, eles mentem ao Politburo no que se prende com realidades económicas e, se mentem a essa gente, poderão mentir acerca do que quer que seja.

— Então, que aconteceu com o relatório para o vosso presidente?

— Enviaram-lho, mas com cinco páginas minhas apensas na parte de trás. Espero que lhe tenha chegado às mãos. Dizem que lê muito. De qualquer modo, o que eu estou a dizer é que eles baseiam as suas decisões políticas em mentiras e talvez a nossa política seja melhor se avaliarmos a realidade um pouco melhor. Creio que a economia deles já foi pelo cano abaixo, Simon. Não pode estar a correr tão bem como os dados deles afiançam. Se estivesse, veríamos os resultados positivos nos produtos que fazem, ora não é isso que vemos, pois não?

— Por que motivo temer um país que não se consegue alimentar a si mesmo?

— Pois — disse Ryan, assentindo com um aceno de cabeça.

— Na Segunda Guerra Mundial…

— Em mil novecentos e quarenta e um, a Rússia foi invadida por um país de que eles nunca tinham gostado muito, mas o Hitler era demasiado estúpido para fazer com que a antipatia pelo seu próprio governo funcionasse a seu favor, de modo que implementou procedimentos racistas que foram *calculados* para arrastar os russos de volta aos braços do Estaline. De modo que é uma falsa comparação, Simon. A União Soviética é fundamentalmente instável. Porquê? Porque é uma sociedade injusta, e não existem sociedades injustas *estáveis*… A economia deles… — Fez uma pausa. — Sabe, deve haver uma maneira de fazer com que as coisas funcionem a nosso favor…

— E que temos de fazer?

— Abanar-lhes um pouco os alicerces. Talvez um tremor de terra não muito forte — sugeriu Ryan.

— E fazer com que se desmoronem? — inquiriu Harding, levantando as

sobrancelhas. — Eles têm muitas armas nucleares, é bom não esquecer.

— Pois bem, vamos tentar arranjar uma aterragem suave.

— É muito decente da sua parte, Jack.

---

[19] Acrónimo de Signals Inteligence, uma expressão usada para descrever a atividade conjunta de informação através da intercetação de sinais de pessoas e máquinas. *(N. do T.)*

CAPÍTULO 7

EM LUME BRANDO

O emprego de Ed Foley como adido de imprensa não era especialmente exigente no que dizia respeito ao tempo necessário para adular os correspondentes americanos locais e, ocasionalmente, os outros. Nestes últimos incluíam-se repórteres do *Pravda* e de outras publicações russas. Foley assumiu que todos eles eram oficiais do KGB ou correspondentes que não faziam parte do pessoal permanente. Não havia diferença entre ambos, dado que o KGB usava geralmente disfarces de jornalistas para os seus oficiais no terreno. Como resultado, a maioria dos repórteres soviéticos na América tinha muitas vezes um agente ou dois do FBI a vigiá-los, pelo menos quando este podia dispor de agentes para essa tarefa, o que não acontecia na maior parte das vezes. Os repórteres e os oficiais de informação no terreno tinham, virtualmente, funções idênticas.

Ele acabara de ser contactado por um fulano do *Pravda* chamado Pavel Kuritsyn, que, ou era um espião profissional, ou, sem sombra de dúvida, lera muitos romances de espionagem. Dado que era mais fácil assumir o papel de estúpido do que o de alguém inteligente, ele atrapalhara-se a falar russo, sorrindo com um orgulho aparente da forma como dominara aquela língua complexa. Por sua parte, Kuritsyn recomendara ao americano que visse a televisão russa, para que, sem demora, se pudesse tornar mais fluente na sua língua materna. Foley esboçara então um relatório de contacto para os ficheiros da CIA, dizendo que Pavel Yevgeniyevitch Kuritsyn lhe cheirava a um rapaz da Segunda Direção-Geral que o estava a experimentar, e que pensava ter passado no teste. É claro que Ed não poderia ter a certeza. Tanto quanto sabia, os russos empregavam pessoas que eram capazes de ler os pensamentos. Foley tinha conhecimento de que eles tinham experimentado quase tudo, até mesmo algo designado como visão remota, o que, para a sua mente profissional, não andava muito longe dos ciganos que liam a sina, mas que fizera com que a Agência iniciasse um programa próprio, para repugnância de Ed Foley. Para este, se a coisa não podia ser dominada não era real. Mas não haveria maneira de saber o que aqueles homens acriançados da Direção de Operações tentariam só para ultrapassarem o

que os *verdadeiros* espiões da CIA tinham de fazer todos os dias.

Já era suficiente que o Ivan tivesse olhos — e só Deus sabia quantos ouvidos — na embaixada, embora o edifício fosse regularmente inspecionado por especialistas em eletrónica. Uma vez até tinham conseguido pôr uma escuta no próprio escritório do embaixador. Mesmo do outro lado da rua havia uma antiga igreja que era usada pelo KGB. Na Embaixada dos EUA era conhecida como Nossa Senhora dos Microchips, porque a estrutura estava cheia de radiocomunicações por micro-ondas dirigidas para a embaixada, cuja função era interferir com todos os aparelhos de escuta que o posto de Moscovo usava para entrar nos sistemas telefónicos e de rádio soviéticos. A quantidade de radiação que produzia estava a níveis que eram perigosos para a saúde e, como resultado, a embaixada encontrava-se protegida com folhas de metal no gesso cartonado, que refletia grande parte dessa mesma radiação para as pessoas do outro lado da rua. O jogo tinha regras e os russos brincavam com elas muitas vezes, mas estas, quase sempre, não faziam lá muito sentido. Houvera protestos calmos dirigidos aos habitantes locais em relação às micro-ondas, mas estes eram geralmente recebidos com um encolher de ombros — quem, nós? E isso era até onde as coisas poderiam ir. O médico da embaixada dizia não estar preocupado, mas o escritório *dele* era na cave, protegido da radiação por camadas de pedra e de terra. Algumas pessoas afirmavam que se poderia cozinhar um cachorro-quente, ao pô-lo no parapeito da janela que dava para o lado leste.

Duas pessoas que sabiam acerca de Ed Foley eram o embaixador e o adido de defesa. O primeiro chamava-se Ernest Fuller e parecia ter saído de um livro de ilustrações sobre patrícios: alto, magro, com uma régia cabeleira branca. Na verdade, crescera numa quinta de criação de porcos no Ohio, arranjara uma bolsa de estudos para a Northwestern University e, mais tarde, um grau académico em Direito, que o conduzira até às salas de reunião corporativas, onde acabou finalmente como diretor executivo de uma grande empresa automóvel. Ao longo do seu percurso, servira três anos na Marinha dos EUA durante a Segunda Guerra Mundial, num pequeno cruzador, o USS *Boise*, durante a campanha de Guadalcanal. Era visto como um jogador importante e como um amador dotado, pelo oficial do Serviço de Defesa da embaixada.

O adido de defesa era o brigadeiro-general George Dalton. Por profissão um homem de artilharia, entendia-se bem com os seus homólogos russos. Dalton

parecia um urso, com cabelo negro encaracolado, e jogara como recetor, na equipa de beisebol de Westpoint, há cerca de vinte anos.

Foley tinha um encontro com ambos, ostensivamente para falar das relações com os correspondentes de notícias americanos. Até mesmo os seus assuntos internos da embaixada precisavam de uma cobertura, naquele posto.

— Como é que o seu filho se está a ajustar? — perguntou Fuller.

— Tem saudades dos seus filmes de animação. Antes de virmos para cá, eu tinha comprado um leitor de videocassetes, não sei se está a ver, para Betamax, e algumas cassetes, mas estas não duram muito e custam muito dinheiro.

— Existe uma versão local do Papa-Léguas e do Coiote — disse-lhe o general Dalton. — Chama-se *Espera Um Momento*, algo assim. Não é tão bom como o da Warner Brothers, mas melhor do que aquele maldito programa de exercício pela manhã. A rapariga que o faz poderia dar uma tareia num sargento-mor dos comandos.

— Reparei nisso ontem de manhã. Será que ela faz parte do esquadrão de halterofilismo deles? — ironizou Foley. — De qualquer modo…

— Primeiras impressões… Algumas surpresas? — perguntou Fuller.

Foley abanou a cabeça.

— Não mais do que me disseram que poderia esperar. Parece que, para qualquer lado que vá, tenho companhia. Quanto tempo é que acha que isto irá durar?

— Talvez mais ou menos uma semana. Dê um passeio por aí. Melhor ainda, veja o Ron Fielding a passear. Ele faz um ótimo trabalho.

— Alguma coisa importante em processo? — inquiriu o embaixador Fuller.

— Não, senhor embaixador. De momento, só temos operações de rotina. Mas os russos têm algo importante a acontecer no país.

— O quê? — perguntou Fuller.

— Chamam-lhe Operação RYAN. É o acrónimo deles para Ataque Nuclear Surpresa à Pátria. Estão com medo de que o presidente queira usar armas nucleares, e têm funcionários a examinarem, frenéticos, o seu estado mental.

— Está a falar a sério? — perguntou Fuller.

— Mais a sério do que nunca. Creio que eles levaram a retórica da campanha muito à letra.

— Tive algumas perguntas estranhas do ministro dos Negócios Estrangeiros

deles — admitiu o embaixador. — Mas achei que se tratava de conversa fiada.

— Estamos a investigar uma grande quantidade de dinheiro no Exército e isso põe-nos nervosos.

— Então, quando compram dez mil novos tanques, é normal? — observou o general Dalton.

— Pois — concordou Ed Foley. — Uma pistola na minha mão é uma arma defensiva, mas na sua é uma arma ofensiva. Suponho que se trate de uma questão de perspetiva.

— Já viu isto? — inquiriu Fuller, passando-lhe um fax de Foggy Bottom.

Foley examinou-o.

— Ups…

— Disse a Washington que iria preocupar muito os soviéticos. Que é que pensa?

— Concordo, senhor embaixador. Em vários aspetos. O mais importante será a agitação potencial na Polónia, que se poderá espalhar através do império soviético. Essa é a única área em que estão a pensar a longo termo. A estabilidade política é para eles um *sine qua non*. Que é que dizem em Washington?

— A Agência acabou de o mostrar ao presidente, e este passou-o ao secretário de Estado que, por sua vez, mo enviou por fax, para que eu o comentasse. Será que pode investigar se eles o estão a discutir no Politburo?

Foley pensou por momentos e anuiu com um aceno de cabeça.

— Posso tentar. — Isso punha-o numa situação um pouco desconfortável, mas era esse o seu trabalho, não era? Significava enviar uma mensagem, a um ou mais dos seus agentes, mas era para isso que eles existiam. O problema que o preocupava mais era que tal significasse expor a mulher. Mary Pat não iria objetar. Que diabo, ela *adorava* o jogo de espionagem no terreno, mas ao marido incomodava-o ter de a expor ao perigo. Ele supunha que talvez se tratasse de chauvinismo. — E qual é a prioridade?

— Washington está muito interessado — retorquiu Fuller. Isso queria dizer que era um assunto importante, mas não uma tarefa de emergência.

— Pois bem, vou já trabalhar no assunto, senhor embaixador.

— Não sei quantos ativos gere aqui em Moscovo e não quero saber. Será que se trata de uma coisa perigosa para eles?

— Eles aqui executam os traidores.

— Isto é mais perigoso do que o negócio automóvel, Foley. Consigo percebê-lo.

— Meu Deus, não era assim tão arriscado no centro das Terras Altas da Escócia — fez notar o general Dalton. — O Ivan não tem quaisquer escrúpulos. Também me perguntaram acerca do presidente, enquanto tomava uma bebida com alguns oficiais mais antigos. Estão mesmo preocupados com ele, não é verdade?

— Assim parece — confirmou Foley.

— Ótimo. Nunca é de mais sabotar um pouco a confiança do outro fulano. Ponham-no a olhar por cima do ombro.

— Desde que as coisas não vão muito longe… — sugeriu o embaixador Fuller. Ele era relativamente novo na diplomacia, mas respeitava o processo. — Muito bem, há qualquer coisa que eu deva saber?

— Da minha parte não — respondeu o chefe de posto. — Ainda me estou a habituar. Falei com um repórter russo hoje, talvez um contraespião do KGB que me veio experimentar, um fulano chamado Kuritsyn.

— Creio que ele é uma peça importante — disse logo o general Dalton.

— Fiquei com essa impressão. Estou à espera de que ele possa obter informação a meu respeito através do correspondente do *Times*.

— E conhece esse correspondente?

— É o Anthony Prince — apontou Foley. — E isso resume tudo acerca dele. Groton e Yale. Encontrei-o algumas vezes em Nova Iorque quando trabalhava no jornal. Ele é muito esperto, mas não tão esperto quanto pensa que é.

— Como é o seu russo?

— Posso passar por um falante nativo… mas a minha mulher pode passar por poeta. É muito boa nisso. Oh, uma outra coisa. Tenho uns vizinhos no complexo, o Nigel e a Penelope Haydock, marido e mulher. Creio que também são agentes.

— E dos bons — confirmou o general Dalton. — São pessoas em quem se pode confiar.

— Foley também achava, mas era sempre bom certificar-se. Levantou-se. — Pois bem, permitam-me que faça o meu trabalho.

— Bem-vindo a bordo, Ed — disse o embaixador. — O dever aqui não é assim tão mau quando nos habituamos a ele. Temos todos os bilhetes que

queremos para o teatro e para o *ballet*, através do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

— Eu preferia hóquei no gelo.

— Isso também é fácil de arranjar — retorquiu o general Dalton.

— Bons lugares? — perguntou o espião.

— Primeira fila.

Foley sorriu.

— Isso é ótimo.

Por seu turno, Mary Pat estava na rua com o filho. Eddie estava demasiado crescido para um carrinho, o que era uma pena. Com um desses podia fazer-se uma série de coisas interessantes, e ela pensou que os russos hesitariam em interferir com uma criança e com um saco de fraldas, em especial quando ambos tinham passaportes diplomáticos. Ela, de momento, estava apenas a passear, a habituar-se ao ambiente, às vistas, aos cheiros. Aquilo era a barriga do monstro e ali estava ela, como um vírus… letal, segundo esperava. Ela nascera com o nome de Mary Kaminsky e era neta de um ajudante da Casa dos Romanov. O avô Vanya fora uma figura central na sua juventude. Com ele aprendera russo quando era criança, não o grosseiro atual, mas o russo elegante e literário dos velhos tempos. Ela podia ler a poesia de Pushkin e chorar e, nesse aspeto, era mais russa do que americana, pois os russos tinham venerado os seus poetas ao longo dos séculos, enquanto na América estavam relegados a escrever sobretudo canções *pop*. Havia muito para admirar e gostar naquele país.

Mas não o seu governo. Ela teria uns doze anos, esperando pela adolescência com entusiasmo, quando o avô Vanya lhe contou a história de Aleksey, o príncipe herdeiro da Rússia… Um bom rapaz, segundo o que o avô lhe dissera, mas sem sorte, atacado pela hemofilia e, por essa razão, um menino frágil. O coronel Vanya Borissovitch Kaminsky, um nobre menor dos Guardas Imperiais a Cavalo, ensinara o rapaz a montar, porque essa era uma aptidão física de que um príncipe precisava nesse tempo. Ele tinha de ser extremamente cuidadoso. Aleksey, muitas vezes, deslocava-se nos braços de um marinheiro da Marinha Imperial, para que não tropeçasse, caísse e começasse a sangrar. Porém, conseguira montar, para grande gratidão do czar Nicolau II e da czarina Alexandra, e, com o passar do tempo, ambos tinham estabelecido uma relação,

se não como pai e filho, pelo menos como tio e sobrinho. O avô Vanya estivera na frente e lutara contra os alemães, mas, no começo da guerra, fora capturado na batalha de Tannenberg. Fora num campo alemão, para prisioneiros de guerra, que ficara a saber da Revolução. Conseguira regressar à Mãe Rússia e lutara ao lado dos Guardas Brancos no malogrado esforço contrarrevolucionário. Mais tarde, viera a saber que o czar e toda a sua família tinham sido assassinados pelos usurpadores em Ekaterinberg. Soube então que a guerra estava perdida e conseguiu fugir e chegar à América, onde começou uma nova vida, mas em luto perpétuo pelos mortos.

Mary Pat lembrava-se das lágrimas nos seus olhos quando ele lhe contou esse acontecimento, e essas lágrimas tinham-lhe comunicado o ódio visceral pelos bolcheviques. Este tinha sido atenuado. Ela não era uma fanática, porém, quando via um russo fardado ou num veloz *ZiL*, a caminho de uma reunião do Partido, via o rosto do inimigo, um que precisava de ser derrotado. Que o comunismo fosse adversário do seu país era muito normal. Se ela conseguisse encontrar um botão que pudesse fazer com que esse sistema político odioso se desmoronasse, pressioná-lo-ia sem hesitação.

De modo que aquele emprego em Moscovo fora a melhor de todas as tarefas com que ela sonhara. Quando Vanya Borissovitch Kaminsky lhe contara a antiga e triste história, acabara por lhe dar uma missão na vida e uma paixão para a alcançar. A sua escolha de se juntar à CIA fora tão natural como escovar o cabelo cor de mel.

E agora, passeando por ali, pela primeira vez na vida, percebia realmente o amor pelas coisas do passado que o seu avô sentira. Tudo era diferente do que ela conhecia na América, desde a inclinação dos telhados dos edifícios à cor do asfalto das ruas, às expressões vazias nos rostos da multidão. Olhavam para ela ao passarem, pois, com as suas roupas americanas, ela distinguia-se como um pavão entre corvos. Alguns até sorriam para o pequeno Eddie, porque, se bem que os russos fossem pessoas severas, eram infalivelmente simpáticas para as crianças. Só para se divertir, pediu direções a um miliciano, tal como chamavam à polícia local, e ele fora delicado com ela, ajudando-a com a pobre pronúncia na sua língua e dando-lhe as direções. De modo que isso era uma boa coisa. Ela tinha alguém a segui-la, segundo se apercebera. O oficial do KGB, com cerca de trinta e cinco anos, atrás dela cerca de cinquenta metros, fazia o seu melhor por

se tornar invisível. O seu erro era desviar o olhar quando ela olhava para ele. Fora talvez assim que o tinham treinado, para que o seu rosto não se tornasse demasiado familiar para o alvo da sua vigilância.

As ruas e os passeios eram largos, mas não muito cheios de pessoas. A maioria dos russos estava a trabalhar e não havia ali uma população de mulheres ociosas que andasse nas compras, ou se dirigisse a reuniões sociais e a saídas de golfe. Quando muito, talvez as mulheres dos membros do Partido mais proeminentes. Um pouco como os americanos ricos que nada tinham de fazer, refletiu Mary Pat, se é que tais pessoas ainda existiam. A mãe dela trabalhara sempre, tanto quanto ela se conseguia lembrar. De facto, ainda o fazia. Mas aqui as mulheres trabalhadoras usavam pás, enquanto os homens guiavam camionetas do lixo. Estavam sempre a reparar buracos nas ruas, mas nunca o faziam convenientemente. *Tal como em Washington ou em Nova Iorque*, pensou ela.

Não obstante, havia vendedores de rua a venderem gelados e ela comprou um para o pequeno Eddie, que olhava para ele com os olhos muito abertos. Roía-lhe a consciência ter de impor aquele lugar e aquela missão ao filho, mas ele só tinha quatro anos e seria uma boa experiência de aprendizagem. Pelo menos, iria crescer bilingue. Aprenderia também a apreciar o seu país mais do que a maioria das crianças americanas e isso, pensava ela, era algo positivo. Com que então tinha alguém a segui-la. Será que ele era bom no que fazia? Talvez fosse altura para o descobrir. Meteu a mão na mala e, sub-repticiamente, retirou dela um pedaço de fita de papel. Era vermelha, de um vermelho-vivo. Ao dobrar uma esquina, colou-a num poste de iluminação, de um modo tão discreto que era quase invisível, e continuou. Então, cinquenta metros mais adiante do quarteirão, olhou para trás, como se se tivesse perdido… e viu-o passar por esse poste de iluminação. De modo que ele não a vira a deixar o sinal. Se a tivesse visto, teria pelo menos olhado, e ele era o único a segui-la; o seu percurso fora escolhido tão aleatoriamente que não deveria haver mais ninguém a observá-la, a não ser que houvesse um grande esforço de vigilância focado nela, e isso não lhe parecia provável. Ela nunca fora descoberta em nenhuma das suas missões no terreno. Lembrava-se de cada momento do seu treino na Quinta, em Tidewater, na Virgínia. Fora a melhor da turma e sabia que era boa, melhor do que isso, sabia que nunca poderia ser tão boa que se esquecesse de ser cuidadosa. Mas, desde que tivesse cuidado, poderia montar qualquer cavalo. O avô Vanya também a

ensinara a fazê-lo.

Ela e o pequeno Eddie iriam ter muitas aventuras naquela cidade, pensou Mary Pat. Esperaria até que o KGB se cansasse de a seguir e, em seguida, poderia afastar-se. Pensou em quem poderia ela recrutar para a CIA, para além de gerir os agentes estabelecidos no terreno. Sim, ela estava na barriga do monstro, sem dúvida, e o seu trabalho seria dar a esse sacana uma úlcera que sangrasse.

— Muito bem, Aleksey Nikolayevitch, conhece o homem — disse Andropov. — Que lhe digo agora?

Era um sinal da inteligência do diretor que ele não iria enviar uma reprimenda rigorosa, capaz de pôr o *rezident* de Roma no seu lugar. Só um louco pisaria os calos de subordinados seniores.

— Ele pede orientação… sobre o âmbito da operação e coisas desse género. Deveríamos fornecer-lhe esses dados. Isto põe em questão aquilo que está a planear, camarada diretor. Já pensou nisso?

— Muito bem, coronel, que acha que deveríamos fazer?

— Camarada diretor, há uma expressão que os americanos usam e que eu aprendi a respeitar: isso está muito acima da minha folha de pagamento.

— Está a dizer-me que, na sua cabeça, não pensa como se fosse o diretor? — perguntou-lhe de chofre Yuriy Vladimirovitch.

— Para ser sincero, não. Limito o meu pensamento às coisas que consigo perceber… a questões operacionais. Não sou competente para ultrapassar os altos limites políticos, camarada.

Uma resposta inteligente, se não verdadeira, assinalou Andropov. Mas Rojdestvenskiy seria incapaz de discutir não importa que altos pensamentos pudesse ter, porque mais ninguém no KGB tinha autorização para o fazer. Presentemente, ele *poderia* ser entrevistado por algum membro de alta patente do Comité Central do Partido, sobre ordens do Politburo, mas tal ordem teria de vir do próprio Brejnev. E isso, pensou Yuriy Vladimirovitch, não seria provável de momento. De modo que, sim, o coronel pensá-lo-ia na privacidade da sua cabeça, tal como todos os subordinados, porém, como um oficial profissional do KGB, e não como um mero membro do Partido, abandonaria aí tais pensamentos.

— Muito bem, vamos dispensar por completo as considerações políticas. Considere isto uma pergunta teórica: como é que alguém poderá matar este padre?

Rojdestvenskiy sentiu-se pouco à vontade.

— Sente-se — ordenou o diretor ao seu subordinado. — Já planeou antes operações complexas. Demore o seu tempo a refletir sobre esta.

Rojdestvenskiy sentou-se antes de começar a falar.

— Em primeiro lugar, iria pedir ajuda a alguém mais versado neste tipo de assunto. Temos algum desses oficiais no Centro. Mas… dado que pediu que pensasse nisso em termos teóricos… — A voz do coronel apagou-se e ele levantou os olhos, dirigindo-os para a esquerda. Quando voltou a falar, as palavras saíram-lhe vagarosas. — Em primeiro lugar, usaríamos o posto de Goderenko apenas para informação… reconhecimento do alvo, esse tipo de coisa. Não usaríamos o pessoal do posto de Roma de nenhum modo ativo… De facto, recomendaria que não se usasse de todo pessoal soviético para a parte ativa da operação.

— Porquê? — perguntou Andropov.

— A polícia italiana tem formação profissional e, para uma investigação desta magnitude, iriam pôr muita gente a trabalhar nela e escolheriam os melhores. Num acontecimento deste género haverá sempre testemunhas. Todos têm dois olhos e uma memória. Alguns até têm inteligência. Não se pode prever esse tipo de coisa. Enquanto por um lado tal facto favorece, digamos, um atirador furtivo e um tiro de longo alcance, essa metodologia iria apontar para uma operação levada a cabo pelo Estado. O atirador teria de ser uma pessoa bem treinada e bem equipada, ou seja, um soldado. Um soldado pressupõe um Exército, um Exército pressupõe um Estado-Nação… e que Estado-Nação poderia desejar matar o papa? — perguntou o coronel Rojdestvenskiy. — Uma verdadeira operação clandestina nunca poderá ser traçada até ao seu ponto de origem.

Andropov acendeu um cigarro e assentiu com um aceno de cabeça. Ele escolhera bem, o coronel não era nenhum parvo.

— Continue.

— O ideal seria que o atirador não tivesse qualquer ligação com a União Soviética. Teremos de nos certificar disso, porque não poderemos ignorar a possibilidade de que ele seja detido. Se ele for preso, será interrogado. Muitos

homens acabam por falar durante os interrogatórios, seja por razões psicológicas ou físicas. — Rojdestvenskiy meteu a mão no bolso e retirou de lá o seu próprio cigarro. — Lembro-me de ter lido acerca dos assassínios da máfia na América… — Mais uma vez, baixou a voz, enquanto focava os olhos na parede mais distante, no processo de examinar algo no passado.

— Sim? — incitou o diretor.

— Um homicídio na cidade de Nova Iorque. Um dos seus efetivos estava em desavença com os colegas e eles decidiram não apenas matá-lo, mas fazê-lo com um certo grau de ignomínia. Arranjaram um negro para dar cabo dele. Para a máfia, isso é particularmente vergonhoso — explicou Rojdestvenskiy. — De qualquer modo, o assassino foi logo morto por outro homem, talvez um assassino da própria máfia que conseguiu escapar sem problemas… Sem dúvida, teria tido ajudas, o que prova ter-se tratado de um exercício bem planeado. O alvo foi morto, tal como o assassino. Os verdadeiros assassinos, os que tinham planeado o exercício, concluíram a sua missão e ganharam prestígio dentro da organização, mas nunca foram punidos por isso.

— Meros bandidos — resmoneou Andropov.

— Sim, camarada diretor, mas uma missão bem executada merece, mesmo assim, ser alvo de estudo. Não se aplica por completo à nossa tarefa em questão, porque *deveria* parecer um assassínio da máfia bem-sucedido. Mas o atirador aproximou-se do seu alvo porque ele, manifestamente, não era membro de um gangue da máfia, de modo que, mais tarde, nunca poderia implicar ou identificar os que lhe tinham pagado para cometer o ato. É isto, precisamente, o que nós pretendemos atingir. É claro, não poderemos copiar esta operação na sua totalidade… Por exemplo, matar o nosso atirador apontaria logo para nós. Isto não poderá ser como a eliminação do Leon Trotsky. Nesse caso, a origem da operação não se encontrava oculta. Tal como no assassínio da máfia que acabei de mencionar, deveria ser algo como um anúncio público. — Que uma ação do Estado soviético tivesse um paralelo direto com essa morte, por parte de um gangue na cidade de Nova Iorque, não necessitava de muita elaboração aos olhos de Rojdestvenskiy. Porém, no seu cérebro operacional, a morte de Trotsky e o assassínio da máfia proporcionavam uma confluência de táticas e de objetivos. — Camarada, preciso de mais tempo para considerar tudo isto.

— Dou-lhe duas horas — respondeu generosamente o diretor Andropov.

Rojdestvenskiy levantou-se, pôs-se em sentido e saiu através da divisão com o bengaleiro para o escritório do secretário.

O escritório de Rojdestvenskiy era pequeno, como seria de esperar, mas era privado e ficava no mesmo andar do do diretor. Uma janela dava para a praça Dzerjinskiy, com todo o seu tráfego e a estátua do *Félix de Ferro*. A cadeira giratória era confortável e a sua secretária tinha três telefones, porque a União Soviética nunca conseguira produzir um telefone com várias linhas. Tinha uma máquina de escrever que raramente usava, preferindo recorrer ao trabalho de uma secretária da secção executiva. Havia quem dissesse que Yuriy Vladimirovitch usara uma delas para algo diferente de ditar-lhe cartas, mas Rojdestvenskiy não acreditava. O diretor era demasiado esteta para isso. A corrupção não era o seu género, algo que lhe agradava. Era difícil sentir lealdade por um homem como Brejnev. Rojdestvenskiy levava muito a sério o lema da Espada e do Escudo da sua Agência. Era sua função proteger o seu país e o seu povo e ambos precisavam de proteção, por vezes dos membros do próprio Politburo.

Mas por que motivo precisam de proteção deste padre?, perguntava-se.

Abanou a cabeça e aplicou a sua mente no exercício. Ele tinha tendência para pensar com os olhos abertos, examinando as suas ideias como um filme num ecrã invisível.

A primeira consideração era a natureza do alvo. O papa, nas fotografias, parecia ser um homem alto e, geralmente, vestia-se de branco. Não se poderia esperar um alvo melhor do que esse. Deslocava-se num veículo aberto, o que o tornava um alvo ainda melhor, porque o mesmo andava sempre devagar, para que os fiéis o pudessem ver bem.

Mas quem seria o atirador? Não um oficial do KGB, nem mesmo um cidadão soviético. Talvez um russo exilado. O KGB tinha-os espalhado pelo Ocidente, muitos deles agentes adormecidos que viviam as suas vidas, esperando pelas chamadas de ativação. Mas o problema é que muitos deles se tinham naturalizado nos vários países e ignoravam essas chamadas, ou avisavam a contrainformação nos locais onde residiam. Rojdestvenskiy não gostava desse tipo de tarefa a longo termo. Era muito fácil para um oficial esquecer-se de quem era e tornar-se no que a sua cobertura dizia que deveria ser.

Não, o atirador tinha de ser alguém do exterior, não um russo, nem um antigo

cidadão da União Soviética que não fosse russo, ou um estrangeiro treinado pelo KGB. O melhor seria um padre ou uma freira que fossem apóstatas, mas esse tipo de pessoas não nos caía no colo, exceto na ficção de espionagem ocidental ou nas séries televisivas. O mundo verdadeiro das operações de informação raramente era tão conveniente.

Assim sendo, de que tipo de atirador é que ele precisava? Alguém que não fosse cristão? Um judeu? Um muçulmano? Um ateu seria facilmente associado à União Soviética, de modo que não, esses não serviam. Arranjar um judeu para o fazer seria fantástico! Um filho do Povo Escolhido. Melhor ainda, um israelita. Israel tinha a sua quantidade de fanáticos religiosos. *Era* possível… mas pouco provável. O KGB tinha ativos em Israel (muito dos cidadãos soviéticos que para lá tinham emigrado eram KGB adormecidos), mas a contrainformação israelita era notoriamente eficiente. A possibilidade de que uma operação como essa fosse descoberta era demasiado alta e aquela era uma operação que não poderia falhar nem ser descoberta. O que deixava de fora os judeus.

Talvez um louco da Irlanda do Norte. Decerto os protestantes que lá viviam odiavam a Igreja Católica, e um dos seus chefes de clã (Rojdestvenskiy não se conseguia lembrar do nome dele, mas o mesmo assemelhava-se a um anúncio de uma fábrica de cerveja) dissera que desejava a morte do papa. O homem era um pastor protestante, segundo se dizia. Contudo, infelizmente, essas pessoas odiavam ainda mais a União Soviética, porque os seus adversários do IRA diziam ser marxistas, algo que o coronel Rojdestvenskiy tinha dificuldade em aceitar. Se eram verdadeiramente marxistas, ele poderia usar a disciplina do Partido para que um deles se encarregasse da operação… mas não era esse o caso. O pouco que ele sabia acerca de terroristas irlandeses disse-lhe que arranjar um deles, capaz de pôr a disciplina do Partido acima das suas crenças étnicas, seria pedir muito. Por mais atrativo que fosse, de um ponto de vista teórico, tal arranjo seria demasiado difícil.

Isso deixava-lhe a hipótese dos muçulmanos. Muitos deles eram fanáticos, com muito pouco que fazer com as suas crenças principais, como o papa com Karl Marx. O Islão era demasiado grande e sofria das doenças do seu tamanho. Mas, se ele queria um muçulmano, onde o poderia arranjar? O KGB tinha operações em muitos países com populações islâmicas, tal como outras nações marxistas. *Hum*, pensou ele, *isso seria uma boa ideia*. Muitos dos aliados da

União Soviética tinham serviços de informação, e muitos deles estavam sob o polegar do KGB.

O melhor de todos eles era a Stasi da RDA, soberbamente gerida pelo seu diretor, Markus Wolf. Mas não havia lá muitos muçulmanos. Os polacos também eram bons, mas nem por sombras os queria usar para essa operação. Os católicos não tardariam a revelá-lo e o Ocidente também não demoraria a sabê-lo, ainda que em segunda mão. Hungria… não, o país era demasiado católico e os únicos muçulmanos que lá viviam eram estrangeiros em campos de treino ideológicos para grupos de terroristas, de modo que ele não deveria usá-los. O mesmo se aplicava aos checos. A Roménia não era vista como uma verdadeira aliada da União Soviética. O seu governante, embora austeramente comunista, estava muito próximo dos gangues de ciganos do seu país. Isso deixava-lhe… a Bulgária. É claro. Esta era vizinha da Turquia, que era um país muçulmano mas com uma cultura secularizada e com excelentes gângsteres. E os búlgaros tinham muitos contactos através da fronteira, muitas vezes sob a capa de operações de contrabando, que eles usavam para obterem informação da NATO, tal como Goderenko fazia em Roma.

Assim, iriam usar o *rezident* em Sófia para que os búlgaros pudessem fazer aquele trabalho sujo. Apesar de tudo, eles tinham há muito uma dívida para com o KGB. O Centro de Moscovo permitira-lhes verem-se livres do seu errático cidadão na ponte de Westminster, numa operação muito bem montada que resultara mal apenas devido ao pior caso de má sorte.

Mas existe nisso uma lição, recordou o coronel Rojdestvenskiy. Do mesmo modo que com o assassínio da máfia, a operação não poderia ser tão sofisticada a ponto de apontar diretamente para o KGB. Não, aquela teria de ter um toque de gângster na sua execução. Mesmo assim, haveria perigos. Os governos ocidentais teriam as suas suspeitas, porém, sem qualquer ligação direta ou indireta à praça Dzerjinsky, não poderiam falar disso em público…

Seria isso suficientemente bom?, interrogou-se.

Os italianos, os americanos e os britânicos ficariam a pensar. Iriam murmurar e talvez esses murmúrios acabassem por penetrar na imprensa pública. Seria que isso era importante?

Dependia do valor dessa operação para Andropov e para o Politburo, não dependia? Haveria riscos, no entanto, no grande cômputo político, pesavam-se

os riscos em relação à importância da missão.

Assim sendo, o posto de Roma seria o elemento de reconhecimento. O posto de Sófia contactaria os búlgaros para contratarem o atirador… provavelmente teria de o fazer com um tiro de pistola. Aproximar-se o suficiente para poder usar uma faca seria uma tarefa por demais difícil de planear seriamente, e as espingardas não se poderiam esconder do mesmo modo, embora uma pistola-metralhadora fosse sempre a arma escolhida para algo desse género. E o atirador nem sequer seria um cidadão de um país socialista. Não, iriam arranjar um que fosse de um país da NATO. Havia aí um certo grau de complexidade, mas não muito.

Rojdestvenskiy acendeu um outro cigarro e percorreu mentalmente os meandros do seu raciocínio, em busca de erros, de fraquezas. Havia algumas. Havia sempre algumas. O verdadeiro problema seria arranjar um bom turco para dar o tiro. Para isso teriam de depender dos búlgaros. Mas será que os seus serviços clandestinos eram bons? Rojdestvenskiy nunca trabalhara diretamente com eles e só lhes conhecia a reputação, e esta não era inteiramente boa. Refletia o governo deles, que era mais rude e rufião do que o de Moscovo, não muito *kulturniy*, ainda que ele supusesse que se tratava de chauvinismo russo por parte do KGB. A Bulgária era a irmãzinha de Moscovo, política e culturalmente, e aquele tipo de pensamento — da irmãzinha e da irmã mais velha — era difícil de evitar. Apenas teriam de ser suficientemente bons para terem contactos decentes na Turquia, e isso significava um bom oficial de informação, de preferência, um treinado em Moscovo. Haveria muitos desses, a própria academia do KGB teria os registos necessários. O *rezident* de Sófia poderia até conhecê-lo pessoalmente.

O exercício teórico estava a ganhar forma, pensou o coronel Rojdestvenskiy consigo mesmo, com alguma ponta de orgulho. Segundo lhe parecia, ele ainda sabia organizar uma boa operação no terreno, embora se tivesse tornado um lacaio indolente da sede. Sorriu quando apagou o cigarro. Depois levantou o auscultador do telefone branco e ligou o 111 para o escritório do diretor.

CAPÍTULO 8

O PRATO

—Obrigado, Aleksey Nikolayevitch. Trata-se de uma conceção muito interessante. Assim sendo, como é que avançamos?

— Camarada diretor, já temos Roma a informar-nos da agenda do papa, com toda a antecedência possível. Não lhes falámos acerca da existência de qualquer operação. Eles são apenas uma fonte informativa. Quando o tempo chegar, poderemos requerer um dos seus oficiais para estar na área apenas para observar, mas será melhor, para todos os envolvidos, que o Goderenko saiba tão pouco quanto possível.

— Não confia nele?

— Não, camarada diretor. Desculpe, não queria dar essa impressão. Mas, quanto menos ele souber, menos perguntas fará ou, inadvertidamente, perguntará coisas ao seu pessoal, capazes de revelarem um pouco o assunto, mesmo de um modo ingénuo. Escolhemos os nossos chefes de posto pela informação que têm e pela sua capacidade de verem coisas que os outros não veem. Se ele sentir que algo está a acontecer, a sua perícia profissional poderá incitá-lo, pelo menos, a manter-se vigilante… e isso poderá impedir a operação.

— Livres-pensadores — resmoneou Andropov.

— Será que poderá ser de outra maneira? — perguntou Rojdestvenskiy, de um modo razoável. — Há sempre um preço a pagar quando contratamos homens de informação.

Andropov assentiu com um aceno de cabeça. Ele não era tão louco a ponto de ignorar a lição.

— Bom trabalho, coronel. E que mais?

— A ocasião é crucial, camarada diretor.

— E quanto tempo demorará a organizar uma coisa destas? — inquiriu Andropov.

— Decerto um mês, talvez mais. A não ser que tenhamos pessoas já no lugar, estas coisas levam sempre mais tempo do que esperamos — informou Rojdestvenskiy.

— Vou precisar de todo esse tempo para obter autorização para isto. Mas iremos avançando com o planeamento da operação, de modo que, quando a autorização chegar, possamos executar a operação tão rapidamente quanto possível.

Executar, pensou ele, *era a palavra apropriada*, mas até mesmo ele achou isso bastante frio. E o diretor dissera *quando* vier a autorização, não *se*, notou o coronel. Ora, Yuriy Vladimirovitch deveria ser agora o homem mais poderoso no Politburo, e isso agradava a Aleksey Nikolayevitch. O que era bom para a sua Agência era também bom para ele, especialmente no seu novo trabalho. Poderia haver estrelas de general no fim deste arco-íris profissional e essa possibilidade também lhe agradava.

— Como é que procederia? — perguntou o diretor.

— Vou enviar um telegrama para Roma, para aliviar os receios do Goderenko e dizer-lhe que a sua tarefa de momento é determinar o horário das viagens, as presenças do papa e outras coisas do género. Em seguida, vou mandar um telegrama ao Ilya Bubovoy. Ele é o nosso *rezident* em Sófia. Já alguma vez se encontrou com ele, camarada diretor?

Andropov tentou lembrar-se.

— Sim, numa receção. Ele é obeso, não é?

Rojdestvenskiy sorriu.

— Sim, o Ilya Fedorovitch sempre tentou combater o peso, mas é um bom funcionário. Já lá está há quatro anos e tem boas relações com o Dirjavna Sugurnost.[20]

— Deixou crescer o bigode, não foi? — perguntou Andropov com um certo toque de humor. Os russos criticavam muitas vezes os seus vizinhos por usarem pelos faciais, algo que parecia ser uma característica nacional dos búlgaros.

— Isso não sei — admitiu o coronel. Ele ainda não era tão obsequioso a ponto de lhe prometer averiguar.

— O que vai dizer no telegrama para Sófia?

— Que temos um requerimento de operação para…

O diretor interrompeu-o.

— Não num telegrama. Mande-o vir até cá de avião. Quero uma segurança muito apertada, e pô-lo a fazer uma viagem de ida e volta desde Sófia irá levantar algumas sobrancelhas.

— A ordem é sua. É para já?

— *Da*, sim, imediatamente.

O coronel levantou-se.

— Vou já tratar disso, camarada diretor. Vou diretamente até às Comunicações.

O diretor Andropov viu-o ir-se embora. Uma coisa agradável acerca do KGB, pensou Yuriy Vladimirovitch, quando aí se davam ordens as coisas aconteciam, ao contrário do que se passava no Secretariado do Partido.

O coronel Rojdestvenskiy voltou a apanhar o elevador e desceu até à cave para se dirigir às Comunicações. O major Zaitzev já estava na secretária a tratar da sua papelada, como de costume (na verdade, era tudo o que tinha de fazer), e o coronel dirigiu-se-lhe.

— Tenho mais dois despachos para si.

— Muito bem, camarada coronel. — Oleg Ivanovitch estendeu a mão.

— Ainda vou ter de os escrever — clarificou Rojdestvenskiy.

— Pode usar aquela secretária ali, camarada. — Zaitzev apontou. — A mesma segurança de antes?

— Sim, cifras de uso único para ambos. Mais um para Roma e outro para o posto de Sófia. Prioridade imediata — acrescentou.

— Muito bem. — Zaitzev passou-lhe os formulários em branco e voltou ao trabalho que estava a fazer, esperando que os despachos não fossem muito longos. Tinham de ser muito importantes para o coronel ter descido até ali mesmo antes de os ter escrito. Andropov deveria ter um foguete no reto. O coronel Rojdestvenskiy era o moço de recados pessoal do diretor. Deveria ser um pouco humilhante para alguém com o potencial para ser um *rezident* num local interessante. Viajar, apesar de tudo, era a única regalia que o KGB oferecia aos seus empregados.

Não que Zaitzev tivesse a oportunidade de o fazer. Oleg Ivanovitch sabia demasiado para lhe permitirem entrar num país do Ocidente. Apesar de tudo, ele poderia não regressar e o KGB preocupava-se sempre com isso. E, pela primeira vez, ele perguntou-se porquê. Era o tipo de dia que estava a ter. Por que motivo o KGB se preocupava tanto com possíveis desertores? Ele vira despachos que discutiam abertamente essa preocupante possibilidade, e vira oficiais que tinham

sido trazidos para a Rússia para «falarem» acerca disso, ali no Centro, e que, muitas vezes, nunca mais tinham voltado ao terreno. Ele sempre o soubera, mas nunca pensara nisso durante mais de trinta segundos.

Iam-se embora porque… porque pensavam que o seu país optara pelo caminho errado? Será que de facto pensavam que as coisas eram tão más a ponto de *traírem* drasticamente a sua pátria? Isso, Zaitzev veio a dar-se conta mais tarde, era um grande pensamento.

E contudo, que era o KGB senão uma agência que vivia da traição? Quantas centenas (milhares) de despachos lera ele, precisamente acerca disso? Tratava-se de indivíduos do Ocidente, americanos, alemães, franceses que usavam o KGB para descobrirem coisas que a União Soviética queria saber, e eram todos traidores aos seus países, não eram? Faziam-no sobretudo por dinheiro. Ele vira também muitas dessas mensagens, discussões entre o Centro e as *rezidenturas* a debaterem as importâncias a serem pagas. Sabia que o Centro era sempre avarento com o dinheiro que pagava, o que seria de esperar. Os agentes queriam dólares americanos, libras esterlinas, francos suíços. E em numerário, tudo dinheiro em papel… queriam sempre ser pagos desse modo. Nunca queriam rublos, nem sequer rublos certificados. Queriam ser pagos na moeda em que confiavam, como seria de esperar. Traíam os seus países por dinheiro, mas só pelo *seu próprio* dinheiro. Alguns deles pediam até milhões de dólares, se bem que nunca os recebessem. O máximo que ele vira autorizado fora cinquenta mil libras, pagas por cifras navais americanas e britânicas. *O que não pagariam os poderes do Ocidente pela informação acerca das comunicações de que me lembro?*, pensou Zaitzev, ociosamente. Era uma pergunta sem resposta. Ele não tinha a capacidade de a colocar devidamente, muito menos de considerar seriamente a resposta.

— Cá vamos nós — disse Rojdestvenskiy, entregando-lhe os formulários. — Envie-os o mais depressa possível.

— Assim que os encriptar — prometeu o outro.

— E a mesma segurança de antes — acrescentou o coronel.

— Com certeza. A mesma etiqueta de identificação em ambos? — perguntou Oleg Ivanovitch.

— É isso mesmo, todos com este número — respondeu ele, colocando o 666 no canto superior direito.

— Às suas ordens, camarada coronel. Vou já tratar disso.

— E telefone-me quando as enviar.

— Sim, camarada coronel. Tenho o número do seu escritório — tranquilizou-o Zaitzev.

Havia ali mais do que meras palavras e Oleg sabia-o. O tom de voz do seu interlocutor dissera-lhe bastante. Aquilo ia ser *enviado* sob ordem direta do diretor e toda essa atenção tornava-o um assunto da mais alta prioridade e não um assunto rotineiro para um homem importante. Aquilo não era acerca de comprar colãs para a filha importante de alguém.

Foi até ao armazém dos livros de cifras para ir procurar dois, respetivamente para Roma e para Sófia, e depois foi buscar o seu disco de cifras para encriptar laboriosamente ambas as mensagens. No total, demorou-lhe quarenta minutos. A mensagem para o coronel Bubovoy em Sófia era muito simples: «Apanhe o avião para Moscovo de imediato para consultas.» Zaitzev pensou se isso lhe iria pôr os joelhos a tremer um pouco. Era claro que o coronel Bubovoy não poderia ter uma ideia do que o identificador numérico queria dizer. Mas iria sabê-lo em breve.

O resto do dia de Zaitzev passou-se normalmente. Conseguiu fechar à chave os seus papéis confidenciais e sair antes das seis da tarde.

O almoço na Century House era bom, mas o britânico excêntrico que havia em Ryan aprendera a gostar do almoço à lavrador inglês, talvez porque o pão ali fosse muito bom.

— Então a sua mulher é cirurgiã?

Jack anuiu com um aceno de cabeça.

— Pois, corta olhos. Ela está presentemente a aprender a usar os *lasers* para algumas coisas. Espera tornar-se uma pioneira no assunto.

— *Lasers*? Para quê? — perguntou Harding.

— Funcionam um pouco como soldadores. Usam o *laser* para cauterizar um vaso sanguíneo que está a deitar sangue, por exemplo… fizeram-no com o Suslov. Ele tinha um derramamento no olho, de modo que entraram no globo ocular e tiraram-lhe o líquido… humor aquoso, creio que lhe chamam… e depois usaram o *laser* para soldarem os vasos que estavam a verter. Parece uma coisa nojenta, não parece?

Harding arrepiou-se só de pensar nisso.

— Creio que é melhor do que ficar cego.

— Pois. Estou a ver o que quer dizer. Como quando a Sally entrou em choque. A ideia de alguém a cortar a minha filha não me agradou. — Com efeito, Jack lembrava-se de como isso fora lixado. Sally ainda tinha as cicatrizes no peito e no ventre, embora estas estivessem a desaparecer.

— E você, Jack, já alguma vez foi à faca? — inquiriu Simon.

— Estava a dormir e eles não fizeram vídeos da operação… mas, não sei se sabe, a Cathy estaria provavelmente interessada em ver as três operações.

— Três?

— Sim. Duas quando eu estava nos Fuzileiros. Eles estabilizaram-me no barco, depois levaram-me de avião para o hospital Bethesda, para acabarem o tratamento… estive a dormir praticamente o tempo todo, graças a Deus, mas o neurocirurgião não era lá muito bom e fiquei com problemas nas costas. Depois, quando comecei a andar com a Cathy, estávamos já noivos, as minhas costas começaram a afligir-me enquanto jantávamos em Little Italy. Ela levou-me para o Hopkins e pediu ao Sam Rosen que me examinasse. O Sam remediou tudo. Um fulano muito simpático e um ótimo médico. Sabe, às vezes é bom estarmos casados com uma médica. Ela conhece algumas das melhores pessoas do mundo. — Jack deu uma grande dentada numa baguete de peru. Era melhor do que os hambúrgueres na cafetaria da CIA. — De qualquer modo, é a versão abreviada de uma aventura de três anos que se iniciou com o desastre de helicóptero em Creta. Tudo acabou quando finalmente me casei, de modo que acho que tudo se resolveu bem.

Harding encheu o cachimbo, com tabaco de um saco de couro, e acendeu-o.

— Então, como é que vai o seu relatório sobre as práticas de gestão soviéticas?

Jack pousou a cerveja.

— É espantoso como eles são completamente lixados, especialmente quando comparamos os seus documentos internos com os dados concretos de que viemos a ter conhecimento, quando os nossos rapazes lidam com os equipamentos deles. Eles chamam controlo de qualidade ao que nós chamamos uma grandessíssima confusão. Em Langley, vi alguns dos seus aviões de combate que a Força Aérea arranjou, principalmente através dos israelitas. As

malditas partes não se encaixam! Eles nem sequer conseguem cortar folhas de alumínio com formas regulares. Quero dizer, um miúdo do liceu, na aula de oficinas, teria de fazer melhor ou chumbaria. Sabemos que eles têm engenheiros competentes, especialmente os tipos que trabalham em coisas teóricas, mas as suas práticas de manufatura são tão primitivas que poderíamos esperar mais de um aluno que frequentasse o terceiro ano de escolaridade.

— Não em todas as áreas, Jack — acautelou Harding.

— E nem todo o oceano Pacífico é azul, Simon. É claro que também há ilhas e vulcões, sei bem disso. Mas a regra é que o mar é azul e a regra na União Soviética é uma merda de um trabalho. O problema é que o sistema económico deles não premeia os que têm um bom desempenho. Há uma máxima em economia: «O mau dinheiro vê-se livre do bom.» Isto quer dizer que o mau trabalho acaba por se afirmar se o bom não for reconhecido. Ora, não é isso que lá acontece, e para a economia deles isso é como um cancro. O que acontece num sítio acaba por contaminar todo o sistema.

— Há algumas coisas em que eles são, de facto, muito bons — insistiu Harding.

— Simon, o Ballet Bolshoi não vai fazer um ataque à Alemanha Ocidental, nem à sua equipa olímpica — ripostou Jack. — Os militares que eles têm podem ser comandados competentemente aos níveis mais altos, mas o equipamento é uma porcaria, a gestão ao nível médio praticamente não existe. Sem o meu sargento-ajudante e os meus líderes de esquadrão, eu não poderia ter usado o meu pelotão de Fuzileiros com eficiência, mas o Exército Vermelho não tem sargentos, tal como nós os entendemos. Têm oficiais competentes e, uma vez mais, algum do seu pessoal teórico é excelente. Os seus soldados são provavelmente patriotas russos, mas, sem um treino apropriado a nível tático, são como um belo automóvel com os pneus vazios. O motor talvez ligue, a pintura talvez brilhe, mas o carro não vai a lado nenhum.

Harding inalou algumas fumaças contemplativas.

— Se assim é, porque estamos preocupados?

Jack encolheu os ombros.

— É que eles são muitos e a quantidade acaba por ter uma qualidade própria. No entanto, se avançarmos com os nossos mecanismos de defesa poderemos parar com o que quer que seja que eles tentem. Um regimento de tanques russos

é apenas uma série de alvos, se tivermos o equipamento adequado, e os nossos estão devidamente treinados e contam com um bom comando. De qualquer modo, é mais ou menos isto que o meu relatório irá dizer.

— É ainda muito cedo para uma conclusão — disse Simon ao seu amigo americano. Ryan ainda não aprendera de que modo uma burocracia deveria funcionar.

— Simon, eu costumava ganhar dinheiro com transações comerciais. Nesse ramo vemos as coisas um pouco mais depressa do que os outros, e isso quer dizer que não esperamos até estarmos na posse de toda a informação. Posso ver para onde esta informação aponta. As coisas lá estão más e a piorarem. Os militares russos são um destilado do que existe de bom e de mau na sociedade deles. Veja como estão a sair-se mal no Afeganistão. Não olhei para os seus dados, mas já me foi dado ver o que eles têm em Langley, e não é bonito. Os militares que eles têm estão a fazer um mau serviço naquele monte de pedras.

— Creio que, por fim, talvez sejam bem-sucedidos.

— Talvez — concedeu Jack —, mas vai ser uma vitória feia. Nós fizemos melhor no Vietname. — Ele fez uma pausa. — Vocês têm terríveis memórias do Afeganistão, não têm?

— O meu tio-avô esteve lá em mil novecentos e dezanove. Disse-me que aquilo era pior do que a batalha do Somme. O Kipling escreveu um poema que termina aconselhando um soldado a dar um tiro na cabeça para não ser capturado. Infelizmente, receio que alguns russos tenham aprendido essa lição.

— Pois, os afegãos são corajosos, mas não muito civilizados — concordou Jack. — Mas acredito que vão ganhar. Fala-se na América em darem-lhes mísseis terra-ar, SAM. Isso iria neutralizar os helicópteros que os russos estão a usar e, sem eles, o Ivan tem um problema.

— Será que esses mísseis são assim tão bons?

— Nunca os usei, mas ouvi falar bem deles.

— E os mísseis russos SAM-7?

— Parece que inventaram a ideia de um míssil portátil, não é verdade? Mas nós arranjámos alguns em mil novecentos e setenta e três, através dos israelitas, e os nossos militares não ficaram nada impressionados. Mais uma vez, o Ivan tinha uma ideia interessante mas não a podia pôr em prática devidamente. É essa a maldição deles, Simon.

— Isso para mim explica o KGB — observou Harding.

— O mesmo se passa com o Ballet Bolshoi e com as suas equipas de hóquei no gelo. Eles investem uma grande quantidade de dinheiro e de talento na agência, e acabam por ter uma recompensa, mas também têm muitos espiões a saltarem por cima do muro, não têm?

— Pois. — Simon tinha de concordar.

— E porquê, Simon? — perguntou Jack. — Porque eles enchem a cabeça a pensar como nós somos corruptos e desorganizados, e depois, quando aqui chegam e se põem a observar, veem que não é assim tão mau, pois não? Meu Deus, temos casas seguras por toda a América, com fulanos do KGB nelas a verem televisão. Também não há muitos que decidam regressar a casa. Eu nunca conheci um desertor, mas li muitas transcrições e todas elas dizem mais ou menos a mesma coisa. O nosso sistema é melhor do que o deles e eles têm a esperteza necessária para verem a diferença.

— Nós também temos aqui alguns a viver — admitiu Harding. Ele não queria admitir que os russos também tinham alguns britânicos… Não tantos, apenas o suficiente para serem um embaraço para a Century House. — É difícil debater consigo, Jack.

— Limito-me a dizer a verdade, meu amigo. É para isso que estamos aqui, não é verdade?

— Essa é a teoria — teve Harding de admitir. Aquele Ryan nunca seria um burocrata, decidiu o britânico, e pôs-se a pensar se isso seria uma coisa boa ou má. Os americanos viam as coisas de outro ângulo e o contraste com o seu tipo de organização era pelo menos divertido. Ryan ainda tinha muito que aprender… mas teria também muitas coisas para ensinar, deu-se conta Harding. — Como é que está o seu livro?

O rosto de Ryan mudou de expressão.

— Trabalhei muito nele ultimamente. Já tenho o meu computador instalado. É difícil concentrar-me nele depois de um dia inteiro aqui, mas, se não arranjar tempo, nunca o irei concluir. Bem no fundo, acabo por ser um preguiçoso — admitiu Ryan.

— Então como é que enriqueceu? — perguntou Harding, olhando para o sorriso do outro.

— Também sou ganancioso. A Gertrud Stein é que o disse bem: «Já fui rica e

já fui pobre, mas é melhor ser rica.» Nunca se disse nada mais acertado.

— Um dia terei de o descobrir por mim mesmo — observou o funcionário público britânico.

Bolas, pensou Ryan. *Mas não era culpa sua, pois não*? Simon era suficientemente esperto para ganhar dinheiro no mundo real, mas não parecia pensar nesses termos. Fazia todo o sentido ter uma boa pessoa entre o leque de analistas na Century House, ainda que isso significasse ter de sacrificar o próprio bem-estar pelo seu país. Mas não se tratava uma coisa má, e Ryan acabou por refletir que também o estava a fazer. A sua vantagem é que ele tinha ganhado o seu dinheiro honestamente, e poderia dar-se ao luxo de voltar as costas a esse emprego sempre que lhe apetecesse. Era o tipo de independência que muitos dos funcionários do governo nunca iriam conhecer… *E o trabalho deles talvez se ressentisse por causa disso*, pensou Jack.

Zaitzev passou pelos vários postos de segurança. Algumas pessoas eram escolhidas aleatoriamente pelos guardas para serem revistadas, a fim de se certificarem de que não estavam a levar algo com elas. Mas essas inspeções (e ele passara já por algumas) eram demasiado rápidas para serem eficazes, pensou ele. Eram bastante incómodas, mas não eram feitas de forma suficientemente regular para se tornarem uma verdadeira ameaça (talvez uma vez por mês) e, se a pessoa era inspecionada num dia, sabia que estava livre pelo menos nos próximos cinco, porque os guardas conheciam todos os rostos de quem inspecionavam e, mesmo aí, havia contacto humano e relações amistosas entre empregados, especialmente ao nível do trabalho, uma espécie de solidariedade de colarinho azul que, em certos aspetos, era surpreendente. Assim, Zaitzev pôde passar sem ser revistado e entrou na enorme praça, antes de se dirigir para a estação de metro.

Ele não costumava vestir um uniforme militar, muitos KGB optavam por não o fazer, como se o emprego que tinham os pudesse apoucar ou manchar aos olhos dos outros cidadãos. Mas ele também não o ocultava. Se alguém lho perguntasse, dizia a verdade e, depois disso, já não lhe faziam mais perguntas, porque todos sabiam que não deveriam fazer perguntas acerca do que se passava no Comité para a Segurança do Estado. Havia, de quando em vez, filmes ou séries televisivas sobre o KGB, e algumas delas eram bastante francas, embora

pouco ou nada revelassem acerca de métodos e fontes, para lá do que um escritor de ficção pudesse imaginar, o que nem sempre era muito exato. Existia um pequeno escritório no Centro que se podia consultar acerca de tais factos, geralmente para os suprimir e, raramente, para os adicionar, porque era no interesse da agência ser temida e proibitiva, quer para os cidadãos soviéticos, quer para os estrangeiros. *Quantos desses cidadãos comuns suplementavam os seus ordenados ao tornarem-se informadores?*, pensou Zaitzev. Raramente via despachos acerca disso, e tal informação quase nunca era comunicada aos outros países.

As coisas que saíam da URSS já constituíam uma situação bastante preocupante. O coronel Bubovoy estaria em Moscovo no dia seguinte. Havia serviço aéreo regular entre Sófia e Moscovo, na Aeroflot. Fora pedido ao coronel Goderenko, em Roma, que não fizesse ondas e se calasse, e para enviar para o Centro a agenda de aparecimentos do papa em público no futuro mais próximo. Andropov não perdera o interesse nessa peça de informação.

E agora os búlgaros iriam estar envolvidos. Zaitzev preocupava-se com isso, mas não tinha de pensar muito sobre o assunto. Já vira antes esses despachos. O Serviço de Segurança do Estado da Bulgária era um vassalo leal do KGB. O funcionário sabia-o. Era vira um número suficiente de mensagens enviadas para Sófia, por vezes através de Bubovoy, outras diretamente, outras ainda com o fim de porem fim à vida de alguém. O KGB já não se entregava muito a essas práticas, mas o Dirjavna Sugurnost fazia-o ocasionalmente. Zaitzev imaginava que eles tinham uma pequena subunidade de oficiais de Defesa do Estado que eram treinados, instruídos e *adquiriam prática* nesse tipo particular de procedimento. O cabeçalho da mensagem tinha o sufixo 666, de modo que esse despacho estava relacionado com a mesma coisa acerca da qual Roma fora inicialmente inquirida. Pelos vistos, a operação iria avançar.

A sua agência — o seu país — queria matar o papa polaco. Essa ação, pensava Zaitzev, talvez não fosse uma boa ideia.

Desceu as escadas rolantes para a estação subterrânea, entre a usual multidão que circulava após o horário de trabalho. Geralmente, essa multidão era-lhe reconfortante. Significava que Zaitzev estava no seu elemento, rodeado pelos seus conterrâneos, pessoas como ele que se serviam mutuamente e ao Estado. Mas seria verdade? *Que pensariam todas essas pessoas da missão do Andropov?*

Era difícil sabê-lo. A viagem de metro costumava ser sossegada. Algumas pessoas poderiam falar com amigos. No entanto, as discussões de grupo eram raras, exceto talvez sobre eventos desportivos mais fora do comum, a decisão de um mau árbitro num jogo de futebol, ou um desafio espetacular num rinque de hóquei. Para além disso, as pessoas estavam geralmente sozinhas com os seus pensamentos.

O comboio parou e Zaitzev apressou-se a entrar. Como de costume, não havia lugares sentados. Agarrou-se ao corrimão junto ao teto e continuou a pensar.

Será que as outras pessoas no comboio também iam a pensar? Se fosse esse o caso, acerca de quê? Trabalho? Crianças? Esposas? Amantes? Comida? Não seria possível sabê-lo, nem mesmo para Zaitzev, e ele vira essas pessoas, no metro, durante anos. Conhecia apenas uns quantos nomes que ouvira em conversas. Não, ele só os conhecia através das suas equipas desportivas favoritas…

De súbito, deu-se tremendamente conta de como estava sozinho na sua sociedade. *Quantos verdadeiros amigos tenho eu?*, perguntou Zaitzev a si mesmo. A resposta era que, chocantemente, muito poucos. Claro que havia pessoas no trabalho com quem ele conversava. Conhecia os pormenores mais íntimos acerca das suas mulheres e dos filhos. Porém, amigos em quem pudesse confiar, com quem pudesse conversar acerca de um desenvolvimento preocupante, a quem pudesse pedir conselhos numa situação problemática… Não, não tinha nenhuns desses. Isso tornava-o pouco comum em Moscovo. Os russos costumavam muitas vezes fazer amizades profundas e consagravam-nas, muitas vezes, com a revelação dos mais profundos e escuros segredos, como se estivessem a desafiar o outro a ser um informador do KGB, como se estivessem a brincar com uma viagem até ao gulag. Mas o emprego dele negava-lho. Ele nunca se atreveria a discutir as coisas que fazia no trabalho, nem mesmo com os colegas.

Não, fossem quais fossem os problemas que ele tivesse com a série de mensagens 666, era algo que teria de resolver por si mesmo. Mesmo a sua Irina não o poderia saber. Talvez desse com a língua nos dentes junto das suas amigas no GUM, e isso significaria a morte para ele. Zaitzev suspirou fundo e olhou em volta…

Lá estava ele outra vez, o funcionário da embaixada americana a ler o

Sovietskiy Sport, muito entretido consigo mesmo. Usava uma gabardina (fora prevista chuva, mas não se materializara), contudo não tinha chapéu. O casaco estava aberto, não estava abotoado nem apertado com um cinto. Ele encontrava-se a uma distância de menos de dois metros…

Por impulso, Zaitzev mudou de posição de um lado da carruagem para o outro, mudando de mãos no corrimão como se para distender um músculo rígido. Essa mudança pô-lo junto do americano. E, devido a um outro impulso, Zaitzev deslizou a mão para o bolso da gabardina. Não havia nada ali, nem chaves nem trocos, apenas tecido. Mas ele já tinha estabelecido que poderia meter a mão no bolso do americano e retirá-la, sem que alguém desse por isso. Recuou, dando uma vista de olhos pela carruagem do metro para ver se alguém se dera conta, ou se estaria a olhar nessa direção. Mas… não, certamente que não. A sua manobra não fora detetada, nem sequer pelo americano.

Foley nem sequer se permitiu mexer os olhos, enquanto lia o artigo sobre hóquei até ao fim. Se estivesse em Nova Iorque, ou em outra cidade do Ocidente, teria pensado que alguém lhe tinha tentado roubar a carteira. Estranhamente, não esperava isso ali. Não era permitido aos cidadãos soviéticos terem moeda estrangeira. Assim sendo, roubar um americano na rua só traria problemas, já para não falar de lhe meter a mão no bolso. E o KGB, que ainda deveria andar a segui-lo, não seria provável que fizesse tal coisa. Se lhe quisessem roubar a carteira, teriam usado uma equipa de dois homens, tal como os carteiristas americanos profissionais faziam, um para empatar e distrair, o outro para fazer o furto. Podia quase enganar-se assim qualquer um, a não ser que o alvo estivesse alerta e estar alerta tanto tempo seria pedir muito, mesmo a um espião profissional. De modo que se empregavam defesas passivas, como pôr um ou dois elásticos em torno da carteira. Era simples mas muito eficiente e uma das coisas que eles ensinavam na Quinta, a espécie de truque do ofício que não anunciava «Espião!» a ninguém. A polícia de Nova Iorque aconselhava as pessoas a fazerem a mesma coisa nas ruas de Manhattan e ele devia *parecer* ser americano. Dado que tinha um passaporte diplomático e uma cobertura «legal», a sua pessoa era teoricamente inviolável. Não necessariamente por um bandido de rua, é claro, e quer o KGB quer o FBI não estavam isentos de terem bandidos altamente treinados para darem um enxerto de pancada a alguém, ainda que dentro de parâmetros bem planeados, para que nada ficasse fora de controlo.

Todo o estado de coisas fazia com que a corte imperial de Bizâncio parecesse comparativamente simples, mas Ed Foley não ditava as regras.

Tais regras, agora, não lhe permitiam pôr as mãos nos bolsos ou fazer o mais pequeno sinal de que sabia que a mão de alguém lá tinha estado. Talvez lhe tivessem passado uma nota escrita, até mesmo algo indicando o desejo de desertar. Mas porquê ele? O seu disfarce deveria ser tão sólido como um título do tesouro, a não ser que alguém na embaixada tivesse desconfiado dele e pretendesse avaliá-lo… Mas não, mesmo assim o KGB não os iria informar tão depressa. Observá-lo-iam durante pelo menos algumas semanas só para verem até onde ele os poderia levar. O KGB jogava com uma grande habilidade no que dizia respeito a esse tipo de coisas, de modo que, não, não havia uma grande hipótese de quem quer que lhe tivesse metido a mão no bolso fosse um fulano da Segunda Direção-Geral e, provavelmente, também não se deveria tratar de um carteirista. *Então, que se estava a passar?*, pensou Foley. Teria de ter paciência para o descobrir, mas Foley sabia muito acerca de paciência. Continuou a ler o jornal. Se fosse alguém que estivesse interessado num pequeno negócio, por que motivo tentar assustá-lo? Quando muito permitiria que ele se sentisse esperto. Era sempre bom ajudar outras pessoas a sentirem-se espertas. Desse modo, poderiam continuar a cometer erros.

Mais três paragens antes que ele saísse do metro. Foley soubera logo que seria muito mais produtivo andar nele do que guiar um carro. O *Mercedes* dava muito nas vistas para uma cidade como aquela. Também faria com que Mary Pat desse nas vistas, mas, segundo o modo de pensar dela, isso funcionava a seu favor e não contra. A sua mulher tinha excelentes instintos no terreno, melhores do que os dele, o que por vezes o assustava devido ao seu atrevimento. Não era tanto que Mary Pat corresse riscos. Todos os membros da Direção de Operações o faziam. Era o facto de ela gostar de corrê-los que de vez em quando o preocupava. Era trabalho, como Don Vito Corleone diria, não se tratava de nada de pessoal. Mas, para Mary Patricia, tudo era extremamente pessoal, devido ao avô.

Ela estivera ansiosa por fazer parte da CIA, antes de ambos se terem encontrado na união de estudantes em Fordham e, mais tarde, no gabinete de recrutamento dessa mesma organização, e não demorou muito até terem começado a gostar um do outro. Ela já possuía um bom domínio do russo e

poderia passar por uma falante nativa. Conseguia mesmo alterar o seu sotaque para o de qualquer região do país. Poderia fingir ser professora de poesia na Universidade Estatal de Moscovo e era bonita, o que lhe dava uma vantagem sobre qualquer outra pessoa. Era o mais velho dos pressupostos: que alguém atrativo entre nós teria de ser bom e que os maus tinham de ser feios pois faziam coisas feias. Os homens eram especialmente respeitosos para com as mulheres bonitas, as outras mulheres eram-no menos, porque lhe invejavam a beleza, mas mesmo essas eram instintivamente simpáticas. De modo que Mary Pat se poderia dedicar a muitas coisas, porque ela era apenas uma americana bonita, a loura estúpida, porque as louras eram vistas como sendo universalmente burras, mesmo na Rússia, onde eram muito comuns. As dali tinham provavelmente cabelo louro natural, porque a indústria cosmética local talvez estivesse tão avançada como a da Hungria do século xii, e não havia muito *Clairol* Louro n.º 100G nas lojas locais. Não, a União Soviética não prestava muita atenção às necessidades das mulheres, o que o levou a considerar uma outra questão… Por que motivo tinham parado os russos após a primeira revolução? Na América teriam de pagar bem caro pela falta de escolha em roupas e cosméticos que aqui afetavam todas as mulheres…

O metro parou na estação. Foley dirigiu-se para a porta e pôs-se a subir as escadas rolantes. A meio do caminho, a curiosidade acabou por dominá-lo. Esfregou o nariz e, como se estivesse prestes a espirrar, procurou um lenço no bolso. Assoou-se e depois pôs o lenço no bolso da gabardina que, segundo o que descobriu, estava vazio. Então que teria sido tudo aquilo? Não haveria modo de o saber. Apenas um acontecimento aleatório numa vida repleta deles?

Mas Edward Foley não fora treinado em termos de acontecimentos aleatórios. Ele continuaria, no seu horário regular, e apanharia o mesmo metro todos os dias, durante mais ou menos uma semana, só para ver se essa ação se iria repetir.

Albert Byrd parecia ser um cirurgião de oftalmologia competente. Era mais baixo e mais velho do que Jack. Tinha uma barba preta, já com laivos grisalhos, como muitas barbas em Inglaterra, notara ela. E tatuagens. Mais do que ela alguma vez encontrara. O professor Byrd era um médico especializado, bom com os doentes, e um cirurgião muito entendido, apreciado pela sua equipa de enfermagem que confiava nele, o que era sempre sinal de um bom médico,

pensava Cathy. Parecia ser também um bom professor, mas ela já sabia a maior parte das coisas que ele ensinava, e tinha mais conhecimentos acerca de *lasers* do que ele. O *laser* de argónio que tinham era novo, mas não tão novo como o do Johns Hokpins, e ainda iria demorar duas semanas até terem um *laser* de arco de xenónio, com o qual ela era exímia no Wilmer Eye Institute, no hospital Hopkins.

As más notícias tinham que ver com as instalações. Os cuidados de saúde no Reino Unido eram efetivamente um monopólio do governo. Tudo era grátis e, como tudo no mundo, as pessoas tinham o que pagavam. As salas de espera estavam em pior estado do que Cathy estava habituada e ela chegou mesmo a comentá-lo.

— Bem sei — dissera o professor Byrd, com um certo cansaço. — Não se trata de uma prioridade.

— O terceiro caso que vi esta manhã, a Senhora Dover, esteve na lista de espera durante onze meses, para uma avaliação das cataratas que me demorou vinte minutos. Meu Deus, Albert, nos EUA, o médico de família dela só tem de telefonar para a minha secretária e eu vejo-a em três ou quatro dias. Trabalho intensamente no Hopkins, mas não tão intensamente.

— E quanto é que leva?

— Por isso? Oh… duzentos dólares. Dado que sou uma professora assistente no Wilmer, ganho um pouco mais do que um novo interno. — Mas ela não acrescentou que era bem mais esperta do que o interno comum, tinha mais experiência e trabalhava mais depressa. — A Senhora Dover irá precisar de cirurgia para se tratar — acrescentou ela. — Quer que seja eu a fazê-la?

— É uma coisa complicada? — perguntou Byrd.

Ela abanou a cabeça.

— Um procedimento de rotina, um trabalho de cerca de noventa minutos, devido à sua idade, mas não me parece que possa haver quaisquer complicações.

— Então, a Senhora Dover irá para a lista.

— Por quanto tempo?

— Não é nada de urgente… por dez ou nove meses — calculou Byrd.

— Deve estar a brincar — objetou Cathy. — Por tanto tempo…?

— É o normal.

— Mas isso são nove ou dez meses em que ela não poderá ver suficientemente

bem para guiar um automóvel!

— Mas não irá ter nenhuma conta para pagar — observou Byrd.

— Estou a ver. Ela não vai poder ler um jornal durante quase um ano. É horrível, Albert!

— É o nosso sistema de saúde nacional — explicou Byrd.

— Estou a perceber — respondeu Cathy. Mas não estava a falar verdade. Os cirurgiões ali eram bastante proficientes, mas faziam apenas um pouco mais de metade dos procedimentos que ela e os seus colegas faziam no Hopkins… e ela nunca sentira que estava a trabalhar em excesso no edifício Maumenee. É claro que se trabalhava no duro. Mas as pessoas precisavam dela e a sua tarefa era restaurar e melhorar a visão de quem requeresse cuidados médicos especializados… e, para a médica Caroline Ryan, FACS, isso era um chamamento religioso. Não era que os médicos locais fossem preguiçosos, mas que o sistema lhes permitia (não, os encorajava) tomarem uma atitude de *laissez-faire* em relação ao seu trabalho. Ela chegara a um mundo médico novo e não era assim tão admirável.

Nem sequer vira um tomógrafo computadorizado. Estes tinham sido essencialmente inventados no Reino Unido pela EMI, mas um contador de cêntimos no governo britânico (no Ministério do Interior, segundo lhe disseram) afirmara que o país apenas precisava de uns quantos, de modo que a maior parte dos hospitais perdera a lotaria. A tomografia computadorizada, a TAC, só aparecera alguns anos antes de ela ter entrado para a Escola Universitária de Medicina do Hopkins, mas, na década seguinte, tinham-se tornado parte da medicina, como o estetoscópio. Praticamente, qualquer hospital na América tinha um aparelho. Cada um deles custava um milhão de dólares, mas o doente pagava pelo seu uso e acabavam assim por se pagar muito rapidamente. Ela raramente precisava de recorrer a um, por exemplo, para examinar tumores em volta dos olhos, contudo, quando precisava, era no momento!

E no hospital Johns Hopkins o chão era limpo todos os dias.

Mas as pessoas tinham as mesmas necessidades e ela era médica e isso, decidiu, não merecia mais discussão. Um dos seus colegas da escola médica fora para o Paquistão e regressara com um tipo de experiência em patologias oculares que não se poderia obter durante toda uma vida nos hospitais americanos. É claro que ele também regressara com uma disenteria amebiana, garantida para

atenuar qualquer forma de entusiasmo por viagens pelo estrangeiro. Pelo menos, tal não aconteceria ali, disse ela a si mesma. A não ser que a apanhasse na sala de espera de um médico.

---

[20] Comité para a Segurança do Estado, na Bulgária do Pacto de Varsóvia. *(N. do T.)*

CAPÍTULO 9

ESPÍRITOS

Até então, Ryan ainda não conseguira apanhar o mesmo comboio de regresso a casa juntamente com a sua mulher, devido ao facto de chegar sempre mais tarde do que ela. Quando chegasse a casa, poderia começar a pensar em retomar o trabalho no seu livro acerca de Halsey. Este já estava setenta por cento escrito, com toda a investigação mais complexa por detrás das costas. Só tinha de o acabar. O que as pessoas nunca pareciam perceber era que essa era a parte mais difícil; pesquisar era apenas localizar e anotar os factos, fazer com que houvesse uma coesão entre eles, numa história coerente, especialmente quando se tratava de um bebedor inveterado e de um guerreiro, como William Frederick Halsey, Jr. Escrever uma biografia era sobretudo um exercício em psiquiatria amadora. Registavam-se coisas que tinham acontecido na vida dele, em épocas aleatoriamente selecionadas, e certos níveis de escolaridade, mas nunca se poderia ter acesso às pequenas memórias-chave que formavam uma vida: a luta na escola durante o terceiro ano de escolaridade, ou a repreensão da sua tia solteirona Helen, que lhe iria ressoar na cabeça para o resto da vida, porque os homens raramente revelavam essas coisas a outros. Ryan tinha essas memórias, mas algumas irrompiam-lhe e esfumavam-se-lhe da consciência em intervalos relativamente aleatórios, quando a mensagem da irmã Frances Mary, no segundo ano da escola St. Matthews, lhe surgia na memória, como se ele voltasse a ter sete anos de idade. Um bom biógrafo parecia ter a habilidade de simular essas coisas, mas, por vezes, tudo se resumia a inventar coisas onde aplicar as suas próprias experiências de vida à de outras pessoas e isso era… ficção, e a história não deveria ser ficção, tal como um artigo de jornal também não o deveria ser. Contudo Ryan sabia, baseado na sua própria experiência, que muitas pretensas «notícias» eram inteiramente fabricadas. Mas nunca se dissera que escrever uma biografia era fácil. O seu primeiro livro, *Águias Condenadas*, fora, em retrospetiva, um processo muito mais simples. Bill Halsey, almirante de frota da Marinha dos EUA, fascinara-o desde que lera a autobiografia daquele homem quando era rapaz. Ele comandara forças navais em batalhas e, se bem que tal tivesse parecido entusiasmante para

um rapazinho de dez anos, era positivamente assustador para um homem com trinta e dois, porque agora ele percebia as coisas que Halsey não discutira em pormenor… o desconhecido, ter de confiar em informação sem conhecer muito bem a sua proveniência, como fora recolhida, como fora analisada e processada, como lhe fora transmitida, e se o inimigo estaria, ou não, à escuta. Ryan estava agora nessa espécie de beco sem saída, apostar a vida no seu próprio trabalho era bastante assustador… talvez ainda mais assustador seria apostar a vida dos outros que ele poderia (talvez mais provavelmente) não conhecer.

Havia uma piada de que ele se lembrava de quando estivera no Corpo de Fuzileiros, pensou Ryan, enquanto os verdes campos ingleses lhe deslizavam pela janela: o mote dos serviços de informação era «Apostamos *a sua* vida.» Esse era agora o seu trabalho. Tinha de apostar a vida de outros. Teoricamente, ele poderia até chegar a uma estimativa de informação capaz de pôr em risco o seu país. Tinha de se estar muito seguro de si mesmo e dos dados…

Porém, nem sempre se poderia ter a certeza, pois não? Zombara de muitas estimativas oficiais da CIA, às quais ele fora exposto em Langley, mas era muito mais fácil cuspir no trabalho dos outros do que produzir algo melhor. O seu livro sobre o Halsey, intitulado provisoriamente *Marinheiro de Combate*, iria levantar algumas sobrancelhas, algo que ele planeara deliberadamente. Ryan pensava que o pensamento convencional em algumas áreas não era apenas incorreto, mas algo que, com toda a probabilidade, poderia não ser verdadeiro. Halsey atuara com razão em alguns casos onde o olho que tudo via, em retrospetiva, o castigara por estar errado. E isso era injusto. Halsey só poderia ser considerado responsável pela informação a que tinha acesso. Dizer outra coisa era como punir os médicos por não serem capazes de curar o cancro. Eram pessoas inteligentes a fazerem o seu melhor, mas havia algumas coisas que ainda não sabiam… estavam a trabalhar afincadamente para as descobrirem, mas o processo de descoberta demorava então mais tempo, e ainda estava a demorar agora, pensou Ryan. E bastante. E Bill Halsey só poderia saber o que lhe era dado, ou o que um homem razoavelmente inteligente poderia deduzir dessa informação, considerando toda uma vida de experiência e o que ele conhecia da psicologia do inimigo. E, mesmo nesse tempo, o inimigo não iria cooperar voluntariamente na sua própria destruição, pois não?

É esse o meu trabalho, sem dúvida, ponderou Ryan por detrás de olhos

inexpressivos. Era uma busca da Verdade, mas não apenas isso. Ele tinha de replicar para os seus superiores os processos de raciocínio de outros, explicar-lhos, de modo que eles, os patrões de Ryan, pudessem compreender melhor os seus adversários. Estava a desempenhar o papel de psiquiatra sem diploma. De certo modo, era divertido. Era-o menos quando se considerava a magnitude da tarefa e as potenciais consequências de um fracasso. Tudo se resumia a duas palavras: *pessoas mortas*. Na Escola Básica da Base de Fuzileiros Navais de Quantico, eles tinham-lhe martelado essa lição na cabeça várias vezes. Se fizessem asneira, ao comandarem o pelotão, e alguns fuzileiros não regressassem a casa para as suas mães e para as suas mulheres, seria um grande peso com que teriam de viver para o resto da vida. A profissão de armas pressupunha um alto preço em relação aos erros. Ryan não servira o tempo suficiente para ter aprendido essa lição, mas a mesma assustara-o em noites silenciosas, sentindo o rolar do navio a atravessar o Atlântico. Ele falara acerca do assunto com Gunny Tate, mas o sargento (à época, um homem «idoso», com trinta e quatro anos) dissera-lhe apenas para ele se lembrar do seu treino, para confiar nos seus instintos e para pensar antes de agir, se tivesse tempo, para logo o avisar em seguida que nem sempre se tinha o luxo de ter tempo. E dissera ao seu jovem superior para não se preocupar, porque parecia bastante esperto para um segundo-tenente. Ryan nunca se esquecera disso. Não era fácil ter o respeito de um sargento-ajudante.

Então, ele tinha cabeça para fazer boas estimativas de informação e a coragem de pôr o seu nome por detrás das mesmas, mas tinha de estar absolutamente seguro de que eram fiáveis, antes de as revelar, porque estava a apostar as vidas das outras pessoas, não estava? O comboio parou. Ele subiu os degraus e viu que havia alguns táxis no exterior. Jack imaginou que os taxistas tinham memorizado o horário do comboio.

— Boa noite, Sir John. — Jack reparou que era Ed Beaverton, o motorista que o levava de manhã.

— Olá, Ed. Não sei se sabe — disse Jack, entrando para o assento da frente onde tinha mais espaço para as pernas —, o meu verdadeiro nome é Jack.

— Não lhe posso chamar assim — objetou Beaverton. — O senhor é um cavaleiro.

— Apenas honorário, não um verdadeiro. Não tenho uma espada… bem,

apenas a do meu Corpo de Fuzileiros Navais, e essa está longe, nos EUA.

— E o senhor foi um tenente e eu apenas um cabo.

— E você saltava de aviões. Raios me partam se alguma vez faria uma coisa tão estúpida, Eddie.

— Apenas vinte e oito vezes. Nunca parti nada — relatou o taxista, começando a subir a colina.

— Nem mesmo um tornozelo?

— Só uma ou duas entorses. As botas ajudam a evitá-las, não sei se está a ver — explicou o motorista.

— Ainda não aprendi a gostar de voar… Mas posso garantir-lhe que nunca irei saltar de um avião. — Não, Jack tinha a certeza, ele nunca teria optado pelas Forças de Reconhecimento. Aqueles fuzileiros não funcionavam muito bem da cabeça. Ele aprendera à sua custa que voar por cima de uma praia de helicóptero já era suficientemente assustador. Ainda tinha sonhos acerca disso (a súbita sensação de cair e ver o chão a subir na sua direção), mas acordava sempre antes do impacto, geralmente sentando-se subitamente na cama e depois, olhando em torno do quarto, na penumbra, para se certificar de que não estava no maldito CH-46 com um mau rotor atrás, a cair nos rochedos de Creta. Fora um milagre que ele e muitos dos seus fuzileiros não tivessem morrido. Mas ele tivera o ferimento mais grave. O resto do seu pelotão safara-se apenas com algumas entorses.

Por que diabo estás a pensar nisso?, interrogou-se a si mesmo. Aquilo já ocorrera há mais de oito anos.

Estavam a estacionar em frente da casa, em Grizedale Close.

— Ora cá estamos nós, Senhor Ryan.

Este pagou-lhe a viagem e deu-lhe uma gorjeta amigável.

— O meu nome é Jack, Eddie.

— Sim, senhor, até amanhã de manhã.

— Percebido. — Ryan afastou-se, sabendo que nunca iria ganhar aquela batalha. A porta da frente estava aberta, antecipando a sua chegada. A sua gravata foi a primeira a entrar, enquanto ele se dirigia para a cozinha.

— Pai! — gritou Sally, enquanto corria para os braços dele.

Jack levantou-a, tendo-lhe dado e recebido dela um abraço.

— Como está a minha menina?

— Bem.

Cathy estava junto ao fogão a fazer o jantar. Sentou Sally e dirigiu-se à sua mulher para a beijar.

— Como é que és sempre a primeira a chegar a casa? — perguntou o marido. — Na América eras sempre a última…

— Sindicatos — respondeu ela. — Todos aqui saem à hora certa e a «hora certa» é geralmente muito cedo… não como no Hopkins. — Onde, deveria ela ter acrescentado, quase todas as pessoas que faziam parte do pessoal profissional trabalhavam até tarde.

— Deve ser bom ter um horário como o dos bancos.

— Nem sequer o meu pai sai do escritório tão cedo, mas aqui todos o fazem. E o almoço é uma hora completa… metade das vezes, longe do hospital. Bem — acrescentou ela —, a comida assim sabe melhor.

— Que vamos jantar?

— Esparguete. — E Jack reparou que o tacho estava cheio do molho de carne especial que ela fazia. Voltou-se e viu uma baguete de pão francês no balcão.

— Onde está o menino?

— Na sala de jantar.

— Muito bem — disse Jack, dirigindo-se para lá. O pequeno Jack estava no berço. Ele aprendera recentemente a sentar-se, se bem que ainda fosse cedo para isso, mas tal satisfazia o pai. Em volta dele havia uma coleção de brinquedos e todos eles acabavam na boca do bebé. Ele levantou os olhos para ver o pai e sorriu sem dentes. É claro, isso merecia que ele o fosse levantar, algo que Jack não hesitou em fazer. Tinha a fralda seca e limpa. Decerto, Miss Margaret mudara-o antes de ter saído, como de costume, antes de Jack ter chegado a casa do emprego. Ela estava a fazer um bom trabalho. Sally gostava dela e isso era bastante importante. Voltou a sentar o filho e o pequenino voltou a brincar com a roca de plástico, enquanto olhava para a televisão, especialmente para os anúncios. Jack foi até ao quarto, mudar-se para roupas mais confortáveis, e depois voltou para a cozinha. Foi quando a campainha tocou, para surpresa de todos. Jack foi até à porta.

— Doutor Ryan? — perguntou a voz em inglês, com um sotaque americano. Era um fulano com a altura e o aspeto de Ryan, vestido com casaco e gravata e segurando numa grande caixa.

— Sou eu.

— Trago-lhe o seu telefone de segurança. Trabalho na secção de comunicação da embaixada — explicou ele. — O Senhor Murray pediu-me para vir cá pôr isto.

A caixa era um cubo de cartão, com cerca de um metro de lado e sem nada escrito. Ryan pediu ao homem para entrar e dirigiram-se ambos para o escritório. Ele demorou cerca de três minutos para extrair o enorme telefone da caixa. Este ficou ao lado do computador Apple II de Jack.

— É da Agência Nacional de Segurança? — perguntou Jack.

— Sim, senhor. Sou um civil. Costumava estar na Agência de Segurança do Exército, E-5. Saí e o meu ordenado foi aumentado como civil. Já aqui estou há dois anos. De qualquer modo, aqui está a sua chave de encriptação. — Passou-lhe o dispositivo em plástico. — Sabe como é que estas coisas funcionam, não é verdade?

— Sei, sim — respondeu Jack, assentindo com um aceno de cabeça. — Tenho uma na minha secretária, na baixa.

— Então sabe as regras para a usar. Se houver alguma avaria, telefone-me. — Ele deu-lhe o seu cartão. — Ninguém, para além de mim e do meu pessoal, está autorizado a ver o telefone por dentro. Se isso acontecer, o sistema autodestrói-se, é claro. Não iniciará um fogo ou algo do género, mas irá libertar um certo mau cheiro devido ao plástico. Assim sendo, é tudo. — Ele desmanchou a caixa.

— Quer uma *Coca-Cola* ou algo assim?

— Não, obrigado, tenho de ir para casa. — E, com isso, o especialista em comunicação saiu pela porta e entrou no seu carro.

— Que se passou, Jack? — perguntou Cathy da cozinha.

— É o meu telefone seguro — explicou Jack, voltando para o pé da mulher.

— Para que serve isso?

— Para poder telefonar para os EUA e falar com o meu patrão.

— E não o podes fazer do escritório?

— Há a diferença de horas e, bem, há algumas coisas de que não posso falar quando lá estou.

— Coisas de agente secreto — resmungou ela.

— Tens razão. — Era como a pistola que ele tinha no armário. Cathy aceitava a presença da sua espingarda *Remington* com alguma tranquilidade. Ele usava-a

para caçar e ela estava preparada para a tolerar, dado que poderiam cozinhar e comer as aves, e a espingarda não se encontrava carregada. Mas estava menos à vontade com a pistola. Assim, como um casal civilizado, não falavam no assunto, desde que a arma não estivesse ao alcance de Sally, e esta sabia que não deveria sequer tocar no armário do pai. Ryan habituara-se à sua *Browning Hi-Power* automática de 9 mm que se carregava com catorze projéteis federais de ponta oca e duas cargas, mais a sua mira de trítio e uma coronha feita por medida. Se ele alguma vez voltasse a precisar de uma pistola, essa seria a escolhida. Teria de encontrar um local onde praticar tiro, lembrou-se Ryan. Talvez a Marinha Real Britânica tivesse um campo para isso. Sir Basil poderia provavelmente fazer um telefonema para lho arranjar. Como cavaleiro honorário, não tinha uma espada, mas uma pistola era o equivalente moderno e, por vezes, poderia ser uma ferramenta útil.

Tal como um saca-rolhas.

— Chianti? — perguntou Ryan.

Cathy voltou-se.

— Está bem. Não tenho nada marcado para amanhã.

— Cathy, nunca consegui perceber o que é que um copo ou dois de vinho esta noite tem que ver com a cirurgia do dia seguinte… existe um intervalo de dez ou doze horas…

— Jack, não comeces a misturar bebidas alcoólicas com cirurgia — explicou ela, pacientemente. — Está bem? Tu não bebes e guias. Também não bebes e operas. Nunca. Nem uma só vez.

— Sim, senhora doutora. Então amanhã só irás dar remédios às pessoas?

— Sim, é um dia simples. E tu?

— Nada de importante. As mesmas porcarias, um dia diferente.

— Não sei como o consegues aguentar.

— Bem, é interessante, trata-se de umas porcarias secretas… e tem de se ser um espião para as percebermos.

— Pois. — Ela pôs o molho do esparguete numa tigela. — Ora aqui está.

— Ainda não abri o vinho.

— Então despacha-te.

— Sim, professora e Lady Ryan — ripostou Jack, pegando na tigela de molho e pondo-a na mesa, antes de desarrolhar o Chianti.

Sally era já muito crescida para uma cadeirinha de bebé, mas demasiado pequena para não precisar de um assento elevado que ela própria levou para a mesa. Dado que o jantar era «espiguete», o pai pôs-lhe um guardanapo de pano em volta do pescoço. De qualquer modo, o molho iria sujar-lhe as calças, mas iria ensinar a sua menina acerca de guardanapos e afins e isso, pensava Cathy, era importante. Depois, Ryan encheu os copos. Sally não pediu nenhum. O pai deixara-a experimentar uma vez (apesar das objeções de Cathy), e isso pusera um ponto final na questão. Sally bebeu *Coca-Cola*.

Svetlana tinha finalmente adormecido. Ela gostava de se manter a pé o máximo de tempo possível e todas as noites era a mesma coisa, ou assim parecia, até ela finalmente se ir deitar. Dormia com um sorriso, reparara o seu marido, como um anjo, do tipo que decorava as catedrais italianas nos livros de viagens que ele costumava ler. A televisão estava ligada. Tratava-se de um filme, segundo parecia, da Segunda Guerra Mundial. Estes eram todos iguais. Os alemães atacavam com crueldade… bem, por vezes havia uma personagem alemã com algo que se aproximava do humano, geralmente um comunista alemão, revelar-se-ia com o desenrolar da história, debatendo-se com conflitos de lealdade para com a sua classe (operária, é claro) e o seu país… e os soviéticos resistiam corajosamente, perdendo a princípio muitos homens audazes, até que as coisas mudassem, habitualmente fora de Moscovo, em dezembro de 1941; em Estalinegrado, em janeiro de 1943; ou na batalha de Kursk, no verão de 1943. Havia sempre um heroico oficial político, um soldado raso corajoso, um velho sargento arguto e um jovem oficial inteligente. Juntem a isto um general grisalho, que chorava sozinho e em silêncio pelos seus homens, e que depois tinha de pôr os seus sentimentos de lado e tomar as medidas convenientes. Havia cerca de cinco fórmulas diferentes, todas elas variantes de um mesmo tema e a verdadeira diferença era se Estaline era visto como um governante sábio e semelhante a Deus, ou não era de todo mencionado. *Tal característica* dependia da época em que o filme fora realizado. Estaline saíra de moda na indústria do cinema soviético por volta de 1956, logo depois de Nikita Sergeyevitch Khrushchev ter feito o seu famoso, mas então secreto discurso, revelando o monstro que Estaline fora… algo com que os cidadãos soviéticos ainda tinham problemas, especialmente os motoristas de táxi, ou assim parecia. A verdade no

seu país era uma mercadoria rara e, quase sempre, difícil de engolir.

Mas Zaitzev não estava agora a ver o filme. Oleg Ivanovitch estava a beber vodca, com os olhos focados no ecrã da televisão, sem que estivesse a ver o que quer que fosse. Acabara de perceber o enorme passo que dera essa tarde no metro. Na altura fora tudo muito fácil, como uma criança a pregar uma partida, metendo a mão no bolso daquele americano como um carteirista, só para ver se o conseguia fazer. Ninguém dera por isso. Ele fora esperto e cuidadoso com a manobra, e até mesmo o americano não se dera conta, caso contrário talvez tivesse reagido.

De modo que ele acabara de provar que tinha a capacidade para… *para quê*? Para *fazer* o quê?, interrogou-se Oleg Ivanovitch, com uma surpreendente premência.

Que fizera ele na carruagem de metro? Em que estaria ele a pensar? Na verdade, não pensara muito naquilo. Fora apenas uma espécie de impulso insensato, não fora?

Abanou a cabeça e bebeu mais um gole da sua bebida. Ele era um homem inteligente. Tinha um grau académico. Era um excelente jogador de xadrez. Tinha um emprego que requeria a mais elevada autorização de segurança, que lhe pagava bem, e que o colocara no nível mais baixo de entrada para a *nomenklatura*. Era alguém com uma certa importância, não muita, mas alguma. O KGB confiava-lhe o conhecimento de muitas coisas. O KGB acreditava nele… mas…

Mas o quê?, perguntava-se. Que vinha depois da parte do «mas»? A sua mente vagueava por direções que ele não compreendia e a custo conseguia ver…

O padre. Tudo se resumia a isso, não era? Ou será que não? *Em que estaria ele a pensar?*, interrogava-se Zaitzev. Ele não sabia se estava mesmo a pensar em alguma coisa. Era como se a sua mão tivesse desenvolvido uma mentalidade própria, agindo sem a permissão do cérebro, arrastando-o numa direção que ele não percebia.

Sim, tinha de ser esse maldito padre. Estaria ele embruxado? Será que alguma força exterior começara a assumir o controlo do seu corpo?

Não! Era impossível!, disse Zaitzev a si mesmo. Isso era uma coisa saída das velhas histórias, o tipo de assuntos que as velhas discutiam e sobre os quais tagarelavam debruçadas sobre uma panela a ferver.

Mas então, por que motivo pus a mão no bolso do americano?, exigia saber a sua mente, se bem que não houvesse qualquer resposta imediata.

Queres fazer parte de um assassínio?, perguntava-lhe uma vozinha. *Estás disposto a facilitar o assassínio de um homem inocente?*

Será que ele é inocente?, perguntava-se Zaitzev, bebendo outro gole. Nem um único despacho que lhe tivesse passado pela secretária sugeria outra coisa. Com efeito, ele mal se lembrava de alguma menção a esse padre Karol em quaisquer mensagens do KGB, durante os últimos dois anos. Sim, tinham tomado nota da sua viagem à Polónia pouco depois de ter sido eleito papa, mas que homem não voltaria ao seu país, depois de ter sido promovido, para ver os seus amigos e procurar a sua aprovação para o seu novo lugar no mundo?

O Partido também era feito de homens e estes cometiam erros. Ele via-os todos os dias, mesmo entre os hábeis oficiais altamente treinados do KGB, que eram punidos ou repreendidos, ou que eram apenas alvos de comentários por parte dos seus superiores no Centro. Leonid Ilyitch cometia erros. As pessoas riam-se dele bastantes vezes, enquanto almoçavam… ou falavam mais baixo acerca das coisas que os seus filhos egoístas faziam, especialmente a filha. Ela estava envolvida em pequena corrupção e, quando as pessoas falavam acerca disso, faziam-no geralmente em voz baixa. Mas Zaitzev estava a pensar num tipo de corrupção mais alargada e mais perigosa.

De onde vinha a legitimidade do Estado? Em abstrato, vinha do povo, mas este não tinha voz nas decisões. O Partido tinha, mas só uma minoria de pessoas estava no Partido e destes só apenas um número ainda menor conseguia atingir qualquer coisa que se assemelhasse ao poder. De modo que a legitimidade do seu Estado residia no topo, o que era logicamente… uma ficção.

E esse era um pensamento profundo. Outros países eram governados por ditadores, muitas vezes por fascistas da direita política. Poucos países eram governados por indivíduos da esquerda política. Hitler representava a mais poderosa e perigosa versão do primeiro caso, mas fora derrotado pela União Soviética; por Estaline, de um lado, e pelos países ocidentais, do outro. Os dois aliados mais improváveis tinham combinado esforços para destruir a ameaça alemã. E quem eram eles? Diziam que eram democracias e, se bem que essa afirmação fosse denegrida consistentemente pelo seu próprio país, as eleições levadas a cabo nesses países eram reais (tinham de o ser, dado que a União

Soviética e a sua agência, o KGB, gastavam tempo e dinheiro a tentar influenciá-las) e aí *estava*, havia alguma realidade por detrás da Vontade do Povo, se não, por que motivo tentaria o KGB condicioná-la?

Assim sendo, não era o povo quem queria matar o papa. Era certamente Andropov e, possivelmente, o Politburo que desejavam fazê-lo. Mesmo os seus colegas no Centro não tinham qualquer disputa com o padre Karol. Ninguém mencionara alguma vez que ele tivesse alguma inimizade em relação à União Soviética. A televisão e a rádio do Estado não tinham apregoado qualquer ódio de classe contra ele, como costumavam fazer no caso de outros inimigos estrangeiros. Não houvera quaisquer artigos pejorativos em relação a ele no *Pravda*, que Zaitzev tivesse visto mais recentemente. Apenas alguns murmúrios descontentes acerca dos problemas laborais na Polónia, e mesmo esses não em voz muito alta — eram mais o tipo de coisa que um vizinho pudesse ter dito acerca de uma criança malcomportada na casa ao lado.

Mas teria de ser isso. Karol era polaco e um objeto de orgulho para os seus conterrâneos, e a Polónia estava a ter problemas políticos devido às disputas laborais. Karol queria usar o seu poder político e espiritual para proteger o seu povo. Era compreensível, não era?

Contudo, seria matá-lo compreensível?

Quem se levantaria para dizer: «Não, não podem matar este homem só porque não concordam com a sua política»? O Politburo? Não, estes alinhar-se-iam com Andropov. Aparentemente, era ele o herdeiro. Quando Leonid Ilyitch morresse, ele sentar-se-ia no seu lugar à cabeceira da mesa. Mais um homem do Partido. Ora, que mais poderia ele ser? O Partido era a Alma do Povo, como se costumava dizer, e essa era a única referência a «alma» permitida pelo Partido.

Será que parte do homem continuava a viver após a morte? Era isso que alma deveria ser, mas ali o Partido era a alma, e o Partido era uma coisa de homens e pouco mais. E até havia homens corruptos.

E queriam matar um padre.

Ele vira os despachos. Até certo ponto, Oleg Ivanovitch Zaitzev estava a ajudar no processo e isso estava a remoê-lo por dentro. Uma consciência? Será que ele deveria ter uma? Mas uma consciência era algo que media uma série de factos ou ideias contra outra, e que estaria satisfeita ou não. Se não estivesse, se achasse uma ação mais incorreta, então a consciência começava a queixar-se.

Murmurava. Forçava-o a ver e a continuar a ver, até a questão estar resolvida, até que a ação errada tivesse um fim, ou fosse revertida, ou expiada…

Mas como é que se impedia o Partido ou o KGB de fazer qualquer coisa?

Para o conseguir, sabia Zaitzev, alguém, pelo menos, teria de demonstrar que a ação proposta era contrária à teoria política ou que teria consequências políticas, porque a política era a medida do certo e do errado. Porém, não seria a política demasiado efémera para isso? Será que «certo» e «errado» não teriam de depender de algo mais sólido do que a política? Será que não existia um sistema de valores mais alto? Apesar de tudo, a política era apenas *tática*, não era? E, se bem que a tática fosse importante, a estratégia era-o ainda mais, porque a estratégia era a medida de uma coisa para a qual se usava a tática, e a estratégia nesse caso deveria ser o que estava certo… transcendentalmente certo. Não apenas certo no momento, mas certo para sempre… algo que os historiadores pudessem examinar daí a cem, ou a mil anos, afirmando tratar-se de uma ação correta.

Será que o Partido pensava nesses termos? Com que exatidão é que o Partido Comunista da União Soviética tomava as suas decisões? O que era bom para o povo? Mas quem é que o avaliava? Eram indivíduos que o faziam, Brejnev, Andropov, Suslov, os restantes membros plenos do Politburo que votavam, aconselhados pelos membros candidatos não votantes, que, por sua vez, eram aconselhados pelo Conselho de Ministros e pelos membros do Comité Central do Partido, por todos os membros efetivos da *nomenklatura* — aqueles a quem o *rezident* de Paris enviava perfumes e colãs, na mala diplomática. Zaitzev vira bastantes desses despachos e ouvira histórias. Esses eram aqueles que esbanjavam presentes e estatuto nos filhos, os que deslizavam pela faixa do centro das largas avenidas de Moscovo, os príncipes marxistas corruptos que governavam o seu país com mãos de ferro.

Será que esses príncipes pensavam no que era bom para a *narod*, para as massas, como lhes chamavam, os inúmeros trabalhadores e camponeses que governavam e por cujo bem eles deveriam olhar?

Mas, quem sabe se os príncipes menores, sob Nicolau Romanov, não teriam pensado e falado do mesmo modo? E Lenine ordenara que todos fossem baleados como inimigos do povo. Tal como os filmes modernos falavam da Grande Guerra Patriótica, filmes mais antigos tinham-nos retratado para

audiências menos sofisticadas como palhaços malévolos, dificilmente inimigos sérios, facilmente odiados e fáceis de matar, caricaturas de pessoas reais que eram tão diferentes desses homens que os tinham substituído, é claro…

Tal como os príncipes dos velhos tempos passavam com as suas troikas por cima dos corpos dos camponeses a caminho da corte real, do mesmo modo os oficiais da milícia de Moscovo, nos dias de hoje, mantinham a faixa central aberta para os membros da nova *nomenklatura* que não tinham tempo para se atrasarem no tráfego.

Nada mudara realmente…

Exceto que os antigos czares pelo menos diziam supostamente apoiar uma autoridade mais alta. Tinham financiado a catedral de São Basílio em Moscovo e outros nobres tinham financiado um sem-número de igrejas em outras cidades não tão importantes, porque até mesmo os Romanov reconheciam um poder que estava acima deles. Mas o Partido não reconhecia nada que pudesse estar acima dele.

De modo que poderia matar sem arrependimento, porque matar era, muitas vezes, uma necessidade política, uma vantagem *tática* para ser tomada quando, e onde, fosse conveniente.

Então, isso é tudo o que isto é?, interrogou-se Zaitzev. *Será que vão matar o papa por lhes ser mais conveniente*?

Oleg Ivanovitch voltou a encher o copo de vodca, da garrafa que estava ao pé dele, e bebeu outro gole.

Havia muitos inconvenientes na sua vida. Era um caminho muito longo da sua secretária até ao refrigerador da água. Havia pessoas no trabalho de quem ele não gostava, por exemplo, Stefan Yevgeniyevitch Ivanov, um major superior em Comunicações. Como ele conseguira ser promovido há quatro anos era um mistério para toda a gente na secção. Ele era visto pelos mais velhos como um lacaio que não era capaz de fazer o que quer que fosse. Zaitzev supunha que todas as empresas tinham uma pessoa assim, uma vergonha para o escritório, mas que não era facilmente eliminado, porque… porque ele estava ali e não havia mais nada a dizer. Se Ivanov não estivesse no caminho, Oleg poderia ser promovido… se não em classificação, pelo menos ao estatuto de chefe de secção. Cada respiração de Ivanov era uma inconveniência para Oleg Ivanovitch, mas isso não lhe dava o direito de matar o oficial com mais antiguidade, pois

não?

Não, seria preso e perseguido e talvez mesmo executado por assassínio. Porque era proibido por lei. Porque era *errado*. A lei, o Partido e a sua consciência diziam-lho.

Mas Andropov queria matar o padre Karol e a sua consciência não lhe dizia para não o fazer. Será que outra consciência o faria? Mais um gole de vodca. Outro resfôlego. *Uma consciência, no Politburo?*

Mesmo no KGB não havia muitas reflexões. Não havia debates, nem discussões abertas. Apenas mensagens de ação e notícias de realização ou de insucesso; avaliação de estrangeiros, é claro, discussões do pensamento de estrangeiros, agentes reais ou meros agentes de influência, designados como «ferramentas úteis» no léxico do KGB. Nunca um oficial no terreno escrevera acerca de uma ordem para dizer: «Não, camarada, não devemos fazer isso porque seria moralmente errado.» Goderenko, em Roma, andara lá perto, afirmando que matar Karol poderia ter consequências adversas no que respeitava às operações. Será que tal queria dizer que Ruslan Goderenko também tinha uma consciência perturbada? Não, Goderenko tinha três filhos: um, na Marinha Soviética; outro, segundo ouvira, na própria academia do KGB, na estrada que formava um anel em torno da cidade; e outro ainda na Universidade Estatal de Moscovo. Se Ruslan Borissovitch tivesse alguns problemas com o KGB, qualquer ação implicaria, se não a morte, pelo menos um sério embaraço para os seus filhos, e poucos homens se atreveriam a um tal tipo de ação.

Assim sendo, será que ele era o único com uma consciência no KGB? Zaitzev bebeu outro gole para refletir sobre esta sua interrogação. Talvez não. Havia milhares de homens no Centro e outros mil noutros lugares, e as leis da estatística tornavam provável que houvesse bastantes homens «bons» (fosse como fosse que tal pudesse ser definido), mas como identificá-los? Seria morte certa, ou uma longa temporada na prisão, ir à procura deles. Era esse o problema de base que ele tinha. Não havia ninguém a quem pudesse revelar as suas dúvidas. Ninguém com quem discutir as suas preocupações, nem um médico, nem um padre… nem mesmo a sua mulher, Irina…

Não, ele tinha apenas a sua garrafa de vodca e embora esta o ajudasse a pensar, de certo modo, não era grande companhia. Os homens russos não hesitavam em chorar, mas as lágrimas também não o teriam ajudado. Irina

poderia começar a fazer-lhe perguntas e ele não lhe poderia responder devidamente. Tudo o que lhe restava era o sono. Não o iria ajudar, tinha a certeza, e não estava enganado.

Outra hora e dois copos de vodca depois provocaram-lhe finalmente uma certa sonolência. A mulher estava a dormitar em frente da televisão… O Exército Vermelho ganhara mais uma vez a batalha de Kursk e o filme acabava com o início de uma longa marcha que os conduziria até ao *Reichtag* em Berlim, cheios de esperança e entusiasmo por essa tarefa sangrenta. Zaitzev riu-se para si mesmo. Era mais do que ele tinha de momento. Levou o copo vazio até à cozinha e depois foi acordar a mulher para irem para o quarto. Esperava que o sono lhe chegasse depressa. O quarto de litro de álcool que tinha no estômago deveria socorrê-lo. O que de facto aconteceu.

— Sabe, Arthur, há muitas coisas acerca dele que nós não sabemos — observou Jim Greer.

— Está a referir-se ao Andropov?

— Nós nem sabemos se o sacana é casado — afirmou o vice-diretor de Informação, olhando para Bob Ritter.

— Pensamos que sim, mas ele nunca trouxe a mulher, se é que tem uma, a uma função oficial. É assim que nós acabamos por saber — teve de admitir o vice-diretor de Operações. — Eles muitas vezes escondem as famílias, como os padrinhos da máfia. São excessivamente anais acerca de esconderem tudo nesse país. E sim, nós não somos lá muito bons a escavar essa informação, porque a mesma não é operacionalmente importante.

— A forma como trata a mulher e os filhos, se é que os tem — fez notar Greer —, pode ser útil para estabelecer um perfil.

— Quer que ponha o CARDEAL em ação, ou algo assim? Ele poderia fazê-lo, estou certo, mas por que razão pô-lo assim a perder tempo?

— Acha que é uma perda? Se ele bate na mulher, isso diz-nos qualquer coisa. Se é um pai dedicado, diz-nos outra — insistia o diretor-geral.

— Ele é um bandido. Vê-se logo isso quando olhamos para a fotografia dele. Vejam como o pessoal atua à sua volta. São muito rígidos, como esperaríamos do pessoal do Hitler — retorquiu Ritter. Uns meses antes, um bando de governadores de Estados americanos fora até Moscovo para um pouco de

diplomacia secreta. O governador do Maryland, um democrata liberal, relatara que, quando Andropov entrara na sala de receção, ele achara logo que se tratava de um bandido e que depois viera a saber que afinal era Yuriy Vladimirovitch, diretor do Comité para a Segurança do Estado. O homem do Maryland tinha um bom olho para ler as pessoas e essa avaliação fora inserida no ficheiro de Andropov em Langley.

— Bem, ele não teria sido um grande juiz — observou Arthur Moore. Também lera o ficheiro. — Pelo menos não a nível dos recursos. Estaria demasiado interessado em enforcar o pobre filho da puta, para ver se a corda se partia ou não. — Não que o Texas não tivesse tido, em tempos, uns quantos juízes assim, mas agora era tudo bastante mais civilizado. Não obstante, havia menos cavalos que precisassem de ser roubados do que homens que necessitassem de ser mortos. — Pois bem, Robert, que podemos fazer para termos mais informação acerca dele? No fim de contas, parece que ele vai ser o próximo secretário-geral. Parece-me uma boa ideia.

— Posso tentar enervar algumas pessoas. Porque não perguntamos a Sir Basil o que poderemos fazer? Eles são melhores em assuntos sociais do que nós e aliviaria um pouco a pressão do nosso pessoal.

— Eu gosto do Basil, mas não quero que ele tenha na mão tantas peças por causa de nós — retorquiu o juiz Moore.

— Pois bem, James, o seu protegido está lá, ele que faça a pergunta. Já lhe arranjou um telefone seguro?

— Sim, deveria lá ter chegado hoje.

— Então telefone-lhe, e ele que faça perguntas, de um modo simpático e casual.

Os olhos de Greer voltaram-se para o juiz.

— Arthur?

— Concordo. No entanto, não falem muito disto. Digam ao Ryan que é para o seu interesse pessoal e não para o nosso.

O almirante olhou para o relógio.

— Pois bem, posso fazer isso antes de ir para casa.

— E agora, Bob, algum avanço sobre A MÁSCARA DA MORTE VERMELHA? — perguntou o diretor-geral de Informação, com um ar divertido, para encerrar a reunião dessa tarde. Era uma ideia engraçada, mas que não

poderia ser levada muito a sério.

— Não baixemos tanto a pressão, Arthur. Eles são vulneráveis à bala certa, logo que a ponhamos na pistola.

— Não fales assim em frente do Congresso. Eles podem sujar as cuecas — avisou Greer, com uma gargalhada. — Nós devemos gostar da coexistência pacífica com eles.

— Isso não funcionou muito bem com o Hitler. O Estaline e o Chamberlain tentaram cativar as boas simpatias desse filho da puta. De que lhes adiantou? Eles são nossos inimigos, meus senhores, e a triste verdade é que não podemos ter uma paz como deve ser com eles, quer queiramos quer não. As nossas ideias e as deles estão demasiado dessincronizadas para isso. — Levantou as mãos. — Sim, bem sei, não deveríamos pensar assim, mas ainda bem que o presidente pensa, e nós ainda trabalhamos para ele.

Não tinham de fazer comentários acerca disso. Todos os três tinham votado no atual presidente, apesar da piada institucional de que as duas coisas que nunca encontrávamos em Langley eram comunistas e… republicanos. Não, o presidente era um homem de espinha rija que tinha o instinto de uma raposa quando se tratava de oportunidades. Isso agradava muito a Ritter, que era o *cowboy* dos três, se não o mais abrasivo.

— Muito bem. Tenho uns orçamentos para fazer para a audiência com o Senado depois de amanhã — anunciou Moore, encerrando a reunião.

Ryan estava sentado ao computador, a pensar na batalha do golfo de Leyte, quando o telefone tocou. Era a primeira vez que o fazia com o seu tremido toque esquisito. Meteu a mão no bolso para procurar a chave de plástico, meteu-a na ranhura indicada e depois levantou o auscultador.

— FIQUE NA LINHA — disse uma voz mecânica. — A SINCRONIZAR A LINHA; NÃO DESLIGUE, A SINCRONIZAR A LINHA; NÃO DESLIGUE, A SINCRONIZAR A LINHA… A LINHA ESTÁ SEGURA — avisou, por fim.

— Está? — disse Ryan, tentando adivinhar quem teria um telefone seguro para lhe telefonar àquela hora tardia. Acabou por tratar-se da resposta mais óbvia.

— Olá, Jack — cumprimentou-o uma voz familiar. Há uma coisa boa acerca dos telefones seguros: a tecnologia digital torna as vozes tão claras como se a

pessoa que estivesse a falar se encontrasse na sala ao lado.

Ryan olhou para o relógio que tinha em cima da secretária.

— É já muito tarde aí, senhor almirante?

— Não tão tarde como na bela Velha Inglaterra. Como está a sua família?

— De momento estão todos a dormir. A Cathy está talvez a ler uma revista médica. — Isso era o que ela fazia em vez de ver televisão. — Em que lhe posso ser útil, senhor almirante?

— Tenho um trabalhinho para si.

— Muito bem — respondeu Ryan.

— Faça perguntas, sem dar nas vistas, acerca do Yuriy Andropov. Há umas quantas coisas acerca dele de que nós não temos conhecimento. Talvez o Basil tenha a informação que queremos.

— O quê, exatamente? — perguntou Jack.

— É casado? Tem filhos?

— Não sabemos se é casado? — Ryan deu-se então conta de que não vira essa informação no ficheiro, mas assumira que se encontrava noutro lado e não se importara com isso.

— Pois não. O juiz quer saber se o Basil tem alguma informação.

— Muito bem, posso perguntar ao Simon. Será que isto é muito importante?

— Tal como disse, sem dar nas vistas, como se fosse do seu interesse. Depois telefone-me daí, quero dizer, de sua casa.

— É isso que irei fazer, senhor almirante. Sabemos a idade dele, o dia de anos, as habilitações académicas e coisas assim, mas não se é casado e se tem filhos, não é verdade?

— É assim que as coisas funcionam por vezes.

— Sim, senhor. — Isso pôs Jack a pensar. Eles sabiam tudo sobre Brejnev, exceto a medida da picha. Sabiam o número do vestido da filha (12), que alguém pensou ser suficientemente importante para o perguntarem à modista belga que vendera o vestido de casamento em seda ao seu pai dedicado, através do embaixador. Mas não sabiam se o possível próximo secretário-geral da União Soviética era casado ou não. Meu Deus, o fulano rondava os sessenta e eles não sabiam? Mas que diabo… — Muito bem, posso perguntar, isso não será assim tão difícil.

— Mudando de assunto. Que tal Londres?

— Gosto de aqui estar e a Cathy também, mas ela tem algumas dúvidas acerca do sistema de saúde do Estado.

— Medicina socializada? Não a critico. Eu ainda faço tudo no Bethesda, mas o facto de ter «almirante» antes do nome ajuda. As coisas não são tão rápidas para um contramestre de obras.

— Aposto que não. — No caso de Ryan ajudara bastante que a sua mulher fosse parte do corpo docente do Johns Hopkins. Não falara com ninguém de bata branca que não tivesse «professor» antes do nome, e aprendera que, no campo da medicina, os verdadeiramente espertos eram os professores, ao contrário do resto da sociedade.

Os sonhos vieram depois da meia-noite, embora ele não tivesse modo de o saber. Era um claro dia de verão em Moscovo e um homem vestido de branco estava a caminhar pela praça Vermelha. A catedral de São Basílio estava por detrás dele, e ele estava a andar contra o tráfego, em frente do mausoléu de Lenine. Algumas crianças estavam com ele e ele falava com elas de um modo simpático, tal como faria um tio… ou talvez o padre de uma paróquia. Então, Oleg ficou a saber que era isso o que ele era, o padre de uma paróquia. Mas porquê de branco, até com brocado bordado a ouro? As crianças, meninos e meninas com quatro ou cinco anos, pegavam-lhe na mão e olhavam para ele com sorrisos inocentes. Em seguida, Oleg virou a cabeça. No topo do túmulo onde ficavam durante as paradas do 1.º de Maio, estavam os membros do Politburo: Brejnev, Suslov, Ustinov e Andropov. Este último tinha uma espingarda apontada a essa pequena procissão. Havia outra pessoa em volta… pessoas sem rosto, caminhando sem rumo nas suas rotinas. Depois Oleg estava de pé junto de Andropov a escutar as palavras. Estava a discutir pelo direito de matar o homem. *Tem cuidado com as crianças, Yuriy Vladimirovitch*, recomendou Suslov. *Tem cuidado*, concordou Brejnev. Ustinov debruçou-se para ajustar a mira da espingarda. Todos eles ignoravam Zaitzev, que se movimentava junto deles, num esforço de lhes chamar a atenção.

Mas porquê?, perguntava Zaitzev. *Porque estão a fazer isto*?

Quem é este?, perguntou Brejnev a Andropov.

Não lhe ligue, resmoneou Suslov. *Mate esse sacana*!

Muito bem, retorquiu Andropov. Fez a pontaria com cuidado e Zaitzev não

pôde intervir, apesar de estar ali mesmo. Então o diretor premiu o gatilho.

Zaitzev estava outra vez na rua. A primeira bala acertou numa criança, um menino à direita do padre, que caiu sem qualquer som.

Ele não, meu idiota… o padre!, gritou Mikhail Suslov, como um cão raivoso.

Andropov voltou a disparar, dessa vez acertando na pequena menina loura que estava à esquerda do padre. A cabeça dela explodiu numa mancha vermelha. Zaitzev inclinou-se para a ajudar, mas ela disse-lhe que estava tudo bem, de modo que ele a deixou e se voltou para o padre.

Tenha cuidado.

Com quê, meu jovem camarada?, perguntou o padre de um modo agradável. *Venham, meninos, vamos ver Deus*.

Andropov voltou a disparar. Dessa vez, a bala acertou mesmo a meio do peito do padre. Viu-se um jato de sangue, do tamanho e da cor de uma rosa. O padre fez uma careta, mas continuou a andar, com as crianças atrás dele.

Outro tiro, outra rosa no peito à esquerda da primeira. Mas ele continuou a andar, devagar.

Está ferido?, perguntou Zaitzev.

Não é nada, respondeu o padre. *Mas porque é que tu não o impediste*?

Mas eu tentei, insistiu Zaitzev.

O padre parou de andar para olhar diretamente para ele. *Tentaste mesmo*?

Foi então que a terceira bala lhe acertou em cheio no coração.

Tentaste mesmo?, voltou a perguntar-lhe o padre. Agora as crianças estavam a olhar para ele e não para o homem de branco.

Zaitzev sentou-se de súbito na cama. Eram quase quatro da manhã, segundo o que o relógio indicava. Estava a suar abundantemente. Só havia uma coisa a fazer. Levantou-se da cama e foi até à casa de banho. Aí urinou, bebeu um copo de água e depois foi até à cozinha. Junto ao lava-louças acendeu um cigarro. Antes de voltar a deitar-se queria estar bem desperto. Não queria regressar *àquele* sonho.

Para lá da janela, Moscovo estava em silêncio, com as ruas completamente desertas. Nem sequer havia um bêbedo a cambalear a caminho de casa. Isso era uma coisa boa, pois nenhum elevador estaria a funcionar nos prédios a essa hora. Não se via um único automóvel, o que era um pouco estranho, mas não tanto como numa cidade do Ocidente.

O cigarro cumpriu o seu objetivo. Ele estava agora suficientemente acordado para voltar a adormecer. Mas, mesmo nesse instante, sabia que aquela visão não o abandonaria. Muitos sonhos esfumavam-se, como fumo de tabaco, mas o mesmo não aconteceria com esse. Zaitzev tinha a certeza.

CAPÍTULO 10

UM RAIO VINDO NÃO SE SABIA BEM DE ONDE

Ele tinha muito em que pensar. Era como se a decisão se tivesse criado a si mesma, como se uma força alienígena lhe tivesse tomado conta do cérebro e, através do mesmo, do corpo, e ele tivesse sido transformado num mero espectador. Como muitos russos, não tomou duche, mas lavou e cara e escanhoou-se com uma navalha de barba, fazendo cortes na cara durante o processo. O papel higiénico tomou conta disso, pelo menos dos sintomas se não da causa. As imagens do sonho ainda se repetiam diante dos seus olhos como aquele filme de guerra na televisão. Continuaram a fazê-lo durante o pequeno-almoço, pondo-lhe um olhar distante que a mulher notou, mas sobre o qual decidiu não fazer comentários. Em breve seriam horas de ir para o trabalho. Ele fê-lo como um autómato, seguindo, de memória, o caminho exato para a estação de metro, com o cérebro a um tempo sossegado, mas furiosamente ativo, como se de súbito se tivesse cindido em duas pessoas distintas, mas distantemente ligadas, movendo-se através de caminhos paralelos para um destino que ele não poderia ver nem perceber. Era como se estivesse a ser levado para lá, como uma lasca de madeira a descer os rápidos de uma montanha, os rochedos da margem a passarem tão depressa, à esquerda e à direita, que ele nem sequer os conseguia ver. Pareceu-lhe quase uma surpresa quando se viu na carruagem do metro, a viajar pelos túneis que tinham sido escavados pelos prisioneiros políticos de Estaline sob a direção de Nikita Sergeyevitch Khrushchev, rodeado pelos silenciosos corpos quase sem rosto de outros cidadãos soviéticos, que também se dirigiam para os locais de trabalho, pelos quais sentiam pouco amor e pouco sentido do dever. Contudo, dirigiam-se para eles porque era assim que ganhavam o dinheiro com o qual compravam comida para as suas famílias, minúsculas peças na engrenagem gigante que era o Estado soviético que todos diziam servir e que, por sua vez, dizia servi-los a eles e às suas famílias…

Mas era uma mentira, não era?, interrogou-se Zaitzev. Ou seria mesmo assim? Como é que o assassínio de um padre poderia servir o Estado soviético? Como poderia servir todas aquelas pessoas? Como poderia servi-lo a si, à sua mulher e

à filha? Alimentando-os? Ao dar-lhe a possibilidade de fazer compras em lojas «vedadas» e comprar coisas em que outros trabalhadores nem sequer conseguiriam pensar em obter para si mesmos?

Porém, ele estava melhor do que quase todos os outros na carruagem de metro, segundo Oleg se dava conta. Será que não se deveria sentir grato por isso? Será que ele não comia melhor comida, bebia melhor café, via programas num aparelho de televisão melhor, dormia em melhores lençóis? Não teria ele todos os confortos que aquelas pessoas gostariam de ter? *Por que motivo me encontro de repente tão tremendamente perturbado?*, interrogou-se o oficial de comunicações. A pergunta era tão óbvia que lhe demorou quase um minuto a encontrar a resposta. Era devido ao seu cargo, o que lhe dava os confortos de que desfrutava, que também lhe dava conhecimento e, neste caso, pela primeira vez na sua vida, o conhecimento tornara-se uma maldição. Ele conhecia o pensamento dos homens que determinavam o curso a seguir pelo seu país e, com esse conhecimento, viu que o curso era falso… era malévolo, e que, dentro da sua cabeça, havia uma agência que olhava para esse mesmo conhecimento e que o julgava errado, e que nesse julgamento surgia a necessidade de fazer algo para o mudar. Ele não poderia objetar e esperar manter o que passava por liberdade no seu país. Não haveria instância ao seu alcance através da qual ele pudesse compartilhar as suas opiniões com outras pessoas, embora outros pudessem muito bem concordar com ele e pedir aos governantes para remediarem as suas queixas. Não, não haveria modo de ele agir com um sistema semelhante. Para fazer isso, tinha de se ser uma pessoa numa posição tão elevada que, antes de expressar dúvidas, tivesse de ser cuidadosa, para não abrir mão dos privilégios. De modo que, fosse qual fosse a consciência que se tivesse, esta era dominada pela cobardia que resultava de se ter tanto a perder. Ele nunca ouvira um político superior nesse país a assumir-se desse modo, que afirmasse aos seus colegas, por uma questão de princípios, que eles estavam errados. Não, o sistema impedia-o pelo tipo de pessoas que selecionava. Os homens corruptos só escolhiam homens corruptos para serem seus pares, não fossem eles questionar as coisas que lhes davam vastos privilégios. Tal como os príncipes no tempo dos czares raramente consideravam o efeito que a autoridade deles poderia ter sobre os servos, assim os novos príncipes do marxismo nunca questionavam o sistema que lhes dava o seu lugar no mundo. Porquê? Porque o mundo não mudara de forma… só de cor,

de branco czarista para vermelho socialista, e, ao manter a forma, mantinha o seu método de trabalho e, num mundo vermelho, um pouco mais de sangue derramado dificilmente daria nas vistas.

A carruagem de metro parou na estação e Zaitzev foi até à porta de metal deslizante, saiu para a plataforma e subiu as escadas rolantes para a rua, num dia claro de fim de verão, sentindo-se uma vez mais parte da multidão, mas de uma que se dispersava à medida que se ia movendo. Um contingente de tamanho médio caminhava, com um passo certo, para o edifício de pedra do Centro, através das portas de bronze, para lá do primeiro posto de controlo e, finalmente, para o espaço aberto. Zaitzev mostrou o passe ao guarda fardado, que lhe olhou para a fotografia e para o rosto, e inclinou a cabeça para a direita, indicando assim que ele podia entrar no vasto edifício de escritórios. Mostrando a mesma falta de emoção, como em qualquer outro dia, Zaitzev começou a descer os degraus de pedra até à cave, passou por outro ponto de controlo e, por fim, entrou no espaço aberto do Centro de Comunicações.

O turno da noite estava a acabar. Na secretária de Zaitzev estava o homem que trabalhava da meia-noite às oito, Nikolay Konstantinovitch Dobrik, um major recentemente promovido como ele.

— Bom dia, Oleg — disse Dobrik num cumprimento de camaradagem, acompanhado de uma espreguiçadela na sua cadeira giratória.

— Bom dia, Kolya. Como foi o turno da noite?

— Muito tráfego de Washington na noite passada. O louco daquele presidente está outra vez ocupado. Sabias que nós somos o foco do mal no mundo moderno?

— Ele disse isso? — perguntou Zaitzev, de um modo incrédulo.

Dobrik assentiu com um aceno de cabeça.

— Pois disse. A *rezidentura* de Washington mandou-nos o texto do seu discurso… foi um petisco para os fiéis do seu partido, mas, mesmo assim, incendiário. Espero que o embaixador receba instruções do ministro dos Negócios Estrangeiros acerca disso, e o Politburo terá certamente qualquer coisa a dizer. Mas, pelo menos, deu-me tempo para o ler todo!

— Não o cifraram, pois não? — Uma transmissão completa numa cifra de uso único teria sido um pesadelo para os empregados.

— Não, vinha à máquina, graças a Deus — respondeu Dobrik. A sua escolha

de palavras não era inteiramente irónica. Esse eufemismo era comum, mesmo no Centro. — Os nossos oficiais estão agora a tentar extrair sentido do que ele disse. O departamento político irá estudá-lo durante horas… talvez dias, aposto que juntamente com os psiquiatras.

Zaitzev conseguiu rir-se. As coisas que andavam para trás e para diante entre os oficiais no terreno e os médicos seriam decerto divertidas de se ler… e, como bons empregados, eles tendiam a ler os despachos divertidos na totalidade.

— Dá que pensar como é que homens daqueles acabam por governar grandes países — observou Dobrik, levantando-se e acendendo um cigarro.

— Creio que lhe chamam o processo democrático — respondeu Zaitzev.

— Bem, nesse caso, agradeço à Vontade Coletiva do Povo, tal como é expressa pelo nosso amado Partido. — Dobrik era um bom membro do Partido, apesar da ironia planeada do seu comentário, tal como o eram todos naquela sala, é claro.

— Tens razão, Kolya. Em qualquer caso — Zaitzev olhou para o relógio de parede, estava seis minutos adiantado —, vou tomar o teu lugar, camarada major.

— E eu agradeço-te, camarada major. — Dobrik dirigiu-se para a saída.

Zaitzev sentou-se na cadeira ainda quente das costas de Dobrik e assinou a folha, indicando as horas. Em seguida, despejou o cinzeiro no balde do lixo (Dobrik parecia nunca o fazer) e iniciou mais um dia no escritório. Substituir o colega era um processo rotativo, ainda que agradável. Ele mal conhecia Dobrik, exceto por aqueles momentos no começo do dia. Por que motivo alguém se voluntariaria continuamente para o turno da noite era algo que o intrigava. Pelo menos, Dobrik deixava sempre a secretária limpa, não repleta de trabalho inacabado, o que dava tempo a Zaitzev para se instalar e organizar mentalmente o trabalho do dia.

Neste caso, no entanto, esses poucos minutos apenas lhe trouxeram as imagens mentais que, segundo parecia, não estavam prestes a desaparecer. De modo que Oleg Ivanovitch acendeu o seu primeiro cigarro de trabalho do dia e pôs-se a remexer os papéis na secretária de metal, enquanto o seu pensamento estava noutro lugar, a fazer coisas que ele próprio ainda não queria saber. Eram já dez minutos depois da hora quando um funcionário de cifras chegou ao pé dele com o dossiê.

— Do posto de Washington, camarada major — anunciou ele.

Pegando no dossiê de capa amarela, abriu-o e começou a observar os despachos.

Ah, pensou ele, *este sujeito CASSIUS relatou que*… sim, mais informação política. Ele não conhecia nem o nome nem o rosto de quem dava pelo nome de CASSIUS, mas teria de ser o adido de um parlamentar superior, talvez mesmo um senador. Ele entregava-lhes informação política da mais alta qualidade que insinuava um acesso a informação política concreta. De modo que um funcionário que trabalhava para um político americano numa posição de alto nível trabalhava também para a União Soviética. Não era pago, o que o tornava um agente com motivações ideológicas, da melhor qualidade que podiam esperar.

Leu o despacho e depois tentou pensar no destinatário certo no andar de cima… O coronel Anatoliy Gregorovitch Fokin, no departamento político, cuja morada era Secretaria de Washington, Linha PR, Primeiro Departamento, na Primeira Direção-Geral, no quarto andar.

Fora da cidade, o coronel Ilya Fedorovitch Bubovoy saía do seu voo matinal vindo de Sófia. Para o apanhar, tivera de se levantar às três da manhã para que um carro da embaixada o levasse até ao aeroporto, para apanhar o avião para Moscovo. A convocação viera de Aleksey Rojdestvenskiy, que ele conhecia há vários anos e que tivera a cortesia de lhe telefonar no dia anterior para o assegurar de que essa convocação, para vir até ao Centro, não implicava nada de desagradável. Bubovoy tinha a consciência limpa, mas, mesmo assim, era bom saber. Nunca se poderia ter a certeza com o KGB. Como crianças numa escola chamadas ao gabinete do diretor, os oficiais sentiam por vezes algumas borboletas no estômago sempre que iam à sede. De qualquer modo, o nó da sua gravata estava bem feito e os seus melhores sapatos devidamente engraxados. Não usava uniforme, dado que a sua identidade como *rezident* em Sófia era secreta.

Um sargento fardado do Exército Vermelho foi ter com ele à saída do avião e levou-o até ao automóvel. Na verdade, o sargento era do KGB, mas isso não era para ser do conhecimento público. Quem poderia saber se a CIA ou outros serviços do Ocidente não tinham alguém a espiar no aeroporto? Bubovoy arranjou um exemplar do *Sovietskiy Sport*, num quiosque a caminho do carro. A

viagem seria ainda de trinta e cinco minutos. A equipa de futebol de Sófia derrotara o Dynamo de Moscovo por 3 a 2, alguns dias antes. O coronel perguntou-se se os relatores desportivos iriam pedir as cabeças da equipa de Moscovo, tudo rodeado, é claro, da retórica marxista apropriada. Os bons socialistas ganhavam sempre, mas os relatores desportivos tendiam a ficar confusos quando uma boa equipa socialista ganhava a outra da mesma convicção.

Foley também estava no metro, um pouco atrasado nessa manhã. Uma falha de eletricidade afetara-lhe o despertador sem que ele soubesse, de modo que fora acordado pela luz do sol através das janelas, em vez de pelo habitual zumbido metálico. Como sempre, tentou não olhar muito em volta, mas não pôde deixar de tentar descobrir quem fora o homem que lhe pusera a mão no bolso. Mas nenhuns rostos se voltaram para olhar para ele. Tentaria mais uma vez nessa tarde, no comboio que saía da estação às 17:41, só para ver. Para ver o quê? Foley não sabia, mas essa era uma coisa excitante acerca do ramo de trabalho que ele escolhera. Se tivesse sido apenas mera casualidade, tudo bem; contudo, durante os próximos dias, estaria no mesmo comboio, na mesma carruagem, de pé praticamente no mesmo sítio. Se ele tivesse alguém a segui-lo, o homem não daria por ele. Os russos achavam reconfortante seguirem alguém que se pautasse por uma rotina… a aleatoriedade dos americanos poderia aborrecê-los. De modo que ele seria um «bom» americano. Iria mostrar-lhes o que eles queriam e assim não o achariam estranho. O chefe do posto de Moscovo abanou a cabeça.

Ao chegar à sua estação, subiu nas escadas rolantes até ao nível da rua, dali o caminho era curto até à embaixada, mesmo do outro lado da rua da Nossa Senhora dos Microchips, e do maior micro-ondas do mundo. Foley gostava sempre de ver a bandeira no mastro e os fuzileiros lá dentro, mais uma prova de que estava no lugar certo. Eles tinham sempre bom aspeto, com as camisas caqui e as calças azul-escuras do uniforme, pistolas no coldre e bonés brancos.

O seu escritório estava um pouco desarrumado como de costume, pois era parte do seu disfarce não o deixar impecável.

Mas este disfarce não se estendia ao Departamento de Comunicações, não podia. À frente das comunicações da embaixada estava Mike Russell, um antigo tenente-coronel da Agência de Segurança do Exército (a ASA[21] era o próprio

braço de segurança nas comunicações do Exército) e que agora era um civil que trabalhava para a Agência Nacional de Segurança que, oficialmente, fazia o mesmo para todo o governo. Moscovo era uma comissão de trabalho difícil para Russell, que era negro, divorciado e não arranjava ali muita ação no que se prendia com as mulheres, dado que os russos eram notoriamente desconfiados de pessoas com pele escura. O seu bater à porta era facilmente identificável.

— Entre, Mike — disse Foley.

— Bom dia, Ed. — Russell tinha quase um metro e oitenta e, a avaliar pela sua cintura, precisava de ter mais cuidado com o que comia. Mas era um bom funcionário, com códigos e comunicações e afins e, de momento, era quanto bastava. — Uma noite sossegada para si.

— Oh?

— Apenas isto. — Retirou um envelope do bolso do casaco e deu-lho. — Nada de importante, segundo parece. — Ele também tinha desencriptado o despacho. Nem mesmo o embaixador tinha o mesmo nível de acesso às mensagens que o diretor de comunicações. Foley alegrou-se de súbito com o racismo russo. Tornava menos provável que Mike fosse convencido a passar para o lado deles e *isso* era um pensamento assustador. De todas as pessoas na embaixada, Mike Russell era o único que poderia dar informações acerca de toda a gente. Era essa a razão pela qual os serviços de informação tentavam sempre corromper os funcionários responsáveis pelas cifras, as pessoas mal pagas e desprezadas que tinham um enorme poder ao nível do conhecimento na embaixada.

Foley pegou no envelope e abriu-o. O despacho lá dentro era menor do que de costume, uma prova inegável de que a CIA era mais uma instituição burocrática do governo, não importaria a relevância do seu trabalho. Resmungou e colocou o papel na trituradora, onde rodas rotativas de aço o reduziram a fragmentos com dois centímetros quadrados.

— Deve ser bom ter o dia de trabalho concluído em dez segundos — observou Russell, com uma gargalhada.

— Aposto que não era assim no Vietname.

— Nem por sombras. Lembro-me que um dos meus tropas desbloqueou um transmissor VC na sede do Comando da Assistência Militar no Vietname e isso fez com que a noite fosse muito ocupada.

— E apanharam-no?

— Sim — respondeu Russell, assentindo com um aceno de cabeça. — Os habitantes locais ficaram bastante aborrecidos com aquele idiota. Ele acabou mal, segundo me disseram. — Russell era então tenente. Nascido em Detroit, o seu pai construíra bombardeiros B-24 durante a Segunda Guerra Mundial e nunca deixara de dizer ao filho como isso era muito mais interessante do que montar *Fords*. Russell detestava tudo acerca daquele país (eles nem sequer apreciavam boa música Soul!), mas o pagamento extra que vinha com o seu destacamento ali (Moscovo era considerado um posto difícil) iria comprar-lhe um dia uma bela casa na Península Superior do Michigan, onde poderia caçar pássaros e veados à vontade. — Qualquer coisa para ser enviada, Ed?

— Não, hoje não… pelo menos ainda não.

— Percebido. Tenha um bom resto de dia. — E Russell desapareceu pela porta.

Não era como nos romances de espionagem… O trabalho de um funcionário da CIA era mais composto por tédio do que por excitação. Pelo menos, dois terços do tempo de Foley como agente no terreno eram ocupados a escrever relatórios que alguém em Langley poderia ler ou não, e/ou esperando por encontros que se poderiam, ou não, realizar. Ele tinha oficiais de informação no terreno para fazerem grande parte do trabalho de rua, porque a sua identidade era demasiado sensível para que ele se pudesse arriscar a ser descoberto… algo que ele tivera por vezes que explicar à mulher. Mary Pat gostava por demais da ação. Era um pouco preocupante, se bem que nenhum deles tivesse de se deparar com muitos perigos físicos. Ambos tinham imunidade diplomática, e os russos respeitavam-na muito, na sua maior parte. Mesmo que as coisas se tornassem um pouco mais complicadas, nunca seriam assim tão complicadas. Pelo menos era o que ele pensava.

— Bom dia, coronel Bubovoy — disse Andropov, delicadamente, sem se levantar.

— Bom dia, camarada diretor — respondeu o *rezident* de Sófia, suspirando de alívio pelo facto de Rojdestvenskiy não lhe ter mentido. Apesar de tudo, nunca se poderia ser demasiado cauteloso, ou demasiado paranoico.

— Como estão as coisas em Sófia? — disse Andropov, indicando-lhe o

assento de couro do outro lado da grande secretária de carvalho.

— Ora, camarada diretor, os nossos fraternos colegas socialistas continuam cooperantes, especialmente com assuntos turcos.

— Ótimo. Estamos a planear uma missão para levar a cabo e gostaria de ter a sua opinião acerca da sua viabilidade.

— E que poderá ser tal missão?

Andropov delineou-lhe os planos, observando muito bem o rosto do seu visitante, em busca de reações. Não houve nenhuma. O coronel era demasiado experiente para as revelar e, para além do mais, conhecia o olhar que incidia sobre ele.

— E seria para já? — perguntou.

— Quanto tempo lhe levaria a organizar tudo?

— Bem, iria precisar da cooperação dos nossos amigos búlgaros. Sei quem devo contactar, o coronel Boris Strokov, um interveniente muito hábil no Dirjavna Sugurnost. Ele está encarregado das operações na Turquia… contrabando e coisas desse género… o que lhe dá acesso às organizações de gângsteres desse país. Os contactos são muito úteis, especialmente quando se trata de matar alguém.

— Continue — urgiu o diretor, em voz baixa.

— Camarada diretor, uma operação dessas não irá ser simples. Sem meios para pôr um atirador na residência privada do alvo, teremos de tentar quando o mesmo aparecer em público, onde, como será de esperar, estará muita gente. Podemos dizer ao nosso atirador que temos os meios para o retirarmos do local, mas isso, é claro, será uma mentira. De um ponto de vista tático, seria melhor ter um segundo homem presente, para o matar logo que ele dispare, munido de uma arma com silenciador. Para o segundo assassino, a fuga será bem mais fácil, dado que a atenção da multidão estará centrada no primeiro atirador. Também remedeia o possível problema de o nosso atirador falar com a polícia. A polícia italiana não tem uma boa reputação, mas isso não é verdade, estritamente falando. Como o nosso *rezident* em Roma lhe poderá dizer, os seus ramos de investigação estão muito bem organizados e são altamente profissionais. De modo que será no nosso interesse que o atirador seja eliminado de imediato.

— Mas será que isso não iria sugerir logo o envolvimento de um serviço de informação? — perguntou Andropov. — Não será demasiado sofisticado?

Bubovoy recostou-se melhor na cadeira e falou criteriosamente. Era o que Andropov queria ouvir e estava pronto a dizer-lho.

— Camarada diretor, teremos de medir um perigo em relação a outro. O maior perigo é se o nosso assassino começar a falar de como chegou a Roma. Um morto não conta nada a ninguém, como se costuma dizer, e uma voz silenciada não pode dar informações. O outro lado pode especular, mas não passará disso mesmo. Pela nossa parte, poderemos facilmente divulgar informação através das fontes de imprensa que controlamos acerca da animosidade dos muçulmanos para com o sumo pontífice da Igreja Católica. Os serviços noticiosos do Ocidente irão pegar nessa mesma informação e, com a devida orientação, poderemos moldar o entendimento público do que se passou. O Instituto de Estudos Americanos e Canadianostem excelentes académicos para esse fim, como deverá saber. Podemos usá-los para formularem a propaganda negra e, em seguida, usar o pessoal da Primeira Direção-Geral para a disseminar. Esta operação proposta tem os seus riscos, é claro, no entanto, embora complexa não é assim tão difícil de um ponto de vista conceptual. Os verdadeiros problemas irão prender-se com a sua execução e com a segurança operacional. É por isso que é crítico eliminar imediatamente o assassino. A coisa mais importante é a negação de informação ao outro lado. Eles que especulem o que quiserem, mas, sem informação concreta, nada irão *saber*. Esta operação será apenas do conhecimento de muito poucos, presumo.

— Presentemente, menos de cinco pessoas. Quantas mais? — inquiriu Andropov, impressionado com a especialização de Bubovoy e com o seu sangue-frio.

— Pelo menos, três búlgaros. Depois irão selecionar o turco… Terá de ser um turco, não sei se está a ver.

— Porquê? — perguntou Andropov, ainda que soubesse a resposta.

— A Turquia é um país muçulmano e existe uma longa antipatia entre as igrejas cristãs e o Islão. Deste modo, a operação irá gerar uma discórdia adicional entre os dois grupos religiosos… Considere este facto como um bónus — sugeriu o *rezident* de Sófia.

— E como é que irão selecionar o assassino?

— Vou deixar isso a cargo do coronel Strokov que, por acaso, até é descendente de russos. A sua família instalou-se em Sófia na viragem do século

dezanove, mas ele pensa como nós. É um *nashi* — assegurou Bubovoy ao seu patrão —, um diplomado pela nossa academia e um oficial no terreno com muita experiência.

— E quanto tempo demorará a organizar tudo?

— Isso depende mais de Moscovo do que de Sófia. O Strokov irá precisar da aprovação do seu comando, mas trata-se de uma questão política e não operacional. Depois de ter as suas ordens… duas semanas, quando muito quatro.

— E as hipóteses de sermos bem-sucedidos? — perguntou o diretor.

— Entre médias a altas. O oficial no terreno do Dirjavna Sugurnost levará o assassino ao local indicado e irá matá-lo, logo que a missão esteja concluída, antes de se pôr em fuga. É mais perigoso do que parece. O assassino, provavelmente, terá uma pistola e não será uma com silenciador. De modo que a multidão irá voltar-se para o estrondo. Muitos irão recuar, mas outros irão atirar-se para a frente, para o perigo, na esperança de apanharem o atirador. Se ele cair com uma bala silenciosa nas costas, irão correr para ele, enquanto o nosso homem, como outros na multidão, irá recuar. Vai ser como ondas numa praia — explicou Bubovoy. Na sua cabeça, podia ver tudo a acontecer. — No entanto, disparar uma pistola não é tão simples como o cinema nos faz acreditar. Lembre-se, num campo de batalha, para cada homem morto, dois ou três são feridos e sobrevivem. O nosso atirador não se irá aproximar mais do que quatro ou cinco metros. Isso é o suficiente para alguém bem treinado, mas esse não será o caso do nosso homem. E depois existe o fator de complicação dos cuidados médicos. A não ser que alguém seja alvejado no coração ou no cérebro, os cirurgiões especialistas conseguem arrancá-los à cova, reanimando um homem ferido. De modo que, de um ponto de vista realista, se trata de uma operação com cinquenta por cento de hipóteses. Assim, as consequências de um fracasso têm de ser levadas em conta e isso é uma questão política, camarada diretor — concluiu Bubovoy, dando a entender que não era exatamente a pele dele que estava em jogo. Ao mesmo tempo, sabia que o sucesso dessa missão lhe traria estrelas de general, o que, para o coronel, era uma jogada aceitável com mais pontos positivos do que negativos. Satisfazia o seu carreirismo tal como o seu patriotismo.

— Muito bem. Que precisa de ser feito?

— Primeiro que tudo, o Dirjavna Sugurnost opera sob orientação política. A

secção que o coronel Strokov comanda funciona com alguns relatórios escritos, mas está controlada diretamente pelo Politburo da Bulgária. De modo que talvez precisemos de autorização política, o que, necessariamente, significa aprovação por parte da nossa liderança. Os búlgaros não irão autorizar a cooperação deles sem um pedido oficial do nosso governo. Apesar de tudo, trata-se de uma operação sem grandes complicações.

— Estou a ver. — Andropov ficou silencioso, mais ou menos por meio minuto. Haveria uma reunião do Politburo dentro de dois dias. *Será que é demasiado cedo para mencionar esta missão?*, pensou. Será muito difícil apresentar esta ideia? Teremos de lhes mostrar a Carta de Varsóvia e eles não irão gostar nada dela. Teria de a apresentar de forma que os assuntos lhes parecessem urgentes… assustadores.

Ir-se-iam eles assustar? Bem, ele poderia dar uma ajudinha, não é verdade? Andropov refletiu sobre a questão durante mais alguns segundos e chegou a uma conclusão favorável.

— Mais alguma coisa, coronel?

— Não há necessidade de dizer que a segurança desta operação terá de ser impecável. O Vaticano tem o seu próprio serviço de informação que é altamente eficiente. Seria um erro subestimar as suas capacidades — avisou Bubovoy. — Logo, o nosso Politburo e os búlgaros terão de saber que este assunto não poderá ser discutido fora de um grupo restrito. E, do nosso lado, isto quer dizer ninguém, nem mesmo o Comité Central ou o Secretariado do Partido. A mais pequena fuga de informação seria ruinosa para a nossa missão. No entanto, ao mesmo tempo — continuou ele —, temos muito trabalho a fazer. O papa não pode isolar-se, nem poderá ser protegido do mesmo modo que nós, ou outro Estado-nação, faríamos, se houvesse uma ameaça semelhante ao nosso chefe de Estado. No sentido operacional do termo ele é, realmente, um alvo fácil… *se*, é óbvio, pudermos encontrar um assassino disposto a arriscar a vida para se aproximar o suficiente para disparar.

— Assim sendo, se eu obtiver a autorização do Politburo e depois pedirmos ajuda aos nossos irmãos búlgaros e se, em seguida, você conseguir pôr o coronel Strokov em ação, quanto tempo irá demorar até a coisa acontecer?

— Um mês, penso, talvez dois, mas não mais do que isso. Precisaremos de algum apoio do posto de Roma, no que respeita a questões de agendas e afins,

mas é tudo. As nossas mãos ficarão inteiramente limpas… especialmente se o Strokov nos ajudar a eliminar de imediato o assassino, assim que concluir a missão.

— Quer que esse Strokov participe pessoalmente?

— *Da*. — Bubovoy assentiu com um aceno de cabeça. — O Boris Andreyevitch não tem medo de sujar as mãos. Ele já fez este tipo de coisa.

— Pois bem. — Andropov olhou para o tampo da secretária. — Não haverá relatos escritos acerca desta operação. Logo que tenha a devida autorização, irá receber do meu escritório ordens para começar, mas apenas através de um código operacional, que será o quinze-oito-oitenta e dois-seiscentos e sessenta e seis. Alguma informação mais complexa será comunicada por um mensageiro, ou por contacto pessoal. Será que fui claro?

— Claríssimo, camarada diretor. Nada é escrito a não ser o número da operação. Irei voar muitas vezes entre Sófia e Moscovo, mas isso não será um problema.

— Os búlgaros são de confiança? — perguntou Andropov, de súbito preocupado.

— Sim, camarada diretor. Nós temos há muito uma relação operacional com eles e eles são especialistas neste tipo de coisas… de facto, mais até do que nós. Tiveram mais prática. Quando alguém tem de morrer, são geralmente os búlgaros que se encarregam do assunto.

— Sim, o coronel Rojdestvenskiy já me informou disso, só que eu não tenho conhecimento direto.

— Poderá, é claro, encontrar-se com o coronel Strokov em qualquer altura que desejar — sugeriu Bubovoy.

Andropov abanou a cabeça.

— Penso que é melhor não.

— Como queira, camarada diretor. — *Era de esperar*, pensou Bubovoy. Andropov era um homem do Partido que não estava habituado a sujar as mãos. Os políticos eram todos iguais, sequiosos de sangue mas pessoalmente limpos, dependendo de outros para realizarem os seus sórdidos desejos. Bem, era esse o seu trabalho, decidiu o coronel, e, dado que os políticos controlavam as coisas boas na sua sociedade, ele precisava de lhes agradar para poder levar a água ao seu moinho. E ele tinha tanta sede como qualquer outra pessoa na União

Soviética. No final da missão poderia haver estrelas de general, um bom andar em Moscovo… até mesmo uma bela *dacha* nas colinas de Lenine. Ele ficaria satisfeito por regressar a Moscovo, tal como a sua mulher. Se o preço disso fosse a morte de um estrangeiro que era uma inconveniência política para o seu país, temos muita pena… Esse homem deveria ter sido mais cuidadoso com quem estava a ofender.

— Obrigado por ter vindo e me ter dado as suas opiniões, camarada coronel. Irei voltar a entrar em contacto consigo.

Bubovoy levantou-se.

— Eu sirvo a União Soviética — disse ele, e saiu pela porta oculta.

Rojdestvenskiy estava no escritório do secretário à espera dele.

— Como correram as coisas, Ilya?

— Creio que não estou autorizado a revelá-lo — foi a resposta curta.

— Se se tratar da Operação Seiscentos e Sessenta e Seis, tem autorização para o fazer, Ilya Fedorovitch — tranquilizou-o Rojdestvenskiy, convidando-o a ir até ao corredor.

— Pois a reunião correu bem, Aleksey Nikolayevitch. Mais do que isso só se tiver autorização do diretor. — Aquilo poderia ser, apesar de tudo, um teste de segurança, embora Rojdestvenskiy fosse um amigo.

— Eu disse-lhe que poderia confiar em si, Ilya. Isto poderá ser muito bom para ambos.

— Nós servimos, Aleksey, como as restantes pessoas neste edifício.

— Deixe-me levá-lo até ao carro. Pode apanhar facilmente o voo do meio-dia.

Alguns minutos depois, já estava de volta ao escritório de Andropov.

— Então? — perguntou o diretor.

— Disse-me que o encontro correu bem, mas que não me iria dizer mais nada sem a sua autorização. O Ilya Fedorovitch é um profissional sério, camarada diretor. Serei eu o seu contacto para a missão?

— Sim — confirmou Andropov. — Vou enviar-lhe um sinal a esse respeito. — Andropov não sentia a necessidade de ser ele a gerir a operação. Ele era melhor a pensar nas coisas em geral, não nos pormenores de algo desse género. — Que sabe acerca do coronel Boris Strokov?

— É búlgaro? O nome é-me familiar. É um oficial superior de informação que, no passado, se especializou em operações que implicam assassínios. Ele

tem muita experiência… e é óbvio que o Ilya o conhece bem.

— Como é que alguém se especializa em assassínios? — perguntou o diretor. Tratava-se de um aspeto do KGB sobre o qual ele nunca obtivera informação.

— O trabalho verdadeiro dele é outra coisa, é claro, mas o Dirjavna Sugurnost tem um pequeno grupo de oficiais com experiência neste tipo de coisa. Ele é o mais experiente e tem um desempenho operacional impecável. Se bem me lembro, terá eliminado umas seis ou sete pessoas cujas mortes eram necessárias, búlgaras na sua maior parte. Talvez um turco ou dois, mas, que eu saiba, nenhuns ocidentais.

— E é difícil fazê-lo? — perguntou Yuriy Vladimirovitch.

— Não tenho esse tipo de experiência — admitiu Rojdestvenskiy. Não acrescentou que também não estava nada interessado em tê-la. — Há quem diga que a preocupação deles não é tanto realizar a operação, mas concluí-la… ou seja, evitarem depois a investigação da polícia. As agências policiais modernas são muito eficazes na investigação de homicídios, não sei se sabe. Neste caso, poderá esperar-se uma investigação extremamente vigorosa.

— O Bubovoy quer que esse tal Strokov esteja presente para eliminar o assassino logo a seguir.

Rojdestvenskiy assentiu pensativamente com a cabeça.

— Isso faz todo o sentido. Segundo me recordo, nós próprios temos vindo a discutir essa opção.

— Pois temos. — Andropov fechou os olhos por momentos. Mais uma vez, a imagem surgiu-lhe no cérebro. Decerto, iria resolver muitos problemas políticos. — Sim, a minha próxima tarefa será obter a aprovação do Politburo para a missão.

— Rapidamente, camarada diretor? — perguntou o coronel Rojdestvenskiy, incapaz de conter a sua curiosidade.

— Penso que amanhã à tarde.

Na cave das Comunicações, Zaitzev permitira que a sua rotina diária absorvesse a sua consciência. Surpreendeu-o de súbito o facto de o seu emprego ser tão estúpido. Eles queriam que o mesmo fosse feito por máquinas e ele tornara-se essa máquina. Guardava tudo na memória: que designador operacional ia para cada oficial de informação nos andares de cima e de que se tratava a operação.

Tanta informação entrara entretanto na sua cabeça que ele ficou espantado. Acontecera de um modo tão gradual que ele nunca se tinha apercebido. Estava a aperceber-se agora.

Mas era a 15-8-82-666 que continuava a insinuar-se na sua mente…

— Zaitzev? — chamou uma voz. O oficial de comunicações voltou-se para ver o coronel Rojdestvenskiy.

— Sim, camarada coronel?

— Tenho aqui um despacho para o *rezident* em Sófia. — Entregou-lhe o formulário da mensagem já devidamente preenchido.

— À máquina ou no bloco de cifras de uso único?

O coronel pensou por instantes nas duas opções. Optou pela consistência.

— No bloco, creio.

— Como desejar, camarada coronel. Terei tudo pronto dentro de uns minutos.

— Ótimo. Estará à espera do Bubovoy quando ele chegar à sua secretária. — Ele fez o comentário sem pensar muito nisso. Em qualquer parte do mundo as pessoas falavam de mais e não havia formação que as pudesse impedir de o fazer.

Então, o rezident *de Sófia esteve aqui há pouco?*, Zaitzev não teve de o perguntar.

— Sim, camarada coronel, quer que lhe telefone a confirmar o despacho?

— Sim, muito obrigado, camarada major.

— Eu sirvo a União Soviética — assegurou-lhe Zaitzev.

Rojdestvenskiy voltou para cima enquanto Zaitzev se dedicava à rotina estupidificante da encriptação.

ULTRASSECRETO
IMEDIATO E URGENTE
DE: ESCRITÓRIO DO DIRETOR, CENTRO DE MOSCOVO
PARA: REZIDENT DE SÓFIA
REFERÊNCIA: DESIGNADOR OPERACIONAL 15-8-82-666
PARA TODAS AS COMUNICAÇÕES FUTURAS O SEU CONTACTO OPERACIONAL SERÁ O CORONEL ROJDESTVENSKIY. POR ORDEM DO DIRETOR.

Era apenas uma mensagem corriqueira, mas codificada «Imediato e Urgente».

Isso queria dizer que era importante para o diretor Andropov, e a referência indicava uma operação, não apenas uma informação por parte de um mero *rezident*.

Eles querem mesmo ir para a frente com aquilo, apercebeu-se Zaitzev.

Que poderia ele fazer acerca do assunto? Ninguém naquela sala (ninguém em todo o edifício) poderia impedir aquela operação. Mas fora do edifício…?

Zaitzev acendeu um cigarro. Iria tomar o metro para casa, como era seu hábito. Será que aquele americano também lá estaria?

Ele estava a pensar em traição, refletiu com um arrepio. Aquele crime soava assustador, com uma realidade ainda mais arrepiante. Porém, o outro lado da moeda era ficar ali sentado a ler os despachos, enquanto um homem inocente era assassinado… e, não, ele não poderia fazer isso.

Zaitzev tirou o formulário de uma mensagem de um bloco com um centímetro de espessura que tinha em cima da secretária. Pôs aquela única folha de papel em cima da mesma e escreveu em inglês, usando um lápis macio n.º 1: SE ACHAR ISTO INTERESSANTE, USE UMA GRAVATA VERDE AMANHÃ. Nessa tarde, a sua coragem não dava para mais. Dobrou a folha do formulário e colocou-a dentro do seu maço de cigarros, com o cuidado de o fazer com movimentos normais, porque qualquer coisa mais fora do comum naquela sala era logo observada. Em seguida, escrevinhou outra coisa numa outra página em branco, depois amachucou-a e atirou-a para o cesto dos papéis, voltando para o seu trabalho do costume. Durante as três horas seguintes, Oleg Ivanovitch repensava as suas ações de cada vez que metia a mão no bolso para tirar um cigarro. Sempre que o fazia, pensava em retirar a folha de papel dobrada e rasgá-la aos bocadinhos, relegando-a para o cesto do lixo e depois para o saco dos papéis a serem incinerados. Contudo, deixava-a sempre lá, dizendo a si mesmo que ainda não fizera nada. Acima de tudo, tentava manter a sua mente livre, executar o seu trabalho regular e, deliberadamente, pôr-se em piloto automático, tentando deixar que o dia passasse. Finalmente, convenceu-se de que o seu destino estava em mãos que não eram as suas. Se ele chegasse a casa sem que nada de estranho acontecesse, retiraria essa folha do seu maço de cigarros e queimá-la-ia na cozinha, pondo assim fim ao problema. Por volta das quatro da tarde, Zaitzev olhou para o teto cheio de manchas de humidade da sala de Comunicações e murmurou algo semelhante a uma oração.

Por fim, o dia de trabalho tinha terminado. Seguiu o caminho habitual, com as passadas habituais até à estação de metro habitual, e desceu as escadas rolantes até à plataforma. O horário do metro era tão previsível como a mudança das marés e ele entrou na carruagem, juntamente com uma centena de outras pessoas.

Foi quando o coração quase lhe gelou no peito. Ali estava o americano, de pé exatamente no mesmo sítio, a ler um jornal que segurava na mão direita, com a esquerda agarrada ao corrimão junto ao teto, a gabardina desabotoada e solta em volta do corpo magro. O bolso aberto parecia chamá-lo como as sereias tinham chamado Ulisses. Zaitzev instalou-se a meio da carruagem, abrindo caminho entre os outros viajantes. A sua mão direita dirigiu-se ao maço de cigarros no bolso da camisa. Num gesto desafiador, retirou a folha dobrada do maço e alisou-a, cambaleando pela carruagem enquanto esta parava numa estação, abrindo caminho a um outro passageiro. Funcionou perfeitamente. Deu um leve encontrão ao americano e fez a transferência, depois desviou-se.

Zaitzev respirou fundo. Já fizera o que tinha a fazer. O que pudesse acontecer agora estava já em outras mãos.

Será que o homem era mesmo americano… ou uma «bandeira falsa» da Segunda Direção-Geral?

Será que o «americano» lhe vira o rosto?

Mas teria isso qualquer importância? Não estariam as suas impressões digitais na folha do formulário? Zaitzev não fazia ideia. Ele tivera cuidado ao arrancar a folha do formulário e, se o interrogassem, podia sempre dizer que o bloco estava em cima da sua secretária e que qualquer pessoa lhe poderia ter arrancado uma folha… talvez lha tivessem mesmo pedido! Poderia ser suficiente para descarrilar uma investigação do KGB, se ele mantivesse a sua história. Em breve, já estava fora da carruagem do metro e a passear ao ar livre. Esperou que ninguém lhe visse a mão a tremer ao acender um cigarro.

Os sentidos altamente treinados de Foley tinham-no abandonado. Com a gabardina completamente aberta não se dera conta de nenhum toque, exceto dos habituais empurrões do metro, fossem eles em Moscovo ou em Nova Iorque. No entanto, ao sair da carruagem, enfiou a mão no bolso esquerdo e havia aí qualquer coisa, e ele sabia que não era nada que ele lá tivesse posto. Uma

expressão intrigada perpassou-lhe pelo rosto, que o seu treino rapidamente apagou. Sucumbiu ao desejo de olhar em volta para ver se o estavam a seguir, mas, de imediato, apercebeu-se que, dado o seu horário regular, haveria alguém novo ali, à superfície, para o seguir e, muito provavelmente, uma série de câmaras no topo dos edifícios circundantes. A película de cinema era tão barata lá como em qualquer outra parte do mundo. De modo que se pôs a andar até casa, tal como em qualquer outro dia, cumprimentou com um aceno de cabeça o guarda ao portão, entrou no elevador e depois pela porta do seu apartamento.

— Já cheguei, querida — anunciou Ed Foley, retirando o papel do bolso depois de a porta ter sido fechada. Ele tinha a certeza de que não havia câmaras no apartamento, nem mesmo a tecnologia americana estava tão avançada, e ele vira o suficiente de Moscovo para não estar nada impressionado com as suas capacidades técnicas. Desembrulhou o papel e depois parou subitamente.

— O que é o jantar? — perguntou ele.

— Vem ver, Ed. — A voz de Mary Pat vinha da cozinha.

Havia hambúrgueres a serem grelhados no fogão, puré de batata, molho, feijões cozidos, a refeição americana básica da classe operária. Mas o pão era russo, o que não era mau. O pequeno Eddie estava em frente da televisão a ver uma videocassete dos *Transformers*, o que o manteria ocupado durante os próximos vinte minutos.

— Aconteceu hoje alguma coisa interessante? — perguntou-lhe Mary Pat, junto ao fogão. Ela voltou-se, para receber o beijo dele, e o marido respondeu com a frase em código que eles tinham combinado para qualquer coisa fora do comum.

— Absolutamente nada, querida. — Isso despertou nela um forte interesse, de modo que, quando ele retirou a folha de papel, Mary pegou nela e os olhos abriram-se-lhe desmesuradamente.

Não era tanto a mensagem, mas o cabeçalho impresso: COMUNICAÇÃO OFICIAL DA SEGURANÇA DO ESTADO.

Raios partam — os lábios da sua mulher formaram as palavras em silêncio.

O chefe do posto de Moscovo assentiu pensativamente com a cabeça.

— Será que podes tomar conta dos hambúrgueres, querido? Tenho de ir buscar uma coisa.

Ed pegou na espátula e virou-os. A sua mulher não demorou e apareceu com

uma gravata de um verde-vivo na mão.

---

[21] Acrónimo de Army Security Agency. *(N. do T.)*

CAPÍTULO 11

HAND JIVE[22]

É claro que, de momento, não havia muito que pudessem fazer. O jantar foi para a mesa, eles comeram e Eddie voltou ao seu VCR e às videocassetes com desenhos animados. Era fácil satisfazer uma criança de quatro anos, mesmo em Moscovo. Os seus pais não demoraram a ocupar-se com aquele enigma. Anos antes, tinham visto o filme *O Milagre de Anne Sullivan*, em que esta (Anne Bancroft) ensinava a Helen Keller (Patty Duke) o uso do alfabeto manual, e ambos tinham decidido que era uma boa língua para aprenderem, um meio para poderem comunicar, não muito depressa, mas de um modo silencioso, e com a própria estenografia deles.

Bem, q[ue] pensas?, perguntou Ed a Mary Pat.

Isto pode ser import[ante], respondeu a mulher.

Sim.

Ed, este tipo trabalha no MERCÚRIO, na versão deles! Uau!

É provável que tenha acesso aos form[ulários] para mens[agens], sugeriu logo o chefe de *posto*. *Mas vou usar a gravata verde e apanhar a mesma carr[uagem] de m[etro] duran[te] a próxi[ma] semana*.

Ótimo, concordou a mulher, com a forma estenográfica para uma exclamação de satisfação e de felicidade.

Oxalá não seja uma armadilha ou uma «bandeira falsa», observou Ed.

É parte do neg[ócio], q[uerido], retorquiu Mary Pat. O facto de ser apanhada não a assustava, embora ela não quisesse passar pela humilhação. Ela procurava mais oportunidades do que o marido. Ele preocupava-se mais. Mas, estranhamente, não dessa vez. Se os russos descobrissem que ele era o chefe de posto, ou apenas um espião no terreno (o que não era provável, pensava Ed), seriam uns idiotas se o expusessem logo. Não o fariam tão rapidamente, nem de um modo tão amador. A não ser que estivessem a tentar fazer dele um exemplo político e ele não conseguia ver a lógica disso… O KGB era tão frio de um ponto de vista lógico como o Sr. Spock sempre fora no planeta Vulcano. Até mesmo o FBI nunca tomaria uma atitude semelhante. De modo que essa oportunidade teria de ser verdadeira, a não ser que o KGB estivesse a dar um

abanão a cada empregado da embaixada que conseguissem, só para ver o que caía da árvore. Era possível, mas altamente improvável, logo valeria arriscar, pensou Foley. Ele iria usar a gravata verde e ver o que acontecia, tendo o cuidado de observar todos os rostos naquela carruagem de metro.

Avisas L[angley]?, perguntou Mary Pat.

Ele abanou a cabeça. *Ain[da] é mui[to] ce[do]*.

Ela anuiu. Em seguida, Mary Pat fez a mímica de estar a cavalgar. Isso queria dizer que havia mesmo uma oportunidade e que eles estavam finalmente metidos nela até às orelhas. Era quase como se ela tivesse medo de que as suas aptidões enferrujassem. *Havia muito poucas hipóteses de isso acontecer*, pensou o marido. Ele apostaria que a mulher tinha feito a sua escola paroquial sem nunca ter sequer levado uma palmada na mão, porque as freiras nunca a tinham apanhado a portar-se mal…

E, quanto a isso, nem ele.

Bem, amanhã será interes[sante], disse-lhe ele, obtendo um sensual aceno de cabeça como resposta.

A parte mais difícil do resto da noite era não se entusiasmarem com a oportunidade. Mesmo com o treino deles, os seus pensamentos continuavam a empreender na ideia de arranjarem um agente no MERCÚRIO russo. Era como um golo decisivo no final de um campeonato… Reggie Jackson Foley como o Senhor Outubro.

— Então, Simon, que sabemos nós do fulano?

— Não muito, a nível pessoal — admitiu Harding. — Ele é um homem do Partido, em primeiro e em último lugar, e sempre. Os horizontes dele alargaram-se, suponho, devido a ser diretor do KGB. Há quem diga que prefere bebidas ocidentais à vodca, e até que gosta de jazz americano, mas essas podem ser histórias que circulam internamente no Centro, para que ele pareça mais simpático aos olhos do Ocidente, o que não é muito provável, na minha modesta opinião. O homem é um bandido. O historial dele no Partido não é muito suave. Não se avança naquela organização senão através da dureza e, muitas vezes, os homens em altos voos conseguem despenhar os seus mentores no processo. Trata-se de uma organização darwiniana que enlouqueceu. Os mais fortes sobrevivem, mas provam ser os mais fortes ao esmagarem aqueles que possam

ser uma ameaça para eles, ou meramente esmagam pessoas para provarem a sua própria crueldade na arena que escolheram.

— E ele é esperto? — perguntou Ryan, a seguir.

Outra fumaça no cachimbo de urze-branca.

— Não deverá ser nenhum parvo. Tem um sentido muito desenvolvido da natureza humana; talvez seja um bom, ou, quem sabe, um brilhante psicólogo amador.

— Não o comparou com uma personagem do Tolstoi ou do Tchekhov — notou Jack. Apesar de tudo, Simon doutorara-se em Literatura.

Harding pôs essa hipótese de lado.

— Seria demasiado fácil fazê-lo. Não, gente como ele, na maior parte dos casos, não aparece na literatura, porque os romancistas não têm a imaginação necessária. Nunca houve avisos acerca de um Hitler na literatura alemã, Jack. O Estaline pensava ser, evidentemente, outro Ivan, *o Terrível*, e o Sergei Eisenstein encorajou essa ideia no seu filme épico acerca desse czar. No entanto, esse tipo de coisas é só para gente sem imaginação para ver as pessoas como elas são, em vez de as verem como alguém que compreendem. Não, o Estaline era um monstro complexo e, fundamentalmente, incompreensível, a não ser que tenhamos formação psiquiátrica. Não é esse o meu caso — observou Harding. — Não precisamos de os compreender por completo para podermos prever as suas ações, porque essas pessoas são racionais no interior do seu próprio contexto. Basta só percebê-lo, pelo menos foi isso em que sempre acreditei.

— Por vezes, acho que deveria envolver a Cathy neste tipo de trabalho.

— Porque ela é médica?

Ryan assentiu com um aceno de cabeça.

— Ela é muito boa a ler as pessoas. Foi por isso que tivemos o relatório dos médicos sobre o Mikhail Suslov. Nenhum deles era psiquiatra — lembrou Jack ao seu colega de trabalho.

— De modo que não sabemos muito sobre a vida pessoal do Andropov — admitiu Harding. — Nunca pediram a ninguém que aprofundasse essa vertente. Se ele se tornar secretário-geral, imagino que a sua mulher possa passar a ser uma figura semipública. Em qualquer caso, não há razão para pensar que ele possa ser homossexual, ou algo assim. Eles na União Soviética são muito intolerantes com essa aberração, não sei se sabe. Algum colega teria logo usado

essa informação contra ele e ter-lhe-ia dado cabo da carreira. Não, o «armário» em que eles se encontram na União Soviética é muito fundo. Melhor será ser celibatário — concluiu o analista.

Pois bem, pensou Ryan, *esta noite vou dar um telefonema ao almirante e dizer-lhe que os britânicos também não sabem*. Era estranhamente dececionante, mas previsível, até certo ponto. Tanto quanto os serviços de informação sabiam, a frequência de lacunas no seu conhecimento era muitas vezes surpreendente para os que estavam no exterior, mas não tanto para os que estavam no interior. Ryan ainda era suficientemente novo nesse tipo de jogo para ficar surpreendido ou desapontado. Um homem casado estaria habituado a compromissos, a deixar que a mulher levasse a melhor em muitas coisas, porque todos os homens casados acabam por se acobardar, de um modo ou de outro, e, a não ser que se seja um bruto rematado, poucas pessoas encaixam nessa categoria. Ainda menos poderiam subir desse modo na hierarquia, porque em qualquer organização tínhamos de ir com a corrente para nos darmos bem com os outros. Era essa a natureza humana e nem mesmo o Partido Comunista da União Soviética a poderia contrariar, dada toda a conversa deles acerca do Novo Homem Soviético que eles lá continuavam a querer construir. *Sim*, pensou Ryan, *está-se a ver*…

— Bem — disse Harding, olhando para o relógio —, penso que por hoje já servimos bem Sua Majestade.

— Concordo. — Ryan levantou-se e retirou o casaco do bengaleiro. Iria apanhar o metro até Victoria Station e o comboio *Lionel* até casa. A rotina já o começava a aborrecer. Teria sido melhor arranjar um apartamento na cidade e cortar no tempo das viagens, mas, se assim fosse, Sally não teria muita relva onde brincar e Cathy tinha sido inflexível acerca disso. Mais uma prova de que ele era de facto um cobarde, pensou Jack, enquanto se dirigia para o elevador. Ora, poderia ter sido pior. Apesar de tudo tinha uma boa mulher para o massacrar!

O coronel Bubovoy voltou à embaixada no caminho para casa, após sair do aeroporto. Um pequeno despacho estava à espera dele, que em breve desencriptou. Iria trabalhar através do coronel Rojdestvenskiy. Não havia aí qualquer surpresa. Aleksey Nikolayevitch era o cão de colo de Andropov. E esse, pensou o *rezident*, era talvez um bom emprego. Só teria de manter o patrão

contente, e Yuriy Vladimirovitch não seria provavelmente o sacana exigente que Beria fora. As pessoas do Partido poderão ser demasiado precisas nos seus pedidos, mas qualquer pessoa que trabalhasse no Secretariado do Partido saberia, sem dúvida, trabalhar com pessoas. A época de Estaline tinha de facto passado.

Assim sendo, parecia que tinha um assassínio a planear, pensou Bubovoy. Pensou de que modo Boris Strokov iria reagir a isso. Este era um profissional, pouco dado a excessos de emoção e ainda menos a uma consciência profissional. Para ele, trabalho era trabalho. Mas a magnitude daquilo era maior do que qualquer coisa com que ele se tivesse deparado enquanto trabalhava para o Dirjavna Sugurnost. Será que isso o iria assustar ou excitar? Seria interessante ver. Havia uma frieza no seu colega búlgaro que assustava e impressionava o oficial do KGB. As suas aptidões particulares poderiam ser úteis para ele ter à mão. E, se o Politburo precisava que esse polaco irritante fosse morto, então teria mesmo de morrer. Paciência, mas, se aquilo em que ele acreditava fosse verdade, então estariam a enviá-lo para o reino celestial como um santo mártir, não seria assim? Decerto, essa era a ambição secreta de qualquer padre.

A única preocupação de Bubovoy eram as repercussões políticas. Essas seriam épicas e assim era bom que ele fosse apenas um intermediário desconhecido nessa operação. Se as coisas corressem mal, bem… não seria por culpa sua. Que Strokov era o melhor homem para essa ação, com base no seu currículo, era algo que ninguém poderia negar, uma coisa que uma comissão de inquérito, se chegasse a haver alguma, poderia confirmar. Ele avisara o diretor de que um tiro, ainda que fosse disparado de perto, não seria necessariamente fatal. Teria de pôr isso num memorando, para se certificar de que o fino rasto de papelada da operação 15-8-82-666 teria ali a sua avaliação formal. Ele redigi-lo-ia e enviá-lo-ia por mala diplomática para o Centro, mantendo uma cópia para si no cofre do escritório, só para se certificar de que ficaria com as costas bem protegidas.

Não obstante, por agora, teria de esperar que a autorização viesse do Politburo. Será que «aquelas velhas» iriam mesmo querer ir para a frente com aquilo? Era essa a questão e tratava-se de uma em que ele não apostaria. Brejnev estava senil. Será que isso o iria fazer precavido, ou sedento de sangue? Era uma questão muito complexa para o coronel desembrulhar. Dizia-se que Yuriy Vladimirovitch era o seu herdeiro aparente. Se assim fosse, estava aí uma oportunidade para provar quanto valia.

— Então, Mikhail Yevgeniyevitch, vai apoiar-me amanhã? — perguntou Andropov, enquanto tomavam bebidas no seu apartamento.

Alexandrov rodava a cara vodca castanha no copo.

— O Suslov não irá estar cá amanhã. Há quem diga que teve uma falência renal e que não tem mais do que duas semanas de vida — disse o criado-ideólogo, tentando brevemente fugir à questão. — Irá dar-me apoio para eu obter o seu lugar?

— Será que ainda o tem de perguntar, Misha? — respondeu o diretor do Comité para a Segurança do Estado. — É claro que o irei apoiar.

— Muito bem. Então quais são as hipóteses de sucesso dessa operação que propõe?

— Cerca de cinquenta por cento, segundo o que diz o meu pessoal. Vamos usar um oficial búlgaro para a montar, mas, por questões de segurança, o assassino terá de ser um turco…

— Um sacana de um escarumba muçulmano? — perguntou de chofre Alexandrov.

— Misha, seja quem for, será certamente apreendido… morto, de acordo com o nosso plano. É impossível esperar uma fuga limpa nesta missão. Assim, não poderemos usar um dos nossos. A natureza da operação impõe-nos certos constrangimentos. O ideal era podermos usar um atirador treinado, por exemplo das Spetsnaz[23], a uma distância de trezentos metros. Mas isso iria revelar que o homicídio teria sido levado a cabo por um Estado-nação. Não, isto terá de parecer ter sido o ato isolado de um louco, tal como os americanos os têm. Não sei se sabe, mas, mesmo com todas as provas que os americanos tinham, uns malucos de lá ainda diziam que tínhamos sido nós, ou o Castro, os assassinos do Kennedy. Não, as provas que aí ficarem terão de deixar bem claro que nós *nunca* estivemos envolvidos. Isso limita os nossos métodos operacionais. Penso que este é o melhor plano que nós podemos conceber.

— E será que o estudou bem? — perguntou Alexandrov, bebendo um gole.

— Tem sido bem escrutinado. Operações como esta têm de o ser. A segurança tem de ser impecável, Mikhail Yevgeniyevitch.

O homem do Partido concordou, mas inquiriu:

— Suponho que sim, Yuriy… mas o risco de um fracasso…

— Misha, há riscos em todos os aspetos da vida. O mais importante é que eles

não liguem essa operação a nós. E isso nós podemos assegurá-lo com toda a certeza. Pelo menos, um ferimento sério irá acalmar o entusiasmo do Karol e dissuadi-lo de se meter connosco.

— Sem dúvida…

— E meia hipótese de fracasso significa também meia hipótese de sucesso — lembrou Andropov ao seu visitante.

— Assim sendo, irei apoiá-lo. O Leonid Ilyitch também me seguirá nessa decisão. Isso salvar-nos-á o dia. E quanto tempo, depois disso, até as coisas começarem a andar?

— Mais ou menos um mês, talvez seis semanas.

— Tão depressa? — As questões do Partido raramente avançavam a essa velocidade.

— Qual a finalidade de tomar essa, essa… «ação executiva», não é isso que os americanos lhe chamam…?, se demorar muito tempo? Se tiver de ser feita, será melhor que seja rapidamente, para evitar mais intriga política por parte desse homem.

— E quem o irá substituir…

— Suponho que algum italiano. O facto de ele ter sido selecionado já foi uma grande aberração. Talvez a sua morte encoraje os romanos a voltarem aos seus velhos hábitos — sugeriu Andropov, o que fez com que o seu convidado se começasse a rir à gargalhada.

— Sim, eles são tão previsíveis, esses fanáticos religiosos.

— De modo que amanhã irei apresentar a missão e você irá apoiar-me. — Andropov queria torná-lo bem claro.

— Sim, Yuriy Vladimirovitch. Terá todo o meu apoio. E você irá apoiar-me para que eu possa ocupar o assento do Suslov à mesa.

— Amanhã, camarada — prometeu Andropov.

[22] Dança popular nos EUA, nos anos 1950, e em que as mãos *(hands)* executam vários movimentos. *(N. do T.)*

[23] Abreviatura para os comandos das forças especiais das elites militares e policiais da URSS. *(N. do T.)*

CAPÍTULO 12

ATIRAR A BOLA PARA O OUTRO JOGADOR

Dessa vez, o despertador funcionou e acordou-os a ambos. Ed Foley levantou-se e dirigiu-se para a casa de banho, despachou-se rapidamente para a mulher a poder usar e, em seguida, foi ao quarto de Eddie para o acordar, enquanto a mulher fazia o pequeno-almoço. O filho acendeu logo a televisão e apanhou o programa de ginástica da manhã que todas as cidades do mundo pareciam ter, atuando nele, como em qualquer parte do mundo, uma mulher com um físico impressionante. Esta parecia capaz de não ter qualquer dificuldade como instrutora na escola dos United States Army Rangers, em Fort Benning, no estado da Geórgia. Porque vira a série com Linda Carter por cabo, na América, Eddie chamava-lhe a Mulher-*Trabalhadorrrra*! Mary Pat pensava que o louro do cabelo da russa era pintado, enquanto Ed acreditava que uma pessoa podia ficar com dores só de ver as coisas que ela fazia. No entanto, sem um jornal decente ou páginas de desporto para ler, tinha pouca escolha e semivegetava em frente da televisão, enquanto o filho se ria até ao fim daquele programa para acordar e suar. Era filmado ao vivo, segundo o que o chefe de posto podia observar. De modo que, fosse quem fosse essa fulana, tinha de acordar às quatro da manhã e esse era também, provavelmente, o seu exercício matinal. Bem, pelo menos havia nisso uma certa honestidade. O marido dela devia ser um paraquedista do Exército Vermelho e ela poderia talvez dar-lhe uma tareia, pensou Ed Foley, enquanto esperava pelo noticiário.

Este começava às seis e meia. O truque era vê-lo e depois tentar deslindar o que estaria de facto a acontecer no mundo… *tal como nos EUA*, pensou o funcionário da CIA, com um resmungo. Bem, iremos ter o *Early Bird* na embaixada para isso, enviado por fax seguro de Washington para o pessoal superior da embaixada. Para um americano, viver em Moscovo era como viver numa ilha deserta. Pelo menos, na embaixada, tinham uma antena parabólica que lhes permitia descarregar a CNN e outros programas, o que fazia com que se sentissem pessoas verdadeiras, ou quase.

O pequeno-almoço era o pequeno-almoço. O pequeno Eddie gostava de flocos

de aveia com açúcar. O leite vinha da Finlândia, porque a mãe não confiava na mercearia local, e a loja só para estrangeiros era perto do complexo em que viviam. Ed e Mary Pat não falaram muito durante o pequeno-almoço, em deferência com as escutas que se acumulavam nas paredes. Nunca falavam em casa sobre assuntos importantes, exceto através de um código manual, e *nunca* em frente do filho, porque as crianças eram incapazes de guardar segredos de qualquer tipo. Contudo, o pessoal do KGB que os vigiava estaria, por essa altura, já farto dos Foleys, algo para o qual eles se tinham esforçado, inserindo uma certa aleatoriedade no comportamento que tinham, para que parecessem americanos. Mas só em certas doses. Não muito. Tinham-no planeado cuidadosa e minuciosamente em Langley, com a ajuda de um afável fugitivo e desertor da Segunda Direção-Geral.

Mary Pat já tinha posto a roupa do marido em cima da cama, incluindo a gravata verde a condizer com o fato castanho. Tal como ao presidente, o castanho ficava bem a Ed, pensava a mulher. Ele iria usar outra vez uma gabardina e mantê-la-ia desabotoada e solta em volta do corpo, caso lhe quisessem passar outra mensagem, e os seus sentidos estariam bem despertos e alerta o dia todo.

— Quais os teus planos para hoje? — perguntou ele a Mary Pat, na sala de estar.

— O costume. Se calhar vou ver a Penny depois do almoço.

— Oh, então dá-lhe cumprimentos meus. Talvez nos possamos encontrar para jantar, lá para o fim desta semana.

— Boa ideia — retorquiu a mulher. — Quem sabe se eles me podem explicar o râguebi.

— É como o futebol americano, querida, só que as regras são um pouco patetas — explicou o chefe de posto. — Ora, vamos lá manter os repórteres felizes.

— Pois! — Mary Pat riu-se, percorrendo as paredes com o olhar. — Aquele tipo do *Boston Globe* é tão estúpido.

Lá fora, a manhã estava bastante agradável, apenas com um laivo de ar frio a sugerir a aproximação do outono. Foley foi a pé até à estação de metro, depois de ter acenado, em jeito de cumprimento, para o guarda do portão. O fulano do turno da manhã até sorria por vezes. Era óbvio que passara demasiado tempo

junto de estrangeiros, ou fora treinado para isso pelo KGB. Tinha a farda da Milícia de Moscovo (a polícia urbana), mas Foley pensava que ele tinha um aspeto por demais inteligente para isso. Os moscovitas viam a polícia como uma forma inferior de vida, assim, uma agência desse género não iria atrair os mais inteligentes.

Os dois quarteirões até à estação de metro passaram depressa. Atravessar as ruas era ali razoavelmente seguro (bastante mais do que em Nova Iorque), porque os automóveis particulares eram muito raros, o que era bom. Os condutores russos faziam com que os italianos parecessem prudentes e metódicos. Os fulanos que guiavam as ubíquas camionetas do lixo deveriam ter sido todos condutores de tanques, a julgar pelos modos que revelavam na estrada. Ele comprou o seu exemplar do *Pravda* no quiosque e desceu pelas escadas rolantes até à plataforma. Sendo um homem de hábitos austeros, chegava à estação todos os dias à mesma hora e, em seguida, olhava para o relógio preso ao teto para se certificar. As carruagens do metro funcionavam com um horário desumanamente preciso e ele entrou numa, exatamente às 7:43 da manhã. Não olhara por cima do ombro. Já estava há muito tempo a residir em Moscovo para se pôr a olhar de um lado para o outro como um turista, e isso, deduziu, faria com que o seu seguidor do KGB pensasse que o seu sujeito americano era tão interessante como a *kasha*[24] que os russos gostavam de comer ao pequeno-almoço, juntamente com um horrível café local. O controlo de qualidade era algo que os soviéticos reservavam para as suas armas nucleares e para o programa espacial, embora Foley tivesse dúvidas acerca disso, com base no que vira nessa cidade, onde apenas o metro parecia funcionar devidamente. Como era estranha essa combinação de informalidade desastrada com uma precisão semelhante à dos alemães. Poderia ter-se uma noção de como as coisas ali funcionavam com base naquilo para que serviam, e as operações de informação eram as que tinham a mais alta prioridade não fossem os inimigos dos soviéticos descobrirem não o que eles tinham, mas o que eles não tinham. Foley tinha o agente CARDEAL para o informar, a ele e aos EUA, do que a União Soviética possuía no âmbito militar. Regra geral, era bom adquirir essa informação porque, quanto mais se sabia, menos se tinha a recear. Não, era a informação política que ali contava mais porque, por mais atrasados que eles fossem, ainda eram suficientemente grandes para causarem problemas caso não

fossem enfrentados logo no início. Em Langley estavam muito preocupados com o papa, de momento. Não havia dúvida de que ele fizera algo capaz de embaraçar os russos. E o Ivan não gostava de ser embaraçado no campo político mais do que qualquer político americano… só que o Ivan não ia a correr para o *Washington Post* para um ajuste de contas. Ritter e Moore estavam muito preocupados com o que o Ivan pudesse fazer… e mais preocupados ainda com o que Yuriy Andropov pudesse fazer. Ed Foley não gostava desse russo em particular. Como muitos na CIA, só lhe conhecia o rosto, o nome e os seus evidentes problemas de fígado… Essa informação fora difundida através de um modo de que o chefe de posto não tinha conhecimento… *Talvez os britânicos*, pensou Ed. Ele tinha de confiar neles, mas qualquer coisa lhe punha os pelos da nuca em pé acerca dos mesmos. Bem, talvez tivessem dúvidas sobre a CIA. Aquilo era um jogo de loucos. Examinou a primeira página, nada de surpreendente, embora o artigo sobre o Pacto de Varsóvia fosse um pouco interessante. Ainda estavam preocupados com a NATO. Talvez se preocupassem realmente com o facto de o Exército alemão poder voltar a invadir o Leste. Decerto, eram suficientemente paranoicos… A paranoia tinha provavelmente sido inventada na Rússia. *Talvez Freud a tivesse descoberto numa das suas excursões até lá*, zombou ele, levantando os olhos, caso houvesse outros dois que o seguissem… não, não havia ninguém, decidiu. Seria possível que o KGB não o seguisse? Bem, possível era, provável, não. Se eles tivessem um fulano (mais provavelmente uma equipa) a persegui-lo, o disfarce seria impecável. Porém, por que motivo usar especialistas para seguir um adido de imprensa? Foley suspirou para si mesmo. Será que ele se preocupava demasiado, ou será que não seria suficientemente paranoico? E como é que se poderia saber a diferença? Ou será que se expusera a uma «operação de bandeira falsa», ao ter decidido usar uma gravata verde? *Como diabo iria ele saber?*

Se o tivessem descoberto, iriam também descobrir a sua mulher, e isso poria travões a fundo em duas carreiras promissoras na CIA. Ele e Mary Pat eram o par lourinho de Ritter, da universidade, da equipa de profissionais de Langley. Tratava-se de uma reputação que teria de ser protegida cuidadosamente e também expandida. O presidente dos EUA iria provavelmente ler os seus relatórios e tomar decisões com base na informação dos mesmos. Eram decisões importantes que poderiam afetar a política do país deles. A responsabilidade não

era algo em que se pudessem deter. Tal poderia dar com uma pessoa em doida, torná-la demasiado cautelosa… tão cautelosa a ponto de nada conseguir. Não, o maior problema no ramo da informação era estabelecer uma linha divisória entre circunspeção e eficiência. Se nos inclinássemos demasiado para um lado, éramos descobertos, tal como os nossos agentes, e, nesse país, isso significava morte certa para as pessoas por cujas vidas *éramos* responsáveis. Era um dilema, capaz de levar um homem à bebida.

O metro parou na estação, ele saiu e subiu pelas escadas rolantes. Tinha a certeza de que ninguém lhe pusera a mão no bolso. Já na rua, voltou a verificá-lo. Nada. Então, fosse quem fosse, só andava no metro da tarde ou o chefe de posto fora «lixado» pela oposição. Isso iria dar-lhe motivo para se preocupar o dia todo.

— Esta é para ti — disse Dobrik, entregando-lhe a folha. — Vem de Sófia.

— Oh — retorquiu Zaitzev.

— Vem no livro, só tu a podes ver, Oleg Ivanovitch — disse-lhe o oficial do turno da noite. — Pelo menos é curta.

— Ah — disse Zaitzev, agarrando na mensagem e vendo o cabeçalho: 15-8-82-666. De modo que, como colocaram um número em vez de um nome, o cabeçalho não precisava de ser encriptado. Ele não reagiu, nem disse mais nada. Não eram coisas que se fizessem. Decerto, Kolya teria ficado a pensar nessa mensagem. Era o ás do escritório em comunicações, sempre a pensar no que não se podia ler. Essa mensagem chegara há quarenta minutos, antes da sua hora de saída. — Bem, já tenho alguma coisa para começar o meu turno. Há mais coisas, Nikolay Konstantinovitch?

— Não, à parte disso tens a secretária limpa. — Dobrik era um trabalhador eficiente, não importava os defeitos que pudesse ter. — E agora já estou aliviado das minhas tarefas. Tenho uma nova garrafa de vodca em casa.

— Devias comer qualquer coisa primeiro, Kolya — avisou Zaitzev.

— Isso é o que a minha mãe diz, Oleg. Talvez coma uma sandes com o meu pequeno-almoço — ironizou ele.

— Dorme bem, camarada major, eu estou aqui — disse Zaitzev ao sentar-se. Dez minutos mais tarde, já tinha o despacho informativo desencriptado. O *rezident* de Sófia reconhecia que o coronel Rojdestvenskiy era o seu ponto de

contacto para a operação 15-8-82-666, e que esta estava agora em curso. Colocou a mensagem desencriptada num envelope amarelo, fechou-o e depois pôs cera derretida para o selar melhor.

Eles vão mesmo para a frente, disse Oleg Ivanovitch para si mesmo, franzindo o sobrolho. *Que faço eu agora*?

Trabalhar até ao fim do dia e depois procurar uma gravata verde no metro a caminho de casa. E rezar para que a encontrasse? Ou rezar para a não ver?

Zaitzev afastou esse pensamento e chamou um mensageiro para ir entregar o despacho em mão no andar de cima. Momentos depois, um cesto cheio de despachos aterrou-lhe na secretária para serem processados.

— Ui — disse Ed Foley em voz alta, sentado à secretária. A mensagem, que era longa, vinha de Ritter e de Moore, em nome do presidente. Ele teria de refletir um pouco para satisfazer o pedido.

O posto de Moscovo não tinha uma lista escrita de agentes, mesmo com nomes de código, nem sequer no cofre que estava no escritório de Foley que, para além de uma combinação, tinha também um alarme de duas fases, um teclado com letras na parte de fora e outro lá dentro, com um código diferente que Foley inventara. Os fuzileiros da embaixada tinham ordens para responder a cada alarme com armas na mão, dado que os conteúdos daquele cofre eram os documentos mais sensíveis em todo o edifício.

Mas Foley tinha os nomes de cada cidadão russo que trabalhava para a agência gravados nas pálpebras, juntamente com as suas áreas de especialidade. Doze desses agentes estavam de momento a operar. Tinham perdido um na semana anterior à sua chegada a Moscovo… fora apanhado. Ninguém sabia como, embora Foley se preocupasse com o facto de os russos poderem ter uma «toupeira» em Langley. Era heresia pensar nisso, mas a CIA também o fazia ao KGB, de modo que este último também o poderia tentar, e não havia árbitro no campo de jogo para dizer aos jogadores quais os resultados. O agente que tinham perdido, cujo nome de código fora SOUSA, era um tenente-coronel da GRU, ou seja, da Agência de Informação Militar, e ajudara a identificar algumas grandes fugas de informação no Ministério de Defesa alemão e em outras fontes da NATO, através das quais o KGB obtivera informação política e militar da mais alta relevância. Mas esse sujeito morrera… talvez ainda respirasse, mas estava

morto. Foley esperava que não atirassem o indivíduo ainda vivo para uma fornalha, como acontecera com outros informadores da GRU na década de 1950. Um método bastante cruel de execução, mesmo para os russos sob Khrushchev, e algo que mantivera o seu oficial de informação acordado durante muito tempo, tinha o chefe de posto a certeza.

De modo que teriam de colocar dois, talvez três dos seus agentes a trabalharem nesse assunto. Tinham um bom fulano no KGB e outro no Comité Central do Partido. Talvez algum deles tivesse ouvido algo acerca de uma possível operação contra o papa.

Raios partam, pensou Foley, *será que são assim tão loucos*? Era preciso ter uma grande imaginação. Um homem com ascendência irlandesa e um católico romano por educação e afiliação religiosa, Ed Foley tinha de fazer um esforço mental para pôr de lado os seus pensamentos pessoais. Tal enredo era completamente inaceitável, talvez, mas ele estava a lidar com pessoas que não reconheciam o conceito de limites, não os que pudessem vir de uma agência exterior. Para eles, Deus era política e uma ameaça ao mundo político deles era como o próprio Lúcifer a desafiar as ordens celestiais. Exceto que a comparação só funcionava até certo ponto. Aquilo era mais como São Miguel Arcanjo a desafiar a ordem do Inferno. Mary Pat chamava-lhe a barriga do monstro e este era mesmo um grande filho da puta.

— Papá! — exclamou Sally, acordando com o seu sorriso do costume. Ele levou-a até à casa de banho e depois até ao andar de baixo, onde as papas de aveia já estavam à espera dela. Sally ainda usava um *babygrow* com um fecho longo. Este era amarelo, tratava-se da medida maior e a parte dos pés já começava a ficar pequena. Teria de arranjar em breve outra roupa de dormir, mas tal estava a cargo de Cathy.

A rotina seguia o seu curso normal. Cathy estava a dar de comer ao pequeno Jack e, entretanto, o marido pousou o jornal e foi até ao andar de cima para se barbear. Quando acabou, já ela tinha terminado as suas tarefas e foi lavar-se e vestir-se, enquanto Jack fez com que o bebé arrotasse e lhe calçou umas meias para lhe manter os pés quentes, e também para lhe dar algo que ele pudesse tirar, para ver se os pés tinham o mesmo sabor do que no dia anterior, o que era uma aptidão que ele adquirira recentemente.

Em breve, ouviu-se a campainha da porta. Era Margaret van der Beek, seguida por Ed Beaverton, o que permitia que os pais pudessem sair para o trabalho. Em Victoria Station, Cathy beijou o marido para se despedir e dirigiu-se para a estação de metro, para ir até Moorfields, enquanto Jack entrou numa carruagem diferente para ir até à Century House. O dia estava realmente a começar.

— Bom dia, Sir John.

— Olá, Bert. — Ryan fez uma pausa. Bert Canderton tinha o aspeto de quem fizera parte do Exército e era altura para lho perguntar. — Em que regimento esteve?

— Fui sargento-mor de regimento dos Royal Green Jackets, Sir John.

— De infantaria?

— Isso mesmo.

— Pensei que vocês usassem casacos vermelhos — observou Ryan.

— Bem, a culpa é vossa, quero dizer, dos ianques. Na vossa guerra revolucionária, o meu regimento teve tantas baixas, devido aos vossos atiradores, que o coronel do regimento decidiu que um casaco verde talvez fosse mais seguro. Tem sido assim desde então.

— Como veio aqui parar?

— Estou à espera de uma vaga na Torre, para ser Guarda, Sir. Devo ter uma nova casaca vermelha dentro de um mês ou assim, segundo me dizem.

A sua camisola de guarda de segurança privado tinha algumas barretas por serviços prestados, provavelmente não por ter escovado e passado fio dentário pelos dentes, e um primeiro-tenente no Exército britânico era alguém, tal como um sargento-ajudante no Corpo de Fuzileiros.

— Eu estive lá, estive até no clube que eles têm — disse Ryan. — São uns tropas simpáticos.

— De facto, são. Tenho lá um amigo, Mick Truelove. Ele esteve no Regimento da Rainha.

— Pois bem, sargento-mor, mantenha os maus afastados — disse Ryan, enquanto punha o cartão na ranhura eletrónica que controlava o portal de entrada.

— É isso mesmo que irei fazer — prometeu Canderton.

Harding já estava à secretária quando Ryan entrou e pôs o casaco no bengaleiro.

— Chegou cedo, Simon?

— O seu juiz Moore enviou um fax ao Basil ontem à noite, de facto, mesmo depois da meia-noite. Aqui está — disse, passando-lho.

Ryan olhou para ele.

— O papa… quem diria?

— O seu presidente está interessado, tal como a nossa primeira-ministra — retorquiu Harding, voltando a acender o cachimbo. — O Basil pediu-nos para virmos mais cedo para examinarmos os dados que temos.

— Sim, e o que temos nós?

— Não muita coisa — admitiu Harding. — Não posso revelar-lhe as nossas fontes…

— Simon, eu não sou estúpido. Sei que tem alguém lá dentro em quem confia, ou um confidente de um membro do Politburo ou outra pessoa no Secretariado do Partido. Será que ele não o está a informar? — Ryan vira ali um relatório interessante que deveria ter vindo de alguém dentro da «grande tenda vermelha».

— Não posso confirmar as suas suspeitas — advertiu Harding —, mas, não, nenhuma das nossas fontes nos deu o que quer que fosse, nem sequer que a Carta de Varsóvia tinha chegado a Moscovo, embora saibamos que lá deveria ter chegado.

— De modo que não sabemos patavina.

Simon assentiu sobriamente com a cabeça.

— É isso mesmo.

— É interessante as vezes que isso acontece.

— É apenas parte do trabalho, Jack.

— E a primeira-ministra sente as cuecas apertadas?

Harding não estava familiarizado com essa expressão, de modo que pestanejou duas vezes.

— Assim parece.

— Assim sendo, que lhe iremos dizer? De certeza que ela não quer ouvir que não sabemos de nada.

— Não, os nossos líderes políticos não gostam de ouvir esse tipo de coisa.

Nem os nossos, admitiu Ryan para si mesmo.

— Então será que o Basil se poderá encarregar desse número?

— Creio que sim. Neste caso poderá dizer que os vossos rapazes também não

têm muita coisa.

— Perguntar a outros serviços da NATO?

Harding abanou a cabeça.

— Não, poderá vir a tornar-se do conhecimento da oposição. Em primeiro lugar, que estamos interessados, e, em segundo, que não sabemos o suficiente.

— Será que os nossos amigos são bons?

— Depende. O SDECE[25] francês costuma arranjar boa informação, mas não gosta de a partilhar. O mesmo se passa com os nossos amigos israelitas. Os alemães estão completamente comprometidos. Esse tal Markus Wolf, na Alemanha de Leste, é um sacana de um génio nestas coisas, talvez o melhor do mundo, e está sob o controlo soviético. Os italianos têm alguns sujeitos com talento, mas também eles têm problemas de infiltração. Sabe, o melhor serviço no continente pode muito bem ser o do próprio Vaticano. Mas se o Ivan estiver a fazer alguma coisa de momento, está a cobri-la muito habilmente. O Ivan é bom nesse tipo de coisas.

— Foi isso que ouvi — concordou Ryan. — Quando é que o Basil tem de ir a Downing Street?

— Depois do almoço. Segundo creio, às três desta tarde.

— E que poderemos nós fornecer-lhe?

— Receio que não muito. Pior ainda, o Basil pode querer que eu o acompanhe.

Ryan resmungou.

— Isso deve ser divertido. Já alguma vez a conheceu pessoalmente?

— Não, mas a primeira-ministra já viu as minhas análises. O Basil diz que ela quer conhecer-me. — Ele estremeceu. — Seria bem melhor se eu tivesse algo de substancial para lhe dizer.

— Bem, vejamos. Vamos ver se conseguimos arranjar uma análise das ameaças. — Jack sentou-se. — Que é que *sabemos* exatamente?

Harding passou a Jack um maço de papéis. Ryan recostou-se na cadeira para os vasculhar.

— Obteve a Carta de Varsóvia de uma fonte polaca, não é verdade?

Harding hesitou, mas era óbvio que não poderia deixar de responder.

— Pois foi.

— Então não temos nada de Moscovo? — inquiriu Jack.

O outro abanou a cabeça.

— Não, sabemos que a carta foi reencaminhada para Moscovo, mas é tudo.

— Então, estamos realmente às escuras. Talvez queira beber uma cerveja antes de atravessar o rio.

Harding levantou os olhos das suas notas.

— Muito obrigado, Jack, estava a precisar de ouvir algum encorajamento.

Ficaram silenciosos por instantes.

— Trabalho melhor com um computador — admitiu Ryan. — Será que seria difícil arranjar um para aqui?

— Não é fácil. Têm de ser vistos pela Tempest[26] antes de aqui serem instalados, para se certificarem de que ninguém fora do edifício poderá ler o bater das teclas eletronicamente. Pode telefonar para a administração e falar nisso.

Mas não hoje, não disse Ryan em voz alta. Ele soubera que a burocracia na Century House era pelo menos tão má como a de Langley e, após alguns anos a trabalhar no sector privado, conseguia aborrecê-lo. *Pois bem*, iria ver se arranjava uma ideia para evitar que instalassem um novo ânus nos intestinos de Simon. A primeira-ministra era uma senhora, mas, em termos de exigências, o padre Tim, em Georgetown, não lhe levaria a dianteira.

Oleg Ivanovitch regressou do almoço na cantina do KGB e encarou os factos. Muito em breve, teria de decidir o que ia dizer ao americano e como o iria dizer.

Se ele fosse um funcionário regular da embaixada, teria passado a primeira nota ao chefe da CIA na embaixada. Sabia que teria de haver um, um *rezident* americano cujo trabalho fosse fazer espionagem na União Soviética, tal como os russos espiavam toda a gente no mundo. A grande questão era se o andavam a espiar. Será que ele fora denunciado pela Segunda Direção-Geral, cuja reputação teria assustado o próprio diabo no inferno? Ou será que esse americano ostensivo era um russo numa «operação de bandeira falsa»?

Assim, primeiro que tudo, Oleg tinha de se certificar de que estava a lidar com algo verdadeiro. De que modo o poderia fazer…?

Foi quando se deu conta. *Sim*, pensou. Isso era algo que o KGB nunca poderia levar a cabo, o que assegurava que ele estava a lidar com alguém capaz de fazer o que ele queria que se fizesse. Ninguém poderia fingi-lo. Para celebrar, Zaitzev

acendeu mais um cigarro e regressou aos seus despachos da manhã da *rezidentura* de Washington.

Era difícil gostar-se de Tony Prince. O correspondente do *New York Times* em Moscovo era bem-visto pelos russos e, tanto quanto Ed Foley tinha conhecimento, isso indicava uma falha de carácter.

— Então, está a gostar do seu novo trabalho, Ed? — perguntou Prince.

— Ainda me estou a habituar. Lidar com a imprensa russa é interessante, até certo ponto. São previsíveis, mas imprevisivelmente.

— Como é que alguém pode ser imprevisivelmente previsível? — perguntou o correspondente do *Times* com um sorriso irónico.

— Bem, Tony, sabemos o que eles vão dizer, só não o modo como o vão perguntar. — *E, de qualquer maneira, metade são espiões ou correspondentes a tempo parcial, caso não tenha reparado*.

Prince deu uma gargalhada forçada. Ele sentia-se intelectualmente superior. Foley falhara como repórter especialista em Nova Iorque, enquanto Prince tinha apostado nos seus conhecimentos políticos até atingir uma posição de topo no jornalismo americano. Contava com alguns bons contactos no governo soviético que cultivava assiduamente, simpatizando frequentemente com eles a propósito do comportamento provinciano e *nekulturniy* do corrente regime em Washington, que ele ocasionalmente tentava explicar aos seus amigos russos, dizendo muitas vezes que *não tinha* votado naquele maldito ator de cinema, tal como ninguém no seu escritório de Nova Iorque.

— Já se encontrou com o novo fulano, com o Alexandrov? — perguntou Ed.

— Não, mas um dos meus contactos conhece-o e disse-me que é uma pessoa razoável e que fala como se fosse a favor de uma coexistência pacífica. É mais liberal do que o Suslov. Ouvi dizer que *está* muito doente.

— Também ouvi isso, mas não sei bem o que ele tem.

— É diabético, será que não sabe? Foi por isso que os médicos de Baltimore vieram até cá para o operarem aos olhos. Retinopatia diabética — explicou Prince, pronunciando a palavra devagar, para que Foley a pudesse perceber.

— Terei de perguntar ao médico da embaixada o que isso quer dizer — observou Foley, escrevendo ostensivamente uma nota no seu bloco. — Então acha que esse tal Alexandrov é mais liberal? — «Liberal» era uma palavra que

para Prince queria dizer «boa pessoa».

— Bem, eu não o conheci pessoalmente, mas isso é o que pensam as minhas fontes. Também acreditam que ele só tem mais alguns meses de vida.

— Ai sim? Vou ter de informar o embaixador.

— E o chefe de posto?

— Você já sabe quem é, eu não — disse Foley.

O outro rolou os olhos.

— Meu Deus, é o Ron Fielding, *toda a gente* sabe disso.

— Não, não é — protestou Ed tão veementemente quanto os seus talentos teatrais o permitiam. — Ele é o oficial consular superior, não é um espião.

Prince sorriu de um modo pensativo. *Tu nunca foste capaz de descobrir as coisas, pois não*? Os seus contactos tinham-lhe indicado Fielding e ele sabia que não lhe iriam mentir.

— Bem, é apenas um palpite — continuou o repórter.

E se soubesses que era eu, dir-mo-ias sem hesitar, não é verdade?, pensou Foley. *Que estúpido mais rematado*.

— Bem, eu tenho acesso a certas coisas, mas não a essa.

— Sei bem quem sabe — afirmou Prince.

— Pois, mas eu não vou perguntar ao embaixador, Tony. Ele daria cabo de mim.

— Ele é apenas uma nomeação política, Ed… nada de especial. Este deve ser um emprego para alguém que perceba de diplomacia, mas o presidente não me pediu a opinião.

Graças a Deus, comentou para dentro o chefe de posto.

— O Fielding vê-o muitas vezes, não vê? — continuou Prince.

— Um oficial consular trabalha diretamente com o embaixador, Tony. Sabe bem disso.

— Pois, é muito conveniente, não é? Quantas vezes o vê?

— Refere-se ao patrão? Geralmente uma vez por dia — respondeu Foley.

— E o Fielding?

— Mais. Duas ou três vezes.

— Ora aí está — concluiu Prince, pomposamente. — Podemos logo ver.

— Você lê muitos livros do James Bond — disse Foley, desdenhosamente. — Ou talvez do Matt Helm.

— Desça à terra, Ed — ripostou Prince, com uma gentileza elegante.

— Se o Fielding é o espião-chefe, então quem são os seus subordinados? Macacos me mordam se sei.

— Ora, esses estão sempre bem disfarçados — admitiu Prince. — Não, acerca disso não faço ideia.

— É pena. Esse é um dos jogos que se costumam jogar na embaixada… quem são os espiões.

— Aí não o posso ajudar.

— Creio que não se trata de nada que eu precise de saber — admitiu Foley.

Tu nunca foste suficientemente curioso para seres um bom repórter, pensou Prince, com um agradável sorriso casual.

— Então, e isto mantém-no ocupado?

— Não é um quebra-cabeças. De qualquer modo, será que podemos fazer um acordo?

— Claro — retorquiu Prince. — Do que se trata?

— Se ouvir alguma coisa interessante, será que nos podia avisar?

— Poderá lê-lo no *Times*, geralmente na primeira página, por cima da dobra — acrescentou ele, para que Foley soubesse que ele era muito importante, tal como a sua análise penetrante.

— Bem, em certas coisas, não sei se sabe, o embaixador gosta de receber uns avisos. Ele pediu-me para lhe perguntar, confidencialmente, é claro.

— Trata-se de uma questão ética, Ed.

— Se eu disser isso ao Ernie, ele não vai ficar muito satisfeito.

— Ora, você trabalha para ele. Eu não.

— Você é um cidadão americano, não é verdade?

— Não se ponha a abanar a bandeira diante dos meus olhos… — respondeu Prince, com um tom cansado. — Muito bem, se eu descobrir que estão prestes a lançar armas nucleares, posso informá-lo. Mas parece-me a mim que nós somos mais capazes de fazer qualquer coisa estúpida do que eles.

— Tony, por favor…

— Esta porcaria acerca do «foco do mal no mundo» não era exatamente o Abe Lincoln a falar, pois não?

— Está a dizer-me que o presidente estava errado? — perguntou o chefe de posto, perguntando-se até onde poderia ir a opinião daquele filho da mãe.

— Sei acerca do *gulag*, mas isso é uma coisa do passado. Os russos amoleceram desde que o Estaline morreu, mas a nova administração ainda não se deu conta disso, pois não?

— Olhe, Tony, eu aqui sou apenas um mero empregado. O embaixador encarregou-me de lhe comunicar um simples pedido. Creio que posso assumir que a sua resposta é «não».

— E assume bem.

— Pois bem, não fique à espera de nenhuns cartões de Natal do Ernie Fuller.

— Ed, o meu dever é para com o *The New York Times* e os meus leitores, ponto final.

— Muito bem, não há problema. Tinha de lho perguntar — disse Foley, de um modo defensivo. Ele não estava à espera de nada melhor desse fulano, mas fora ele quem sugerira isso ao embaixador Fuller, só para experimentar Prince, e o embaixador concordara.

— Estou a perceber. — Prince olhou para o relógio. — Tenho um encontro marcado no edifício do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética.

— Alguma coisa de que eu devesse ter conhecimento?

— Tal como lhe disse, poderá lê-lo no *Times*. Eles mandam-lhe o *Early Bird* de Washington por fax, não é verdade?

— Sim, por vezes aparece por cá.

— Então, depois de amanhã, poderá lê-lo. — recomendou Prince, pondo-se de pé para sair. — Avise o Ernie.

— Com certeza — disse Foley, estendendo-lhe a mão. Em seguida, decidiu acompanhar o repórter até ao elevador. De regresso, foi até à casa de banho lavar as mãos. Depois, iria até ao escritório do embaixador.

— Olá, Ed. Encontrou-se com esse tal Prince?

Foley assentiu com um aceno de cabeça.

— Acabei de o largar.

— Será que ele mordiscou o anzol?

— Não, limitou-se a cuspir-mo na cara.

Fuller sorriu, maliciosamente.

— Que é que eu lhe tinha dito? Costumava haver alguns repórteres patrióticos quando eu tinha a idade dele, mas parece que já se deixaram disso durante os

últimos anos.

— Não me surpreende. Quando o Tony era um rapaz novo, em Nova Iorque, não gostava muito de polícias, mas tinha jeito para fazer com que eles falassem com ele. É um sacana persuasivo, quando quer.

— E tentou persuadi-lo?

— Não, senhor embaixador, não sou suficientemente importante para isso.

— Que é que pensou do pedido de Washington acerca do papa? — perguntou Fuller, mudando de assunto.

— Vou arranjar alguém para ver esse assunto, mas…

— Bem sei, Ed. Não *quero* saber exatamente o que vai fazer acerca disso. Se descobrir alguma coisa, será que mo pode dizer?

— Depende, senhor embaixador — respondeu Foley, querendo dizer *provavelmente não*.

Fuller aceitava essa sua atitude.

— Muito bem, passa-se mais alguma coisa?

— O Prince anda atrás de alguma coisa que deve aparecer nos jornais depois de amanhã. Vai já a caminho do Comité Central, segundo me disse. Confirmou que o Alexandrov irá substituir o Mikhail Suslov, logo que o *Miguelzinho Vermelho* bata as botas. Se lho estão a dizer é porque é oficial, creio que podemos acreditar nessa. O Tony tem bons contactos com os seus sujeitos políticos, e bate certo com o que os nossos outros amigos nos dizem acerca do Suslov.

— Nunca conheci o fulano. Como é ele?

— É um dos últimos crentes. O Alexandrov é outro. Pensa que o Marx é o Verdadeiro Deus e o Lenine o seu profeta, e que o sistema político e económico deles funciona mesmo.

— Inacreditável. Algumas pessoas nunca aprendem.

— Pois, essa é tão boa como dinheiro no banco, senhor embaixador. Restam ainda alguns, mas o Leonid Ilyitch não é um deles, nem, aparentemente, o seu herdeiro, o Yuriy Vladimirovitch. Mas o Alexandrov é um aliado do Andropov. Hoje à tarde vai haver uma reunião do Politburo.

— Quando é que vamos saber o que lá se discutiu?

— Daqui a dois dias, provavelmente. — *Mas como o vamos descobrir é algo que o senhor não precisa de saber*, não acrescentou Ed.

Não tinha de o fazer. Ernie Fuller conhecia as regras do jogo. Os embaixadores dos EUA para qualquer país eram meticulosamente informados acerca da embaixada que iriam ocupar. Vir para Moscovo significava uma lavagem ao cérebro voluntária em Foggy Bottom e em Langley. Na realidade, o embaixador americano em Moscovo era o chefe dos oficiais de informação na União Soviética e o tio Ernie era bastante bom, pensava Foley.

— Pois bem, mantenha-me informado, se puder.

— Assim farei, senhor embaixador — prometeu o chefe de posto.

[24] Prato de cereais cozidos. *(N. do T.)*

[25] Sigla de Service de documentation extérieure et de contre-espionnage, ou seja, Serviço de Documentação Exterior e de Contraespionagem. *(N. do T.)*

[26] Nome de código de uma secção da NSA que verifica todas as máquinas de tratamentos de dados. *(N. do T.)*

CAPÍTULO 13

COLEGIALIDADE

Andropov chegou ao Kremlin a um quarto para a uma, para a reunião da uma da tarde. O motorista conduziu o *ZiL* feito à mão através da alta estrutura em tijolo do portão Spasskiy, para lá dos pontos de controlo, para lá dos guardas que o saudaram cerimonialmente e que pertenciam à Divisão dos Guardas Taminskiy, estacionados no exterior de Moscovo e usados apenas para paradas e cerimónias vistosas. Os soldados fizeram bem a continência, mas o gesto não foi notado pelas pessoas no interior do automóvel. De onde este se encontrava, eram uns cento e cinquenta metros até ao destino, onde um outro soldado abriu a porta. Andropov reparou na continência e assentiu distraidamente com a cabeça, para permitir que o primeiro-sargento soubesse que fora visto, depois entrou no edifício de cor creme. Em vez de subir os degraus de pedra, Andropov dirigiu-se para a esquerda, para subir no elevador até ao segundo andar, seguido pelo seu ajudante, o coronel Rojdestvenskiy, para quem aquilo era a parte mais interessante, e prestes a ser a mais intimidante, dos seus deveres oficiais desde que entrara para o KGB.

Havia ainda um outro posto de segurança nos andares superiores: oficiais do Exército Vermelho com pistolas à cintura em caso de problemas. Mas não haveria nenhum problema na sua ascensão ao Secretariado-geral, pensou Andropov. Aquilo não iria ser um golpe palaciano. Seria eleito pelos seus pares políticos da maneira usual como a União Soviética procedia à transição de poder, de um modo estranho e desastrado, mas previsível. O que tivesse o maior capital político presidiria a esse conselho de pares, porque eles confiariam que ele o iria dirigir, não por simples força de vontade, mas por consenso colegial. Nenhum deles queria um outro Estaline, ou mesmo um outro Khrushchev que os pudesse arrastar para aventuras. Estes homens não gostavam de aventuras. Todos eles tinham aprendido com a história que os jogos de azar tinham sempre a hipótese de uma perda, e nenhum deles chegara até ali para arriscar perder o que quer que fosse. Eram os chefes de uma nação de jogadores de xadrez, para quem a vitória era algo determinado por hábeis manobras, tomadas paciente e progressivamente ao longo de horas, e cuja conclusão pareceria tão preordenada como o pôr do

Sol.

Esse era um dos problemas desse dia, pensou Andropov ocupando o seu lugar junto a Ustinov, o ministro da Defesa. Ambos estavam sentados perto da cabeceira da mesa, nos lugares reservados aos membros do Conselho de Defesa, ou Soviet Orborony, os cinco oficiais de estatuto mais elevado em todo o governo soviético, incluindo o secretário para a Ideologia, Suslov. Ustinov levantou os olhos dos seus papéis informativos.

— Yuriy — disse o ministro, em jeito de saudação.

— Bom dia, Dmitriy. — Andropov já tinha chegado a um compromisso com o marechal da União Soviética. Ele nunca contrariara os seus pedidos de fundos para as forças militares soviéticas, que estavam superlotadas e mal geridas e se arrastavam pelo Afeganistão como uma baleia que tivesse dado à costa. Iriam provavelmente ganhar no fim, pensavam todos. Apesar de tudo, o Exército Vermelho nunca falhara… a não ser que nos lembrássemos do primeiro assalto de Lenine à Polónia, em 1919, que acabara numa debandada ignominiosa. Não, eles preferiam recordar-se de terem derrotado Hitler depois de os alemães já estarem à vista do Kremlin, contidos apenas quando atacados pelo histórico e confiável aliado, o general Inverno. Andropov não era entusiasta das forças armadas soviéticas, mas estas continuavam a ser uma segurança para o resto do Politburo, porque o Exército se certificava de que o país fazia o que eles lhe diziam que fizesse. Não se tratava de uma questão de amor, mas sim porque o Exército Vermelho tinha armas em grande número, tal como o KGB e o Ministério do Interior, para poderem controlar esse mesmo Exército Vermelho, dado que não fazia sentido dar-lhes ideias. Só para melhor se precaver, o KGB também tinha a Terceira Direção-Geral, cuja missão era manter um olho em cada unidade militar do Exército Vermelho. Em outros países chamavam-lhes pesos e contrapesos. Ali era apenas o peso do terror.

Leonid Ilyitch Brejnev foi o último a chegar, caminhando como o camponês idoso que ele na verdade era, com as peles penduradas no que em tempos fora um rosto viril. Estava quase com oitenta anos, um número que ele poderia atingir mas não ultrapassar, segundo parecia. Isso eram, ao mesmo tempo, boas e más notícias. Não haveria maneira de saber que ideias se agitariam no interior do seu cérebro senil. Fora um homem com um grande poder pessoal, lembrava-se Andropov com alguma nitidez. Fora um indivíduo vigoroso que gostava de

passear pelas florestas para matar alces e até ursos, um forte caçador de animais selvagens. Mas não agora. Há anos que não caçava, exceto, talvez, pessoas, em segunda e terceira mão. Mas isso não fizera com que Leonid Ilyitch se tivesse suavizado com a idade. Longe disso. Os seus olhos castanhos ainda eram astutos, ainda andavam à procura de deslealdades, para as encontrar por vezes onde elas não existiam. Sob Estaline isso era frequentemente uma sentença de morte. Mas não agora. Agora limitavam-se a submetê-los, a tirarem-lhes o poder e a relegá-los para um posto na província onde acabariam por morrer de tédio.

— Boa tarde, camaradas — disse o secretário-geral, de um modo tão simpático quanto a sua voz resmungona o permitia.

Pelo menos agora não havia um lamber de botas tão óbvio, cada um dos cortesãos comunistas pelejando contra os outros para obter os favores do imperador marxista. Poder-se-ia perder metade da reunião com essas baboseiras e Andropov tinha coisas importantes a discutir.

Leonid Ilyitch fora informado previamente, e, depois de ter bebido o seu chá pós-prandial, o secretário-geral voltou-se para o diretor do KGB.

— Yuriy Vladimirovitch, tem alguma coisa a discutir connosco?

— Obrigado, camarada secretário-geral. Camaradas — começou ele —, surgiu algo em que deveremos fixar a nossa atenção. — Fez um gesto para o coronel Rojdestvenskiy que, rapidamente, circulou em torno da mesa, distribuindo cópias da Carta de Varsóvia.

— O que estão a ver é uma carta enviada para Varsóvia na semana passada pelo papa de Roma. — Cada um tinha uma fotocópia do original (alguns falavam polaco), juntamente com uma tradução exata em russo literário, completada com notas de rodapé. — Creio que isto é uma potencial ameaça política para nós.

— Eu já vi a carta — disse Alexandrov, do seu distante assento de «candidato». Em deferência para com a antiguidade do doente terminal Mikhail Suslov, o lugar deste, à esquerda de Brejnev (e ao lado de Andropov), estava vazio, embora o seu lugar à mesa tivesse a mesma quantidade de papéis do que os outros… Talvez Suslov os tivesse lido no seu leito de morte e tivesse dado um salto por uma última vez desde o nicho que o esperava na parede do Kremlin.

— Isto é ultrajante — disse logo o major Ustinov. Este era septuagenário. — Quem é que este padre pensa que é?!

— Bem, ele é polaco — lembrou Andropov aos seus colegas — e acredita que tem um certo dever de dar proteção política aos seus antigos compatriotas.

— Proteção de quê? — exigiu saber o ministro do Interior. — A ameaça à Polónia vem dos seus próprios contrarrevolucionários.

— E o governo não tem tomates para lidar com eles. Eu disse-vos, no ano passado, que precisávamos de os pôr na ordem — lembrou aos restantes o primeiro secretário do Partido de Moscovo.

— E se resistirem às nossas intenções? — inquiriu o ministro da Agricultura, do seu assento ao fundo da mesa.

— Poderemos ter quase a certeza disso — pensou em voz alta o ministro dos Negócios Estrangeiros. — Pelo menos, irão resistir politicamente.

— Dmitriy Fedorovitch? — Alexandrov dirigia a sua pergunta ao marechal Ustinov, que ali estava sentado com a sua farda militar, completa com um palmo quadrado de barretas e duas estrelas de ouro de herói da União Soviética. Ganhara-as a ambas por coragem política, não no campo de batalha, mas ele era uma das pessoas mais inteligentes nessa sala, tendo ganhado as suas esporas de comissário dos armamentos na Grande Guerra Patriótica, e por ter ajudado a lançar a URSS na idade espacial. A sua opinião era previsível, mas respeitada pela sua sagacidade.

— A questão, camaradas, é se os polacos irão resistir com força armada. Isso não seria militarmente ameaçador, mas poderia ser um grande embaraço político, quer aqui, quer no estrangeiro. Ou seja, eles não conseguiriam parar o Exército Vermelho no campo de batalha, no entanto, se o tentassem, as repercussões políticas seriam sérias. Foi por isso que apoiei a nossa manobra no ano passado para pôr pressão política sobre Varsóvia, algo que, tal como ainda se devem lembrar, foi bem-sucedido. — Aos setenta e quatro anos de idade, Dmitriy Fedorovitch aprendera a ser cuidadoso, pelo menos ao nível da política internacional. A preocupação nunca enunciada era o efeito que tal resistência teria nos Estados Unidos da América, que gostavam de meter o nariz onde não eram chamados.

— Ora, isto poderá muito bem incitar a mais agitação política na Polónia. Pelo menos é o que me dizem os meus analistas — admitiu Andropov aos seus colegas, enquanto se começava a sentir um certo frio na sala.

— Será que isto é muito sério, Yuriy Vladimirovitch? Será que se poderá

tornar muito sério? — Era Brejnev falando pela primeira vez, por baixo das suas sobrancelhas ramalhudas.

— A Polónia continua a ser instável devido aos elementos contrarrevolucionários na sua sociedade. O sector do trabalho, em particular, não para de se agitar. Nós temos as nossas forças dentro dessa cabala do Solidariedade, e elas dizem-nos que a panela continua a ferver. O problema com o papa é que, se ele fizer o que ameaça fazer e vier à Polónia, o povo polaco terá um grande ponto de encontro e, se um número suficiente deles se envolver, o país poderá tentar mudar a sua forma de governação — observou, delicadamente, o diretor do KGB.

— Isso não será aceitável — apontou Leonid Ilyitch, em voz baixa. Naquela mesa, uma voz alta era apenas um homem a expressar a sua tensão nervosa. Os mais calados eram os mais perigosos. — Se a Polónia cair, a Alemanha também cairá… — E, de seguida, todo o Pacto de Varsóvia, o que deixaria a União Soviética sem a sua zona tampão a oeste. A NATO era forte e tornar-se-ia ainda mais forte, quando o acumular das defesas americanas começasse a fazer efeito. Eles já tinham sido informados acerca desse assunto preocupante. Os novos tanques já estavam a ser atribuídos às unidades especializadas, em preparação para o seu envio para a Alemanha Ocidental, tal como os novos aviões. O mais assustador de tudo era o regime de treino altamente aperfeiçoado para os soldados americanos. Era como se eles se estivessem a preparar para atacarem o Leste.

A queda da Polónia e da Alemanha significava que uma incursão em território soviético teria uma redução de mil quilómetros, e não havia nenhum homem naquela mesa que não se lembrasse da última vez em que os alemães tinham entrado na União Soviética. Apesar de todos os protestos que diziam que a NATO era uma aliança defensiva cujo principal objetivo seria impedir que o Exército Vermelho marchasse pelos Campos Elísios, para Moscovo, a NATO e todas as alianças americanas assemelhavam-se a uma enorme corda de enforcar, desenhada para se encaixar nos seus pescoços coletivos. Já o tinham considerado antes, em pormenor. E a última coisa de que precisavam era de instabilidade política a juntar aos seus problemas. Os comunistas (ainda que não tão fervorosos como Suslov e o seu herdeiro ideológico Alexandrov) temiam sobretudo que o seu povo voltasse costas à Verdadeira Fé, que era a fonte do

próprio poder e conforto de todos eles. Eles tinham todos chegado ao poder após uma revolta popular de camponeses que destronara a dinastia Romanov (ou era isso que diziam a si mesmos, apesar do que a história dizia realmente) e não tinham ilusões acerca do que uma revolta lhes poderia trazer. Brejnev inquietava-se na cadeira.

— Então, esse padre polaco é uma ameaça?

— Sim, camaradas, sem dúvida — afirmou Andropov. — A sua carta é um abalo sincero e genuíno à estabilidade política da Polónia, logo, a todo o Pacto de Varsóvia. A Igreja Católica permanece politicamente poderosa através da Europa, incluindo entre os nossos fraternos aliados socialistas. Se ele renunciasse ao papado e viajasse para a sua terra natal, isso, em si mesmo, seria uma enorme afirmação política.

— O Josef Vissarionovitch Estaline perguntou em tempos quantas divisões comandava o papa. A resposta é nenhuma, como é óbvio, mas não podemos menosprezar o seu poder. Suponho que poderíamos tentar contactos diplomáticos para o dissuadir dessa tomada de posição…

— Seria uma completa perda de tempo — observou logo o ministro dos Negócios Estrangeiros. — Já tivemos contactos diplomáticos ocasionais com o próprio Vaticano e eles ouviram-nos, delicadamente, e são razoáveis quando falam, mas depois tomam qualquer ação que lhes apeteça. Não, não o poderemos influenciar, mesmo com ameaças diretas à Igreja. Eles acabavam por ver tais ameaças como desafios.

E isso acabou por pôr verdadeiramente as coisas em cima da mesa. Andropov estava agradecido ao ministro dos Negócios Estrangeiros, que também estava do seu lado na questão da sucessão. Estava a pensar, futilmente, se Brejnev sabia ou se importava com o que iria acontecer quando ele morresse… Bem, ele estaria preocupado com o destino e com a proteção dos seus filhos, mas seria fácil lidar com isso. Poderiam encontrar para todos eles postos sinecura no Partido, e não haveria futuros casamentos que requeressem a louça e as baixelas do Hermitage.

— Yuriy Vladimirovitch, que pode o KGB fazer acerca desta ameaça? — perguntou em seguida Brejnev. *É tão fácil controlá-lo*, refletiu por momentos Andropov, com algum contentamento.

— Poderá ser possível eliminar a ameaça se eliminarmos o homem que a faz — retorquiu o diretor, com uma voz estável e sem emoção.

— Matá-lo? — perguntou Ustinov.

— Sim, Dmitriy.

— E quais são os perigos de uma ação dessas? — perguntou de imediato o ministro dos Negócios Estrangeiros. Os diplomatas preocupavam-se sempre com essas coisas.

— Não podemos eliminá-los inteiramente, mas poderemos controlá-los. O meu pessoal criou um conceito operacional que envolveria alvejar o papa num dos seus aparecimentos em público. Trouxe o meu ajudante, o coronel Rojdestvenskiy, para nos informar acerca disso. Com a vossa licença, camaradas? — Ele recebeu uma série de acenos afirmativos com a cabeça. Depois voltou-se para o ajudante: — Aleksey Nikolayevitch?

— Camaradas. — O coronel levantou-se e foi até ao atril tentando controlar as tremuras nos joelhos. — A operação não tem nome e não terá um por questões de segurança. O papa aparece em público todas as quartas-feiras à tarde. Geralmente, desfila pela praça de São Pedro, num veículo que não lhe oferece qualquer proteção contra possíveis ataques, e coloca-se a uma distância de três a quatro metros da multidão. — Rojdestvenskiy escolhera as suas palavras com cuidado. Todos a essa mesa conheciam terminologia e assuntos bíblicos. Não se podia crescer, mesmo ali, sem adquirir um certo conhecimento do Cristianismo… mesmo que fosse apenas o suficiente para desprezar tudo acerca do mesmo.

— A questão, então, será colocar um homem com uma pistola na primeira fila dos espectadores, para que possa disparar a uma curta distância e provavelmente ser bem-sucedido.

— Não é uma coisa «certa»? — inquiriu asperamente o ministro do Interior.

Rojdestvenskiy fez o seu melhor para não se ir abaixo.

— Camarada ministro, raramente lidamos com certezas absolutas. Mesmo um bom atirador não pode garantir um tiro perfeito contra um alvo em movimento, e as realidades táticas, neste caso, não permitirão uma rajada bem dirigida. O assassino terá de levantar a arma rapidamente de um lugar escondido e disparar. Poderá dar dois, talvez três tiros, antes que a multidão caia sobre ele. Nesse momento, um segundo oficial matará o assassino pelas costas com uma pistola com silenciador… antes que o mesmo consiga escapar. Isto não deixará ninguém para falar com a polícia italiana. Para tal iremos usar os nossos aliados

socialistas da Bulgária para escolherem o assassino, para o colocarem lá e, depois, para o eliminarem.

— E como é que o nosso amigo búlgaro conseguirá escapar nessas circunstâncias? — perguntou Brejnev. O seu conhecimento pessoal de armas de fogo permitia-lhe saltar as questões técnicas, segundo o que Andropov se apercebia.

— É provável que a multidão se concentre no assassino e não repare no disparo por parte do oficial de informação. Este será virtualmente silencioso e haverá uma grande quantidade de barulho por parte da multidão. Ele recuará então, simplesmente, para se pôr em fuga — explicou Rojdestvenskiy. — O oficial que queremos tem muita experiência em operações deste género.

— E tem um nome? — inquiriu Alexandrov.

— Sim, camarada e posso dar-lho, se assim o desejar, no entanto, por questões de segurança…

— Ótimo, coronel — acrescentou Ustinov. — Na verdade, não precisamos de saber o nome, pois não, camaradas? — As cabeças abanaram em torno da mesa. Para estes homens, o segredo era algo tão natural como urinar.

— Não é um fuzileiro — comentou o ministro do Interior.

— Isso arriscaria a que fosse visto. Os edifícios em volta da praça são patrulhados pelas próprias forças de segurança do Vaticano, mercenários suíços e…

— Será que esses milicianos suíços são assim tão bons? — ripostou uma outra voz.

— E será que tinham de ser assim tão bons para verem um homem com uma espingarda e darem o alarme? — perguntou Rojdestvenskiy, sensatamente. — Camaradas, quando se planeia uma operação deste género, tentamos manter as variáveis sob um controlo estrito. A complexidade é um inimigo perigoso neste tipo de ações. Tal como planeado, tudo o que precisamos de fazer é inserir dois homens numa multidão de milhares e fazer com que eles se possam aproximar. Em seguida, é apenas disparar um tiro certeiro. Uma pistola pode facilmente esconder-se em roupa solta. Quem lá está não foi inspecionado nem observado especificamente. Não, camaradas, este plano é o melhor que poderemos arranjar… a não ser que quisessem que enviássemos um pelotão de soldados das Spetsnaz para os aposentos de Sua Santidade. Isso poderia funcionar, mas seria

impossível ocultar a origem de uma tal operação. A missão, se a aprovarmos, depende apenas de duas pessoas, das quais apenas uma sobreviverá e que, certamente, escapará sem complicações.

— E os participantes serão fiáveis? — perguntou o diretor da Comissão de Controlo do Partido.

— O oficial búlgaro abateu pessoalmente oito homens e tem bons contactos com a comunidade do crime na Turquia, da qual ele irá selecionar o nosso assassino.

— Um turco? — perguntou o homem do Partido.

— Sim, um muçulmano — confirmou Andropov. — Se a operação puder ser atribuída a um turco seguidor de Maomé, tanto melhor para nós, não é verdade?

— Não iria atrapalhar a nossa finalidade… — confirmou o ministro dos Negócios Estrangeiros. — De facto, até poderá ter o efeito de fazer com que o Islão pareça mais bárbaro aos olhos do Ocidente. Isso faria com que a América aumentasse as suas ajudas a Israel e tal, por sua vez, iria irritar os países muçulmanos aos quais compram petróleo. Existe uma elegância em tudo isso que me agrada, Yuriy.

— Assim sendo, a complexidade da operação está inteiramente limitada às suas consequências — observou o marechal Ustinov — e não à sua realização.

— É isso mesmo, Dmitriy — confirmou Andropov.

— Quais são as hipóteses de que esta operação nos seja atribuída? — perguntou o secretário do Partido ucraniano.

— Se tudo o que deixarmos para trás for um turco morto, será muito difícil estabelecer quaisquer ligações — respondeu o diretor do KGB. — Esta operação não tem nome. O número de pessoas envolvidas é inferior a vinte e muitas delas estão nesta sala, aqui mesmo. Não haverá relatórios escritos. Camaradas, a segurança desta operação será absoluta. Terei de insistir que nenhum de vós fale disto com quem quer que seja. Nem com as vossas mulheres, nem com os vossos secretários privados, nem mesmo com os vossos conselheiros políticos. Deste modo, poderemos assegurar-nos de que não haverá fugas de informação. Teremos de nos lembrar de que os serviços de informação do Ocidente estão sempre a tentar descobrir os nossos segredos. Neste caso, não podemos permitir que tal aconteça.

— Esta discussão deveria ter sido limitada ao conselho de defesa — pensou

Brejnev, em voz alta.

— Pensei nisso, Leonid Ilyitch — respondeu Andropov. — Mas as implicações políticas deste assunto requerem a atenção de todo o Politburo.

— Consigo ver esse facto — concordou o secretário-geral, assentindo com um aceno de cabeça. O que ele não via era que Andropov tinha seguido esse curso cuidadosamente, para não ser visto como um aventureiro pelos homens que em breve o iriam eleger para a cadeira de topo. — Muito bem, Yuriy. Não posso pôr objeções — disse Brejnev, pensativamente.

— Ainda é uma coisa perigosa a contemplar — disse o secretário da República Socialista Federativa Soviética da Rússia. — Devo dizer que não estou inteiramente à vontade com este plano.

— Gregoriy Vasilyevitch — respondeu o chefe do Partido ucraniano —, acerca da Polónia… se o governo deles cair, haverá consequências para mim que eu não considero nada atrativas. Nem o camarada as deveria achar… — avisou ele. — Se este polaco voltar para o seu país, os resultados poderão ser ruinosos para todos nós.

— Percebo, mas o assassínio de um chefe de Estado não é para ser encarado com ligeireza. Creio que o deveríamos avisar primeiro. Há maneiras de lhe chamar a atenção.

O ministro dos Negócios Estrangeiros abanou a cabeça.

— Já disse que seria uma perda de tempo. Homens como ele não percebem o que é a morte. Poderíamos ameaçar os membros da sua Igreja no Pacto de Varsóvia, mas isso iria ter provavelmente o efeito oposto ao que nós desejamos. Dar-nos-ia o pior dos mundos, as consequências de atacarmos a Igreja Católica Romana sem a opção de eliminarmos este incómodo clérigo. Não. — Abanou a cabeça. — Se é para ser feito, então terá de ser feito como deve ser, decididamente e sem demora. Yuriy Vladimirovitch, quanto tempo será preciso para completar esta missão?

— Coronel Rojdestvenskiy? — perguntou o diretor do KGB.

Todas as cabeças se voltaram para o coronel e ele fez o seu melhor para manter o tom calmo de voz. Aquilo eram águas muito profundas para um mero coronel. Toda a operação estava agora a seu cargo, uma possibilidade que ele nunca tinha plenamente considerado. Contudo, se queria alcançar as suas estrelas de general, tinha de assumir essa responsabilidade, não tinha?

— Camarada ministro, creio que quatro a seis semanas, se autorizar hoje esta operação e notificar o Politburo da Bulgária. Iremos usar um dos seus ativos, para o qual precisamos da permissão deles.

— Andrey Andreyevitch, será que em Sófia irão ser cooperativos? — inquiriu Brejnev.

O ministro dos Negócios Estrangeiros fez uma pausa.

— Isso depende do que lhes pedirmos e de como o pedirmos. Se eles estiverem ao corrente dos objetivos da operação, poderão arrastar as coisas, até certo ponto.

— E será que lhes poderemos pedir cooperação sem lhes dizer para que a queremos? — perguntou Ustinov.

— Sim, creio que sim. Poderemos oferecer-lhes cem novos tanques ou alguns aviões de combate, como um gesto de solidariedade socialista — sugeriu o ministro dos Negócios Estrangeiros.

— Sejam generosos — concordou Brejnev. — Tenho quase a certeza de que eles já devem ter um pedido no Ministério da Defesa, não têm, Dmitriy?

— Têm sempre — confirmou o marechal Ustinov. — É o que eles estão sempre a pedir, mais tanques e mais MiG!

— Então, ponham os tanques num comboio e enviem-nos para Sófia. Camaradas, temos de votar — disse o secretário-geral ao Politburo. Os onze membros votantes sentiram-se um pouco pressionados. Os sete membros «candidatos» (ou não votantes) limitaram-se a observar e a anuir com um aceno de cabeça.

Como de costume, o voto foi unânime. Ninguém votou «não», apesar de alguns deles terem dúvidas escondidas nos seus silêncios. Naquela sala, ninguém se queria afastar muito do espírito *kollectiv*. O poder ali estava tão circunscrito como em qualquer outra parte do mundo, um facto sobre o qual raramente refletiam e sobre o qual *nunca* agiam.

— Muito bem. — Brejnev voltou a cabeça para Andropov. — O KGB está autorizado a empreender esta operação, e que Deus tenha piedade da sua alma polaca — acrescentou ele, com uma leviandade camponesa. — Qual o assunto seguinte?

— Camarada, se me é permitido… — disse Andropov, gentilmente, com um anuir de cabeça. — O nosso irmão e amigo, Mikhail Suslov, em breve irá

abandonar esta vida, após um longo serviço dedicado ao Partido e a tudo o que mais estimamos. A sua cadeira já está vazia devido à doença e precisa de ser preenchida. Eu gostaria de propor Mikhail Yevgeniyevitch Alexandrov como o próximo secretário do Comité Central para a Ideologia, com a votação plena deste Politburo.

Alexandrov até conseguiu corar. Levantou as mãos e falou com toda a sinceridade:

— Camaradas, o meu… o nosso… amigo ainda está vivo. Não poderei ocupar o lugar dele enquanto ele viver.

— É bom que ponha as coisas dessa maneira, Misha — observou o secretário-geral, usando a abreviatura afetiva para o seu primeiro nome. — Mas o Mikhail Andreyevitch está gravemente doente e não terá muito mais tempo de vida. Sugiro que, de momento, consideremos a moção do Yuriy. Tal nomeação deverá, é claro, ser ratificada pelo Comité Central na sua totalidade. — Porém, isso era menos do que uma formalidade e todos ali o sabiam. Brejnev acabara de dar a sua bênção à promoção de Alexandrov, e isso era tudo o que ele precisava.

— Obrigado, camarada secretário-geral. — E agora Alexandrov podia olhar para a cadeira vazia à esquerda de Brejnev e saber que, dentro de algumas semanas, lhe pertenceria oficialmente. Ele choraria, como todos os outros, quando Suslov morresse, e as lágrimas seriam igualmente frias. E Mikhail Andreyevitch até o perceberia. O seu grande problema agora era encarar a morte, o maior de todos os mistérios da vida, e pensar no que existiria do outro lado. Seria algo que todos naquela mesa teriam de enfrentar, contudo, para todos eles, estava suficientemente distante para ser ignorada… de momento. Essa, considerou Yuriy Andropov, era uma diferença entre eles e o papa que em breve morreria às mãos deles.

A reunião terminou logo após as quatro da tarde. Os homens despediram-se, como sempre, com palavras amigáveis e apertos de mão, antes de irem às suas vidas. Andropov, com o coronel Rojdestvenskiy atrás dele, foi até ao fundo da sala. Em breve, seria o último a sair, como era prerrogativa do secretário-geral.

— Camarada diretor, um momento, se me permite — disse Rojdestvenskiy, dirigindo-se para a casa de banho. Ele emergiu um minuto e meio depois com umas passadas mais enérgicas.

— Você falou muito bem, Aleksey — disse-lhe Andropov, quando começaram

de novo a dirigir-se para a saída. O diretor desceu as escadas em vez de tomar o elevador. — Então, que lhe pareceu?

— O camarada Brejnev está mais debilitado do que eu estava à espera.

— Sim, pois está. Não o ajudou muito ter parado de fumar. — Andropov meteu a mão no bolso do casaco para tirar o seu maço de *Marlboros*. Nas reuniões do Politburo, as pessoas agora evitavam fumar, por deferência para com Leonid Ilyitch, e o diretor do KGB precisava de um cigarro nesse preciso momento. — Que mais?

— Foi notoriamente colegial. Suponho que estava à espera de mais desacordo, de mais discussão. — As discussões entre os espiões no n.º 2 da praça Dzerjinskiy eram bastante mais vivas, especialmente quando se tratava de operações.

— São todos atores cautelosos, Aleksey. Os que têm tanto poder na ponta dos dedos são-no sempre… e deveriam sê-lo. No entanto, muitas vezes, não optam por nenhuma ação porque têm medo de fazer algo de novo e de diferente. — Andropov sabia que o seu país precisava de coisas novas e diferentes, e pensava se iria ser muito difícil para ele fazer com que estas acontecessem.

— Mas, camarada diretor, a nossa operação…

— Isso é outra coisa, coronel. Quando eles se sentem ameaçados, começam logo a agir. Temem o papa e talvez tenham razão. Não acha?

— Camarada diretor, eu sou apenas um coronel. Sirvo o meu governo.

— Mantenha as coisas desse modo, Aleksey, é mais seguro. — Andropov entrou no automóvel e sentou-se. Ficou de imediato imerso nos seus pensamentos.

Uma hora mais tarde, Zaitzev estava a terminar o seu dia de trabalho e à espera de quem o viria substituir. Foi quando o coronel Rojdestvenskiy apareceu ao seu lado sem que ele estivesse à espera.

— Major, preciso que envie isto para Sófia imediatamente. — Ele fez uma pausa. — Mais alguém vê estas mensagens?

— Não, camarada coronel. O designador da mensagem identifica-a para que eu seja a única pessoa envolvida. Está no livro de pedidos.

— Ótimo, mantenhamo-lo assim. — Passou-lhe o formulário.

— Às suas ordens, camarada coronel. — Zaitzev observou-o a ir-se embora.

Mal tinha tempo de fazer aquilo antes de sair.

> ULTRASSECRETO
> IMEDIATO E URGENTE
> DE: ESCRITÓRIO DO DIRETOR, CENTRO DE MOSCOVO
> PARA: *REZIDENT* DE SÓFIA
> REFERÊNCIA: DESIGNADOR OPERACIONAL 15-8-82-666
> OPERAÇÃO APROVADA. PRÓXIMO PASSO APROVAÇÃO IMEDIATA DO POLIBURO DA BULGÁRIA. ESPERO PLENA APROVAÇÃO DEZ DIAS OU MENOS. CONTINUAR A PLANEAR A OPERAÇÃO.

Zaitzev viu-a a ser enviada por telex, depois deu uma cópia a um mensageiro para ser entregue por mão no último andar. Em seguida foi-se embora, caminhando com um pouco mais de agilidade do que o costume. Já na rua, acabou o seu maço de cigarros e foi comprar outro da marca *Trud*, antes de descer pelas escadas rolantes para a plataforma do metro. Uma vez aí olhou para o relógio pendurado do teto. Viu que tinha caminhado muito depressa, de modo que deixou o primeiro comboio partir sem ele, enquanto manuseava o maço de cigarros como desculpa, caso alguém estivesse a olhar para ele. No entanto, se esse agora fosse o caso, ele já seria um homem morto. Esse pensamento fez com que as mãos lhe começassem a tremer, mas era tarde de mais para isso. O próximo comboio surgiu do túnel mesmo a tempo, e ele entrou na devida carruagem, a arrastar os pés, juntamente com mais ou menos quinze outros trabalhadores…

E lá estava ele. A ler um jornal, com a habitual gabardina e a mão direita agarrada ao corrimão cromado junto ao teto.

Zaitzev dirigiu-se nessa direção. Tinha na mão direita a segunda nota que acabara de retirar do seu maço de cigarros. Sim, viu ele tardiamente, o homem tinha uma gravata de um verde-vivo, mantida no lugar por um clipe de metal dourado. Um fato castanho, uma camisa branca que lhe pareceu cara, e o rosto coberto com o jornal. O homem não olhava em volta. Zaitzev aproximou-se mais.

Uma das coisas que Ed Foley tinha estudado na Quinta era como aperfeiçoar a

sua visão periférica. Com o treino e com a prática, os nossos olhos poderiam ter um campo de visão maior que os leigos desconheciam. No campo de treino da CIA, ele aprendera a percorrer uma rua e a tentar ler os números das portas sem voltar o rosto. O melhor era que aquilo se assemelhava a andar de bicicleta. Uma vez aprendido encontrava-se ao seu dispor sempre que ele se concentrava e precisava de o fazer. De modo que reparou que alguém se estava a deslocar lentamente na sua direção. Um homem branco, com cerca de um metro e setenta e cinco, constituição média, cabelo e olhos castanhos, roupa modesta, que precisava de um corte de cabelo. Não viu o rosto com clareza suficiente para se lembrar dele, ou para o poder identificar num grupo de indivíduos alinhados. Tratava-se de um rosto eslavo, era tudo, sem expressão, e os olhos estavam definitivamente a olhar para ele. Foley não permitiu que a sua respiração se alterasse, embora o coração pudesse ter aumentado a frequência das suas pulsações.

Vamos lá, Ivan. Estou a usar a porra da gravata, tal como disseste. Ele entrara na estação apropriada. A sede do KGB ficava apenas a um quarteirão das escadas rolantes. Desse modo, esse fulano era provavelmente um espião e não uma «bandeira falsa». Se se tratasse de um fulano da Segunda Direção-Geral, tê-lo-iam planeado diferentemente. Aquilo era demasiado óbvio, demasiado amador, não do modo como o KGB atuaria. Tê-lo-iam feito numa outra estação de metro.

Este sacana é mesmo verdadeiro, disse Foley para si mesmo. Forçou-se a ser paciente, o que não era fácil, mesmo para um agente no terreno com experiência, mas respirou impercetivelmente fundo e pôs-se à espera. Dizendo às terminações nervosas da sua pele para lhe comunicarem o mais pequeno movimento no peso da gabardina que trazia pelos ombros…

Zaitzev olhou em volta da carruagem de um modo tão casual quanto possível. Ninguém estava a olhar para ele, nem sequer na sua direção. De maneira que a sua mão direita deslizou para dentro do bolso aberto, com rapidez, mas não muita. Depois voltou a recolher-se.

Bingo, pensou Foley, à medida que o coração lhe saltou dois ou três batimentos. *Pois bem, Ivan, qual é a mensagem desta vez*?

Uma vez mais, tinha de ter paciência. Não fazia sentido queimar aquele

fulano. Se ele era realmente um fulano do MERCÚRIO russo, não haveria como determinar se se trataria de algo importante. Era como a primeira mordidela de um peixe num navio de pesca em alto mar. Será que se tratava de um marlim, de um tubarão, ou de uma bota velha? Se fosse um belo marlim-azul, seria mesmo grande? Mas ele nem podia sequer começar a desviar a cana de pesca para se certificar de que o peixe mordera o anzol. Não, isso viria depois, se é que tal iria acontecer. A fase de recrutamento das operações no terreno. Pegar num inocente cidadão soviético e fazer dele agente, um ativo caçador de informação da CIA, *um espião*… Isso era mais difícil do que ir a um baile da Organização da Juventude Católica e ir logo com a miúda para a cama. O verdadeiro truque era não emprenhar a rapariga… ou expor o agente. Não, do modo como se jogava, primeiro dançava-se uma música rápida, depois uma música lenta, em seguida o primeiro beijo, depois o primeiro apalpão e, mais tarde, no caso de haver sorte, desabotoar a blusa… e depois…

O devaneio parou ao mesmo tempo que o metro. Foley retirou a mão do corrimão junto ao teto e olhou em volta…

E lá estava o fulano, de facto a olhar para ele, e o seu rosto ficou-lhe registado no álbum mental de fotografias.

Mau trabalho, pá. Isso pode dar-te cabo do coirão. Nunca olhes de frente para um oficial de campo num lugar público, pensou Foley, com os olhos a percorrerem-no, sem expressão no seu próprio rosto ao examinarem o indivíduo, tomando deliberadamente o caminho mais longo até à porta.

Zaitzev ficou impressionado com o americano. Este acabara de olhar para o seu novo contacto russo, mas os seus olhos nada tinham revelado, nem sequer tinham olhado para ele diretamente, mas passado por ele até ao fundo da carruagem. E, com a mesma desenvoltura, o americano tinha-se desviado. Oxalá sejas quem eu quero que sejas, pensou a mente de Oleg Ivanovitch, como se estivesse a falar muito alto.

Cinquenta metros mais acima, em plena rua, Foley recusou-se a permitir que a sua mão se metesse no bolso. Ele tinha a certeza de que uma mão tinha lá estado. Decerto sentira-o. E o Ivan Qualquer Coisa não o fizera à procura de moedas.

Foley passou pelo guarda do portão, entrou no edifício e subiu no elevador. Meteu a chave à porta e abriu-a. Só quando esta se fechou atrás dele é que foi

ver o que tinha no bolso.

Mary Pat estava lá, a olhar-lhe para a cara, e reparou no brilho pouco disfarçado de reconhecimento e descoberta que ele deixava transparecer.

Ed pegou na folha de papel. Era o mesmo formulário de mensagens que, tal como antes, estava escrito. Foley leu-o uma vez, depois voltou a lê-lo e leu-o uma terceira vez antes de o passar à mulher.

Os olhos de Mary Pat também se acenderam.

Era um peixe, pensou Foley. *Talvez um grande peixe*. E este estava a pedir algo considerável. Fosse quem fosse não era estúpido. Não seria fácil arranjar o que ele queria, mas Ed poderia consegui-lo. Significava apenas fazer com que o sargento-ajudante ficasse zangado e, mais importante ainda, visivelmente zangado, porque a embaixada estava sempre sob vigilância. Algo como aquilo não poderia parecer rotineiro, ou deliberado, mas também não teria de ser uma atuação digna de um Oscar. Ele tinha a certeza de que os fuzileiros o poderiam conseguir. Depois sentiu a mão de Mary Pat na dele.

— Olá, querida — disse ele para os microfones.

— Olá, Ed. — A mão dela entrou na sua.

Est[e] fulan[o] é verdad[eiro], disse a sua mão.

Aman[hã] de man[hã]?, perguntou ela e ele assentiu com um aceno de cabeça.

— Querida, tenho de voltar à embaixada. Deixei uma coisa em cima da secretária, raios partam!

Ela levantou os polegares.

— Bem, não te demores muito. Tenho o jantar a fazer. Arranjei um pedaço de carne para assar na loja finlandesa. Batatas assadas e milho na espiga.

— Parece-me ótimo — concordou ele. — Não me irei demorar mais de meia hora.

— Bem, não te atrases.

— Onde estão as chaves do carro?

— Na cozinha. — E ambos se dirigiram para lá.

— Será que me tenho de ir embora sem um beijo? — perguntou ele, com a sua voz mais delicodoce.

— Creio que não — foi a resposta divertida. — Alguma coisa interessante hoje no trabalho?

— Só aquele fulano, o Prince, do *Times*.

— Ele é um parvo.

— Parvo é pouco. Depois conto-te. — Foley foi até à porta, ainda com a gabardina vestida.

Voltou a cumprimentar o guarda com um gesto à saída, com uma careta de frustração no rosto para um efeito mais teatral. Os guardas iriam com certeza registar que ele voltara a sair (telefonariam até para qualquer lado) e, com sorte, a sua ida à embaixada seria cotejada com as gravações no apartamento. E os sacanas da Segunda Direção-Geral poriam uma cruz num dos quadradinhos que tivessem nos seus formulários de vigilância e decidiriam que Ed Foley tinha tido um esquecimento e deixado realmente qualquer coisa no escritório. Ele tinha de se lembrar de guiar com um envelope de papel manila no assento da frente do *Mercedes*. Os espiões ganhavam sobretudo a vida lembrando-se de tudo e não se esquecendo de nada.

O percurso até à embaixada foi mais rápido do que ir de metro àquela hora do dia, mas encaixava-se em tudo o que a sua rotina abrangesse. Dentro de minutos, estava a passar pelo portão da embaixada, para lá da guarita do fuzileiro, ocupando um lugar de estacionamento para visitantes, antes de entrar, passando por mais fuzileiros até chegar ao seu escritório. Pegou num envelope de papel manila e colocou um exemplar do *International Herald Tribune* lá dentro.

— É você, Ed? — A voz pertencia a Dominic Corso, um dos agentes no terreno de Foley. Na verdade, era mais velho do que o seu patrão. Corso agia sob a capa de adido comercial. Há já três anos que trabalhava em Moscovo e era bem visto pelo chefe de posto. Também era natural de Nova Iorque, tendo nascido no bairro de Richmond, em Staten Island, filho de um detetive da polícia nova-iorquina. Parecia o que na verdade era, um italiano, mas era bastante mais esperto do que aqueles que tinham preconceitos étnicos gostariam de admitir. Corso tinha os olhos castanhos febris de uma velha raposa vermelha, mas disfarçava muito bem a sua inteligência.

— Preciso que me faça uma coisa.

— O quê?

Foley disse-lhe.

— Está a falar a sério? — Não se tratava exatamente de um pedido normal.

— Pois estou.

— Pois bem, vou dizer ao sargento. Ele irá perguntar porquê. — O sargento-ajudante Tom Drake, o oficial subalterno encarregado do destacamento de fuzileiros na embaixada, sabia para quem Corso trabalhava.

— Diga-lhe que é uma piada, mas que é uma piada importante.

— Pois. — Corso assentiu com um aceno de cabeça. — Qualquer coisa que preciso de saber?

— Para já, não.

Corso pestanejou. *Muito bem, isto era uma coisa delicada se o chefe de posto não estava a compartilhar a informação, mas isso não era assim tão raro, pois não?*, refletiu Corso. Na CIA, muitas vezes não se sabia o que é que a nossa própria equipa andava a fazer. Ele não conhecia Foley assim tão bem, mas sabia o suficiente para o respeitar.

— Bem, vou vê-lo agora.

— Obrigado, Dominic.

— O seu filho está a gostar de Moscovo? — perguntou o oficial no terreno ao patrão, enquanto estava a dirigir-se para a porta.

— Está a ajustar-se. Será melhor quando conseguir patinar no gelo. Ele adora hóquei.

— Bem, está na cidade certa para isso.

— E olhe que é mesmo verdade. — Foley pegou nos seus papéis e levantou-se. — Ora vamos lá fazer isto, Dominic.

— É para já, Ed. Até amanhã.

CAPÍTULO 14

SINAL DE PERIGO

Se existe qualquer coisa constante no ramo da espionagem é uma persistente falta de sono para os atores. Tal resulta do stresse e este é sempre o criado dos espiões. Quando Ed e Mary Foley não conseguiam adormecer, podiam pelo menos falar com as mãos, depois de se terem deitado na cama.

É verdad[eiro] c[om]o o diabo, queri[da], disse Foley à mulher, por baixo dos lençóis.

S[im], concordou ela. *Já tivem[os] alg[uém] tão lá de dentro*?

Não, respondeu ele.

Lang[ley] vai endoide[cer].

Vai mesmo, concordou o marido. Fundo da nona, bases estabelecidas, dois fora, conta inteira, o atirador tinha lançado a bola a descrever uma curva mesmo por cima da Rua Direita, e estava quase a lançá-la por cima do quadro dos resultados. *Assumindo que nós não damos cabo de tudo*.

Quer[es] q[ue] me envol[va]?, perguntou em seguida.

Precis[amos] de esper[ar] p[ara] ver.

Um suspiro disse-lhe: *Sim, eu sei*. Mesmo para eles, ter paciência não era fácil. Foley podia ver essa bola a descrever uma curva mesmo por cima do campo, bem alta, e a de Louisville estava presa nas suas mãos: tinha os olhos fixos na bola, de tal modo que lhe podia ver as costuras a girarem quando se aproximou… e essa iria sair do parque, ir pela porra da cidade fora. Ele iria mostrar ao Reggie Jackson quem se sabia defender nesse campo…

Se ele não deitasse tudo a perder, pensou de novo. Mas Ed Foley fizera já esse tipo de operação em Teerão, arranjara um agente na comunidade revolucionária e fora o único oficial de terreno no posto a ter uma ideia de como as coisas se estavam a tornar muito más para o xá. Essa série de relatórios acendera-lhe uma estrela em Langley e tornara-o um dos meninos bonitos de Bob Ritter.

E também iria mergulhar nisto a fundo.

Em Langley, o MERCÚRIO era o lugar que todos temiam… *Todos* sabiam que um empregado ali, sob controlo estrangeiro, poderia fazer desmoronar todo

o edifício. Era por isso que eram eximiamente interrogados duas vezes por ano, que eram submetidos ao polígrafo pelos especialistas que a CIA tinha para esse propósito. Um mau agente no terreno, ou um mau analista superior, poderia dar cabo de agentes e de missões, e isso não era bom para todos os envolvidos. Mas uma fuga de informação no MERCÚRIO seria como largarem uma mulher do KGB na Quinta Avenida, com um cartão dourado da American Express. Ela poderia arranjar tudo o que desejasse. Meu Deus, o KGB até poderia pagar um milhão de dólares por essa fonte. Destruiria o Ministério das Finanças russo, ainda que eles pudessem, sem problemas, fazer dinheiro com um dos ovos Fabergé de Nicolau II. Todos sabiam que teria de haver no KGB um departamento homónimo do MERCÚRIO, mas ninguém, não importava em que serviço de informação, alguma vez agarrara um cidadão russo que aí trabalhasse.

Foley viu-se a pensar como seria, que aspeto teria a sala. Em Langley era um espaço imenso, do tamanho de uma garagem, sem paredes internas ou divisórias, de modo que todos se pudessem ver uns aos outros. Havia sete estruturas em forma de bidões onde se guardavam as cassetes, cada um com o nome de um dos Sete Anões da Disney; tinham até câmaras de televisão lá dentro, caso algum lunático tentasse lá entrar, embora este fosse decerto morto devido a tal aventura, dado que os recuperadores motorizados atingiam altas velocidades sem avisarem. Para além disso, apenas os computadores *mainframe*, incluindo o mais rápido e mais potente feito pela Cray Research, sabiam que dados se encontravam em cada espaço de armazenamento. A segurança ali era irreal, com várias camadas e verificada numa base diária, senão de hora a hora. Quem lá trabalhava era ocasional e aleatoriamente seguido até casa ao sair do trabalho, talvez pelo FBI, que era muito bom nessas coisas, para um grupo de polícias detetives. Devia ser opressivo para as pessoas que lá trabalhavam, no entanto, se alguém se queixara, tais relatórios nunca tinham chegado às mãos de Ed Foley. Os fuzileiros tinham de correr os seus seis quilómetros por dia e serem submetidos a inspeções formais, e os empregados da CIA tinham de suportar a avassaladora paranoia institucional, as coisas eram assim mesmo. O polígrafo era um incómodo muito grande e a agência até tinha psiquiatras que treinavam as pessoas nos modos de poderem enganar essas máquinas. Ele tivera esse treino, tal como a sua mulher, e, mesmo assim, eram submetidos a interrogatórios da CIA pelo menos uma vez por ano. Fosse para testar a sua

lealdade, fosse para ver se eles ainda se lembravam do treino que tinha tido, quem saberia?

Mas será que o KGB também o fazia? Seriam parvos se o não fizessem, porém ele não tinha a certeza de que eles tivessem a tecnologia de polígrafos, e assim, talvez tivessem… ou talvez não. Havia tanta coisa acerca do KGB que ele e a CIA não conheciam. Langley fazia muitas estimativas por alto, estúpidas adivinhas ao calhas, principalmente de pessoas que diziam: «Bem, nós fazemos assim, logo eles devem fazer o mesmo», o que era uma verdadeira parvoíce. Não havia duas pessoas e, sobretudo, não havia dois países que alguma vez tivessem feito alguma coisa da mesma maneira, e era por isso que Ed Foley se considerava um dos melhores nesse ramo de loucos. Ele sabia mais. Nunca parava de examinar as coisas. Nunca fazia o que quer que fosse do mesmo modo duas vezes, exceto como um ardil, para dar uma falsa impressão a outra pessoa, especialmente aos russos que, provavelmente (*quase de certeza*, deduzia), sofriam da mesma doença burocrática que circunscrevia as mentalidades na CIA.

E se es[se] tipo quiser sair?, perguntou Mary Pat.

Pam Am, primeira classe, respondeu o marido, tão rápido quanto conseguia mexer os dedos, *e consegue entornar o caldo*.

Tu és mau, respondeu Mary Patricia, com o som abafado de uma gargalhada reprimida. Mas ele sabia que tinha razão. Se esse fulano quisesse brincar aos espiões, talvez fosse mais fácil pô-lo a mexer da URSS e levá-lo de avião até Washington. Em seguida, após a sessão informativa, dava-se-lhe um passe vitalício para a Disneylândia. Um russo entraria em sobrecarga sensorial no parque temático Magic Kingdom, já para não mencionar o EPCOT Centre. Ao sair da Montanha Russa Espacial, Ed dissera a brincar que a CIA deveria alugar todo o recinto durante um dia e levar o Politburo a visitá-lo, eles que andassem em todas as diversões, devorassem os hambúrgueres e bebessem toda a *Coca-Cola*, depois, à saída, diziam-lhes: «É isto que os americanos fazem para se divertir. Infelizmente não vos poderemos mostrar as coisas que fazemos quando estamos a agir a sério.» E, se tal não os assustasse a valer, mais nada o conseguiria. No entanto, iria assustá-los a valer, os Foleys tinham a certeza. Os soviéticos (mesmo os mais importantes, com acesso a tudo o que o KGB extraíra do Inimigo Principal) eram as pessoas mais insulares e provincianas que se poderia imaginar. Na sua maior parte, acreditavam na propaganda, porque não

tinham mais nada com que a confrontar, porque eles eram tão vítimas do seu sistema como os pobres e estúpidos *mujiks*, os camponeses, que guiavam o diabo das camionetas.

Mas os Foleys não viviam num mundo de fantasia.

Assim sendo, fazem[os] o q[ue] ele diz, e depois?, perguntou ela a seguir.

[U]ma coisa de cad[a] vez, respondeu ele, e ela assentiu com um aceno de cabeça no escuro. Tal como ter um bebé, aquilo não poderia ser apressado, a não ser que quisessem ter um filho esquisito. Isso veio dizer a Mary Pat que o seu marido não era um completo resmungão, e deu lugar a que ela o beijasse às escuras.

Zaitzev não estava a comunicar com a mulher dele. De momento, para aquele indivíduo, nem mesmo meio litro de vodca o ajudaria a dormir. Ele fizera o seu pedido. Apenas no dia seguinte iria ter a certeza se estava a lidar com alguém capaz de o ajudar. O que ele pedira não era inteiramente razoável. Estava a contar com o facto de que nem mesmo o KGB seria capaz de fingir o que ele tinha especificado. Oh, é claro, talvez conseguissem que os polacos ou os romenos, ou outros países socialistas, o fizessem, mas não os americanos. Até mesmo o KGB tinha os seus limites.

De modo que, uma vez mais, tinha de esperar, mas o sono não chegava. No dia seguinte não iria ser um camarada muito bem-disposto. Já começava a sentir os efeitos da ressaca, como um terramoto preso e contido dentro do seu cérebro.

— Como é que correu, Simon? — perguntou Ryan.

— Podia ter sido pior. A primeira-ministra não me arrancou a cabeça. Disse-lhe que apenas temos o que temos, e o Basil apoiou-me. Ela quer mais. Disse-o na minha presença.

— Não me surpreende. Será que o meu amigo já ouviu falar de um presidente que quisesse menos informação?

— Recentemente, não — admitiu Harding. Ryan podia ver a pressão no seu colega de trabalho. De certeza que iria querer beber uma cerveja no bar antes de ir para casa. O analista britânico encheu o cachimbo e acendeu-o, inalando uma longa fumaça.

— Se é que o faz sentir-se melhor, Langley não tem muito mais do que vocês.

— Bem sei. Ela perguntou e foi o que o Basil lhe disse. É claro que ele falou

com o vosso juiz Moore antes de lá ir.

— Assim sendo, estamos todos juntos na ignorância.

— É uma porra de um grande conforto — ripostou Simon Harding.

Já passava muito da hora de ir para casa. Ryan esperara para ver o que Harding iria dizer acerca da reunião no n.º 10 de Downing Street, porque Ryan também ali estava para obter informação acerca dos britânicos. Eles percebê-lo-iam, pois era o jogo em que todos se empenhavam. Olhou para o relógio.

— Bem, já são horas de ir para casa. Até amanhã.

— Durma bem — recomendou Harding, quando Ryan estava a sair. Jack tinha a certeza de que o mesmo não se passaria com Simon. Ele sabia o que Harding ganhava, como funcionário público de nível médio, e não era o suficiente para compensar a tensão daquele dia. *Mas*, disse ele para si, já na rua, *aquilo era a Vida na Grande Cidade*.

— Que disse ao seu pessoal, Bob? — perguntou o juiz Moore.

— O que me disse, Arthur. O presidente quer saber. Não temos qualquer *feedback*. Diga ao patrão que ele vai ter de ser paciente.

— Já lhe disse isso e ele não ficou nada contente — respondeu o diretor-geral de Informação.

— Bem, não posso impedir que a chuva caia. Não temos poder sobre muitas coisas, e o tempo é uma delas. Ele já tem idade para ter juízo; pode percebê-lo, não acha?

— Pois, Robert. Mas ele gosta de ter aquilo de que necessita. Está preocupado com Sua Santidade, agora que o papa deu um pontapé no ninho de vespas…

— Bem, pensamos que sim. Os russos podem ter a esperteza de trabalharem através de canais diplomáticos, de lhe dizerem para ter calma e deixarem que as coisas assentem, e…

— Isso não iria funcionar, Bob — afirmou o almirante Greer. — Não é o tipo de fulano que poderemos aquietar com conversas de advogado, pois não?

— De facto, não — admitiu Ritter. Este papa não era um homem que entrasse em compromissos em relação a questões de grande importância. Ele passara por todo o género de dissabores, dos nazis de Hitler ao Comissariado do Povo para os Assuntos Internos de Estaline, e mantivera a Igreja junta ao pôr as carroças em círculo, como os pioneiros a protegerem-se dos ataques dos índios nos velhos

filmes de *cowboys*. Ele não conseguira manter a Igreja viva na Polónia renunciando a questão importantes, pois não? E, ao manter-se firme, conseguira também manter uma força moral e política para ameaçar a outra superpotência deste mundo. Não, este fulano não iria vergar sob pressão.

Muitos homens temiam a morte e a ruína, mas ele não. Os russos nunca iriam perceber porquê, mas compreenderiam o respeito que isso lhe trouxera. Estava a tornar-se claro para Bob Ritter, e para os outros oficiais superiores de informação naquela sala, que a única resposta que faria sentido para o Politburo seria um ataque ao papa. E o Politburo reunira-se nesse dia, embora o que tivessem discutido e concluído fosse frustrantemente desconhecido.

— Bob, será que temos alguns ativos que possam descobrir o que eles discutiram hoje no Kremlin?

— Temos alguns e serão alertados nos próximos dois dias… ou, se descobrirem qualquer coisa importante, poderão obter a informação com os seus próprios anzóis. Se tomarem conhecimento de uma coisa com esta importância, é de esperar que eles próprios se apercebam e que façam chegar um pacote de informação a quem esteja a gerir os agentes — disse Ritter ao diretor-geral de Informação. — Olhe, Arthur, eu não gosto de esperar e de não saber mais do que você, mas temos de deixar as coisas correrem o seu caminho. Conhece os perigos de estarmos a alertar demasiado os nossos agentes tão bem como eu.

E todos três o sabiam. Esse tipo de coisa fora a morte de Oleg Penkovskiy. A informação que ele conseguira passar talvez tivesse impedido uma guerra nuclear, e também contribuíra para o recrutamento do agente mais antigo da CIA em terreno soviético, o CARDEAL. Mas isso pouco ajudara Penkovskiy. Ao ser descoberto, fora alguém tão alto como o próprio Khrushchev que exigira a sua cabeça… e que a obtivera.

— Pois — concordou Greer —, e isto não é tão importante no grande esquema das coisas, pois não?

— Não — teve de admitir o juiz Moore, embora não estivesse à espera de o ter de explicar ao presidente. Contudo, o novo patrão era capaz de perceber as coisas assim que as mesmas fossem apresentadas de uma forma clara. A parte que todos receavam era o que o presidente poderia fazer se o papa morresse inesperadamente. O patrão era um homem de princípios, mas também era um homem de emoções. Seria tão enfurecedor como agitar a bandeira soviética

diante de um touro bravo. Não se poderia deixar que a emoção afetasse a governação, pois isso iria apenas provocar mais emoção, com frequência o luto pelos mortos mais recentes. E o milagre da tecnologia moderna acabava por aumentar mais o número dessas pessoas. O diretor-geral de Informação autocriticou-se por ter tido esse pensamento. O novo presidente era um homem ponderado. As emoções estavam ao serviço do seu intelecto, e este era muito maior do que em geral se pensava, especialmente os meios de comunicação, que apenas lhe viam o sorriso e a personalidade teatral. Porém, os meios de comunicação, como muitos políticos, estavam muito mais confortáveis a lidar com aparências do que com a realidade. Apesar de tudo, era menos exigente de um ponto de vista intelectual. O juiz Moore olhou para os seus principais subordinados. — Pois bem, mas lembremo-nos de que pode ser angustiante encará-lo na Sala Oval quando não tivermos nada do que ele quer.

— Tenho a certeza de que sim, Arthur — comiserou Ritter.

Ele ainda podia recuar, disse Zaitzev a si mesmo, dado que ainda não tinha adormecido. Junto dele, Irina estava a respirar calmamente e a dormir. O sono dos justos, era como lhe chamavam. Não a insónia de um traidor.

Tudo o que ele teria de fazer era parar. Era tudo. Ele dera dois pequenos passos, mas não mais. O americano poderia reconhecer-lhe o rosto, mas isso era facilmente solucionado… Era uma questão de tomar um metro diferente, de entrar numa outra carruagem. Assim, nunca mais o iria ver; o contacto deles partir-se-ia, como um copo de água que tivesse caído no chão, e a vida voltaria ao normal, e a consciência dele…

… nunca mais o incomodaria? Resmungou. Fora a sua consciência que o pusera naquele aperto. Não, aquilo não iria desaparecer.

Mas o outro lado da moeda seria uma perpétua preocupação, falta de sono e medo. Ele ainda não conhecera o sabor do medo, mas não tardaria a senti-lo, tinha a certeza. A traição só tinha um castigo. Morte ao traidor, seguida da ruína dos seus familiares. Estes seriam enviados para a Sibéria… para contar árvores, assim rezava o eufemismo. Tratava-se do inferno soviético, um lugar de maldição eterna do qual a morte era a única escapatória.

De facto, era exatamente o que a sua consciência lhe faria se ele não seguisse em frente com a sua ação, deu-se conta Zaitzev, perdendo finalmente a batalha e

afundando-se no sono.

Um segundo mais tarde, ou assim lhe pareceu, o despertador começou a tocar. Pelo menos não fora atormentado por sonhos. Essas eram as únicas boas notícias daquela manhã. Tinha a cabeça a latejar, ameaçando empurrar-lhe os olhos para fora das órbitas. Cambaleou até à casa de banho, onde pôs água fria na cara e tomou três aspirinas que ele, desesperadamente, esperava que lhe pudessem atenuar a ressaca em poucas horas.

Não podia olhar para as salsichas do pequeno-almoço, visto o seu estômago também estar irritado, de modo que optou por cereais e leite, com algum pão com manteiga para acompanhar. Pensou num café, mas decidiu que o leite seria melhor para o estômago.

— Bebeste de mais ontem à noite — disse-lhe Irina.

— Pois bebi, querida, agora é que me dou conta — conseguiu ele dizer, sem ser desagradável. O que ele tinha não era culpa dela, e Irina era uma boa esposa para ele e uma boa mãe para Svetlana, a sua pequena *zaitchik*. Sabia que iria conseguir sobreviver a esse dia, só que não iria gostar muito dele. O pior de tudo era que tinha de se começar a preparar cedo, o que ele fez, barbeando-se muito mal mas tornando-se apresentável com uma camisa limpa e uma gravata. Pôs mais quatro aspirinas no bolso do casaco antes de sair e, para se sentir um pouco mais revigorado, desceu as escadas em vez de tomar o elevador. Havia um certo frio no ar da manhã, que, de algum modo, o ajudou no seu percurso até ao metro. Comprou uma cópia do *Izvestia* e fumou um *Trud*, e este ajudou-o pelo caminho.

Se alguém o reconhecesse… bem, muito poucos. Não estava com o seu aspeto normal e não se encontrava no comboio do costume. Chegava geralmente um quarto de hora mais tarde. Era mais um rosto anónimo num comboio de metro cheio de gente anónima.

E, assim, ninguém iria notar que ele estava a sair na estação errada.

A embaixada americana ficava apenas a dois quarteirões e ele dirigiu-se para lá, olhando para o relógio.

Ele sabia o tempo que lhe iria demorar, porque já ali estivera. Como cadete na Academia do KGB, fora trazido para lá de autocarro, numa manhã cedo, juntamente com quarenta e cinco outros membros da sua turma. Eles até tinham usado os seus uniformes oficiais para essa excursão, talvez para que se

lembrassem da sua identidade profissional. Mesmo assim, parecera-lhe uma louca perda de tempo, contudo, o comandante da academia dessa época era um conservador de linha dura, e agora o passeio servia um propósito que teria enfurecido esse homem. Zaitzev acendeu outro cigarro quando o edifício se lhe tornou visível.

Olhou para o relógio. Precisamente às sete e meia de cada manhã hasteavam a bandeira. O comandante da academia, dez anos antes, tinha apontado e dito:

— Estão a ver ali, camaradas, aquilo é o inimigo! É aqui que ele vive na nossa bela cidade de Moscovo. Naquele edifício vivem espiões que vocês, os que entrarem para a Segunda Direção-Geral, tentarão identificar e expulsar da nossa terra. É ali que vivem os que espiam o nosso país e o nosso povo. *Aquilo* é a bandeira deles. Lembrem-se sempre dela. — E então, no momento certo, a bandeira fora hasteada até ao topo de um mastro branco com uma águia de bronze no topo, uma operação a cargo do Corpo de Fuzileiros dos Estados Unidos, nos seus belos uniformes. Zaitzev olhara para o seu relógio na estação de metro. Deveria ser… agora mesmo.

O cornetim fez soar uma música que ele não conhecia. Podia vislumbrar apenas os chapéus brancos dos fuzileiros, que quase não se viam por cima do parapeito de pedra do telhado plano do edifício. Ele estava do outro lado da rua, mesmo junto à velha igreja que o KGB enchera de aparelhos eletrónicos.

Ali estava, pensou ele, olhando, juntamente com algumas pessoas que iam a passar, para o cimento rachado do passeio.

Sim, ele viu, a parte de cima da bandeira, à medida que surgia, tinha riscas horizontais brancas e vermelhas, não o canto azul com as cinquenta estrelas brancas. A bandeira estava a ser hasteada de pernas para o ar! Estava, sem sombra de dúvida, na posição errada. E foi até ao topo do mastro dessa maneira.

Estou a ver que fizeram o que eu pedi. Rapidamente, Zaitzev foi até ao fim do quarteirão e voltou à direita, em seguida de novo à direita e até à estação de metro de onde acabara de sair e, com o pagamento de uma enorme moeda de cobre de cinco copeques, entrou noutra carruagem para ir até à praça Dzerjinskiy.

De repente, a sua ressaca desaparecera, como se por magia, e ele quase não se deu conta até ter subido nas escadas rolantes até ao nível da rua.

Os americanos querem ajudar-me, disse o oficial de comunicações a si mesmo. *Irão ajudar-me. Talvez, apesar de tudo, eu possa salvar a vida desse padre polaco.* Ia com um passo ligeiro ao entrar no Centro.

— Que porcaria foi aquela? — perguntou o sargento-mor Drake a Dominic Corso. Eles tinham acabado de hastear a bandeira.

— Não sei, sargento — foi a melhor resposta que Corso conseguiu dar, embora os seus olhos revelassem um pouco mais.

— Pois bem, Senhor Corso, como faço para o registar?

— Não o regista, sargento. Alguém fez um erro estúpido e você terá de o remediar.

— O senhor lá sabe. — O sargento-mor teria de o explicar aos fuzileiros do mesmo modo que a coisa lhe acabara de ser explicada, embora, no seu caso, numa linguagem mais obscena. Se alguém, no regimento de fuzileiros da embaixada, lho perguntasse, ele limitar-se-ia a dizer que recebera ordens de alguém e que o coronel d'Amici teria de lidar com o assunto. Que diabo, ele poderia passar o coronel ao Corso. Eles eram ambos de ascendência italiana, talvez se conseguissem entender, esperava o sargento de Helena, no Montana. Caso isso não acontecesse, então o coronel d'Amici daria cabo dele e dos seus fuzileiros.

Zaitzev sentou-se depois de ter vindo substituir o major Dobrik. O trabalho da manhã não era mais calmo do que o costume e ele iniciou a sua rotina matinal. Quarenta minutos depois, aquilo voltou a mudar.

— Camarada major — disse-lhe uma nova voz familiar. Zaitzev voltou-se para ver o coronel Rojdestvenskiy.

— Bom dia, camarada coronel. Tem alguma coisa para mim?

— Tenho isto. — Rojdestvenskiy deu-lhe o formulário da mensagem. — Por favor envie-a imediatamente, com cifra de uso único.

— Às suas ordens. Quer que lhe envie a cópia informativa?

— Sim. — Rojdestvenskiy assentiu com um aceno de cabeça.

— Presumo que possa usar um mensageiro interno para lha entregar em mão?

— Com certeza.

— Muito bem, irei enviá-la daqui a alguns minutos.

— Ótimo. — Rojdestvenskiy retirou-se.

ULTRASSECRETO
IMEDIATO E URGENTE
DE: ESCRITÓRIO DO DIRETOR, CENTRO DE MOSCOVO
PARA: *REZIDENT* DE SÓFIA
REFERÊNCIA: DESIGNADOR OPERACIONAL 15-8-82-666
ESPERAMOS HOJE APROVAÇÃO OPERACIONAL, ATRAVÉS DE CANAIS DISCUTIDOS NO NOSSO ENCONTRO. RELATE QUANDO DEVIDOS CONTACTOS FOREM ESTABELECIDOS.

E isso queria dizer que a Operação 666 iria ter lugar. No dia anterior, essa novidade gelara o sangue de Zaitzev, mas não hoje. Hoje ele sabia que iria fazer alguma coisa para o impedir. Se alguma coisa má acontecesse agora, a culpa seria dos americanos. Isso faria uma diferença considerável. Agora, tinha apenas de se certificar de como iria estabelecer contacto com eles…

No andar de cima, Andropov tinha o ministro dos Negócios Estrangeiros no seu escritório.

— Então, Andrey, que fazemos com isto?

— Habitualmente, o nosso embaixador iria encontrar-se com o primeiro-secretário deles, mas, devido a questões de segurança, talvez seja preferível uma outra opção.

— Quanta autoridade executiva tem esse primeiro-secretário? — perguntou o diretor.

— Quase tanta como o Koba tinha há trinta anos. A Bulgária é gerida com uma rédea muito curta. Os membros do Politburo deles representam vários distritos eleitorais, no entanto, só o primeiro-secretário do Partido tem poderes decisórios.

— Ah! — Isso eram boas notícias para Yuriy Vladimirovitch. Este pegou no telefone que tinha em cima da secretária.

O coronel apareceu na salinha do bengaleiro ao fim de dois minutos.

— Sim, camarada diretor.

— Andrey, este é o coronel Rojdestvenskiy, o meu ajudante. Coronel, será que o nosso *rezident* em Sófia fala diretamente com o chefe do governo búlgaro?

— Raramente, camarada, mas já o tem feito às vezes, no passado. — Rojdestvenskiy ficou surpreendido com o facto de o diretor não saber disso, mas

ele ainda estava a aprender como funcionavam as operações no terreno. Pelo menos tinha o bom senso de fazer perguntas e não tinha vergonha de as fazer.

— Muito bem, por questões de segurança, preferíamos que todo o Politburo da Bulgária não conhecesse o âmbito desta Operação Seiscentos e Sessenta e Seis. Acha que poderíamos ter o coronel Bubovoy a informar o chefe do Partido deles, para poder obter a aprovação de um modo mais direto?

— Para esse fim, seria talvez necessária uma carta assinada pelo camarada Brejnev — retorquiu Rojdestvenskiy.

— Sim, isso seria a melhor forma de o fazer — concordou logo o ministro dos Negócios Estrangeiros. — Uma boa ideia, coronel — acrescentou ele, de modo aprovador.

Andropov anuiu com um aceno de cabeça.

— Muito bem, vamos arranjar isso hoje. Será que o Leonid Ilyitch está no seu escritório, Andrey?

— Sim, Yuriy. Vou telefonar com antecedência para o informar do que precisamos, ou prefere que o façamos aqui?

— Com a sua licença, Andrey — disse Andropov, delicadamente —, seria melhor que fôssemos nós a fazê-lo. E podemos enviá-lo por correio para Sófia amanhã, ou depois de amanhã.

— É melhor darmos ao nosso camarada búlgaro alguns dias, Yuriy. Eles são nossos aliados, mas, apesar de tudo, continuam a ser um país soberano.

— Pois são, Andrey. — Cada país do mundo tinha uma burocracia cuja finalidade era evitar que coisas importantes pudessem acontecer muito depressa.

— E nós não queremos que toda a gente saiba que o nosso *rezident* vai ter um encontro importante com esse homem — acrescentou o ministro dos Negócios Estrangeiros, ensinando uma liçãozinha em segurança operacional ao diretor do KGB, notou o coronel Rojdestvenskiy.

— E quanto tempo teremos de esperar depois disso, Aleksey Nikolayevitch? — perguntou Andropov ao seu ajudante.

— Pelo menos, algumas semanas. — Ele viu a contrariedade nos olhos do seu chefe e decidiu explicar: — Camarada diretor, selecionar o melhor assassino não será como levantar o auscultador de um telefone e ligar um número. O Strokov irá ter um grande cuidado ao fazer a sua seleção. Apesar de tudo, as pessoas não são tão previsíveis como as máquinas e este é o aspeto mais importante, mais

sensível, da operação.

— Sim, suponho que sim, Aleksey. Pois bem, notifiquem o Bubovoy de que uma mensagem, que será entregue em mão, já vai a caminho.

— Agora, camarada diretor, ou depois de a termos assinada e pronta a ser despachada? — Rojdestvenskiy fez a pergunta como um hábil burocrata, fazendo com que o seu chefe chegasse à resposta certa sem a pronunciar em voz alta.

Este coronel há de ir longe, pensou o ministro dos Negócios Estrangeiros, reparando no seu nome pela primeira vez.

— Uma boa questão, coronel. Muito bem, irei informá-lo logo que a carta esteja pronta a ser enviada.

— Irei seguir as suas ordens, camarada diretor. Ainda precisa de mim?

— Não, é tudo por agora — respondeu Andropov, antes de ele sair.

— Yuriy Vladimirovitch, tem um bom ajudante.

— Sim, ainda tenho tanto que aprender aqui — admitiu Andropov. — E ele contribui para isso todos os dias.

— Tem sorte em ter tanto pessoal especializado.

— Na verdade, Andrey Andreyevitch. Na verdade…

Ao fundo do corredor, no seu escritório, Rojdestvenskiy redigiu o despacho informativo para Bubovoy. Aquilo estava a andar depressa, pensou ele, mas não suficientemente depressa para o diretor do KGB. Ele queria mesmo que esse padre morresse. Decerto, o Politburo parecia temer terramotos políticos, mas o próprio Rojdestvenskiy duvidava. O papa, apesar de tudo, era apenas uma pessoa, mas o coronel, como um bom funcionário, organizara o seu aconselhamento de acordo com aquilo que o seu chefe queria ouvir, enquanto informava também o diretor dos assuntos que ele precisava de saber. Na verdade, a sua função pressupunha grandes poderes. Rojdestvenskiy sabia que poderia dar cabo das carreiras dos oficiais de quem não gostasse e influenciar bastante as operações. Se a CIA alguma vez o tentasse recrutar, poderia tornar-se um agente de grande importância. Contudo, o coronel Rojdestvenskiy era um patriota e, para além do mais, os americanos não tinham ideia do que ele fazia, nem de quem ele era. A CIA era mais temida do que merecia. Os americanos não tinham grande jeito para a espionagem. Os ingleses tinham-no, porém, o KGB e os seus

antecedentes tinham tido bastante sucesso a infiltrarem-se no passado. Um pouco menos hoje, infelizmente. Os jovens comunistas de Cambridge da década de 1930 eram já todos velhos (ou estavam em prisões britânicas ou a receberem em paz as suas pensões do governo, ou até a viver em Moscovo), como o Kim Philby, que era considerado um bêbedo, mesmo pelos moscovitas. Provavelmente bebia porque tinha saudades do seu país, sentia falta do local onde crescera, da comida, das bebidas e dos jogos de futebol, dos jornais com os quais discordava sempre filosoficamente, mas dos quais, apesar de tudo, tinha saudades. *Que coisa terrível deveria ser a vida de um desertor*, pensou Rojdestvenskiy.

Que devo fazer?, perguntava-se Zaitzev. *Que devo pedir*?

Dinheiro? A CIA pagava provavelmente muito bem aos seus espiões, mais dinheiro do que ele poderia gastar. Luxo para lá da sua imaginação. Um leitor de videocassetes! Estes começavam a aparecer na Rússia, sobretudo os que eram feitos na Hungria, de acordo com os modelos do Ocidente. O maior problema era arranjar as cassetes — as pornográficas tinham uma grande procura. Alguns dos seus colegas do KGB falavam nessas coisas. Zaitzev nunca vira uma, mas estava curioso, tal como qualquer outro homem. A União Soviética era gerida por homens tão conservadores… Talvez os membros do Politburo fossem demasiado velhos para gostarem de sexo, de modo que não viam que os mais novos pudessem gostar.

Abanou a cabeça. Já chega! Ele tinha de decidir o que dizer ao americano no metro. Essa foi uma tarefa que ele mastigou com o almoço na cantina do KGB.

CAPÍTULO 15

LOCAL DE ENCONTRO

Esperava-se que, por vezes, Mary Pat fosse à embaixada, para ver o marido acerca de questões relacionadas com a família, ou para comprar vários géneros de comida no comissariado. Para o fazer, vestia-se sempre muito bem, melhor do que para andar nas ruas de Moscovo, com o cabelo bem penteado e preso com uma bandolete, que lhe dava um ar jovem, e com maquilhagem, de modo que, quando entrava com o carro no parque de estacionamento das instalações, parecia ser uma típica loura americana desmiolada. Sorriu para si mesma. Gostava de ser uma loura natural e tudo o que a fazia parecer estúpida ajudava ao seu disfarce.

Assim, entrou pela porta da frente, cumprimentando com um gesto alegre os fuzileiros muito educados, e depois no elevador. Encontrou o marido sozinho no escritório.

— Olá, querida. — Ed levantou-se para a beijar, depois recuou para olhar melhor para ela. — Estás com um ótimo aspeto.

— Bem, trata-se de um bom disfarce. — Este também tinha funcionado muito bem no Irão, especialmente quando ela estava grávida. Aquele país não tratava muito bem as mulheres, mas estendia-lhes uma estranha deferência, especialmente quando estavam grávidas, segundo o que ela se dera conta, mesmo antes de lá ter saído para sempre. Era um posto do qual Mary Pat não tinha muitas saudades.

— Sim, querida. Só tenho de te arranjar uma prancha de surfe e uma bela praia, talvez a Banzai Pipeline.

— Oh, Ed, essa é tão *tubular*. E a praia de Banzai é no Havai, meu parvo. — Uma rápida mudança de velocidades. — Será que a bandeira foi içada da maneira errada?

— Sim, as câmaras de televisão não mostraram ninguém na rua a prestar-lhe uma atenção particular. Mas podia ver-se à distância de um quarteirão e as câmaras de segurança não alcançam tão longe. Vamos ver se o nosso amigo me põe uma mensagem no bolso quando hoje for para casa.

— Que disseram os fuzileiros? — perguntou ela.

— Perguntaram porquê, mas o Dominic não lhes disse nada. Que diabo, ele também não sabe, pois não?

— O Dominic é um bom espião — avaliou Mary Pat.

— Oh, o Ritter gosta dele — lembrou Foley. Tirou uma mensagem da gaveta e deu-lha.

— Merda! — exclamou Mary, lendo-a rapidamente. — O papa? Aqueles cabrões querem matar o papa? — Mary Pat nem sempre falava como uma loura californiana.

— Bem, não existe informação que o sugira diretamente, mas, se o querem fazer, cabe-nos a tarefa de o descobrir.

— Parece-me uma boa tarefa para o LENHADOR. — Este era o homem deles no Secretariado do Partido.

— Ou talvez para o CARDEAL? — especulou Ed.

— Ainda não o pusemos de aviso — indicou Mary Pat, mas em breve seria altura de o fazer. Eles observavam o seu apartamento todas as noites devido aos sinais de luzes e persianas na sua sala de jantar. O andar onde ele vivia não era muito longe do deles e a linha de espionagem estava bem estabelecida, começando com um pedaço de fita colada no candeeiro de rua. Colocar esse sinal era tarefa de Mary Pat. Ela já passeara com o pequeno Eddie por ali meia dúzia de vezes. — Será que se trata de um trabalho para ele? — perguntou ela.

— O presidente quer saber — apontou o marido.

— Pois. — Mas o CARDEAL era o mais importante agente local que eles tinham, e não era um que eles pudessem alertar, a não ser que o assunto fosse mesmo crítico. O CARDEAL também saberia informá-los disso, por si mesmo, caso o viesse a saber. — Eu esperaria mais um pouco, a não ser que o Ritter seja de outra opinião.

— De acordo — concedeu Ed Foley. Se Mary Pat recomendava cautela, era porque esta se justificava. Apesar de tudo, ela era o elemento do casal que gostava de correr riscos e de apostar as suas aptidões contra as probabilidades da casa. Mas isso não queria dizer que a sua mulher agia descuidadamente.

— Será interessante saber o que é que o teu novo contacto irá fazer a seguir.

— Aposto o teu lindo rabinho que sim, querida. Queres conhecer o embaixador?

— Sim, acho que já é tempo.

— Então, a restabelecer-se de ontem? — perguntou Ryan a Harding. Era a primeira vez que ele chegava ao trabalho antes do colega.

— Sim, suponho que sim.

— Se o fizer sentir melhor, eu próprio ainda não conheço a primeira-ministra e não estou a antecipar a experiência. Como o Mark Twain disse acerca do fulano que foi coberto com pez e penas, se não fosse pela honra da coisa, teria tentado evitá-la.

Harding teve um riso breve.

— Precisamente, Jack, sente-se uma certa fraqueza nos joelhos.

— Será que ela é tão rija como dizem?

— Não sei bem se gostaria de jogar râguebi contra a equipa dela. Ela também é muitíssimo inteligente. Nada lhe escapa e faz perguntas muito pertinentes.

— Bem, dar-lhes uma resposta é a razão pela qual nos pagam, Simon — sublinhou Ryan. Não fazia sentido ter medo de pessoas que também estavam a fazer o seu trabalho e que precisavam de boa informação para o poderem fazer como devia ser.

— E, Jack, ela também tem de fazer perguntas no Parlamento.

— Sobre este tipo de coisa? — perguntou Jack, surpreendido.

— Não, não sobre estas coisas. Este tipo de questões é ocasionalmente discutido com a oposição, mas sob regras estritas.

— Está preocupado com fugas de informação? — perguntou Jack, pensativo. Na América havia comités selecionados cujos membros eram meticulosamente informados sobre o que podiam ou não dizer. A Agência preocupava-se com essas fugas, apesar de tudo eram políticos, mas ele nunca ouvira falar de nada de muito sério que saísse da colina do Capitólio. Mais frequentemente, vinham de dentro da Agência e, principalmente do sétimo andar, ou da ala oeste da Casa Branca. Isso não queria dizer que a CIA se sentisse confortável com fugas de qualquer tipo, mas, pelo menos, estas eram na sua maioria sancionadas e, muitas vezes, eram desinformação que tinha fins políticos por detrás. O mesmo se passaria talvez ali, especialmente dado que os meios de comunicação noticiosos operavam sob controlos que teriam dado um sério ataque de raiva ao *The New York Times*.

— Uma pessoa está sempre a pensar nelas, Jack. Então veio alguma coisa nova na noite passada?

— Nada de novo acerca do papa — relatou Ryan. — As nossas fontes, tal como são, esbarram numa parede. Será que vai largar os seus espiões no terreno?

— Sim, a primeira-ministra disse claramente ao Basil que queria mais informação. Se alguma coisa acontece a Sua Santidade, bem…

— … a cabeça dela explode, não é verdade?

— Vocês, americanos, usam expressões terríveis, Jack. E o vosso presidente?

— Ele vai ficar pior do que uma barata, e com esta expressão não estou a mencionar falta de higiene. O pai dele era católico e a mãe criou-o como um protestante, mas ele não iria ficar nada contente se o papa apanhar nem que seja uma constipação de finais de verão.

— Vocês sabem que, mesmo que lhe dêmos alguma informação, não é certo que ele possa fazer o que quer que seja com ela.

— Também penso assim, mas pelo menos poderemos dizer alguma coisa à sua equipa de guarda-costas. Isso podemos fazer, e talvez ele possa mudar a sua agenda… não, não o fará. Ele irá preferir expor-se à bala como um homem. Mas talvez possamos interferir com aquilo que os bandidos possam estar a planear. Não podemos saber até termos uns quantos factos em que nos basearmos. Mas essa não é bem a nossa função, pois não?

Harding abanou a cabeça e mexeu o chá da manhã.

— Não, são os agentes no terreno que nos informam, e nós tentamos determinar o que essa informação quer dizer.

— Frustrante — afirmou Ryan, pensativo. Harding estava naquela função há muito mais tempo do que ele.

— Na maior parte dos casos, sei que os agentes no terreno suam sangue a fim de completarem as suas tarefas, e que até pode ser francamente perigoso para aqueles que não têm uma cobertura jurídica, mas nós, que usamos a informação, nem sempre o podemos ver da perspetiva deles. Como resultado, não nos apreciam do mesmo modo como nós os apreciamos a eles. Já conheci alguns, ao longo destes anos, e são boas pessoas, mas é um choque de culturas, Jack.

Os agentes no terreno são provavelmente bastante bons a analisarem-se uns aos outros, quando pensamos melhor, cogitou Ryan. *Quantas vezes é que a comunidade de analistas aprecia efetivamente esse facto*… Era algo para Ryan inserir no seu ficheiro mental de coisas a não esquecer. A Agência devia ser uma grande equipa feliz, apesar de tudo. É claro que não era, mesmo ao nível do

sétimo andar.

— De qualquer modo, obtivemos isto que nos veio da Alemanha de Leste. — Jack passou-lhe o ficheiro. — Alguns tremores de terra na hierarquia política deles, na semana passada.

— Esses sacanas desses prussianos — murmurou Harding, quando lhe pegou e observou a primeira página.

— Alegre-se, os russos também não gostam nada deles.

— Não os critico nem um bocadinho.

Zaitzev estava a pensar afincadamente à sua secretária, enquanto o seu cérebro estava em piloto automático. Teria de se encontrar com o seu novo amigo americano. Tal envolvia perigo, a não ser que ele pudesse arranjar um lugar agradável e anónimo. As boas notícias eram que Moscovo estava cheia desses lugares. As más eram que a Segunda Direção-Geral do KGB conhecia provavelmente todos eles. Mas eram bastante concorridos e isso não era importante.

Que iria ele dizer?

Que iria ele pedir?

Que lhes iria ele oferecer?

Estas eram todas boas perguntas, não eram? Os perigos iriam aumentar. O melhor resultado possível seria se ele deixasse a União Soviética para sempre, com a mulher e a filha.

Sim, era isso que ele lhes iria pedir e, se os americanos dissessem que não, ele limitar-se-ia a regressar à sua realidade costumeira, sabendo que tinha tentado. Ele tinha coisas que eles iriam querer, e ele tornar-lhes-ia bem claro que o preço dessa informação seria a sua fuga.

Viver no Ocidente, pensou. Todas as coisas decadentes que o Estado pregava a todos os que pudessem ler um jornal ou ver televisão, todas as coisas horríveis que eles diziam. O modo como a América tratava as suas minorias. Eles até mostravam imagens na televisão sobre os bairros de lata… mas também mostravam automóveis. Se a América oprimia os seus negros, então, por que motivo lhes permitia comprarem tantos automóveis? Por que razão lhes era permitido fazerem escaramuças nas ruas? Se esse tipo de desacatos acontecesse na URSS, o governo chamaria logo as forças armadas. De modo que, não, a

propaganda do Estado não poderia ser inteiramente verdadeira, pois não? E, para além disso, será que ele não era branco? Que se importaria ele com alguns negros descontentes que poderiam comprar qualquer carro que lhes apetecesse? Como muitos russos, ele apenas vira pessoas negras na televisão. A sua primeira reação era pensar se haveria realmente um homem de chocolate, mas, sim, havia. O KGB tinha operações em África. Porém, pôs-se a pensar: Será que ele se lembrava de uma operação na América a cargo de um agente negro? Não havia muitos, talvez um ou dois, e esses homens tinham sido sargentos no Exército americano. Se os negros eram oprimidos, como é que conseguiam tornar-se sargentos? No Exército Vermelho, apenas os politicamente confiáveis podiam entrar para a Escola de Sargentos. De modo que isso era mais uma mentira… e essa somente porque ele trabalhava para o KGB. Que outras mentiras lhe teriam dito? Por que não ir-se embora? Por que não pedir um bilhete de saída aos americanos?

Mas será que lho iriam dar?, pensou Zaitzev.

Decerto que sim. Ele poderia informá-los acerca de todo o tipo de operações do KGB no Ocidente. Ele sabia o nome dos oficiais e os nomes de código dos agentes… traidores aos governos ocidentais, pessoas que eles desejariam definitivamente eliminar.

Não seria isso ser cúmplice de um assassínio?, interrogou-se.

Não, não era. Essas pessoas eram *traidoras*, apesar de tudo. E um traidor era um traidor…

E isso faz de ti o quê, Oleg Ivanovitch?, perguntou-lhe a vozinha dentro da sua cabeça, só pelo prazer de o atormentar.

Mas ele era agora suficientemente forte para a afastar com um simples movimento da sua cabeça, para a esquerda e para a direita. Traidor? Não, ele estava a *impedir* um assassínio, isso era algo honroso e ele era um homem honrado.

Contudo, ainda teria de pensar num modo de o fazer. Tinha de se encontrar com o espião americano e dizer-lhe o que ele queria saber.

Onde e como?

Teria de ser num lugar com muita gente, onde as pessoas pudessem dar encontrões umas às outras, de um modo tão natural que mesmo um contraespião da Segunda Direção-Geral não fosse capaz de ver o que estava a acontecer, ou de

ouvir o que estava a ser dito.

E, de súbito, deu-se conta: a sua mulher trabalhava num lugar desses.

Assim, ele iria escrevê-lo num outro formulário e fazer a transferência no metro, como já fizera duas vezes. Depois logo veria se o americano estaria interessado em entrar no jogo. Ele estava agora no lugar do diretor, não estava? Tinha uma coisa que eles queriam e ele controlava o modo como eles a poderiam obter, tal como poderia estabelecer as regras desse jogo que eles teriam de jogar de acordo com essas regras. Era afinal muito simples, não era?

Sim, disse a si mesmo.

Não seria isso uma coisa ótima? Ele estaria a fazer algo que o KGB sempre quisera fazer — ditar certos termos à CIA americana.

Diretor por um dia, disse o oficial de comunicações para si mesmo. As palavras adquiram para ele um sabor delicioso.

Em Londres, Cathy assistia enquanto dois cirurgiões de oftalmologia operavam um tal Robert Smithson, um assentador de tijolos com um tumor por detrás do olho direito. As radiografias mostravam uma massa com cerca de metade do tamanho de uma bola de golfe. Esta era tão preocupante que o Senhor Smithson só esperara cinco semanas pelo procedimento. Isso seriam talvez mais trinta e três dias do que teria ocorrido no Hopkins, mas consideravelmente mais rápido do que o costume em Inglaterra.

Os dois cirurgiões de Moorefields eram Clive Hood e Geoffrey Phillips, ambos residentes efetivos e experientes. Era um procedimento relativamente rotineiro. Após terem exposto o tumor, um fragmento era removido para ser congelado e enviado para Patologia. Eles tinham um bom histopatologista de serviço e seria este que iria decidir se o tumor era benigno ou maligno. Cathy esperava que fosse o primeiro, dado que a variedade maligna daquele tumor poderia ser problemática para as vítimas. Mas as probabilidades encontravam-se claramente do lado do doente, pensava ela. Após um exame visual, não parecia ser particularmente agressivo e os olhos dela funcionavam oitenta por cento do tempo. Era má ciência dizer isso a si mesma e ela sabia-o. Era quase superstição, porém, os cirurgiões, tais como os jogadores de beisebol, sabiam tudo acerca de superstições. Era por isso que calçavam as meias da mesma maneira todas as manhãs (colãs no caso dela), porque isso se encaixava num padrão de vida, e os

cirurgiões eram criaturas de hábitos e tendiam a traduzir esses estúpidos hábitos pessoais em resultados e procedimentos. De modo que, com a secção congelada a caminho do Departamento de Patologia, era apenas uma questão de extirpar a massa encapsulada de um rosa acinzentado…

— Que horas são, Geoffrey? — perguntou o Doutor Hood.

— Um quarto para a uma, Clive — respondeu o Doutor Phillips, olhando para o relógio de parede.

— Então, e se fizéssemos um intervalo para almoço?

— Por mim, tudo bem. Já comia qualquer coisa. Temos de chamar outro anestesiologista para manter o Senhor Smithson inconsciente — observou o anestesista.

— Pois bem, telefone e arranje um, Owen, se não se importa — sugeriu Hood.

— Vou já fazê-lo — concordou o Doutor Ellis. Saiu da cadeira à cabeceira do doente e foi até ao telefone de parede. Não demorou mais do que uns segundos. — Daqui a dois minutos.

— Ótimo. Onde vamos, Geoffrey? — perguntou Hood.

— Ao Frog and Toad? Eles servem umas sandes de bacon muito boas com alface, tomate e batatas fritas.

— Não podia ser melhor — retorquiu Hood.

Cathy Ryan, que estava de pé por detrás do Doutor Phillips, manteve a boca calada sob a máscara cirúrgica, mas os seus olhos azuis, cor de porcelana, abriram-se muito. Iam deixar um doente inconsciente na mesa operatória, enquanto iam almoçar? Quem eram aqueles tipos, curandeiros?

O anestesista sobresselente chegou precisamente nessa altura, de bata branca e pronto a assumir a sua função.

— Alguma coisa que eu precise de saber, Owen? — perguntou ele a Ellis.

— Trata-se de mera rotina — esclareceu o anestesista. Apontou para os vários instrumentos que mediam os sinais vitais do doente e estes estavam mesmo no centro dos valores normais, segundo o que Cathy pôde ver, mas, mesmo assim…

Hood conduziu-os ao vestiário, onde os quatro médicos tiraram as batas verdes e vestiram os casacos, depois foram para o corredor e desceram as escadas até ao nível da rua. Cathy seguiu-os, sem saber bem que outra coisa fazer.

— Então, Caroline, está a gostar de Londres? — inquiriu Hood,

simpaticamente.

— Gostamos muito — respondeu ela, ainda um pouco chocada.

— E os seus filhos?

— Bem, temos uma ama muito boa, uma jovem da África do Sul.

— Um dos nossos costumes locais mais civilizados — observou Phillips, expressando aprovação.

O bar ficava a mais ou menos um quarteirão, a oeste de City Road. Encontraram logo uma mesa. Hood apressou-se a tirar um cigarro e acendeu-o, dando-se conta do olhar reprovador de Cathy.

— Sim, Senhora Ryan. Sei que não é saudável e que não fica nada bem a um médico, mas todos nós também temos direito a uma fraqueza humana, não acha?

— Está à procura de aprovação por parte da pessoa errada — respondeu ela.

— Ah, então irei desviar o fumo de si — disse Hood com uma gargalhada, enquanto o empregado se aproximava. — Que marcas de cerveja têm aqui? — perguntou-lhe.

Era bom que ele fumasse, disse Cathy para si mesma. Ela tinha dificuldade em lidar com mais do que um choque de cada vez, mas, pelo menos, para esse recebera um aviso. Hood e Phillips decidiram beber cerveja John Courage. Ellis preferiu um *Tetley*. Cathy optou por uma *Coca-Cola*. Os médicos falaram sobretudo de coisas de medicina, como geralmente costumavam fazer.

Pela sua parte, Caroline Ryan sentou-se melhor na sua cadeira de madeira, observando dois médicos a beberem cerveja e, num dos casos, a fumar um cigarro, enquanto o bom do doente inconsciente estava a tomar protóxido de azoto na sala de operações n.º 3.

— Então, como é que fazemos as coisas aqui? Muito diferente do que no Johns Hopkins? — perguntou Hood, ao apagar o cigarro.

Cathy quase se engasgou, mas decidiu não fazer nenhuns dos comentários que lhe iam na cabeça.

— Bem, a cirurgia é a cirurgia. Surpreende-me que não tenham muitas TAC. O mesmo para as ressonâncias magnéticas e para a tomografia por emissão de positrões. Como é que podem passar sem elas? Quero dizer, na América, no caso do Senhor Smithson, não pensaria em operá-lo sem uma boa série de imagens do tumor.

— Não sei se sabem, mas ela tem razão — disse Hood, após refletir por

instantes. — O nosso assentador de tijolos podia ter esperado mais uns meses se tivéssemos uma melhor ideia da extensão do tumor.

— E esperam tanto tempo por um hemangioma? — ripostou Cathy. — Na América fazemo-los de imediato. — Ela não teve de acrescentar que aquelas coisas *doíam* dentro da cabeça. Causavam uma protrusão frontal do globo ocular, por vezes com visão turva, que fora a razão pela qual o Senhor Smithson fora a um médico local em primeiro lugar. Ele também relatara tremendas dores de cabeça que deveriam ter dado com ele em doido, até lhe terem dado um analgésico à base de codeína.

— Bem, as coisas aqui funcionam de um modo um pouco diferente.

Ah, deve ser uma boa maneira de praticar medicina, à hora em vez de por doente. O almoço chegou. A sandes não era má, melhor do que a comida de hospital que ela estava habituada a comer, mas não conseguia ultrapassar o facto de aqueles fulanos estarem a beber *cerveja*! A cerveja local tinha cerca do dobro do conteúdo alcoólico da americana e estavam a beber uma caneca… *meio litro*! *Que diabo se estava ali a passar*?

— Quer *ketchup* para as suas batatas, Cathy? — Ellis empurrou o frasco na direção dela. — Ou será que deveria ter dito Lady Caroline? Ouvi dizer que Sua Alteza é padrinho do seu filho.

— Bem, até certo ponto. Ele concordou. O Jack perguntou-lho, de improviso, no hospital da Academia Naval. Os verdadeiros padrinhos são o Robby e a Sissy Jackson. O Robby é um piloto naval de combate; a Sissy toca piano em concertos.

— Esse era o indivíduo negro nos jornais?

— Pois era. O Jack conheceu-o quando eram ambos professores na Academia Naval e eles são muito chegados.

— Pois, então a reportagem noticiosa estava correta. Quero dizer…

— Tento não pensar muito nisso. A única coisa boa que aconteceu nessa noite foi que o pequeno Jack nasceu.

— Percebo isso muito bem, Cathy — respondeu Ellis, enquanto comia a sandes. — Se a reportagem noticiosa foi fiável, deve ter sido uma noite terrível.

— Não foi nada divertida. — Ela conseguiu sorrir. — O trabalho de parto e o nascimento foram a melhor parte.

Os três ingleses riram-se bastante com o comentário. Todos tinham filhos e

todos tinham estado presentes nos nascimentos, que não eram mais divertidos para as mulheres britânicas do que para as americanas. Meia hora depois, estavam de regresso a Moorefields. Hood fumou outro cigarro pelo caminho, embora tivesse as boas maneiras de evitar que o fumo atingisse a colega. Dez minutos depois estavam na sala de operações. O anestesista, que estivera ali no ponto crítico do jogo, relatou-lhes que nada de anormal se passara e a cirurgia recomeçou.

— Quer que o assista agora? — perguntou Cathy, esperançada.

— Não, obrigado, Cathy — respondeu Hood. — Consigo desenvencilhar-me — acrescentou, enquanto se debruçava sobre o doente que, estando bem adormecido, não poderia cheirar-lhe a cerveja no hálito.

A Doutora Caroline Ryan, médica, FACS, pensou que se deveria felicitar a si mesma por não ter começado a gritar, mas inclinou-se também para o doente para se certificar de que aqueles dois ingleses não se enganavam e retiravam o ouvido do doente por engano. *Talvez o álcool ajude a manter as mãos firmes*, pensou ela. Mas teve de se concentrar para impedir que as suas mãos tremessem.

O Crown and Cushion era um bar londrino típico e muito agradável. A sandes estava ótima e Ryan estava a beber uma caneca de cerveja *John Smith's*, enquanto ia falando acerca de coisas do escritório com Simon. Ele ainda pensou que poderiam servir cerveja na cantina da CIA, mas isso nunca seria permitido. Alguém no Congresso iria descobri-lo e armar um escândalo em frente das câmaras da televisão por cabo, enquanto saboreasse um copo de Chardonnay no edifício do Capitólio, é claro, ou até algo um pouco mais forte, no escritório. A cultura ali era diferente, e *vive la différence*, pensou, caminhando por Westminster Bridge Road na direção do Big Ben… do sino, não da *torre* do sino que era, de facto, St. Mary's Bell Tower, independentemente dos erros turísticos. Os parlamentares tinham ali três ou quatro bares no edifício, Ryan tinha a certeza. E talvez não ficassem mais bêbedos do que os seus colegas americanos.

— Não sei se sabe, Simon, creio que toda a gente está preocupada com isto.

— Foi uma pena que ele tivesse enviado aquela carta para Varsóvia, não foi?

— Será que estava à espera que ele não o fizesse? — ripostou Ryan. — Eles são seus conterrâneos, apesar de tudo, são da pátria dele. É a sua paróquia que os russos estão a tentar pisar.

— Esse é o problema — concordou Harding. — Mas os russos não irão mudar. Existe um impasse.

Ryan assentiu com um aceno de cabeça.

— Pois, quais as hipóteses de os russos desistirem?

— A não ser que haja uma questão de força maior, não há grandes hipóteses. Será que o vosso presidente os irá avisar?

— Mesmo que pudesse, não o iria fazer. Não em algo como isto, meu amigo.

— Então temos dois lados. Um orienta-se pelo que pensa ser o verdadeiro curso moral da ação; e o outro por necessidade política, por medo de não agir. Tal como lhe disse, Jack, é um sacana de um impasse.

— O padre Tim, em Georgetown, gostava de dizer que as guerras eram iniciadas por homens medrosos. Receiam as consequências da guerra, mas receiam ainda mais não lutarem. É um diabo de um modo de gerir o mundo — considerou Ryan, em voz alta, abrindo a porta para o amigo.

— Penso que agosto de 1914 é o modelo.

— Pois é, mas pelo menos esses tipos acreditavam todos em Deus. A Segunda Guerra já foi um pouco diferente nesse respeito. Os atores, nessa, pelo menos os maus, não viviam sob essa restrição em particular. Nem os fulanos em Moscovo. Como sabe, tem de haver limites para as nossas ações, caso contrário transformamo-nos em monstros.

— Diga isso ao Politburo, Jack — sugeriu Harding, com ligeireza.

— Sim, Simon, está-se mesmo a ver. — Ryan dirigiu-se para a casa de banho, para descarregar parte do seu almoço líquido.

O fim da tarde não chegou suficientemente cedo para ambos os envolvidos. Ed Foley pensava no que viria a seguir. Não havia garantias de que aquele fulano prosseguisse o que tinha começado. Poderia sempre arrepender-se — com efeito seria muito sensato se o fizesse. A traição era perigosa fora da Embaixada dos EUA. Ele ainda estava a usar a gravata verde (a outra. Ele tinha duas por uma questão de sorte), porque chegara ao ponto em que a sorte era importante. Fosse quem fosse esse fulano, oxalá não se arrependesse.

Vamos lá, Ivan, continua a vir que eu dou-te o charro, pensou Foley, tentando alcançá-lo com a sua mente. *Um passe vitalício para a Disneylândia e para todos os jogos de futebol que tu queiras ver. O Oleg Penkovskiy queria*

encontrar-se com o Kennedy e, sim, talvez o possamos arranjar com o novo presidente. Que diabo, até te vamos levar a ver um filme na sala de cinema da Casa Branca.

E, do outro lado da cidade, Mary Pat estava a pensar exatamente a mesma coisa. Se aquilo desse mais um passo, ela desempenharia um papel no futuro drama. Se aquele fulano trabalhasse para o MERCÚRIO russo e se quisesse um bilhete para sair da Mãe Rússia, então ela e Ed teriam de arranjar um modo para que tal acontecesse. Havia maneiras que já tinham sido usadas antes, mas não eram o que designamos por «rotina». A segurança nas fronteiras da União Soviética não era perfeita, mas era muito apertada. Suficientemente apertada para que suássemos a tentar iludi-la e, embora ela tivesse o tipo de postura que por vezes funcionava bem, quando estava no meio de jogos sérios, não era o bastante para nos sentirmos confortáveis. De modo que ela começou a debater algumas ideias, apenas na sua cabeça, enquanto trabalhava em volta do apartamento, o pequeno Eddie dormia o sono da tarde e as horas iam passando, em lentos segundos de cada vez.

Ed Foley ainda não tinha enviado quaisquer mensagens para Langley. Não era ainda a altura para o fazer. Não tinha nada de concreto para relatar e não havia necessidade de pôr Bob Ritter muito excitado acerca de uma coisa que ainda não se desenvolvera. Acontecia várias vezes: as pessoas aproximavam-se da CIA e depois hesitavam e desistiam. Não se poderia ir atrás delas. Na maior parte dos casos, nem se sabia quem eram e, caso se soubesse e a pessoa tivesse desistido, a única coisa sensata para o outro fulano fazer seria denunciar-nos ao KGB. Tal indicava que se era um espião (o que queria dizer que para o nosso país valíamos zero), fazendo do denunciante um leal e vigilante cidadão soviético desempenhando o seu dever para com a Pátria.

As pessoas não se davam conta de que a CIA raramente recrutava os seus agentes. Não, essas pessoas vinham ter com eles, por vezes de um modo hábil, outras não. Isso deixava-os expostos a uma «operação de bandeira falsa». O FBI americano era bom nesse tipo de jogo e a Segunda Direção-Geral do KGB também era conhecida por usar o gambito apenas para identificar os espiões entre o pessoal das embaixadas, o que era sempre algo que valia a pena. Se soubéssemos quem era, podíamos segui-los e vê-los a passar as suas mensagens

e, depois, ficar nesse local para ver quem as viria buscar. Assim, apanhava-se o traidor que nos poderia conduzir até outros traidores e, com sorte, poder-se-ia apanhar toda uma rede de espiões, o que dava a quem o fizesse uma estrela dourada, bem, uma bela estrela vermelha, no caderno. Os oficiais de contraespionagem poderiam construir toda uma carreira a partir de um caso como esse, quer na Rússia, quer nos EUA, de modo que trabalhavam afincadamente nisso. As pessoas da Segunda Direção eram numerosas (supostamente, metade do pessoal do KGB fazia parte dela) e eram espertas, espiões profissionais com toda a espécie de recursos, e com a paciência de um abutre a pairar no céu sobre o deserto do Arizona, cheirando o ar à procura do odor de uma lebre morta, depois descendo a pique, para se banquetear com a carcaça.

Mas o KGB era mais perigoso do que um abutre. Este não caçava ativamente. Ed Foley nunca poderia ter a certeza se não estaria a ser seguido enquanto andava por Moscovo. Oh, é claro, ele podia ver um, mas isso poderia ser um esforço deliberado para pôr um agente desastrado (ou excessivamente inteligente) atrás dele, para ver se ele o tentaria afastar. Todos os agentes de informação eram treinados em vigilância e em contravigilância e as técnicas eram ambas universalmente válidas e universalmente reconhecidas, de modo que Foley *nunca* as usava. Nunca. Nem uma vez. Era demasiado perigoso ser-se arguto nesse jogo, porque nunca se conseguiria ser excessivamente arguto. Havia outros contramovimentos para serem usados se necessário, como o pré-planeado ligeiro encontrão para passar mensagens, conhecido por qualquer espião no mundo, porém, mesmo assim, muito difícil de observar devido à sua simplicidade. Não, quando isso acontecia era geralmente porque o agente fora confundido. Era muito mais difícil ser-se um agente do que trabalhar no terreno. Foley tinha cobertura diplomática. Os russos podiam ter um filme em que ele estivesse a maltratar a cabra de estimação de Andropov e não poderiam fazer nada. Ele era tecnicamente um diplomata, protegido pela Convenção de Viena, o que tornava a sua pessoa inviolável, mesmo em tempo de guerra, se bem que as coisas se pudessem, nesse caso, complicar mais um pouco. Mas isso, segundo Foley, não era um problema. Ele seria aniquilado, como qualquer outra pessoa em Moscovo nesse tempo, e ficaria sozinho em não importa que outra vida no além os espiões tivessem.

Ele tentava desviar a sua mente das irrelevâncias, se bem que estas o pudessem entreter. Tudo se resumia a uma coisa: será que o seu amigo Ivan daria o próximo passo, ou será que desapareceria entre a multidão, com a satisfação de que conseguira fazer a Embaixada dos EUA dançar ao som da sua música, numa fria manhã de Moscovo? Para descobrir isso teria de mostrar as cartas. Tratar-se-ia de um *blackjack* ou apenas de um par de quatros?

Foi por isso que entraste para este ramo, Ed, recordou Foley a si mesmo, devido à emoção da perseguição. Era, sem dúvida, uma emoção, mesmo que o jogo desaparecesse nas brumas da floresta. Era mais divertido esfolar o urso do que cheirá-lo.

Por que estaria este fulano a fazer aquilo? Dinheiro? Ideologia? Consciência? Ego? Estas eram as razões clássicas, resumidas no acrónimo DICE. Alguns espiões queriam apenas o frasco de maionese cheio de notas de cem dólares. Alguns tinham começado a acreditar na política dos países estrangeiros, que serviam com o fervor religioso de recém-convertidos. Outros estavam aborrecidos porque a sua Pátria estava a fazer algo que eles não poderiam aceitar. Outros ainda sabiam apenas que eram melhores do que os seus patrões e que essa era uma maneira de fazer um ajuste de contas com esses filhos da puta.

Historicamente, os espiões ideológicos eram os mais produtivos. Muitos deles dariam as suas vidas pelas suas crenças, e era por isso que as guerras religiosas eram tão sangrentas. Foley preferia os que eram monetariamente motivados. Estes eram sempre racionais e corriam riscos, porque, quanto maior fosse o risco, maior seria a recompensa. Os agentes incitados pelo ego eram sensíveis e problemáticos. A vingança nunca era um bom motivo para fazer o que quer que fosse, e esses indivíduos eram geralmente instáveis. A consciência era quase tão boa como a ideologia. Pelo menos estes eram motivados por uma espécie de princípio. A verdade era que a CIA pagava bem aos seus agentes, quanto mais não fosse por um espírito de equidade e, para além disso, não fazia mossa que as pessoas acreditassem nisso. Saber que se seria devidamente compensado acabava por criar um excelente desempate para os que tinham dificuldade em decidir-se. Fosse qual fosse a origem da motivação, ser pago era sempre atrativo. O ideológico também precisava de comida, tal como os que eram motivados pela consciência. E os que só pensavam no ego davam-se conta de que viver bem era, efetivamente, uma ótima forma de vingança.

Qual destes és tu, Ivan?, pensava Foley. *O que te leva a traíres o teu país?* Os russos eram um povo ferozmente patriótico. Quando Stephen Decatur dissera «o nosso país, certo ou errado», poderia ter estado muito bem a falar como um cidadão russo. Mas o país era muito mal gerido, o que era trágico. A Rússia deveria ser a nação com mais má sorte. Em primeiro lugar, era demasiado grande para ser eficiente; depois fora dominada pelos ineptos Romanov; e, mais tarde, mesmo quando não podiam coartar a vitalidade da nação, tinham sido atirados aos gritos para as fauces da Primeira Guerra Mundial, sofrendo tantas baixas que Vladimir Ilyitch Ulianov (Lenine) fora capaz de a dominar e de instalar um regime político calculado para se autodestruir; em seguida, deram o país ao mais perverso psicopata desde Calígula, na pessoa de Iossif Estaline. A acumulação desse tipo de abuso estava a abalar a fé das pessoas que ali viviam…

A tua mente está a vaguear por todo o lado, Foley, disse o chefe de posto a si mesmo. Mais meia hora. Iria sair da embaixada a tempo de apanhar o metro, com a gabardina desabotoada e solta em volta do corpo, e esperar para ver. Foi até à casa de banho. De volta e meia, a sua bexiga ficava tão excitada como o seu intelecto.

Do outro lado da cidade, Zaitzev não se apressou. Ele só poderia escrever uma mensagem na folha do formulário — atirar uma outra folha fora à vista de toda a gente era muito perigoso, o saco dos papéis para serem incinerados não era de confiar, e ele não poderia queimar nenhum no cinzeiro —, de modo que, mentalmente, compôs a mensagem, depois voltou a pensar nas palavras e começou a repensá-las repetidamente.

O processo levou-lhe, no total, mais de uma hora e, em seguida, conseguiu escrever a mensagem sub-repticiamente, dobrá-la e metê-la dentro do maço de cigarros.

O pequeno Eddie pôs a sua videocassete favorita dos *Transformers* no leitor. Mary Pat estava a olhar para lado nenhum, por detrás da atenção focada do filho, sentada no chão da casa de jantar. Foi quando se deu conta.

É quem eu sou, apercebeu-se. *Transformo-me da dona de casa loura e desmiolada numa espia da CIA. E faço-o impecavelmente*. Esse pensamento agradava-lhe. Estava a dar ao urso soviético uma úlcera gástrica, de preferência uma que sangrasse e que só se pudesse atenuar bebendo leite e tomando

comprimidos. *Dentro de mais quarenta minutos, o Ed irá descobrir se o novo amigo quer mesmo jogar e, se o quiser fazer, tenho de agarrar o agente. Vou pegar-lhe na mão e encorajá-lo, tirar a sua informação e enviá-la para Langley.*

Que nos irá ele dar?, pensava. *Alguma coisa bela e sumarenta? Será que ele trabalha no Centro de Comunicações deles, ou será que tem apenas acesso ao livro dos formulários? Talvez haja muitos desses no Centro… bem, talvez, de acordo com os procedimentos de segurança*. Estes seriam bastante rigorosos. Só a raras pessoas seriam confiadas mensagens do KGB…

E isso era a minhoca pendurada no anzol, sabia ela, enquanto via um trator a gasóleo *Kenworth* a transformar-se num robô com duas pernas. Nesse Natal, teriam de começar a comprar aqueles brinquedos. Ela perguntava-se se o pequeno Eddie iria precisar de ajuda para os transformar.

A hora chegou. Ed iria sair da embaixada mesmo a tempo, o que seria um conforto para quem o andasse a seguir, se tal pessoa existisse. Se houvesse alguém, iria dar-se outra vez conta da gravata verde e pensar que a outra não era assim tão fora do normal… não tão estranha que constituísse uma espécie de sinal para um agente com quem ele pudesse estar a trabalhar. *Mesmo o KGB não pode pensar que cada empregado da embaixada é um espião*, disse Foley para si mesmo. Apesar de a paranoia ser uma pandemia na União Soviética, até mesmo eles conheciam as regras do jogo, e o seu amigo do *The New York Times* dissera provavelmente aos seus contactos que Foley era um estúpido filho da mãe que nem sequer chegara a repórter de notícias policiais em Nova Iorque, onde a polícia muito ocupada tornava esse ramo tão difícil como ver televisão durante os fins de semana. O melhor disfarce para um espião era ser extremamente estúpido, e que melhor pessoa para o despertar nele do que o arrogante Anthony (nunca apenas Tony) Prince.

Na rua, o ar era frio com a aproximação do outono. Ed perguntava-se se o inverno russo era como diziam que era. Se assim fosse, poderia sempre vestir-se para o tempo frio. Era o calor que Foley detestava, embora se lembrasse de jogar *stickball*[27] nas ruas e dos repuxos em algumas bocas de incêndio. A inocência da juventude estava muito para trás dele, já muito longe, refletiu o chefe de posto, olhando para o relógio de pulso ao entrar na estação de metro. Tal como antes, a eficiência do metro funcionou a seu favor e ele entrou na carruagem do costume.

Aí está ele, pensou Zaitzev, dirigindo-se na sua direção. O seu amigo americano estava a fazer tudo exatamente como antes, a ler o jornal, com a mão no corrimão junto ao teto e com a gabardina aberta e solta em volta do corpo… e, num minuto ou dois, já estava a seu lado.

A visão periférica de Foley ainda funcionava. A forma humana estava aí, vestida exatamente como antes. *Pois bem, Ivan, faz a tua transferência.… Tem cuidado, rapaz, tem muito cuidado*, dizia-lhe o pensamento, sabendo que esse tipo de coisa iria ser demasiado perigosa para ser mantida. Não, tinham de arranjar uma transferência de mensagens num local mais conveniente. Mas primeiro teriam de se encontrar e, provavelmente, ele iria deixar que Mary Pat lidasse com ele. Ela tinha um melhor disfarce.

Zaitzev esperou até a carruagem começar a andar mais devagar. Os corpos moveram-se quando isso aconteceu, ele pôs e retirou a mão do bolso que se lhe oferecia. Depois voltou-se, lentamente, não se afastando tanto a ponto de se tornar óbvio, apenas um movimento natural, facilmente explicável pelo andar da carruagem de metro.

Sim! Bom trabalho, Ivan. Cada fibra do seu corpo queria voltar-se para olhar para o indivíduo, mas as regras não o permitiam. Se houvesse alguém a segui-lo na carruagem, as pessoas iriam notá-lo e o trabalho de Foley não poderia ser notado. De modo que esperou pacientemente pela sua estação de metro e, dessa vez, voltou-se para a direita, para longe do Ivan, e saiu da carruagem para a plataforma e para o ar fresco da rua.

Não meteu a mão no bolso. Em vez disso foi a pé até casa, com um ar tão normal como um pôr do Sol num dia sem nuvens. Entrou no elevador, sem levar mesmo nesse momento a mão ao bolso, pois poderia haver uma câmara de vídeo no teto.

Apenas retirou a folha com a mensagem depois de ter entrado em casa. Dessa vez vinha preenchida, coberta com letras a tinta preta e, como antes, escrita em inglês. Fosse quem fosse o Ivan, refletiu Foley, era um homem educado e isso eram ótimas notícias, não eram?

— Olá, Ed. — Um beijo para os microfones. — Aconteceu qualquer coisa de interessante no trabalho?

— A bodega do costume. O que é o jantar?

— Peixe — respondeu ela, olhando para o papel na mão do marido e levantando de imediato os polegares.

Bingo!, ambos pensaram. Tinham um agente. Um espião desconhecido no KGB, disposto a trabalhar para eles.

---

[27] Jogo de rua que consiste numa mistura de beisebol e lacrosse. *(N. do T.)*

CAPÍTULO 16

UM CHAPÉU DE PELE PARA O INVERNO

— Fizeram o quê? — perguntou Jack.

— Interromperam a cirurgia, para irem almoçar a um bar, e cada um deles bebeu uma cerveja! — respondeu Cathy, repetindo-se.

— Bem, eu também fiz o mesmo.

— Tu não estavas *a operar* ninguém.

— Que aconteceria se tu fizesses isso na América?

— Oh, nada de especial — respondeu Cathy. — Talvez perdesse a minha cédula profissional, depois de o Bernie me ter amputado as putas das mãos com uma serra mecânica!

Isso despertou a atenção de Jack. Cathy não costumava falar desse modo.

— 'Tás a brincar…

— Comi uma sandes de bacon, alface e tomate com batatas fritas… Eles aqui dão-lhes um nome que nós, estúpidos colonizados, não usamos. A propósito, bebi uma *Coca-Cola*.

— Ainda bem, doutora. — Ryan veio ter com a mulher para lhe dar um beijo. Ela necessitava de um.

— Nunca vi nada assim — continuou ela. — Ou talvez no cu de Judas, no Montana, eles façam coisas deste género, mas não num hospital a sério.

— Cathy, acalma-te. Estás a falar como um estivador.

— Ou talvez como um fuzileiro desbocado. — Conseguiu finalmente sorrir. — Eu não lhes disse nada, Jack. Não sabia o que lhes dizer. Aqueles dois cirurgiões são meus superiores, mas, se alguma vez tentassem aquele tipo de merda na nossa terra, estariam arrumados. Nem sequer lhes permitiriam que operassem cães.

— E o doente está bem?

— Sem dúvida. A secção congelada chegou-nos ainda muito fria, é totalmente benigno, não é maligno, e nós tirámos o tumor e suturámo-lo. Ele vai ficar bom com quatro ou cinco dias de recobro. A vista não vai ficar prejudicada e não terá mais dores de cabeça, no entanto, aqueles dois palhaços operaram-no com

cerveja no estômago.

— Então não houve qualquer problema — observou ele, desajeitadamente.

— Jack, aquilo não deveria ter sido feito dessa maneira.

— Então denuncia-os ao teu amigo Byrd.

— Era o que eu devia fazer, era mesmo isso que deveria fazer.

— E que aconteceria?

Isso entusiasmou-a uma vez mais:

— Não faço ideia!

— Não é fácil tirar o pão a alguém e diriam logo que és uma pessoa que só causa problemas — avisou Jack.

— Jack, no Hopkins, eu tê-los-ia denunciado de imediato, e eles teriam muito que responder pelo que tinham feito, mas aqui… aqui sou apenas uma médica convidada.

— E os costumes são diferentes.

— Não *tão* diferentes, Jack. Trata-se de algo sem qualquer profissionalismo. É potencialmente prejudicial para o doente e essa é uma linha que *nunca* atravessamos. No Hopkins, se temos um doente no recobro, ou se temos cirurgia no dia seguinte, nem sequer bebemos um copo de vinho ao jantar! Isso é porque o bem do doente vem antes de tudo o mais… Pois, é claro, se estamos a guiar a caminho de casa, vemos alguém ferido na beira da estrada e somos a única pessoa que ali está, fazemos o que podemos e levamo-lo até um médico que esteja em condições de o tratar, e talvez lhe digamos que bebemos dois copos antes de termos visto a emergência. Quero dizer, quando somos internos dão-nos toda a espécie de horários para que nos possamos treinar a tomarmos boas decisões, quando não estamos a funcionar a cem por cento, mas há sempre alguém para nos dar apoio se não conseguirmos, e devemos sempre admitir e informar quando já estivermos no limite. Percebes? Isso aconteceu-me uma vez, quando estava em pediatria, e assustou-me bastante quando a criança parou de respirar, mas eu tinha uma boa enfermeira a dar-me apoio, fomos buscar um médico assistente principal numa corrida do diabo e conseguimos reanimar a criança, sem que esta sofresse danos permanentes, graças a Deus. Mas, Jack, não nos contentamos com uma situação que não seja a melhor. Não vamos à procura de problemas, lidamos com eles quando estes aparecem, mas não nos atiramos de um precipício, não achas?

— Pois bem, Cathy, então que vais fazer?

— Não sei. Na América iria logo falar com o Bernie, mas não estou lá agora…

— Queres um conselho?

Os olhos azuis dela fixaram-se nos do marido.

— Pois, sim. Que pensas?

O que ele pensava não tinha interesse e Jack sabia-o. Era apenas uma questão de a guiar de modo que ela pudesse tomar uma decisão própria.

— Se não fizeres nada, como é que te vais sentir na próxima semana?

— Horrível, Jack, eu vi uma coisa que…

— Cathy. — Ele abraçou-a. — Tu não precisas de mim. Faz o que tu achares que deves fazer. Caso contrário, vais andar a remoer nisso durante muito tempo. Tu nunca te arrependes de fazer o que achas que está certo, não interessa se isso implica consequências adversas, e, o que está certo, está certo, minha senhora.

— Eles também dizem *isso*. Não estou confortável com…

— Pois, querida. De vez em quando, no trabalho, chamam-me Sir John. Eu vou com a maré. Não se trata propriamente de um insulto.

— Aqui, eles chamam a um cirurgião Senhor Jones ou Senhora Jones, não *Doutor* Jones. Afinal, que se passa neste país?

— São costumes locais. Recua até à Marinha Real Britânica, no século dezoito. O médico de um navio era geralmente um jovem tenente e, a bordo de um navio, chama-se senhor a esse indivíduo em vez de tenente. De um modo ou de outro, esse facto acabou também por ser trazido para a vida civil.

— Como é que sabes isso? — perguntou Cathy.

— Cathy, tu és doutora de medicina. Eu sou doutor de história, lembras-te? Sei muitas coisas, como pôr um penso rápido num corte, depois da porcaria das dores causadas pelo timerosal. Mas os meus conhecimentos de medicina resumem-se a isto… Bem, eles ensinaram-nos alguma coisa na Escola Básica, mas espero que tão depressa não tenha de pôr um penso num ferimento de bala. Deixo isso para ti. Sabes fazê-lo?

— Fui eu que te fiz o penso no inverno passado — recordou-lhe ela.

— E já alguma vez te agradeci por isso? — perguntou ele. Depois beijou-a. — Obrigado, querida.

— Vou ter de falar com o professor Byrd acerca deste assunto.

— Querida, se tiveres dúvidas, faz o que tu pensas que está certo. É para isso que temos uma consciência, para nos lembrar do que está certo.

— Eles não vão gostar nada…

— E daí? Cathy, *tu* tens de gostar de ti. De mais ninguém. Bem, de mim, é claro — acrescentou Jack.

— E tu gostas?

Jack dirigiu-lhe um sorriso de apoio.

— Lady Ryan, eu adoro as tuas cuecas sujas.

Finalmente, ela descontraiu-se.

— Ora, obrigada, Sir John.

— Deixa-me ir lá acima mudar de roupa. — Parou na ombreira da porta. — Será que deveria usar a minha espada formal para o jantar?

— Não, apenas a normal. — E agora ela também conseguia sorrir. — Então, que está a acontecer no teu escritório?

— Muita aprendizagem acerca das coisas que não sabemos.

— Estás a referir-te a encontrar coisas novas?

— Não, quero dizer que nos apercebermos de tudo o que não sabemos e deveríamos saber. Isto nunca para.

— Não te sintas mal por causa disso, o mesmo se passa no meu ramo.

E Jack deu-se conta de que a semelhança entre ambos os ramos era que, se a pessoa fizesse um mau trabalho, alguém poderia morrer, e isso não tinha piada nenhuma.

Ele reapareceu na cozinha. Por essa altura, Cathy estava a dar de comer ao pequeno Jack. Sally estava a ver televisão, essa enorme chupeta para as crianças. Dessa vez era um programa local em vez da cassete do Papa-Léguas e do Coiote. O jantar estava a acabar de ser feito. Por que motivo uma professora assistente de oftalmologia insistia em fazer o jantar, como a mulher de um camionista, era algo que o marido não conseguia perceber, mas também não se opunha, pois ela fazia-o bem. Será que tinha tido lições de cozinha em Bennington? Ele pegou numa cadeira e depois encheu um copo de vinho branco para si.

— Espero que a professora esteja de acordo com isto.

— Não vais fazer cirurgia amanhã, pois não?

— Não tenho nada marcado, Lady Ryan.

— Então está bem. — Ela pôs o menino contra o ombro para que este

arrotasse, o que ele fez com todo o prazer.

— Ótimo, Júnior. O teu pai está impressionado.

— Pois. — Ela usou a margem da fralda de pano, que tinha junto ao pescoço, para limpar a boca. — Muito bem, que tal mais um bocadinho?

John Patrick Ryan Júnior não disse que não à oferta.

— Que coisas é que não sabes? Ainda estás preocupado com a mulher daquele tipo? — perguntou Cathy, já mais calma.

— Não tenho notícias sobre isso — admitiu Jack. — Estamos preocupados com o que possam fazer acerca de uma coisa.

— Não podes dizer o que é? — inquiriu ela.

— Pois não — confirmou ele. — Os russos, como o meu colega Simon costuma dizer, são gente esquisita.

— O mesmo se aplica aos britânicos — observou Cathy.

— Meu Deus, casei-me com a Carrie Nation.[28] — Jack bebeu um gole. Era Pinot Grigio, um vinho italiano particularmente bom, que era vendido nas lojas de bebidas locais.

— Só quando corto alguém com uma faca. — Ela gostava de o dizer assim, porque fazia sempre com que o marido se arrepiasse.

Ele levantou o copo.

— Queres um?

— Talvez quando estiver despachada. — Ficou por momentos calada. — Não há nada que me possas dizer?

— Desculpa, querida, são as regras.

— E segue-las sempre?

— Seria um mau hábito não o fazer. É melhor não começar agora.

— E quando um russo decide trabalhar para nós?

— Isso é diferente. Então fica a trabalhar para as forças da Verdade e da Beleza no mundo. — Nós — enfatizou Ryan — somos os Bons.

— E que pensam eles?

— Pensam que são eles. Mas isso também se passou com um fulano chamado Adolf — recordou-lhe ele. — E ele não teria gostado muito do Bernie.

— Mas já morreu há muito tempo.

— Isso não aconteceu a todos os que são como ele, querida, acredita.

— Estás preocupado com qualquer coisa, Jack, posso dar-me conta. Será que

não podes falar disso?

— Sim. E não, não posso.

— Muito bem. — Ela anuiu com um aceno de cabeça. Esse tipo de informação não lhe interessava para lá do seu desejo abstrato de saber o que se estava a passar no mundo. Mas, como médica, havia muitas coisas que ela gostaria de saber (como a cura para o cancro) mas não sabia e que, com uma certa relutância, ela acabara por aceitar. Mas a medicina não permitia muito no que dizia respeito a segredos. Quando se encontrava alguma coisa que pudesse ajudar os doentes, publicava-se essa descoberta numa revista médica favorita, para que todos o pudessem vir a saber de imediato. Ela tinha a certeza de que a CIA não o fazia na maior parte dos casos, e em parte isso aborrecia-a. Outra tática, então. — Muito bem, quando descobres alguma coisa importante, que acontece?

— Chutamo-la para os andares de cima. Aqui vai logo para Sir Basil, e nós comunicamos com o almirante Greer. Geralmente por via de uma chamada feita através do telefone de segurança.

— Como o que tens lá em cima?

— Pois. Depois enviamo-lo através de fax seguro ou, se for uma coisa mesmo muito importante, sai da embaixada por correio diplomático, quando não queremos confiar nos sistemas de encriptação.

— Isso acontece muitas vezes?

— Não desde que cá estou, mas não me cabe tomar essas decisões. Que diabo, a mala diplomática pode ser enviada dentro de oito ou nove horas. É bem mais rápida do que costumava ser.

— Pensei que aquela coisa do telefone lá em cima era completamente segura.

— Bem, algumas coisas que fazes também são quase perfeitas, mas tu ainda tomas precauções extra com elas, não é verdade? O mesmo se passa connosco.

— E isso seria para quê? Falando de um ponto de vista teórico, é claro. — Ela sorriu, pensando na sua esperteza.

— Querida, sabes bem como fazer uma pergunta. Digamos que temos uma coisa, por exemplo, acerca do arsenal nuclear deles, algo vindo de um agente que está bem lá dentro, e que se trata de informação valiosa, mas perdê-la poderia identificar o agente para a oposição. É esse tipo de coisa que enviamos pela mala. O nome do jogo é proteger a fonte.

— Porque se eles identificarem o fulano…

— Ele morre, talvez de um modo muito desagradável. Há quem diga que uma vez puseram um tipo no crematório, ainda vivo, e que depois acenderam o gás e fizeram um filme disso, *pour encourager les autres*, como diria Voltaire.

— Ninguém voltaria a fazer uma coisa dessas! — objetou Cathy, de imediato.

— Há um indivíduo em Langley que diz ter visto o filme. O nome do pobre diabo era Popov, um oficial da GRU que trabalhava para nós. Os patrões dele ficaram furiosos com o que ele fez.

— Estás a falar verdade? — insistiu Cathy.

— Como a morte e os impostos… Supostamente, costumavam mostrar o filme aos fulanos, na Academia da GRU, como aviso para os que estivessem a pensar pisar o risco. Parece-me má psicologia, mas, tal como disse, conheci um tipo que me disse ter visto o filme. De qualquer modo, essa é a razão pela qual nós tentamos proteger as nossas fontes.

— É algo que me custa a crer.

— Achas que sim? Como um cirurgião a interromper uma operação para ir tomar uma cerveja?

— Bem… sim.

— Vivemos num muito imperfeito, querida. — Ele não voltaria a tocar no assunto. Ela teria todo o fim de semana para pensar melhor, e ele conseguiria avançar na escrita do seu livro sobre Halsey.

Em Moscovo, os dedos voavam. *Como vais informar Lang[ley]?*, perguntou ela.

N[ão] sei, respondeu ele.

Correio?, sugeriu ela. *Ist[o] pod[e] ser muit[o] import[ante]*.

Ed assentiu com um aceno de cabeça. *Rit[ter] vai ficar excita[do]*.

Pois vai, concordou ela. *Quer[es] q[ue] eu trate do encont[ro]?*, perguntou Mary Pat.

O teu rus[so] é bom, concordou ele.

Dessa vez, ela assentiu com um aceno de cabeça. Ela falava um elegante russo literário reservado para os mais bem instruídos no país, Ed sabia-o. O cidadão comum da União Soviética não podia acreditar que uma estrangeira falasse tão bem a sua língua. Quando andava a passear pela rua, ou conversava com um empregado de loja, nunca revelava essa sua fluência, em vez disso fingia

enganar-se com as frases mais complexas. Se tivesse feito o contrário teria sido logo notada, de modo que evitá-lo se tornara uma parte importante do seu disfarce, ainda mais do que o seu cabelo louro e os seus modos americanos. Indicá-la-ia de imediato ao seu novo agente.

Quando?, perguntou ele a seguir.

Iv[an] disse amanhã, respondeu ele.

Ela tocou-lhe na anca e sorriu animadamente, o que significava: *Podes apostar*.

Foley adorava a mulher tanto quanto um homem conseguia, e parte disso residia no seu respeito pelo facto de ela ter tanto amor ao ramo em que ambos estavam envolvidos. Uma contratação feita pela Paramount não lhe poderia ter dado uma esposa melhor. Eles iriam fazer amor nessa noite — a regra no boxe poderia ser não ter sexo antes de um combate, contudo, para Mary Pat, a regra era ao contrário, e, se os microfones nas paredes dessem conta disso, bem, que se lixassem, pensou o chefe do posto de Moscovo, com um sorriso sorna.

— Quando é que vai embora, Bob? — perguntou Greer ao vice-diretor.

— No domingo. Vou num voo da ANA para Tóquio e depois para Seul — observou Bob.

— Bem, tente dormir pelo menos durante metade da viagem. — E Ritter era bom nisso.

Tinha uma conferência marcada com a Agência de Informação Central da Coreia, para discutirem assuntos relacionados com a Coreia do Norte e com a China, que o preocupavam bastante, tal como aos sul-coreanos.

— De qualquer modo, não há muito a acontecer no meu escritório de momento.

— Foi esperto da sua parte sair da cidade enquanto eu tenho o presidente a morder-me as canelas acerca do papa — pensou o juiz Moore em voz alta.

— Lamento, Arthur — ripostou Ritter, com um sorriso irónico. — O Mike Bostock vai estar encarregado das coisas durante a minha ausência. — Ambos os executivos em posições superiores conheciam e gostavam de Bostock, um espião no terreno de carreira e um especialista nos soviéticos e nos habitantes da Europa Central. Embora se comportasse demasiado como um *cowboy* para que confiassem nele na colina do Capitólio, o que toda a gente pensava ser uma pena. Os *cowboys* tinham o seu uso, como a Mary Pat Foley, por exemplo.

— Ainda não sabemos nada do que se passou na reunião do Politburo?

— Ainda não, Arthur. Se calhar falaram apenas acerca de trivialidades. Não sei se sabe, mas nem sempre ali se reúnem para planear a próxima guerra nuclear.

— Pois não — observou Ritter, rindo-se. — Pensam que nós é que estamos sempre a fazer isso. Meu Deus, eles são mesmo paranoicos.

— Lembre-se do que disse o Henry: «Até mesmo os paranoicos têm inimigos.» E isso é a nossa ocupação — relembrou-lhe Ritter.

— Ainda anda a ruminar acerca do seu plano da MÁSCARA DA MORTE VERMELHA, Robert? — perguntou Moore.

— Ainda não tenho nada de específico. O pessoal com quem falei acerca disso… Raios partam, Arthur, dizemos às pessoas para pensarem fora da caixa, e que fazem elas? Constroem uma caixa mais resistente!

— Lembre-se de que não temos aqui muito empreendedores. Trata-se de uma agência do governo, de assalariados com tetos máximos, o que acaba por não favorecer o pensamento criativo. É para isso que cá estamos — sublinhou o juiz Moore. — Como é que poderemos mudar?

— Temos algumas pessoas do mundo real — disse Greer.

— Meu Deus, tenho um na minha equipa. Esse não sabe pensar *dentro* da caixa.

— Refere-se ao Ryan? — perguntou Ritter.

— Esse é um deles — confirmou Jim Greer, com um aceno de cabeça.

— Esse não é um de nós — observou logo o vice-diretor de Operações.

— Bob, não podemos ter as duas coisas — retrucou o vice-diretor de Informação. — Ou quer um fulano que pense como um dos nossos burocratas, ou alguém que pense de um modo criativo. O Ryan conhece as regras, trata-se de um ex-fuzileiro que até sabe pensar por si próprio e, muito em breve, irá tornar-se num analista de renome. — Greer fez uma pausa. — Ele é talvez o melhor oficial jovem que tenho visto nos últimos anos, e não consigo perceber qual a tua hesitação em relação a ele.

— O Basil gosta dele — acrescentou Moore a essa conversa —, e não é fácil enganar o Basil.

— Da próxima vez que vir o Jack, gostaria de o informar acerca da MORTE VERMELHA.

— Está a falar a sério? — inquiriu Moore. — Isso está muito acima da folha de ordenado dele.

— Arthur, ele sabe mais acerca de economia do que qualquer um que eu tenho na Agência de Informação da Defesa. Só não o pus na minha secção de economia porque ele é demasiado esperto para se confinar apenas a esse assunto. Bob, se quer dar cabo da União Soviética (sem recorrer a uma guerra), a única maneira de o fazer é dar cabo da economia deles. O Ryan ganhou um porradão de dinheiro porque sabe de tudo isso. Estou a dizer-lhe, ele sabe separar o trigo do joio. Talvez descubra uma maneira de incendiar um campo de trigo. De qualquer modo, não se perde nada. O seu projeto é apenas teórico, não é?

— Bem? — O diretor-geral de Informação voltou-se para Ritter. Greer, apesar de tudo, tinha razão.

— Oh, que diabo, está bem — disse o vice-diretor de Operações, em concordância. — Desde que ele não fale disto ao *Washington Post*… Não precisamos que esta ideia seja ventilada. O Congresso e a imprensa teriam um colapso.

— O Jack a falar com a imprensa? — perguntou Greer. — Não me parece. Ele não tenta agradar às pessoas, nem mesmo a nós. Creio que é um fulano em que podemos confiar. Nem todo o KGB russo tem moeda forte suficiente para o comprar. Eu não diria o mesmo a meu respeito… — ironizou ele.

— Vou lembrar-me que disse isso, James — prometeu Ritter, com um sorrisinho muito dele. Tais piadas limitavam-se geralmente ao sétimo andar em Langley.

Um estabelecimento comercial era um estabelecimento comercial em qualquer parte do mundo e o GUM seria o homónimo moscovita do Macy’s em Nova Iorque. *Teoricamente*, pensou Foley, entrando pela porta principal. Tal como a União Soviética era, teoricamente, uma união voluntária de repúblicas e, teoricamente, a Rússia tinha uma constituição que existia para além da vontade do Partido Comunista da União Soviética. E, teoricamente, também haveria um coelhinho da Páscoa, pensou ele, olhando em volta.

Subiram nas escadas rolantes para o primeiro andar. As escadas eram antiquadas, com degraus de madeira espessa, em vez dos de metal que há muito eram usados no Ocidente. O departamento das peles era à direita, um pouco mais

ao fundo, e, após uma observação inicial, a seleção ali não era assim tão má.

O melhor de tudo era o Ivan, com as mesmas roupas que usara no metro. *Seriam as suas melhores?*, pensou Foley. Se assim era, seria melhor que ele saísse para um país Ocidental o mais depressa possível.

Para além dos artigos que, na sua melhor qualidade, eram medíocres, um estabelecimento comercial era um estabelecimento comercial, embora ali as várias secções fossem lojas semi-independentes. Mas o Ivan deles era esperto. Sugerira um encontro numa parte do local onde, decerto, haveria mercadorias de alta qualidade. Há milénios que a Rússia era um país de invernos frios, um lugar onde até os elefantes precisavam de casacos de peles, e, dado que vinte e cinco por cento do fornecimento de sangue humano ia para a cabeça, as pessoas precisavam de chapéus. Os mais decentes eram chamados *chapkas*, pedaços de pele de forma tubular com poucas formas precisas, mas que evitavam que o cérebro congelasse. Os melhores de todos eram feitos de pele de rato-almiscarado. Os de vison e de zibelina iam apenas para as lojas especiais mais caras e eram sobretudo limitados a mulheres que estivessem bem na vida, as mulheres e/ou amantes dos chefes do Partido. Porém, o nobre rato-almiscarado, uma criatura dos pântanos que cheirava mal (bem, o cheiro era de algum modo tirado da pele, para que quem usasse o chapéu não fosse confundido com um depósito de lixo numa área pantanosa), mas que tinha um pelo muito fino, ou fosse lá o que fosse, era um bom isolador. Pois bem, um rato para todos os efeitos. Contudo, isso não era o mais importante, pois não?

Ed e Mary Pat também podiam comunicar com os olhos, embora a largura de banda fosse bastante restrita. A hora do dia ajudava. Os chapéus de inverno tinham acabado de chegar a esse grande armazém e o tempo de outono ainda não juntara muita gente interessada em comprá-los. Havia apenas um indivíduo com um casaco castanho e Mary Pat começou a andar nessa direção, depois de ter afastado o marido, como se pretendesse comprar-lhe alguma coisa que deveria ser quase uma surpresa.

O homem andava às compras, tal como ela, e estava no departamento dos chapéus. *Ele não é parvo nenhum, seja ele quem for*, pensou ela.

— Desculpe — disse ela em russo.

— Sim? — A cabeça dele voltou-se. Mary Pat observou-o. Teria uns trinta e poucos anos, mas parecia mais velho, dado que a vida na Rússia tendia a

envelhecer as pessoas mais depressa, mesmo mais rapidamente do que na cidade de Nova Iorque. Tinha cabelo e olhos castanhos e um olhar inteligente, o que era um bom sinal.

— Quero comprar um chapéu de inverno para o meu marido, tal como me sugeriu — acrescentou ela, no seu melhor russo — no metro.

Oleg não estava à espera que fosse uma mulher, reparou logo a Senhora Foley. Pestanejou várias vezes e olhou para ela, tentando cotejar o seu russo perfeito com o facto de ela ter de ser americana.

— No metro?

— Pois. O meu marido pensou que seria melhor que fosse eu a encontrar-me consigo, em vez dele. De modo que… — Ela pegou num chapéu para lhe apalpar a pele, em seguida voltou-se para o seu novo amigo, como se lhe estivesse a pedir uma opinião. — Então, que nos recomenda?

— Que quer dizer? — ripostou ele.

— O senhor aproximou-se de um americano e solicitou-lhe um encontro. Sempre me quer ajudar a comprar um chapéu para o meu marido? — perguntou ela com toda a calma.

— A senhora é da CIA? — perguntou ele, com os pensamentos agora semicontrolados.

— Eu e o meu marido trabalhamos para o governo americano e o senhor para o KGB.

— Sim — respondeu ele —, em comunicações, nas Comunicações Centrais.

— Ai sim? — Ela voltou-se para o balcão e levantou outra *chapka*. *Meu Deus*, pensou ela, mas estaria ele a dizer a verdade, ou queria apenas um bilhete barato para Nova Iorque? — Pois, mas como é que eu posso ter a certeza disso?

— Porque lho estou a dizer — respondeu ele, surpreendido e ligeiramente ofendido por ela ter posto a sua honestidade em questão. Pensaria aquela mulher que ele estava a arriscar a sua vida por desporto? — Porque veio falar comigo?

— As mensagens que passou no metro chamaram-me a atenção — disse ela, levantando um chapéu castanho-escuro e franzindo o sobrolho, como se o mesmo fosse demasiado escuro.

— Minha senhora, eu trabalho na Oitava Direção-Geral.

— Em que departamento?

— No simples processamento de comunicações. Não faço parte do serviço de

informação de sinais. Sou um oficial de comunicações. Transmito sinais para todas as *rezidenturas* e, quando há sinais que chegam à minha secretária, vindos do terreno, envio-os para os devidos destinatários. Como resultado, vejo muitos sinais operacionais. Será que esta informação a satisfaz? — Ele estava, pelo menos, a agir apropriadamente, gesticulando em direção à *chapka* e abanando a cabeça, depois apontando para uma outra, com a pele tingida de um castanho mais claro, quase amarelado.

— Suponho que sim. Que nos pede?

— Tenho informação de uma grande importância… mesmo muito grande. Em troca dessa informação, gostaria de uma passagem para o Ocidente, para mim, para a minha mulher e para a minha filha.

— Que idade tem a sua filha?

— Três anos e sete meses. Pode dar-me o que pretendo?

Essa pergunta encheu-lhe o sangue de adrenalina. Ela teria de tomar essa decisão quase instantaneamente e, com ela, estava a pôr todo o poder da CIA num único caso. Retirar três pessoas da União Soviética não seria pera doce.

Mas este fulano trabalha no MERCÚRIO, deu-se conta Mary Pat. Há de saber coisas que nem cem agentes bem colocados poderiam obter. Aqui o Ivan era o guardião das Joias da Coroa da Rússia, era ainda mais valioso do que os tomates do Brejnev, de modo que…

— Sim, podemos fazer com que o senhor e a sua família possam sair do país. E quando tencionam fazê-lo?

— A informação que eu tenho é muito sensível e o tempo não abunda. Logo que o possa arranjar. Só revelarei a minha informação depois de estar no Ocidente, mas asseguro-lhe que se trata de algo de uma grande importância… o suficiente para me forçar a uma ação destas — acrescentou ele, como forma de lhe despertar ainda mais a curiosidade.

Não te enchas já de confiança, Ivan, pensou ela. Um agente dominado pelo ego ter-lhe-ia dito que tinha os códigos de lançamento das Tropas de Mísseis de Designação Estratégica da Rússia, quando o que de facto tinha era uma receita de *borscht* da sua mãe, e pô-lo fora da Rússia seria um desperdício de recursos que teriam de ser usados com todo o cuidado. Mas, contra essa possibilidade, Mary Pat usaria os seus olhos. Tentou ver a alma desse homem e viu que, fosse ele quem fosse, «mentiroso» não faria provavelmente parte das suas

características.

— Sim, poderemos fazê-lo muito rapidamente, se for necessário. Temos de discutir o lugar e os métodos. Não podemos continuar a falar aqui. Sugiro um local de encontro para discutirmos os pormenores.

— Isso é fácil — respondeu Zaitzev, marcando um lugar para a manhã seguinte.

Estás com pressa.

— Que nome é que lhe posso chamar? — perguntou ela, finalmente.

— Oleg Ivanovitch — respondeu ele automaticamente, antes de se ter dado conta de que dissera o seu verdadeiro nome numa situação em que a simulação talvez o ajudasse mais.

— Ótimo. Eu chamo-me Maria — respondeu ela. — Assim sendo, que *chapka* é que recomenda?

— Para o seu marido? Esta, sem dúvida — disse Zaitzev, passando-lhe a que tinha um tom amarelo-sujo.

— Então vou comprá-la. Obrigada, camarada. — Ela remexeu no chapéu por momentos e depois afastou-se, olhando para a etiqueta com o preço, cento e oitenta rublos, mais do que um mês de trabalho para um trabalhador moscovita. Para efetuar a compra, deu o chapéu a um empregado, depois foi até uma caixa registadora onde pagou em dinheiro (os soviéticos ainda não tinham descoberto os cartões de crédito) e lhe deram um recibo, que ela deu ao primeiro empregado, que, por sua vez, lhe entregou o chapéu.

Então era mesmo verdade. Os russos eram mais ineficientes do que o governo americano. Era fascinante que tal fosse possível, mas era ver para acreditar, disse ela para si mesma, segurando no saco de papel castanho e encontrando o marido, com quem ela saiu do armazém rapidamente.

— Então, que é que me compraste?

— Uma coisa de que vais gostar — prometeu ela, levantando o saco. Porém, os seus olhos azuis eram reveladores. Em seguida, ela olhou para o relógio. Eram apenas três da manhã em Washington e era cedo de mais para fazer chamadas telefónicas. Aquilo não era um assunto para o pessoal do turno da noite, nem mesmo para os fiéis funcionários do MERCÚRIO. Ela aprendera-o à sua custa. Não, tratava-se de algo que iria ser escrito, encriptado e colocado na mala diplomática. Em seguida, tratar-se-ia apenas de obter a aprovação de

Langley.

O carro deles fora limpo por um mecânico da embaixada no dia anterior. Todos na embaixada o faziam por rotina, de modo que aquilo não os apontava como espiões, e os sinais na porta e no capô não tinham sido perturbados na noite anterior. O *Mercedes* 280 também tinha um alarme sofisticado. De modo que Ed Foley elevou o som do leitor de cassetes. Tinha uma dos Bee Gees para ofender alguém que pudesse estar à escuta e que estava a tocar suficientemente alto para tornar essa tarefa impossível. No assento do passageiro, Mary Pat dançava ao som da música, como uma boa rapariga californiana.

— O nosso amigo precisa de uma boleia — disse ela, de modo a poder ser ouvida pelo marido. — Ele, a mulher e a filha que tem três anos e meio.

— Quando? — Ed queria saber.

— Em breve.

— Como?

— Depende de nós.

— É uma coisa séria? — perguntou Ed à mulher, querendo dizer: *Será que vale a pena perdermos o nosso tempo*?

— Penso que sim.

Não se poderia ter a certeza, mas Mary Pat tinha uma capacidade especial para ler as pessoas e ele estava disposto a apostar nessas cartas. Assentiu com um aceno de cabeça e disse:

— Está bem.

— Alguma companhia? — perguntou ela a seguir.

Os olhos de Foley estavam igualmente divididos entre a rua e os espelhos. Se estivessem a ser seguidos, seria pelo homem invisível.

— Não.

— Ótimo. — Ela baixou um pouco o som. — Sabes, eu também gosto da música, Ed, mas não quero magoar os ouvidos.

— Está bem, querida. Tenho de voltar ao escritório esta tarde.

— Para quê? — perguntou ela num tom de voz meio zangado que todos os maridos conheciam.

— Bem, tenho de trabalhar numa papelada de ontem…

— E queres ver os resultados do beisebol — retrucou ela. — Ed, porque não

podemos ter televisão por satélite no nosso prédio de apartamentos?

— Estão a ver se a conseguem arranjar para nós, mas os russos estão a levantar problemas. Receiam que possa ser transformada num instrumento de espionagem — disse ele, com uma voz aborrecida.

— Sim — observou ela. — Está-se a ver. Não me lixem! — Caso um espião muito hábil andasse a rondar pelo estacionamento de automóveis à noite. Talvez o FBI o pudesse fazer, mas, embora se tivessem de proteger contra essa possibilidade, ele duvidava que os russos tivessem alguém tão hábil. Os rádios deles eram enormes. Mesmo assim, sim. Eles eram paranoicos, mas sê-lo-iam o suficiente?

Cathy levou Sally e o bebé Jack a passear. Havia um pequeno parque à distância de um quarteirão e meio, ao pé de Fristow Way, onde havia alguns baloiços de que Sally gostava e relva para o menino arrancar e tentar comer. Ele acabara de descobrir como usar as mãos, mal e desajeitadamente, mas, fosse o que fosse que ele agarrasse, não demoraria a ser posto na boca, um facto conhecido por todos os pais do mundo. Apesar de tudo, era uma oportunidade para as crianças apanharem sol, as noites de inverno iriam ser longas e escuras, e assim mantinha a casa sossegada para que Jack pudesse trabalhar no seu livro sobre Halsey.

Ele já fora buscar um dos livros médicos de Cathy, *Princípios de Medicina Interna*, para ler acerca da zona, a doença de pele que atormentara o almirante americano numa ocasião muito inconveniente. Apenas por ter lido o subcapítulo sobre a enfermidade (na verdade relacionado com a varicela), apercebeu-se de que deveria ter sido como uma tortura medieval para o então já idoso aviador da Marinha. Agravado ainda mais pelo facto de o seu grupo de cargueiros de batalha, *Enterprise* e *Yorktown*, ter de rumar para uma operação importante sem ele. Mas ele suportara-o como um homem (a única maneira como William Frederick Halsey Júnior suportara tudo) e recomendara o seu amigo Raymond Spruance para o seu lugar. Os dois homens não poderiam ter sido mais diferentes. Halsey era um indivíduo profano, ex-jogador de futebol que gostava da bebida e que fumava sem descanso. Spruance, que não fumava nem bebia, era um intelectual com a reputação de nunca ter elevado a voz numa discórdia. Contudo, tinham-se tornado amigos chegados e iriam mais tarde, durante a guerra, alternar o comando da Frota do Pacífico, mudando-lhe o nome de

Terceira Frota para Quinta Frota, e novamente para Terceira, depois de terem voltado a trocar o comando. *Isso*, pensava Ryan, *era a pista mais óbvia de que Halsey também fora um intelectual, e não o agressor arruaceiro que os jornais coevos afirmavam que ele era.* Spruance, o intelectual, não teria travado amizade com um brigão. Mas os soldados de ambos tinham rugido uns aos outros, como gatos-bravos disputando uma fêmea com cio. Talvez o equivalente militar de «o meu pai pode dar um enxerto de porrada no teu», típico das crianças por volta dos sete anos, e não mais respeitável de um ponto de vista intelectual.

Ele tinha acesso aos próprios relatos de Halsey sobre a doença, embora o que ele tivesse dito pudesse ter sido silenciado pelo seu editor e coautor, dado que Bill Halsey na verdade falava como um primeiro imediato com algumas bebidas fortes no bucho… Talvez uma das razões pela qual os repórteres tinham gostado tanto dele. Ele era um bom material para um jornalista.

As notas de Jack e alguns documentos originais estavam empilhados ao lado do seu computador Apple II. Jack usava o programa WordStar como o seu processador de texto. Era bastante complicado, mas muito melhor do que usar uma máquina de escrever. Perguntava-se qual a melhor editora para esse livro. A Imprensa do Instituto Naval andava de novo atrás dele, porém, ele interrogava-se se não deveria optar por uma editora da primeira liga. Mas primeiro tinha de acabar o sacana do livro, não tinha? De modo que regressou ao cérebro complexo de Halsey.

Não obstante, nesse dia hesitava, o que não era normal nele. O modo como teclava, com três dedos e um polegar (dois polegares num dia bom) era o mesmo, mas o seu cérebro não se estava a concentrar devidamente, como se quisesse examinar outra coisa. Isso era uma maldição ocasional do seu trabalho para a CIA. Alguns problemas não desapareciam, forçando-lhe a cabeça a refletir sobre o mesmo material vezes sem conta, até tropeçar na resposta a uma questão que, na maior parte das vezes, fazia sentido por si e em si mesma. O mesmo ocorrera ocasionalmente durante a época em que trabalhara para a Merrill Lynch, quando investigava emissões de ações, à procura de um lucro ou de um perigo escondido nas operações e nas finanças de alguma empresa que negociasse publicamente. Isso pusera-o por vezes em rota de colisão com o peixe graúdo no escritório de Nova Iorque, mas Ryan não era fulano para fazer qualquer coisa só porque um superior lhe dissera para o fazer. Mesmo no Corpo

de Fuzileiros, esperava-se que um oficial, ainda que recente, pensasse, e um corretor da bolsa com clientes sentia-se responsável perante os mesmos, tendo de salvaguardar o dinheiro que estes investiam como se fosse o dele. Na maior parte dos casos, ele fora bem-sucedido. Depois de ter posto os seus próprios fundos no Chicago and North Western Railroad, fora repreendido pelo seu supervisor, mas mantivera a dele, e os clientes que lhe tinham dado ouvidos acabaram por receber bons lucros, o que lhe trouxera uma torrente de novos clientes. De modo que Ryan aprendera a dar atenção aos seus instintos, para tratar dos incómodos que ele mal podia ver e mal podia sentir. Esse era um deles, e o mesmo tinha que ver com o papa. A informação que ele tinha não lhe permitia uma visão completa, mas estava habituado a isso. No seu trabalho como corretor, ele aprendera quando e como apostar o seu dinheiro em cenários incompletos, e conseguira acertar nove vezes em dez.

Contudo, não tinha mais nada para apostar nessa questão, senão o seu incómodo. Algo estava a acontecer, só que ele não sabia o que era. Tudo o que ele vira fora a cópia de uma carta de aviso enviada para Varsóvia e, decerto, reenviada para Moscovo, onde um grupo de velhos a iria encarar como uma ameaça.

Isso não era muito a que se pudesse ater, pois não?, perguntava-se Ryan. Deu-se então conta de que lhe apetecia um cigarro. Estes ajudavam-no por vezes a pensar, mas teria muito que aturar, se a Cathy cheirasse fumo de tabaco em casa. No entanto, uma pastilha elástica não lhe iria bastar em ocasiões como essa.

Sentia que precisava de Jim Greer. O almirante tratava-o muitas vezes como um filho (o seu verdadeiro filho morrera como tenente de fuzileiros no Vietname, viera Ryan a saber), dando-lhe a hipótese de raciocinar um problema com a sua ajuda. Mas ele não era muito chegado a Sir Basil Charleston e Simon estava muito perto dele em idade, se não em experiência. Aquilo não era um problema que ele pudesse resolver sozinho. Oxalá o pudesse discutir com a mulher (os médicos, segundo sabia, eram bastante espertos), contudo, isso não era permitido e, de qualquer modo, Cathy não conhecia realmente bem a situação para perceber as ameaças. Não, ela fora criada num ambiente mais privilegiado, filha de um milionário que negociava em ações e títulos, a viver num enorme apartamento na Park Avenue, nas melhores escolas, o seu próprio carro novo ao fazer dezasseis anos, e todos os perigos da vida bem afastados do

seu caminho. Esse não era o caso de Jack. O seu pai fora polícia, na maior parte do tempo investigador de homicídios e, se bem que não trouxesse o trabalho para casa, Jack fizera-lhe perguntas suficientes para perceber que o mundo real poderia ser um lugar de perigos imprevisíveis e que algumas pessoas não pensavam como a maioria. Chamavam-lhes Bandidos e a palavra retratava-lhes bem o comportamento. Ele nunca vivera sem uma consciência. Se a tinha arranjado na sua infância distante ou na escola católica, ou se fora apenas parte da sua componente genética, era algo de que Jack não tinha conhecimento. Sabia, no entanto, que infringir as regras raramente era uma coisa boa, mas também sabia que as regras eram produto da razão e que a razão era primordial, de modo que as regras *poderiam* ser quebradas se houvesse um bom motivo (um motivo mesmo muito bom) para o fazer. A isso chamava-se discernimento e os fuzileiros, por estranho que pudesse parecer, tinham cuidado desveladamente dessa flor em particular. Fazia-se uma estimativa da situação e pensava-se nas opções. Depois agia-se. Por vezes, isso tinha de ser feito com uma grande urgência e era por isso que os oficiais eram mais bem pagos do que os sargentos, embora fosse sempre recomendável ouvir o sargento-ajudante se tivéssemos tempo.

Porém, Ryan não dispunha agora de nenhum desses luxos e essas eram as más notícias. Não havia à vista uma ameaça distintamente identificada e essa era a boa notícia. Mas, presentemente, ele estava num ambiente em que as ameaças nem sempre eram imediatamente visíveis, e o seu trabalho era deslindá-las ao juntar a informação disponível. Porém não dispunha de momento de muita dessa mesma informação. Apenas de uma possibilidade que ele teria de aplicar à mentalidade de pessoas que ele não conhecia e nunca iria conhecer, exceto através de documentos em papel escritos por outras pessoas que ele também não conhecia. Era como ser um navegador num barco da pequena frota de Cristóvão Colombo, pensando que a terra se encontrava um pouco adiante, mas sem saber onde ou quando a iriam descobrir… e esperando encarecidamente que não fosse à noite, no meio de uma tempestade, e que a terra não fosse uma barreira de corais capaz de rasgar o fundo do navio. A sua vida não estava em perigo, mas, tal como ele se vira obrigado, por uma questão de obrigação profissional, a tratar do dinheiro dos seus clientes como se este fosse seu, do mesmo modo teria de encarar a vida de um homem possivelmente em perigo como tendo a importância

da vida de um filho seu.

E era daí que vinha o incómodo. Ele podia telefonar para o almirante Greer, pensou Ryan, mas nem sequer eram sete da manhã em Washington, e não iria fazer qualquer favor ao seu patrão ao acordá-lo ao som do seu próprio telefone seguro. Especialmente, quando ele não tinha nada para lhe dizer, apenas algumas coisas para lhe perguntar. De modo que se recostou melhor na cadeira a olhar para o ecrã verde do seu computador da *Apple*, à procura de algo que, simplesmente, não estava lá.

---

[28] Mulher do século xix que era um membro radical do Movimento pela Temperança, que lutava contra as bebidas alcoólicas. *(N. do T.)*

CAPÍTULO 17

TRÁFEGO DE MENSAGENS PRIORITÁRIAS

Ed Foley escreveu no seu escritório:

PRIORIDADE: MÁXIMA
PARA: V-DO DA CIA
CC: DGI, V-DI
DE: CP MOSCOVO
ASSUNTO: RABBIT[29]
SEGUE TEXTO:
TEMOS UM *COELHO*, ALGUÉM NUMA ALTA POSIÇÃO, DIZ-SE OFICIAL DE COMUNICAÇÕES NO CENTRO DO KGB COM INFORMAÇÃO DE INTERESSE PARA O SD. ESTIMATIVA: VERDADEIRO. 5/5.
PEÇO AUTORIZAÇÃO URGENTE PARA EXTRAÇÃO IMEDIATA DA TERRA VERMELHA. PACOTE A INCLUIR ESPOSA DO DESERTOR E FILHA (3)
5/5 PRIORIDADE PEDIDA.
FIM

Ora aqui está, pensou Foley, *isto é bastante conciso*. Para este tipo de mensagens, quanto mais pequenas, melhor, assim daria menos oportunidades para a oposição começar a decifrar o texto e encontrar a cifra, caso a mesma lhes fosse parar às mãos.

Mas as únicas a tocar naquela mensagem seriam as da CIA. Ele estava a apostar muito neste despacho operacional. 5/5 indicava que a importância estimada da informação que tinham, tal como a sua presumível exatidão e a prioridade para a ação proposta, era de classe 5, a mais alta. Ele fizera uma avaliação idêntica no que dizia respeito à fiabilidade do sujeito. Quatro ases… não era o tipo de despacho que se enviasse todos os dias. Tratava-se da classificação que ele daria a uma mensagem de Oleg Penkovskiy, ou do próprio agente CARDEAL, e isso era uma batata quente como havia poucas. Pensou por momentos, para ver se estava a raciocinar corretamente, mas, ao longo da sua

carreira, Ed Foley aprendera a confiar nos seus instintos. Também sopesava os seus pensamentos, confrontando-os com os da sua mulher, e os instintos dela eram igualmente afinados. O *Coelho* deles (o termo da CIA para uma pessoa à procura de um bilhete rápido para sair de não importa que sítio desagradável se encontrasse) alegava muitas coisas, porém, dava todos os sinais de estar a falar verdade: era possuidor de informação muito importante. Isso fazia dele um desertor por uma questão de consciência, logo, alguém bastante confiável. Se fosse alguém plantado ou uma «bandeira falsa», teria logo pedido dinheiro, porque era assim que os membros do KGB julgavam que os desertores pensavam, e a CIA nunca fizera nada para os convencer do contrário.

De modo que lhe *parecia* bem, embora «parecer bem» não fosse uma coisa que se enviasse por correio diplomático para o sétimo andar. Eles teriam de acreditar no que ele estava a dizer. Tinham de confiar nele. Era chefe de posto em Moscovo, o posto no terreno de topo da CIA e, com isso vinha imensa credibilidade. Teriam que o pesar contra quaisquer receios que pudessem estar a sentir. Se uma cimeira estivesse agendada, então talvez isso estragasse o acordo, mas o presidente não tinha esses planos, nem o secretário de Estado. De modo que não havia nada que se pudesse opor ao facto de Langley aprovar algum tipo de ação, caso pensasse estar no caminho certo…

Foley nem sequer sabia por que motivo se estava a autoquestionar. Ele era o Homem em Moscovo e isso, com os diabos, era isso mesmo. Pegou no auscultador do telefone e pressionou três botões.

— Russell — disse uma voz.

— Mike, fala o Ed, preciso de você aqui.

— Vou já.

Demorou um minuto e meio. A porta abriu-se.

— Sim, Ed?

— Tenho uma coisa para a mala.

Russell olhou para o relógio.

— Já não tem muito tempo, amigo.

— É uma coisa curta. Terei de ir consigo até lá abaixo.

— Bem, vamos então tratar disso. — Russell saiu e Foley foi atrás dele. Felizmente, o corredor estava vazio e o escritório de Russell não era longe.

Este sentou-se na sua cadeira giratória e ligou a sua máquina de cifras. Foley

deu-lhe a folha. Russell prendeu-a a um gancho mesmo por cima do teclado.

— É bastante curta — disse ele, com um ar de aprovação, e começou a teclar. Ele era quase tão hábil como o secretário do próprio embaixador, e terminou o trabalho num minuto, incluindo alguns dados aleatórios, que consistiam em dezasseis apelidos tirados ao acaso da lista telefónica de Praga. Quando a nova página saiu da máquina, Foley tirou-a, dobrou-a, pô-la num envelope de papel manila e selou-o. Puseram-lhe um selo de lacre e Foley passou o envelope a Russell.

— Volto dentro de cinco minutos, Ed — disse o oficial de comunicações, enquanto saía. Tomou o elevador até ao andar térreo. O transportador do correio diplomático estava ali. Chamava-se Tommy Cox, era um tenente subalterno e piloto de helicóptero que fora alvejado quatro vezes nas terras altas do centro do Vietname, como parte da Primeira Divisão de Cavalaria, e um homem que tinha apenas os sentimentos mais negativos pelos adversários do seu país. A mala diplomática era um saco de lona que seria algemado ao seu pulso durante o percurso. Ele já tinha reserva num 747 da Pan Am que fazia um voo direto para o aeroporto internacional John F. Kennedy em Nova Iorque, um voo de onze horas, durante o qual ele não iria beber nem dormir, ainda que tivesse três livros de bolso com histórias policiais para ler durante a viagem. Sairia da embaixada num carro oficial dentro de dez minutos, e as suas credenciais diplomáticas significavam que ele não iria ser incomodado pelas forças de segurança ou por processos alfandegários. Os russos eram efetivamente bastante cordiais acerca disso, embora devessem estar mortinhos por uma hipótese de virem a descobrir o que estava no interior do saco de lona. De certeza que não era perfume russo, ou colãs para uma amiga em Nova Iorque ou em Washington.

— Boa viagem, Tommy.

Cox assentiu com um aceno de cabeça.

— Obrigado, Mike.

Russel dirigiu-se ao escritório de Foley no andar de cima.

— Bem, já está na mala. O voo sai daqui a uma hora e dez minutos.

— Ótimo.

— Será que um *Coelho* é o que eu penso que é?

— Não lho posso dizer, Mike — indicou Foley.

— Pois, bem sei, Ed, desculpe a minha pergunta. — Russell não era homem

para quebrar as regras, ainda que tivesse a mesma curiosidade de qualquer um. E é óbvio que ele sabia o que era um *Coelho*. Passara toda a sua vida dentro do «mundo negro», nesta ou naquela capacidade, e o calão não era assim tão difícil de aprender. Mas o mundo negro tinha muros, e contra isso não havia argumentos.

Foley pegou na cópia da sua mensagem, pô-la no cofre do escritório, procedeu às combinações e ligou o alarme. Em seguida, foi até à cantina da embaixada onde havia uma televisão ligada no ESPN. Lá, ficou a saber que os seus Yankees tinha perdido outro jogo… três goles seguidos e um galhardete triangular! *Será que não existe justiça neste mundo?*, resmungou ele.

Mary Pat estava a fazer as lides da casa, o que era aborrecido, mas era uma boa oportunidade para ela pôr a cérebro em ponto morto, enquanto a sua imaginação se espraiava. Pois bem, ela iria encontrar-se de novo com Oleg Ivanovitch. Dependeria dela encontrar uma maneira de levar o «pacote» (mais um outro termo das artes da CIA que se referia às pessoas ou materiais a serem levados para fora do país) para um lugar seguro. Havia muitas maneiras de o fazer. Eram todas perigosas, no entanto, ela, Ed e um outro espião no terreno estavam treinados para fazer uma operação desse género. Moscovo era uma cidade com uma população de milhões e, num cenário tal, três pessoas a andar eram apenas parte do ruído de fundo, como uma só folha a cair numa floresta de outono. Seria mais um búfalo no rebanho do Parque Nacional de Yellowstone; mais um automóvel na autoestrada de Los Angeles, durante a hora de ponta. Não era difícil, pois não?

Bem, na verdade até era. Na União Soviética, qualquer aspeto da vida pessoal era sujeito a controlo. No que se aplicava à América, é claro, o pacote era apenas mais um carro na autoestrada de Los Angeles, mas ir a Las Vegas implicava atravessar uma fronteira estadual e tinha de se ter uma razão para isso. Nada ali era fácil, do mesmo modo como as coisas eram fáceis na América.

E havia uma outra coisa…

Seria melhor, pensou Mary Pat, *que os russos não soubessem que ele se tinha ido embora.* Apesar de tudo, não havia homicídio se não houvesse um cadáver para permitir que todos soubessem que alguém tinha morrido. E não se tratava de uma fuga ou de uma deserção, a não ser que soubessem que um dos seus

cidadãos tinha aparecido noutro lado, onde não deveria estar. *Assim, sendo, como o poderia melhorar… seria possível…?*

Não seria isso um pontapé no cu? Mas como fazer com que tal acontecesse? Era algo em que especular enquanto aspirava a carpete da sala. E, oh, a propósito, ao fazê-lo estava a tornar inválidas quaisquer escutas que os russos tivessem posto nas paredes… De modo que ela parou de imediato. Porquê perder essa oportunidade? Ela e Ed podiam comunicar com as mãos, mas a largura de banda era como xarope de ácer em janeiro.

Perguntou-se se Ed iria alinhar naquilo. *Talvez*, pensou. Não era o tipo de coisa que ele concebesse. Ed, apesar de todas as suas aptidões, não era um *cowboy*. Embora tivesse os seus talentos, que eram muito bons, era mais um piloto de bombardeiro do que um piloto de combate. Mas Mary Pat pensava como Chuck Yeager no X-1, como Pete Conrad no módulo lunar. Ela era melhor a pensar a longo termo.

A ideia também tinha implicações estratégicas. Se eles conseguissem retirar o *Coelho* sem que a oposição soubesse, então poderiam fazer um uso interminável de tudo o que ele sabia e, essa possibilidade, se pudessem arranjar um modo de fazer com que isso acontecesse, era, na verdade, muito sedutora. Não seria fácil e poderia ser uma complicação desnecessária (e, se assim fosse, poderia ser posta de lado), mas valia a pena pensar nela e o cérebro de Ed poderia contribuir para isso. Ela iria precisar dos seus talentos de planificação e da sua capacidade de analisar a realidade, mas a ideia básica punha-lhe a cabeça a funcionar a uma velocidade vertiginosa. Tudo se resumiria aos ativos disponíveis… e essa seria a parte mais difícil. Mas «difícil» não queria dizer «impossível» e, para Mary Pat, «impossível» também não queria dizer «impossível», pois não?, perguntou ela a si mesma.

Nem pensar.

O voo da Pan Am começou a rolar a tempo, através das *taxiways* do aeroporto Sheremetyevo, que eram famosas no mundo da aviação pelo seu piso acidentado. Mas as pistas eram adequadas, e os enormes motores Turbofan JT-9D, da Pratt & Whitney, atingiram a velocidade máxima e o avião descolou. Tommy Cox, no assento 3-A, notou com um sorriso a reação usual quando um avião americano saía de Moscovo. Os passageiros ficavam muito contentes e

batiam palmas. Não havia nenhuma regra e o pessoal de voo não o encorajava. Acontecia espontaneamente, assim se via o modo como os americanos ficavam impressionados com a hospitalidade soviética. Agradava a Cox, que não sentia afeto pelo povo que tinha atingido o seu helicóptero *Huey* quatro vezes, o que, a propósito, lhe dera a ganhar três medalhas Coração Púrpura, uma pequena barreta com que enfeitar as lapelas de todos os casacos dos seus fatos, juntamente com duas estrelas. Olhou pela janela para ver o que lhe parecia ser o chão a cair à sua esquerda, quando ouviu o toque desejado da campainha, e retirou um *Winston* que acendeu com o seu isqueiro *Zippo*. Era uma pena que não pudesse dormir ou beber nesses voos, porém, surpreendentemente, iam passar um filme que ele ainda não vira. Naquela profissão aprendia-se a apreciar as pequenas coisas. Eram doze horas até Nova Iorque, mas um voo direto era bem melhor do que ter de parar em Frankfurt ou em Heathrow. Esses lugares eram apenas uma oportunidade para ter de arrastar na mão o maldito saco de lona, por vezes sem o benefício de um carrinho. Bem, ele tinha um maço inteiro de cigarros e o menu do jantar não lhe parecia nada mau. Para além disso, o governo, de facto, pagava-lhe para estar sentado doze horas a tomar conta dessa maldita bagagem. Era melhor do que ter de voar no seu *Huey* pelas terras altas do Vietname. Cox já nem sequer pensava na importância da informação que transportava no saco. E se outras pessoas estivessem muito interessadas, o problema era delas.

Ryan conseguira escrever três belas páginas — não fora um dia muito produtivo e não poderia afirmar que a componente artística da sua prosa exigia uma escrita lenta. A sua linguagem era literária — aprendera a gramática, na sua maior parte, com padres e freiras, e a sua mecânica de palavras era correta —, se bem que não particularmente elegante. No seu primeiro livro, *Águias Condenadas*, cada fragmento de linguagem artística que ele tentara pôr no seu manuscrito fora revisto, perante a sua fúria submissa e silenciosa. De modo que os poucos críticos que tinham lido e comentado o seu épico histórico tinham elogiado vagamente a qualidade da sua análise, mas, para além disso, tinham notado tensamente que poderia ser um bom livro de texto para alunos num curso superior de História, mas não algo em que o leitor normal pudesse querer gastar o seu dinheiro. De modo que o livro vendera um total de 7865 exemplares, o que

não era muito para dois anos e meio de trabalho, mas que, Jack insistia em lembrar, fora apenas a sua primeira tentativa. Talvez uma nova editora lhe arranjasse um revisor que fosse mais um aliado seu do que um inimigo. Apesar de tudo, ainda podia ter esperanças.

Mas o malfadado livro não iria estar pronto até que ele o acabasse, e três páginas não eram muito para um dia inteiro no seu escritório de casa. Ele estava a dividir as suas energias mentais com um outro problema e isso não conduzia a uma produtividade útil.

— Escreveste muito? — perguntou Cathy, aparecendo-lhe subitamente por detrás do ombro.

— Não foi mau — mentiu ele.

— Onde é que vais?

— Em maio. O Halsey está a tentar curar-se da sua doença de pele.

— Dermatite? Isso pode ser uma coisa terrível, mesmo nos nossos dias — notou Cathy —, pode dar com o pobre doente em doido.

— E desde quando és uma dermatologista?

— Sou médica, Jack, ou será que já te esqueceste?

— Tudo isso e ainda por cima humilde — ironizou ele, com uma careta.

— Bem, quando estás constipado, será que não tomo bem conta de ti?

— Acho que sim. — Era verdade. — Como estão as crianças?

— Ótimas. A Sally divertiu-se nos baloiços e fez um novo amigo, o Geoffrey Froggat. O pai dele é solicitador.

— Ainda bem. Será que só existem advogados por aqui?

— Bem, há também uma médica e um espião — indicou Cathy. — O problema é que não posso dizer às pessoas o que tu fazes, pois não?

— Então, *que é que* lhes dizes?

— Que trabalhas para a embaixada. — O que não era de todo mentira.

— Outro burocrata manga de alpaca — resmungou ele.

— Gostarias então de voltar para a Merrill Lynch?

— Hum… Nem por sombras.

— Há quem goste de ganhar muito dinheiro — comentou ela.

— Apenas como um passatempo, querida. — Se ele voltasse a essa atividade, o seu sogro regozijar-se-ia durante um ano. Não, nem pensar. Ele já passara o seu tempo no inferno, como um bom fuzileiro. — Tenho coisas mais importantes

para fazer.

— Tais como?

— Não te posso dizer — ripostou ele.

— Sei bem disso — retorquiu a mulher com um sorriso divertido. — Bem, pelo menos não se trata de informação privilegiada.

De facto até era, mas Ryan não lho podia dizer, do tipo mais desagradável. Milhares de pessoas a trabalharem todos os dias para descobrirem coisas de que não deveriam saber para depois tomarem ações que não deveriam tomar.

Mas ambos os lados entravam nesse jogo, diligentemente, porque não era acerca de dinheiro. Era acerca da vida e da morte e esses jogos eram os mais terríveis. No entanto, Cathy não perdeu sono a pensar no tecido canceroso que ela enviara para o incinerador do hospital e quem sabe se essas células cancerosas também não quereriam viver, mas era uma pena, não era?

O coronel Bubovoy tinha o despacho em cima da sua secretária e leu-o. As mãos não lhe tremeram, mas ele acendeu um cigarro para o ajudar a refletir. Com que então o Politburo estava interessado em ir para frente com aquilo. O próprio Leonid Ilyitch assinara a carta para o chefe do Partido Comunista da Bulgária. Ele teria o embaixador a contactá-lo na segunda-feira de manhã para organizar a reunião, que não deveria demorar muito tempo. Os búlgaros eram os cães de colo da União Soviética, mas, uma vez por outra, eram cães úteis. Os soviéticos tinham estado implicados no assassínio de Georgiy Markov, na ponte de Westminster, em Londres. O KGB fornecera a arma, se é que tal se lhe poderia chamar — um chapéu de chuva para administrar a pequena bola metálica cheia de veneno, capaz de transferir o rícino e assim silenciar o aborrecido desertor que falara de mais no Serviço Mundial da BBC. Isso já se passara há uns tempos e tais dívidas não tinham prazo de validade, pois não? Não a esse nível político. De modo que Moscovo estava a cobrar a dívida. Para além disso, havia o acordo de 1964, onde fora decidido que o Dirjavna Sugurnost trataria dos assassínios do KGB no Ocidente. E Leonid Illyitch estava a prometer transferir um batalhão inteiro da nova versão dos tanques de batalha T-72, o que era sempre o tipo de coisa que fazia com que um chefe de Estado comunista se sentisse melhor no que dizia respeito à sua segurança política. E eram mais baratos do que os MiG-29 que os búlgaros estavam a pedir. Como se um piloto búlgaro pudesse

comandar esse tipo de aeronave… A piada russa era que eles tinham de encaixar os bigodes no capacete de voo antes de fecharem a viseira, recordou Bubovoy. Com bigodes ou sem eles, os búlgaros eram considerados como os filhos da Rússia, uma atitude que recuava ao tempo dos czares. E, na sua maioria, eram filhos obedientes, embora, tal como aqueles, tivessem poucas preocupações com o bem e com o mal, desde que não fossem apanhados. De modo que ele iria mostrar o devido respeito por este chefe de Estado e ser recebido, cordialmente, como mensageiro de um poder maior, e o chefe hesitaria várias vezes antes de concordar. Seria tão estilizado como um espetáculo do bailarino Aleksander Gudonov, e igualmente previsível na sua conclusão.

Em seguida, iria encontrar-se com Boris Strokov e ficar com uma ideia acerca da velocidade com que poderiam proceder a essa operação. Boris Andreyevitch acharia a probabilidade excitante. Aquela seria a maior missão da sua vida, como concorrer nos Jogos Olímpicos, não tão assustador mas emocionante, e haveria decerto uma promoção à sua espera pela sua conclusão bem-sucedida… talvez um novo carro para Strokov e uma bela *dacha* fora de Sófia. Ou até, quem sabe, ambas as coisas. *E para mim?*, interrogou-se o oficial do KGB. *Uma promoção, certamente*. Estrelas de general e um regresso a Moscovo, um belo escritório no Centro e um bom apartamento na Kutusovskiy Prospekt. Voltar para Moscovo agradava sobremaneira ao *rezident*, que passara muitos anos fora das fronteiras da Rodina. *O suficiente*, pensou ele, *mais do que o suficiente*.

— Onde está o correio? — perguntou Mary Pat, aspirando a carpete da sala.

— A esta hora, por cima da Noruega — pensou o marido em voz alta.

— Tenho uma ideia — disse ela.

— Ai sim? — inquiriu Ed, com algum grau de entusiasmo.

— Que tal se conseguirmos retirar o *Coelho* sem que eles se deem conta?

— E como diabo vamos nós fazer isso? — perguntou o marido, surpreendido. Que estaria ela agora a arquitetar? — Conseguir retirá-lo juntamente com a sua família já não irá ser nada simples.

Ela contou-lhe o que cogitara na sua cabecinha tortuosa e tratava-se de algo muito original.

Tinhas de ser tu a conceber uma coisa dessas, pensou ele, com uma expressão neutra, se bem que depois tivesse começado a pensar nisso.

— Complicado — observou o chefe de posto, tensamente.

— Mas possível.

— Querida, trata-se de um grande plano. — Contudo, ele estava a pensar nisso, Mary Pat podia lê-lo nos seus olhos.

— Sim, mas se o conseguirmos fazer, que golpe! — disse ela, pondo a ponta do aspirador debaixo do sofá. Eddie aproximou-se mais da televisão para poder ouvir o que os robôs *Transformers* estavam a dizer. Era um bom sinal. Se Eddie não conseguia ouvir bem, os microfones do KGB também não o poderiam fazer.

— Vale a pena pensar nisso — admitiu Ed. — Mas fazê-lo… raios partam!

— Bem, eles pagam-nos para sermos criativos, não é verdade?

— Não haverá maneira de nós podermos fazer aqui uma coisa dessas. — Não sem envolverem uma grande quantidade de ativos, alguns dos quais poderiam não ser inteiramente fiáveis, o que era, obviamente, o grande receio de ambos, e um de que não se poderiam facilmente defender. Esse era um dos problemas no ramo da espionagem. Quando os contraespiões do KGB identificavam um dos ativos deles, eram muitas vezes hábeis a lidar com essa questão. Poderiam, por exemplo, ter uma breve conversa com o fulano e dizerem-lhe para continuar a agir como até ali e depois talvez ele conseguisse viver até ao fim do ano. Os seus agentes estavam treinados para fazerem um sinal caso tivessem de abortar a missão, mas quem poderia garantir que o agente o fizesse? Exigia muito da suposta dedicação dos seus ativos, mais do que alguns deles (talvez a maioria) estariam provavelmente dispostos a fazer.

— Então, há outros sítios para onde eles poderiam ir. Por exemplo, para a Europa de Leste. Retirá-los por essa via — sugeriu ela.

— Suponho que seja possível — admitiu ele, uma vez mais. — Mas a missão aqui é retirá-los da Rússia, não ganhar pontos devido ao estilo por parte do juiz da Alemanha de Leste.

— Bem sei, mas pensa melhor. Poderemos mandá-lo para fora de Moscovo. Isso iria dar-nos muito mais flexibilidade nas nossas opções, não achas?

— Sim, querida, mas também pressupõe problemas de comunicação. — E isso significava o risco de darem com tudo em pantanas. O princípio de que quanto mais simples melhor fazia parte do carácter da CIA, como os sobretudos e as fedoras que as pessoas usavam nos maus filmes. Demasiados cozinheiros acabavam por estragar a comida.

E contudo o que ela sugeria tinha um mérito verdadeiro. Retirar o *Coelho*, de um modo que os soviéticos pensassem que ele tinha morrido, significava que eles não iriam tomar precauções. Seria como enviar o capitão Kirk até ao interior do KGB por transporte (e invisível) e retirá-lo sem que ninguém soubesse que ele lá tinha estado, juntamente com montões de informação importante. Seria algo mais próximo de uma perfeita peça de teatro do que alguma vez fora conseguido. *Meu Deus*, pensou Ed, *uma peça de teatro tão perfeita como nunca acontecera na vida real*. Refletiu por momentos que tinha a bênção de ter uma mulher tão criativa no seu trabalho como o era na cama.

E isso era muito bom.

Mary Pat olhava para o rosto do marido e sabia o que ele estava a pensar. Ed era um jogador cauteloso, mas ela carregara num botão muito sensível e ele fora suficientemente esperto para ver o mérito no que ela sugerira. A ideia dela era uma complicação… mas talvez uma que não fosse assim tão grande. Levar o pacote para fora de Moscovo já não iria ser pera doce sob as melhores das circunstâncias. A parte difícil era atravessar a fronteira finlandesa… Era sempre a Finlândia e todos o sabiam. Havia maneiras de o fazer que quase sempre envolviam carros preparados com acomodações secretas para passageiros. Os russos tinham dificuldade em combater essa tática, porque, se o condutor do carro tivesse credenciais diplomáticas, a convenção internacional limitava-lhes as opções de busca. Qualquer diplomata que quisesse fazer dinheiro depressa, poderia ganhar muito a contrabandear droga, e alguns faziam-no, tinha ela a certeza, e poucos eram apanhados. Com um «passe para sair da prisão», podia fazer-se muita coisa. Mas mesmo esse não era um passe inteiramente grátis. Se os soviéticos soubessem que aquele tipo estava desaparecido, então talvez as regras fossem infringidas porque os dados dentro da sua cabeça eram demasiado valiosos. O outro lado da violação das regras diplomáticas era que tal resultaria apenas num protesto, confundido pela divulgação pública de que um diplomata estrangeiro credenciado andava a espiar — e se alguns dos seus diplomatas fossem espancados no processo, bem, os soviéticos eram conhecidos por sacrificarem um grande número de forças militares para um fim político e por pensarem nisso como o preço a ser pago por negociarem. Pela informação que o *Coelho* tinha, eles não hesitariam em derramar sangue, incluindo algum deles mesmos. Mary Pat pensou se aquele homem estaria ciente do perigo em que

incorria e da enormidade das forças que estavam reunidas contra ele. Tudo se resumia a saber se os soviéticos sabiam, ou não, que algo estava a ser preparado. Caso não o soubessem, os seus processos de segurança rotineiros, não importava se extremamente detalhados, eram previsíveis. No entanto, se estivessem alerta, poderiam pôr toda a cidade de Moscovo sob bloqueio.

Mas tudo o que eles faziam nos Serviços Clandestinos da CIA era feito com cuidado, e havia procedimentos de *backup* para quando as coisas corriam mal, tal como outras medidas, algumas desesperadas, que tinham provado ser eficientes quando as punham em ação. Apenas evitavam fazê-lo.

— Estou a acabar — avisou ela o marido.

— Pois bem, Mary Pat, puseste-me a pensar. — E com isso o seu formidável cérebro pôs-se a peneirar várias ideias. *Por vezes, ele precisa de um empurrãozinho*, pensou Mary Pat, mas, desde que estivesse a avançar na direção certa, tal como George Patton, não havia como pará-lo. Pensou se nessa noite Ed iria conseguir dormir. Bem ela seria capaz de o saber, não é verdade?

— O Basil gosta de ti — disse Murray. As mulheres estavam na cozinha. Jack e Dan estavam no jardim, a fingir que estavam a inspecionar as rosas.

— Achas que sim?

— Sim, muito.

— Macacos me mordam se eu sei porquê — retorquiu Ryan. — Ainda não lhe entreguei muito trabalho.

— O teu colega de escritório envia-lhe relatórios acerca de ti todos os dias. O Simon Harding está empenhado na carreira dele, caso ainda ninguém te tivesse dito. Foi por isso que ele foi com o Basil ao número dez.

— Dan, pensei que fizesses parte do Gabinete de Informação, não da Agência — observou Jack, pensando até que ponto o assessor jurídico trabalhava para as várias organizações.

— Bem, os fulanos ao fundo do corredor são amigos e, por vezes, eu interajo com alguns espiões. — Os fulanos ao fundo do corredor era a maneira como o Dan se referia ao pessoal da CIA. Contudo, Jack voltou a perguntar-se a que ramo do governo é que Murray pertencia. Mas tudo nele indicava «polícia» a alguém que soubesse o que procurar. Será que aquilo também era uma forma elaborada de disfarce? Não, não era possível. Dan fora o solucionador de

problemas do Emil Jacobs, o discreto e competente diretor do FBI, e isso era por demais elaborado para um disfarce governamental. Para além disso, Murray não geria agentes em Londres, pois não?

Mas será que os geria? Nada era o que parecia ser. Ryan detestava esse aspeto do seu emprego na CIA, mas teria de admitir que esse facto lhe mantinha a mente sempre desperta, mesmo quando estava a beber uma cerveja no seu quintal.

— Bem, suponho que seja bom sabê-lo.

— Não é fácil impressionar o Basil, meu rapaz. Mas ele e o juiz Moore simpatizam um com o outro. O Jim Greer também. O Basil adora as suas capacidades analíticas.

— É um tipo bastante esperto — concordou Ryan. — Aprendi muito com ele.

— Ele está a fazer de ti um dos seus eleitos.

— Achas que sim? — Nem sempre Ryan tinha essa impressão.

— Será que não te dás conta da rapidez com que ele te está a promover? Como se tu fosses um professor de Harvard, ou algo assim.

— Andei no Boston College e em Georgetown, lembra-te.

— Pois, bem, nós, um produto dos jesuítas, gerimos o mundo, só que somos humildes a esse respeito. Eles não ensinam a «humildade» em Harvard.

De certeza que não encorajam os seus diplomados a fazer algo tão plebeu como trabalho policial, pensou Ryan. Ele lembrava-se dos alunos de Harvard em Boston, muitos deles pensavam que eram donos do mundo só porque o paizinho lho comprara. Ryan preferia ser ele a fazer a transação, sem dúvida devido à sua origem operária. Mas Cathy não era como esses snobes da classe alta, e nascera num berço de ouro. É claro que ninguém se sentiria desacreditado ao mencionar que o filho ou a filha eram médicos, sobretudo no caso de terem feito o curso no Johns Hopkins. *Talvez Joe Muller não fosse assim tão mau, apesar de tudo,* pensou Ryan, por momentos. Ele ajudara a criar uma boa filha. Era uma pena que ele fosse um arrogante filho da mãe para o genro.

— Então, gostas de trabalhar na Century House?

— É melhor do que Langley. Lá é um bocado como viver num mosteiro. Pelo menos em Londres vivemos numa cidade. Podemos sair para ir tomar uma cerveja ou fazer umas compras durante a hora do almoço.

— É uma pena que o edifício se esteja a desagregar. É o mesmo problema que

tiveram em outros edifícios em Londres… a argamassa ou o reboco, seja lá o que lhe chamem, tem defeitos. De modo que a fachada se está a descascar. É embaraçoso, mas o construtor deve ter morrido há muito tempo e não se pode levar um cadáver a tribunal.

— Nunca o fizeste? — perguntou Jack, na brincadeira.

Murray abanou a cabeça.

— Nunca disparei contra ninguém. Uma vez estive lá perto, mas nunca o cheguei a fazer. Ainda bem. Parece que aquele rafeiro não estava armado. Não sei como iria explicar uma coisa dessas a um juiz — acrescentou ele, bebendo a cerveja.

— Então, como é que está a polícia local? — Apesar de tudo, era o trabalho de Murray interagir com eles.

— Estão muito bem, realmente. Estão bem organizados e são ótimos investigadores para as coisas mais importantes.

— Não como em Nova Iorque ou no Distrito de Colúmbia.

— Nem por sombras. Alguma coisa interessante a acontecer na Century House? — perguntou ele.

— Nem por isso. Em grande parte, tenho estado a olhar para ficheiros antigos, a reexaminar velhas análises contra dados mais recentes. Não é nada que valha a pena comentar, mas, de qualquer modo, tenho de o fazer. O almirante dá-me bastante trela, mas, mesmo assim, ainda é uma trela.

— Que pensas tu dos nossos primos?

— O Basil é bastante esperto — observou Ryan. — Mas tem cuidado com o que me mostra. É justo, acho eu. Ele sabe que eu escrevo relatórios para Langley e, na verdade, não preciso de saber muito acerca das fontes… No entanto, consigo deduzir certas coisas. Como o facto de haver gente bastante competente em Moscovo. — Ryan fez uma pausa. — Raios me partam se alguma vez entraria nesse jogo. As nossas prisões são horríveis. Nem sequer quero pensar como serão as da Rússia.

— Não irias viver tempo suficiente para o descobrires, Jack. Eles não são um povo que goste de perdoar, especialmente quando se trata de espionagem. É mais seguro dar uma tareia num polícia em frente da esquadra do que ser espião.

— E connosco?

— É fascinante como os que estão detidos são tão patrióticos. Os espiões

cumprem penas pesadas nas prisões federais. Eles e os pedófilos. Atraem muito as atenções por parte de Bubba e dos seus bandidos armados.

— Sim, o meu pai falava nisso de vez em quando, de como havia uma hierarquia na prisão e de como era mau estar no fundo da mesma.

— É melhor ser um lançador do que um recetor — observou Murray, rindo-se.

Era altura para a verdadeira pergunta:

— Então, Dan, qual é a tua relação com os espiões?

Murray examinou o horizonte.

— Oh, entendemo-nos muito bem — era tudo o que ele estava disposto a dizer.

— Não sei se sabes, Dan — observou Jack —, se há coisas com que aprendi a preocupar-me aqui são os eufemismos.

Murray achou piada ao comentário.

— Então estás a viver no sítio errado, meu amigo. Aqui todos falam desse modo.

— Sim, especialmente entre os espiões.

— Bem, se falássemos como toda a gente não haveria qualquer mistério e as pessoas iriam perceber como tudo é tão lixado. — Murray bebeu um gole e sorriu, abertamente. — Não poderíamos assim manter a confiança das pessoas. Aposto que o mesmo se passa com os médicos e com os corretores da bolsa — sugeriu o representante do FBI.

— Todos os ramos têm a sua linguagem específica. — A razão principal era que proporcionava uma comunicação mais rápida e eficiente para aqueles que estavam no seu interior… mas a verdade era que, é claro, negava o conhecimento e/ou o acesso aos que não faziam parte do grupo. Mas isso não era um problema quando se estava no interior do mesmo.

As más notícias aconteceram em Budapeste e resultaram de uma verdadeira má sorte. O agente até nem era muito importante. Dava informação acerca da Força Aérea da Hungria, mas tratava-se de uma organização que ninguém levava muito a sério, juntamente com o Exército húngaro, que raramente se distinguira no campo de batalha. De qualquer modo, o marxismo-leninismo nunca ganhara aí grandes raízes, mas o Estado tinha um serviço de informação/contrainformação que era diligente, ainda que não muito competente, e nem todos eram estúpidos.

Alguns tinham até sido treinados pelo KGB e, se havia alguma coisa que os soviéticos dominavam, era a informação e a contrainformação. Um oficial, Andreas Morrisay, estava sentado, a tomar o pequeno-almoço num café da Andrassy Utca, quando alguém cometeu um erro. Ele não o teria visto se não estivesse aborrecido com o seu jornal, mas lá estava. Um cidadão húngaro (era fácil de ser identificado pela roupa) deixou cair uma coisa. Era do tamanho de uma caixa de tabaco para cachimbo. Baixou-se logo para a apanhar e, em seguida, estranhamente, colou-a à parte de baixo da mesa a que estava sentado. Andreas reparou que não caía. Deveria ter uma espécie de fita adesiva num dos lados. E esse tipo de coisa não era apenas fora do comum, mas algo que lhe fora mostrado num filme educativo, na Academia do KGB fora de Moscovo. Era uma forma muito simples e obsoleta de passar mensagens, um método usado por espiões inimigos para transferir informação. Era, pensou Andreas, como entrar inesperadamente num cinema, ver um filme de espionagem e saber o que estava a acontecer com base apenas no instinto. A sua reação imediata foi ir até à casa de banho, onde havia um telefone público. Uma vez aí, ligou para o seu escritório e falou durante menos de trinta segundos. Em seguida, usou a casa de banho, porque aquilo podia demorar algum tempo e ele ficou subitamente ansioso. Não houve problema. A sede da sua agência ficava apenas a uma distância de meia dúzia de quarteirões, e alguns dos seus colegas chegaram, sentaram-se e pediram café, falando animadamente disto e daquilo. Andreas era relativamente novo nesse trabalho (só lá estava há dois anos) e nunca tinha apanhado alguém a fazer o que quer que fosse. Mas esse era o seu dia e o oficial sabia-o. Estava a olhar para um espião. Um cidadão húngaro que estava ao serviço de uma potência estrangeira e, mesmo que ele estivesse a passar informação ao KGB, estava a cometer um crime pelo qual poderia ser detido, embora nesse caso tudo pudesse ser rapidamente esclarecido pelo oficial de ligação do KGB. Após mais dez minutos, o húngaro levantou-se e saiu, com dois dos outros oficiais atrás dele.

Bem, nada se passou durante mais de uma hora. Andreas pediu *strudel*, que nesse café era tão deliciosa como em Viena, a trezentos quilómetros dali, e isso apesar do governo marxista do seu país, porque os húngaros gostavam de comer bem e a Hungria era um país agricolamente produtivo, apesar da economia de comando imposta aos agricultores nos países de Leste. Andreas fumou uma série

de cigarros, leu o jornal e ficou à espera de que qualquer coisa acontecesse.

E não tardou. Um homem vestido bem de mais para ser um cidadão húngaro sentou-se na mesa ao lado da dele, acendeu um cigarro e pôs-se a ler o jornal.

Neste caso, o facto de Andreas ser míope funcionou a seu favor. Os seus óculos eram tão grossos que demorou alguns segundos até qualquer pessoa se poder dar conta do local onde os seus olhos estavam focados, e lembrava-se ainda suficientemente bem da sua formação para não deixar que o seu olhar se atardasse num dado sítio mais do que uns breves segundos. No geral, parecia estar a ler o jornal, como meia dúzia de outras pessoas nesse pequeno café elegante que, não se sabia como, sobrevivera à Segunda Guerra Mundial. Olhou para o americano (Andreas estava plenamente convencido de que esse homem tinha de ser americano) a beber o seu café e a ler o jornal, até pousar a chávena no pires. Depois, pôs a mão no bolso para procurar um lenço que usou para se assoar e que voltou a meter no bolso.

Contudo, antes disso, recolheu a caixa de tabaco de debaixo da mesa. Tratou-se de um movimento tão habilmente feito que apenas um oficial de contrainformação o poderia ter visto, mas, disse a si mesmo, era exatamente isso que ele era. E foi o seu orgulho que gerou o seu primeiro e mais caro erro do dia.

O americano acabou de beber o café e foi-se embora, com Andreas no seu encalço. O estrangeiro dirigiu-se para a estação de metro a um quarteirão de distância e quase lá chegou. Mas não o conseguiu. Voltou-se surpreendido quando sentiu uma mão no braço.

— Posso ver a lata de tabaco que o senhor tirou de debaixo da mesa? — disse Andreas delicadamente, porque talvez esse estrangeiro fosse, tecnicamente falando, um diplomata.

— Desculpe? — disse o estrangeiro, e o seu sotaque ou era americano ou inglês.

— A que o senhor tem no bolso das calças — clarificou Andreas.

— Não sei de que é que está a falar, e tenho mais que fazer. — O homem começou a afastar-se.

Não andou muito. Andreas sacou da pistola. Era uma *Agrozet* checa Modelo 50 que, definitivamente pôs fim à conversa, mas não inteiramente.

— Que é isto? Quem é você?

— Papéis. — Andreas estendeu a mão, mantendo a pistola apontada. — Nós

já temos o seu contacto. Você está — acrescentou ele — detido.

Nos filmes, o americano teria sacado da sua arma e tentado escapar-se, descendo os trinta e oito degraus até ao velho metro. Mas o medo do americano era que aquele fulano tivesse visto muitos filmes e que isso o fizesse sentir-se nervoso, a ponto de puxar o gatilho dessa pistola checa de merda. De modo que pôs a mão no bolso do casaco, lenta e deliberadamente, não fosse ele assustar esse idiota, e retirou o passaporte. Era um passaporte negro, do tipo que era emitido para diplomatas e rapidamente reconhecido por estúpidos com sorte, como o cabrão daquele fulano armado em esperto. O nome do americano era James Szell, era de descendência húngara, uma das muitas minorias bem recebidas na América durante o século anterior.

— Sou um diplomata americano devidamente credenciado pelo seu governo. Deverá levar-me para a minha embaixada imediatamente. — Por dentro, Szell estava a ferver. O seu rosto não o revelava, é claro, mas os seus cinco anos no terreno tinham terminado bruscamente. Tudo isso devido a um novato de um agente de segunda classe que forneceria informação de segunda classe para uma força aérea comunista de terceira classe. *Filho da puta*!

— Primeiro vem comigo — disse-lhe Andreas, que lhe fez um gesto com a pistola. — Por aqui.

O avião 747 da Pan Am aterrou no aeroporto internacional John F. Kennedy meia hora antes da hora prevista, devido a ventos favoráveis. Cox pôs os livros na mala e pôs-se de pé, conseguindo ser o primeiro passageiro a sair, com uma pequena ajuda da comissária de bordo. Daí, era uma caminhada rápida através da alfândega (o seu saco de lona dizia a todos quem e o que ele era) e, em seguida, até ao próximo voo para o aeroporto nacional de Washington. Após noventa minutos estava no banco de trás de um táxi a caminho do Departamento de Estado em Foggy Bottom. No interior desse edifico espaçoso, abriu a mala diplomática para lhe retirar os conteúdos. O envelope de Foley foi entregue a um mensageiro que guiou através da George Washington Parkway até Langley, onde tudo se despachou também rapidamente.

A mensagem foi levada por mão para o MERCÚRIO, o centro de mensagens da CIA e, uma vez desencriptada e impressa, entregue em mão no sétimo andar. O original foi posto no saco dos papéis para serem queimados e nenhumas outras

cópias foram guardadas, embora uma, em formato eletrónico, fosse transferida para uma videocassete, que foi colocada numa prateleira do arquivo morto.

Mike Bostock estava no seu escritório e, ao ver o envelope de Moscovo, decidiu que tudo o mais poderia esperar. Decerto podia, constatou ele logo, porém, quando olhou para o relógio, soube que Bob Ritter estava a sobrevoar o Ohio e a dirigir-se para oeste num avião 747 da All Nippon Airlines. De modo que telefonou para casa do juiz Moore, pedindo-lhe que viesse até ao escritório. A resmungar, o diretor-geral de Informação concordou em fazê-lo, de imediato, pedindo também a Bostock que telefonasse para Jim Greer. Ambos viviam, agradavelmente, perto da sede da CIA, e saíram do elevador para executivos com oito minutos de intervalo um do outro.

— De que se trata, Mike? — perguntou Moore, à chegada.

— É do Foley. Parece que tem uma coisa interessante. — *Cowboy* ou não, Bostock gostava de atenuar as suas afirmações.

— Raios partam — murmurou o diretor-geral de Informação. — E o Bob já se foi embora?

— Sim, senhor, há cerca de uma hora.

— O que é, Arthur? — perguntou o almirante Greer, que vestia uma camisa de golfe barata.

— Acho que temos um *Coelho*. — Moore passou-lhe a mensagem.

Greer levou o seu tempo a examiná-la.

— Isto pode ser muito interessante — disse ele, após um momento de reflexão.

— Sim, pois pode. — Moore voltou-se para o adjunto do vice-diretor de Operações. — Mike, fala comigo.

— O Foley acha que é muito importante. O Ed é um agente no terreno, tão bom como qualquer outro que tenhamos, tal como a sua mulher. Ele pretende fazer a extração deste tipo e da família, rapidamente. Teremos de confiar nos instintos dele neste caso, senhor juiz.

— Há alguns problemas?

— A questão é: como é que vamos realizar a missão? Regra geral, deixamos isso para o pessoal no terreno, a não ser que tentem algo de loucos, mas o Ed e a Mary são demasiado espertos para isso. — Bostock respirou fundo e olhou pela janela, que rodeava todo o andar, para o vale do Potomac e para lá do

estacionamento VIP. — Senhor juiz, o Ed parece pensar que este fulano tem informação indispensável. Não podemos duvidar do que ele nos diz. A suposição óbvia é que o *Coelho* está muito metido no interior do aparelho e quer sair o mais depressa possível da cidade. Juntar a mulher e a filha ao pacote é uma complicação séria. Mais uma vez, teremos de acreditar nos instintos do nosso pessoal de campo. Seria ótimo se pudéssemos fazer desse russo um agente que nos pudesse dar informação continuadamente, mas, por qualquer razão, isso não é possível ou o Ed pensa que ele já tem o que precisamos e queremos.

— Por que motivo não nos pôde dizer mais? — observou Greer, ainda com o despacho na mão.

— Bem, é provável que ele tivesse tido muito pouco tempo para dar isto ao homem do saco e que não confiasse no sistema de correios com algo que pudesse identificar o fulano perante a oposição. Seja o que for que este russo tenha, o Ed não quis confiar nos canais normais de comunicação e isso, meus senhores, é já por si uma mensagem.

— Assim sendo, acham que o pedido deve ser aprovado? — inquiriu Moore.

— Não há muito mais que possamos fazer — apontou Bostock, de um modo bastante óbvio.

— Pois bem… aprovado — declarou o diretor-geral de Informação, oficialmente. — Enviem-lhe já a resposta.

— Sim, senhor. — E Bostock saiu do escritório.

Greer riu-se.

— O Bob vai ficar lixado.

— O que pode ser tão importante para que o Foley queira abreviar os procedimentos de um modo tão abrupto? — pensou Moore, em voz alta.

— Teremos de esperar para saber.

— Creio que sim, mas, como sabe, a paciência nunca foi uma característica minha.

— Bem, pense nisto como uma oportunidade para adquirir uma virtude, Arthur.

— Ótimo. — Moore levantou-se. Podia ir para casa nesse momento e rezingar o dia todo, como uma criança em véspera de Natal, a pensar no que iria estar por baixo da árvore… se é que o Natal iria realmente acontecer nesse ano.

[29] Em português, «coelho». *(N. do T.)*

CAPÍTULO 18

MÚSICA CLÁSSICA

O sinal de resposta chegou depois da meia-noite em Moscovo, onde foi impresso e posto em cima da secretária de Mike Russell pelo oficial de comunicações da noite, e rapidamente esquecido. Devido à diferença horária de oito horas de Washington, essa era muitas vezes a época do dia em que mais sinais chegavam, e tratava-se apenas de uma outra folha de papel com coisas indecifráveis, uma que ele não estava autorizado a desencriptar.

Tal como Mary Pat previra, Ed não dormira nada que se visse, mas fizera o seu melhor para não dar muitas voltas na cama, para não incomodar a mulher. As dúvidas também eram parte do jogo da espionagem. Seria Oleg Ivanovitch uma «bandeira falsa», alguma tentativa aleatória do KGB na qual ele mordera muito rapidamente e com muita força? Será que os soviéticos tinham ido à pesca ao acaso e agarrado um grande marlim-azul no primeiro dia? Será que o KGB entrava nesse tipo de jogos? Não de acordo com a longa informação que lhe fora dada em Langley. Eles tinham entrado em atividades semelhantes no passado, mas estas tinham sido dirigidas a pessoas que eles sabiam fazer parte do jogo, de quem pudessem obter informação acerca de outros agentes, ao seguirem-nos para ver onde trocavam mensagens…

Contudo, não jogavam desse modo. Não pediam um bilhete de saída à primeira aproximação, a não ser que quisessem algo específico, como neutralizar um alvo em particular e, decerto, não se tratava disso. Ele e Mary Pat ainda não tinham *feito* muito. Que diabo, apenas uma mão-cheia de pessoas na embaixada sabia quem e o que ele era. Ed ainda não recrutara novos agentes, nem contactara alguns já existentes. Essa não era, estritamente falando, a sua função. O chefe de posto não deveria trabalhar no terreno. O seu dever era dirigir e supervisionar os que o faziam, como Dominic Corso e Mary Pat, juntamente com a sua equipa pequena mas especializada.

E, se o Ivan soubesse quem ele era, por que motivo iria revelar as suas intenções tão inadvertida e rapidamente? Só diria à CIA mais do que esta sabia de momento, ou poderia facilmente vir a saber. Não se desempenhava o papel de espião dessa maneira.

Pois bem, e se o *Coelho* fosse alguém que não valesse a pena, cuja missão seria identificar Foley para dar informação falsa e sem préstimo? E se toda a operação tivesse como objetivo nada mais do que identificar o chefe de posto em Moscovo? Mas eles não poderiam ter vindo atrás dele sem saberem quem ele era, pois não? Nem mesmo o KGB dispunha dos ativos necessários para pôr em prática tal missão e para chamar a atenção de cada funcionário de uma embaixada. Seria uma coisa um pouco sem jeito que alertaria, sem dúvida, o pessoal de uma embaixada para algo muito estranho que estaria a acontecer.

Não, o KGB era demasiado profissional para isso.

De modo que não o poderiam ter como alvo sem que o soubessem e, se o soubessem, iriam querer esconder essa informação, para não alertarem a CIA para uma fonte e para um método que eles deveriam ocultar.

Assim, Oleg Ivanovitch não poderia ser uma «bandeira falsa», o que resolvia esse assunto.

De modo que *tinha de ser* algo verdadeiro, não tinha?

Apesar de toda a sua informação e experiência, Foley não conseguia criar uma construção em que o *Coelho* não fosse um artigo genuíno. O problema é que tal não fazia muito sentido.

Mas o que fazia alguma vez sentido em espionagem?

O que *fazia sentido* era a necessidade de retirarem esse indivíduo da Rússia. Tinham um *Coelho* e este tinha de fugir do urso.

— Não podes dizer o que te está a incomodar? — perguntou Cathy.

— Não.

— Mas é assim tão importante?

— Pois é — respondeu ele, anuindo com um aceno de cabeça. — Sim, sem dúvida, mas o problema é que não sabemos se é mesmo sério.

— Trata-se de algo com que me devesse preocupar?

— Bem, não, não se trata da Terceira Guerra Mundial ou de qualquer coisa do género, mas eu não posso falar sobre isso.

— Porquê?

— Sabes bem porquê, é matéria confidencial. Não me contas acerca dos teus doentes, pois não? Isso porque tens regras e ética, e eu tenho regras de classificação. — Se bem que fosse esperta, Cathy ainda não chegara aí.

— Será que não haverá uma maneira de eu poder ajudar?

— Cathy, se estivesses autorizada a envolveres-te neste assunto, talvez me pudesses oferecer algumas sugestões. Mas talvez não. Tu não és psiquiatra e essa é a área médica que se aplica neste caso: o modo como as pessoas respondem a ameaças, quais são as suas motivações, como olham para a realidade e de que modo é que as suas perceções determinam o meu modo de agir. Tenho estado a tentar entrar na cabeça de pessoas que nunca conheci, para tentar descobrir o que vão fazer acerca de uma coisa. Há tempo que tenho vindo a estudar o modo como pensam, mesmo antes de ter entrado para a Agência, mas, tu deves saber…

— Sim, é muito difícil olhar para dentro do cérebro de alguém, e sabes porquê?

— Porquê?

— É mais difícil no caso dos que são normais do que nos que são loucos. As pessoas podem pensar racionalmente e fazerem coisas malucas.

— Devido às suas perceções?

Ela assentiu com um aceno de cabeça.

— Em parte por isso, mas em parte também porque escolheram acreditar em coisas totalmente falsas… por razões inteiramente racionais, no entanto, as coisas em que acreditam não deixam de ser falsas.

Isso surpreendeu Ryan como algo em que ele deveria refletir.

— Pois bem, fala-me do… Iossif Estaline, por exemplo. Ele matou muita gente. Porquê?

— Parte disso foi racional e parte uma paranoia desenfreada. Quando via uma ameaça lidava com ela decididamente. Mas ele tendia a ver ameaças que não existiam, ou que não eram suficientemente sérias para merecerem uma força assassina. O Estaline viveu na fronteira entre a loucura e a normalidade, e ia para um lado ou para o outro como um fulano em cima de uma ponte, incapaz de decidir onde vivia. Nos assuntos internacionais, era justo e tão racional como qualquer outra pessoa, mas era um indivíduo irascível e ninguém se atrevia a dizer-lhe «não». Um dos médicos do Hopkins escreveu um livro acerca desse homem. Li-o quando ainda andava na universidade.

— E que dizia?

A Doutora Ryan encolheu os ombros.

— Não era lá muito satisfatório. O pensamento corrente é que se tratava de

desequilíbrios químicos no cérebro que causavam doença mental, não por o pai dele lhe ter batido bastante ou por ele ter visto a mãe na cama com um bode. No entanto, agora, não podemos testar o sangue de Estaline.

— Dificilmente. Creio que finalmente o incineraram e o puseram… onde? Não me lembro — admitiu Jack. Não foi nas muralhas do Kremlin, pois não? Ou talvez tivessem enterrado o caixão de pinho em vez de terem incinerado tudo. Não valia a pena sabê-lo, pois não?

— É engraçado, muitas das figuras históricas fizeram o que fizeram porque eram mentalmente instáveis. Hoje em dia, talvez as pudéssemos curar com lítio ou outra substância que viemos a conhecer, principalmente nos últimos trinta anos. Mas, nesse tempo, tudo o que eles tinham era álcool e tintura de iodo. Ou talvez um exorcismo — acrescentou ela, pensando se os mesmos eram reais.

— E o Rasputin também tinha um desequilíbrio químico? — pensou Jack, em voz alta.

— Talvez, não sei muito acerca disso, só que era uma espécie de padre louco, não era?

— Não era um padre, mas sim um leigo místico. Creio que, hoje em dia, seria um televangelista, não é verdade? Fosse quem fosse, acabou por destruir a Casa dos Romanov, mas eles, de qualquer modo, não tinham qualquer utilidade.

— E depois o Estaline conquistou o poder?

— Primeiro o Lenine e depois o Estaline. O Vladimir Ilyitch morreu com um acidente vascular cerebral.

— Talvez fosse hipersensível ou tivesse um colesterol muito alto, algo que lhe pôs um coágulo no cérebro que acabou por o arrumar.

— Com o Estaline foi pior, não foi?

— O Lenine já não era fácil de aturar, mas o Estaline foi bastante fascinante. Um Tamerlão que regressou ao século vinte, ou talvez um dos Césares. Quando os romanos reconquistavam uma cidade rebelde, matavam tudo o que havia, até mesmo os cães.

— Estás a falar a sério?

— Sim, mas os britânicos poupavam os cães. Eram muito sentimentais em relação a eles — acrescentou Jack.

— A Sally tem saudades do *Ernie* — lembrou-lhe Cathy, ao jeito das mulheres. Algo que não era totalmente irrelevante para a conversa. O *Ernie* era o

cão que eles tinham na América.

— Eu também, mas vai divertir-se muito neste outono, em breve vai abrir a caça aos patos e ele irá ter a oportunidade de ir buscar à água todas as aves abatidas.

Cathy sentiu um arrepio. Ela nunca caçara nada mais vivo do que um hambúrguer no supermercado local… mas cortava seres humanos com bisturis. *Como se isso fizesse qualquer sentido*, pensou Ryan, com um sorriso irónico. Mas o mundo não tinha regra que requeresse lógica à superfície, pelo menos não da última vez que ele o verificara.

— Não te apoquentes, querida. O *Ernie* vai gostar imenso, acredita.

— Sim, pois.

— Ele adora nadar — apontou Jack, acrescentando: — Então, que problemas com o globo ocular irás ter no hospital na próxima semana?

— Só coisas de rotina. Exames aos olhos e receitas para óculos.

— Não são assim coisas muito interessantes, como cortar o olho esquerdo de um pobre diabo ao meio e voltar a cosê-lo.

— Isso não é um procedimento — esclareceu ela.

— Querida, eu nunca poderia cortar os olhos de alguém com uma faca sem vomitar o que tivesse no estômago, ou talvez desmaiar. — Arrepiava-se só de pensar nisso.

— És um fraco — foi tudo o que ela disse acerca dessa confissão. Ela não percebia que aquilo era uma aptidão que não era coberta na Escola Básica do Corpo de Fuzileiros, em Quantico, na Virgínia.

Mary Pat podia sentir que o marido ainda estava acordado, mas não era altura de falar, mesmo com o habitual jogo de mãos deles. Em vez disso, estava a pensar em operações… como transferir o pacote para fora da Rússia. Em Moscovo seria muito difícil. Outras partes da União Soviética também não eram mais fáceis, porque o posto de Moscovo não tinha assim tantos ativos que eles pudessem usar noutro lado desse vasto país. As operações de informação tendiam a centrar-se nas capitais nacionais, dado que era aí que se poderiam colocar «diplomatas» que eram verdadeiros lobos com pele de cordeiro. A maneira óbvia de contrariar isso era usar a capital apenas para serviços administrativos estritamente relacionados com o governo, distantes assuntos militares ou outros assuntos

sensíveis, mas ninguém faria isso, pela simples razão de que os grandes patrões do governo queriam todos os seus funcionários à distância de um braço para que eles (os grandes patrões) pudessem usufruir do exercício do poder. E era para isso que todos eles viviam, fosse em Moscovo, na Berlim de Hitler, ou em Washington, D.C.

Se não o pudessem retirar de Moscovo, então de onde? Havia apenas uns quantos lugares para onde o *Coelho* poderia ir. Para nenhum lado a oeste do arame, como ela concebia a Cortina de Ferro que se abatera sobre a Europa em 1945. E havia muito poucos lugares para onde um homem como ele poderia plausivelmente querer ir e que fossem convenientes para a CIA. Talvez as praias de Sotchi. Teoricamente, a Marinha podia levar para aí um submarino, para o extrair, mas não lhe poderiam assobiar para que ele viesse, e a Marinha poderia ter problemas por causa disso, apenas por alguém lho ter pedido.

Só restavam os fraternos Estados socialistas da Europa de Leste, que eram tão excitantes como lugares turísticos como o Mississípi central durante o verão: um bom sítio para ir se alguém adorasse plantações de algodão e um calor escaldante, caso contrário, porquê dar-se ao incómodo? A Polónia estava posta de parte. Varsóvia fora reconstruída após a versão austera de renovação urbana empreendida pela Wermacht, mas a Polónia nesse momento era um local muito complicado devido aos seus problemas de política interna e o ponto de saída mais fácil, Gdansk, estava agora tão bem guardado como a fronteira entre a Polónia e a Rússia. Não ajudara o facto de os britânicos ali terem executado o desvio de um novo tanque principal de batalha T-72. Mary Pat esperava que o tanque roubado fosse útil para alguém, mas um idiota em Londres gabara-se disso aos jornais e a história viera a lume, acabando com a utilidade de Gdansk como um porto de saída durante os próximos anos. A Alemanha de Leste, talvez? Mas poucos russos se importavam o que quer que fosse com a Alemanha, e haveria aí muito poucas coisas que eles quisessem ver. A Checoslováquia? Praga, supostamente, era uma cidade interessante, um ponto de referência, com arquitetura imperial e uma boa vida cultural. O *ballet* e as orquestras sinfónicas deles estavam quase a par dos equivalentes russos, e dizia-se que as galerias de arte eram excelentes. Mas a fronteira entre esse país e a Áustria também estava muito bem guardada.

Ficava a sobrar a Hungria.

A Hungria, pensou ela. Budapeste também era uma velha cidade imperial, em tempos estritamente governada pela dinastia dos austríacos Habsburgos, conquistada pelos russos em 1945, após uma terrível batalha prolongada com as SS alemãs, talvez reconstruída para não importa que antiga glória tivesse conhecido cem anos antes. Não era entusiasticamente comunista, como se demonstrara em 1956, antes de ter sido violentamente dominada pelos russos, sob as ordens pessoais de Khrushchev e, depois, sob a administração de Andropov como embaixador da URSS, restabelecida como uma irmandade feliz e socialista, se bem que mais livremente governada após a breve e sangrenta revolta. Os principais rebeldes tinham sido todos enforcados, baleados ou simplesmente eliminados. O perdão nunca fora uma virtude marxista-leninista.

Contudo, muitos russos apanhavam o comboio para Budapeste. Era a vizinha da Jugoslávia, a São Francisco comunista, um lugar onde eles podiam ir sem terem de pedir uma autorização. A Hungria tinha trocas comerciais livres com a Jugoslávia, de modo que os cidadãos soviéticos podiam comprar leitores de videocassetes, ténis da *Reebok* e colãs *Fogal*. Regra geral, os russos iam lá com uma mala cheia e duas ou três vazias, juntamente com uma lista de compras para todos os amigos.

Os soviéticos podiam viajar para lá com uma certa liberdade, porque tinham rublos do Comecon, que todos os países socialistas tinham de honrar devido ao Big Brother socialista em Moscovo. Budapeste era, de facto, a boutique do Bloco de Leste. Podiam até comprar-se videocassetes pornográficas para os leitores que ali eram feitos… cópias dos *designs* japoneses que eram alvo de engenharia reversa e feitas nas suas fraternas fábricas socialistas. As videocassetes eram contrabandeadas da Jugoslávia e eram aí copiadas. Tudo, desde a *Música no Coração* à *Debbie Does Dallas*. Budapeste tinha boas galerias de arte e locais históricos, boas orquestras, e dizia-se que a comida era muito boa. Um lugar inteiramente plausível para onde o *Coelho* poderia ir, com toda a intenção ostensiva de voltar para a sua amada Rodina.

Este é o início do plano, pensou Mary Pat. Ela também já tinha perdido sono suficiente para uma noite.

— Então, que aconteceu? — perguntou o embaixador.

— Um espião da Autoridade para a Segurança do Estado estava a tomar café

numa mesa ao lado da qual o meu agente tinha deixado uma mensagem — explicou Szell, no escritório privado do embaixador. Este estava localizado no último andar, numa das esquinas, de facto nos aposentos em tempos ocupados por Jozsef Cardinal Mindszenty durante a sua longa residência na Embaixada dos EUA. Um sujeito venerado, aos olhos do pessoal americano e do povo húngaro, fora detido pelos nazis, libertado pelo recém-chegado Exército Vermelho e logo reenviado para a prisão por não mostrar suficiente entusiasmo acerca do advento da Nova Fé da Rússia. Embora, tecnicamente, tivesse sido enviado para a prisão com base nas acusações absurdas de ser um monárquico inveterado que queria o regresso da Casa de Habsburgo e do seu governo imperial. Os comunistas locais não eram muito fortes em escrita criativa. Mesmo na viragem do século xx, os Habsburgos tinham sido tão populares em Budapeste como uma barcaça cheia de ratos transmissores de peste.

— Porque é que estava a fazê-lo, Jim? — perguntou o embaixador Peter Ericsson, também conhecido por *Spike*. Ele tinha de responder ao comunicado venenoso, mas inteiramente previsível, que chegara com o chefe de posto e que estava agora pousado no meio da secretária.

— A mulher do Bob Taylor… está grávida, lembra-se?, teve alguns problemas de canalização e eles levaram ambos até ao Segundo Hospital Geral do Exército, em Kaiserslauten, para serem examinados.

Ericsson riu-se.

— Sim, tinha-me esquecido.

— De qualquer modo, a versão resumida da coisa é que eu deitei tudo a perder — teve de admitir Szell. Não estava na sua maneira de ser encobrir as coisas. Causaria um trepidante soluço na sua carreira na CIA, mas não o podia evitar. Deveria estar a ser bem mais terrível para aquele pobre diabo que não fora bem-sucedido na transferência. Os oficiais da Autoridade para a Segurança do Estado da Hungria (a Államvédelmi Hatóság, cujo acrónimo era AVH) que o tinham interrogado, evidentemente que já não enchiam a barriga há muito tempo e tinham insistido em fazer-lhe ver com que facilidade fora apanhado. *Cabrões de amadores,* retrucou Szell. Mas o resultado é que ele era agora visto como PNG, ou seja, como *persona non grata,* pelo governo húngaro, e solicitaram-lhe que saísse do país dentro de quarenta e oito horas, de preferência, com o rabo bem escondido entre as pernas.

— Tenho pena de te perder, Bob, mas não há muito que eu possa fazer.

— E agora, de qualquer modo, também já não sou útil à equipa, bem sei. — Szell libertou um longo e frustrado suspiro. Ele estivera ali tempo suficiente para poder montar uma boa rede de espiões que pudesse fornecer informação relativamente boa sobre matérias militares e políticas, nenhuma delas extremamente importante, dado que a Hungria não era um país muito importante, mas nunca se sabia quando algo de interessante poderia acontecer, mesmo no Lesoto, que poderia muito bem ser o seu próximo posto, refletiu Szell. Teria de comprar um bom protetor solar e um casaco para ir para o mato… Pelo menos tinha uma oportunidade de ver a World Series na América.

Mas, para já, o posto de Budapeste estava fechado. *Não que Langley fosse sentir a sua falta*, consolava-se Szell com esse pensamento.

O sinal acerca do que acontecera iria para Foggy Bottom através do telex da embaixada, encriptado, é claro. O embaixador Ericsson escreveu uma resposta para o ministro húngaro dos Negócios Estrangeiros, rejeitando logo a absurda alegação de que James Szell, segundo secretário da Embaixada dos Estados Unidos da América, fizera algo inconsistente com o seu estatuto diplomático, e apresentando um protesto oficial em nome do Departamento de Estado dos EUA. Talvez na próxima semana Washington enviasse de volta algum diplomata húngaro… se se tratava de um carneiro ou de um bode era algo para ser decidido em Washington. Ericsson pensava que se trataria de um carneiro. Apesar de tudo, por que motivo declarar que o FBI identificara um bode? Era melhor deixar este a pastar, não importava que jardim tivesse invadido, sob estreita observação. E assim continuou o jogo. O embaixador pensava que se tratava de um jogo estúpido, mas todos os membros do seu pessoal entravam nele, com mais ou menos entusiasmo.

A mensagem acerca de Szell, como se veio a verificar, não atraiu as atenções, de modo que, quando foi reenviada para a sede da CIA, ficou presa no tráfico de rotina, pois não valeria a pena interferir com o fim de semana do diretor-geral de Informação. O juiz Moore, de qualquer modo, recebia informação todas as manhãs, é claro, e a mensagem iria esperar até às oito da manhã de domingo. Era algo que os oficiais de prevenção tinham decidido coletivamente, porque os juízes gostavam de uma vida sem sobressaltos. E Budapeste não era assim tão

importante no grande esquema das coisas.

O domingo de manhã em Moscovo era praticamente igual aos domingos de manhã noutros lados, embora com menos pessoas a vestirem-se para irem à missa. Isto também se aplicava a Ed e a Mary Pat. Um padre católico celebrava missa na Embaixada dos EUA aos domingos de manhã, mas, na maior parte das vezes, eles não conseguiam ir, ainda que fossem ambos suficientemente católicos para sentirem culpa pela sua preguiçosa transgressão. Ambos diziam a si mesmos que essa culpa era mitigada pelo facto de que os dois estavam a fazer o próprio trabalho de Deus no centro da terra dos incrédulos. De modo que o plano para esse dia era levar Eddie para um passeio pelo parque, onde ele talvez encontrasse outras crianças com quem pudesse brincar. Pelo menos eram essas as instruções de Eddie. Ed saiu da cama e foi primeiro até à casa de banho, seguido da mulher e do pequeno Eddie. Não ter um jornal da manhã nem o programa televisivo era tão mau como durante o resto da semana. De modo que tinham de falar durante o pequeno-almoço, algo que alguns americanos achavam difícil. O filho era ainda pequeno e suficientemente impressionável para achar que Moscovo era interessante, embora quase todos os seus amigos fossem americanos ou britânicos: prisioneiros, como toda esta família, no edifício/gueto guardado pelos funcionários do Ministério da Segurança do Estado, ou pelo KGB… as opiniões dividiam-se sobre esta questão, mas todos sabiam que isso não fazia qualquer diferença.

O encontro estava marcado para as onze da manhã. Seria fácil ver Oleg Ivanovitch — tal como ela, sabia Mary Pat. Como um pavão entre corvos, gostava o marido de dizer (embora o pavão fosse, na verdade, um macho). Hoje decidira minimizar as coisas. Não usava maquilhagem, apenas um cabelo casualmente bem escovado, *jeans* e uma túnica. Ela não podia alterar muito a sua figura, a estética local preferia que as mulheres da sua altura tivessem mais dez quilos. Era uma questão de dieta, supunha ela. Ou talvez quando se tinha comida, num país largamente esfomeado, esta era toda devorada. Seria que as camadas de gordura adquiridas tornavam os invernos mais confortáveis? Não importava, o estilo da moda para uma russa comum era como algo saído de um bairro social. Podia distinguir-se facilmente as mulheres dos homens importantes, porque as roupas delas tinham quase um aspeto de classe média,

por oposição aos tipos de vestidos mais ao estilo dos Apalaches, mas isto era um pouco injusto para com as pessoas dessa região da América, decidiu Mary Pat.

— Vens, Ed? — perguntou-lhe ela, depois do pequeno-almoço.

— Não, querida. Vou limpar a cozinha e ler o livro novo que arranjei na semana passada.

— Foi o motorista da camioneta o responsável — informou ela. — Já li esse tipo antes.

— Ora, muito obrigado… — resmungou o marido.

E, com isso, ela olhou para o relógio e saiu. O parque abrangia três dos longos quarteirões a leste. Ela fez sinal ao guarda do portão (definitivamente KGB, pensava ela) e dirigiu-se para a esquerda, segurando na mão do pequeno Eddie. O tráfego na rua era mínimo, de acordo com os padrões americanos, e estava definitivamente mais frio lá fora. Estava contente por ter vestido ao filho uma camisa de manga comprida. Um olhar para ele não revelou que alguém os estivesse a seguir. Poderia haver binóculos, é claro, nos apartamentos do outro lado da rua, mas ela pensava que não. Ela já se estabelecera muito bem, como uma americana loura e estúpida, e quase todos tinham acreditado nisso. Até mesmo os contactos de imprensa de Ed pensavam que ela era menos inteligente do que ele (e pensavam que ele era um burro), o que não lhe poderia convir melhor. Aquelas gralhas faladoras repetiam tudo o que ela e Ed diziam um ao outro, até as palavras estarem uniformemente espalhadas como a cobertura num dos seus bolos. Tudo era enviado para o KGB tão depressa quanto o espalhar das intrigas, quase à velocidade da luz nessa comunidade, porque os repórteres faziam do incesto intelectual uma forma de vida. Os russos ouviam-nos e punham tudo nos seus volumosos ficheiros até se tornar algo que todos eles soubessem. Um bom oficial no terreno usava sempre os outros para construir o seu disfarce. Tal disfarce era um pouco aleatório (como era sempre a vida real) e isso tornava-o plausível, mesmo para um espião profissional.

O parque era muito triste, como tudo em Moscovo. Algumas árvores, alguns pedaços de relva muito pisada. Como se o KGB tivesse desbastado todos os parques para fazer deles maus pontos de contacto. O facto de que também seria uma limitação para os encontros dos moscovitas e para a troca de alguns beijos talvez não tivesse incomodado as consciências no Centro, que estavam provavelmente ao nível de Pôncio Pilatos num dia de reflexão.

E lá estava o *Coelho*, a cerca de mais ou menos cem metros, bem colocado, perto de alguns equipamentos infantis que iriam agradar a uma criança de três anos, ou a uma de quatro. Aproximando-se mais, viu de novo os russos a mimarem os mais pequenos e, neste caso, talvez um pouco mais. O *Coelho* pertencia ao KGB, de modo que tinha acesso a melhores bens de consumo do que um russo médio, algo que, como um bom pai em qualquer lado, ele investia na sua menina. Isso era um bom sinal acerca do seu carácter, decidiu Mary Pat. Talvez ela até viesse a gostar dele, uma prenda inesperada para um agente no terreno. Muitos agentes eram tão lixados como um ladrão de rua do Sul do Bronx. Ele não reparou na aproximação, pois limitara-se a examinar a área com um ar aborrecido, como fazem os homens que vão passear os filhos. Os dois americanos dirigiram-se na sua direção, como se se tratasse apenas de um ato aleatório.

— Eddie, está ali uma menina a quem podes dizer olá. Tenta falar-lhe em russo — sugeriu-lhe a mãe.

— Está bem! — E ele pôs-se a correr como as crianças da idade dele. O pequeno Eddie foi ter com ela e disse: — Olá.

— Olá.

— Chamo-me Eddie.

— Chamo-me Svetlana Olegovna. Onde é que vives?

— Para aquele lado. — Eddie apontou para o gueto dos estrangeiros.

— É o seu filho? — perguntou o *Coelho*.

— Sim, é o Eddie Júnior. Para si, Edward Edwardovitch.

— Então — disse a seguir Oleg Ivanovitch sem qualquer humor na voz —, ele também pertence à CIA?

— Não propriamente. — Ela estendeu-lhe a mão de um modo quase teatral. Ela tinha de o proteger, caso houvesse câmaras por ali. — Eu sou a Mary Patricia Foley.

— Estou a ver. O seu marido gostou da *chapka*?

— Realmente gostou, o senhor tem bom gosto em peles.

— Muitos russos têm. — Em seguida, mudou de tema. Era tempo de irem direitos ao assunto. — Já decidiram se me podem ajudar ou não?

— Sim, Oleg Ivanovitch, podemos ajudá-lo. A sua filha é um amor. Ela chama-se Svetlana?

O oficial de comunicações assentiu com um aceno de cabeça.

— Sim, é a minha pequena *zaitchik*.

A ironia de tudo aquilo era positivamente fantástica. O *Coelho* chamava à filha a sua coelhinha. Isso deu lugar a um sorriso aberto.

— Então, Oleg, como é que o iremos pôr na América?

— Pergunta-mo a mim? — disse ele, não sem uma certa incredulidade.

— Bem, precisamos de alguma informação. Os seus passatempos e interesses, por exemplo, e os da sua mulher.

— Jogo xadrez. Mais do que qualquer outra coisa, leio livros acerca de antigos jogos de xadrez. A minha mulher tem uma educação mais clássica do que eu. Adora música, música clássica, não a porcaria que vocês ouvem na América.

— Algum compositor em particular?

Ele abanou a cabeça.

— Qualquer dos compositores clássicos, Bach, Mozart, Brahms… não conheço todos os nomes. É a paixão da Irina. Ela estudou piano em criança, mas não era suficientemente boa aluna para usufruir da educação do Estado. Essa é a sua grande pena, e nós não temos um piano onde ela possa praticar — acrescentou ele, sabendo que lhe tinha de dar esse tipo de informação para a ajudar nos seus esforços para o salvar a ele e à sua família. — De que mais precisa?

— Algum de vocês tem um problema de saúde… tomam algum remédio, por exemplo? — Estavam de novo a falar em russo, e Oleg deu-se conta da sua linguagem elegante.

— Não, somos todos bastante saudáveis. A minha Svetlana teve as doenças normais das crianças, sem qualquer tipo de complicações.

— Ótimo. — Isso simplificava muito as coisas, pensou Mary Pat. — Ela é uma menina adorável. Deve ser um pai muito orgulhoso.

— Mas será que ela irá gostar da vida no Ocidente? — preocupou-se ele, em voz alta.

— Oleg Ivanovitch, não conheço nenhuma criança com razões para não gostar de viver na América.

— E será que o seu Edward gosta das coisas na União Soviética?

— Tem saudades dos amigos, como seria de esperar, mas, antes de termos

vindo para aqui, levámo-lo à Disneylândia. Ele ainda fala muito acerca disso.

Foi então que houve uma surpresa:

— Disneylândia? O que é isso?

— É um grande negócio comercial feito para divertir as crianças e os adultos que ainda se lembram da sua infância. Fica na Florida — acrescentou ela.

— Nunca ouvi falar disso.

— Verá que o vai achar extraordinário e que vai gostar muito. Sobretudo a sua filha. — Ela fez uma pausa. — Que pensa a sua mulher dos seus planos?

— A Irina não sabe nada acerca disto — disse Zaitzev, surpreendendo por completo a sua interlocutora americana.

— Que é que me disse? — *Será que este tipo está maluco?*, pensou logo Mary Pat.

— A Irina é uma boa esposa. Vai fazer o que eu lhe disser. — O machismo russo era da variedade mais agressiva.

— Oleg Ivanovitch, isto pode ser perigoso para si, deve saber disso.

— O perigo para mim é ser apanhado pelo KGB. Se isso acontecer, sou um homem morto e o mesmo poderá acontecer a outras pessoas — acrescentou, pensando que carregar mais na nota serviria os seus interesses.

— Por que motivo é que se quer ir embora? Que é que o convenceu que seria necessário? — teve ela de perguntar.

— O KGB está a planear matar um homem que não merece morrer.

— Quem? — Ela também tinha de o perguntar.

— É o que lhe vou dizer quando estiver no Ocidente.

— Parece-me justo — teve ela de retorquir, como resposta. *Estamos a ser um bocadinho cautelosos, não estamos?*

— Mais uma coisa — acrescentou ele.

— Sim?

— Tenham muito cuidado acerca do que transmitem para a sede. Há razões para acreditar que as vossas comunicações estão comprometidas. Deveriam usar formulários com cifra de uso único, como nós, no Centro. Será que percebe o que lhe estou a dizer?

— Todas as comunicações a seu respeito foram primeiro encriptadas e depois despachadas por mala diplomática para Washington. — Quando ela lho revelou, viu-se que o alívio no seu rosto era verdadeiro, por mais que se esforçasse em

ocultá-lo. E o *Coelho* acabara de lhe dizer uma coisa da mais alta importância. — Estamos a ser seguidos?

— Isso também é uma coisa que lhes vou dizer no Ocidente.

Oh, merda, pensou Mary Pat. *Eles têm algures uma «toupeira» que poderá talvez estar no jardim das rosas da Casa Branca, tanto quanto sabemos. Oh, merda…*

— Muito bem, iremos reforçar a nossa segurança no seu caso — prometeu ela. Porém, isso queria dizer que teria de haver um mínimo de dois dias de intervalo para sinais importantes. Com aquele fulano regressavam aos procedimentos da Primeira Guerra Mundial, Ritter iria adorá-lo. — Será que me pode dizer quais os métodos mais seguros?

— Os britânicos mudaram as suas máquinas de cifras há cerca de quatro meses. Ainda não conseguimos descobrir o código. Isto sei eu de fonte segura. Exatamente quais dos vossos sinais estão comprometidos, é algo de que não tenho conhecimento, mas sei que alguns foram totalmente descobertos. Por favor, não se esqueça disso.

— Pode crer, Oleg Ivanovitch. — Aquele indivíduo tinha informação de que a CIA precisava o mais depressa possível. Comunicações descodificadas eram das coisas mais perigosas que poderiam acontecer a qualquer agência de espionagem. Havia guerras que tinham sido perdidas e ganhas com base nesse género de coisas. Os russos não tinham a tecnologia informática americana, mas tinham alguns dos melhores matemáticos do mundo, e o cérebro, entre as orelhas de uma pessoa, era o instrumento mais perigoso de todos e bastante mais competente do que aqueles que se encontravam numa secretária ou apoiados no chão. Será que Mike Russell teria um desses blocos de formulários na embaixada? A CIA usara-os em tempos, mas o incómodo que causavam levou a que fossem postos de lado. A Agência de Segurança Nacional disse a todos os que ouviram que, no seu melhor dia, Seymour Cray não poderia decifrar as suas cifras, nem mesmo após o seu supercomputador CRAY-2 ter tomado uma dose de anfetaminas. Se estivessem errados, poderiam prejudicar a América de modos demasiado sérios para os poderem compreender. Mas havia muitos sistemas de cifras e os que conseguiam decifrar um, poderiam muito bem decifrar outro. Ou, pelo menos, era o que toda a gente dizia… No entanto, a segurança nas comunicações não era a sua área de especialização. Até mesmo ela teria de

confiar em alguém ou em alguma coisa, uma vez por outra. Mas isso era como levar um tiro nas costas, disparado pela pistola de partida numa corrida de cem metros, mas ter de, não obstante, continuar a correr. Raios partam.

— É uma inconveniência, mas iremos fazer tudo o que seja necessário para o proteger. Quer sair rapidamente.

— Esta semana ajudaria muito, não tanto pelas minhas necessidades, mas pelas do homem cuja vida corre perigo.

— Estou a ver — disse ela, se bem que se sentisse às escuras. Este tipo podia estar a tentar convencê-la, mas, se fosse isso, estava a fazê-lo como um verdadeiro especialista, e ela não estava a receber a mensagem. Não, ele não parecia ser um espião no terreno com experiência. Era um jogador, mas não o seu tipo de jogador.

— Muito bem. Quando chegar ao trabalho amanhã, preencha um relatório de contacto — sugeriu-lhe ela.

Isso acabou por surpreendê-lo.

— Está a falar a sério?

— É claro. Diga ao seu chefe que encontrou uma americana, a mulher de um funcionário menor da embaixada. Descreva-me a mim e ao meu filho…

— Para lhes dizer que a senhora é bonita, mas superficial, e que tem um filho bonito e delicado — sugeriu ele. —, e que o seu russo precisa de ser aperfeiçoado, digamos assim.

— Estou a ver que aprende depressa, Oleg Ivanovitch. Aposto que é capaz de jogar muito bem xadrez.

— Não suficientemente bem. Nunca serei um Grande Mestre.

— Todos nós temos certas limitações, mas na América irá ver que estas se tornam bem mais distantes do que na União Soviética.

— Para o final da semana?

— Quando o meu marido usar uma gravata encarnada, arranje um local e uma hora para nos encontrarmos. Possivelmente, amanhã à tarde irá receber o seu sinal e nós faremos todos os arranjos.

— Então bom dia. Onde é que a senhora aprendeu a falar russo?

— O meu avô tomava conta do cavalo do Aleksey Nikolayevitch Romanov — explicou ela. — Quando era criança contou-me muitas histórias acerca desse rapaz e da sua morte prematura.

— De modo que deve odiar a União Soviética, não é verdade?

— Apenas o vosso governo, Oleg. Não as pessoas deste país. Ainda vos hei de ver livres.

— Um dia, talvez, mas não em breve.

— A história, Oleg Ivanovitch, não é só feita de algumas grandes coisas, mas de muitas que são pequenas. — Essa era uma das suas crenças principais. Mais uma vez, para as câmaras que poderiam ali estar, ou não, apertou-lhe a mão e chamou o filho. Passearam pelo parque mais uma hora antes de irem para casa almoçar.

No entanto, para o almoço, foram até à embaixada, falando pelo caminho em algo não mais sensível do que a admirável visibilidade do dia. Uma vez lá, comeram cachorros-quentes na cantina da embaixada e, em seguida, Eddie foi para a sala da creche. Ed e Mary Pat foram até ao escritório.

— *Ele disse o quê?* — irrompeu o chefe de posto.

— Disse-me que a mulher dele, que se chama Irina, nada sabe dos seus planos — repetiu Mary Pat.

— *Filho da puta!* — observou logo o marido.

— Bem, pelo menos não nos expõe tanto. Pelo menos, ela não o poderá contar a ninguém. — A sua mulher era sempre uma otimista, constatava Ed.

— Sim, querida, até nós tentarmos fazer a extração e ela decidir que não quer ir para lado nenhum.

— Ele diz que ela fará o que ele disser. Sabes bem que os homens aqui gostam de ser os galos na capoeira.

— Isso nunca funcionaria contigo — apontou o chefe de posto. Por várias razões, não sendo a menor delas o facto de que os tomates dela eram tão grandes como os dele.

— Eu não sou russa, Eddie.

— Está bem, que mais disse ele?

— Ele não confia nas nossas comunicações. Pensa que alguns dos nossos sistemas se encontram comprometidos.

— Meu Deus! — exclamou ele. — Tens mais algumas boas notícias?

— A razão pela qual ele pretende sair é que o KGB quer matar uma pessoa que, segundo o que ele diz, não merece ser morta.

— E ele disse quem era?

— Não, até conseguir respirar ar livre. Mas há boas notícias. A mulher dele é uma grande apreciadora de música clássica. Teremos de arranjar um bom maestro na Hungria.

— Na Hungria?

— Estive a pensar ontem à noite. É o melhor sítio para o retirar. Trata-se do posto do Jim Szell, não é verdade?

Ambos conheciam Szell desde o tempo que tinham passado na Quinta, o campo de treino da CIA em Tidewater, na Virgínia, junto à Autoestrada 64 e a poucos quilómetros da Williamsburg colonial.

— Sempre pensei que ele merecia uma coisa maior. — Ed pensou durante um segundo. — Então pela Hungria, via Jugoslávia, é nisso que estás a pensar?

— Sempre soube que eras esperto.

— Muito bem… — Os olhos dele fixaram-se numa parte vazia da parede, enquanto o seu cérebro começava a trabalhar. — Creio que podemos fazer com que isso funcione.

— O teu sinal irá ser uma gravata encarnada no metro. Depois, ele passa-te a informação sobre o encontro, fazemos isso e o *Coelho* sai da cidade, juntamente com a Senhora *Coelho* e com a *Coelhinha*… Oh, vais adorar isto, ele chama *zaitchik* à filha!

— Flopsy, Mopsy e Cotton-tail? — Ed exercitou o seu sentido de humor.

— Gosto disso, até lhe podíamos chamar Operação BEATRIX — sugeriu ela. Ambos tinham lido *A História de Pedrito Coelho,* de Beatrix Potter, quando eram crianças. Quem não a teria lido?

— O problema irá ser a obtenção da aprovação de Langley. Se não podemos usar canais normais de comunicação, tudo irá ser uma grande dificuldade.

— Eles nunca nos disseram na Quinta que este emprego iria ser fácil. De modo que lembra-te do que o John Clark nos disse: para sermos flexíveis.

— Pois, como *linguine*. — Ele deu um suspiro fundo. — Com a limitação nas comunicações, quer dizer no essencial que teremos de planear e conduzir a operação a partir deste escritório, sem a ajuda do Ministério do Interior.

— Ed, de qualquer modo, é assim que as coisas devem ser. Tudo o que Langley faz é dizer-nos que não podemos fazer o que queremos fazer… — Que era, vistas bem as coisas, a função de qualquer Ministério do Interior em qualquer atividade no mundo.

— Em que comunicações poderemos nós confiar?

— O *Coelho* diz que os britânicos acabaram de arranjar um sistema que eles não conseguiram decifrar, pelo menos até agora. Será que temos aqui alguns blocos com formulários de cifra de uso único?

O chefe de posto abanou a cabeça.

— Não que eu saiba. — Foley levantou o auscultador e pressionou os devidos números. — Mike? Está aqui hoje? Não se importa de vir até ao meu escritório? Obrigado.

Russell chegou ao fim de dois minutos.

— Hei, Ed… Olá, Mary Pat. Que está a fazer hoje aqui na oficina?

— Tenho uma pergunta.

— Muito bem.

— Ainda tem alguns formulários para cifras de uso único?

— Porque mo pergunta?

— Gostaríamos de ter um pouco mais de segurança — respondeu ela. Aquela resposta casual e muito estudada não funcionara.

— Está a dizer-me que os meus sistemas não são seguros? — perguntou Russell, com uma preocupação bem escondida.

— Há razões para acreditar que alguns dos nossos sistemas de encriptação não são inteiramente seguros, Mike — disse Ed ao oficial de comunicações.

— *Merda* — retorquiu ele, entre dentes, voltando-se depois, um pouco envergonhado. — Oh, desculpe, Mary Pat.

Ela sorriu.

— Não faz mal, Mike. Nem sei o que essa palavra quer dizer, mas já a ouvi antes.

Mike não percebeu bem a piada. A revelação prévia era demasiado alarmante para que ele pudesse, de momento, ver humor naquele comentário.

— Que me podem dizer acerca disso?

— Absolutamente nada, Mike — respondeu o chefe de posto.

— Mas acham que é fiável?

— Infelizmente, sim.

— Pois bem. No meu cofre ainda tenho alguns blocos antigos, com oito ou nove anos. Nunca me vi livre deles… nunca se sabe, pois não?

— Michael, você é um tipo fixe. — Ed balançou a cabeça em sinal de

aprovação.

— Dão para talvez dez despachos com cem palavras cada… assumindo que eles ainda têm blocos idênticos em Fort Meade, mas os tipos com quem lido não deitam nada fora. Terão, no entanto, que os procurar no ficheiro de alguma gaveta.

— É difícil usá-los?

— Detesto essas malditas coisas. Devem saber porquê. Raios partam, a nova cifra STRIPE só tem um ano. O novo sistema britânico é uma adaptação da mesma. Conheço a equipa na Divisão-Z que a desenvolveu. Estou a falar de uma codificação de cento e vinte e oito *bits*, mais uma chave diária que é única para cada máquina. Não haverá maneira de a poderem desencriptar!

— A não ser que haja um agente no terreno em Fort Meade, Mike — apontou Ed.

— Nesse caso, deixem-me pôr-lhe as mãos em cima e hei de esfolá-lo vivo com a minha faca de caça que uso para os veados. — Esse pensamento elevara-lhe de tal modo a pressão arterial que ele nem sequer pediu desculpa à senhora que ali se encontrava pelos seus modos rudes. Aquele homem negro matara e esfolara um grande número de veados-de-cauda-branca, mas ainda ansiava por transformar um urso num tapete e um grande urso-pardo da Rússia agradar-lhe-ia bastante. — Pois bem, não posso comunicar a Fort Meade uma coisa destas?

— Não com a cifra STRIPE — retorquiu Foley.

— Bem, quando ouvirem um grande grito zangado do Ocidente, já sabem o que é.

— É melhor que não discuta agora isto com ninguém, Mike — pensou Mary Pat, em voz alta. — Eles irão sabê-lo em breve através de outros canais.

Isso informou Russell que o sinal do *Coelho* que ele despachara no outro dia era acerca de uma pessoa que eles queriam retirar da Rússia rapidamente, e agora pensava ter descoberto porquê. O *Coelho* deles era um especialista em comunicações e, sem dúvida, quando se arranjava um desses, punham-no logo no primeiro comboio para fora. *Em breve*, queria dizer agora mesmo, ou tão próximo quanto se conseguisse.

— Pois bem deem-me o vosso sinal, vou pô-lo num formulário de cifra única e depois encriptá-lo na minha máquina STRIPE. Se estiverem a ler os meus sinais — ele conseguiu não estremecer —, será que isso lhes vai dizer alguma

coisa?

— Diga-mo o Mike — retorquiu Ed Foley.

Russell pensou por momentos e depois abanou a cabeça.

— Não, não deveria. Mesmo quando descodificamos o sistema do outro indivíduo, nunca conseguimos mais do que um terço da comunicação. Os sistemas são demasiado complexos para isso, a não ser que o agente no local do outro indivíduo esteja a ler o texto formatado no extremo oposto. Não existem defesas contra isso, pelo menos de acordo com o meu ponto de vista.

E esse era o *outro* pensamento assustador. Era, apesar de tudo, o mesmo jogo em que estavam empenhados e o mesmo objetivo que eles estavam constantemente a tentar alcançar. Arranjar um fulano que estivesse bem lá dentro e que pudesse arranjar informação bem lá de dentro para a pôr cá para fora. Como o agente deles, o CARDEAL, uma palavra que eles nunca pronunciavam em voz alta. Mas esse era o jogo que tinham escolhido e, se bem que soubessem que o outro lado também era muito bom, eles achavam que eram melhores. E dançavam ao som dessa música.

— Pois bem, Mike, o nosso amigo acredita em formulários de cifra única. Creio que todos acreditam nisso.

— Pelo menos o Ivan acredita, mas deve pôr a cabeça das tropas deles a andar à roda, ter de passar por cada mensagem uma letra de cada vez.

— Já alguma vez trabalhou no lado da desencriptação? — perguntou-lhe Ed Foley.

Russell abanou logo a cabeça.

— Não sou suficientemente esperto para isso. É uma boa coisa, no entanto. Muitos desses fulanos acabam em quartos com paredes almofadadas, a recortarem bonecos de papel com tesouras sem bico. Conheço muitos tipos da Divisão-Z. O patrão deles recusou a cadeira da Matemática no Cal Tech. É muito inteligente — observou Russell. — Bem mais inteligente do que eu alguma vez serei. O pai do Ed Popadopolos (o nome é grego) costumava gerir um restaurante em Boston. Perguntem-me se eu quero o emprego dele.

— Não, pois não.

— Nem mesmo se eles incluíssem a Pat Cleveland[30] como um extra. — E Ed Foley sabia que se tratava de uma mulher muito bonita. Mike Russell precisava realmente de uma mulher na sua vida…

— Muito bem, arranjo-lhe um despacho em mais ou menos uma hora, está bem?

— Ótimo. — Russell saiu.

— Bem, parece-me que o incomodámos bastante — pensou Mary Pat, em voz alta.

— O almirante Bennet, em Fort Mead, também não vai ficar nada contente. Tenho de escrever uma mensagem.

— Pois bem, vou ver o que é que o Eddie está a fazer com os seus lápis de cor. — E Mary Patricia Kaminsky Foley também saiu.

O *briefing* da manhã do juiz Arthur Moore tinha lugar às sete e meia, exceto ao domingo, quando ele dormia até mais tarde, e ocorria às nove. A sua mulher até reconhecia o bater à porta do oficial da Informação Nacional que entregava as notícias diárias, sempre no escritório privado da sua casa em Great Falls, que era examinado todas as semanas por um especialista em escutas da Agência.

O mundo estivera relativamente sossegado no dia anterior, até mesmo os comunistas gostavam de descansar no fim de semana, aprendera ele ao ficar com o cargo.

— Mais alguma coisa, Tommy? — perguntou o juiz.

— Tivemos algumas notícias más de Budapeste — disse o oficial. — O nosso chefe de posto, James Szell, foi apanhado pela oposição a fazer uma recolha. Não sabemos os pormenores, mas passou a ser *persona non grata* pelo governo húngaro. O seu principal ajudante, Robert Taylor, está fora do país por questões pessoais, de modo que, de momento, o posto de Budapeste está sem ninguém.

— E isso é assim tão mau? — Não muito mau, pensou o diretor-geral de Informação.

— Não é uma grande tragédia. Não há muita coisa que aconteça na Hungria. O Exército deles é um ator menor no Pacto de Varsóvia e a política que têm, em relação aos Negócios Estrangeiros, para além do que fazem na sua zona mais próxima, é apenas uma imagem em espelho da de Moscovo. O posto tem-nos vindo a passar uma quantidade razoável de informação militar, mas o Pentágono não se preocupa com isso. O Exército deles não treina o suficiente para se tornar uma ameaça para quem quer que seja, e os soviéticos acham que eles não são confiáveis.

— E o Szell é um indivíduo capaz de dar cabo das coisas? — perguntou Moore. Ele tinha uma vaga ideia de o ter conhecido num convívio da Agência.

— Na verdade, o Jimmy é um fulano bem visto. Como lhe disse, senhor juiz, ainda não temos quaisquer pormenores. Ele estará provavelmente aqui no final da semana.

— Muito bem, creio que é tudo.

— Pois é, senhor juiz.

— Não há mais nada de novo sobre o papa?

— Nem uma palavra, mas irá demorar algum tempo até o nosso pessoal conseguir deslindar a intriga toda.

— É isso que o Ritter costuma dizer.

Ed Foley demorou quase uma hora a escrever o despacho. Tinha de ser curto mas abrangente, e isso punha à prova a sua capacidade de escrita. Depois levou-o até ao escritório de Mike Russell. Ele ficou ali à espera e viu um oficial responsável pelas comunicações a resmungar ao pôr no formulário cada palavra, uma letra de cada vez, acrescentando-lhe mais apelidos checos, e depois a superencriptá-lo na sua máquina de encriptação STRIPE. Feito isso, tinha ainda de o enviar para uma máquina de fax segura, que, como seria de esperar, encriptava o texto uma vez mais, mas de um modo gráfico e não de um modo alfanumérico. A encriptação do fax era relativamente simples, mas, dado que a oposição (que se assumia monitorizar o transmissor por satélite da embaixada) não poderia descobrir se o sinal era gráfico ou se era texto, tratava-se de mais uma argola através da qual o pessoal da desencriptação teria de saltar. O sinal subiu a um satélite geossíncrono e voltou a baixar para diferentes ligações, uma para Fort Belvoir, na Virgínia, outra para Sunnyvale, na Califórnia, e, é claro, outra ainda para Fort Meade, no Maryland, para onde os outros postos enviavam os seus dados através de linhas de fibra ótica terrestres e seguras.

O pessoal das comunicações em Fort Meade era todo formado por militares não relacionados com comunicações e, quando um deles, um fulano da Força Aérea E-5, o pôs através da máquina de descodificação, surpreendeu-se ao ver a anotação que dizia que a superencriptação fora escrita num formulário de cifra única NHG-1329.

— Onde diabo se encontra isto? — perguntou ele ao seu supervisor de turno,

um chefe principal da Marinha.

— Porra — comentou o chefe. — Há muito tempo que não vejo uma mensagem deste tipo. — Ele teve de abrir um dossiê com três argolas e percorrê-lo até encontrar a indicação do local de armazenamento no interior do grande armazém de comunicações, no ponto mais distante dessa divisão. Este era guardado por um sargento dos fuzileiros, armado, cujo sentido de humor, como o de todos os fuzileiros que lá trabalhavam, fora removido cirurgicamente no Centro Médico Naval de Bethesda, antes de ter sido destacado para Fort Meade.

— Olhe, sargento, tenho de ir lá dentro para uma coisa — disse ele ao fuzileiro.

— Primeiro tem de falar com o major — informou-o o sargento. De modo que o chefe principal foi até à secretária do major da Força Aérea dos Estados Unidos, que lá estava sentado a ler o jornal da manhã.

— Bom dia, major. Tenho de ir buscar uma coisa ao armazém.

— O quê, chefe?

— Uma cifra de uso único NHG-1329.

— Ainda temos algumas? — perguntou o major, surpreendido.

— Bem, se não tivermos poderá usar isto no seu grelhador para acender as brasas. — Ele passou-lhe o despacho.

O major da Força Aérea examinou-o.

— Depois diga-me, combinado? — Ele escrevinhou uma autorização num bloco que estava ao canto da secretária. — Dê isto ao fuzileiro.

— Sim, senhor major. — O chefe principal foi até ao armazém, deixando o fulano da Força Aérea a pensar por que razão os marujos falavam sempre de um modo tão esquisito.

— Aqui está, Sam — disse o chefe, dando-lhe a folha.

O fuzileiro destrancou a porta que abria para os dois lados e o chefe entrou. A caixa onde o formulário com a cifra se encontrava não estava fechada, presumivelmente porque alguém que pudesse passar pelos sete níveis de segurança para lá chegar era tão fidedigno como a mulher do presidente.

O bloco de cifras de uso único era um dossiê com anéis metálicos. O chefe da Marinha teve de assinar à saída em como o levantara, depois, foi até à sua secretária. O sargento da Força Aérea juntou-se a ele, e ambos percorreram o processo complicado de desencriptação do despacho.

— Raios partam — observou o jovem sargento quando já estavam a dois terços da resolução. — Será que temos de avisar alguém acerca disto?

— Isto está bem acima do que nos pagam, meu rapaz. Espero que o diretor-geral de Informação informe as pessoas adequadas. E esqueça-se de que alguma vez leu isto — acrescentou ele. Mas nenhum deles se iria esquecer, e ambos o sabiam. Devido a todas as portinholas que tinham tido de transpor para ali estarem, a ideia de que os sistemas de mensagens que tinham não eram seguros era como terem ouvido que as mães deles andavam no engate, na Décima Sexta Rua, em Washington.

— Pois, chefe, sem dúvida — respondeu o jovem da Força Aérea. — Como é que vamos comunicar esta coisa?

— Creio que através de um mensageiro. Queres assobiar para arranjar um?

— Sim, chefe. — O sargento foi-se embora com um sorriso.

O mensageiro era um sargento que conduzia um *Plymouth Reliant* castanho do Exército e que levou o envelope selado, o meteu na pasta que estava no assento da frente e que começou a guiar pela Baltimore-Washington Parkway para a Interestadual 495, mais conhecida como a Beltway. Depois seguiu para oeste, para a George Washington Parkway, em cuja primeira rua à direita se situava a sede da CIA. Nessa altura, o despacho (fosse qual fosse, ele não sabia) deixava de ser da sua responsabilidade.

A morada no envelope enviou-o para o sétimo andar. Como muitas agências do governo, a CIA nunca dormia. No último andar estava Tom Ridley, um oficial da Segurança Nacional encartado que estava encarregado das informações de fim de semana para o juiz Moore. Demorou cerca de três segundos para se dar conta de que esta mensagem tinha de ser comunicada ao juiz nesse mesmo momento. Levantou o seu telefone seguro STU e pressionou o botão 1 para ligar mais rapidamente.

— Fala Arthur Moore — disse logo uma voz.

— Fala Tom Ridley, senhor juiz. Acabo de receber uma coisa. — «Uma coisa» queria dizer que era mesmo algo importante.

— Agora?

— Sim, senhor juiz.

— Pode vir até cá?

— Sim, senhor.

— E o Jim Greer também?

— Sim, senhor, e talvez também o Senhor Bostock.

Aquilo estava a tornar-se interessante.

— Muito bem, contacte-os e venham todos para cá. — Ridley quase podia ouvir o *Raios partam, será que não consigo ter um dia de folga?* do outro lado, antes de a linha ter sido desligada. Demorou mais alguns minutos a telefonar aos outros dois funcionários superiores da Agência e, em seguida, foi até ao seu carro, tendo feito apenas uma pausa para tirar três fotocópias.

Eram horas de almoço em Great Falls. A Senhora Moore, sempre uma anfitriã perfeita, mandou preparar carnes frias e refrigerantes para os seus visitantes inesperados, antes de se retirar para a sua salinha no andar de cima.

— Que se passa, Tommy? — perguntou Moore. Ele gostava do recém-contratado agente de Informação Nacional. Sendo um diplomado pela Universidade Marquette, era um especialista em questões russas e fora um dos analistas de Greer, antes de obter o seu cargo atual. Em breve seria um dos indivíduos que acompanhariam sempre o presidente no Air Force One.

— Isto chegou esta manhã via Fort Meade — informou Ridley, passando-lhe duas cópias.

Mike Bostock era o leitor mais rápido do grupo:

— Oh, meu Deus!

— Isto irá fazer o Chip Bennett feliz — profetizou James Greer.

— Sim, como uma ida ao dentista — observou Moore, por fim. — Muito bem, pessoal, que é que isto nos diz?

Bostock foi o primeiro a falar.

— Diz-nos que queremos este *Coelho* na nossa toca e depressa, meus senhores.

— Através de Budapeste? — inquiriu Moore, lembrando-se da informação que obtivera essa manhã.

— Pois sim — observou Bostock.

— Muito bem. — Moore inclinou-se mais para a frente. — Organizemos os nossos pensamentos. Em primeiro lugar, será que esta informação é muito importante?

James Greer resolveu responder.

— Diz que o KGB irá matar alguém que não o merece. Isto sugere-nos o papa, não acham?

— Mais importante ainda, diz-nos que o nosso sistema de comunicações pode estar comprometido — apontou Bostock. — É a coisa mais importante que vejo nesta mensagem, James.

— Pois bem, de qualquer modo queremos este fulano do nosso lado, não é verdade?

— Poderá apostar o seu cargo nisso, senhor juiz — ripostou o vice-diretor de Operações. — O mais depressa possível.

— Será que poderemos usar os nossos ativos para o conseguir? — perguntou então Moore.

— Não irá ser fácil. Budapeste foi exposta.

— Será que isso muda a importância de retirarmos este *Coelhinho* da Terra Vermelha? — inquiriu o diretor-geral de Informação.

— Não. — Bostock abanou a cabeça.

— Pois bem, se não podemos ser nós a fazê-lo, vamos chamar outra pessoa?

— Está a referir-se aos britânicos? — perguntou Greer.

— Já os usámos antes. Temos boas relações com eles, e o Basil gosta de nos ter em dívida para com eles— lembrou-lhes Moore. — Mike, será que pode viver com isso? — perguntou ele a Bostock.

Este assentiu decisivamente com um aceno de cabeça.

— Sim, senhor juiz, mas poderá ser bom ter algum dos nossos para manter um olho no assunto. O Basil não irá pôr objeções.

— Muito bem, precisamos de decidir quais dos nossos ativos poderemos enviar. — Depois, Moore continuou: — Depressa?

— Que tal esta noite, Arthur? — observou Greer, para divertimento geral. — Do modo como vejo isto, o Foley está disposto a encarregar-se da operação a partir do seu escritório e ele, para além do mais, é bastante bom e despachado. O Foley é um excelente rapaz. Acho que poderemos delegar nele. Budapeste é talvez um bom ponto de saída para o nosso *Coelho*.

— Sou da mesma opinião — afirmou Mike Bostock. — É um lugar onde um oficial do KGB pode ir, como se fosse de férias, ou para desaparecer.

— Não irá demorar muito tempo até eles saberem que ele já lá não está — pensou Moore, em voz alta.

— Eles também souberam quando o Arkady Shevtchenko deu o fora. E depois? Ele ainda nos deu alguma boa informação, não deu? — assinalou Bostock. Ele ajudara a supervisionar essa operação que, na verdade, fora rapidamente completada pela CIA na cidade de Nova Iorque.

— Muito bem. Que dizemos ao Foley? — perguntou Moore.

— Uma única palavra: Aprovado. — Bostock gostava sempre de apoiar os seus agentes no terreno.

Moore olhou em volta do escritório.

— Algumas objeções? Alguém não concorda? — Os gestos com um aceno de cabeça indicaram-lhe que todos concordavam.

— Muito bem, Tommy. Voltemos a Langley. Envie isso ao Foley.

— Sim, senhor juiz. — O oficial de Informação Nacional levantou-se e saiu. Havia uma coisa boa com o juiz Moore. Quando era necessária uma decisão, podíamos não gostar da que ele tomasse, mas havia sempre uma.

---

[30] Modelo americana que atingiu a fama nos anos 60. *(N. do T.)*

CAPÍTULO 19

SINAL INEQUÍVOCO

A diferença horária era o maior inconveniente de trabalhar naquele posto, Foley sabia. Se ficasse à espera de uma resposta na embaixada, talvez tivesse de esperar horas e não havia qualquer proveito nisso. De modo que, assim que enviara o sinal, reunira a família e fora para casa, com Eddie a comer conspicuamente um outro cachorro-quente a caminho do carro, e com um fac-símile do *Daily News* de Nova Iorque nas mãos. Era a melhor página desportiva dos jornais dessa cidade, pensava ele há muito, se bem que fosse um pouco lúgubre nas parangonas. Mike Lupica sabia mais de beisebol do que o resto dos aspirantes a jogadores, e Ed Foley sempre respeitara a análise dele. Ele poderia ter sido um bom espião se tivesse optado por um tipo de trabalho útil. De modo que Ed podia ver agora por que motivo os Yankees tinham ficado de rastos. Parecia que os malditos Orioles iriam ficar com o galhardete, e isso, para a sua sensibilidade nova-iorquina, era um crime pior do que o aspeto que os Rangers tinham nesse ano.

— Então, Eddie, estás ansioso por ires patinar? — perguntou ele ao filho, na cadeirinha no assento de trás.

— Estou, pois! — respondeu logo o menino. Eddie Júnior parecia sair ao pai e talvez ali ele pudesse aprender a jogar hóquei no gelo como devia ser. Já à espera, no roupeiro do pai, havia os melhores patins de hóquei para crianças que se poderiam comprar, e um outro par para quando os pés lhe crescessem. Mary Pat já fora dar uma vista de olhos às ligas juniores locais, e essas, segundo o que o marido pensava, eram as melhores fora do Canadá, ou talvez mesmo superiores.

De um modo geral, era uma pena que ele não pudesse ter um telefone seguro em casa, mas o *Coelho* dissera-lhe que poderiam não ser inteiramente seguros e, para além disso, teria revelado aos russos que ele não era apenas um funcionário da embaixada que entretinha os repórteres locais.

Os fins de semana eram os dias mais aborrecidos para a família Foley. É claro que nenhum deles se importava com o tempo que passavam com o menino, mas isso era algo que também poderiam ter feito na casa deles, agora arrendada, da

Virgínia. Estavam em Moscovo para trabalhar, que era uma paixão para ambos e algo que o filho, assim o esperavam, pudesse um dia perceber. De modo que, por enquanto, o pai dele estava a ajudá-lo a ler uns livros. O pequeno estava a aprender mais acerca do alfabeto e parecia ser capaz de ler algumas palavras, embora como símbolos caligráficos e não como conjuntos de letras. Era o suficiente para que o pai ficasse contente, embora Mary Pat tivesse algumas pequenas dúvidas. Depois de trinta minutos dessa atividade, o pequeno Eddie convenceu o pai a ver meia hora das videocassetes dos *Transformers*, para grande satisfação da criança e para perplexidade do mais velho.

O chefe de posto estava, como seria de esperar, a pensar no *Coelho* e agora voltava à sugestão da mulher de levarem o pacote para fora, sem que o KGB soubesse que eles tinham saído. Foi durante as videocassetes dos *Transformers* que ele se voltou a dar conta. Não se poderia ter um homicídio sem um corpo, mas, com um corpo, de certeza que teriam um homicídio. Mas, e se o corpo não fosse o verdadeiro?

A essência do ilusionismo, ouvira ele em tempos a Doug Henning, era controlar a perceção das pessoas da audiência. Se nós pudéssemos determinar o que estas viam, então também poderíamos estipular o que elas pensavam ter visto e, a partir disso, precisamente o que elas se iriam lembrar de ter visto e o que iriam dizer aos outros. A chave *para o fazer* era dar-lhes qualquer coisa que elas estivessem à espera de ver, mesmo que se tratasse de algo inacreditável. As pessoas (mesmo as inteligentes) acreditavam em toda a espécie de coisas impossíveis. Isso era mesmo verdade em Moscovo, onde os governantes daquele vasto e poderoso país acreditavam numa filosofia política que era tão desfasada da realidade contemporânea como o direito divino dos reis. Para além disso, sabiam que se tratava de uma falsa filosofia e, no entanto, obrigavam-se a acreditar nela como se se tratasse da Sagrada Escritura, caligrafada a tinta dourada pela própria mão de Deus. De modo que essas pessoas *podiam* ser enganadas. Apesar de tudo, já faziam um grande esforço para se enganarem a si mesmas.

Pois bem, como os iria enganar?, interrogou-se Foley. Se dermos ao outro indivíduo qualquer coisa que ele esteja à espera de ver, ele irá vê-la, seja esta real ou não. Eles queriam que os soviéticos acreditassem que o *Coelho* e a sua família tinham… não fugido da cidade, mas que tinham… morrido.

Os mortos, como diria o capitão Kidd, não contam histórias. Nem as pessoas mortas que tinham sido usadas para as substituir.

Os britânicos tinham feito isso em tempos, durante a Segunda Guerra Mundial, não tinham?, interrogou-se Foley. Sim, lera o livro quando andava no secundário e, mesmo então, na Fordham Preparatory, o conceito operacional tinha-o interessado. Operação MINCEMEAT, assim lhe tinham chamado. Esse conceito fora de facto de uma grande elegância, porque envolvera fazer com que a oposição se sentisse esperta, e as pessoas em qualquer lado gostam de se sentir assim.

Especialmente os estúpidos, lembrou-se Foley. E os serviços de informação alemães, durante a Segunda Guerra Mundial, não valiam a pólvora que os pudesse fazer explodir. Eram tão ineptos que os alemães poderiam muito bem ter passado sem eles… O astrólogo de Hitler não teria sido pior e, provavelmente, revelar-se-ia bastante mais barato a longo prazo.

Mas os russos, por outro lado, eram bastante espertos, o suficiente para termos de ter muito cuidado ao usarmos jogos enganadores com eles, mas não tão espertos que, se encontrassem alguma coisa de que já estivessem à espera, a atirassem para o caixote do lixo para irem à procura daquilo que *não esperavam* encontrar. Não, isso fazia parte da natureza humana, e até mesmo o Novo Homem Soviético, que eles continuavam a querer construir, estava sujeito à natureza humana, embora o governo soviético tentasse desesperadamente tirar-lha do corpo.

Assim sendo, como é que poderíamos montá-lo?, pensou ele, em silêncio, enquanto na televisão uma camioneta a gasóleo se transformava num robô com duas pernas, para melhor lutar contra as forças do mal, fossem estas quais fossem…

Oh, sim. Era bastante óbvio, não era? Tínhamos de lhes dar o que eles estivessem à espera de ver, para provarmos que o *Coelho* e os outros que faziam parte da sua toca estavam mortos, dar-lhes aquilo que os mortos acabavam sempre por deixar para trás. *Isso* seria uma grande complicação, mas não tão grande que fosse impossível de arranjar. No entanto, eles iriam precisar de assistência, e esse pensamento deixava Ed Foley muito pouco à vontade. Naquele ramo de trabalho, uma pessoa confiava em si própria mais do em qualquer outra pessoa, ou no que quer que fosse, e, a seguir a isso, talvez em

outros da sua própria organização, mas em menor número possível. Depois *disso*, quando se tornava necessário confiar em pessoas de uma outra organização, rangia-se os dentes. Sim, é óbvio, no *briefing* anterior à missão, em Langley, fora-lhe dito que Nigel Haydock poderia ser confiável, sendo um britânico muito calmo, e muito apto, e um espião bastante bom que trabalhava para o serviço de um grande aliado e, é claro, ele gostava do aspeto do indivíduo e, era claro também, se tinham entendido logo muito bem. Porém, raios o partam, ele não pertencia à Agência. Mas Ritter tinha-lhe dito que, numa aflição, Haydock poderia ser confiável para dar uma ajuda e o próprio *Coelho* dissera-lhe que as comunicações britânicas ainda não estavam comprometidas, e ele teria de confiar no *Coelho* como sendo um jogador honesto. A vida de Foley não dependia disso, mas o mesmo já não se poderia dizer acerca da sua carreira.

Muito bem, mas o quê… não, *como*… iria ele resolver aquela questão. Nigel era o adido comercial da embaixada britânica, mesmo do outro lado do rio e do próprio Kremlin, um posto que recuava ao tempo dos czares e que supostamente dera cabo da cabeça a Estaline por ter de ver, todas as manhãs, a bandeira do Reino Unido da janela do seu escritório. E os britânicos tinham recrutado, e mais tarde gerido, o coronel Oleg Penkovskiy da GRU, o agente que impedira o eclodir de uma terceira guerra mundial e, de caminho, recrutara o CARDEAL, a joia principal na coroa da CIA. De modo que, se ele tinha de confiar em alguém, tinha de ser em Nigel. A necessidade era a mãe de todas as coisas e, se houvesse algum problema com o *Coelho,* saberiam então que alguém conseguira penetrar na Agência de Informação britânica. Mais uma vez. Deu-se conta de que teria de pedir desculpa a Nigel por pensar dessa maneira, mas isto era trabalho e não uma questão pessoal.

Paranoia, *Eddie*, disse o chefe de posto a si mesmo. *Não podes suspeitar de toda a gente*.

Uma porra é que eu não posso!

Mas talvez ele soubesse que Nigel Haydock pensava a mesma coisa acerca dele. Era assim que funcionava o jogo.

E se eles conseguissem levar o *Coelho* para fora da Rússia, isso seria a prova definitiva de que Haydock era de confiança. Nem por sombras o Ivan deixaria que aquele coelhinho saísse vivo do país, pois este sabia demasiado.

Será que Zaitzev teria alguma ideia do perigo em que se estava a meter? Ele

confiava na CIA para o retirarem, a ele, à mulher e à filha, daquele local com vida…

Porém, com toda a informação a que tinha acesso, será que ele estava a fazer um raciocínio informado?

Meu Deus, havia tantas engrenagens naquilo que davam para fazer uma fábrica de bicicletas, não era verdade?

A videocassete chegou ao fim e o robô-camioneta e chefe (fosse qual fosse o seu nome) voltou a transformar-se numa camioneta que começou a andar ao som de «Os *Transformers* são mais do que parecem…» Era suficiente de momento que Eddie gostasse disso. De modo que ele arranjara um momento agradável para o filho e para si. No geral, não fora uma má tarde de domingo.

— Então qual é o plano, Arthur? — perguntou Greer.

— Boa pergunta, James — respondeu o diretor-geral de Informação. Estavam a ver televisão na sua salinha, os Orioles e os White Sox estavam a jogar em Baltimore. Mike Flanagan era o lançador e parecia estar a caminho de um prémio Cy Young. O novato interbases, que os Orioles tinham arranjado, estava a jogar particularmente bem e parecia ter um futuro na grande liga. Ambos os homens estavam a beber cerveja e a comer *pretzels*, como se fossem pessoas a sério, a divertirem-se com um passatempo americano de domingo à tarde. Isso era em parte verdade.

— O Basil vai ajudar. Podemos confiar nele — opinou o almirante Greer.

— De acordo. Fosse qual fosse o problema que tivéssemos, já são águas passadas e ele irá compartimentalizá-lo e mantê-lo tão fechado como o guarda-joias da rainha. Mas irá querer um dos nossos envolvidos deste lado.

— Quem é que acha?

— Não o chefe de posto em Londres. Todos sabem quem ele é, até os motoristas de táxi. — Não havia como o disputar. O chefe de posto em Londres estava no ramo da espionagem há muito tempo e era agora mais um administrador do que um agente ativo no terreno. O mesmo se poderia dizer de grande parte do seu pessoal, para quem Londres era uma sinecura e, principalmente, um posto de fim de carreira para pessoas ansiosas por se reformarem. Eram todos boas pessoas, é claro, só que estavam prontos para a aposentação. — Seja quem for, terá de ir para Budapeste e terá de ser invisível.

— Pois. — Moore anuiu com um aceno de cabeça ao dar uma dentada na sandes e estender as mãos para as batatas fritas de pacote. — Ele não terá de fazer muito, apenas dizer aos britânicos que está ali, para mantê-los honestos.

— O Basil vai querer entrevistar este *Coelho*.

— Não haverá como evitá-lo — concordou Moore. — E ele também tem direito a meter o bico nisto. — Esta era uma expressão que ele ouvira quando era juiz, num recurso acerca de um caso raro de crime organizado. Ele e os colegas juristas em Austin, no Texas, tinham-se rido durante semanas acerca disso, depois de terem rejeitado o recurso por cinco a zero.

— Também iremos lá querer um dos nossos.

— Aposto que sim, James — concordou Moore, uma vez mais.

— E será melhor que essa pessoa esteja lá. O tempo poderá ser muito apertado.

— Pois.

— Que tal o Ryan? — perguntou Greer. — Ele está muito fora dos radares. Ninguém sabe quem ele é. É um dos meus, não é verdade? Ele nem sequer tem o aspeto de um agente no terreno.

— O seu rosto já apareceu nos jornais — objetou Moore.

— E acha que o KGB lê a coluna social? Quando muito poderão ter reparado nele como um rico e pretensioso escritor e, se têm um ficheiro acerca desse homem, deve estar na subcave do Centro. Isso não será um problema.

— Acha que sim? — refletiu Moore. De certeza que aquilo iria dar uma dor de barriga a Bob Ritter, mas isso não seria inteiramente algo negativo. O Bob tinha ambições de se encarregar de todas as operações da CIA e, embora fosse uma excelente pessoa, nunca seria um vice-diretor de Informação devido a uma quantidade de fatores, não sendo desprezível o facto de o Congresso não gostar de espiões com complexos napoleónicos. — E será que está interessado?

— O rapaz é um ex-fuzileiro e tem uma cabeça fria, lembre-se.

— Ele *já pagou* a sua dívida para com o país. Não mija sentado — admitiu o vice-diretor de Informação.

— E tudo o que ele terá de fazer é manter um olho nos nossos amigos e não se armar em espião em solo inimigo.

— O Bob irá ter um ataque de raiva.

— Não prejudicará os nossos propósitos manter o Bob no seu lugar, Arthur.

— *Especialmente*, não acrescentou ele, *se isto funcionar*. E teria de funcionar. Uma vez fora de Moscovo deveria ser apenas uma questão de rotina.

— E se ele deitar tudo a perder?

— Arthur, o Jimmy Szell fez porcaria em Budapeste, e é um oficial no terreno experiente. Bem sei, a culpa até pode nem ser dele, talvez fosse pouca sorte, mas prova uma coisa. Muito do que se passa neste ramo depende da sorte. Os britânicos irão fazer o verdadeiro trabalho e tenho a certeza de que o Basil irá escolher uma boa equipa.

Moore sopesou tudo isso em silêncio. Ryan era muito novo na CIA, mas era uma estrela em ascensão. O que ajudou foi a sua aventura, que se passara ainda não há um ano e em que, por duas vezes, ele enfrentara pistolas carregadas e fizera o que tinha a fazer. Uma boa coisa acerca do Corpo de Fuzileiros é que eles não tinham muitos cobardes. Ryan *conseguia* manter a cabeça fria e era bom sabê-lo. Melhor ainda, os britânicos gostavam dele. Ele vira os comentários de Sir Basil Charleston acerca do trabalho de Ryan na Century House, e o inglês começara a simpatizar bastante com o analista americano. De modo que essa era a oportunidade de envolver um novo talento e, embora ele não se tivesse formado na Quinta, não se comportaria como uma criança indefesa na floresta. Ryan estivera na floresta e matara dois lobos ao longo do caminho, não matara?

— James, é um pouco fora da caixa, não vou dizer que não por causa disso. Pois bem, traga-o para a operação. Espero que o seu rapaz não molhe as calças.

— O que chamou Foley a esta operação?

— BEATRIX, disse ele. Não sei se está a ver, como n'*A História de Pedrito Coelho*.

— Esse rapaz, o Foley, há de chegar a algum lado, e a mulher dele, a Mary Patricia, é bastante boa no que faz.

— Nesse caso seguramente que concordamos, James. Ela daria uma boa cavaleira de *rodeo* e ele um bom xerife no faroeste — observou o diretor-geral. Ele gostava de ver algum do jovem talento que a Agência estava a produzir. De onde vinham todos eles? Bem, vinham de muitos sítios diferentes, mas pareciam ter todos o mesmo entusiasmo que ele tinha há trinta anos, quando trabalhara com Hans Tofte. Eles não eram muito diferentes dos Texas Rangers que ele aprendera a admirar quando era pequeno, essas pessoas duras e espertas que faziam o que tinha de ser feito.

— E como é que comunicamos com o Basil?

— Telefonei ao Chip Bennett na noite passada, disse-lhe para preparar uma boa equipa. Esta deve chegar a Langley ao fim da tarde e nós iremos levá-los para Londres de avião esta noite, no 747, e, de lá, atirar com alguns deles para Moscovo. De modo que poderemos comunicar com segurança, ainda que com um pouco de inconveniência.

Aquilo, na verdade, estava quase feito. Um sistema de computador usado para registar os sinais de ponto-traço do código Morse internacional estava ligado a um rádio muito sensível numa frequência que não era usada por nenhuma agência humana, transformando o lixo de fundo em letras do alfabeto romano. Um dos técnicos em Fort Meade tinha vindo a comentar que o ruído intergaláctico que estavam a registar era a estática residual produzida pelo Big Bang, pelo qual Penzias e Miller tinham obtido o prémio Nobel há alguns anos, e isso era tão aleatório como qualquer outra coisa — a não ser que pudessem descodificá-lo para saberem o que Deus pensava, o que estava bem para lá das capacidades da Divisão-Z da Agência de Segurança Nacional. Uma impressora matricial punha as letras em folhas de papel químico, três cópias para cada — o original para o ponto de origem, uma cópia para a CIA e a outra para a Agência de Segurança Nacional. Todas tinham letras suficientes para transcreverem a primeira terça parte da Bíblia, e cada página e cada linha eram identificadas alfanumericamente para tornar a desencriptação possível. Três pessoas separavam as páginas, certificando-se de que os conjuntos estavam arranjados devidamente, e depois colocavam-nas em dossiês com argolas de metal para dar a aparência de que eram fáceis de usar. Mais tarde, dois eram entregues aos oficiais subalternos da Força Aérea, que levavam de carro as cópias da CIA até Langley. O técnico chefe pensou no que seria tão importante para requerer cifras de uso único, a que a Agência de Segurança Nacional renunciara há algum tempo, devido à sua adoração institucional da tecnologia digital, mas isso não era para ele descobrir, pois não? Não em Fort Meade, no Maryland.

Ryan estava a ver televisão, a tentar habituar-se às comédias britânicas. Aprendera a gostar desse tipo de humor, pois, apesar de tudo, tinham inventado o Benny Hill. O fulano tinha de ter problemas mentais para fazer o que fazia, mas era preciso algum tempo para que uma pessoa se habituasse às séries regulares

de televisão. Os sinais eram diferentes e, embora ele falasse inglês como qualquer americano, os cambiantes, ali (exagerados, é claro, na televisão), tinham uma dimensão subtil que ele nem sempre conseguia perceber. Mas o mesmo não se passava com a sua mulher, observou Jack. A mulher dele dava gargalhadas, ao ponto de quase se engasgar, sobre coisas que ele mal conseguia compreender. Foi quando se ouviu o toque típico do telefone seguro no seu escritório do andar de cima. Pôs-se a correr para o atender, pois não se trataria de um engano. Fosse quem fosse que lhe tivesse arranjado aquele número (a British Telecom ou uma corporação semiprivada que fazia exatamente o que o governo lhe pedia), tê-lo-ia escolhido tão afastado da normalidade numérica que apenas uma criança o poderia ligar por engano.

— Ryan — disse ele, ao sentir que havia alguém do outro lado.

— Fala Jack Greer. Como está a noite de domingo na bela Inglaterra?

— Hoje choveu. Não pude cortar a relva — respondeu Ryan. Não se importara muito. Ele *odiava* cortar a relva, sabendo desde criança que, por mais que se cortasse, aquela coisa maldita crescia e, dentro de dias, atingia o mesmo mau aspeto.

— Bem, aqui os Orioles estão a ganhar aos White Sox por seis a dois, após seis entradas. Tenho a impressão de que a sua equipa vai ganhar o galhardete.

— Quem na Liga Nacional?

— Se tivesse de apostar, diria que os Phillies, meu rapaz.

— Aposto um dólar em como está errado, senhor almirante. As coisas parecem-me bem daqui. *Que não era lá, raios partam*. Desde que os Colts tinham perdido, no futebol americano, ele transferira a sua lealdade para o beisebol. O jogo era mais interessante, de um ponto de vista tático, embora não tivesse o combate viril do futebol da NFL. — Então, que se passa em Washington num domingo à noite, senhor almirante?

— Queria avisá-lo acerca de uma coisa. Há um sinal a caminho de Londres que o irá envolver. Uma nova tarefa. Levará talvez três ou quatro dias.

— Muito bem. — Despertou-lhe o interesse, mas tinha de ver o que era antes de ficar muito entusiasmado acerca do assunto. Talvez uma nova análise que queriam que ele fizesse. Essas eram geralmente económicas, pois o almirante gostava do modo como ele lidava com os números. — E é importante?

— Bem, estamos interessados em saber o que poderá fazer com isso — foi

tudo o que o vice-diretor de Informação lhe disse.

Este tipo deve ensinar raposas a enganar cães e cavalos. Ainda bem que não é britânico. A aristocracia local dava-lhe um tiro por ele ter arruinado as suas corridas de obstáculos, disse Ryan para si mesmo.

— Muito bem, senhor almirante, ficarei à espera. Não creio que possa entrar em detalhes? — inquiriu ele, com uma certa esperança na voz.

— O novo interbases, Ripken não é assim que se chama?, acabou de dobrar a linha à esquerda do campo, avançou pela corrida número seis, falhou uma, final de sete.

— Obrigado por mo dizer, senhor almirante. É melhor do que *Fawlty Towers*.

— Que diabo é isso?

— É aquilo a que eles aqui chamam uma comédia, senhor almirante. É engraçado, se a conseguirmos perceber.

— Informe-me da próxima vez que eu aí for — sugeriu o vice-diretor.

— Sem dúvida.

— A família está bem?

— Estamos todos bem, obrigado por ter perguntado.

— Ótimo, tenha uma boa noite.

— Que foi isso? — perguntou Cathy, desde a sala de estar.

— Era o patrão. Vai enviar-me uma coisa em que irei trabalhar.

— O quê, exatamente? — Ela nunca deixava de tentar.

— Não mo disse. Era apenas para me avisar de que vou receber uma coisa com que me entreter.

— E ele não te disse o que era?

— O almirante gosta de fazer surpresas.

— Hum… — foi a resposta dela.

O homem com o correio sentou-se no seu assento de primeira classe. O pacote que transportava na bagagem de mão estava por baixo do assento da frente e ele tinha uma série de revistas para ler. Dado que trabalhava secretamente, não tendo nada que ver com o correio diplomático oficial, podia fingir ser uma pessoa normal, um disfarce que tivera de revelar na alfândega do terminal quatro em Heathrow, para aí apanhar um automóvel da embaixada até Grosvenor Square. Ansiava, principalmente, encontrar um bar agradável com cerveja britânica,

antes da sua viagem de regresso, dentro de dia e meio. Era uma perda de talento e de treino para o recém-nomeado oficial no terreno, mas toda a gente tinha de pagar esse preço, e isso, para um fulano que acabara de sair da Quinta, era apenas isso. Consolou-se com o pensamento de que, fosse o que fosse, teria de ter algum grau de importância. Claro, Wilbur. Se fosse assim tão importante, ele estaria no *Concorde*.

Ed Foley dormia o sono dos justos. No dia seguinte iria encontrar uma desculpa para se deslocar até à Embaixada Britânica, sentar-se com Nigel e planear a operação. Se corresse bem, iria usar a gravata mais encarnada que tivesse e levar a mensagem a Oleg Ivanovitch, combinar o próximo encontro cara a cara e avançar com a operação. *Quem é a pessoa*, pensou ele, *que o KGB está a tentar assassinar? O papa?* Bob Ritter estava muito preocupado com isso. *Ou seria outra pessoa*? O KGB tinha uma maneira muito direta de lidar com as pessoas de que não gostava, mas esse não era o caso da CIA. Esta não tinha de facto matado ninguém desde os anos 50, quando o presidente Eisenhower utilizara a CIA (com efeito, muito habilmente) como uma alternativa a usar tropas fardadas de um modo bem visível. Mas essa capacidade não fora transferida para a administração de Kennedy, que dera cabo de quase tudo em que tocara. Talvez houvesse demasiados livros do James Bond. Tudo na ficção é bem mais simples do que no mundo real, mesmo na ficção escrita por um antigo espião no terreno. No mundo real, fechar um fecho de correr podia ser uma coisa complicada.

Porém, ele estava a planear uma operação relativamente complexa e a dizer a si mesmo que não era assim tão complexa. Estaria ele a cometer um erro? Foley divagava enquanto o resto da sua consciência dormia. Mesmo a dormir continuava a percorrer os seus planos, via coelhos a correrem num campo verdejante, enquanto ursos e raposas os observavam. Os predadores não tentavam apanhá-los, provavelmente porque os coelhos eram muito rápidos e/ou estavam demasiado perto das suas tocas para que eles se dessem a esse trabalho. Mas, que aconteceria quando os coelhos se afastassem muito das tocas? Então as raposas podiam apanhá-los, e os ursos podiam investir para os engolirem inteiros… E a sua função era proteger os coelhinhos, não era?

Mesmo assim, no seu sonho, as raposas e os ursos limitaram-se a observar enquanto ele, a águia, descrevia altos círculos e olhava para baixo. Ele, a águia,

não estava interessado nos coelhos, embora uma raposa pudesse constituir um petisco para ele despedaçar, se as suas garras a prendessem convenientemente, mesmo por detrás da cabeça, para lhe partir o pescoço e deixá-la para os ursos comerem, porque estes não tinham grandes preferências acerca do que comiam. Não, o Senhor Urso não se ralava nem um pouco. Era apenas um velho urso grande que tinha a barriga sempre vazia. Ele até comeria uma águia se tivesse essa oportunidade, mas a águia era muito rápida e esperta, não era? Só enquanto mantivesse os olhos abertos, disse a nobre águia para si mesma; tinha grandes habilidades e uma ótima vista, mas até mesmo ela teria de ter cuidado. De modo que a águia se elevou nos ares, planando e examinando. Ela não poderia exatamente entrar na briga. Quando muito, poderia descer e avisar os lindos coelhinhos de que havia perigo, mas estes eram proverbialmente estúpidos, a comerem a erva sem se darem ao trabalho de olharem em volta tanto quanto deviam. Era essa a missão, disse para si a nobre águia, usar a sua visão formidável para se certificar de que sabia tudo o que deveria saber. O trabalho do coelho era correr quando tivesse de o fazer e, com a ajuda da águia, correr para outro campo, um que não tivesse raposas e ursos à sua volta, para que ele pudesse ter a liberdade de criar mais belos coelhinhos e viver feliz para sempre, como os pequenos Flopsy, Mopsy e Cotton-tail na história de Beatrix Potter.

O toque deliberadamente irritante do despertador fez com que os olhos de Foley se abrissem de repente, e ele rolou na cama para o desligar. Depois, levantou-se e foi até à casa de banho. Subitamente, sentiu saudades da sua casa na Virgínia. Tinha mais do que uma casa de banho, duas e meia, de facto, o que permitia um certo grau de flexibilidade caso houvesse uma emergência. O pequeno Eddie levantou-se quando o chamaram, depois, quase de imediato, sentou-se no chão em frente da televisão e gritou: «Mulher-*Trabalhadorrrra*!», quando surgiu o programa de ginástica. Isso fez com que o pai e a mãe sorrissem. Até mesmo os fulanos do KGB, do outro lado das escutas nas paredes, talvez se tivessem rido.

— Qualquer coisa importante planeada hoje para o escritório? — perguntou Mary Pat da cozinha.

— Bem, deve tratar-se do tráfego do costume de Washington. Tenho de ir à Embaixada Britânica antes do almoço.

— Oh? Para quê? — perguntou a mulher.

— Quero passar por lá e ver o Nigel Haydock acerca de umas coisas — disse-lhe ele, enquanto ela punha o bacon a fritar. Mary Pat cozinhava sempre ovos com bacon nos dias de trabalho importante de espionagem.

Ele interrogou-se se os que estavam a ouvi-los no KGB se davam conta disso. Talvez não. Ninguém era assim tão meticuloso, e o que os americanos comiam só lhes interessava na medida em que estes se alimentavam melhor do que os russos.

— Então diz-lhe olá por mim.

— Está bem. — Ele bocejou e bebeu mais um gole de café.

— Temos de os receber cá em casa. Que tal no próximo fim de semana?

— Para mim está bem. Rosbife e o costume?

— Sim, vou tentar arranjar milho congelado na espiga. — Os russos plantavam milho, que se podia comprar nos mercados de agricultores e era bom, mas não era o Silver Queen de que eles tinham aprendido a gostar na Virgínia. De modo que acabavam por comprar o milho congelado que a Força Aérea trazia de Rhein-Main, juntamente com os cachorros-quentes Chicago Red, que eles serviam na cantina da embaixada, e todos os sabores da América que se tornavam tão importantes num posto como aquele. *O mesmo talvez se aplicasse a Paris*, pensou Ed. O pequeno-almoço passou depressa e, meia hora depois, ele estava quase vestido.

— Que gravata é que levo hoje, querida?

— Na Rússia deverias usar encarnado uma vez por outra — disse-lhe ela, passando-lhe a gravata com uma piscadela de olho, juntamente com o clipe de gravata prateado.

— Hum… — concordou ele, olhando para o espelho, para a pôr por baixo do colarinho. — Bem, aqui está o Edward Foley Sénior, funcionário dos Negócios Estrangeiros.

— Fica-te bem, querido. — Ela beijou-o um pouco ruidosamente.

— Adeus, papá — disse o Júnior, quando Ed se dirigiu para a porta.

— Dá cá mais cinco. — Ele já estava demasiado crescido para beijos.

O resto da viagem era uma rotina estupidificante. Ir até ao metro. Comprar o jornal no quiosque e apanhar exatamente o mesmo comboio com um bilhete de cinco copeques, porque, se ele apanhasse o mesmo de regresso a casa, para que o KGB pensasse que ele era um homem de rotinas, teria a imagem em espelho dos

hábitos da manhã e da tarde. Na embaixada, foi até ao seu escritório e esperou que Mike Russell lhe trouxesse as mensagens da manhã. Eram mais do que o costume, viu ele logo, folheando-as e olhando para os cabeçalhos.

— Alguma coisa acerca do que falámos? — perguntou o oficial de comunicações, demorando-se por um momento.

— Não me parece — respondeu Foley. — Pô-lo um bocado excitado?

— Ed, ter material seguro a entrar e a sair é o meu trabalho, não sei se sabe…

— Veja as coisas do meu lado, Mike. Se eu não fizer o que devo, torno-me completamente inútil. Já para não mencionar os fulanos que podem ser mortos por causa disso.

— Sim, estou a perceber. — Russell fez uma pausa. — Não consigo acreditar que eles possam entrar no meu sistema, Ed. É tal como disse, você iria perder muitas pessoas.

— Gostaria de concordar consigo, mas nunca poderemos ter cuidado a mais, não é?

— Concordo em absoluto. Se apanhar alguém a meter o nariz nas minhas coisas, não viverá o tempo suficiente para o poder contar ao FBI — prometeu ele, com um ar sombrio.

— Não exagere…

— Ed, quando eu estava no Vietname, os sinais que não eram seguros matavam soldados. É esta a importância daquilo de que estamos a falar.

— Se ouvir alguma coisa, informo-o logo, Mike.

— Muito bem. — Russell saiu, sem ir a deitar fumo pelos ouvidos.

Foley organizou o seu tráfego de mensagens (estavam endereçadas ao chefe de posto, sem nomes, é claro) e começou a lê-las. Havia ainda uma preocupação com o papa e com o KGB, mas, além do *Coelho*, não havia mais nada novo a relatar e foi apenas a esperança que lhe disse que Flopsy tinha algo acerca do assunto. Tinha havido um grande interesse na reunião da semana passada do Politburo, contudo, sobre isso, teria de esperar que as suas fontes o informassem. Havia questões sobre a saúde de Leonid Brejnev, mas, se bem que eles soubessem os nomes dos seus médicos (toda uma equipa), nenhum deles falava diretamente com a CIA. Podia ver-se a imagem na televisão e saber-se que Leonid Ilyitch não iria correr a maratona nos próximos Jogos Olímpicos. Mas pessoas assim poderiam ainda viver muitos anos, o que eram boas e más

notícias. Brejnev não iria fazer nada de novo e de diferente, porém, ao tornar-se cada vez mais irracional, não haveria modo de se saber a que disparates se poderia entregar. De certeza que não iria retirar as tropas do Afeganistão. Ele estava-se nas tintas para as vidas dos jovens soldados russos, não quando já estava a ouvir os passos da Morte a aproximarem-se-lhe da porta. A sua sucessão era do interesse da CIA, mas era já do consenso geral que Yuriy Vladimirovitch Andropov seria o próximo indivíduo à cabeceira da mesa, exceto por morte súbita, ou devido a um pé mal colocado, de um ponto de vista político. Contudo, Andropov era demasiado sagaz para isso. Não, ele era o atual *czarevich* e isso não estava em discussão. Esperava-se que ele não fosse muito vigoroso, e não o seria, se as histórias acerca da sua doença de fígado provassem ser verdadeiras. Cada vez que Foley o via na televisão russa, procurava-lhe o tom amarelado da pele que anunciava essa enfermidade em particular… Contudo, a maquilhagem poderia ocultá-lo, se é que eles punham maquilhagem nos seus chefes políticos… *Hum… como o poderei saber?*, pensou. Algo para enviar talvez para a Direção de Ciência e Tecnologia de Langley.

Zaitzev sentou-se depois de ter vindo substituir Kolya Dobrik e olhou para a sua quantidade de mensagens. Decidiu memorizar o máximo possível, de modo que demorou mais tempo do que o costume a enviá-las para os seus destinatários. Havia mais uma do agente CASSIUS, dirigida ao pessoal de informação política nos andares de cima e também para o Instituto de Estudos Americanos e Canadianos, onde os académicos liam as folhas de chá para o Centro, como segurança. Havia uma do NEPTUNO, a pedir dinheiro para o agente que estava a enviar informações tão boas ao KGB. NEPTUNO sugeria o mar, não era? Zaitzev tentou lembrar-se de sinais prévios dessa fonte. Não seria sobretudo acerca da Marinha americana? E *esta* era a razão pela qual ele se preocupava com a segurança dos sinais americanos. Decerto, o KGB estava a pagar-lhe uma *grande quantidade* de dinheiro, centenas de milhares de dólares americanos em dinheiro vivo, algo que para o KGB não era fácil arranjar, pois era muito mais conveniente para os soviéticos pagarem em diamantes, dado que os podiam minerar no Leste da Sibéria. Eles tinham pago a alguns americanos em diamantes, mas estes tinham sido apanhados pelo vigilante FBI, e o KGB nunca tentara negociar a sua libertação… O KGB não estava, como se podia ver, muito

preocupado com a lealdade. Os americanos tentavam fazê-lo, segundo sabia, mas, na maior parte dos casos, as pessoas que tentavam retirar da Rússia já tinham sido executadas, um pensamento que lhe apagou todos os pensamentos.

Mas agora já não poderia recuar e a CIA era suficientemente competente para que o KGB a temesse, e será que *isso* não quereria dizer que ele estava em boas mãos?

Só então se lembrou de outra coisa que teria de fazer nesse dia. Na sua gaveta havia um bloco de relatórios de contacto. Mary sugerira que ele relatasse o encontro com ela e foi isso mesmo que ele fez. Descreveu-a como sendo bonita, rondando os vinte e tais ou os trinta anos, mãe de um belo menino, mas não muito inteligente… *muito americana nos seus maneirismos*, escreveu ele, com poucas aptidões linguísticas, bom vocabulário mas sintaxe e pronúncia pobres, o que tornava o seu russo compreensível mas um pouco rígido. Ele não fez qualquer avaliação acerca da hipótese de ela ser uma oficial de informação, o que, pensou ele, era a coisa mais inteligente a ser feita. Depois de quinze minutos a escrever o relatório, foi ter com o oficial do departamento de segurança.

— Isto foi uma perda de tempo — disse ele, passando-o ao homem, um capitão que, já por duas vezes, não fora promovido.

O oficial de segurança deu-lhe uma vista de olhos.

— Onde é que a encontrou?

— Está aí tudo. — Ele apontou para o relatório. — Levei a minha *zaitchik* para um passeio no parque e ela apareceu com um menino. Chamava-se Eddie, o seu verdadeiro nome, é claro, é Edward Edwardovitch, Edward Júnior como dizem os americanos, um menino de quatro anos muito simpático, segundo ela disse. Falámos durante alguns minutos disto e daquilo, e os dois foram-se embora.

— E a sua impressão dela?

— Se ela é uma espia, tenho confiança na vitória do socialismo — respondeu Zaitzev. — Ela é bastante bonita, mas muito magra e não muito inteligente. O que eu acho ser uma típica dona de casa americana.

— Mais alguma coisa?

— Está tudo aí, camarada capitão. Levou-me mais tempo a escrever do que a falar com ela.

— Iremos anotar a sua vigilância, camarada major.

— Eu sirvo a União Soviética. — E Zaitzev regressou à sua secretária. *Foi uma boa ideia que ela teve*, pensou ele, *pormenorizar as coisas a este ponto*. Apesar de tudo, poderia ter havido alguém a segui-la, e se esse não fosse o caso haveria pelo menos uma nova entrada no seu ficheiro do KGB, afirmando que ela não era uma ameaça para o socialismo mundial.

De volta à sua secretária, voltou a fazer anotações mentais muito cuidadosas do seu trabalho diário. Quanto mais desse à CIA, melhor lhe pagariam. Talvez pudesse levar a filha a esse parque de diversões do Planeta Disney, e talvez a sua pequena *zaitchik* gostasse de lá ir. Os seus sinais incluíam outros países e ele também memorizou esses. Havia um interessante em Inglaterra, cujo nome de código era MINISTRO. Ele estava provavelmente no Ministério dos Negócios Estrangeiros deles e fornecia excelente informação política/diplomática que todos, nos andares de cima, adoravam.

Foley levou um carro do corpo diplomático para se dirigir à Embaixada Britânica. Eles foram muito cordiais logo que se identificou. Nigel desceu para o vir receber no grande átrio, que era, na verdade, muito luxuoso.

— Olá, Ed! — Ele deu-lhe um sólido aperto de mão e sorriu. — Venha por aqui. — Eles subiram os degraus de mármore e depois voltaram à direita até ao escritório. Haydock fechou a porta e apontou para uma cadeira de couro.

— Que posso fazer por si?

— Temos um *Coelho* — disse Foley, saltando os preliminares.

E isso dizia tudo. Haydock sabia que Foley era um espião, um «primo» na terminologia britânica.

— E porque mo está a dizer?

— Iremos precisar da sua ajuda para o tirarmos de cá. Queremos fazê-lo através de Budapeste e o nosso posto nessa cidade acabou de ser descoberto. Como está o seu escritório lá?

— O chefe chama-se Andy Hudson, um antigo oficial do Regimento de Paraquedistas, um excelente tipo. Mas, recuemos um pouco, Edward. Que me pode dizer e por que motivo é que isso é tão importante?

— Ele está bem lá dentro, creio que seria assim que vocês diriam. Parece trabalhar em comunicações. Parece-me ser verdadeiro, Nigel. Já pedi permissão

para o tirar de cá, e Langley já me deu luz verde. É um par de cincos, meu amigo — acrescentou ele.

— Então este tipo tem uma alta prioridade e uma alta fiabilidade?

Foley anuiu com um aceno de cabeça.

— Pois, quer ouvir as boas notícias?

— Se houver algumas.

— Ele disse que as nossas comunicações poderão estar comprometidas, mas que o vosso sistema ainda não foi decifrado.

— É bom ouvi-lo. Isso quer dizer que eu posso comunicar livremente, mas não o Ed.

Outro assentir de cabeça.

— Soube esta manhã que um ajudante de comunicações está a caminho para me ver, talvez tivessem arranjado alguns formulários de cifra única para eu usar. Vou saber hoje, mais tarde, talvez.

Haydock recostou-se na sua cadeira e acendeu um cigarro, um *Silk Cut* com baixo teor de alcatrão. Ele mudara para estes para agradar à mulher.

— Tem um plano? — perguntou o espião britânico.

— Creio que ele vai apanhar o comboio para Budapeste. Quanto ao resto, bem… — Foley esboçou a ideia que ele e Mary Pat tinham planeado.

— Isso *é* criativo, Edward — disse Haydock. — Quando é que leu acerca da MINCEMEAT? Faz parte do programa da nossa academia, não sei se sabe.

— Quando ainda era miúdo. Sempre pensei que era uma coisa muito bem feita.

— Em abstrato não é uma má ideia, mas, não sei se sabe, as peças de que precisa não se compram nos ferros-velhos.

— Até aí consigo eu ir, Nigel. De modo que, se queremos fazer a jogada, temos de nos começar a mexer depressa.

— De acordo. — Haydock fez uma pausa. — O Basil irá querer saber algumas coisas. Que mais lhe poderá dizer?

— Ele vai receber esta manhã uma carta, entregue em mão, do juiz Moore. A única coisa que posso dizer é que este tipo me parece bastante verdadeiro.

— Disse-me que ele era um oficial de comunicações… no Centro, não é verdade?

— Pois.

— Isso pode vir a ser mesmo muito valioso — concordou Haydock. — Especialmente se ele trabalhar no registo do correio. — Ele pronunciou uma das palavras de tal modo que Foley se lembrou do agente que o formara… o que quase o fez sorrir.

Desta vez, a concordância expressa com um aceno de cabeça foi mais lenta, com os olhos de Foley colados ao seu anfitrião.

— É isso que nós estamos a pensar.

Finalmente, ele deu-se conta.

— Raios partam — disse Haydock, entre dentes. — Isso seria muito valioso. E ele é mesmo lá de dentro?

— Pois é. É um pouco mais complicado do que isso, mas no fim de contas tudo se resume a esse facto.

— Não se trata de uma armadilha, nem de uma «bandeira falsa»?

— É claro que também pensei nisso, mas não faz sentido, pois não? — inquiriu Foley. O britânico sabia que ele pertencia à Agência, mas não sabia que ele era chefe de posto. — Se eles me identificaram, por que motivo revelar os planos tão cedo?

— Isso é verdade — teve de concordar Nigel. — Isso seria desastrado. De modo que é Budapeste, não é? É mais fácil do que em Moscovo, pelo menos isso.

— Também há más notícias. A mulher dele não está ao corrente do plano. — Foley teve de lho dizer.

— Deve estar a brincar comigo, Edward.

— Quem me dera estar. Mas é assim que as coisas estão a correr.

— Ah, pois bem, que é a vida sem umas complicações? Algumas preferências acerca de como extrair o *Coelho*? — perguntou ele, sem revelar a Foley o que estava a pensar.

— Suponho que isso seja para o vosso tipo, o Hudson, em Budapeste. Não é o meu terreno, não me cabe a mim dizer-lhe como conduzir a sua operação.

Haydock limitou-se a anuir com um aceno de cabeça. Era uma daquelas coisas que não valia a pena dizer, mas que, de qualquer modo, tinham de ser ditas.

— Quando? — perguntou ele.

— Em breve, o mais breve possível. Langley está quase tão ansiosa por isso como eu. — E, não acrescentou ele, era um diabo de um modo de ele poder

causar uma boa impressão como chefe de posto em Moscovo.

— Roma, está a pensar nisso? Sir Basil tem andando a insistir comigo acerca disso.

— A vossa primeira-ministra está interessada?

— Imagino que tanto quanto o seu presidente. Esse jogo irá enlamear muito as águas.

— Pois vai — concordou Foley. — De qualquer modo, queria avisá-lo. Sir Basil deve ter uma mensagem para si ao fim do dia.

— Estou a perceber, Edward. Quando ela chegar, poderia começar a agir. — Ele olhou para o relógio. Era muito cedo para oferecer ao convidado uma cerveja no bar da embaixada, que pena…

— Quando tiver autorização telefone-me, combinado?

— Com certeza. Iremos organizar as coisas para si, Ed. O Andy Hudson é um bom oficial e dirige uma operação rigorosa em Budapeste.

— Ótimo. — Foley pôs-se de pé.

— Que tal irmos jantar um destes dias? — perguntou Haydock.

— Creio que é melhor que o façamos em breve. A Penny está quase a ter a criança. Quando é que a vai levar para casa?

— Dentro de umas semanas, o bebé já está a mexer-se muito e a dar pontapés.

— Isso é sempre um bom sinal.

— E temos um bom médico aqui mesmo na embaixada, caso o parto ocorra mais cedo. — O problema é que o médico da embaixada não quer assistir no parto. Nunca gostaram.

— Bem, se for um rapaz, o Eddie poderá emprestar-lhe as videocassetes dos *Transformers* — prometeu Ed.

— *Transformers*? O que é isso?

— Se for um rapaz, depressa verá — assegurou-lhe Foley.

CAPÍTULO 20

ENCENAÇÃO

O agente subalterno no terreno chegou ao terminal quatro de Heathrow mesmo antes das sete da manhã. Passou rapidamente pela alfândega e saiu para o exterior, onde viu o seu motorista com o cartaz do costume, que tinha um nome falso, é claro, dado que os espiões da CIA só usavam os seus verdadeiros nomes quando tinham de o fazer. O nome do motorista era Leonard Watts. Guiava um *Jaguar* da embaixada e, dado que tinha um passaporte diplomático e marcas distintivas no carro, não estava muito preocupado com os limites de velocidade.

— Como foi o voo?

— Ótimo. Dormi quase todo o caminho.

— Bem-vindo ao mundo das operações no terreno — disse-lhe Watts. Quanto mais tiver dormido, melhor.

— Creio que sim. — Era o seu primeiro trabalho do outro lado do mar e este não seria muito exigente. — Aqui está o pacote. — E a sua missão secreta não era ajudada pelo facto de estar a viajar com apenas esse pacote e uma pequena mala, que passara a viagem no local das bagagens por cima dos assentos, com uma camisa lavada, roupa interior e um *kit* de barba.

— A propósito, chamo-me Len.

— Bem, eu sou o Pete Gatewood.

— Primeira vez em Londres?

— Sim — respondeu Gatewood, tentando habituar-se a sentar-se no assento da esquerda, sem um volante para o proteger, e a ser guiado por alguém que fora rejeitado pela NASCAR[31]. — Quanto tempo vai demorar até à embaixada?

— Meia hora. — Watts concentrou-se na condução. — Que está a transportar?

— Algo para o chefe de posto, é tudo quanto sei.

— Bem, não se trata de rotina. Eles acordaram-me para isto — lamentou Watts.

— Onde é que já trabalhou? — perguntou Gatewood, esperando que aquele maníaco deixasse de conduzir tão depressa.

— Oh, por aí. Bona, Berlim, Praga. Estou prestes a voltar para o Indiana. Agora temos uma equipa de futebol para vermos.

— Sim, e também todo o milho — observou Gatewood. Ele nunca estivera no Indiana e não tinha quaisquer desejos de viajar por esse estado agrícola de onde vinham, lembrou-se, alguns bons jogadores de basquetebol.

Em breve, estavam a passar por um enorme parque verdejante à esquerda e, alguns quarteirões depois disso, pelo retângulo verde de Grovesnor Square. Watts parou o carro para Gatewood sair. Este abriu caminho por entre os vasos com flores (aí postos para evitar que aqueles que punham bombas nos carros se pudessem aproximar muito do cimento que rodeava o edifício surpreendentemente feio) e entrou. Os fuzileiros lá dentro verificaram a sua identificação e fizeram um telefonema. De seguida, uma mulher de meia-idade entrou no átrio da entrada e conduziu-o até um elevador que o levou até ao terceiro andar, mesmo ao lado do grupo técnico que trabalhava de perto com a sede de Comunicações do Governo, em Cheltenham. Gatewood entrou num impecável escritório de esquina e viu um homem de meia-idade sentado a uma secretária de carvalho.

— É o Gatewood?

— Sim, e o senhor é…

— Sou Randy Silvestri. Tem um pacote para mim — anunciou o chefe de posto em Londres.

— Tenho, sim. — Gatewood abriu o fecho da mala e retirou um grande envelope de papel manila que passou a Silvestri.

— Está interessado em saber o que contém? — inquiriu este, olhando para o jovem.

— Se me diz respeito, espero que o senhor me informe.

O chefe de posto anuiu com um aceno de cabeça.

— Muito bem, a Annie vai levá-lo até lá abaixo, caso queira tomar o pequeno-almoço, ou então pode apanhar um táxi até ao seu hotel. Trouxe libras?

— Trouxe cem, em notas de dez e de vinte.

— Muito bem, isso será suficiente para as suas necessidades. Obrigado, Gatewood.

— Sim, senhor. — E ele saiu do escritório.

Silvestri abriu o pacote após ter verificado que ninguém o fizera antes. O dossiê com argolas de metal parecia ter quarenta a cinquenta folhas de papel, todas elas com letras num arranjo aleatório e a espaço e meio. Com que então

um bloco de cifra de uso único para o posto de Moscovo, segundo dizia a nota que o acompanhava. Ele iria enviá-lo para lá no voo da British Airways do meio-dia E duas cartas. Uma para Sir Basil, entregue em mão. Arranjaria um carro que o conduziria até à Century House, depois de ter telefonado a avisar. A outra era para aquele rapaz, o Ryan, de quem Jim Greer parecia gostar muito, também para ser entregue em mão, através do escritório de Basil. Intrigou-se com o que conteria. Teria de ser algo muito pouco trivial para todo aquele tipo de cuidado. Pegou no auscultador e pressionou o botão 5.

— Fala Basil Charleston.

— Basil, fala Randy. Acabou de chegar uma coisa para si. Posso ir aí levar-lha?

Ouviu-se um som de papéis a serem mexidos. Basil iria saber que aquilo era algo importante.

— Digamos às dez. Está bem para si, Randy?

— Ótimo, vemo-nos então. — Silvestri continuou a beber o café e calculou o tempo de que iria precisar. Podia continuar ali sentado até uma hora antes da reunião. Em seguida, pressionou o botão do intercomunicador.

— Sim?

— Annie, tenho um pacote para ser entregue em Moscovo. Temos alguma pessoa para o levar por mala diplomática?

— Sim, senhor.

— Não se importa de lho ir dar?

— Com certeza. — As secretárias da CIA não são pagas para serem verbosas.

— Muito bem, obrigado. — Silvestri desligou.

Jack e Cathy estavam no comboio, a passarem por Elephant and Castle, e ele ainda não sabia como é que aquele maldito lugar adquirira *esse* nome. O tempo parecia ameaçador. *A Inglaterra não é suficientemente larga para que uma tempestade se possa instalar*, imaginou Ryan. Será que havia apenas uma série de nuvens de chuva a atravessarem o Atlântico? De qualquer modo, entre o dia anterior e o de hoje, o seu registo pessoal de bom tempo nesse país parecia estar a acabar. Paciência.

— Só óculos esta semana, querida? — perguntou ele à mulher, que tinha, como de costume, a cabeça mergulhada numa revista médica.

— Toda a semana — confirmou ela. Depois levantou os olhos. — Não é tão excitante como a cirurgia, mas, não sei se sabes, também é importante.

— Cathy, se tu o fazes deve ser importante.

— E tu não me podes dizer o que irás fazer?

— Não antes de chegar à minha secretária. — E, provavelmente, nem mesmo nessa altura. Fosse o que fosse, teria, sem dúvida, sido transmitido através de uma impressora segura ou por uma linha de fax durante a noite… a não ser que fosse alguma coisa realmente importante que tivesse sido enviada através de um mensageiro. A diferença horária tornava, na verdade, isso bastante conveniente. O primeiro voo 747 de Dulles chegava geralmente entre as seis e as sete da manhã, e as coisas não demorariam mais do que quarenta e cinco minutos a chegarem até à sua secretária. O governo, quando queria, podia trabalhar de um modo mais eficiente do que a Federal Express. Mais quinze minutos do *Daily Telegraph* dele e do *The New England Journal of Medicine* dela e iriam despedir-se em Victoria Station. Cathy, perversamente, apanhava o metro. Ryan optava por um táxi. Este passava rapidamente em frente do palácio de Westminster e depois saltava para o outro lado do Tamisa. Ryan pagou as cinco libras e meia e deu uma boa gorjeta. Dez segundos depois estava lá dentro.

— Bom dia, Sir John — cumprimentou-o Bert Canderton.

— Bom dia, sargento-mor — retorquiu Ryan, passando pelo portão, dirigindo-se em seguida até ao elevador e ao seu andar.

Simon já lá estava sentado, a ver as mensagens. Os seus olhos levantaram-se quando Jack entrou.

— Bom dia, Jack.

— Olá, Simon. Como foi o fim de semana?

— Não consegui fazer jardinagem devido à maldita chuva.

— Alguma coisa interessante esta manhã? — perguntou, enquanto enchia uma chávena de café. O chá de Simon, English Breakfast, não era mau, mas Jack não gostava de chá ao pequeno-almoço, nem de manhã. Eles também não tinham ali bolos de mel e Jack esquecera-se de comprar o seu *croissant* a caminho do trabalho.

— Ainda não, mas está a chegar uma coisa da América.

— O quê?

— O Basil não disse, mas, quando se trata de algo entregue em mão numa

segunda-feira de manhã, trata-se geralmente de uma coisa interessante. Deve estar relacionado com os soviéticos. Ele disse-me para esperar até o receber.

— Pois, poderemos muito bem começar a semana com algo interessante. — Ryan ia bebendo o café. Não era tão bom como o que Cathy fazia, mas era melhor do que chá. — E quando é que chega?

— Por volta das dez. O seu chefe de posto, o Silvestri, vem trazê-lo de carro.

Ryan só se encontrara uma vez com ele. Parecera-lhe muito competente, o que era de esperar de um chefe de posto, mesmo numa posição de duração limitada.

— Não há nada de novo de Moscovo?

— Apenas uns rumores acerca da saúde do Brejnev. Parece que ter parado de fumar não lhe adiantou muito — observou Harding, acendendo o cachimbo. — Um estuporado — acrescentou o analista britânico.

— E o material do Afeganistão?

— O Ivan está a ficar mais esperto. Aqueles helicópteros Mi-Vinte e quatro parecem ser muito eficientes. Más notícias para os afegãos.

— Como acha que tudo irá acabar?

Harding encolheu os ombros.

— É uma questão de quantas baixas o Ivan estará disposto a aceitar. Têm as armas de fogo de que precisam para ganhar, assim sendo, é uma questão de vontade política. Infelizmente para os *mujahidins*, a liderança em Moscovo não se preocupa muito com as baixas.

— A não ser que algo mude a equação — pensou Ryan, em voz alta.

— Como o quê?

— Como um míssil terra-ar eficiente, capaz de neutralizar os helicópteros. Nós temos o Stinger. Nunca o usei, mas o que se diz acerca dele agrada-me.

— Mas será que uma gentalha analfabeta poderá usar mísseis como deve ser? — perguntou Harding, cheio de dúvidas. — Uma espingarda moderna, talvez. Uma metralhadora, sem dúvida, mas um míssil…?

— A ideia é criar uma nova arma à prova de soldado, Simon. Não sei se está a ver, suficientemente simples para uma pessoa não ter pensar enquanto se furta às balas. Nessa altura não há muito tempo para pensar e tomam-se passos o mais curtos possível. Tal como disse, nunca usei essa arma, mas já brinquei com armas antitanque, e estas são bastante simples.

— Bem o vosso governo terá de decidir se lhes vai dar os mísseis terra-ar e

ainda não o fez. É-me difícil ficar muito excitado com isso. Sim, estão a matar russos e eu acho que isso é bom, mas eles são um bando de selvagens.

E, em tempos, também mataram muitos britânicos, lembrou-se Ryan, *e as memórias destes são tão longas como as de quaisquer outras pessoas.* Havia também a questão de ter Stingers a cair em mãos russas, o que não agradaria muito à Força Aérea dos EUA. Mas não lhe pagavam para isso, embora houvesse algumas discussões no Congresso acerca desse tópico.

Jack sentou-se no seu lugar, continuou a beber café e olhou para o seu tráfego de mensagens. Depois disso, poderia regressar à sua tarefa de analisar a economia soviética. Seria como fazer um mapa de estradas num prato cheio de esparguete.

O trabalho de Silvestri em Londres não era segredo. Ele já estava no ramo da espionagem há muito tempo e, se bem que nunca tivesse sido descoberto, o Bloco de Leste ficara a saber para que agência ele trabalhava nos finais da sua estadia em Varsóvia, onde gerira uma operação rigorosa e conseguira passar bastante informação política relevante. Aquela seria a sua última colocação (o mesmo se aplicava a muitos dos seus agentes) e, dado que era respeitado por muitos serviços aliados, obtivera o posto de Londres, onde a sua principal tarefa era estabelecer um relacionamento com o Serviço Secreto de Informação britânico. De modo que tinha um *Daimler* da embaixada para o levar até ao outro lado do rio.

Ele nem sequer precisou de um passe para passar pela segurança. O próprio Sir Basil estava à espera dele à entrada, onde trocaram cordiais apertos de mão, antes de terem subido lá acima.

— Quais são as notícias, Randy?

— Bem, tenho um pacote para si e um para esse tal Ryan — anunciou Silvestri.

— Ai sim? Quer que o chame?

O chefe de posto em Londres lera a folha de rosto e sabia o que estava nos envelopes. — Claro, Basil, não há problema. Chame também o Harding, se quiser.

Charleston pegou no telefone e disse o que tinha a dizer. Ambos os analistas chegaram em menos de dois minutos. Todos se tinham encontrado pelo menos

uma vez. De facto, Ryan era o menos familiarizado com o outro americano. Sir Basil indicou-lhes para que se sentassem. Ele já abrira o envelope. Silvestri passou a Ryan a sua mensagem.

Pela sua parte, Jack já estava a pensar, *Oh, merda*. Algo de pouco usual estava no caminho e ele aprendera a não confiar em coisas novas e diferentes na CIA.

— Isto é interessante — observou Charleston.

— Abro este envelope? — perguntou Ryan. Silvestri assentiu com um aceno de cabeça, de modo que o analista tirou o seu canivete suíço para rasgar o grosso papel manila. A sua mensagem só tinha três páginas e vinha assinada pelo almirante Greer.

Um Coelho, leu ele. Ele estava familiarizado com a terminologia. Alguém queria um bilhete para sair de… Moscovo… e a CIA estava a facilitar a fuga, com a ajuda do Serviço Secreto de Informação britânico, porque o posto de Budapeste não estava presentemente a funcionar…

— Diga ao Arthur que será um prazer para nós assisti-lo, Randy. Poderei assumir que teremos uma oportunidade de falarmos com ele antes de o levar para Londres?

— É justo, Basil — confirmou Silvestri. — Acha que vai ser uma coisa muito difícil?

— Sair por Budapeste? — Charleston pensou por momentos. — Não será assim tão difícil, penso eu. Os húngaros têm uma polícia secreta feroz, mas o país, no seu todo, não é devotamente marxista. Oh, este Coelho diz que o KGB poderá ter comprometido as vossas comunicações. É *isso* que está a preocupar Langley.

— Tem toda a razão, Basil. Se se trata de um buraco, temos de o tapar rapidamente.

— Este tipo está no MERCÚRIO deles? Meu Deus! — Ryan suspirou.

— É isso mesmo, meu rapaz — concordou Silvestri.

— Mas por que diabo irei eu fazer trabalho de campo? — perguntou Jack, a seguir. — Não sou um agente no terreno.

— Precisamos de um dos nossos para manter um olho atento nas coisas.

— Estou a perceber, Randy — observou Charleston, com um aceno da cabeça ainda mergulhada na papelada informativa. — E quer alguém que a oposição não conheça?

— Assim parece.

— Mas porquê eu? — insistiu Ryan.

— Jack, a sua única tarefa será verificar o que acontece — disse Sir Basil, para o acalmar. — Trata-se apenas de um *pro forma*.

— E o meu disfarce?

— Iremos dar-lhe um novo passaporte diplomático — informou Charleston. — Estará em plena segurança. Existe a Convenção de Viena, não sei se sabe…

— Mas… mas… será uma coisa falsa.

— Eles não irão saber disso, meu rapaz.

— Que dizer então do meu *akzint*? — Era bastante óbvio que o seu sotaque era americano e não inglês.

— Na Hungria? — perguntou Silvestri, com um sorriso.

— Jack, com a maldita língua que eles falam, duvido seriamente que possam detetar a diferença e, neste caso, com novos documentos, a sua pessoa será inviolável.

— Descontraia-se, Jack. É melhor do que o ursinho da sua filha. Acredite em mim, está bem? — tranquilizou-o Silvestri.

— E terá sempre consigo um agente da segurança — acrescentou Charleston.

Ryan teve de se sentar e respirar fundo. Ele não podia parecer um covarde, não em frente desses indivíduos e não perante o almirante Greer.

— Muito bem, desculpem-me. É só que eu nunca estive no terreno. É tudo ainda muito novo para mim. — Ele esperou que isso pudesse atenuar as suas reações. — Que irei fazer exatamente e como é que o faço?

— Vamos levá-lo de avião de Heathrow até Budapeste. O nosso pessoal irá buscá-lo ao aeroporto e levá-lo para a embaixada. Irá lá ficar durante uns dois dias, espero, e, depois, verificar como é que o Andy tira o *Coelho* da Terra Vermelha. Randy, quanto tempo acha que irá demorar?

— Para pôr isto em andamento? Lá para o final da semana, talvez mais um dia ou dois — pensou Silvestri, em voz alta. — O *Coelho* irá de avião ou de comboio até Budapeste, e o seu homem terá de arranjar maneira de o tirar de lá.

— Dois ou três dias para isso — calculou Sir Basil. — Não devemos ser demasiado rápidos.

— Muito bem, isso irá manter-me longe de casa uns quatro dias. Qual será a história para o meu disfarce?

— Quanto à sua mulher? — inquiriu Charleston. — Diga-lhe que tem de ir a Bona, digamos, por questões relacionadas com a NATO. Seja vago no que disser respeito à quantidade de dias — aconselhou ele. Ele estava a divertir-se por dentro, por ter de explicá-lo ao Inocente Americano no Estrangeiro.

— Muito bem — concordou então Ryan. *Não é que eu tenha muita escolha neste assunto, pois não*?

Logo que voltou à embaixada, Foley foi até ao escritório de Mike Barnes. Este era o adido cultural, o especialista oficial em coisas do foro artístico. Esta era uma tarefa importante em Moscovo. A URSS tinha uma vida cultural bastante rica. O facto de a melhor parte da mesma datar do tempo dos czares não parecia incomodar o regime corrente, provavelmente, pensou Foley, porque todos os Grandes Russos pretendiam parecer *kulturniy*, e superiores aos ocidentais, especialmente aos americanos, cuja «cultura» era muito mais nova e mais grosseira do que a do país de Borodin e Rimsky-Korsakov. Barnes diplomara-se pela Juilliard School e por Cornell, e gostava muito de música russa.

— Olá, Mike — disse Foley, para o cumprimentar.

— Será que os seus jornalistas ainda estão contentes? — perguntou Barnes.

— Como de costume. Olhe, tenho uma pergunta para si.

— Venha ela.

— A Mary Pat e eu estamos a pensar viajar um pouco. Talvez pela Europa de Leste. Praga e outras cidades do género. Haverá alguma boa música por aí?

— A sinfonia de Praga ainda não abriu. Mas o Jozsef Rozsa está em Berlim neste momento e depois vai para Budapeste.

— Quem é ele? Não conheço o nome — admitiu Foley, enquanto o coração quase lhe saltava do peito.

— Trata-se de um húngaro, primo do Miklos Rozsa, o compositor de Hollywood que fez a música para o *Ben Hur* e coisas desse género. Creio que se trata de uma família de músicos. Dizem que ele é excelente. Os Caminhos de Ferro do Estado Húngaro têm quatro orquestras, se é que dá para acreditar, e o Jozsef irá dirigir a primeira. Podem ir até lá de comboio ou de avião, depende do tempo que tenham.

— Interessante — pensou Foley, em voz alta. *Fascinante*, pensou consigo mesmo.

— Não sei se sabe, mas a Orquestra Estatal de Moscovo irá iniciar os seus espetáculos no próximo mês. Tem um novo maestro, um fulano chamado Anatoliy Cheymov. Ainda não o ouvi, mas dizem que é excelente. Posso facilmente arranjar-lhe bilhetes. O Ivan gosta de fazer boa figura connosco, os estrangeiros, e eles são mesmo de classe mundial.

— Obrigado, Mike, vou pensar nisso. Até mais ver, amigo. — Foley saiu.

E foi sempre a sorrir até chegar ao escritório.

— Com os diabos! — observou Sir Basil, ao ler o último telegrama de Moscovo. — Que sacana de génio teve uma ideia destas? — perguntou em voz alta. Oh, estava a ver. Tratava-se do oficial americano Edward Foley. *Como é que ele planeia fazer isto?*, pensou o diretor-geral.

Estava quase a sair para um almoço no palácio de Westminster, do outro lado do rio, e não o podia cancelar. Bem, era algo para ruminar enquanto comesse o rosbife e o Yorkshire Pudding.

— Que sorte a minha — observou Jack no escritório.

— Jack, vai ser menos perigoso do que atravessar a rua. — Algo que poderia ser um exercício complicado em Londres.

— Consigo tomar conta de mim, Simon — lembrou Ryan ao colega. — Mas, se eu não der conta do recado, alguém acabará por pagar.

— Você não será responsável por nada disso. Só lá estará como observador. Eu próprio não conheço o Andy Hudson, mas sei que tem uma excelente reputação profissional.

— Ótimo — comentou Ryan. — São horas de almoço, Simon, apetece-me uma cerveja.

— O Duke of Clarence está bem para si?

— Esse não é o sujeito que morreu afogado num barril de vinho malvasia?

— Há piores maneiras de partir desta vida, Sir John — observou Harding.

— De qualquer modo, que é a malvasia?

— É um vinho doce e forte, um pouco como o vinho da Madeira. De facto, vem agora dessas ilhas.

Mais uma informação trivial aprendida, pensou Ryan, enquanto ia buscar o casaco.

Em Moscovo, Zaitzev olhou para o seu ficheiro pessoal. Tinha acumulado doze dias de férias. Ele e a família não tinham conseguido arranjar uma vaga para Sotchi no verão passado. A quota do KGB já estivera preenchida para julho e agosto, de modo que não tinham ido. Era mais fácil marcar umas férias quando se tinha crianças em idades pré-escolares, tal como em qualquer outro país, pois podia sair-se da cidade quando se queria. Svetlana estava num jardim infantil do Estado, mas perder alguns dias de blocos e lápis de cor era mais fácil de arranjar do que uma semana ou duas numa escola primária do Estado, o que não era bem visto.

No andar de cima, o coronel Rojdestvenskiy estava a ler a última mensagem do coronel Bubovoy em Sófia, que os correios tinham acabado de trazer. O primeiro-ministro búlgaro tinha concordado com o pedido de Moscovo com uma ausência decente de questões aborrecidas. Os búlgaros sabiam qual era o seu lugar. O chefe de Estado de uma suposta nação soberana sabia receber ordens de um alto oficial no terreno do Comité para a Segurança do Estado da Rússia. *Que era precisamente como deveria ser*, pensou o coronel. E, agora, o coronel Strokov do Dirjavna Sugurnost iria escolher o seu atirador, sem dúvida um turco, e a Operação 666 poderia avançar. Ele iria relatá-lo ao diretor Andropov mais ao fim da tarde.

— Três corpos *humanos*? — perguntou Alan Kingshot bastante surpreendido. Ele era o mais alto agente no terreno de Sir Basil, um operativo muito experiente que trabalhara nas ruas de cada uma das grandes cidades europeias, primeiro como assessor «jurídico» e, mais tarde, como um solucionador de problemas, durante os seus trinta e sete anos a servir o país e a rainha. — É uma espécie de troca, não é?

— Sim, imagino que o fulano que o sugeriu é fã da Operação MINCEMEAT — respondeu Basil.

Esta operação da Segunda Guerra Mundial era lendária. Fora concebida de forma a dar à Alemanha a impressão de que a próxima operação dos Aliados não seria a planeada Operação HUSKY, a invasão da Sicília, de modo que fora decidido sugerir à informação alemã que a Córsega era o alvo escolhido para a invasão. Para o fazerem, fora dado aos alemães o cadáver de um alcoólico que fora transformado, após uma morte provocada pela devassidão, num major dos

Fuzileiros Reais, putativamente um oficial do planeamento da operação fictícia da tomada da Córsega. O corpo fora atirado à água ao largo da costa espanhola pelo submarino HMS *Seraph*, de onde veio a dar à costa, tendo sido devidamente recolhido, entregue à polícia local, autopsiado, e a mala de documentos algemada ao pulso do cadáver entregue ao oficial da Abwehr. Ele despachara os papéis para Berlim, onde obtiveram o efeito planeado, deslocando várias divisões alemãs para uma ilha sem significado militar, para além do facto de ter sido o local de nascimento de Napoleão. A história chamava-se *O Homem Que nunca Existiu*, e foi tema de um livro e de um filme. Era mais uma prova do desempenho da informação alemã, que não conseguia ver a diferença entre um bêbedo morto e um soldado profissional.

— Que mais sabemos nós, quero dizer — indicou Kingshot —, que idade e género, Sir Basil?

— Sim, e cor de cabelo e assim por diante. O tipo de morte também será importante. Ainda não sabemos essas coisas. De modo que a pergunta inicial é vasta: será que é possível fazer isto?

— Em abstrato, sim, mas, antes de podermos avançar, irei precisar de uma grande quantidade de informação específica. Tal como disse, altura, peso, cabelo, cor dos olhos e género, pelo menos. Com isso já poderemos avançar.

— Bem, Alan, comece a pensar nisso. Arranje-me uma lista precisa do que necessita saber até amanhã à tarde.

— Em que cidade é que isto se irá passar?

— Provavelmente Budapeste.

— Bem, isso já é alguma coisa — pensou em voz alta o espião no terreno.

— Maldita operação macabra — murmurou Sir Basil, depois de o homem ter saído.

Andy Hudson estava sentado no seu escritório depois de ter comido uma sandes de queijo e carnes frias no bar da embaixada, juntamente com uma cerveja John Courage. Não era um homem alto, já saltara oitenta e duas vezes de paraquedas e tinha problemas nos joelhos capazes de o provarem. Fora declarado inválido para o serviço ativo há oito anos, mas, porque gostava de um pouco de excitação na sua vida, optara por se juntar ao Serviço Secreto de Informação e conseguira subir rapidamente na carreira, com base, sobretudo, nas suas excelentes

capacidades linguísticas. Aqui, em Budapeste, precisava delas. A língua húngara é conhecida como sendo indo-altaica, pelos filólogos. A outra língua mais próxima é o finlandês e, depois disso, o mongol. Não tem qualquer relação com outra língua europeia, exceto em alguns primeiros nomes que foram escolhidos quando os magiares se converteram ao cristianismo, depois de terem morto missionários suficientes e de se terem cansado disso. Ao longo do percurso, também tinham perdido todo o instinto guerreiro que em tempos os caracterizara. Os húngaros eram talvez o povo mais pacífico do continente.

Mas eram muito bons na intriga e, como em qualquer outra sociedade, tinham elementos criminais; porém, os deles tinham todos ido para o Partido Comunista e para o aparelho do poder. A polícia secreta deste país, a Államvédelmi Hatóság (AVH), podia ser tão terrível como a checa fora sob o controlo do próprio *Félix de Ferro*. Mas terrível não era sinónimo de eficiente. Era como se eles tentassem remediar a sua ineficiência inata com torturas contra aqueles que detinham erradamente. E a polícia deles era notoriamente estúpida. Havia mesmo um aforismo húngaro: «tão estúpido como seis pares de botas da polícia», que Hudson confirmara em grande parte ser verdade. Não eram a Polícia Metropolitana, mas Budapeste também não era Londres.

Efetivamente, ele achava que viver ali era agradável. Budapeste era uma cidade surpreendentemente bela, muito francesa na sua arquitetura e bastante casual para uma capital comunista. A comida era invulgarmente boa, mesmo nas cantinas dos trabalhadores geridas pelo governo que existiam em cada esquina de rua, onde os pratos não eram elegantes mas saborosos. Os transportes públicos eram adequados para os fins de Hudson, que consistiam, sobretudo, em informação política. Ele tinha uma fonte, chamada PARADA, no interior do Ministério dos Negócios Estrangeiros que lhe fornecia informação muito útil acerca do Pacto de Varsóvia e da política do Bloco de Leste em geral, em troca de dinheiro, e não era preciso muito, tão baixas eram as suas expectativas.

Como o resto da Europa Central, Budapeste estava uma hora adiantada em relação a Londres. O mensageiro da embaixada bateu à porta de Hudson, depois entrou para lhe colocar um envelope em cima da secretária. Hudson pousou o seu pequeno charuto e pegou nele. De Londres, segundo podia ver, do próprio Sir Basil…

Caramba, pensou Hudson. A sua vida estava prestes a tornar-se mais

interessante.

«*Seguem mais pormenores*», terminava. Estava certo. Nunca se sabia de tudo até termos de o fazer. Sir Basil não era um mau indivíduo com quem trabalhar, mas, como muitos mestres de espionagem, gostava muito de se armar em esperto, o que era algo que nunca era plenamente apreciado no terreno, onde as abelhas obreiras tinham de se preocupar com as vespas. Hudson tinha uma equipa de três pessoas, incluindo ele próprio. Budapeste não era um posto importante e, para ele, tratava-se apenas de um ponto de passagem até lhe surgirem melhores oportunidades. Como as coisas eram, ele era ainda muito novo para ser chefe de posto. Basil estava a dar-lhe uma oportunidade para esticar as pernas, o que agradava a Hudson. Muitos dos chefes de posto sentavam-se nos seus escritórios, como aranhas numa teia, o que parecia dramático mas que, na verdade, poderia ser bastante enfadonho, dado que envolvia escrever um número infinito de relatórios. Ele próprio geria as atividades no terreno. Isso expunha-o a ser descoberto, como acontecera a Jim Szell. Uma puta de uma sorte, nada mais do que isso, soubera Hudson de uma fonte chamada BOTA, que estava mesmo no interior da AVH. Contudo, com o perigo, vinha o encanto daquela atividade. Era menos arriscado do que saltar da parte de trás de um avião *Lockheed Hercules* com trinta quilos de armas e de rações às costas. Também menos perigoso do que patrulhar Belfast com os Provos[32] por perto. Mas eram as competências aprendidas nas ruas do Ulster que lhe tinham atribuído as qualidades práticas de um espião. Tal como tudo na vida, tinha de se roer os ossos para se poder comer a carne. Mas melhor do que isso era beber umas boas cervejas.

Havia um *Coelho* a chegar. Isso não iria ser muito difícil, embora esse mesmo *Coelho* tivesse de ser uma pessoa importante, tanto assim que a CIA estava a pedir a ajuda do MI-6 e isso não acontecia todos os dias. Só quando os estuporados dos ianques faziam algo mal feito, o que, pensava Hudson, não era assim tão pouco frequente.

Por enquanto, não havia nada que ele pudesse fazer. Não poderia saber o que precisava de ser feito até estar na posse de bastantes mais pormenores, mas, no abstrato, sabia como tirar pessoas para fora da Hungria. Não era assim tão difícil. Os húngaros não estavam suficientemente casados com o marxismo para serem um adversário muito sério. De modo que enviou um despacho a dizer

«mensagem recebida» para a Century House e pôs-se à espera de novos desenvolvimentos.

O voo do meio-dia da British Airways para Moscovo era um jato bimotor 737 da *Boeing*. O voo demorava cerca de quatro horas, dependendo dos ventos, que, nesse dia, eram bastante calmos. À chegada ao aeroporto de Sheremetyevo, o homem que transportava o correio diplomático saiu pela porta da frente e não perdeu nenhum tempo na alfândega devido ao seu saco de lona e ao seu passaporte diplomático, depois dirigiu-se para o automóvel da embaixada, que estava à sua espera, para ir até à cidade. Esse homem estivera aí muitas vezes, tantas que o seu motorista e os guardas da embaixada o conheciam de vista e ele sabia como orientar-se dentro do edifício. Feita a sua entrega, foi até à cantina, para comer um cachorro-quente e beber uma cerveja, e começou a ler o seu novo livro de bolso. Ocorreu-lhe que tinha de fazer algum exercício, dado que o seu trabalho consistia inteiramente em estar sentado, em carros e principalmente em aviões, e isso não era muito saudável, pensou.

Mike Russell olhou para o monstruoso bloco de cifras de uso único que lhe fora enviado, esperando não ter de o usar por completo num só dia. O simples trabalho escravo de ter de transpor letras, dispostas aleatoriamente, era suficiente para dar com um homem em doido, e teria de haver uma maneira mais fácil. Era para isso que as suas máquinas de encriptação KH-7 serviam, mas Foley dissera-lhe que essas não eram inteiramente seguras, o que enraiveceu o profissional que havia nele. A KH-7 era a máquina de encriptação mais sofisticada alguma vez produzida, era fácil de usar e seria totalmente impossível (ou assim pensara) descobrir-lhe os códigos. Ele conhecia a equipa de matemáticos que a tinha concebido e calculado os algoritmos. As fórmulas algébricas da KH-7 eram de tal modo complicadas, que eram como um poço em que ele se tivesse de debruçar para ver o fundo… Porém, o que um matemático podia fazer, outro, em teoria, poderia desmontar, e os russos eram bons nesse tipo de coisas. E era daí que nascia o pesadelo: as comunicações, que era seu dever proteger, estavam a ser lidas pelo inimigo.

E isso não poderia ser.

De modo que ele tinha de usar esse bloco para comunicações supercríticas, fosse tal inconveniente ou não. Não era que ele tivesse uma vida social muito

ativa em Moscovo. Os russos comuns olhavam-lhe para a pele escura como se ele estivesse relacionado com um macaco africano que trepasse às árvores, o que era tão ofensivo para Russell que ele nunca o contava a quem quer que fosse, apenas lhe alimentava uma raiva interior, uma espécie de ira bem marcada na alma que ele sentira em relação ao Ku Klux Klan, antes de o FBI ter posto esse lixo branco ignorante fora de serviço. Talvez ainda o odiassem, mas um boi castrado poderia desejar muitas coisas sem poder ter sexo com elas, e assim se passava com esses idiotas fanáticos e preconceituosos que se tinham esquecido que Ulisses Simpson Grant, apesar de tudo, derrotara Bobby Lee. Poderiam odiá-lo tanto quanto quisessem, mas a perspetiva da Leavenworth Federal Penitenciary mantinha-os nas suas pequenas tocas escuras. *Os russos são praticamente iguais*, pensava Russell, *uns cabrões de uns racistas*. Mas ele tinha os seus livros e o seu leitor de cassetes para ouvir jazz, tal como o pagamento extra que vinha com as dificuldades dessa colocação. E, para já, iria mostrar ao Ivan um sinal que eles não conseguiriam descodificar, e Foley conseguiria retirar de lá o seu *Coelho*. Levantou o auscultador do telefone e ligou os devidos números.

— Foley?

— Fala Russell. Não se importa de vir até ao meu escritório por um instante?

— É para já — respondeu o chefe de posto. Quatro minutos. — Que se passa, Mike? — perguntou ele, quando entrou.

Russell levantou o dossiê com anéis metálicos.

— Apenas três cópias disto, para nós, para Langley e para Fort Meade. Quer com segurança?, é isso que irá ter. Tente manter a mensagem curta, se não se importa… Esta porra eleva-me mesmo a pressão arterial.

— Muito bem, Mike. É uma pena não haver uma maneira melhor de o fazer.

— Talvez um dia. Há de haver uma maneira de o podermos fazer com um computador… ou seja, pôr as cifras numa disquete. Talvez escreva para Fort Meade para o sugerir — disse Russell. — Esta coisa é capaz de nos pôr com os olhos em bico.

Antes tu do que eu, não podia dizer Foley.

— Muito bem, vou ter qualquer coisa para si mais para o fim do dia.

— Pois. — Russell assentiu com um aceno de cabeça. Ele não teve de acrescentar que também seria superencriptado, com uma cifra de uso único e,

depois, codificado na sua KH-7. Ele esperava que o Ivan intercetasse o sinal e que desse esse documento aos seus criptoanalistas para o decifrarem. Só de pensar nesses sacanas a darem em doidos, devido a uma mensagem dele, era uma das coisas que o fazia sorrir. Ótimo, deixa-me dar a esses ases da matemática qualquer coisa com que se entreterem.

Não obstante, nunca haveria modo de o saber. Por exemplo, se o KGB tivesse conseguido pôr uma escuta no edifício, esta seria acionada não por uma bateria interna mas pelas emanações de micro-ondas vindas da Nossa Senhora dos Microchips, do outro lado da rua. Ele tinha dois funcionários permanentes que passavam a embaixada a pente fino, à procura de sinais de radiofrequência. De vez em quando, encontravam um e tinham de o retirar da parede, mas o último fora extraído há vinte meses. Agora diziam que a embaixada estava completamente inspecionada e limpa, se bem que ninguém acreditasse nisso. O Ivan era demasiado esperto. Russell perguntava-se de que modo Foley mantinha a sua identidade em segredo, mas não tinha de se preocupar com esse problema. Manter as comunicações seguras já lhe bastava.

De volta ao seu escritório, Foley escreveu o seu próximo sinal para Langley, tentando mantê-lo o mais curto possível para facilitar as coisas a Russell. Iriam decerto abrir os olhos no sétimo andar. Esperava que os britânicos não tivessem já revelado essa ideia a Washington. Isso seria visto como uma grande inconveniência, e os agentes superiores em todo o lado ficavam muito abespinhados devido a porcarias triviais como essa. Porém, com certas coisas, não havia tempo de as enviar através dos canais próprios e esperava-se que um bom chefe de posto mostrasse, por vezes, alguma iniciativa.

E, juntamente com essa iniciativa, talvez um certo brio.

Foley olhou para o relógio. Envergava a gravata mais encarnada que tinha, faltava-lhe hora e meia para apanhar o metro para casa, e o *Coelho* precisava de a ver como um sinal. Uma vozinha dizia a Foley para apressar a BEATRIX tanto quanto possível. Se era um perigo para o *Coelho* ou outra coisa, não o podia dizer, mas Foley sabia confiar nos seus instintos.

---

[31] Sigla de National Association for Stock Car Auto Racing, ou seja, Associação Nacional para Corridas de Carros de Série. (*N. do T.)*

[32] Exército Republicano Irlandês Provisório. *(N. do T.)*

CAPÍTULO 21

FÉRIAS

Na verdade não era nada fácil certificar-se de que tomava a carruagem certa no metro. Quer o *Coelho* quer Foley estavam a tirar partido da eficiência desumana do que teria de ser o único aspeto da vida soviética que realmente funcionava devidamente, e a coisa mais espantosa era que o metro funcionava de acordo com um horário que era tão regular e previsível como o pôr do Sol, só que mais frequente. Foley pusera o despacho nas mãos de Mike Russell, depois vestira a gabardina e saíra pela porta principal da embaixada no momento certo. Começou a andar exatamente com o mesmo tipo de passadas e chegou à plataforma do metro à hora exata, voltando-se, em seguida para o verificar no relógio que pendia do teto da estação. Sim, conseguira-o de novo. O comboio chegou no momento em que o anterior se estava a ir embora, e Foley entrou na carruagem do costume, voltando-se para ver… Sim, lá estava o *Coelho*. Foley desdobrou o jornal. Tinha a gabardina desapertada e solta nos ombros.

Zaitzev ficou surpreendido ao ver a gravata encarnada, mas não se podia queixar. Como era hábito, começou a aproximar-se lentamente na direção pretendida.

Agora era quase uma rotina, pensou o chefe de posto. Sentiu a mão a entrar-lhe sub-repticiamente na gabardina e a retirar-se. Em seguida, os seus sentidos muito apurados sentiram o homem a desviar-se um passo. Felizmente, haveria poucos mais encontros como esse. Eram seguros para Foley, mas perigosos para o *Coelho*, apesar de este se ter tornado muito hábil nesse exercício. A presença de outros naquela carruagem (alguns rostos que ele reconhecia por já os ter visto) poderia representar pessoas que pertencessem à Segunda Direção-Geral. Poderia haver alguém a vigiá-lo intermitentemente, usando um grupo de oficiais diferentes. Essa seria uma boa tática para a oposição usar, uma vez por outra, para diminuir a hipótese de ele os detetar.

Eventualmente, como antes, o comboio chegou à paragem e Foley saiu. Dentro de mais umas semanas teria de usar um casaco com um forro mais grosso e talvez a *chapka* que Mary Pat lhe comprara. Ele tinha de começar a pensar no

que iria acontecer *depois* de retirarem o *Coelho*. Se a Operação BEATRIX funcionasse como pretendido, ele teria de manter as suas atividades encobertas durante algum tempo, ou talvez começar a ir de carro para a embaixada, uma mudança da sua rotina que os russos não achariam estranha. Apesar de tudo, ele era americano e os americanos eram conhecidos por guiarem para todo o lado. O metro estava a tornar-se maçador. Muito apinhado de gente, por vezes de pessoas que não sabiam o que era um duche. *As coisas que ele fazia pelo seu país*, pensou Foley. Não, corrigiu-se, as coisas que ele fazia *contra* os inimigos do seu país. Era isso que fazia com que valesse a pena. *Dar uma dor de barriga ao grande urso, talvez mesmo um cancro no estômago*, divertiu-se a pensar, enquanto caminhava para o seu apartamento.

— Sim, Alan? — perguntou Charleston, levantando os olhos da secretária.

— Trata-se de uma operação importante, segundo me apercebo…? — inquiriu Kingshot.

— Sim, importante no seu objetivo — confirmou o diretor-geral. — Tão rotineira quanto possível na sua operação. Só temos três pessoas em Budapeste e não seria lá muito brilhante levar para lá um esquadrão de assassinos.

— Vai mais alguém?

— Jack Ryan, o americano — informou Sir Basil.

— Ele não é um agente no terreno — objetou Kingshot, de imediato.

— É sobretudo uma operação americana, Alan. Eles pediram-nos de uma forma simpática que um dos deles também fosse para observar. Em troca, teremos um dia ou dois para interrogarmos o *Coelho* numa casa segura à nossa escolha. Ele terá, sem dúvida, bastante informação útil e teremos a primeira oportunidade de falarmos com ele.

— Bem, espero que esse tal Ryan não nos estrague o esquema.

— Alan, ele parece ser uma pessoa muito equilibrada numa ocasião problemática, não acha? — perguntou Sir Basil, razoável como sempre.

— Deve ser o treino que teve nos Fuzileiros — observou Kingshot com uma generosidade sombria.

— E é muito esperto, Alan. Tem-nos fornecido um trabalho excelente no seu projeto de análise.

— Se assim o diz, Sir Basil. Para arranjar os três corpos, preciso da ajuda do

Ramo Especial, e depois ficar de joelhos, à espera de que algo terrível aconteça.

— Em que está a pensar?

Kingshot explicou o seu conceito de operação nascente. Era mesmo o único modo de fazer com que algo semelhante acontecesse. E, tal como Sir Basil observara no começo desse dia, era tão sinistro como uma autópsia.

— Quais as hipóteses de uma coisa dessas acontecer? — perguntou Basil.

— Tenho de falar com a polícia para lhe responder a essa pergunta.

— Quem é o seu contacto lá?

— O superintendente-chefe Patrick Nolan.

Charleston fechou os olhos por momentos.

— O fulano enorme que jogava râguebi?

— Esse mesmo. Eles no Exército chamam-lhe *Minúsculo*. Acho que ele come halteres com as papas de aveia. Será que posso discutir esta Operação BEATRIX com ele?

— Só em termos das nossas necessidades, Alan.

— Muito bem, Sir Basil — concordou Kingshot, antes de sair.

— Queres o quê? — perguntou Nolan, enquanto bebia uma caneca de cerveja às quatro da tarde, num bar que distava um quarteirão da Scotland Yard.

— Ouviste bem o que eu disse, *Minúsculo* — ripostou Kingshot. Este acendeu um cigarro para não destoar do resto dos frequentadores do bar.

— Bem, tenho de dizer que já ouvi muitas coisas estranhas durante o tempo em que trabalhei com a Scotland Yard, mas nunca uma coisa dessas. — Nolan tinha à vontade um metro e noventa e tal e pesava mais de cem quilos, se bem que muito pouco disso fosse gordura. Passava pelo menos uma hora, três vezes por semana, na sala de exercícios da Yard. Raramente andava com uma pistola quando estava de serviço. Nunca precisara de uma para ajudar um criminoso a ver a futilidade de lhe resistir. — Podes dizer-me para que é isto?

— Desculpa, mas não estou autorizado a fazê-lo. Tudo o que te posso dizer é que se trata de um assunto de uma grande importância.

Um grande gole de cerveja.

— Sabes bem que não mantemos essas coisas na câmara frigorífica, mesmo no Black Museum.

— Estava a pensar num acidente de trânsito. Estes acontecem a toda a hora,

não é verdade?

— Pois acontecem, Alan, mas não a uma família de três pessoas.

— Bem, com que frequência é que *essas coisas* ocorrem? — perguntou Kingshot.

— Talvez vinte incidentes desse género num ano normal, e a sua ocorrência é totalmente irregular. Não se pode depender disso numa dada semana.

— Assim sendo, temos de esperar ter sorte e, se tal não acontecer, não acontece. — Isso iria ser um contratempo. Talvez fosse melhor recorrer à ajuda dos americanos. Estes matavam pelo menos cinquenta mil pessoas por ano nas suas autoestradas. Ele iria sugeri-lo a Sir Basil, na manhã seguinte, decidiu Kingshot.

— Sorte? Não sei se lhe chamaria assim, Alan — assinalou Nolan.

— Sabes bem o que eu quero dizer, *Minúsculo*. A única coisa que posso afirmar é que se trata de uma porra muito importante.

— E se acontecer na M4, e então?

— Vamos buscar os corpos…

— E os sobreviventes do falecido? — perguntou Nolan.

— Podemos substituir os corpos por sacos de areia. O estado dos corpos impossibilita uma cerimónia de caixão aberto, não é verdade?

— Sim, há isso. E depois?

— O nosso pessoal tratará dos corpos. Não é necessário saberes os pormenores. — O Serviço Secreto de Informação tinha uma relação estreita e cordial com a Polícia Metropolitana de Londres, mas isso só ia até certo ponto.

Nolan acabou a sua caneca de cerveja.

— Sim, vou deixar os pesadelos para ti, Alan. — Ele conseguiu não sentir um arrepio. — Devo começar já a manter os meus olhos bem abertos, não é verdade?

— Imediatamente.

— E será que deveríamos ficar com as sobras de mais do que um desses acidentes?

— Obviamente. — Kingshot anuiu com um aceno de cabeça. — Outra rodada?

— Boa ideia, Alan — concordou Nolan. E o seu anfitrião gesticulou para o empregado do bar. — Sabes, um dia ainda gostava de saber para que é que me

usas.

— Um dia, quando estivermos os dois reformados, Patrick, irás gostar de saber o que estás a ajudar. Isso posso prometer-to, meu velho.

— Se assim o dizes, Alan. — Nolan aceitou essa afirmação, por agora.

— Mas que diabo? — observou o juiz Moore, lendo o último despacho de Moscovo. Ele passou a Greer a cópia que acabara de chegar. Este deu-lhe uma vista de olhos e passou-a a Mike Bostock.

— Mike, esse tal Foley tem uma imaginação exacerbada — comentou o almirante.

— Isto soa-me mais à Mary Pat. Ela é que é o *cowboy*, bem a *cowgirl*, creio que diríamos. É original, rapazes.

— Original não é bem a palavra — disse o diretor-geral de Informação, revirando um pouco os olhos. — Muito bem, Mike, será que é fazível?

— Teoricamente sim, e eu gosto do conceito operacional. Trazer um desertor e manter o Ivan às escuras sobre esse facto. Isso é estilo, meus senhores — observou Bostock, com admiração. — A parte mais feia é que precisamos de três cadáveres, sendo um deles o de uma menina.

Os três executivos de informações conseguiram não se arrepiar perante tal ideia. Era mais fácil, estranhamente, para o juiz Moore, que matara gente há cerca de trinta anos. Mas isso fora num cenário de guerra, quando as regras eram muito mais frouxas. Mas não tão frouxas para que ele não se sentisse arrependido. Fora isso que o levara a estudar direito. Não poderia remediar as asneiras que tinha feito, no entanto, conseguiria certificar-se de que nunca mais voltariam a acontecer. *Ou qualquer coisa assim*, dizia ele para si mesmo. *Algo assim*.

— E porquê um acidente de automóvel? — perguntou Moore. — Porque não um incêndio? Será que isso não se coaduna melhor com esses propósitos?

— Tem razão — concordou logo Bostock. — Menos traumas físicos que teriam de ser explicados.

— Vou sugerir isso ao Basil. — Mesmo as pessoas mais brilhantes poderiam ser limitadas no seu modo de pensar, apercebeu-se Moore. Bem, era por isso que ele estava sempre a dizer-lhes para pensarem fora da caixa. E, uma vez por outra, alguém era capaz de o fazer, só que não com muita frequência.

— Sabem — disse Mike Bostock, após ter pensado um pouco —, isto vai ser qualquer coisa, se o conseguirmos fazer.

— «Se» pode ser uma palavra muito comprida, Mike — acautelou Greer.

— Bem, talvez desta vez o copo esteja meio cheio — sugeriu o vice-diretor adjunto de Operações. — Pois bem, a missão principal é tirar esse tipo de lá, mas as coisas podem ocasionalmente ser embelezadas.

— Hum… — observou Greer, cheio de dúvidas.

— Bem, vou ligar para o Emil, para a Agência, para ver o que ele tem a dizer acerca disto — afirmou Moore. — É mais o terreno dele do que o nosso.

— E se um advogado vier a saber disto, e depois, Arthur?

— James, há muitas maneiras de lidar com os advogados.

Uma pistola é muitas vezes útil, não disse Greer. Ele assentiu a sua concordância. Passar uma ponte de cada vez era sempre uma boa regra, especialmente naquele ramo de loucos.

— Como correram as coisas, querido? — perguntou Mary Pat.

— Oh, o costume — foi a resposta para os microfones no teto. Mais significativo foi o elevar dos dois polegares, seguido da passagem da nota que tinha no bolso da gabardina. Já tinham um lugar de encontro e uma hora. Mary Pat encarregar-se-ia disso. Ela leu a nota e assentiu com um aceno de cabeça. Ela e Eddie iriam dar outro passeio para se encontrarem com a pequena Svetlana, a *zaitchik*. Depois era tudo uma questão de levarem o *Coelho* para fora da cidade e, dado que este era do KGB, não deveria ser muito difícil. Essa era uma das vantagens de ele trabalhar no Centro. Apesar de tudo, estavam a levar um nobre menor, não um *mujik* de uma fabriqueta de ferramentas.

O jantar, segundo o que ele podia ver, era bife, a refeição do costume para celebrar. Mary Pat estava tão empolgada acerca disso como ele, talvez até mais. Com apenas alguma sorte, essa Operação BEATRIX iria trazer-lhes uma excelente reputação, e uma boa reputação no terreno era algo que ambos pretendiam.

Ryan apanhou o comboio do costume para Chatham. Não se conseguira encontrar com a mulher, uma vez mais, mas ela tivera um dia rotineiro, de modo que teria talvez saído mais cedo, como todos os médicos com quem ela trabalhava que eram empregados do governo. Pensou se esse mau hábito se iria

manter quando eles regressassem a Peregrine Cliff. Talvez não. Bernie Katz gostava de manter a secretária limpa e de ter as listas de espera a zero, já para não mencionar o facto de que os hábitos locais estavam a fazer com que a sua mulher começasse a beber. Essas eram as boas notícias, sem cirurgias marcadas para essa semana, poderiam beber vinho ao jantar.

Pensou por quanto tempo estaria longe da América. Não era algo a que ele estivesse habituado. Uma das vantagens de ser um analista era poder fazer todo o seu trabalho no escritório e depois ir para casa. Raramente dormira longe da mulher durante o seu tempo de casados, uma regra quase sagrada no casamento deles. Ele gostava, quando acordava às três da manhã, de poder voltar-se para a beijar a meio dos sonhos e, em seguida ver que ela sorria a dormir. O seu casamento com Cathy era a âncora da sua vida, o verdadeiro centro do seu universo. Mas agora o dever iria levá-lo para longe, durante alguns dias, e isso não era uma coisa que lhe agradasse. Nem lhe agradava ter de voar num outro maldito avião para um país comunista, sob uma identidade falsa, para supervisionar aí uma operação clandestina. Ele não sabia nada acerca deles, apenas o que apanhara através das conversas com um ou outro espião em Langley… e das suas experiências em Londres, e na América, na baía de Chesapeake, quando Sean Miller e os seus terroristas tinham vindo até sua casa com as pistolas a dispararem rajadas de balas. Era algo que tentava seriamente esquecer. Poderia ter sido diferente se ele tivesse permanecido no Corpo de Fuzileiros, mas, aí, estaria rodeado pelos seus colegas de combate. Poderia ter ganhado o respeito deles, lembrar-se com orgulho do seu feito de armas por ter conseguido o que era devido no momento certo, contar as suas proezas aos interessados, passar-lhes as lições de tática aprendidas à sua custa no campo de batalha, enquanto bebessem cervejas no O-Club, até mesmo sorrir acerca de coisas de que, habitualmente, não se sorria. Mas ele deixara o Corpo de Fuzileiros com um problema nas costas e tivera de suportar o seu combate como um civil muito assustado. A coragem, tinham-lhe dito um dia, era ser-se o único que sabia como estava cheio de medo. E sim, supunha ele, mostrara essa qualidade quando era importante. E o seu trabalho na Hungria seria apenas de observação, e depois, a parte mais importante, ficar sentado enquanto Sir Basil e os seus rapazes entrevistavam o *Coelho* em alguma casa segura em Londres, ou onde quer que fosse, antes de a Força Aérea provavelmente os levar até

Washington no seu KC-135 para missões especiais desde a base da RAF em Bentwaters, com boa comida e bastantes bebidas para suavizar o medo do voo.

Saiu do comboio e subiu os degraus, apanhando um táxi para Grizedale Close, onde reparou que Cathy já tinha deixado sair Miss Margaret e estava agora ocupada na cozinha, assistida, segundo constatava, por Sally.

— Olá, querida. — Beijou-a. Levantou Sally para o abraço habitual. As meninas davam os melhores abraços.

— Então, acerca do que era a mensagem importante? — perguntou Cathy.

— Nada de especial. Na verdade, um pouco descoroçoante.

Cathy voltou-se para olhar o marido nos olhos. Jack não conseguia mentir. De facto, era uma das coisas que ela gostava nele.

— Hum…

— A sério, querida — disse Ryan, conhecendo esse olhar e depois enterrando-se ainda mais. — Não me deram um tiro, ou algo assim.

— Muito bem — retorquiu ela, querendo dizer «Falaremos nisso mais tarde.»

Deste outra vez cabo de tudo, Jack, disse Ryan para si mesmo.

— E como é que vai essa coisa dos óculos?

— Vi seis pessoas, tinha tido tempo para oito ou nove, mas era os únicos doentes que tinham na lista.

— Já falaste com o Bernie acerca das condições de trabalho aqui?

— Telefonei-lhe hoje, assim que cheguei a casa. Ele riu-se muito e disse-me para aproveitar as férias.

— E os fulanos que foram beber umas cervejolas durante a operação?

Cathy voltou-se.

— Ele disse, e eu passo a citar: «O Jack está na CIA, não está? Então ele que dê um tiro a esses sacanas.» Fim de citação. — Voltou-se novamente para o que estava a cozinhar.

— Tens de lhe dizer que nós não fazemos esse tipo de coisas — observou Jack, com um sorriso. Isso pelo menos não era mentira e ele esperava que ela o pudesse afirmar.

— Bem sei, pesar-te-ia muito na consciência.

— Sou demasiado católico — confirmou ele.

— Bem, pelo menos sei que nunca me irás enganar.

— Que eu tenha um cancro se alguma vez o fizer. — Era a única praga com

«cancro» que ela quase aprovava.

— Nunca terás razão para o fazer, Jack. — E isso era mesmo verdade. Ela não gostava de pistolas nem de lutas sangrentas, mas adorava-o, e isso bastava-lhe, de momento.

O jantar estava bom, seguido pelas atividades comuns do serão, até que fossem horas para a filha de quatro anos vestir o pijama amarelo e saltar para a sua cama de menina crescida.

Com Sally deitada e o pequeno Jack já a dormir, havia tempo para os desmiolados programas de televisão. Ou assim Jack esperava, até que…

— Muito bem, Jack, quais são as más notícias?

— Nada de especial — respondeu ele. A pior de todas as respostas. Cathy era demasiado exímia a ler os pensamentos dele.

— Que quer isso dizer?

— Tenho de fazer uma viagem… até Bona. — Jack lembrou-se da recomendação de Sir Basil. — É uma coisa da NATO em que me meteram.

— Para fazeres o quê?

— Não to posso dizer, querida.

— Por quanto tempo?

— Provavelmente três ou quatro dias. Eles pensam que eu tenho o perfil exato para isso, não sei por que carga de água.

— Estou a ver. — A semiverdade de Ryan era suficientemente oblíqua para impedir que a mente dela continuasse a ler-lhe os pensamentos.

— Não vais levar uma pistola nem nada do género?

— Sou um analista, não um agente no terreno, não sei se ainda te lembras? Não me compete esse tipo de coisas. A propósito, não me parece que os espiões no terreno andem muitas vezes com armas. Seria muito difícil explicá-lo se alguém desse por isso.

— Mas…

— O James Bond está nos filmes, querida, não faz parte da vida real.

Ryan voltou as suas atenções para a televisão. A ITV estava a passar de novo *Danger-UXB* e, uma vez mais, Ryan começou a pensar se Brian iria sobreviver ao seu trabalho de desativar bombas por explodir e depois casar-se com Suzy logo que regressasse à vida civil.

Desativação de explosivos, ora aí estava um trabalho miserável, mas, se se

cometesse um erro, pelo menos não iria doer por muito tempo.

— Ouviu alguma coisa do Bob? — perguntou Greer antes das seis da tarde.

O juiz Moore levantou-se da sua luxuosa cadeira giratória e esticou os braços. Estava há muito tempo sentado e não se mexera muito. No Texas, tinha um pequeno rancho, assim chamado devido aos três cavalos de raça americana. Não se poderia ser um cidadão proeminente no Texas se não se fosse dono de um ou dois cavalos, e, duas ou três vezes por semana, punha os arreios no *Aztec* e ia montar por uma ou duas horas, sobretudo para clarificar as ideias, para se permitir raciocinar fora do seu escritório. Era assim que ele conseguia pensar melhor. Talvez, cogitava Moore, fosse por isso que se sentia tão pouco produtivo. Um escritório não era um lugar muito bom para pensar, mas todos os executivos do mundo fingiam que era, só Deus saberia porquê. Era isso que ele precisava em Langley, de ter o seu próprio estábulo. Havia espaço suficiente no *campus* de Langley, pelo menos cinco vezes mais do que ele tinha no Texas. Mas, se ele alguma vez fizesse isso, a história espalhar-se-ia à volta do mundo. O diretor-geral de Informação americano gostava de andar a cavalo com o seu chapéu preto *Stetson* (isso estaria a condizer com o cavalo) e, talvez, um *Colt* de calibre 45 à cintura (isso seria opcional), e *isso* não iria parecer nada bem às equipas de televisão que, mais tarde ou mais cedo, apareceriam junto à cerca em torno da propriedade com as suas câmaras de vídeo. De modo que, por razões de vaidade pessoal, ele tinha de se privar da hipótese de poder entregar-se a algum pensamento criativo. Era completamente asinino, dizia para si mesmo o antigo juiz, deixar que essas considerações afetassem o modo como ele procedia no seu trabalho. Em Inglaterra, Basil podia caçar raposas montado num bom cavalo puro-sangue, e será que alguém lá se importava com isso? Nem pensar. Até seria admirado por fazê-lo, ou, quando muito, poderiam pensar que ele era um pouco excêntrico, num país onde a excentricidade era uma qualidade admirada. Mas, na Terra dos Livres, as pessoas estavam escravizadas por costumes que lhes eram impostos pelos repórteres de notícias e pelos homens eleitos em altos cargos que iam para a cama com as secretárias. Ora, não havia nenhuma regra que dissesse que o mundo tinha de fazer sentido, pois não?

— Nada de importante, apenas um telegrama que dizia que os seus encontros com os nossos amigos coreanos estavam a correr bem — relatou Moore.

— Sabe, esses fulanos assustam-me um pouco — observou Greer. Não tinha de explicar porquê. A CIA da Coreia do Sul tinha ocasionalmente o seu pessoal no terreno a lidar um pouco demasiado de perto com os funcionários da outra Coreia. As regras neste último caso eram um pouco diferentes. O estado de guerra constante, entre o Norte e o Sul, ainda era uma coisa muito real e, em tempo de guerra, as pessoas perdiam as vidas. A CIA não fazia tais coisas há cerca de trinta anos. Os países asiáticos não tinham adotado as ideias ocidentais acerca do valor da vida humana. Talvez porque esses mesmos países fossem demasiado povoados, ou talvez porque tivessem diferentes crenças religiosas. Quem sabe se por muitos outros motivos, porém, fosse qual fosse a razão, eles eram ligeiramente diferentes em relação aos parâmetros operacionais que se sentiam livres para usar, ou não.

— Eles são os nossos melhores olhos no que se prende com a Coreia do Norte e com a China, James — recordou-lhe Moore. — E são aliados fiéis.

— Bem sei, Arthur. — Era agradável ouvir coisas, de vez em quando, sobre a República Popular da China. Penetrar naquele país era uma das tarefas mais frustrantes da CIA. — Desejo apenas que eles não estivessem tão à vontade com os homicídios.

— Eles operam dentro de regras relativamente restritas, e ambos os lados parecem reger-se por elas.

E, em ambos os lados, os homicídios tinham de ser autorizados a um nível superior. Não que isso fizesse uma grande diferença para o cadáver em questão. As operações com assassinatos interferiam com a missão principal, que era recolher informação. Isso era uma coisa que as pessoas tendiam a esquecer, mas algo que a CIA e o KGB percebiam lindamente, e a razão pela qual ambas as agências preferiam evitá-las. De modo que, assim sendo, delegavam as suas ações em substitutos e/ou mercenários, principalmente…

— Arthur, se o KGB quiser atingir o papa, como é que pensa que eles o irão fazer?

— Não irão usar um deles — afirmou Moore. — Seria muito perigoso e uma catástrofe política, como um tornado que passasse pelo Kremlin. Daria certamente cabo da carreira política do Yuriy Vladimirovitch e, vistas bem as coisas, não o estou a ver a correr um risco tão grande por não importa que causa. O poder para ele é muito importante.

O vice-diretor de Informação assentiu com um aceno de cabeça.

— De acordo. Creio que ele irá demitir-se em breve do seu cargo de diretor-geral. Tem de o fazer. Eles nem sequer o deixariam saltar de diretor do KGB para secretário-geral. Isso é demasiado sinistro, mesmo para eles. Ainda se lembram do Beria, pelo menos os que se sentam à mesa das reuniões.

— Esse é um bom ponto, James — disse Moore, afastando-se da janela. — Pergunto-me quanto tempo mais terá o Leonid Ilyitch. — Avaliar o estado de saúde de Brejnev era um interesse constante da CIA… Que diabo, era um assunto de interesse para todos em Washington.

— O Andropov é o nosso melhor indicador acerca disso. Temos quase a certeza de que ele irá substituir o Brejnev. Quando parecer que o Leonid Ilyitch já está na sua reta final, o Yuriy Vladimirovitch mudará de emprego.

— Sem dúvida, James. Irei enviar essa informação para o governo e para a Casa Branca.

O almirante Greer assentiu com um aceno de cabeça.

— É para isso que nos pagam. Mas voltemos ao papa — sugeriu ele.

— O presidente ainda está a fazer perguntas — confirmou Moore.

— Se eles fizerem alguma coisa, não será feito por um russo. Existem demasiadas armadilhas, Arthur.

— Concordo, mais uma vez, mas até onde é que isso nos leva?

— Eles usam os búlgaros para os trabalhos mais sujos — apontou Greer.

— Então deveríamos estar à procura de um atirador búlgaro?

— Quantos búlgaros achas tu que fazem peregrinações a Roma?

— Não poderemos contar com os italianos para obtermos essa informação, pois não? Haveria logo fugas por tudo quanto é lado, e não podemos permiti-las. Ia parecer um pouco estúpido na imprensa. É uma coisa que não podemos fazer, James.

Greer suspirou profundamente.

— Sim, bem sei, não sem algo concreto.

— Mais concreto do que aquilo que temos agora. E apenas temos uma mão-cheia de coisa nenhuma, James, só a porra de coisa nenhuma… *Seria interessante*, pensou o juiz Moore, *se a CIA fosse tão poderosa como se mostra nos filmes e como os críticos pensam que somos. Nem sempre. Apenas uma vez por outra*. Mas não era, e isso era um facto.

O dia seguinte começou em Moscovo antes de começar onde quer que fosse. Zaitzev acordou ao som do despertador, resmungou uma praga, como qualquer trabalhador no mundo, e dirigiu-se para a casa de banho. Dez minutos mais tarde, estava a beber o seu chá e a comer pão negro com manteiga.

A menos de dois quilómetros de distância, a família Foley estava a fazer algo de muito semelhante. Ed optou por um *muffin* com geleia de uva para acompanhar o seu café, para variar, em simultâneo com o pequeno Eddie, que fez um intervalo da sua Mulher Trabalhadora e das videocassetes dos *Transformers*. Ele estava ansioso por ir para a classe infantil que ali fora preparada, no gueto, para as crianças ocidentais, onde revelava grandes dotes com os lápis de cor e com os novos triciclos da *Hot Wheels*, além de ser um campeão de pião infantil.

Ed disse a si mesmo que se podia descontrair naquele dia. O encontro seria ao fim da tarde e Mary Pat estava encarregada disso. Dentro de mais ou menos mais uma semana… talvez… a Operação BEATRIX teria acabado e ele poderia relaxar uma vez mais, deixando que os seus agentes no terreno fizessem as rondas através daquela feia cidade. Decerto os malditos Orioles estavam nas finais, à espera de se defrontarem com os Philadelphia Phillies, relegando os seus Bronx Bombers uma vez mais para os jogos entre as diferentes épocas. Que se passava com o novo proprietário, de qualquer modo, como é que as pessoas ricas poderiam ser tão estúpidas?

Ele teria de seguir a sua rotina no metro. Se alguém do KGB o andasse a seguir, seria um pouco estranho (ou talvez não?) que marcassem a carruagem específica onde ele entrava. Ali estava uma questão para ele. Se eles tivessem dois fulanos a segui-lo, o número dois ficaria na plataforma e, depois de o comboio ter partido, registaria as horas indicadas no relógio da estação. Isso era a única coisa que fazia sentido, dado que eram esses relógios que presidiam ao horário dos próprios comboios. O KGB era minucioso e profissional, mas seriam assim *tão bons*? Esse tipo de precisão era positivamente germânica, mas, se esses sacanas podiam fazer com que as carruagens do metro chegassem sempre a horas, talvez o KGB pudesse tomar nota disso e a hora precisa fora aquilo que *lhe* permitira contactar o *Coelho*.

De qualquer modo, que puta de vida esta!, enraiveceu-se Foley, por momentos. Mas ele sabia disso antes de ter aceitado a colocação em Moscovo, e

as coisas eram bastante *trepidantes* nesse local, não eram? *Sim, como Luís XVI estaria talvez a trepidar na carroça que o levara até à guilhotina*, pensou Ed Sénior.

Um dia, talvez lecionasse sobre isso na Quinta. Esperava que eles apreciassem como tinha sido difícil escrever o plano para a sua aula sobre a Operação BEATRIX. Bem, talvez ficassem um pouco impressionados.

Quarenta minutos mais tarde, comprou o seu exemplar do *Izvestia* e desceu pelas intermináveis escadas rolantes até à plataforma, como sempre não prestando atenção aos olhares de viés dos russos a remirarem um verdadeiro americano, como se ele fosse uma criatura do jardim zoológico. Isso nunca aconteceria a um russo em Nova Iorque, onde poderíamos encontrar todos os grupos étnicos, especialmente por detrás do volante de um táxi amarelo.

A rotina da manhã estava, por essa altura, já escrita na pedra. Miss Margaret estava ocupada com as crianças, e Eddie Beaverton já estava à porta. As crianças tinham sido devidamente abraçadas e beijadas, e os pais tinham saído para o trabalho. Se havia uma coisa que Ryan detestava era aquela rotina. Se ele ao menos tivesse persuadido Cathy a comprar um apartamento em Londres, cada dia de trabalho teria menos duas horas. Mas não, Cathy queria coisas verdes em volta, onde as crianças pudessem brincar. E em breve não veriam o Sol até chegarem ao trabalho e, depois disso, quase não o veriam.

Dez minutos mais tarde, estavam num compartimento de primeira classe a dirigirem-se para norte de Londres. Cathy a ler a sua revista médica e Jack o *Daily Telegraph*. Havia um artigo acerca da Polónia e o repórter, segundo o que Ryan se dava conta, estava mais bem informado do que era costume. Os artigos no Reino Unido tendiam a ser menos verbosos do que no *Washington Post* e, pela primeira vez, Jack viu-se a lamentá-lo. O fulano tinha sido bem informado e/ou então era um ótimo analista. O governo polaco estava colocado entre a espada e a parede, estava a ser pressionado e, dizia-se, segundo ele podia constatar, que o papa estava a levantar questões acerca do bem-estar na sua terra natal e acerca do seu povo, e *isso*, assinalava o repórter, poderia incomodar muita gente.

Não podia ser mais verdade, refletiu Jack. As verdadeiras más notícias eram que as coisas tinham vindo a público. Quem as teria comunicado? Ele conhecia o

nome do repórter. Tratava-se de um especialista em assuntos estrangeiros, sobretudo europeus. Assim sendo, quem é que o revelara? Alguém no Ministério dos Negócios Estrangeiros? Esses fulanos eram, regra geral, bastante espertos, mas, tal como os seus homólogos americanos em Foggy Bottom, falavam por vezes sem pensar e, em Londres, isso poderia acontecer diante de uma simpática caneca de cerveja numa das centenas de bares confortáveis, talvez numa recatada mesa de canto, com um empregado do governo a ser subornado por uma pista ou apenas a mostrar aos meios de comunicação o seu brilhantismo. *Será que iriam rolar cabeças por causa disso?*, pensou. Tratava-se de algo para discutir com Simon.

A não ser que tivesse sido o Simon o informador. Ele tinha um lugar superior e era estimado pelo patrão. Será que Basil autorizara essa fuga de informação? Ou talvez ambos conhecessem um tipo em Whitehall e o tivessem autorizado a beber uma amigável caneca de cerveja com um tipo de Fleet Street.

Ou quem sabe se o repórter era suficientemente esperto para juntar os fios soltos. Nem todos os fulanos inteligentes trabalhavam na Century House. Decerto, nem todos os mais espertos da América trabalhavam em Langley. De um modo geral, o talento corria atrás do dinheiro, porque as pessoas mais espertas queriam grandes casas e belas férias, tal como qualquer outra pessoa. Os que tinham optado por trabalhar para o governo sabiam que podiam viver confortavelmente, e era por isso que se encontravam excelentes pessoas fardadas ou com armas e crachás. No seu caso, Ryan saíra-se bem na sua atividade comercial, mas, por fim, achara-a pouco satisfatória. Assim, nem todas as pessoas talentosas andavam atrás do dinheiro. Alguns andavam numa espécie de procura.

É isso que tens andado a fazer, Jack?, perguntou a si mesmo, quando o comboio chegou a Victoria Station.

— Estás muito concentrado esta manhã — comentou a mulher.

— O quê? — respondeu Jack.

— Conheço-te bem, querido — continuou ela. — Estás a remoer qualquer coisa importante.

— Cathy, és oftalmologista ou psiquiatra?

— Contigo sou psiquiatra — respondeu ela, com um sorriso divertido.

Jack pôs-se de pé e abriu a porta do compartimento.

— Muito bem, cara senhora… Tens óculos para receitar e eu tenho segredos para descobrir. — Acompanhou a mulher. — Que segredos aprendeste tu na *Gazeta Mensal do Sovaco e do Olho do Cu*?

— Não irias perceber.

— Talvez — admitiu Jack, dirigindo-se para a praça de táxis. Apanharam um azul em vez do habitual automóvel preto.

— Para o hospital Hammersmith — disse Jack ao motorista —, e depois para o cem da Westminster Bridge Road.

— Para o MI-Seis, não é?

— Desculpe? — respondeu Ryan, inocentemente.

— Para a Universal Exports, onde o James Bond costumava trabalhar. — Ele riu-se e encostou-se mais ao passeio.

Bem, refletiu Ryan, a saída para a CIA na George Washington Parkway já não se chamava AUTOESTRADA DA ADMINISTRAÇÃO NACIONAL. Cathy achou que era engraçado. Não se podia manter segredos com os taxistas de Londres. Cathy saiu na enorme passagem subterrânea, no Hammersmith, e o motorista fez inversão de marcha e percorreu os últimos quarteirões até à Century House. Ryan entrou, passando pelo sargento-mor Canderton, e subiu para o escritório.

Ao entrar pôs o *Telegraph* em cima da secretária de Simon antes de tirar a gabardina.

— Eu já vi isso, Jack — disse logo Harding.

— Quem escreveu o artigo?

— Não tenho a certeza. Talvez alguém do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Eles foram informados acerca disto. Ou talvez por alguém do gabinete da primeira-ministra. Sir Basil não está nada contente — assegurou-lhe Harding.

— Ninguém telefonou para o jornal?

— Não. Não sabíamos disso até ter sido publicado esta manhã.

— Pensei que aqui os jornais locais tivessem uma melhor relação com o governo.

— Geralmente têm, o que me leva a crer que a fuga venha do gabinete da primeira-ministra. — O rosto de Harding tinha uma expressão suficientemente sincera, mas Jack queria lê-la melhor. A sua mulher era muito mais exímia nisso

do que ele. Tinha a impressão de que Harding não estava a falar a sério, mas não tinha uma razão plausível para se queixar disso, pois não?

— Qualquer coisa de novo que tivesse chegado de noite?

Harding abanou a cabeça.

— Nada de grande interesse. Também não recebemos mais nada sobre a Operação BEATRIX. Já falou com a sua mulher acerca da viagem?

— Sim, e ainda não lhe disse a si que ela é muito boa a ler os meus pensamentos.

— É uma característica da maioria das mulheres casadas. — Harding riu-se muito do que acabara de dizer.

Zaitzev tinha a mesma secretária e o mesmo amontoado de mensagens, sempre diferentes nos seus exatos pormenores, mas afinal sempre as mesmas: relatórios de agentes no terreno a transmitirem dados de cidadãos estrangeiros sobre todo o tipo de assuntos. Ele memorizara centenas de nomes operacionais, e mil pormenores por dizer, na sua cabeça, incluindo os verdadeiros nomes de agentes e os nomes de código de muitos, muitos outros.

Tal como nos prévios dias de trabalho, perdeu algum tempo a reler todas as mensagens dessa manhã, antes de as enviar para os andares de cima, confiando na sua memória bem treinada para registar e compilar todos os pormenores importantes.

Algumas, é claro, continham informação que estava escondida de múltiplas maneiras. Havia talvez um agente que penetrara na CIA, mas o seu nome de código, TROMBETA, era tudo o que Zaitzev sabia. Até mesmo os dados que ele transmitia estavam escondidos sob camadas de superencriptação, incluindo uma de cifra de uso único. Mas os dados iam para um coronel no sexto andar que se especializara em investigações da CIA e que trabalhava de perto com a Segunda Direção-Geral, de modo que, implicitamente, TROMBETA estava a dar ao KGB algo em que a Segunda Direção estava interessada, e *isso* queria dizer agentes que operavam *para a CIA*, mesmo ali, em Moscovo. O que era suficiente para lhe dar arrepios. No entanto, os americanos com quem ele falara tinham sido avisados acerca da segurança das suas comunicações e isso iria assinalar qualquer despacho acerca dele a um número muito restrito de pessoas. E ele sabia que TROMBETA estava a receber enormes quantias em dinheiro, de modo

que, provavelmente, não seria um oficial superior da CIA, que, pensava Zaitzev, era provavelmente muito bem pago. Um agente ideológico ter-lhe-ia dado razões para se preocupar, mas não havia nenhuns desses na América de que ele tivesse conhecimento. E ele iria sabê-lo, não é verdade?

Dentro de uma semana, talvez menos, dizia o oficial de comunicações a si mesmo, estaria a salvo no Ocidente. Esperava que a sua mulher não ficasse desvairada quando ele lhe contasse os seus planos, mas talvez não fosse esse o caso. A mãe dela falecera no ano prévio, para grande desgosto de Irina, e ela não tinha irmãos ou irmãs que a mantivessem ligada àquele local. Para além disso, Irina não estava satisfeita com o seu trabalho nos armazéns GUM, devido a toda a pequena corrupção que lá havia. E ele prometer-lhe-ia arranjar o piano que ela tanto desejava ter, mas que nem mesmo o seu ordenado no KGB era suficiente para comprar, tão pouco era o fornecimento.

De modo que ele ia mudando os papéis de sítio, mais lentamente do que era costume, mas não muito, pensou. Havia muito poucos trabalhadores dedicados, mesmo no KGB. O provérbio cínico da União Soviética era: «Desde que eles finjam pagar-nos, nós fingiremos trabalhar», e esse princípio também se aplicava ali. Se alguém excedesse a sua quota, eles aumentavam-na no ano seguinte, sem nenhuma melhoria nas condições de trabalho. De modo que muito poucos trabalhavam com suficiente energia para serem vistos como Heróis do Trabalho Socialista.

Mesmo depois das onze da manhã, o coronel Rojdestvenskiy apareceu na sala de Comunicações. Zaitzev captou-lhe a atenção e chamou-o.

— Sim, camarada major? — perguntou o coronel.

— Camarada coronel — disse ele, calmamente —, não tem havido comunicações recentes acerca do seis-seis-seis. Haverá alguma coisa que eu precise de saber?

A pergunta surpreendeu Rojdestvenskiy.

— Porque é que mo pergunta?

— Camarada coronel — continuou Zaitzev, com humildade. — Pensava que essa operação era importante e que eu era o único oficial de comunicações que poderia lidar com ela. Será que, de algum modo, agi mal?

— Ah — descontraiu-se Rojdestvenskiy. — Não, camarada major, não temos queixas acerca das suas atividades. A operação já não requer comunicações deste

tipo.

— Estou a ver. Obrigado, camarada coronel.

— Você parece cansado, major Zaitzev. Passa-se alguma coisa?

— Não, camarada, suponho que talvez devesse tirar umas férias. Não fui a lado nenhum durante o verão. Uma ou duas semanas fora seria uma bênção, antes que venha o inverno.

— Muito bem, se tiver algumas dificuldades entre em contacto comigo e eu tentarei facilitar-lhe as coisas.

Zaitzev conseguiu expressar um sorriso de agradecimento.

— Ora, muito obrigado, camarada coronel.

— Você faz aqui um bom trabalho, Zaitzev. Todos temos direito a umas férias, até mesmo as pessoas da Segurança do Estado.

— Mais uma vez, obrigado, camarada coronel. Eu sirvo a União Soviética.

Rojdestvenskiy anuiu com um aceno de cabeça e foi-se embora. Quando ele saiu, Zaitzev respirou fundo e voltou ao trabalho de memorizar os despachos… mas não para a União Soviética. *Então,* pensou, *o 666 estava agora a ser tratado por mensageiro*. Ele não soubera mais nada acerca do assunto, mas acabara de ficar a saber que iria avançar na base de uma elevada prioridade. Eles iam mesmo fazê-lo. Perguntou-se se os americanos o tirariam da Rússia a tempo de o evitarem. A informação estava nas suas mãos, mas não a capacidade de fazer o que quer que fosse acerca disso. Era como ser a Cassandra dos tempos antigos, a filha do rei Príamo de Troia, sabendo o que iria acontecer, mas incapaz de fazer com que alguém tomasse medidas. Cassandra despertara a ira dos deuses, de um modo ou de outro, e recebera essa maldição como resultado, mas que teria *ele* feito para o merecer?, pensou Zaitzev, zangado de súbito com a ineficiência da CIA. Mas ele não poderia muito simplesmente apanhar um avião da Pan American no aeroporto internacional de Sheremetyevo, pois não?

CAPÍTULO 22

AQUISIÇÕES E PREPARATIVOS

O segundo encontro cara a cara era outra vez nos armazéns do GUM, onde uma certa coelhinha precisava de arranjar um casaco para o outono e inverno que o pai lhe queria comprar, o que não deixava de ser uma agradável surpresa para Irina Bogdanova. Mary Pat, a especialista suprema em roupa na família Foley, passeava por ali, olhando para alguns artigos em saldo, surpreendida por ver que nem todos eram feitos na União Soviética. Alguns até eram atrativos… embora não o fossem o suficiente para que lhe apetecesse comprá-los. Ela andava outra vez pelo departamento das peles, estas poderiam vender-se bem em Nova Iorque, embora não conseguissem competir com as da *Fendi*. Não havia muitos *designers* italianos na Rússia. Porém, a qualidade das peles, ou seja, as próprias peles dos animais, não era nada má. O problema era que os soviéticos não sabiam como cosê-las devidamente. *Que pena*, pensou ela. A coisa mais triste acerca da União Soviética era o modo como o governo daquele país cinzento impedia os seus cidadãos de conseguirem alcançar muitas coisas. Havia ali muito pouca originalidade. As melhores coisas que se poderiam comprar eram obras de arte antigas, pré-revolucionárias, quase sempre pequenas, geralmente peças religiosas, vendidas em improvisadas feiras de velharias para adquirir dinheiro necessário para um membro da família ou por outros motivos. Para aliviar a sua consciência, Mary nunca regateava, pagando quase sempre o preço que lhe pediam em vez de tentar baixá-lo um pouco. Isso teria sido semelhante a roubo à mão armada, pensava ela, e a sua principal missão em Moscovo (e isto era para ela uma convicção central) era ajudar aquelas pessoas, embora de um modo que elas teriam dificuldade em perceber ou aprovar. Não obstante, na maior parte dos casos, os moscovitas gostavam do seu sorriso americano e simpatia. E, decerto, apreciavam muito os rublos certificados com barras azuis que ela usava para pagar, notas que lhes dariam acesso a artigos de luxo ou, quase tão bom como isso, dinheiro vivo que eles poderiam trocar a uma taxa de três ou quatro por um.

Ela passeou por ali durante meia hora e depois viu o seu alvo na secção para crianças. Dirigiu-se para lá, demorando o seu tempo a examinar vários artigos,

antes de surgir por detrás dele.

— Boa tarde, Oleg Ivanovitch — disse ela, em voz baixa, passando-lhe um casaco concebido para uma menina de três ou quatro anos.

— Mary, não é?

— Pois é. Diga-me, tem ainda alguns dias de férias para tirar?

— Sim, de facto tenho duas semanas.

— E disse-me que a sua mulher gosta de música clássica?

— Pois gosta.

— Existe um ótimo maestro, chamado Jozsef Rozsa. Ele irá começar as atuações na sala principal de concertos de Budapeste, no próximo domingo à noite. O melhor hotel onde se registar é no Astoria. Fica a pouca distância da estação de comboios e é muito popular entre os hóspedes soviéticos. Diga a todos os seus amigos o que irá fazer. Fale-lhes das coisas que poderá comprar para eles em Budapeste. Faça tudo o que um cidadão soviético costuma fazer. Nós trataremos do resto — tranquilizou-o.

— Vamos todos — recordou-lhe Zaitzev. — Todos os três?

— Claro, Oleg. A sua pequena *zaitchik* irá ver coisas maravilhosas na América, e os invernos não são tão rigorosos como aqui — acrescentou Mary Pat.

— Nós, os russos, gostamos dos nossos invernos — observou ele, com um pouco de amor-próprio.

— Nesse caso, poderá viver numa área tão fria como Moscovo e, se lhe apetecer tempo quente em fevereiro, pode guiar ou apanhar um avião até à Florida e descontrair-se numa praia ensolarada.

— É uma agente turística, Mary? — perguntou o *Coelho*.

— Para si, Oleg, sou apenas isso. Sente-se confortável ao passar informação ao meu marido no metro?

— Sim.

Não deveria, pensou Mary Pat.

— Qual é a sua melhor gravata?

— Uma azul, com riscas vermelhas.

— Muito bem, use-a dois dias antes de apanhar o comboio para Budapeste. Dê um encontrão ao meu marido e peça-lhe desculpa, nós iremos saber. Dois dias antes de deixar Moscovo, use a sua gravata azul com riscas e dê-lhe um

ligeiro encontrão — repetiu ela. Tem de se ter cuidado ao fazê-lo. As pessoas podem cometer os erros mais tremendos nas coisas mais simples, mesmo quando (não, *especialmente* quando) as suas vidas estão em perigo. Era por isso que ela estava a tornar as coisas tão fáceis quanto possível. Só uma coisa para se lembrar. Só uma coisa para fazer.

— *Da*, posso fazer isso sem dificuldade.

És um sacana otimista, não és?

— Ótimo, tenha muito cuidado, Oleg Ivanovitch. — E, com isso, começou a ir-se embora. Mas depois parou a cinco ou seis metros de distância e voltou-se. Na mala tinha uma câmara *Minox*. Tirou três fotografias e depois saiu.

— Então, não viste nada que valesse a pena comprar? — perguntou-lhe o marido, no interior do *Mercedes* 280 usado.

— Não, nada que valesse a pena. Talvez devêssemos fazer uma viagem até Helsínquia, para compramos roupa de inverno — sugeriu ela. — Não sei se estás a ver, irmos de comboio. Deve ser divertido ir para lá dessa maneira. O Eddie iria adorar.

A sobrancelha do chefe de posto elevou-se. *Talvez seja melhor ir de comboio*, pensou. *Não parece uma coisa feita à pressa ou forçada. Seria bom levar muitas malas, metade delas vazias para trazer toda a porcaria que comprassem lá com os rublos do Comecom*, pensou Ed Foley. Só que não há regresso… e se Langley e Londres estiverem em sintonia, talvez possamos ganhar a partida.

— Para casa, querida? — perguntou Foley. *Não seria uma coisa admirável se o KGB não tivesse escutas na casa deles e no carro e eles estivessem a fazer todo aquele jogo de agentes secretos sem qualquer razão para isso?*, pensou ele, inutilmente. Bem, pelo menos era um bom exercício, não era?

— Sim, por hoje já chega.

— Raios partam! — exclamou Basil Charleston. Levantou o auscultador e pressionou três botões.

— Sim, Sir Basil? — perguntou Kingshot, entrando no escritório.

— Isto. — Charleston passou-lhe o despacho.

— Merda — disse Kingshot, entre dentes.

Sir Basil conseguiu sorrir.

— São sempre as coisas mais óbvias e simples, não são?

— Sim, senhor. Mesmo assim, faz com que nos sintamos um pouco estúpidos — admitiu ele. — Um incêndio numa casa funciona muito melhor do que nós pensámos inicialmente.

— Bem, é algo a ter em conta. Quantas casas que ardem temos nós em Londres, Alan?

— Não faço ideia, Sir Basil — admitiu o mais alto espião no terreno do Serviço Secreto de Informação. — Mas posso informar-me.

— Envie isso também para o seu amigo Nolan.

— Amanhã de manhã — prometeu Kingshot. — Pelo menos melhora as nossas hipóteses. Será que a CIA também está a trabalhar nisto?

— Pois está.

Tal como o FBI. O diretor Emil Jacobs já tinha ouvido a sua parte de estranhos pedidos vindos de pessoas do «outro lado do rio», como a CIA era por vezes designada nos meios oficiais de Washington. Mas aquilo era positivamente macabro. Pegou no auscultador e ligou diretamente para o diretor-geral de Informação.

— Será que posso presumir que haja uma boa razão para isto, Arthur? — perguntou ele sem preâmbulos.

— Não pelo telefone, Emil, mas há.

— Três caucasianos, um do sexo masculino, com cerca de trinta anos; outro do sexo feminino, com a mesma idade; e uma menina de três ou quatro anos — disse Jacobs, lendo a nota de Langley que lhe fora entregue em mão. — Os meus agentes no terreno vão pensar que o diretor perdeu o juízo, Arthur. Seria melhor pedir o auxílio de forças policiais locais…

— Mas…

— Sim, bem sei, haverá logo uma fuga de informação. Pois bem, posso enviar a mensagem a todos os meus agentes para que verifiquem os jornais da manhã, mas não será fácil evitar uma fuga de informação.

— Percebo isso, Emil. Estamos a tentar que os britânicos também nos ajudem com este assunto. Não é o tipo de pedido que se possa fazer com um assobio, bem sei. Tudo o que posso dizer é que é muito importante, Emil.

— Tem de ir à colina do Capitólio nos tempos mais próximos?

— Tenho uma reunião no Comité de Informação Interna amanhã às dez,

relacionada com orçamentos — explicou Moore. O Congresso estava constantemente a ir atrás dessa informação e Moore tinha sempre de defender a sua agência do pessoal no Capitólio, que, por sua vontade, cortaria as pernas à CIA… para que, mais tarde, se pudessem queixar de «falhas de informação», é claro.

— Muito bem, pode passar por aqui a caminho? Tenho de ouvir essa história sem pés nem cabeça — afirmou Jacobs.

— Por volta das oito e quarenta?

— Está muito bem, Arthur.

— Então até logo — prometeu Moore.

O diretor Jacobs pousou o auscultador, pensado no que poderia ser tão tremendamente importante para requerer que o FBI se transformasse num ladrão de cemitérios.

No metro para casa, depois de ter comprado à sua *zaitchik* um casaco branco com flores vermelhas e verdes, Zaitzev começou a pensar na sua estratégia. Quando iria ele falar à Irina das suas súbitas férias? Se ele lho revelasse de surpresa, haveria uma espécie de problema… A Irina iria preocupar-se com o seu emprego de contabilista nos armazéns GUM, mas os escritórios eram, segundo ela dizia, tão mal geridos, que mal iriam sentir a falta de um elemento. No entanto, se lhe desse muito tempo de aviso, haveria outro problema… Ela iria tentar querer controlar tudo ao pormenor, como qualquer mulher casada no mundo conhecido, dado que, segundo ela, ele não era bom a planear o que quer que fosse. Isso era muito divertido, pensou Oleg Ivanovitch, dadas as presentes circunstâncias.

De modo que não, não a iria informar disso com muita antecedência, antes falar-lhe da viagem como se fosse uma surpresa e usar aquele maestro húngaro como desculpa. Assim sendo, a surpresa maior ocorreria em Budapeste. Interrogou-se de que modo iria ela reagir a esse tipo de notícias. Talvez não muito bem, mas ela era uma mulher russa, treinada e educada para aceitar as ordens do marido, o que, segundo o que todos os homens russos pensavam, era como deveria ser.

Svetlana adorava andar de metro. Todas as crianças gostavam, descobrira Oleg. Para elas, tudo era uma aventura para ser interiorizada através dos seus

olhos infantis, mesmo algo tão rotineiro como andar no metro. Ela não andava nem corria, dava saltinhos, como um cãozinho, ou como um coelhinho, pensou o pai, sorrindo para ela. Será que aquela pequena *zaitchik* iria encontrar melhores aventuras no Ocidente?

Talvez, se eu conseguir que ela lá chegue viva, cogitou Zaitzev. Haveria perigo envolvido, mas, até certo ponto, os seus receios não tinham que ver com ele, mas com a filha. Que estranho que isso era. Ou não? Já não sabia de nada. Sabia que tinha uma espécie de missão e era tudo o que conseguia ver diante dele. O resto era apenas uma série de passos intermédios, mas, no fim dos mesmos, havia uma luz brilhante e intensa que era tudo o que ele conseguia ver. Era muito estranha a forma como a luz se tornava cada vez mais intensa desde as suas primeiras dúvidas acerca da Operação 666 até agora, em que ocupava tudo o que os olhos da sua mente conseguiam ver. Como uma traça atraída pela luz, ele continuava a andar em torno da mesma, aproximando-se cada vez mais, e tudo o que poderia esperar era que a luz não fosse uma chama que o queimasse.

— É aqui, paizinho! — gritou Svetlana, reconhecendo a estação, pegando-lhe na mão e arrastando-o até às portas da carruagem. Um minuto mais tarde já ela tinha saltado para os degraus em movimento das escadas rolantes, excitada também com essa subida. A sua filha era como um adulto americano, ou como os russos imaginavam que eles fossem, sempre a verem oportunidades e possibilidades e o prazer que delas pudessem tirar, em vez de os perigos e de as ameaças que os cidadãos soviéticos, cuidadosos e sóbrios, viam por todo o lado. Mas se os americanos eram tão levianos, por que motivo estariam sempre os russos a tentar acompanhá-los? Será que a América estava certa onde a URSS se enganava tantas vezes? Era uma questão mais profunda que ele mal tinha considerado. Tudo o que ele sabia da América resumia-se à propaganda óbvia que via todas as noites na televisão, ou que lia nos jornais oficiais do Estado. Ele sabia que aquilo não poderia ser verdade, mas o seu conhecimento estava desequilibrado, dado que ele não estava na posse de informação verdadeira. De modo que o seu salto para o Ocidente era, essencialmente, um salto de fé. Se o seu país estava tão errado, então o superpoder alternativo tinha de estar certo. Era um grande, longo e perigoso salto, pensava, enquanto caminhava pelo passeio de mão dada com a menina. Disse a si mesmo que deveria ser mais receoso.

Mas era tarde de mais para ter medo, e voltar atrás teria sido tão perigoso para ele como seguir em frente. Acima de tudo, era uma questão de quem o iria destruir, o seu país ou ele mesmo, se falhasse em cumprir a sua missão. E, por outro lado, será que a América o recompensaria por tentar fazer o que pensava ser correto? Parecia que ele era como Lenine e como os outros heróis revolucionários: via algo que estava objetivamente errado e iria tentar impedi-lo. Porquê? Porque tinha de o fazer. Ele teria de confiar que os inimigos do seu país veriam o que era certo e errado do mesmo modo que ele. Será que tal iria acontecer? Enquanto o presidente americano denunciara a URSS como o foco de todo o mal no mundo, o seu país dizia o mesmo da América. Quem tinha razão? Quem estava errado? Mas era *o seu* país e *o seu* empregador que estavam a conspirar para assassinarem um homem inocente, e isso era até onde ele conseguia ver quanto à questão do certo e do errado.

Quando Oleg e Svetlana voltaram à esquerda para entrarem no prédio, ele reconheceu pela última vez que o rumo da sua vida estava tomado. Já não o poderia mudar, poderia apenas atirar os dados e ver qual seria o resultado.

E onde iria crescer a sua filha? Isso também teria de ver com o lançamento dos dados.

Aconteceu primeiro em York, a maior cidade do Norte de Inglaterra. Os engenheiros de segurança contra incêndios diziam, a quem os queria ouvir, que a coisa menos importante acerca dos fogos era o que os causava, pois todos começavam pelas mesmas razões. Nesse caso, era uma das que os bombeiros mais detestavam descobrir. Owen Williams, após uma noite divertida no seu bar favorito, The Brown Lion, conseguiu beber seis canecas de cerveja escura que, em cima de um longo e cansativo dia de trabalho como carpinteiro, o tinham enchido de sono, quando chegou ao seu apartamento no terceiro andar. Mas isso não o impediu de acender a televisão no quarto, para fumar o último cigarro do dia. Com a cabeça pousada numa almofada macia, fumou um pouco, antes de adormecer devido ao álcool e ao dia intenso de trabalho. Quando isso aconteceu, a sua mão abriu-se e o cigarro caiu em cima da roupa da cama. Aí ficou a arder, sem chama, por cerca de dez minutos, antes de os lençóis brancos de algodão começarem a arder. Como William não era casado — a sua mulher divorciara-se dele um ano antes —, não havia ninguém por perto capaz de se dar conta do

cheiro acre e horrível. Pouco a pouco, o fumo foi subindo para o teto, à medida que o fogo mais abaixo ia consumindo, progressivamente, a roupa da cama e depois o colchão.

As pessoas raramente morrem devido a um incêndio, e esse também foi o caso de Owen Williams. Em vez disso, começou a respirar o fumo. Os engenheiros chamavam-lhe «gases de incêndio», que consistiam sobretudo em ar quente, monóxido de carbono e partículas de fuligem, que são o material que não foi queimado pelo combustível do fogo. De todos estes, o monóxido de carbono é muitas vezes o componente mais mortal, dado que se liga aos glóbulos vermelhos do sangue. Esta ligação é na verdade mais forte do que aquela que a hemoglobina forma com o oxigénio livre e que o sangue leva às várias partes do corpo humano. Em geral, o efeito na consciência é muito parecido com o do álcool: um estado de euforia por se estar agradavelmente ébrio, seguido de um de inconsciência e, se as coisas forem mais longe, como nesse caso, morte por falta de oxigénio no cérebro. De modo que, com o fogo à sua volta, Owen Williams nunca chegou a acordar, apenas se afundou cada vez mais num sono que o levou em paz para a eternidade, aos trinta e dois anos.

Foi só três horas mais tarde que uma pessoa que trabalhava por turnos e que vivia no mesmo andar chegou a casa e se deu conta de um cheiro no corredor do terceiro piso que fez com se apercebesse do que se estava a passar. Bateu à porta, e, como não obtivesse resposta, foi até ao seu apartamento e chamou o 112.

Havia um quartel de bombeiros a seis blocos de distância e aí, como em quaisquer outros locais do género, os bombeiros saíram das suas tarimbas individuais, calçaram as botas e vestiram os casacos, deslizaram pelo varão de latão até ao piso térreo, carregaram num botão para abrir as portas automáticas e correram pelas ruas no seu carro, seguidos por uma camioneta com escadote. Os condutores conheciam tão bem as ruas como qualquer motorista de táxi e chegaram ao prédio de apartamentos menos de dez minutos após terem sido acordados pelas campainhas. A equipa estacionou o veículo e arrastou as mangueiras até uma boca de incêndio que havia a um canto, ligando-as de um modo muito hábil e já treinado. Os homens do escadote, cuja missão principal era procurar e resgatar, correram lá para dentro para descobrirem que o cidadão preocupado que dera o alarme já tinha batido a todas as portas do terceiro andar para acordar os vizinhos, para que estes saíssem de casa. Ele indicou a um

bombeiro a porta em questão e aquele indivíduo corpulento arrombou-a com dois golpes de machado. Foi recebido por uma densa nuvem de fumo negro, cujo cheiro lhe atravessou a máscara e que, imediatamente, anunciou «colchão» à sua mente experiente. Isso foi seguido por um intenso desejo de ali terem chegado a tempo e pelo receio de que não fosse esse o caso. Tudo, incluindo a hora do dia, estava contra eles na escuridão da manhã que só agora começava a nascer. Ele correu para o quarto na parte de trás, partiu as janelas com o seu machado de aço para que o fumo pudesse sair, e depois voltou-se para ver o que já vira trinta ou mais vezes: uma forma humana, quase escondida pelo fumo, que não se mexia. Nesse momento, já havia mais dois colegas seus no quarto e que arrastaram Owen Williams para o corredor.

— Oh, porra! — exclamou um deles. O paramédico-chefe da equipa colocou-lhe uma máscara de oxigénio no rosto sem cor e começou a acionar o botão para lhe forçar oxigénio puro para os pulmões; um segundo homem começou a dar pancadas no peito da vítima para lhe reanimar o coração. Por detrás deles, um bombeiro introduziu no apartamento uma mangueira, com uma largura de nove centímetros, e começou a regar tudo com água.

Em suma, tratava-se de um exercício saído dos manuais. O fogo foi extinto em menos de três minutos. Em breve, o fumo tinha quase desaparecido, e os bombeiros tiraram as máscaras protetoras. Contudo, lá fora, no corredor, Owen Williams não mostrava sinais de vida. A regra era que ninguém estava morto até que um médico declarasse o óbito, de modo que carregaram o corpo, como uma carpete flácida e enrolada, para a ambulância branca que já estava na rua. A equipa de paramédicos continuou a batalhar, seguindo à letra todos os procedimentos, primeiro pondo o corpo numa maca, depois examinando-lhe os olhos e as vias respiratórias, que estavam desobstruídas, e em seguida usando um ventilador para lhe dar mais oxigénio, mais RCP para que o coração começasse a bater. As queimaduras periféricas teriam de esperar. A primeira coisa a fazer era reanimar o coração e fazer com que os pulmões respirassem, enquanto o motorista guiava através das ruas escuras até ao hospital Queen Victoria, apenas a cerca de dois quilómetros.

Assim que lá chegaram, os paramédicos na parte de trás da ambulância viram logo que estavam a perder o seu precioso tempo. A área onde recebiam esse tipo de casos já estava pronta para eles. O condutor inverteu a direção e fez marcha-

atrás, as portas das traseiras abriram-se de par em par e a maca foi tirada sobre rodas, com um jovem médico a observar, mas ainda sem tocar em nada.

— Inalação de fumo — explicou o bombeiro-paramédico ao entrar pelas portas que se abriam nos dois sentidos. — Uma severa intoxicação por monóxido de carbono. — As queimaduras, extensas mas superficiais, poderiam esperar de momento.

— Há quanto tempo? — perguntou logo o médico que estava nas Urgências.

— Não sei, não me parece nada bom, senhor doutor. Envenenamento por CO2, olhos fixos e dilatados, unhas avermelhadas, nenhuma resposta à RCV nem ao oxigénio — relatou o paramédico.

Os paramédicos tentaram todos. É difícil aceitar a morte de um homem de trinta e poucos anos, porém, uma hora mais tarde, era óbvio que Owen Williams não mais abriria os seus olhos azuis e, a mando do médico, interromperam-se todos os esforços para lhe salvar a vida, tendo-se anunciado a hora da morte, para que constasse da certidão de óbito. Alguns polícias também lá estavam, como seria de esperar. No geral, conversaram com os bombeiros até a causa de morte estar estabelecida. O sangue foi analisado. Tinham logo tirado uma amostra para verificar os gases e, após quinze minutos, o laboratório informou que o nível de monóxido de carbono era de trinta e nove por cento, muito para lá do nível letal. Ele morrera antes de os bombeiros terem saído das suas tarimbas, e sobre isso não havia dúvida.

Foi a polícia e não os bombeiros que deram continuação ao caso. Um homem morrera e isso teria de ser comunicado à cadeia de comando.

Essa cadeia terminava em Londres, no edifício de aço e vidro que era a nova Scotland Yard, com os seus sinais triangulares giratórios que faziam com que os turistas pensassem que o nome da força policial londrina era, de facto, Scotland Yard, quando, na verdade, isso fora o nome da rua onde, há muitos anos, se situava a antiga sede. Aí, um *post-it* numa máquina de teletipo informava que o chefe superintendente Nolan, do Ramo Especial, queria ser informado imediatamente de qualquer morte, devido a incêndio ou acidente, e o operador de teletipo levantou o auscultador e ligou para o número apropriado.

O número era do oficial de vigilância que lhe fez algumas perguntas e que depois telefonou para York, para mais informação. Depois, era sua função acordar Nolan, *o Minúsculo*, logo após as quatro da manhã.

— Muito bem — disse o chefe superintendente, depois de se recompor. — Diga-lhes para não fazerem nada com o cadáver, nada de nada… Certifique-se de que eles percebem. Absolutamente nada.

— Muito bem, senhor superintendente — confirmou o sargento no escritório. — Irei retransmitir-lhes isso.

E, a quinze quilómetros de distância, Patrick Nolan voltou a adormecer, ou pelo menos tentou, enquanto nos seus pensamentos se voltava a perguntar por que diabo os Serviços Secretos de Informação britânicos queriam um cadáver assado. Teria de ser algo interessante, embora fosse muito repulsivo ter de pensar nisso, o suficiente para lhe negar o sono durante mais ou menos vinte minutos, antes de voltar a pregar olho.

As mensagens andaram a voar para a frente e para trás através do Atlântico e da Europa de Leste durante toda a noite, e todas elas eram processadas pelos especialistas em sinais nas várias embaixadas, os funcionários mal pagos e assoberbados de trabalho que, virtualmente sozinhos, eram necessários para transmitirem toda a informação mais sensível dos que a originavam aos utilizadores finais, de modo que, praticamente sozinhos, eram quem a conhecia por completo mas que não fazia nada com ela. Eram também aqueles que os inimigos tentavam tão desesperadamente corromper e que, como resultado, eram os mais meticulosamente observados de todo o pessoal, fosse nas sedes, fosse nas várias embaixadas, embora, apesar de toda a preocupação, geralmente não houvesse qualquer solicitude compensatória para seu conforto. Contudo, era através dessas pessoas, tantas vezes pouco apreciadas mas vitais, que os despachos encontravam o seu caminho até às secretárias apropriadas.

Um dos destinatários era Nigel Haydock, e fora para ele que seguira a mensagem mais importante dessa manhã, pois apenas ele, de momento, estava ao corrente do alcance da Operação BEATRIX, ali no seu escritório, onde se encontrava disfarçado de adido comercial para a mbaixada de Sua Majestade britânica, na margem leste do rio Moscovo.

Haydock tomava habitualmente o seu pequeno-almoço na embaixada, dado que, estando a sua mulher num estado tão avançado de gravidez, ele achava que seria inadequado pô-la a preparar-lhe essa refeição. Para além disso, ela andava a dormir muito, preparando-se já para não dormir de todo quando o sacaninha

nascesse, pensava Nigel. Assim, estava sentado à sua secretária, bebendo chá e comendo um *muffin* com manteiga, quando viu o despacho de Londres.

— Raios partam! — exclamou entre dentes, e depois parou para pensar. Era brilhante, aquela adaptação americana da MINCEMEAT, terrível e mórbida, mas brilhante. E parecia que Sir Basil tinha optado pela mesma. Era mesmo um estupor cheio de truques… Era o tipo de coisas de que aquele homem iria gostar. Charleston era um devoto da velha escola, alguém que gostava de sentir o pulso das operações mais tortuosas. *A sua grande inteligência poderá um dia ser a sua desgraça, mas*, pensou Haydock, *tínhamos de admirar o seu estilo*. De modo que era preciso levar o *Coelho* para Budapeste e arranjar modo de ele poder fugir de lá.

Andy Hudson preferia beber café de manhã, acompanhado de ovos, *bacon*, tomate frito e torradas.

— Extremamente inteligente — disse ele, em voz alta. A audácia daquela operação agradava à sua natureza aventureira. Tinham, assim, que fazer com que três indivíduos (um adulto do sexo masculino, uma mulher adulta e uma menina) pudessem sair secretamente da Hungria. Não seria muito difícil, mas ele teria de consultar a via de escape, pois tratava-se de uma operação onde não iria querer falhar, especialmente se estivesse a pensar numa promoção futura. O Serviço Secreto de Informação era único entre as burocracias do governo britânico, na medida em que, se bem que recompensasse muito bem o sucesso, não perdoava quaisquer fracassos. Não havia sindicato na Century House que protegesse os trabalhadores. Mas ele já sabia disso quando ali começara a trabalhar e, de qualquer modo, não lhe podiam tirar a pensão de reforma, dado que ele tinha antiguidade suficiente para obter uma, refletiu Hudson. Não obstante, se bem que a sua operação não fosse a Copa do Mundo, era como marcar o golo de vitória para o Arsenal em vez de para o Manchester United, no estádio de Wembley.

Assim, a sua primeira tarefa do dia era verificar as ligações através das fronteiras. *Essas eram fiáveis*, pensou. Ele perdera muito tempo a instalá-las e verificara-as antes. Porém, iria examiná-las de novo, nesse mesmo dia. Também iria discutir as coisas com o seu contacto na Államvédelmi Hatóság (AVH)… *ou não?*, interrogou-se Hudson. De que lhe adiantaria isso? Poderia permitir-lhe

descobrir se a força policial secreta da Hungria estaria num estado de alerta ou à procura de qualquer coisa, no entanto, se isso fosse verdade, o *Coelho* não sairia de Moscovo. A sua informação teria de ser altamente importante para que uma operação com essa complexidade fosse levada a cabo pela CIA, através do Serviço Secreto de Informação britânico, e o KGB era uma agência demasiado cautelosa e conservadora para arriscar perder informação daquela importância. O outro lado nunca era previsível no ramo da informação. Havia muita gente com ideias ligeiramente diferentes para que todos operassem em uníssono. De modo que, não, a AVH não saberia muito, se é que sabia alguma coisa. O KGB não confiava em ninguém, não havendo supervisão direta, preferencialmente com armas.

De modo que a única coisa melhor que ele poderia fazer seria examinar os processos de fuga e fazê-lo com uma certa circunspeção. Para além disso, teria de esperar que esse tal Ryan chegasse de Londres para o ter a olhar-lhe por cima do ombro. *Ryan*, pensava, *era da CIA*. Deveria ser o mesmo que… Não haveria hipótese, ou talvez fosse uma coincidência. Tinha de ser. Esse Ryan era um fuzileiro dos comandos… Um fuzileiro *americano*. *Era uma grande coincidência*, decidiu o chefe de posto em Budapeste.

Ryan lembrara-se dos seus *croissants* e, dessa vez, levou-os com ele no táxi de Victoria Station até à Century House, juntamente com o café. Quando chegou, viu o casaco de Simon no bengaleiro, mas o colega não estava lá. *Talvez esteja entretido com Sir Basil*, cogitou, e sentou-se à secretária, olhando para a resma de mensagens que tinham chegado durante a noite. Os *croissants* (ele devorara um e comprara três, juntamente com pacotinhos de manteiga e de geleia de uva) eram de tal modo estaladiços que ele corria o risco de ficar coberto com eles, em vez de os comer, e o café dessa manhã parecia estar um pouco melhor. Fez uma nota mental para escrever para a *Starbucks* e lhes sugerir que abrissem alguns estabelecimentos em Londres. Os britânicos precisavam de bom café para perderam o hábito do maldito chá, e aquela nova empresa de Seattle talvez fosse capaz de o fazer, assumindo que conseguissem treinar empregados para o levarem a cabo devidamente. Levantou os olhos quando a porta se abriu.

— Bom dia, Jack.

— Olá, Simon. Como está Sir Basil esta manhã?

— Está a sentir-se sobredotado com essa Operação BEATRIX. Já está em marcha, digamos assim.

— Pode informar-me acerca do que está a acontecer?

Simon Harding pensou por instantes. Depois fez-lhe um resumo do que se estava a passar.

— Será que alguém enlouqueceu? — inquiriu Ryan, depois da conclusão daquela informação breve.

— Veja bem, Jack, é uma coisa criativa — concordou Harding. — E não irá causar grandes dificuldades operacionais.

— A não ser que eu comece a vomitar — respondeu Jack, com uma expressão sombria.

— Então leve um saco de plástico — sugeriu Harding. — Pode até usar o que eles têm nos aviões.

— Não acho graça nenhuma, Simon. — Que é isto afinal para mim? Uma espécie de cerimónia de iniciação?

— Não, nós não fazemos esse tipo de coisa. O conceito operacional vem do vosso pessoal e o pedido de cooperação vem do próprio juiz Moore.

— Filho da puta! — exclamou Jack. — E atiram-me assim para as latrinas?

— Jack, o objetivo neste caso não é apenas retirar de lá o *Coelho*, mas fazê-lo de um modo que o Ivan possa acreditar que ele morreu, não que fugiu, juntamente com a mulher e a filha.

Na verdade, a parte que incomodava Ryan eram os cadáveres. Que poderia ser mais desagradável do que isso? E ele nem sequer sabia ainda a parte pior, pensou Simon Harding, ainda bem que ele tinha cortado essa parte.

Zaitzev entrou nos escritórios administrativos do Centro, no segundo andar. Mostrou a sua identificação à rapariga e esperou alguns minutos, antes de entrar no escritório do supervisor.

— Sim — disse o burocrata, mal levantando os olhos.

— Gostaria de tirar uns dias de férias. Quero levar a minha mulher a Budapeste. Há lá um maestro que ela gostaria de ouvir e eu pretendia ir até lá de comboio e não de avião.

— Quando?

— Nos próximos dias. De facto, o mais depressa possível.

— Estou a ver. — O oficial de viagens do KGB fazia muitas coisas, a maioria de uma natureza inteiramente mundana. O agente de viagens, que outra coisa lhe poderia chamar Zaitzev?, ainda não levantara os olhos. — Tenho primeiro de ver se há lugares no comboio.

— Quero viajar em classe internacional, com compartimentos e camas para três, é que tenho uma criança.

— Isso poderá não ser assim tão fácil — fez notar o burocrata.

— Camarada, se houver algumas dificuldades, contacte, por favor, o coronel Rojdestvenskiy — disse ele, descontraidamente.

Esse nome fez com que ele erguesse os olhos. Zaitzev reparou nesse facto. A única questão era se ele se iria dar ao trabalho de fazer o telefonema. Quem estava sentado às secretárias, geralmente, não se incomodava muito para se tornar conhecido de um oficial superior e, como muitas pessoas no Centro, ele tinha um medo saudável das que estavam no último andar. Por um lado, talvez se quisesse certificar se não estariam a usar o nome do coronel em vão. Por outro, chamar a atenção para essa pequena minhoca oficiosa na Administração não lhe adiantaria muito. Olhou para Zaitzev, perguntando-se se ele teria autorização para invocar o nome e a autoridade de Rojdestvenskiy.

— Vou ver o que consigo fazer, camarada major — prometeu ele.

— Quando é que lhe posso telefonar?

— Hoje ao fim do dia.

— Obrigado, camarada. — Zaitzev saiu e começou a andar pelo corredor até aos elevadores. Então estava feito, graças ao patrono temporário no andar de cima. Para se certificar de que estava tudo bem, tinha a gravata azul às riscas, dobrada no bolso do casaco. De volta à sua secretária, continuou a memorizar o conteúdo das suas mensagens. Era uma pena, pensou, que não as pudesse copiar dos formulários de cifra de uso único, mas isso não era prático e memorizá-las era uma verdadeira impossibilidade, mesmo para a sua memória bem treinada.

«Em marcha» eram as únicas palavras na mensagem de Langley, segundo o que Foley pôde ver. Com que então, iam para a frente com aquilo. Isso era bom. A sede estava ansiosa por iniciar a BEATRIX, e isso devia-se talvez ao facto de o *Coelho* os ter avisado acerca da segurança das comunicações em geral, a única coisa que iria causar pânico geral no sétimo andar da sede. Mas será que era

verdade? Não. Mike Russell não pensava que fosse e, tal como ele já tinha observado, se tal se viesse a verificar, alguns dos seus agentes teriam sido varridos, como papelinhos depois de um desfile solene, e isso não tinha acontecido… a não ser que o KGB estivesse a ser muito sofisticado e tivesse recorrido a agentes duplos, operando-os sob controlo soviético, e ele seria capaz de determinar isso, não seria? *Bem, provavelmente*, pensou Foley. Decerto, não poderiam ser todos agentes duplos. Havia coisas que era impossível esconder, a não ser que a Segunda Direção-Geral do KGB tivesse a operação mais requintada na história da espionagem. E, se bem que tal fosse teoricamente possível, seria extremamente difícil e algo que eles iriam evitar, dado que a qualidade de alguma da informação que saía teria de ser muito boa. Boa de mais para que eles abrissem mão dela.

Mas ele não poderia pôr inteiramente de parte essa possibilidade. De certeza que a Agência de Segurança Nacional estaria nesse momento a tomar medidas para examinar as KH-7 e outras máquinas de cifras, mas Fort Meade tinha uma Equipa Vermelha muito ativa cuja missão era entrar nos sistemas soviéticos e, se bem que os matemáticos russos fossem bastante espertos (sempre o tinham sido), não eram alienígenas vindos de outro planeta… a não ser que tivessem um agente deles dentro de Fort Meade e isso era uma preocupação que todos tinham. Quanto estaria o KGB disposto a pagar por esse tipo de informação? Talvez milhões. Eles não tinham assim *tanto* dinheiro para pagarem ao seu pessoal e, para além de serem uns sovinas, o KGB era singularmente desleal para com os seus, vendo-os como ativos dispensáveis. Oh, sem dúvida, tinham agarrado Kim Philby e tinham-no escondido muito bem em Moscovo. As agências de espiões do Ocidente sabiam onde ele vivia e até tinham fotografado o sacana desse vira-casacas. Até sabiam que ele bebia muito, mesmo para os padrões russos. Contudo, quando um agente russo foi apanhado, será que o tentaram resgatar, negociar a sua libertação? Não, não desde que a CIA fizera o mesmo com Francis Gary Powers, o piloto sem sorte de um *Lockheed* U-2 que os russos tinham abatido em 1961 e que depois trocaram por Rudolf Abel, mas este fora um dos seus oficiais, um coronel muito bom que operava em Nova Iorque. Isso *deveria* ter desencorajado qualquer cidadão americano no ramo da espionagem que tivesse ilusões de enriquecer à custa de uma conta bancária da Mãe Rússia. E os traidores tinham penas pesadas no sistema prisional federal, o que, já por si

só, era uma dissuasão.

Mas os traidores existiam, não importava se estivessem mal orientados. Pelo menos a época do espião ideológico parecia ter acabado. Esses tinham sido os mais dedicados e produtivos, no tempo em que as pessoas ainda acreditavam que o comunismo era a crista da onda da evolução humana, mas até os russos já não acreditavam no marxismo-leninismo, exceto Suslov (que estava praticamente morto) e o seu futuro sucessor, Alexandrov. De modo que, não, os agentes do KGB no Ocidente seriam quase inteiramente sacanas mercenários. Não eram os lutadores pela liberdade que Ed Foley geria nas ruas de Moscovo, disse o chefe de posto para si mesmo. Isso era uma ilusão a que se agarravam todos os agentes da CIA, até mesmo a sua mulher.

E o *Coelho*? Ele estava furioso com qualquer coisa. Uma morte, um assassínio que estava previsto. Algo que ofendia a consciência de um homem honrado e decente. Assim sendo, sim, o *Coelho* era um homem honrado nas suas motivações, logo merecedor da atenção e da solicitude da CIA.

Meu Deus, pensou Ed Foley, *as ilusões que temos de ter para continuarmos neste estúpido ramo de doidos*. Tinha de se ser psiquiatra, mãe dedicada, pai austero, amigo íntimo e padre confessor para os indivíduos idealistas, confusos, zangados ou simplesmente egoístas que escolhiam trair o seu país. Alguns deles bebiam muito; outros sentiam tanta raiva que arriscavam as vidas correndo riscos grotescos. Outros ainda eram totalmente loucos, dementes, perturbados de um ponto de vista clínico. Havia os que se tornavam depravados sexuais. Ora, alguns começavam assim e iam piorando. Mas Ed Foley tinha de ser o assistente social de todos, o que era uma descrição de funções muito estranha para alguém que pensava ser um guerreiro contra o Grande Urso Terrível. *Bem*, disse para consigo, *uma coisa de cada vez*. Ele escolhera deliberadamente uma profissão cujo ordenado não era muito compensador, em que virtualmente não se ganhava reputação nem nenhum reconhecimento pelos perigos, físicos e psicológicos, que o esperavam ao servir o seu país de um modo que nunca seria apreciado pelos milhões de cidadãos que ele ajudava a proteger, em que era desprezado pela imprensa noticiosa (que ele próprio desprezava) e nunca seria capaz de se defender com a verdade do que fazia. Que diabo de vida…

Mas também tinha as suas satisfações, como libertar o *Coelho* dessa enxovia.

Se a BEATRIX funcionasse.

Foley disse a si mesmo que, de momento, mais uma vez, ele sabia o que era ser um rebatedor nas séries mundiais.

Istvan Kovacs vivia a alguns quarteirões do palácio do Parlamento Húngaro (que era um edifício ornamentado reminiscente do palácio de Westminster), no terceiro andar de um prédio de apartamentos de finais do século xix cujas quatro casas de banho ficavam num pátio particularmente sombrio ao nível térreo. Hudson apanhou o metro local para o palácio governamental e foi a pé o resto do caminho, certificando-se de que não estava a ser seguido. Telefonara primeiro. Estranhamente, as linhas telefónicas da cidade eram seguras, não controladas sobretudo devido à ineficiência dos sistemas telefónicos.

Kovacs era tão tipicamente húngaro que quase merecia uma fotografia nas brochuras inexistentes para turistas: tinha um metro e setenta de altura, moreno, com um rosto redondo, olhos castanhos e cabelo preto. Mas vestia-se um pouco melhor do que o cidadão comum, devido à sua profissão. Kovacs era contrabandista. Era quase um modo de vida honrado nesse país, dado que contrabandeava na fronteira com um país putativamente marxista a sul, a Jugoslávia, cujas fronteiras eram suficientemente abertas para que um homem esperto pudesse comprar artigos ocidentais, para os vender na Hungria e no resto dos países de Leste. Os controlos fronteiriços com a Jugoslávia não eram apertados, especialmente para os que tinham acordos com os guardas das fronteiras. Kovacs era uma dessas pessoas.

— Olá, Istvan — disse Andy Hudson com um sorriso. «Istvan» era a versão local de Estêvão e Kovacs era o equivalente do apelido inglês Smith, logo, igualmente comum e ubíquo.

— Bom dia, Andy — respondeu Kovacs para o cumprimentar. Ele abriu uma garrafa de Tokay, o vinho local de um amarelo-acastanhado feito de uvas com um fungo que as atacava em certos anos. Hudson aprendera a gostar dele como uma variante local do xerez, com um gosto diferente mas com a mesma finalidade.

— Obrigado, Istvan. — Hudson bebeu um golo. Aquele vinho era muito bom, com seis cestos de uvas bolorentas no rótulo, indicando assim que era da melhor qualidade. — Então, como vão as coisas?

— Na melhor. Os nossos leitores de vídeo são populares entre os jugoslavos e

as cassetes que eles vendem são populares entre todos. Oh, ter uma picha como a daqueles atores! — Riu-se.

— As mulheres também não são nada más — comentou Hudson. Ele vira uma enorme quantidade desse tipo de cassetes.

— Como é que uma *kurva*[33] pode ser tão bonita?

— Suponho que os americanos paguem às suas putas mais do que nós na Europa. Mas, Istvan, aquelas mulheres não têm coração. — Hudson nunca pagara a uma na sua vida. — Pelo menos não no peito.

— Não é o coração delas que quero. — Kovacs voltou a rir-se à gargalhada. Ele já tinha bebido bastante Tokay nesse dia, de modo que não iria saltar a fronteira nessa noite. Bem, ninguém trabalhava continuamente.

— Sou capaz de ter um trabalho para ti.

— Queres que traga o quê?

— Nada. Que leves uma coisa para fora — clarificou Hudson.

— Isso é simples. Os problemas com a Határ-rség colocam-se quando entramos e, mesmo assim, não são muitos. — Ele levantou a mão direita, esfregando o indicador no polegar, no gesto universal acerca do que os guardas da fronteira queriam, dinheiro ou algo que pudessem negociar.

— Bem, este pacote pode ser grande — avisou Hudson.

— Grande como? Queres levar um tanque para fora? — O Exército húngaro acabara de receber uma remessa dos novos tanques russos T-72 e isso fora mostrado na televisão, numa tentativa de animar o espírito lutador das tropas. *Uma perda de tempo*, pensou Hudson. — Isso poderá ser difícil mas pode ser feito, por um preço. — No entanto, os polacos já tinham dado um desses ao Serviço Secreto de Informação britânico, um facto não muito conhecido.

— Não, Istvan, mais pequeno do que isso. Mais ou menos do meu tamanho, mas quatro pacotes.

— Três pessoas? — perguntou Kovacs, recebendo em troca um olhar inexpressivo. Percebeu logo o que estava em jogo. — Ora, uma tarefa simples…*baszd meg*! — concluiu ele. «Que se lixe tudo isso!»

— Pensei que podia contar contigo, Istvan — disse Hudson, com um sorriso. — Quanto é?

— Por três pessoas para a Jugoslávia… — Kovacs pensou por momentos. — Oh, cinco mil marcos alemães.

— *Ez kurva draga!* — objetou Hudson, ou pretendeu fazê-lo. O preço não era caro, não chegaria a mil libras. — Muito bem, meu ladrão! Vou pagar-te esse preço porque és meu amigo, mas só desta vez. — Ele terminou a bebida. Não sei se sabes, mas poderia pôr esses pacotes num avião — sugeriu Hudson.

— Mas o aeroporto é o lugar onde a Határ-rség está atenta — apontou Kovacs. — Os pobres tipos estão sempre bem à vista, com os seus oficiais superiores, e não haverá hipótese de que eles estejam abertos a negociações.

— Suponho que assim seja — concordou Hudson. — Muito bem, vou telefonar-te para saber da tua agenda.

— Ótimo, sabes onde encontrar-me.

Hudson levantou-se.

— Obrigado pela bebida, meu amigo.

— Sempre vai lubrificando as coisas — disse Kovacs, ao abrir a porta para o seu convidado. Cinco mil marcos da Alemanha Ocidental iriam cobrir muitos compromissos e permitir-lhe comprar muitas mercadorias para revender em Budapeste com um lucro razoável.

---

[33] «Puta», em muitas das línguas dos países de Leste. *(N. do T.)*

CAPÍTULO 23

TODOS A BORDO

Zaitzev telefonou para o escritório das viagens às três e meia da tarde. Esperava que isso não indicasse uma ansiedade invulgar, mas todos estavam interessados nos seus planos de férias, deduziu.

— Camarada major, já tem marcação no comboio para depois de amanhã. Sai da estação de Kiev às treze horas e chega a Budapeste um dia depois, exatamente às catorze. O camarada e a sua família têm reservas para a carruagem nove-zero-seis, nos compartimentos A e B. Também já tem reservas para o hotel Astoria, quarto três-zero-sete, durante onze dias. O hotel fica mesmo em frente da Casa da Cultura e da Amizade Soviética, que é, claro está, uma operação do KGB com um serviço de ligação, caso necessite de alguma assistência local.

— Excelente. Muito obrigado pela sua ajuda. — Zaitzev pensou por momentos. — Haverá alguma coisa que eu lhe possa comprar em Budapeste?

— Ora, obrigado camarada. — Ouviu-se um som de agrado na sua voz. — Sim, talvez uns colãs para a minha mulher — disse o funcionário com um tom de voz quase envergonhado.

— De que medida?

— A minha mulher é uma verdadeira russa — respondeu ele, o que queria dizer que não era anorética.

— Muito bem, hei de encontrar qualquer coisa… a minha mulher pode ajudar-me.

— Ótimo, tenha uma boa viagem.

— Sem dúvida — prometeu-lhe Zaitzev.

Com esse assunto resolvido, Oleg Ivanovitch deixou a sua secretária e foi ver o seu supervisor de turno, para lhe anunciar os seus planos para as próximas duas semanas.

— Não existe um projeto lá em cima com o qual só o camarada tem autorização para lidar? — perguntou-lhe o tenente-coronel.

— Sim, mas perguntei ao coronel Rojdestvenskiy e ele disse-me que não me preocupasse com isso. Pode telefonar-lhe para confirmar o que lhe estou a dizer,

camarada — disse-lhe Zaitzev.

E foi isso o que ele fez, na presença de Zaitzev. Essa breve chamada terminou com um «Obrigado, camarada» e, em seguida, levantou os olhos para o seu subordinado.

— Muito bem, Oleg Ivanovitch, está dispensado dos seus deveres a partir desta tarde. Uma coisa, enquanto estiver em Budapeste…

— Com certeza, Andrei Vasiliyevitch, poderá pagar-mos quando eu chegar. — Andrei era um patrão decente que nunca gritava e ajudava o seu pessoal quando lho pediam. Era uma pena que trabalhasse para uma agência que assassinava pessoas inocentes.

E então tratava-se apenas da questão de limpar a secretária, o que não era difícil. Os regulamentos do KGB prescreviam que cada secretária fosse arrumada do mesmo modo, para que um trabalhador pudesse mudar de secretária sem causar confusões, e a de Zaitzev estava arrumada exatamente de acordo com as especificações do escritório. Com os seus lápis devidamente afiados e alinhados, o seu bloco de mensagens no sítio e todos os seus livros no devido lugar, deitou fora o lixo e foi até à casa de banho. Aí, escolheu um compartimento, tirou a gravata castanha e substituiu-a pela das riscas. Olhou para o relógio. Ainda era um pouco cedo. De modo que demorou mais tempo a sair, fumou dois cigarros em vez de um e apreciou a tarde calma, parando para comprar um jornal no caminho e para se mimar a si mesmo, seis maços de *Krasnopresnensky*, os cigarros de alta qualidade fumados pelo próprio Leonid Brejnev, por dois rublos e quarenta. Algo agradável para fumar no comboio. Poderia muito bem gastar os seus rublos agora, decidiu, pois não teriam qualquer valor no país para onde ia. Depois foi até à estação de metro e olhou para o relógio. O comboio, é claro, chegou mesmo à hora certa.

Foley estava no mesmo lugar, a fazer a mesma coisa exatamente da mesma maneira, com a mente num remoinho, enquanto o comboio parava *naquela* estação. Sentiu a ligeira vibração dos passageiros a entrarem e os resmungos das pessoas que esbarravam umas nas outras. Endireitou-se mais e voltou a página. Depois o comboio arrancou. Os engenheiros (ou condutores, fosse lá o que diabo lhes chamassem) gostavam sempre de acelerar. Um instante depois, havia uma presença à sua esquerda. Foley não a via mas podia senti-la. Dois minutos mais

tarde, o comboio começou a abrandar antes de outra estação. Parou, e alguém lhe deu um leve encontrão. Foley voltou-se ligeiramente para ver quem era.

— Desculpe, camarada — disse o *Coelho*. Este tinha uma gravata azul com riscas vermelhas.

— Não há problema — respondeu Foley, com um certo desdém, enquanto o coração lhe saltava no peito.

Muito bem, daqui a dois dias, estação de Kiev, no comboio para Budapeste. O *Coelho* desviou-se uns dois passos e foi tudo. O sinal fora passado.

Foguetes a voar. Foley dobrou o jornal e aproximou-se das portas de correr, para tomar o caminho do costume até ao seu apartamento. Mary Pat estava a fazer o jantar.

— Gostas da minha gravata? Não mo disseste esta manhã.

Os olhos de Mary Pat iluminaram-se. *Depois de amanhã*, deu-se ela conta. Tinham de avisar toda a gente, mas isso era apenas uma coisa meramente processual. Ela esperava que Langley estivesse pronto. A BEATRIX estava a ir um pouco depressa, mas porquê atrasar as coisas?

— Então que é o jantar?

— Bem, eu queria arranjar bifes, mas receio que hoje tenhas de te contentar com galinha frita.

— Isso é ótimo, querida.

— Bifes talvez para depois de amanhã? — perguntou ela.

— Parece-me muito bem, querida. Onde está o Eddie?

— A ver os *Transformers*, como seria de esperar. — Ela apontou para a sala de estar.

— Ora aí está — observou Ed, com um sorriso. — Ele sabe o que é importante. — Foley beijou ternamente a sua mulher.

— Mais tarde, meu tigre… — disse ela, entre dentes. Contudo, uma operação bem-sucedida merecia ser celebrada discretamente. Não que essa já tivesse sido bem-sucedida, mas tudo o parecia indicar e era a primeira de ambos em Moscovo. — Tens as fotografias? — murmurou ela.

Ele retirou-as do bolso do casaco. Não serviriam exatamente para uma capa de revista, mas davam uma boa ideia do *Coelho* e da sua coelhinha. Ainda não sabiam qual o aspeto da Senhora *Coelho*, mas estas fotos teriam de servir. Iriam dá-las a Nigel e a Penny. Um deles estaria de olho na estação, para se certificar

de que a família *Coelho* estaria lá a tempo.

— Ed, há um problema com o chuveiro — disse Mary Pat. — A coisa de onde sai a água não está bem.

— Vou ver se o Nigel tem as ferramentas indicadas. — Foley foi até à porta e pôs-se a andar pelo corredor. Dentro de minutos estavam de volta, Nigel com uma caixa de ferramentas na mão.

— Olá, Mary. — Nigel acenou-lhe, a caminho da casa de banho. Uma vez lá, fez muito barulho a abrir a caixa, antes de pôr a água a correr, e então, qualquer escuta que o KGB aí tivesse estava neutralizada.

— Muito bem, Ed, o que é?

Este passou-lhe as fotografias.

— O *Coelho* e a coelhinha. Ainda não temos nada da Senhora *Coelho*. Vão todos no comboio da uma para Budapeste, depois de amanhã.

— Estação de Kiev — disse Haydock, assentindo com um aceno de cabeça. — Querem que eu arranje uma fotografia da Senhora *Coelho*?

— Pois queríamos.

— Muito bem, posso encarregar-me disso. — As engrenagens começaram logo a funcionar. Como adido comercial, ele poderia arranjar uma história qualquer para o encobrir, pensou Haydock. Arranjaria um repórter comum para o acompanhar e para fazer com que tudo parecesse uma história para as notícias, talvez qualquer coisa sobre turismo. Paul Matthews, do *Times,* alinharia. Pediria a Matthews para levar um fotógrafo e tirar fotografias profissionais de toda a família *Coelho,* para Londres e para Langley. E o Ivan não iria suspeitar de nada. Não importava a relevância da informação do *Coelho*, este era apenas uma cifra, um dos milhares de empregados do KGB que não eram suficientemente importantes para serem notados. De modo que, no dia seguinte, Haydock iria telefonar para os Caminhos de Ferro do Estado Soviético e dizer-lhes que o serviço homónimo do Reino Unido (também detido pelo Estado) estava interessado em saber como é que os russos geriam os deles, de modo que… sim, isso iria funcionar. Não havia nada de que os soviéticos gostassem tanto como de ter outros indivíduos a quererem saber alguma coisa acerca do seu sistema glorioso. Era bom para os seus egos. Nigel estendeu a mão para fechar a água.

— Pronto. Acho que já está reparado, Edward.

— Obrigado, amigo. Há alguns sítios em Moscovo onde se possam comprar

ferramentas?

— Não sei, Ed. Tenho estas desde miúdo. Pertenceram ao meu pai, não sei se estás a ver.

Em seguida, Foley lembrou-se do que acontecera ao pai de Nigel. Sim, ele queria que a BEATRIX fosse bem-sucedida. Queria agarrar todas as oportunidades para meter um pau pelo cu do Urso acima.

— Como está a Penny?

— O bebé ainda não saiu. De modo que temos pelo menos mais uma semana, mas…

— Mas os médicos *nunca* acertam nisso. Nunca — disse Foley ao amigo. — A melhor recomendação é manteres-te por perto. Quando é que estás a pensar apanhar o avião para Inglaterra?

— Creio que daqui a dez dias, segundo o que o médico da embaixada nos disse. Apesar de tudo, é apenas um voo de duas horas.

— O teu médico é um otimista, meu amigo. Estas coisas nunca se passam de acordo com o planeado. Não suponho que queiram ter um inglesinho nascido em Moscovo, pois não?

— Não, Edward, não queremos.

— Bem, não deixes a Penny ir exercitar-se nos trampolins — sugeriu Foley com um piscar de olho.

— É isso que vou fazer, Ed. — O humor americano podia ser um pouco estúpido, pensou o amigo.

Isto poderia ser interessante, cogitou Foley, levando Nigel até à porta. Ele sempre pensara que as crianças inglesas nasciam com cinco anos e que eram mandadas de imediato para o colégio interno. Será que os educavam do mesmo modo que os americanos? Teria de o descobrir.

O corpo de Owen Williams nunca foi recolhido, pois ele não tinha família chegada, a sua ex-mulher não revelava qualquer interesse por ele, especialmente depois de morto. A polícia local, após ter recebido um telex do superintendente-chefe Patrick Nolan, da Polícia Metropolitana de Londres, colocou o cadáver num caixão de alumínio que foi transportado numa carrinha da polícia para sul, até Londres. Mas não foi bem assim. A carrinha parou num local pré-selecionado e o féretro foi transferido para uma outra, sem marcas distintivas, para continuar

a viagem até à cidade. Acabou num necrotério no distrito de Swiss Cottage, a norte de Londres.

O corpo não estava com muito bom aspeto e, dado que ainda não passara pelos cuidados de um agente funerário, não fora composto. A parte posterior, que não fora queimada, tinha um tom azul-arroxeado devido à lividez após a morte. Assim que o coração para de bater, o sangue é puxado pela gravidade para as partes mais baixas do corpo, neste caso a parte de trás, onde, por falta de oxigénio, tende a dar a um cadáver caucasiano uma pálida cor azulada, deixando a parte de cima com uma agradável palidez cor de marfim. O agente funerário, neste caso, era um civil que, ocasionalmente, fazia algum trabalho especial para o Serviço Secreto de Informação. Juntamente com um patologista forense, examinou o corpo em busca de algo fora do comum. O pior era o cheiro a carne humana assada, mas eles tinham o nariz coberto com máscaras cirúrgicas para atenuar esse odor.

— Tatuagem do lado inferior do antebraço, parcialmente queimada mas não totalmente — relatou o agente funerário.

— Muito bem. — O patologista acendeu um maçarico de propano e aplicou a chama ao braço, queimando todas as provas da existência de uma tatuagem. — Mais alguma coisa, William? — perguntou ele, alguns minutos mais tarde.

— Nada que eu consiga ver. A parte de cima do corpo está muito queimada. O cabelo quase já não existe — o cheiro de cabelo humano ardido é particularmente mau —, e há uma orelha bastante queimada. Presumo que este fulano já estava morto antes de começar a ficar com queimaduras.

— Deveria estar — disse o patologista. — Os gases do sangue indicaram um nível de CO2 elevado a um nível letal. Duvido que este pobre diabo tivesse sentido o que quer fosse. — Em seguida, queimou as impressões digitais, esforçando-se por queimar também ambas as mãos com o maçarico, para que não parecesse ter-se tratado de uma mutilação deliberada do corpo.

— Ora aqui está — disse finalmente o patologista. — Se houver maneira de identificar o corpo, não sei como o irão fazer.

— Congelamo-lo agora? — perguntou o agente.

— Não, não me parece. Se o arrefecermos até, digamos, dois ou três graus centígrados, não haverá decomposição que se note.

— Gelo seco, então.

— Sim. O caixão metálico está bem isolado e fecha hermeticamente. O gelo seco não derrete, não sei se sabe. Passa diretamente de sólido a gás. Agora precisamos de o vestir. — O médico trouxera a roupa interior com ele. Esta não era de origem britânica e toda ela estava muito danificada pelo fogo. No geral, era um trabalho repugnante, mas um a que os agentes e os patologistas se tinham habituado muito cedo nas suas profissões. Era apenas uma maneira diferente de pensar, em relação a um tipo de trabalho também diferente. Mas aquilo era extremamente mórbido, mesmo para estes dois. Ambos teriam de tomar umas bebidas extra antes de se irem deitar. Quando acabaram, o caixão de alumínio foi posto de novo na carrinha, que se dirigiu até à Century House. Haveria uma nota na secretária de Sir Basil, pela manhã, para o avisar de que o *Coelho A* estava pronto para a sua última viagem de avião.

Mais tarde, nessa noite, e a uma distância de cinco mil quilómetros, em Boston, no Massachusetts, houve uma explosão de gás no primeiro andar de um edifício de dois pisos com vista para o porto. Estavam lá três pessoas quando a mesma aconteceu. Os dois adultos não eram casados, mas estavam os dois bêbedos, e a filha de quatro anos da mulher (sem relação familiar com o indivíduo que aí residia) já estava deitada. O fogo espalhou-se rapidamente, demasiado rápido para que os dois adultos pudessem reagir devido à intoxicação. As três mortes não demoraram, todas elas por inalação de fumo e não devido a queimaduras. O Departamento de Bombeiros de Boston respondeu dentro de dez minutos, e os homens do escadote de busca e salvamento, que tiveram de abrir caminho entre as chamas sob o jato de duas mangueiras, encontraram os corpos e trouxeram-nos para o exterior, mas, uma vez mais, sabiam que era já era demasiado tarde. O capitão da companhia, que lá se deslocara, pôde ver de imediato o que não tinha corrido bem. Houvera uma fuga de gás na cozinha vinda do fogão que o senhorio não quisera substituir, de modo que três pessoas tinham morrido devido à sua parcimónia. (É claro que iria receber, muito contente, o cheque da companhia de seguros e falar da pena que sentira com o trágico acidente.) Aquele não era o primeiro caso desse género e também não seria o último. Assim, ele e os seus homens iriam ter pesadelos acerca dos três cadáveres, especialmente do da menina. Mas tudo isso fazia parte daquele tipo de trabalho.

A história passara-se suficientemente cedo para aparecer nas notícias das onze

da noite, sob a regra de onde há desgraças há audiências. O agente especial encarregado da Divisão de Campo do FBI em Boston ainda estava acordado e viu-a, pois estava à espera dos resultados do beisebol (ele estivera num jantar oficial e perdera o jogo em direto na NBC). Ao ver a notícia lembrou-se logo do telex lunático que recebera ao princípio do dia. Isso fê-lo praguejar e erguer o auscultador do telefone.

— FBI — disse o jovem agente encarregado dos telefones, ao atender a chamada.

— Acordem o Johnny — ordenou o agente especial. — Uma família morreu num incêndio na Hester Street. Ele irá saber o que fazer. Ele que me telefone para casa se tiver necessidade disso.

— Sim, senhor. — E foi tudo, exceto pelo facto de o assistente especial de serviço John Tyler estar a ler um livro na cama (sendo da Carolina do Sul preferia o futebol americano universitário ao beisebol profissional), quando o telefone tocou. Ele conseguiu resmungar a caminho da casa de banho, depois pegou na pistola e nas chaves do carro para se deslocar para sul. Também vira o telex de Washington e pensara que tipo de drogas Emil Jacobs andaria a tomar, mas não era da sua conta descobrir porquê.

Não muito tempo depois disso, mas cinco fusos horários para leste, Jack Ryan levantou-se da cama, pegou no jornal e ligou a televisão. A CNN também tinha a história do incêndio de Boston (não havia muito mais notícias relevantes nessa noite) e ele murmurou uma oração silenciosa pelas vítimas daquele incêndio, seguida pela especulação acerca da ligação do cano do gás no seu próprio fogão, embora a sua casa fosse mais recente do que as construções em madeira que caracterizavam as casas do Sul de Boston. Aquelas três pessoas tinham ido desta para melhor de um modo violento e rápido. Evidentemente, demasiado rápido para que conseguissem sair. Lembrou-se de o seu pai mencionar muitas vezes o seu respeito pelos bombeiros, pessoas que *entravam* em edifícios a arder em vez de se desviarem deles. A pior parte dessa profissão era o que eles encontravam imóvel lá dentro. Abanou a cabeça ao abrir o seu matutino e estendeu a mão para o café, enquanto a sua mulher médica via a parte final da história do incêndio e tinha os seus próprios pensamentos. Ela lembrava-se de ter tratado vítimas de queimaduras no seu terceiro ano de faculdade e dos horríveis gritos que ocorriam

durante o desbridamento do tecido queimado das feridas, e não havia nada que se pudesse fazer acerca do assunto. Mas essas pessoas em Boston já estavam mortas, era tudo. Ela não gostava, mas já vira muitas mortes, porque por vezes os bandidos levavam a melhor, e era assim que as coisas funcionavam. Não era um pensamento agradável para uma mãe, especialmente dado que a menina em Boston era da idade de Sally e agora nunca poderia crescer. Ela suspirou. Pelo menos iria fazer algumas cirurgias nessa manhã, algo que fazia realmente uma diferença para a saúde de alguém.

Sir Basil Charleston vivia numa casa geminada no bairro luxuoso de Belgravia, a sul de Knightsbridge. Um viúvo, cujos filhos crescidos há muito tinham saído de casa, estava acostumado a viver sozinho, embora tivesse uma pequena equipa de segurança sempre presente. Também tinha um serviço de empregadas que vinham três vezes por semana para fazer limpezas, embora ele não se preocupasse com cozinheiras, preferindo jantar fora e preparar pequenas refeições para si. Tinha, como seria de esperar, os apetrechos usuais para um rei espião: três tipos diferentes de telefones seguros, um telex seguro e uma nova máquina de fax também segura. Não tinha uma secretária permanente, porém, quando havia muito que fazer no escritório e ele não estava lá, um serviço de correio mantinha-o informado do material impresso que circulava pela Century House. De facto, dado que tinha de assumir que a oposição mantinha um olho na sua casa, achava que seria melhor ficar nela em momentos de crise, projetando assim uma imagem de calma. Na verdade, não tinha importância, pois estava firmemente ligado ao Serviço Secreto de Informação através de uma corda umbilical eletrónica.

E era isso que se passava nessa manhã. Alguém na Century House decidira informá-lo de que o Serviço Secreto de Informação tinha o cadáver de um adulto do sexo masculino para ser usado na Operação BEATRIX: o tipo de coisa de que ele estava mesmo a precisar à hora do pequeno-almoço, notou Basil, com uma careta. Contudo, necessitavam de três, um deles uma menina, algo em que não apetecia pensar perante a refeição matinal e as papas de aveia escocesas.

Não obstante, era difícil não se entusiasmar com a Operação BEATRIX. Se o *Coelho* deles estivesse a falar verdade, o que não acontecia com todos eles, esse fulano teria todo o tipo de informação útil na cabeça. A mais importante, é claro,

seria o facto de ele poder identificar os agentes soviéticos que faziam parte do governo de Sua Majestade. Essa era propriamente a função dos Serviços de Segurança, erroneamente chamados MI-5. Mas as duas agências trabalhavam em colaboração, mais de perto do que a CIA e o FBI nos EUA, ou assim parecia a Charleston. Sir Basil e o seu pessoal há muito suspeitavam de uma fuga de informação a um alto nível no Ministério dos Negócios Estrangeiros, mas tinham sido incapazes de descobrir essa pessoa. De modo que, se conseguissem tirar o *Coelho* da Rússia (não era certo até tudo estar resolvido), essa era decerto uma questão que o seu pessoal lhe iria perguntar na casa segura que eles usavam nos arredores de Tauton, nas colinas ondulantes de Somerset.

— Então hoje não vais trabalhar? — perguntou Irina ao marido. Decerto, por essa altura já deveria ter saído para o escritório.

— Não, e tenho uma surpresa para ti — anunciou Oleg.

— O quê?

— Vamos amanhã para Budapeste.

Isso fez com que ela voltasse de súbito a cabeça.

— O quê?

— Decidi tirar os meus dias de férias, e eles têm agora um novo maestro em Budapeste, Jozsef Rozsa. Sei que gostas de música clássica e decidi levar-te a ti e à *zaitchik* até lá, querida.

— Oh — era tudo o que ela tinha a dizer. — E o meu emprego no GUM?

— Será que não te podes libertar dele?

— Bem, sim, suponho — admitiu Irina. — Mas porquê Budapeste?

— Ora, por causa da música e podemos também comprar lá algumas coisas. Tenho uma lista de artigos para arranjar para as pessoas do Centro — disse-lhe ele.

— Ah, sim… Podemos arranjar umas coisas bonitas para a Svetlana — pensou ela em voz alta, em jeito de reflexão. Ao trabalhar no GUM, estava a par do que se podia encontrar na Hungria e que não havia em Moscovo, mesmo nas lojas «vedadas». — De qualquer modo, quem é esse tal Rozsa?

— É um maestro húngaro que está a fazer uma turnê pela Europa de Leste. Ele tem uma ótima reputação, querida. Dizem que o programa deverá incluir composições de Brahms e de Bach, creio eu, uma das orquestras do Estado da

Hungria, e — acrescentou ele — irá haver uma oportunidade para excelentes compras. — Não existia uma mulher em todo o mundo que não respondesse favoravelmente a essa oportunidade, pensava Oleg. Ficou pacientemente à espera da próxima objeção.

— Não tenho nada que vestir.

— Ora, querida, é por isso mesmo que vamos a Budapeste. Lá poderás comprar tudo o que precisares.

— Bem…

— Irina, pensa em Budapeste como uma gigantesca loja de artigos de consumo. Leitores de vídeo húngaros, *jeans* do Ocidente e colãs, perfume verdadeiro. Irás ser a inveja do teu escritório no GUM — prometeu-lhe ele.

— Tu lá sabes — retorquiu ela, com um sorriso um pouco amarelo. — Vou-lhes telefonar mais tarde para os avisar. Suponho que não irão sentir muito a minha falta.

— As únicas pessoas de que eles sentem falta em Moscovo são dos membros do Politburo, e só sentem falta deles durante o dia e meio que levam a substituí-los — anunciou ele.

De modo que aquilo estava resolvido. Iriam de comboio para a Hungria. Irina começou logo a pensar acerca do que pôr nas malas. Oleg deixaria isso a seu cargo. *Dentro de uma semana ou dez dias teremos roupa muito melhor*, disse o oficial de comunicações do KGB a si mesmo. E, talvez dentro de um mês ou dois, eles pudessem ir a esse Planeta Disney na província americana da Florida…

Pensou se a CIA teria alguma ideia da confiança que ele estava a depositar neles, e rezava (uma atividade pouco usual para um oficial do KGB) para que eles funcionassem tão bem como ele esperava.

— Bom dia, Jack.

— Olá, Simon. Que há de novo no mundo? — Jack pousou o copo de café antes de tirar o casaco.

— O Suslov morreu na noite passada — anunciou Harding. — Há de vir nos jornais da tarde.

— Que pena. Mais um morcego a esvoaçar pelo inferno, não acha? — *Pelo menos morrera com uma boa visão, graças ao Bernie Katz e aos tipos do Johns*

Hopkins, ponderou Ryan. — Complicações da diabetes?

Harding encolheu os ombros.

— Para além de ser velho, imagino. Dizem as fontes que se tratou de um ataque de coração. É fantástico que esse velho velhaco tivesse um coração. De qualquer modo, será substituído pelo Mikhail Yevgeniyevitch Andropov.

— E ele não é nada bom de assoar. Quando é que vão «plantar» o Suslov?

— Ele é um membro superior do Politburo. Espera-se um grande funeral de Estado, com banda e outras coisas do género, mais tarde a cremação e um nicho na muralha do Kremlin.

— Olhe, tem-me intrigado, em que pensa um comunista quando sabe que está a morrer? Acha que poderão pensar que foi apenas uma porra de um grande erro?

— Não faço ideia. Mas o Suslov era, evidentemente, um verdadeiro crente. Talvez pensasse em todo o bem que tinha feito durante a sua vida, conduzindo a humanidade para o «Futuro Radiante» de que eles tanto gostam de falar.

Ninguém poderia ser assim tão estúpido, considerou Ryan sem ripostar, mas talvez Simon tivesse razão. Nada permanecia tanto tempo no cérebro de um homem como uma má ideia e, certamente, o *Miguelzinho Vermelho* mantivera as suas más ideias bem perto de não importa que coração que decidira cobrar-lhe os seus serviços. Porém, o melhor cenário de vida após a morte para um comunista corresponderia ao pior de Ryan e, se o comunista estava errado, então, muito literalmente, teria de pagá-las no inferno. Paciência, Michka, oxalá tivesses levado um bom protetor solar.

— Muito bem, que temos para hoje?

— A primeira-ministra quer saber se isto irá ter impacto na política do Politburo.

— Diga-lhe que não. Que não irá ter. Em termos políticos, o Alexandrov irá revelar-se um verdadeiro irmão gémeo do Suslov. Pensa que o Marx é Deus, que o Lenine é o seu profeta e que o Estaline tinha razão na maior parte das vezes, só que era um pouco *nekulturniy* na sua aplicação da teoria política. O resto do Politburo já não acredita nessas coisas, mas têm de fingir. De modo que podíamos dizer que o Alexandrov é o novo maestro da orquestra sinfónica da ideologia. Eles já não gostam muito da música, mas, de qualquer modo, dançam ao som da mesma, porque é a única dança que conhecem. Não me parece que ele

possa mudar uma vírgula nas suas decisões políticas. Aposto que o irão escutar quando ele fala, mas que lhes irá entrar por um ouvido para sair pelo outro. Fingem respeitá-lo, mas isso é tudo fogo de vista.

— É um pouco mais complexo do que isso, mas, essencialmente, é como diz — concordou Harding. — A questão é que tenho de encontrar uma forma de produzir dez páginas com espaço duplo que o digam.

— Sim, em burocratês. — Ryan nunca conseguira dominar esta língua, o que era uma das razões pelas quais o almirante Greer gostava tanto dele.

— Temos os nossos procedimentos, Jack, e a primeira-ministra, de facto todos os primeiros-ministros, gosta de o ter em palavras que ela possa perceber.

— Aposto que a *Dama de Ferro* percebe a mesma linguagem que um estivador.

— Só quando pronuncia essas palavras, Sir John, não quando outros lhas dirigem.

— Pois, creio que sim. — Ryan tinha de concordar com o colega. — De que documentos é que precisamos?

— Temos um extenso ficheiro sobre o Alexandrov. Já pedi que mo trouxessem.

De modo que esse dia iria ser ocupado com escrita criativa, decidiu Ryan. Teria sido bem mais interessante examinar a economia deles, mas, em vez disso, teria de ajudar a construir uma perspetiva, um obituário analítico para um homem de quem ninguém gostara, e que, de qualquer modo, teria morrido sem testamento.

A preparação era ainda mais fácil do que ele imaginara. Haydock esperara que os russos ficassem contentes e, como seria de esperar, uma chamada para o seu contacto no Ministério dos Transportes resolvera a questão. Às dez da manhã seguinte, ele, Paul Matthews e um fotógrafo do *Times* estariam na estação de Kiev para arranjarem uma história acerca dos caminhos de ferro do Estado soviético e de como estes eram comparáveis aos caminhos de ferro britânicos, que necessitavam de alguma ajuda, pensavam alguns ingleses, especialmente nas chefias de gestão.

Matthews suspeitava talvez que Haydock pertencia ao MI-6, mas nunca o insinuara, dado que o espião fora tão útil ao fornecer-lhe histórias. Era a maneira

mais comum de se criar uma amizade jornalística (ensinada mesmo na academia dos Serviços Secretos), mas oficialmente recusada à CIA americana. *O Congresso dos Estados Unidos promulga as mais espantosas e absurdas leis para paralisar os seus serviços de informação*, pensou o inglês, embora soubesse que as regras oficiais eram quebradas diariamente pelas pessoas no terreno. Ele violara algumas dessas regras menos rígidas no seu serviço e nunca fora apanhado, é claro. Tal como nunca fora apanhado a trabalhar com agentes nas ruas de Moscovo.

— Olá, Tony. — Ed Foley estendeu uma mão amiga ao correspondente em Moscovo do *The New York Times*. Perguntou-se se Prince saberia quanto ele o detestava. Mas talvez se tratasse de um ódio mútuo. — Que está a acontecer hoje?

— Estou à espera de uma declaração do embaixador sobre a morte do Mikhail Suslov.

Foley riu-se.

— Que tal o facto de estar imensamente contente por esse cabrão ter morrido?

— Será que o posso citar? — Prince levantou o seu bloco de notas.

Era altura de recuar.

— Não exatamente. Não tenho instruções acerca desse assunto, Tony, e de momento o patrão está ocupado com outras coisas. Receio que só o posso voltar a ver ao fim desta tarde.

— Bem, eu preciso de *uma coisa*, Ed.

— «Mikhail Suslov era um membro importante do Politburo e uma proeminente força ideológica neste país, lamentamos o seu falecimento prematuro.» Acha que está bem?

— A sua primeira citação era melhor e bem mais verdadeira — observou o correspondente do *Times*.

— Chegou a conhecê-lo?

Prince anuiu com um aceno de cabeça.

— Vi-o algumas vezes, antes e depois dos médicos do Hopkins terem tratado da vista dele…

— Isso aconteceu mesmo? Quero dizer, ouvi algumas histórias, mas nada substancial.

Foley gesticulou bastante enquanto falava.

— Era mesmo verdade. Óculos como fundos de garrafas de *Coca-Cola*. Um senhor amável, pensei. Inclusivamente com boas maneiras, mas havia um «homem rijo» por baixo de tudo isso. Creio que ele era o grande sacerdote do comunismo.

— Oh, será que fez votos de pobreza, castidade e obediência?

— Não sei se sabe, mas havia nele algo de esteta, como se fosse realmente uma espécie de sacerdote — observou Prince, após um momento de reflexão.

— Acha que sim?

— Pois acho. Havia qualquer coisa do outro mundo nesse indivíduo, como se conseguisse ver coisas que nós não conseguíamos. Não há dúvida de que acreditava no comunismo e também nunca pediu desculpa por causa disso.

— Estalinista? — perguntou Foley.

— Não, mas há trinta anos tê-lo-ia sido. Posso imaginá-lo a assinar uma ordem de condenação à morte. Não iria perder sono por causa disso, não o nosso Michka.

— E quem é que o vai substituir?

— Não sei — admitiu Prince. — Os meus contactos também não sabem.

— Pensei que já tinham escolhido o outro *Miguelzinho*, esse tal Alexandrov — afirmou Foley, interrogando-se se os contactos de Prince eram tão bons como ele pensava. Aldrabar os repórteres ocidentais era um jogo do agrado da liderança soviética. Era diferente em Washington, onde os repórteres podiam usar um certo poder sobre os políticos. Isso aí não se aplicava. Os membros do Politburo não temiam de modo algum os repórteres. Na verdade era mais o contrário.

Os contactos de Prince não eram assim tão bons:

— Talvez, mas não tenho a certeza. Que se diz por aqui?

— Ainda não fui ao refeitório, Tony. Ainda não ouvi a coscuvilhice — esquivou-se Foley. *Tu não estás à espera de que eu te dê uma pista, pois não*?

— Bem, iremos sabê-lo amanhã ou depois de amanhã.

Mas iria parecer muito bem se fosses o primeiro repórter a prever o que se iria passar, e queres que eu te ajude, não é? Nem por sombras, pensou Foley, mas, em seguida, teve de reconsiderar. Prince não seria um amigo particularmente valioso, mas talvez ele o pudesse usar, e nunca fizera sentido

criar inimigos só por prazer. Por outro lado, ajudar muito esse indivíduo poderia sugerir que Foley ou era um espião ou sabia quem eles eram, e Tony Prince era um desses tipos que gostavam de falar e fazer ver aos outros como ele era esperto… *Não, é melhor para o Prince pensar que sou estúpido, porque ele irá dizer a todos os seus conhecidos como* ele *é inteligente e como* eu s*ou estúpido*.

O melhor disfarce de todos, aprendera ele na Quinta, era pensarem que uma pessoa era cretina e, se bem que embarcar nesse jogo pudesse magoar um pouco o seu ego, era útil para a missão e, para Ed Foley, esta era bastante importante. *De modo que se lixasse o Prince e o que ele pudesse pensar… Eu sou o indivíduo nesta cidade que faz a diferença*.

— Vou ver se consigo fazer perguntas, ver o que as pessoas possam estar a pensar.

— Parece-me bem. — *Não que estivesse à espera do que quer que fosse vindo de ti*, pensou Prince, um pouco alto de mais.

Ele era menos hábil do que parecia no que dizia respeito a esconder os seus sentimentos. Nunca seria um bom jogador de póquer, pensou o chefe de posto, quando o viu sair. Olhou para o relógio. Eram horas de almoço.

Como muitas estações europeias de comboios, a de Kiev estava pintada de um amarelo-pastel. De facto, tal como muitos palácios reais, como se nos primórdios do século xix tivesse havido um excesso de mostarda em todo o continente e um rei qualquer tivesse gostado do tom, de modo que todos tivessem pintado o seu palácio dessa cor. *Nunca acontecera no Reino Unido, graças a Deus*, pensou Haydock. O teto era de vidro numa armação de metal para permitir que a luz entrasse, mas, tal como em Londres, os vidros raramente eram limpos, se alguma vez o chegavam a ser, e, em vez disso, tinham uma camada de fuligem das locomotivas a vapor, há muito desaparecidas, e das suas caldeiras a carvão.

Mas os russos ainda eram russos. Vinham até à plataforma com as suas malas baratas e quase nunca estavam sozinhos. A maioria vinha acompanhada pela família, mesmo que só um deles fosse partir, para que despedidas apropriadas pudessem ser experienciadas com beijos apaixonados, de homem para mulher e de homem para homem, o que nunca deixava de parecer estranho aos ingleses. Contudo, tratava-se de um costume local e todos eles pareciam estranhos aos olhos dos visitantes. O comboio para Kiev, Belgrado e Budapeste iria sair à uma

da tarde em ponto, e os caminhos de ferro russos, tal como o metro, mantinham um horário muito preciso.

A uma curta distância, Paul Matthews estava a conversar com um representante dos caminhos de ferro do Estado soviético acerca da energia usada. Era totalmente elétrica desde que o camarada Lenine decidira trazer a eletricidade e eliminar os piolhos ao longo de toda a URSS. A primeira determinação, estranhamente, provara ser mais fácil do que a última.

A grande locomotiva VL80T, de duzentas toneladas de aço, estava na parte da frente do comboio, na linha três, com três carruagens normais, um vagão-restaurante e seis carruagens-cama de classe internacional, mais três vagões-correio mesmo atrás do motor. Na plataforma viam-se os vários revisores e ajudantes, com uma expressão um pouco enfadada, como era tendência nos russos que trabalhavam em serviços.

Haydock olhava em volta, com as fotografias do *Coelho* e da coelhinha bem gravadas na memória. O relógio da estação marcava meio-dia e um quarto, e isso batia certo com o seu relógio de pulso. Iria o *Coelho* aparecer? Haydock gostava geralmente de chegar cedo para voos ou comboios, talvez devido a um medo de chegar tarde que lhe ficara da sua juventude. Fossem quais fossem as razões, ele já deveria ter aparecido para o comboio da uma. Mas nem todos pensavam assim, lembrou-se Nigel — por exemplo, a sua mulher. Ele estava um pouco receoso de que ela tivesse o bebé no carro a caminho do hospital. Seria uma grande confusão, pensou o espião, enquanto Paul Matthews fazia perguntas e o fotógrafo usava o rolo de películas *Kodak*. Finalmente…

— Esta família que se aproxima agora. Uma menina adorável — observou ele, para quem quer que estivesse perto poder ouvir. O fotógrafo disparou logo dez fotografias e, em seguida, mudou para uma *Nikon* para tirar mais dez. *Excelente*, pensou Haydock. Ele iria revelá-las e enviá-las para… não, ele iria pessoalmente entregá-las a Ed Foley e certificar-se de que as outras seguiriam através de um mensageiro da rainha (a expressão um pouco mais digna que os britânicos usavam para correio diplomático), de modo que pudessem garantir que as mesmas estariam nas mãos de Sir Basil antes de ele se ir deitar. Interrogou-se como é que eles iriam fazer para encobrirem a fuga do *Coelho* — decerto tal implicaria arranjarem cadáveres. Era de mau gosto, mas possível. Estava contente por não ter de tratar de todos os detalhes.

Com efeito, a família *Coelho* passou a pouco mais de um metro dele e do seu amigo repórter. Não houve troca de palavras, se bem que a menina, como todas as meninas em qualquer lado, se tivesse voltado ao passar para olhar para ele. Ele piscou-lhe o olho, a que ela respondeu com um sorriso. E então afastaram-se, foram até ao funcionário da estação para lhe mostrarem os bilhetes.

Matthews continuou a fazer as suas perguntas e obteve respostas muito simpáticas do sorridente ferroviário russo.

Quando faltava meio minuto para a hora da partida, o revisor (ou pelo menos foi o que Haydock assumiu com base no uniforme coçado) começou a andar para baixo e para cima ao lado do comboio, certificando-se de que todas as portas, à exceção de uma, estavam trancadas. Soprou num apito e agitou o que parecia ser uma raquete para avisar o engenheiro de que eram horas de partir e, à uma em ponto, uma buzina soou e o comboio começou a deslocar-se lentamente da plataforma, ganhando velocidade pouco a pouco, à medida que se dirigia para oeste na espaçosa ferrovia, em direção a Kiev, Belgrado e Budapeste.

CAPÍTULO 24

COLINAS ONDULANTES

Era uma aventura para Svetlana, sobretudo, mas, na verdade, para todos eles, dado que a família Zaitzev nunca apanhara um comboio intercidades. As ferrovias à saída eram como quaisquer outras: quilómetros de carris paralelos e divergentes, com vagões e carruagens a transportar não se sabia bem o quê, não se sabia bem para onde. A irregularidade dos carris apenas parecia aumentar a velocidade aparente. Oleg e Irina acenderam cigarros e olharam com um interesse casual através das janelas enormes e sujas. Os assentos não eram maus, e Zaitzev podia ver o modo como as camas se desciam e recolhiam.

Tinham dois compartimentos, na verdade, com uma porta entre eles. O apainelado era em madeira (bétula, segundo parecia) e, mais invulgar ainda, cada compartimento tinha a sua própria casa de banho, de modo que a *zaitchik* teria uma só para ela, pela primeira vez na sua vida, algo que ela ainda teria de aprender a apreciar.

Cinco minutos depois de ter saído da estação, o revisor veio ver os bilhetes que Zaitzev lhe passou para a mão.

— O senhor é da Segurança do Estado? — perguntou o revisor delicadamente. *Com que então, o oficial de viagens do KGB fez um telefonema por causa de mim*, pensou Zaitzev. *Ainda bem*. Aquele fulano sentado à secretária queria mesmo os colãs para a mulher.

— Não estou autorizado a discuti-lo, camarada — respondeu Oleg Ivanovitch, com um olhar austero, certificando-se de que esse empregado apreciava a sua importância. Isso era um modo de se assegurar de que teria um serviço adequado. Um oficial do KGB não era tão bom como um membro do Politburo, mas era uma posição muito melhor do que a do gerente de uma fábrica. Não era tanto o facto de temerem o KGB, mas não queriam atuar de modo a atraírem negativamente a atenção por parte da agência.

— Sim, com certeza, camarada. Se precisar de alguma coisa, não hesite em chamar-me. O jantar é às seis e o vagão-restaurante é já a próxima carruagem. — Ele apontou.

— Como é a comida? — decidiu Irina perguntar. Decerto, estar casada com um oficial do KGB tinha as suas vantagens…

— Não é má, camarada — respondeu o revisor, delicadamente. — Eu também lá como — acrescentou ele, o que queria dizer alguma coisa, pensaram Oleg e Irina.

— Obrigada, camarada.

— Oxalá gostem de viajar connosco — disse ele, antes de se ir embora.

Oleg e Irina pegaram em livros. Svetlana pôs o nariz contra a janela para ver o mundo a passar, e assim começou a viagem, apenas com um deles a saber qual seria o destino final. O Oeste da Rússia é principalmente uma região de extensas planícies e horizontes distantes, não muito diferente do Kansas ou do Leste do Colorado. Era aborrecido para todos, exceto para a sua *zaitchik*, para quem tudo era novo e excitante, especialmente o gado que estava a comer erva. *As vacas*, pensou ela, *são muito engraçadas*.

Em Moscovo, Nigel agradeceu ao burocrata do Ministério dos Transportes pela sua esplêndida ajuda, tal como Paul Matthews, e, em seguida ambos se dirigiram para a Embaixada Britânica. Esta tinha um laboratório de fotografia, e o fotógrafo entrou nele, enquanto Matthews seguiu Nigel até ao escritório deste.

— Então, Paul, será que há aqui alguma história interessante?

— Suponho que talvez haja. Será que é assim tão importante que haja uma?

— Bem, é-me grato saber que os soviéticos possam pensar que consigo trazer mais atenção à glória do país deles — explicou Haydock, com uma gargalhada.

Tu és do MI-6, não és?, pensou Matthews, sem mencionar a sua suspeição.

— Suponho que posso escrever qualquer coisa, só Deus sabe como os caminhos de ferro britânicos precisam de um empurrão. Talvez isto encoraje o ministro das Finanças a dar-lhes algum dinheiro.

— Até nem é uma má ideia — concordou Nigel. Era óbvio que aquele convidado tinha as suas suspeições, mas tinha a decência de não as mencionar, talvez até um dia mais tarde, quando Nigel estivesse de novo numa secretária da Century House e eles estivessem num bar de Fleet Street.

— Quer ver as fotografias?

— Se não se importasse…

— Nem por sombras, acabamos por deitar fora a maioria delas, como sabe.

— Ótimo — retorquiu Haydock. Depois, foi até ao armário por trás da sua secretária. — Bebe alguma coisa, Paul?

— Obrigado, Nigel. Sim, um xerez caía bem.

Dois xerezes mais tarde, o fotógrafo entrou com um dossiê cheio de fotografias. Haydock pegou nele e começou a examiná-lo.

— Faz um trabalho excelente. Sabe, quando uso a minha *Nikon* nunca consigo regular bem a luz… — disse ele. Ora aqui está, uma boa fotografia de família do *Coelho* e o que é mais importante é que temos a Senhora *Coelho*. Havia três, qualquer delas melhor do que a última. Ele pô-las na gaveta e passou-lhe o dossiê. Matthews percebeu.

— Bem, tenho de voltar para o meu escritório e escrever esta história. Obrigado pela sua ajuda, Nigel.

— O prazer foi todo meu, Paul. Conseguem sair daqui sozinhos?

— Sem problema, meu amigo. — E Matthews e o seu fotógrafo desapareceram no corredor. Haydock voltou a atenção para as fotografias. A Senhor *Coelho* era uma russa típica, com um rosto eslavo arredondado. Poderia ter tido um milhão de irmãs idênticas através da União Soviética. Precisava de perder alguns quilos e de se arranjar de uma maneira diferente no Ocidente… *Se é que eles lá chegam*, pensou ele. De altura teria cerca de um metro e sessenta, mais ou menos sessenta e cinco quilos, e não era nada feia. A criança, segundo podia ver, era um amor, com os seus olhos azuis muito vivos e uma expressão de contentamento. Era demasiado nova para aprender a esconder os seus sentimentos por detrás de uma máscara inexpressiva, como quase todos os adultos aí faziam. Não, as crianças eram iguais em todo o lado, com a sua inocência e curiosidade insaciável. Mas, o que era mais importante, eles tinham agora fotografias da família *Coelho*.

Os correios eram no último andar, perto do escritório do embaixador, Sir John Kenny. Haydock passou-lhe um envelope de papel manila, com um fecho metálico, cola e cera sobre a aba. A morada na parte da frente designava o apartado do Ministério dos Negócios Estrangeiros que remetia a missiva diretamente para Whitehall, através do Tamisa, até à Century House. O saco do correio era uma luxuosa pasta de couro com o brasão da Casa Real de Windsor gravado em ambos os lados. Havia também umas algemas para ele prender a mala ao pulso, apesar das regras severas da Convenção de Viena. O Mensageiro

da Rainha tinha um automóvel à sua espera para o levar até ao Aeroporto Internacional de Sheremetyevo, para o voo de regresso da tarde, num 737 da British Airways até Heathrow. As fotografias estariam nas mãos de Sir Basil antes de ele ir para casa ao fim da tarde e, decerto, alguns especialistas da Century House ficariam a trabalhar até mais tarde para as examinarem. Essa seria a última verificação para determinar se o *Coelho* era genuíno. O seu rosto seria comparado com os dos oficiais conhecidos do KGB, tanto os que trabalhavam no terreno como na segurança, e, se houvesse uma má surpresa, Ed e Mary Foley estariam em maus lençóis. Mas Haydock não estava à espera que tal acontecesse. Concordava com os seus homólogos da CIA. Aquele homem tinha um aspeto verdadeiro e parecia sê-lo. Mas esse também era o caso das boas pessoas da Segunda Direção-Geral, não era? A sua última paragem foi nas Comunicações, para enviar uma mensagem para a sede do Serviço Secreto de Informação, dizendo que uma mensagem importante, relacionada com a Operação BEATRIX, estava a caminho por correio diplomático. Isso iria fazer com que todos abrissem muito os olhos e um homem do Serviço Secreto estaria à espera desse envelope em particular na sala do correio em Whitehall. *Apesar da burocracia do governo ser uma coisa lenta,* pensou Haydock, *quando se tinha uma coisa importante a fazer, esta geralmente era feita depressa, pelo menos no Serviço Secreto de Informação britânico.*

O voo demorou duas horas e vinte minutos. Atrasara-se um pouco devido a ventos adversos, antes de chegar ao terminal três do aeroporto de Heathrow. Aí, um representante do Ministério dos Negócios Estrangeiros levou rapidamente o correio para a baixa de Londres, num *Jaguar* preto particular. O Mensageiro da Rainha fez a sua entrega e foi para o seu escritório. Antes mesmo de lá ter chegado, o oficial do Serviço Secreto pegara no pacote e levara-o rapidamente para o outro lado do Tamisa, através da ponte de Westminster.

— Já veio? — perguntou Sir Basil.

— Aqui o tem. — O mensageiro passou-lhe o envelope. Charleston examinou o modo como fora selado e, satisfeito com o facto de ninguém o ter tentado abrir, usou o abre-cartas para aceder ao seu conteúdo. Então, pela primeira vez, viu o aspeto do *Coelho*. Três minutos depois, Alan Kingshot entrou. Charleston passou-lhe as fotografias a cores.

Kingshot pegou na primeira e olhou muito para ela.

— Este é então o nosso *Coelho*, não é verdade?

— Pois é, Alan — confirmou Sir Basil.

— Tem um aspeto bastante vulgar. A mulher também. A menina é muito engraçada — pensou o espião no terreno, em voz alta.

— Deixaram a estação de Kiev há cerca de cinco horas e meia.

— O Nigel não perdeu tempo. — Kingshot olhou mais detalhadamente para os rostos, pensando qual o tipo de informação que se esconderia no cérebro por detrás do rosto desse homem, e se eles a poderiam usar ou não. — A BEATRIX, pelo que vejo, está a avançar. Será que já temos os corpos?

— O homem de York parece-me aproximado. Receio que tenhamos de lhe queimar o rosto — observou Charleston, com uma careta.

— Não me surpreende, Sir Basil — concordou Kingshot. — E os outros dois?

— São dois candidatos da América. Mãe e filha, mortas quando a casa delas em Boston se incendiou. O FBI está a trabalhar no assunto neste preciso momento. Temos de lhes enviar já esta fotografia para nos certificarmos de que esses cadáveres poderão substituir o resto da família.

— Posso encarregar-me disso agora, se o desejar, Sir Basil.

— Sim, Alan, trate disso.

A máquina no andar de baixo transmitia imagens a cores como as que eram usadas pelos jornais. Era relativamente nova e o seu operador disse a Kingshot que era muito fácil de usar. Dirigiu apenas um olhar superficial à fotografia. A transmissão para uma máquina idêntica da *Xerox* em Langley levou menos de dois minutos. Kingshot levou a fotografia para a devolver ao escritório de Charleston.

— Está feito, Sir Basil.

Este convidou-o a sentar-se. Charleston olhou para o relógio, esperando cinco minutos, porque a sede da CIA era um grande edifício e as pessoas encarregadas das comunicações estavam na cave. Depois, telefonou para o juiz Moore na linha segura e exclusiva.

— Boa tarde, Basil — disse Moore, através do circuito digitalizado.

— Bom dia, Arthur. Já tem a fotografia?

— Acabou de chegar. Parece ser uma bela família — observou o diretor-geral de Informação. — Foi tirada na estação de comboios?

— Sim, Arthur, eles já vão a caminho neste momento. Irão chegar a Budapeste às vinte e duas, não, às vinte e uma horas.

— Muito bem, vocês estão prontos desse lado?

— Em breve iremos estar. No entanto, há ainda a questão daquelas infelizes em Boston. Já temos o cadáver do homem. Parece, à primeira vista, que irá servir muito bem para o que precisamos.

— Ótimo, vou pôr o FBI a despachar as coisas por aqui — respondeu Moore. Teria de enviar aquela fotografia imediatamente até ao edifício Hoover. *Poderia também partilhar esse assunto mórbido com o Emil*, pensou.

— Muito bem, Arthur, mantê-lo-ei informado.

— Ótimo, Basil, até à próxima.

— Excelente. — Charleston desligou o telefone, em seguida dirigiu o olhar para Kingshot. — Será que o vosso pessoal já começou a preparar o transporte do corpo para Budapeste?

— Quando?

— Três dias deverão bastar — pensou Sir Basil, em voz alta.

Charleston pensou por instantes e decidiu que era a altura de avisar o americano. Pressionou outro botão no telefone. A chegada de Ryan demorou apenas um minuto e meio.

— Chamou, Sir Basil? — disse Ryan, entrando no escritório.

— A sua viagem até Budapeste será daqui a três dias, talvez quatro, mas é mais provável que sejam três…

— E de onde devo partir?

— Há um voo de manhã, da British Airways, que parte de Heathrow. Pode partir daqui ou apanhar um táxi em Victoria Station. Será acompanhado no voo por um dos nossos e recebido em Budapeste pelo Andy Hudson, que é o nosso chefe de posto no local. É uma boa pessoa. Gere muito bem esse posto.

— Sim, senhor — disse Ryan, não sabendo que diabo mais dizer, já a preparar-se para a sua primeira missão no terreno como espião. Em seguida, era a ocasião de fazer uma pergunta. — Que é que exatamente irá acontecer, Sir Basil?

— Ainda não tenho a certeza, mas o Andy tem bons contactos com os contrabandistas locais. Creio que irá arranjar uma travessia para a Jugoslávia e depois para aqui, num avião comercial.

Ótimo, mais sacanas de aviões, cogitou Ryan. *Será que não poderíamos apanhar o comboio*? Mas os ex-fuzileiros não deveriam mostrar medo.

— Muito bem, creio que isso irá funcionar.

— Poderá falar com o seu *Coelho,* discretamente — avisou Charleston. — Depois poderá participar no nosso primeiro interrogatório em Somerset. Finalmente, espero que seja um dos indivíduos que o acompanhem até aos EUA, talvez num transporte da Força Aérea americana que saia de RAF Brentwaters.

Quando não chove troveja, pensou Jack. O seu ódio a viagens de avião era algo que ele teria de ultrapassar e, intelectualmente, sabia que, mais tarde ou mais cedo, teria de o fazer. O problema é que *ainda* não conseguira ver-se livre do medo. Bem, pelo menos não iria voar para lado nenhum num CH-46 com uma transmissão meio avariada. Essa era a sua linha vermelha.

— E quanto tempo irei estar longe de casa? — *E dormir longe da minha mulher*?, pensou Ryan.

— Quatro dias, quando muito sete. Depende do modo como as coisas correrem em Budapeste — respondeu Charleston. — É difícil prevê-lo.

Nenhum deles alguma vez comera a cento e vinte quilómetros por hora. A aventura, para a menina, tornava-se cada vez melhor. O jantar foi adequado. A carne de vaca era normal para a União Soviética, de modo que eles não ficaram desapontados; tinham-na servido juntamente com batatas e verduras e, é claro, uma garrafa de vodca, uma das melhores marcas, para aliviar os incómodos da viagem. Eles estavam a seguir em direção ao pôr do Sol, agora em terrenos usados exclusivamente para a agricultura. Irina debruçou-se sobre a mesa para cortar a carne da *zaitchik,* observando o seu anjinho a jantar, como a rapariga crescida que ela dizia ser, e a beber um copo de leite frio.

— Então estás a ansiar pelas nossas férias, minha querida? — perguntou Oleg à mulher.

— Sim, especialmente as compras. — Era óbvio.

Uma parte de Oleg Ivanovitch estava calma, de facto há muitas semanas que não se sentia tão calmo. Estava mesmo a acontecer. A sua traição (parte da sua consciência ainda pensava dessa maneira) estava a tomar forma. Quantos dos seus compatriotas, pensou ele, de facto quantos dos seus colegas no Centro, aproveitariam essa oportunidade se tivessem coragem para o fazer? Ninguém o

saberia. Ele vivia num país e trabalhava num escritório onde todos escondiam os seus pensamentos mais íntimos. E, no KGB, mesmo o costume russo de santificar amizades especialmente íntimas, ao revelar coisas que nos poderiam levar à prisão, confiando que um verdadeiro amigo nunca nos iria denunciar, não se aplicava. Um oficial do KGB não fazia essas coisas. Aquela organização fundava-se no balanço dicotómico entre lealdade e traição. Lealdade para com o Estado e com os seus princípios e traição para todos aqueles que os violassem. No entanto, dado que já não acreditava nesses mesmos princípios, voltara-se para a traição para salvar a alma.

Agora a traição estava em marcha. Se a Segunda Direção-Geral soubesse dos seus planos nem por sombras o teriam deixado embarcar. Ele poderia sair em qualquer paragem intermédia, ou até saltar do comboio quando este abrandasse de velocidade ao aproximar-se de um ponto pré-planeado, e escapar para as mãos do Ocidente, que poderiam estar à sua espera em qualquer lugar. Não, ele encontrava-se a salvo, pelo menos desde que se mantivesse dentro desse comboio. De modo que poderia estar calmo, de momento, deixaria que as coisas se passassem normalmente e esperaria para ver. Continuava a dizer a si mesmo que estava a fazer o que devia e desse conhecimento vinha-lhe a impressão, não importava se ilusória, da sua segurança pessoal. Se existia um Deus, decerto Ele iria proteger um homem que tentava fugir da maldade.

O jantar em casa de Ryan era outra vez esparguete. Cathy tinha uma receita particularmente boa para o molho (da mãe, que não tinha uma gota de sangue italiano) e o marido adorava-o, especialmente com um bom pão italiano que Cathy descobrira numa padaria local na baixa de Chatham. Não tinha cirurgias marcadas para o dia seguinte, assim podiam beber vinho ao jantar. Era a altura de lhe dizer.

— Querida, tenho de viajar dentro de alguns dias.

— É essa coisa da NATO?

— Receio bem que sim. Parece que vai ser três ou quatro dias… talvez um pouco mais.

— De que vão tratar, podes dizer?

— Não, não estou autorizado a fazê-lo.

— Assuntos de espionagem?

— Pois. — Ele poderia dizer isso.

— Que é um espião? — perguntou Sally.

— É o que o teu pai faz — retorquiu Cathy, sem pensar.

— Como as pessoas esquisitas no *Feitceirodoz*? — continuou Sally.

— O quê? — perguntou o pai.

— O Leão Cobarde diz que tem medo das pessoas esquisitas — comentou Sally.

— Ah, queres dizer *O Feiticeiro de Oz*. — Era o seu filme favorito até essa altura.

— Foi isso que eu *disse*, papá. — Como é que o pai podia ser tão estúpido?

— Não, o teu pai não é uma pessoa esquisita — disse Jack à filha.

— Então porque é que a mãe o disse? — insistiu Sally. *Ela tem o estofo de um bom agente do FBI*, ponderou Jack por momentos.

Era a vez de Cathy.

— Sally, a mãe estava a brincar.

— Oh. — Sally voltou a comer o *espiguete*. Jack olhou para a mulher. Eles não poderiam falar do seu trabalho em frente da filha, nunca. As crianças não sabiam manter segredos por mais de cinco minutos. De modo que ele aprendera a não dizer nada em frente de uma criança que não quisesse ver na primeira página do *Washington Post*. Todos em Grizedale Close pensavam que John Patrick Ryan trabalhava na Embaixada Britânica e que tinha a sorte de estar casado com uma médica. Eles não precisavam de saber que ele era um agente da CIA. Haveria muita curiosidade; muitas piadas.

— Três ou quatro dias? — perguntou Cathy.

— É isso que me dizem. Talvez um pouco mais, mas não muito, creio eu.

— E é importante? — Sally saíra à mãe no que se prendia com a sua natureza inquisitiva, deduziu Jack, e talvez um bocadinho a si.

— É suficientemente importante para me atirarem para dentro de um avião. — Isso chamou-lhe a atenção. Cathy sabia quanto o seu marido detestava andar de avião.

— Bem, tens a tua receita de Valium. Será que também queres um betabloqueador?

— Não, querida. Não desta vez.

— Sabes, se enjoasses no avião seria mais fácil perceber. — E mais fácil de

tratar, não o teve ela de dizer.

— Querida, tu estavas lá quando eu tive o meu problema de costas, lembras-te? Tenho algumas memórias más acerca de voos. Talvez quando regressarmos possamos ir de barco — acrescentou ele, com alguma esperança na voz. Mas não, não iria funcionar. Nunca no mundo real.

— Mas andar de avião é muito bom — protestou Sally. Não havia dúvida de que ela saía mais à mãe.

As viagens são inevitavelmente cansativas, de modo que a família de Zaitzev teve uma agradável surpresa ao ver as suas camas descidas e feitas, quando chegou aos seus compartimentos. Irina vestiu à filha uma pequena camisa de noite amarela, com flores no que teria sido o corpete. A menina despediu-se dos pais com um beijo, como de costume, e meteu-se na cama sozinha (ela insistia em fazê-lo), por baixo das cobertas. Em vez de dormir, pousou a cabeça na almofada e olhou pela janela para o campo escuro que parecia deslizar. Apenas algumas luzes nos edifícios das quintas coletivas, mas, não obstante, isso era algo atrativo para uma menina.

A mãe e o pai deixavam a porta de ligação entreaberta, não fosse ela ter um pesadelo ou outra necessidade que pudesse requerer um abraço reconfortante. Antes de ir para a cama, Svetlana olhara para baixo da cama, para ver se poderia haver espaço onde um enorme urso preto se pudesse esconder, e ficou satisfeita com o facto de tal esconderijo não existir. Oleg e Irina abriram os livros e, lentamente, acabaram por adormecer com a trepidação do comboio.

— A BEATRIX já está a andar — disse Moore ao almirante Greer. — O *Coelho* e a família já estão no comboio, talvez a entrarem agora na Ucrânia.

— Detesto ter de esperar desta maneira — observou o vice-diretor de Informação. Era fácil para ele admiti-lo. Ele nunca fora para o terreno numa missão de informação. Não, o seu trabalho fora sempre sentado a uma secretária, a analisar informação importante. Eram tempos assim que lhe lembravam os prazeres de ficar de vigia num navio de guerra, especialmente submarinos, no seu caso, onde se poderia olhar para o vento e para as ondas, sentir a brisa no rosto e, com uma mera troca de palavras, mudar a velocidade da embarcação em vez de ficar à espera, para ver o que o mar ou um navio distante nos poderiam fazer. Lá, tinha-se a ilusão de sermos donos do nosso destino.

— A paciência é a virtude mais difícil de adquirir, James e, quanto mais se impacienta, mais irá precisar dela. Para mim, isto é como estar sentado numa sala de tribunal à espera que os advogados cheguem à maldita parte relevante. Pode demorar um tempo infinito, especialmente quando se sabe o que esses parvos vão dizer — admitiu Moore. Ele também lá tinha estado e fizera isso, no terreno. Mas grande parte dessa função também era composta de esperas. Nenhum homem controlava o seu destino e isso era um conhecimento que se adquiria mais tarde na vida. Uma pessoa ia-se arrastando de um lado para o outro, tentando cometer o menor número de erros.

— Já avisou o presidente?

Moore abanou a cabeça.

— Não há necessidade de o pôr aos saltos. Se ele pensa que esse tipo tem informação que ele não tem… que diabo, porquê desapontá-lo? Já fazemos aqui o suficiente, não é verdade?

— Arthur, nós nunca temos informação suficiente e, quanto mais temos, mais apreciamos aquilo de que necessitamos e não temos.

— James, meu rapaz, nem todos fomos educados para sermos filósofos.

— Isso vem com o cabelo grisalho, Arthur.

Nesse momento, entrou Mike Bostock.

— Mais dois dias e a Operação BEATRIX irá fazer parte dos livros de História — anunciou ele, com um sorriso.

— Mike, onde diabo é que aprendeu a acreditar no Pai Natal? — ripostou o diretor-geral.

— Senhor juiz, é assim: encontrámos um desertor que está a fugir da Rússia neste momento. Temos uma boa equipa para o retirar da Terra Vermelha. Confiamos nas tropas que foram enviadas para fazer o trabalho.

— Mas nem todas essas tropas são nossas — esclareceu Greer.

— Ao Basil nada lhe escapa. O senhor almirante sabe disso.

— É verdade — admitiu Greer.

— Então, vai ficar à espera de ver o que está por baixo da árvore de Natal, Mike? — perguntou Moore.

— Já mandei a minha carta ao Pai Natal e ele traz-me sempre tudo. Todos sabem disso. — Ele estava encantado com as possibilidades. — Que vamos fazer com o *Coelho* quando ele chegar?

— Levamo-lo para a quinta em Winchester, imagino — pensou Moore, em voz alta. — Damos-lhe algum tempo para descontrair, levamo-lo a fazer pequenos passeios.

— Que é que lhe pagaremos? — perguntou Greer.

— Depende — disse Moore. Era ele quem controlava esse aspeto com o orçamento secreto da Agência. — Se a informação for boa… Oh, poderá chegar a um milhão, imagino. E um bom trabalho para ele, logo que lhe possamos extrair tudo o que queremos.

— Estou a pensar onde — disse Bostock.

— Oh, vamos deixar que seja ele a decidi-lo.

Era um processo simultaneamente simples e complexo. A família *Coelho* teria de aprender inglês, de arranjar novas identidades. Para começar, precisavam de nomes novos, talvez torná-los imigrantes noruegueses, o que explicaria os seus sotaques. A CIA tinha o poder de admitir um total de cem novos cidadãos todos os anos, através do Serviço de Imigração e Naturalização (e nunca usavam todo esse número). Os *Coelhos* iriam precisar de um número de Segurança Social, cartas de condução (talvez lições de condução, se não para ambos, certamente para ela) junto do estado da Virgínia. A Agência tinha um entendimento cordial com o governo desse estado. Richmond nunca fazia muitas perguntas.

Depois vinha a ajuda psicológica para aqueles que tinham deixado para trás tudo o que tinham conhecido e teriam de se desenvencilhar num país novo e muito diferente. A Agência tinha uma avença com um professor de Psicologia da Universidade de Colúmbia para tratar desse assunto. Depois iriam encontrar antigos desertores e dissidentes para os ajudarem nos primeiros passos da transição. Nada disso era fácil para os novos imigrantes. Para os russos, os EUA eram como uma loja de brinquedos para uma criança que nunca vira e não sabia que existia uma loja assim… Era irresistível em todos os aspetos, sem quaisquer pontos de comparação, quase como um planeta diferente. Teriam de o tornar o país tão confortável para os desertores quanto possível. Em primeiro lugar devido à informação e, segundo, para se certificarem de que eles não quereriam voltar. Tal seria quase uma morte certa, pelo menos para o marido, mas já acontecera antes, tão forte era esse chamamento para todos os homens.

— Se ele gosta de um clima frio, poderemos enviá-lo para Minneapolis-Saint Paul — sugeriu Greer. — Mas, meus senhores, será que não estamos a pôr o

carro muito à frente dos bois?

— James, é sempre a voz dos conselhos sóbrios — observou o diretor-geral de Informação, com um sorriso.

— Alguém tem de o fazer. Os ovos ainda não terminaram o choco. Só mais tarde é que podemos contar os pintos.

E se ele não souber porra de nada?, pensou Moore. *E se ele for apenas um tipo em busca de um bilhete de saída? Raios partam este ramo!*, completou o diretor-geral de Informação esse pensamento.

— Bem, o Basil irá manter-nos informados, e temos o seu rapaz, o Ryan, a olhar pelos nossos interesses.

— Isso são ótimas notícias, senhor juiz. — Bostock abanou a cabeça. — Sir Basil deve estar a rir-se disso.

— É um bom rapaz, Mike. Não o subestime. Os que o fizeram estão agora na prisão estadual do Maryland, à espera de que os seus recursos se resolvam — afirmou Greer, em defesa do seu protegido.

— Pois, bem, ele foi em tempos um fuzileiro — admitiu Bostock. — Que digo eu ao Bob quando ele telefonar?

— Nada — disse logo o diretor-geral. — Até sabermos, através do *Coelho*, que parte das nossas comunicações estão comprometidas… Temos de ter cuidado com as mensagens que enviamos, não é verdade?

Bostock assentiu com um aceno de cabeça, como um aluno do primeiro ano de escolaridade.

— Sim, senhor.

— Já pus a Direção de Ciência e Tecnologia a examinar as nossas linhas telefónicas. Dizem que não há problemas. O Chip Bennet ainda está a levantar um grande burburinho e a andar às voltas em Fort Meade. — Moore não tinha de dizer que a alegada afirmação do *Coelho* fora a revelação mais aterrorizadora para Washington desde Pearl Harbor. Mas talvez eles conseguissem inverter as coisas para o Ivan. A esperança era algo que nunca faltava em Langley, tal como em qualquer outro lado. Era muito pouco provável que os russos soubessem alguma coisa que a Direção de Ciência e Tecnologia não soubesse. Mas tinha de se comprar o bilhete para se poder ver o espetáculo.

Ryan não demorou tempo a fazer as malas. Cathy era melhor a fazê-las, mas ele

não sabia o que iria necessitar. Deveria levar um fato? O seu equipamento dos fuzileiros (ele ainda o tinha, incluindo as barras douradas dos colarinhos)? Bons sapatos de couro? Ténis? Estes, pensou ele, pareciam-lhe apropriados. Acabou por se decidir por um fato de tipo intermédio e dois tipos de calçado, um semiformal e outro informal. E tudo tinha de caber numa mala — para tal, levava uma mala de lona para dois fatos que era fácil de carregar e não dava nas vistas. Deixou o passaporte na gaveta da secretária. Sir Basil iria dar-lhe um novo, britânico, um passaporte diplomático ou do género «vão-se lixar». Talvez até um nome novo. *Caramba*, considerou Jack, *um novo nome para me lembrar e para reagir quando me chamam*.

Havia uma coisa boa acerca da Merrill Lynch: sabíamos sempre quem éramos. *É claro*, continuou a mente de Jack, *nunca iria deixar que toda a gente soubesse que ele era um admirador do jogador de beisebol Joe Muller*. Qualquer sacana opinioso podia fazer dinheiro, e o seu sogro era um deles.

— Já acabaste? — perguntou Cathy, por detrás dele.

— Mais ou menos, querida — respondeu Jack.

— O que vais fazer não é perigoso, pois não?

— Não espero que seja… — Mas Jack não conseguia mentir e a sua incerteza era suficiente para levantar suspeitas.

— Para onde vais?

— Já te disse, lembras-te? Para a Alemanha. — *Já estou a ver que ela me apanhou de novo*.

— Uma coisa da NATO?

— Foi isso que me disseram.

— Que fazes em Londres, Jack? A Century House tem que ver com agências de informação e…

— Cathy, já te disse antes. Sou um analista. Examino informação de várias fontes, tento perceber o seu significado e escrevo relatórios para as pessoas lerem. Não sei se sabes, mas não é assim tão diferente do que fazia na Merrill Lynch. O meu trabalho é olhar para informação e descobrir o que ela quer dizer. Eles pensam que eu sou bom no que faço.

— Mas nada com pistolas…? — Meia pergunta e meia observação, Jack supôs que isso se devia ao seu trabalho na secção de urgências do Hopkins. Como grupo, os médicos não se interessavam por armas de fogo, exceto os que

gostavam de caçar pássaros no outono. Ela não gostava que ele tivesse a espingarda *Remington* no armário, ainda que descarregada, e gostava ainda menos da *Browning Hi-Power* escondida numa prateleira do roupeiro dele.

— Não, querida, não há armas nenhumas. Não sou esse tipo de espião.

— Muito bem — concedeu ela, a custo. Ela não acreditava totalmente no que ele lhe estava a dizer, mas sabia que ele não lhe podia dizer o que ia fazer, tal como ela não poderia discutir os seus doentes com ele. A sua frustração residia precisamente nesse facto. — Desde que não estejas fora muito tempo…

— Sabes bem que detesto estar longe de ti. Nem consigo dormir como deve ser se não estiveres perto de mim.

— Então, leva-me contigo.

— Para poderes ir às compras na Alemanha? Para quê? Umas coisinhas para a Sally?

— Bem, ela gosta dos filmes da Heidi. — Era uma desculpa esfarrapada.

— Boa tentativa, querida. Oxalá pudesses ir comigo, mas não podes.

— Oh, raios partam isso tudo — observou Lady Ryan.

— Vivemos num mundo imperfeito.

Ela detestava em especial aquele aforismo dele e respondeu apenas com um resmungo sem palavras. Mas, na verdade, não havia argumentos que ela pudesse usar.

Minutos mais tarde, Jack pensou em que diabo iria ele fazer. A razão dizia-lhe que se tratava de um trabalho de rotina em todos os aspetos, exceto pelo local. Mas, à exceção de um pormenor, Abe Lincoln tinha gostado daquela peça no teatro Ford. Ele já estivera em solo estrangeiro, se bem que este não fosse *solo inimigo*. Já estava a viver num país estrangeiro e, se bem que os britânicos fossem muito simpáticos, não havia nada como a América. Mas os britânicos gostavam dele. Os húngaros, não. Talvez não lhe dessem um tiro, mas também não lhe iriam dar as chaves da cidade. E se eles descobrissem que ele estava a viajar com um passaporte falso? Que dizia a Convenção de Viena acerca *disso*? Mas não poderia evitar essa operação, pois não? Ele *era* um ex-fuzileiro. Deveria ser um homem *sem medo*. Pois, é claro. A única coisa boa que acontecera, há alguns meses, era que ele fora à casa de banho antes de os bandidos terem entrado subitamente na festa, de modo que perdera a oportunidade de molhar as calças com uma pistola encostada à cabeça.

Desenvencilhara-se disso, mas não se sentia de modo algum um herói. Conseguira sobreviver, conseguira matar um indivíduo com uma *Uzi*, porém, a única coisa que o satisfizera mesmo fora o facto de não ter morto o sacana do Sean Miller. Não, ele deixara que o estado de Maryland se encarregasse disso, com todo o rigor, a não ser que o Supremo Tribunal se intrometesse uma vez mais, e isso não lhe parecia provável nesse caso em particular, com uma série de agentes secretos mortos. Os tribunais nem sempre fechavam os olhos quando havia polícias assassinados.

No entanto, que poderia acontecer na Hungria? Ele seria apenas um espectador, o agente semioficial da CIA a observar a evacuação de um parvo de um russo que queria sair da sua casa em Moscovo. *Raios partam, porque é que este tipo de coisas me acontece sempre?*, pensou Jack. Era como obter um prémio indesejado que estavam sempre a insistir querer dar-lhe. Iria parar algum dia? Ele era pago para olhar para o futuro e fazer as suas previsões, mas, bem lá dentro, sabia que não o poderia fazer. Precisava de outras pessoas para lhe dizerem o que *estava* a acontecer, para que, quando ele o comparasse com coisas que toda a gente sabia *terem* acontecido, poder, em seguida, combinar os dois aspetos num pressentimento louco acerca do que alguém *poderia* fazer. E, é certo, ele fora bem-sucedido nos negócios, mas ninguém alguma vez fora morto por causa de umas quantas ações da bolsa. E agora, quem sabe, a sua pele iria correr riscos. Ótimo. Ótimo como a porra! Ele olhou para o teto. Por que razão estes eram sempre brancos? Será que preto não seria uma melhor cor para convidar o sono? Podiam ver-se sempre tetos brancos, mesmo em salas pintadas de tons escuros. Haveria alguma razão para isso?

Haveria algum motivo pelo qual ele não conseguia dormir? Porque estaria ele a questionar-se acerca de coisas parvas sem resposta? Contudo, isso iria resolver-se, ele deveria sair-se bem de tudo aquilo. Basil não iria permitir que algo lhe acontecesse, pois tal não cairia nada bem em Langley e os britânicos não se poderiam dar a esse luxo, seria demasiado embaraçoso. O juiz Moore nunca se iria esquecer e isso passaria a fazer parte da memória institucional da CIA, o que seria mau durante os próximos dez anos ou mais. De modo que, não, o Serviço Secreto de Informação britânico não permitiria que nada de mau lhe acontecesse.

Por outro lado, eles não seriam os únicos atores no terreno e, tal como no beisebol, o problema era que ambas as equipas jogavam para ganhar, e era

necessário tempo para enviar aquela bola a cento e cinquenta quilómetros por hora até aos assentos mais baratos.

Mas não te podes acobardar, Jack, disse para si mesmo. Outros, cujas opiniões ele valorizava, teriam vergonha dele e, o que era ainda pior, ele sentiria vergonha de si mesmo. De modo que, gostasse ou não, tinha de se adaptar, ir para o terreno e esperar não deixar a bola cair.

Ou voltar para a Merrill Lynch; mas não, ele preferiria pôr-se diante de baionetas a fazer uma coisa dessas. *De facto, preferiria*, deu-se conta Ryan com bastante surpresa. Será que isso o tornava corajoso, ou apenas teimoso? *Ora aqui está uma questão*, pensou. E a única resposta teria de vir de outra pessoa, alguém que visse apenas um lado da equação. Ele apenas poderia ver a parte física, nunca os pensamentos que a acompanhavam. E isso não era suficiente para se poder fazer um juízo, por mais que os jornalistas e os historiadores tentassem moldar a realidade desse modo, como se eles percebessem realmente as coisas a uma distância de quilómetros e de anos. Pois. Está-se mesmo a ver…

De qualquer modo, tinha as malas feitas e, com sorte, a parte mais desagradável dessa viagem seria ter de andar de avião. Por mais que o detestasse, tratava-se de algo bastante previsível… a não ser que caísse uma asa.

— Mas que porra de merda é esta? — perguntou o agente do FBI John Tyler a ninguém em especial. O telex que tinha nas mãos só lhe dava ordens, não as razões por detrás das mesmas.

Os corpos tinham sido transportados para o médico legista da cidade, com um pedido de que nada fosse feito com eles. Tyler pensou por momentos e depois telefonou para o procurador dos Estados Unidos com quem costumava trabalhar.

— Você quer *o quê*? — perguntou Peter Mayfair, mal podendo acreditar.

Ele licenciara-se há três anos, tendo ficado em terceiro lugar na turma da Faculdade de Direito de Harvard e estando a subir rapidamente na carreira, no escritório do procurador. As pessoas chamavam-lhe Max.

— Creio que me ouviu bem.

— Mas de que se trata?

— Não faço ideia. Só sei que vem diretamente do escritório do Emil. Parecem-me coisas do outro lado do rio, mas o telex não diz peva. Como é que fazemos isto?

— Onde estão os cadáveres?

— Com o médico legista, creio eu. Trata-se de mãe e filha e vêm acompanhados de uma nota que diz para não se publicitar o facto. De modo que acho que devem estar ambas no congelador.

— E querem-nas sem serem autopsiadas?

— Suponho que congeladas, mas sim, sem autópsias. — *Que estranha maneira de pôr as coisas*, pensou o agente especial adjunto encarregado do caso. — Algumas famílias envolvidas?

— Que eu saiba, a polícia ainda não conseguiu localizar nenhuma.

— Muito bem, esperemos que as coisas fiquem assim. Se não houver famílias a dizer que não, podemos declará-las indigentes e pedir ao médico legista que as entregue à custódia federal, não sei se está a ver, como um bêbedo morto que é encontrado na rua. Eles vão pô-las num caixão barato e enterrá-las na vala comum. Para onde é que as vai levar?

— Não faço ideia, Max. Vou enviar um telex ao Emil e esperar que ele mo diga.

— E tem de ser rápido? — inquiriu Mayfair, interrogando-se acerca da prioridade desse assunto.

— Para a semana passada, Max!

— Muito bem, se quiser, eu vou ver o médico legista agora mesmo.

— Encontramo-nos lá, Max. Obrigado.

— Está a dever-me um jantar e uma cerveja na Legal Seafood — disse-lhe o procurador federal.

— Está combinado. — Ele não se poderia escapar a isso.

CAPÍTULO 25

TROCAR OS FANTASMAS

Os corpos foram colocados em caixões baratos de alumínio, do tipo usado para transportar cadáveres em aviões, e, im seguida, postos numa carrinha usada pelo FBI que se dirigiu para o aeroporto internacional de Logan. O agente especial Tyler telefonou para Washington para perguntar qual seria o próximo passo e, felizmente, o rádio do seu carro estava encriptado.

O diretor do FBI, Emil Jacobs, segundo parecia, também ainda não pensara em todos os detalhes, e teve de telefonar ao juiz Moore da CIA, onde ocorreu uma dança mais rápida, até ter sido decidido colocá-los no voo de um 747 da British Airways, programado para sair de Boston rumo ao aeroporto de Heathrow, em Londres, de modo que o pessoal de Basil o pudesse ir buscar. Isso foi feito com uma certa celeridade, visto a British Airways estar sempre pronta a cooperar com as agências policiais americanas, e o voo 214 saiu da porta da gare à hora certa, oito e dez da manhã, e não demorou até atingir altitude para as suas três mil milhas até ao terminal quatro de Heathrow.

Estavam a aproximar-se as cinco da manhã quando Zaitzev acordou no beliche superior, sem saber porque o tinha feito. Voltou-se um pouco para olhar pela janela quando se deu conta: o comboio parara numa estação. Ele não sabia qual, pois não memorizara o horário, e sentiu um súbito arrepio. E se os homens da Segunda Direção-Geral tivessem acabado de entrar? Durante o dia, talvez não tivesse ficado preocupado, mas o KGB tinha a reputação de fazer detenções a meio da noite, quando se esperaria menos resistência e, de súbito, o medo regressou. Em seguida, ouviu passos a andarem pelo corredor… mas estes não pararam junto ao seu compartimento e, instantes depois, o comboio começou a andar novamente, desviando-se do edifício em madeira da estação, e a vista do exterior voltou a escurecer. *Porque é que isto me assustou?*, interrogou-se Zaitzev. Porquê agora? Será que não estava já em segurança? *Ou quase*, corrigiu-se. A resposta era não. Não até ter os pés bem assentes em solo estrangeiro. Teve de se relembrar desse facto, até ter os pés assentes em solo estrangeiro e não socialista. E ainda lá não estava. Com essa lembrança bem

gravada na mente, voltou-se de novo e tentou adormecer. O movimento do comboio acabou por se sobrepor à ansiedade, e ele voltou a sonhos que não eram nada tranquilizadores.

O voo do 747 da British Airways também percorria a escuridão, com a maioria dos passageiros a dormir, enquanto a tripulação monitorizava os seus inúmeros instrumentos e bebia café, demorando-se a apreciar as estrelas noturnas e olhando para o horizonte em busca do primeiro indício de alvorada. Esta iniciava-se geralmente sobre a costa oeste da Irlanda.

Ryan acordou mais cedo do que o costume. Saiu da cama sem incomodar a mulher, vestiu-se casualmente e foi lá fora. O leiteiro estava a dirigir-se para o beco no fim de Grizedale Close. Parou a carrinha e saiu com o litro e meio de leite (que os filhos dele bebiam como um motor de avião consumia combustível) e um pão de forma. O leiteiro já vinha a meio caminho de sua casa quando reparou no cliente.

— O senhor acha que falta alguma coisa? — perguntou ele, pensando que talvez uma das crianças estivesse doente, a razão costumeira para o pai de um petiz estar acordado àquela hora.

— Não, acordei apenas um pouco mais cedo — respondeu Ryan com um bocejo.

— Qualquer coisa especial de que possa precisar?

— Só de um cigarro — retorquiu Ryan, sem pensar. Sob a regra férrea de Cathy ele ainda não fumara um desde que chegara a Inglaterra.

— Ora aqui tem. — O homem estendeu-lhe um maço de onde sobressaía um.

Ryan ficou muito surpreendido.

— Obrigado, amigo. — Porém, acabou por aceitá-lo, juntamente com o lume de um isqueiro a gás butano. Tossiu ao inalar pela primeira vez, mas restabeleceu-se muito rapidamente. Era uma sensação notavelmente cordial no ar parado que precedia o nascer do Sol, e a coisa maravilhosa acerca dos maus hábitos era a velocidade com que os retomávamos. Era um cigarro forte, como os *Marlboros* que ele fumara quando estava no último ano do secundário, parte da ascensão até se tornar um homem adulto nos finais da década de 1960. *O leiteiro deveria deixar de fumar*, pensou Ryan, *mas, provavelmente, não estaria casado com uma cirurgiã do Hopkins.*

Ele também não tinha muitas oportunidades de falar com os seus clientes.

— O senhor gosta de viver aqui?

— Sim, gosto. As pessoas são muito simpáticas.

— Tentamos sê-lo. Ora tenha um bom dia.

— Obrigado, para você também — disse Ryan, enquanto o homem se voltava para se dirigir para carrinha. Os leiteiros estavam praticamente extintos na América, vítimas dos supermercados e das pequenas lojas do 7-Eleven. *Era uma pena*, refletiu Jack. Lembrava-se do pão da marca Peter Wheat e dos dónutes cobertos de mel quando era criança. De certo modo, tudo desaparecera, sem que ele se desse conta, quando andava mais ou menos no sétimo ano de escolaridade. Mas o tabaco e o ar calmo não eram uma forma nada má de acordar. Não havia qualquer som. Até mesmo os pássaros ainda dormiam. Levantou os olhos para ver as luzes dos aviões muito altas no céu. Talvez pessoas que fossem para a Europa, quem sabe se para a Escandinávia, dado o curso que tomavam. Deveriam ter levantado voo em Heathrow. *Que pobre diabo terá que se levantar a esta hora para ir a uma reunião?*, interrogou-se. Bem… acabou de fumar e atirou a beata para a relva, pensando se Cathy iria reparar nela. Pois bem, poderia sempre dizer-lhe que fora outra pessoa. Era uma pena que o rapaz dos jornais ainda não tivesse chegado. De modo que Jack entrou em casa e ligou a televisão para apanhar a CNN. Esta estava na parte desportiva. Os Orioles tinham ganho novamente e iam para a Série Mundial contra os Phillies. Isso eram boas notícias, ou quase. Se ele estivesse na América, teria arranjado bilhetes para ver um jogo ou dois, no Memorial Stadium, e teria visto o resto na televisão. Mas não nesse ano. O seu sistema de cabo não tinha um único canal onde ele pudesse ver jogos de beisebol, embora os britânicos tivessem começado a ver o futebol americano da NFL. Eles não percebiam bem esse desporto, mas, por alguma razão, gostavam de o ver. *Era melhor do que a televisão que eles viam todos os dias*, considerou Ryan, com um risinho irónico. Cathy gostava das comédias inglesas, mas, por qualquer motivo, ele não era da mesma opinião. Contudo, os programas de notícias eram bastante bons. Era uma questão de gosto. *Non est disputandumi*,[34] como tinham dito os romanos. Então viu o dia a nascer, a primeira marca de luz no horizonte a leste. Passara-se mais de uma hora até a alvorada aparecer, mas aí estava ela, e nem mesmo o desejo de se dormir mais a retinha.

— Já a pé? — disse Cathy, quando ele voltou.

— Sim, não fazia muito sentido ficar às voltas na cama. — Jack deu um beijo à mulher. Ela fez uma espécie de careta depois de ele a ter beijado, mas ignorou o que quer que fosse. O seu nariz, muito sensível ao tabaco, tinha-lhe comunicado uma vaga mensagem, mas o seu raciocínio pusera-a de parte como sendo improvável.

— Já puseste o café a fazer?

— Já carreguei no botão — confirmou Jack. — Vou deixar-te fazer o resto.

— Que queres para o pequeno-almoço?

— Tenho escolha? — inquiriu Ryan, um pouco incrédulo. Ela andava ultimamente em mais uma onda de comida saudável. Nada de dónutes.

— Bom dia, *zaitchik*! — disse Oleg à filha.

— Paizinho! — Ela estendeu os braços com o sorriso que as crianças têm quando acordam. Era algo que perdiam muito antes de se tornarem adultos, e algo universalmente espantoso para os pais, enquanto durava. Oleg levantou-a da cama e deu-lhe um abraço. Os seus pezinhos descalços pousaram no chão alcatifado e, em seguida, deu dois passos até à sua casa de banho privada. Irina entrou para lhe trazer a roupa, e ambos se recolheram na acomodação dos adultos, ao lado. Dentro de dez minutos já iam a caminho do vagão-restaurante. Oleg olhou por cima do ombro, para ver o empregado a apressar-se para arranjar primeiro os seus compartimentos. Sim, havia vantagens em ser-se do KGB, mesmo que fosse apenas por mais um dia.

Algures, durante a noite, o comboio parara numa quinta estatal para recolher leite fresco, que Svetlana adorava ao pequeno-almoço. Os adultos quando muito beberam um café medíocre acompanhado com pão com manteiga. Na cozinha não havia ovos. Pelo menos o pão e a manteiga eram frescos e saborosos. Havia uma pilha de jornais na parte de trás do vagão. Oleg pegou num *Pravda* e sentou-se a lê-lo… tratava-se das mentiras do costume. Uma outra coisa acerca de se pertencer ao KGB é que se tinha outro conhecimento que levava os agentes a não acreditar no que liam nos jornais. *O* Izvestia, *pelo menos, tinha histórias acerca de pessoas reais e algumas delas até eram verdadeiras*, pensou ele. Contudo, um comboio soviético tinha apenas os jornais mais politicamente corretos e a «Verdade»[35] era um deles, riu-se Zaitzev, com ironia.

Ryan mantinha dois estojos da barba e de artigos de *toilette* para as ocasionais exigências de viajar. O seu saco estava pendurado num gancho de latão do seu *closet*, pronto para quando Sir Basil o enviasse para Budapeste. Olhou para ele, enquanto fazia o nó da gravata, pensando quando iria partir. Então Cathy voltou a entrar no quarto para se vestir. A sua bata branca estava, sem dúvida, pendurada num gacho aparafusado à porta do seu escritório, juntamente com a de Hammersmith, e com as devidas etiquetas de identificação.

— Cathy?

— Sim?

— A tua bata… será que mantiveste a etiqueta de identificação do Hopkins ou arranjaste novas? — Ele nunca se preocupara a perguntar.

— Tenho as locais. Seria muito aborrecido explicá-lo a cada novo doente que reparasse nisso. — Mas alguns, de qualquer modo, perguntavam acerca do seu sotaque, ou por que motivo ela tinha escrito na sua etiqueta de identificação Lady Caroline Ryan, MD, FACS. A designação de «Lady» agradava à sua vaidade de mulher. Jack viu-a a pentear o cabelo, algo que lhe dava sempre prazer. Ela teria sido irresistível se tivesse o cabelo um pouco mais comprido, mas nunca o deixava crescer, dizendo que as toucas cirúrgicas arruinavam qualquer penteado. Isso mudaria da próxima vez que eles fossem convidados para um jantar formal. E vinha um a caminho. A rainha gostava de ambos, tal como o príncipe de Gales, e eles estavam na versão local da lista de pessoas mais importantes. Tinha de se aceitar esse tipo de convites, embora Cathy tivesse uma desculpa, caso tivesse cirurgias agendadas para o dia seguinte. Por outro lado, os espiões deveriam ficar deliciados com essa honra, mesmo que tal significasse três curtas horas de sono antes do próximo dia de trabalho.

— Que tens marcado para hoje?

— Dar uma palestra acerca do *laser* de arco de xenónio. Em breve, eles irão comprar um, e eu sou a única pessoa em Londres que sabe usá-lo devidamente.

— A minha mulher é um jóquei dos *lasers*.

— Bem, pelo menos eu ainda posso falar do que faço — respondeu ela —, meu caro agente secreto.

— Sim, querida. — Ryan suspirou. *Talvez hoje devesse meter na mala a minha* Browning *só para a chatear*. Mas, se alguém no comboio reparasse nela, ele seria logo considerado suspeito e, pior ainda, um polícia poderia perguntar-

lhe que estaria ele a fazer ao transportar uma arma dessas. E até mesmo o seu estatuto diplomático não o protegeria inteiramente do incómodo que daí resultaria.

Um quarto de hora mais tarde, Jack e Cathy estavam no seu compartimento, a caminho do Noroeste de Londres. Uma vez mais, ela estava a ler as suas revistas médicas e ele o *Telegraph*. John Keegan tinha lá uma coluna e ele era um historiador por quem Ryan tinha um respeito considerável como analista de informação complexa. Por que motivo Basil não o recrutara para a Century House era um mistério para Jack. Talvez Keegan estivesse a ganhar bem a vida como historiador, capaz de espalhar as suas ideias pelas massas… bem, pelo menos entre as pessoas mais espertas. Isso fazia sentido. Ninguém alguma vez enriquecera como funcionário público britânico e o anonimato… ora, era agradável ser elogiado uma vez por outra por ter feito qualquer coisa de válido. Isso era algo que nunca acontecia aos burocratas em qualquer parte do mundo.

Quando o comboio expresso passava por Elephant and Castle, o voo 214 estava a parar no terminal quatro do aeroporto de Heathrow. Este não ficou ligado à manga telescópica. Em vez disso, parou no local onde o serviço de autocarros internos esperava para levar as pessoas aos Serviços de Imigração e à Alfândega. Assim que as rodas pararam, abriu-se logo a escotilha. A última carga que fora posta em Logan eram os dois caixões e estes foram os primeiros artigos a serem retirados. As etiquetas, nos cantos de cada um, indicavam aos descarregadores para onde os teriam de enviar. De qualquer modo, dois homens anónimos da Century House estavam lá para supervisionar todo o processo. Colocados num carrinho de quatro rodas, foram retirados para uma área para carros estacionados e carrinhas, onde os caixões foram prontamente transferidos para uma delas, que não tinha quaisquer marcas dos lados. Os dois homens dos Serviços Secretos de Informação britânicos entraram na carrinha e saíram do aeroporto, seguiram depois para leste até Londres, sem terem a mínima noção sobre a natureza dessa tarefa. Muitas vezes era assim que as coisas se passavam.

A carrinha chegou ao n.º 100 da West Bridge Road quarenta minutos mais tarde. Lá, os caixões foram retirados e postos num outro carrinho com rodas para o percurso até aos elevadores de carga, para irem até ao segundo nível da cave.

Ali, dois outros homens já os esperavam. Os caixões foram devidamente

abertos e ambos agradeceram o facto de haver uma boa quantidade de gelo seco lá dentro, e que os cadáveres ainda não estivessem a libertar o cheiro particularmente horrível dos mortos e de tecido humano necrosado. Com luvas de borracha calçadas, ergueram os corpos — nenhum deles era muito pesado — e transferiram-nos para mesas de aço inoxidável. Nenhum desses cadáveres estava vestido e, no caso da menina, o trabalho deles tornou-se particularmente triste.

E ainda se tornaria mais. Comparando os corpos com a fotografia do *Times*, foi decidido, sem surpresas para ninguém, que a cara da criança não se coadunava com a imagem fotográfica. O mesmo se poderia dizer da mulher, embora a sua massa corporal e configuração fossem mais ou menos a mesmas. O seu rosto não fora tocado pelo fogo, pois a vítima fora morta pelos gases tóxicos. De modo que ambas teriam de ser rudemente desfiguradas para poderem ser usadas na Operação BEATRIX. Isso foi feito com maçaricos de propano. Primeiro, o mais velho dos dois ligou a ventoinha do poderoso exaustor que havia no teto. Ambos colocaram fatos-macacos resistentes ao fogo e acenderam os maçaricos. Estes foram friamente aplicados a ambos os cadáveres. A cor de cabelo não era a mesma em ambos os casos, de modo que este foi a primeira coisa a ser queimada. Em seguida, os maçaricos foram aplicados de perto a ambos os rostos. Esse trabalho foi feito rapidamente, mas não tão rápido para os dois funcionários dos Serviços Secretos. O que estava a tratar da menina murmurou uma série de orações pela sua alma, sabendo que ela estava no sítio para onde quer que as crianças inocentes fossem depois da morte. O que restava era apenas carne fria sem qualquer valor para a sua dona prévia, mas com um certo valor para o Reino Unido e, sem dúvida, também para os EUA, de contrário não estariam a fazer aquele trabalho mórbido. Foi quando o olho da menina explodiu, devido à pressão interna, que o seu carrasco teve de se desviar para vomitar. Mas tinha de ser feito, os olhos também eram de uma cor diferente.

As mãos e os pés também tiveram de ser muito queimados e ambos os corpos foram examinados em busca de tatuagens, cicatrizes ou outras características distintivas, mas não encontraram nenhuma, nem mesmo a marca de uma operação ao apêndice.

No geral, demorou-lhes noventa minutos até estarem satisfeitos com o seu trabalho. De seguida, os corpos tinham de ser vestidos com roupa da União

Soviética, e também a roupa teve de ser queimada, para que as fibras se misturassem e colassem às queimaduras superficiais. Com toda aquela horrenda tarefa terminada, os corpos foram postos de novo nos seus caixões de transporte, onde adicionaram mais gelo seco para retardar a decomposição. Os caixões foram colocados perto de um outro idêntico, pousado a um canto da sala. Por essa altura, eram horas de ir almoçar, mas nenhum deles estava de momento com muito apetite. Uns quantos *shots* de *whisky* era o que estavam a precisar e havia montes de bares a uma curta distância.

— Jack? — Sir Basil inclinou a cabeça pela porta entreaberta para ver Ryan a examinar os documentos, como um bom analista.

— Sim, Sir Ryan.

— Já fez as malas?

— Está já tudo pronto em casa, mas, sim, já as fiz.

— Ótimo. Está marcado para o voo da British Airways que sai do terminal três às oito desta noite. Iremos arranjar um carro que o leve a casa para ir buscar as suas coisas, digamos, por volta das três e meia?

— Ainda não tenho o meu visto nem o passaporte — disse Ryan a Charleston.

— Irá tê-lo depois do almoço. O seu disfarce será o de auditor do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Tanto quanto me posso recordar, o Ryan foi em tempos revisor oficial de contas. Talvez possa olhar para os livros enquanto lá está. — Isso era um toque de humor, pensou Charleston.

Ryan pagou-lhe na mesma moeda.

— Talvez seja mais interessante do que a bolsa local. Vai alguém comigo?

— Não, mas o Andy Hudson vai estar à sua espera no aeroporto. Ele é o nosso chefe de posto em Budapeste. Um bom homem — prometeu-lhe Sir Basil. — Venha ver-me antes de se ir embora.

— Assim farei, Sir Basil. — E a cabeça deste desapareceu pelo corredor.

— Simon, que tal uma caneca e uma sandes? — disse Ryan ao colega.

— Ótima ideia. — Harding levantou-se e pegou no casaco. Foram a pé até ao Duke of Clarence.

O almoço no comboio foi agradável: *borscht*, massa, pão negro e uma verdadeira sobremesa constituída por morangos, vindos de alguma quinta. O único problema era que Svetlana não gostava daquele tipo de sopa, o que era estranho

para um russo, mesmo para uma criança. Ela ainda comeu um pouco do molho de natas azedas que flutuava na sopa, depois atacou as massas com grande apetite, antes de devorar os morangos de fim de estação. Eles tinham acabado de atravessar as montanhas mais baixas da Transilvânia, junto à fronteira com a Bulgária. O comboio iria passar por Sófia, depois virar para noroeste para Belgrado, na Jugoslávia, e, finalmente, entraria na Hungria.

Os Zaitzev descansaram depois do almoço, com Svetlana a olhar pelas janelas à medida que o comboio se ia aproximando de Sófia.

Oleg Ivanovitch fez o mesmo, fumando o seu cigarro. Ao passar através de Sófia, começou a pensar qual seria o edifício onde funcionava o Dirjavna Sugurnost. Será que o coronel Bubovoy lá estava, a aperfeiçoar a sua conspiração, na companhia, quem sabe, do coronel Strokov? Será que já estariam muito adiantados? Será que a vida do papa corria perigo imediato? Como se iria ele sentir, se o padre polaco fosse assassinado antes de ele poder dar-lhes qualquer aviso? Será que se deveria ter movimentado mais depressa? *Havia aquelas malditas perguntas*, e ninguém com quem ele pudesse partilhá-las! *Estás a fazer o teu melhor, Oleg Ivanovitch*, disse a si mesmo, *e nenhum homem poderá fazer mais do que isso*.

A estação de Sófia parecia uma catedral, um impressionante edifício de pedra com uma finalidade quase religiosa. Até certo ponto, ele não estava agora preocupado com a probabilidade de a equipa de detenção do KGB entrar no comboio. A sua preocupação era despachar-se, chegar a Budapeste e ver o que é que a CIA lá tinha feito, esperando que fossem competentes. O KGB poderia fazer um trabalho desses com um grande profissionalismo, quase como ilusionistas de palco. Será que a CIA também era tão boa? Na televisão russa eram muitas vezes retratados como adversários malévolos e trapalhões, mas não era isso que eles diziam no Centro. Não, no n.º 2 da praça Dzerjinskiy eram vistos como espíritos perversos, sempre à espreita, tão espertos como o próprio demónio, os mais terríveis inimigos. Assim sendo, que era afinal verdade? Decerto, em breve o iria descobrir, de um modo ou de outro. Zaitzev apagou o cigarro e conduziu a família até aos compartimentos.

— Ansioso por começar a missão, Jack? — perguntou Harding.

— Sim, tal como de ir ao dentista. E não me venha dizer que vai ser tudo

muito fácil. O Simon também nunca foi para o terreno.

— Sabe bem que foi o vosso pessoal que o sugeriu.

— Assim, quando chegar à América, se é que lá vou chegar, vou esmurrar o almirante Greer — retorquiu Ryan, a brincar, mas só meio a brincar. — Não estou treinado para isto, Simon, não sei se está a ver.

— Diga-me, quantas pessoas é que são treinadas para lidarem com um ataque físico direto? Você já teve de o fazer — lembrou-lhe Simon.

— Pois bem, em tempos fui tenente dos fuzileiros, durante… quanto tempo?, mais ou menos onze meses, antes de o helicóptero cair sobre Creta e de quase me partir a espinha. Porra, eu nem sequer gosto de montanhas-russas. A minha mãe e o meu pai adoravam essas coisas; estavam sempre a levar-me para andar nelas, no parque de diversões de Gwynn Oak, quando eu era miúdo, à espera que eu também gostasse dessas malditas coisas. O meu pai — explicou Ryan — era um paraquedista na Companhia Cento e Um da Força Aérea, há quarenta anos. Cair do céu não o preocupava grande coisa. — Isso foi seguido por um breve riso irónico. Uma coisa boa acerca do Corpo de Fuzileiros é que eles não obrigavam ninguém a saltar de um avião. *Bem, raios partam*, pensou Jack, subitamente. Será que ele estava mais preocupado com a missão do que com a viagem de avião? Isso fê-lo baixar os olhos e rir-se novamente. — Será que os agentes no terreno trazem armas com eles?

Tal pergunta provocou o riso.

— Só nos filmes, Jack. São muito pesadas para as podermos transportar para todo o lado e podem ser difíceis de explicar. Não há agentes 00 no Serviço Secreto, pelo menos tanto quanto eu sei. Os franceses matam pessoas ocasionalmente e, de facto, são muito bons nisso, tal como os israelitas. Mas as pessoas cometem erros, mesmo os profissionais mais bem treinados, e poderá ser difícil explicar esse tipo de deslizes à imprensa.

— Não poderão alegar que se trata de uma proibição governamental de divulgar a razão por questões que se prendem com a proteção do país?

— Teoricamente, sim, mas isso é difícil de impor. Não sei se sabe, mas Fleet Street tem as suas próprias regras.

— Tal como o *The Washington Post*, como Nixon veio a descobrir. De modo que não posso matar ninguém.

— Eu, pelo menos, tentaria evitá-lo — concordou Simon, comendo a sua

sandes de peru.

Belgrado — Beograd para os habitantes locais — também tinha uma bela estação. No século anterior, como seria de esperar, os arquitetos tinham trabalhado no duro para competir uns com os outros, como os religiosos que tinham construído as catedrais na Idade Média. O comboio estava atrasado várias horas, reparou ele, com alguma surpresa. Não conseguia descobrir porquê. O comboio não parara muito tempo em lado algum. Talvez não estivesse a viajar à velocidade que deveria. Ao abandonar Belgrado, serpenteara por algumas modestas colinas e também não o fizera muito rapidamente. Imaginou que aquele país fosse bonito no inverno. Não iam fazer ali umas Olimpíadas? O inverno talvez ali chegasse ao mesmo tempo que chegava a Moscovo. Viria um pouco mais tarde nesse ano, mas isso queria dizer que iria ser mais rigoroso quando viesse. Perguntou-se como seria o inverno na América.

— Está pronto, Jack? — perguntou Charleston no escritório.

— Suponho que sim. — Jack olhou para o seu novo passaporte. Dado que se tratava de um documento diplomático era um pouco mais ornamentado do que o habitual e com uma capa de couro vermelho, com o brasão real na parte da frente. Folheou-o para ver os carimbos de todos os locais onde ele *não* estivera. Tailândia, a República Popular da China. *Caramba*, pensou Jack, *ando sempre de um lado para o outro*. — Porquê este visto? — perguntou ele. O Reino Unido não o exigia a ninguém.

— A Hungria regista os movimentos de entrada e de saída muito detalhadamente. Requerem um visto de entrada e de saída. Não creio que vá precisar do último — observou Charleston. — O Hudson talvez o leve em direção a sul. Ele tem boas relações com os contrabandistas locais.

— Atravessar as montanhas? — inquiriu Ryan.

Basil abanou a cabeça.

— Não, não fazemos isso muitas vezes. Irá de carro ou de camioneta, creio eu. Não será de modo algum um problema, meu rapaz. — Ele levantou os olhos. — É tudo muito rotineiro, Jack.

— Se o senhor o diz… — *De certeza que não o é para mim.*

Charleston pôs-se de pé.

— Boa sorte, Jack. Até daqui a uns dias.

Ryan apertou-lhe a mão

— Entendido, Sir Basil. — *Semper fidelis*,[36] companheiro.

Havia um automóvel à espera dele na rua. Jack entrou para o assento esquerdo da frente e o condutor levou-o para leste. A viagem durou cerca de cinquenta minutos, com o tráfico razoável da tarde, quase tão rápida como o comboio teria sido.

Ao chegar a Chetham, Ryan viu a filha a dormir a sesta e o pequeno Jack a brincar com os seus pés no parque para bebés, como se estivesse fascinado com eles. Miss Margaret estava sentada na sala de estar a ler uma revista.

— Doutor Ryan, não estava à espera…

— Não há problema, tenho de fazer uma viagem de negócios. — Foi até ao telefone de parede na cozinha e tentou telefonar para Cathy, para vir a saber que ela estava a dar a sua maldita palestra sobre esse tal brinquedo de *lasers*. *É o que ela usa para selar os vasos sanguíneos*, pensou ele. Qualquer coisa assim. De cenho franzido foi até ao andar de cima para ir buscar o saco. Iria tentar falar com ela quando estivesse no aeroporto. Mas, caso não conseguisse, deixar-lhe-ia um recado.

VOU PARA BONA. TENTEI TELEFONAR, VOU TENTAR DE NOVO. BEIJOS, JACK. Prendeu-o à porta do frigorífico. Ryan inclinou-se para beijar Sally e depois levantou o filho para lhe dar um abraço, na verdade, um pouco desajeitadamente. O petiz estava a verter do mesmo modo que um carro vertia óleo, e ele precisou de usar uma toalha de papel ao sair.

— Boa viagem, Doutor Ryan — disse a ama.

— Obrigado, Margaret. Até à vista. — Assim que o carro se foi embora, ela telefonou para a Century House, para informar que Sir John estava a caminho de Heathrow. Em seguida, voltou a pegar na sua revista, a *Tattler* desse mês.

O comboio parou inesperadamente numa área aberta junto à fronteira húngara, perto da cidade de Zombor. Zaitzev não estava informado acerca disso, e a surpresa em breve foi explicada. Havia guindastes de ambos os lados do comboio e, assim que este parou, surgiu uma multidão de operários em fato-macaco.

Os Caminhos de Ferro Estatais da Hungria operavam com uma bitola padrão, em carris com 1,435 mm de distância entre eles, que era a norma padrão mundial

e que, incongruentemente, vinha desde o tempo das bigas romanas. Porém, a bitola do comboio russo era de 1,524 mm, por qualquer razão de que ninguém se lembrava já. A solução era levantar as carruagens dos carris russos, ajustar as rodas e baixar os vagões até aos novos carris. Isso demorou cerca de uma hora, mas foi executado eficientemente, para todas as unidades. Fascinou completamente Svetlana e até o pai dela ficou surpreendido ao ver que a tarefa fora feita tão rotineiramente. Uma hora e vinte minutos mais tarde, estavam a mover-se quase em direção a norte em carris mais estreitos, puxados por nova locomotiva elétrica, a atravessarem o rico solo agrícola da Hungria. Quase de imediato, Svetlana começou a dar gritinhos ao ver os homens em trajes locais a andarem a cavalo, o que pareceu um pouco exótico para a criança e para os pais.

O avião era um 737 da *Boeing* relativamente novo e, para aquela viagem, Ryan decidiu levar um amigo. Comprou um maço de cigarros no aeroporto e acendeu logo um enquanto estava no átrio.

As boas notícias eram que lhe tinham dado um assento ao pé da janela na primeira classe, o 1-A. O cenário, logo que levantaram voo, era a parte boa de andar de avião, com o bónus adicional de que ninguém lhe poderia ver o medo estampado no rosto, exceto, talvez, a comissária de bordo, porque, tal como os médicos, elas também conseguiam cheirar o medo. Mas ali à frente as bebidas eram grátis, e Ryan tentou encomendar um *whisky*, para descobrir que a seleção era apenas composta pelos escoceses de que não gostava; vodca, de que ele também não gostava; ou *gin*, que ele não suportava na sua presença. Não era linha onde se bebesse um *Jack Daniel's*, mas a lista de vinhos era boa e, ao subir até à altitude de cruzeiro, as luzes de «proibido fumar» foram desligadas e Ryan acendeu mais um cigarro. Não era tão agradável como um *bourbon*, mas era melhor do que nada. Pelo menos permitia-lhe recostar-se e fingir descontrair com os olhos fechados, olhando apenas uma vez por outra, para ver se a superfície por baixo da aeronave era verde ou azul. O voo foi agradavelmente suave, com muito pouca trepidação, momentos em que ele se agarrara ao braço da cadeira, e três copos de um vinho francês decente ajudaram-no a atenuar a ansiedade. A meio caminho, quando iam por cima da Bélgica, ele voltou a cogitar. Quantas pessoas detestariam andar de avião? Talvez um terço, talvez metade? Quantas haveria que o detestavam tanto como ele? Metade delas? De

modo que, provavelmente, ele não estava sozinho. Quem tinha medo tentava escondê-lo e, ao olhar em volta, ele via rostos talvez com a mesma expressão do seu. Assim, ele não seria o único fracote nesse avião. E o vinho era bom e frutado. E, se a United Launch Alliance não conseguira perfurar-lhe o bilhete com tiros de *Uzi*, mesmo na sua zona na baía de Chesapeake, então uma sorte aleatória também talvez estivesse do seu lado. De modo que poderia descontrair-se e saborear a viagem. Apesar de tudo, estava ali preso de um modo ou de outro, e o *Boeing* continuava a singrar a mais ou menos a quinhentos nós.

Houve alguma trepidação na descida, mas, para Ryan, essa era a única parte do voo em que ele se sentia seguro, quando a aeronave estava a regressar à terra. Bem no fundo, ele sabia que essa era, na verdade, uma das partes mais perigosas, mas não o sentia desse modo. Ouviu o chiar de vários servomecanismos e depois o som que lhe anunciava que as portas do trem de aterragem se tinham aberto, depois sentiu-se suficientemente seguro ao ver a terra a aproximar-se mais. A aterragem foi trepidante, contudo, para Jack, era algo bem-vindo. Estava de novo em terra, onde poderia estar de pé e andar a uma velocidade razoavelmente segura. Ótimo.

Estavam num outro local de manobras de comboios, cheio de vagões de mercadorias e de gado, e o comboio deles trepidava através das várias agulhas. Uma vez mais, a *zaitchik* tinha o nariz contra o vidro e, finalmente, passaram por baixo de um telhado envidraçado e o comboio parou na estação de leste. Bagageiros com uniformes manhosos e com um aspeto desmazelado agruparam-se junto aos vagões das bagagens. A *zaitchik* saltou praticamente da carruagem para olhar em volta, mais rápida do que a mãe, que se atrapalhava atrás dela, com a sua bagagem de mão. Oleg foi até ao vagão das bagagens para ver de que modo as suas malas estavam a ser postas no carrinho de mão de duas rodas. Afastaram-se do comboio, através da sala decadente onde se encontrava a bilheteira, e daí para a rua onde se situava a praça de táxis. Havia muitos táxis, todos eles da marca *Lada* feitos na Rússia, a versão soviética do velho *Fiat*, todos da mesma cor, que poderia ser creme por baixo da sujidade. Zaitzev deu um rublo do Comecon ao bagageiro e observou o modo como este estava a pôr a bagagem dele no carro. O porta-bagagens do automóvel diminuto era demasiado pequeno. Três malas tiveram de ir no assento da frente, e Svetlana teve de se

sentar ao colo da mãe para irem até ao hotel. O táxi arrancou, fez uma rápida inversão de marcha legalmente dúbia e começou a andar a alta velocidade pelo que parecia ser uma grande artéria comercial.

O hotel Astoria ficava apenas a quatro minutos da estação. Parecia ser um edifício impressionante, assemelhando-se quase aos grandes hotéis de outros tempos. O átrio era modesto em tamanho, embora não em elementos decorativos, evidenciando-se muito carvalho entalhado. O empregado da receção já os esperava e recebeu-os com um sorriso. Em breve, depois de ter dado a Zaitzev a chave do quarto, apontou para o outro lado da rua, para a Casa da Cultura e da Amizade Soviética, que era tão obviamente uma operação do KGB que poderia muito bem ter tido uma estátua do *Félix de Ferro* na parte da frente. O bagageiro levou-os até um pequeno elevador e depois até ao terceiro andar, cortando à direita em direção ao quarto 307, uma divisão de canto que seria a casa deles durante os próximos dez dias, segundo o que todos, exceto Oleg, pensavam. O bagageiro também recebeu um rublo pelos seus serviços e retirou-se, deixando a família numa divisão pouco maior do que o espaço combinado das acomodações que tinham tido no comboio e apenas com uma casa de banho, se bem que esta tivesse um banho/duche de que todos três precisavam. Oleg deixou que a mulher e a filha fossem as primeiras.

Se bem que o quarto não fosse muito impressionante, segundo as normas do Ocidente, era, contudo, para os soviéticos, quase palaciano. Havia uma cadeira junto à janela, e Zaitzev sentou-se nela observando a rua, em busca de um agente da CIA. Isso, sabia, era uma atividade inútil, mas mal poderia resistir a essa tentação.

Os homens de que ele estava à procura não eram de modo algum americanos, mas antes Tom Trent e Chris Morton, que trabalhavam ambos para Andy Hudson. Ambos tinham cabelo escuro e não tinham tomado banho nesse dia, para adquirirem mais uma aparência de classe operária húngara. Trent estivera a observar continuamente a estação de comboios e vira-os sair, enquanto Morton acampara no hotel. Com boas pistas fotográficas fornecidas por Moscovo, identificar a família Zaitzev não fora nada difícil. Para uma última verificação, Morton, que falava um russo impecável, foi até à receção verificar o número do quarto dos seus «velhos amigos», em troca de uma nota de vinte florins e de uma

piscadela de olho. Depois, foi até ao bar, examinando o andar térreo do hotel para referência futura. Até então, tinham decidido ir de metro até à embaixada, estava tudo a correr muito bem. O comboio chegara atrasado, mas a informação que tinham obtido no hotel estava certíssima.

Andy Hudson era um homem de altura e de aparência comum, exceto pelo seu cabelo cor de areia, que o identificava como estrangeiro numa terra onde quase todos tinham o mesmo aspeto. *Pelo menos no aeroporto todos tinham parecido*, refletiu Ryan.

— Podemos falar? — perguntou Ryan, depois de terem saído do aeroporto.

— Sim, não há escutas no carro. — Como todos os veículos do género, tratava-se de um automóvel inspecionado regularmente e estacionado num local seguro.

— Até que ponto está seguro disso?

— A oposição não quebra as regras da conduta diplomática. É estranho, mas é verdade. E, para além disso, o carro tem um alarme muito sofisticado. De facto, não me parece que poderia alterá-lo. De qualquer modo, bem-vindo a Budapeste, Sir John. — Ele pronunciou o nome da cidade como «Biudapechte», por oposição ao modo como Ryan pensava que era pronunciado.

— Então, sabe quem eu sou?

— Sim, estive em Londres em março passado. Estava lá quando desempenhou as suas manobras heroicas. Você, seu idiota, teria sido morto se não fosse o estúpido do irlandês.

— Disse isso a mim mesmo muitas vezes, Senhor Hud…

— Andy — sugeriu logo Hudson.

— Muito bem, o meu nome é Jack.

— A viagem foi boa?

— É sempre agradável quando se sai do avião, Andy. Então, fale-me da missão e de como está a planeá-la.

— É uma coisa de rotina. Observámos o *Coelho* e a família. Vamos mantê-los sob vigilância intermitente e, quando for a altura propícia, retiramo-los da cidade para os levar para a Jugoslávia.

— Como?

— De carro ou de camioneta, ainda não decidimos — respondeu Hudson. —

A Hungria é o único problema. Os jugoslavos estão-se nas tintas para quem atravesse a fronteira. Eles têm um milhão de cidadãos a trabalhar fora em várias capacidades. E a nossa relação com os guardas das fronteiras são, de facto, muito cordiais — assegurou-lhe Andy.

— Dão-lhes dinheiro?

Hudson anuiu com um aceno de cabeça e rodeou um parque não muito grande.

— É o modo como eles vestem as famílias com roupas da moda. Conheço pessoas que contrabandeiam drogas duras, mas não faço uso delas, é claro. As drogas são uma coisa com que os locais pelo menos se fingem preocupar, mas alguns guardas estão mais abertos a negociações do que outros. Que diabo, talvez estejam todos desejosos por moeda forte e por uns ténis da *Reebok*. O mercado negro aqui é muito ativo e, dado que traz muitas vezes moeda forte para o país, a liderança política olha para o lado, desde que a coisa não se descontrole, não sei se está a ver.

— Assim sendo, como é que o posto da CIA apanhou na cara?

— Pura má sorte. — Hudson continuou a explicá-lo durante um minuto ou dois. — Foi como ser atropelado por uma camioneta numa rua sem trânsito nenhum.

— Porra, será que acidentes como esse acontecem?

— Não muitas vezes. É quase como ganhar a taluda.

— Uma pessoa tem de jogar para ganhar — murmurou Ryan. Esse era o mote da lotaria do estado de Maryland, o que era apenas mais uma forma de impostos para aqueles que eram suficientemente estúpidos para jogar, à exceção de um que fosse um pouco mais cínico do que os outros.

— Sim, tem razão. É um risco que todos corremos.

— E como é que isso se aplica a retirar o *Coelho* e a família daqui?

— Um em dez mil.

Para Ryan aquilo soava-lhe a apostas, mas havia outro problema com que se preocupar. — Já vos disseram que a mulher e a filha não fazem ideia de até onde irão as suas férias?

Isso fez com que a cabeça de Hudson começasse a andar à roda.

— Deve estar a brincar comigo.

— Não. Foi isso que ele disse ao nosso pessoal em Moscovo. Acha que é uma

complicação?

As mãos dele agarraram-se mais ao volante.

— Só se ela começar a fazer fitas. Mas suponho que possamos tratar disso, se for preciso. — Mas era óbvio na sua expressão que era algo com que teriam de se preocupar.

— Segundo me dizem, as mulheres europeias são menos assertivas do que as americanas.

— Realmente, são — concordou Hudson. — Creio que é esse sobretudo o caso das russas. Bem, a ver vamos.

Uma última curva para a Harmincad Utca e estavam na Embaixada Britânica. Hudson estacionou o carro e saíram.

— Aquele edifício é a Budapesti Rendörfökápitanság, ou seja, a sede da polícia. É bom estar numa zona segura, eles não são uma ameaça para nós. A polícia local não é muito apreciada. A língua deste país é completamente impossível. Os filólogos dizem que é indo-altaica, com origens algures na Mongólia, se é que dá para acreditar. Não está relacionada com nenhuma língua conhecida. Aqui não há muita gente que fale inglês, mas há quem fale alemão, pois a Áustria é o país vizinho. Mas não se preocupe, terá sempre um de nós consigo. Vou levá-lo a dar um passeio amanhã de manhã. Não sei o que se passa consigo, mas, para mim, as viagens são sempre cansativas.

— Sim — concordou logo Ryan. — Eu chamo-lhe o choque da viagem.

— Assim sendo, vamos instalá-lo lá em cima nos seus aposentos. A cantina da embaixada é bastante boa e o lugar onde vai ficar é confortável, ainda que nada de muito sofisticado. Deixe-me levar-lhe as malas.

Não se poderia dizer mal da hospitalidade, considerou Jack, dez minutos mais tarde. Uma cama, uma casa de banho privada, uma televisão e um leitor de vídeo com uma dezena de cassetes. Ele decidiu ver *O Mar Cruel*, com Jack Hawkins como ator, e conseguiu chegar ao fim antes de adormecer.

---

[34] Em latim, «Não se discutem». *(N. do T.)*

[35] *Pravda*, em russo. *(N. do T.)*

[36] Em latim, «sempre fiel». *(N. do T.)*

CAPÍTULO 26

TURISTAS

Todos acordaram mais ou menos ao mesmo tempo. A pequena *zaitchik* foi a primeira, seguida pela mãe e, finalmente, pelo pai. O hotel Astoria até tinha serviço de quarto, um luxo impensável para os cidadãos soviéticos. O quarto deles tinha um telefone, e Irina, depois de ter tirado nota do que cada um queria, telefonou para a devida extensão para ser informada de que a comida chegaria dentro de meia hora.

— Eu poderia tê-la preparado mais depressa — observou Irina, com uma certa ponta de azedume. Mas até mesmo ela teria de admitir que não ter de o fazer não era nada mau. De modo que todos esperaram pela sua vez para ir à casa de banho, em antecipação da primeira refeição da manhã.

Ryan tomou um duche e foi até à cantina da embaixada por volta de um quarto para as oito. Como seria de esperar, os britânicos gostavam dos seus luxos, tanto como os funcionários dos Negócios Estrangeiros. Pôs no prato um monte de ovos mexidos e de bacon (Ryan adorava o bacon inglês, embora lhe parecesse que nas suas salsichas mais populares usavam serradura para criar volume) e quatro torradas de pão branco, pensando que iria precisar de um grande pequeno-almoço para lhe dar forças para o dia. O café não era assim tão mau. Quando perguntou, veio a saber que o mesmo vinha da Áustria, o que explicava a qualidade.

— O embaixador insistiu nisso — elucidou Hudson, sentando-se à mesa em frente do seu convidado americano. — O Dickie adora café.

— Quem? — perguntou Jack.

— O Richard Dover, o embaixador, que está agora em Londres. Saiu para lá anteontem. É uma pena, ele iria gostar de o conhecer. É, sem dúvida, um bom patrão. Então, dormiu bem?

— Não me queixo. Mas que diabo, só existe uma diferença de uma hora. Haverá alguma maneira de eu poder fazer um telefonema para Londres? Não tive oportunidade de falar ontem com a minha mulher, antes de sair. Não quero que ela fique preocupada — explicou Jack.

— Não há problema, Sir John — retorquiu Hudson. — Pode fazê-lo do meu

escritório.

— Ela pensa que eu estou em Bona, numa reunião da NATO.

— Ai sim?

— A Cathy sabe que eu pertenço à Agência, mas não está ao corrente das coisas que faço e, para além disso, *eu próprio* não sei bem o que estou aqui a fazer. Sou um analista — explicou Jack —, não um agente de operações.

— Não tem de se importar muito com isso — observou resumidamente o agente no terreno. — Pense nisto como uma nova experiência para a sua coleção.

— Obrigado, Andy. — Ryan levantou os olhos com um sorriso muito amarelo. — Já tenho experiências que me cheguem.

— Bem, então, da próxima vez que escrever um memorando já terá uma ideia de como as coisas são nos seus aspetos mais perigosos.

— Tudo bem. Desde que eu não seja esmagado por uma parede de tijolo.

— Cabe-me a mim prevenir uma coisa dessas.

Ryan bebeu um longo gole de café, que era razoavelmente bom.

— Quais são os planos para hoje?

— Depois do almoço, serei o seu guia turístico. Vamos dar-lhe uma ideia desta terra e iremos começar a pensar de que modo vamos completar a Operação BEATRIX.

A família Zaitzev ficou agradavelmente surpreendida com a qualidade da comida. Oleg ouvira falar bem da cozinha húngara, mas, até que a provasse, não o poderia confirmar, e tal acabou por ser uma agradável surpresa. Desejosos de verem a nova cidade, acabaram de comer, vestiram-se e pediram que lhes dessem algumas direções. Dado que Irina era a mais interessada nas oportunidades locais, perguntou onde ficava a melhor rua com lojas. Esta, indicou o empregado, era a Váci Utca, para a qual poderiam apanhar o metro local que, segundo ele lhes disse, era o mais antigo da Europa. De modo que foram até à Andrassy Utca e desceram os degraus. O metro de Budapeste, segundo constataram, era, na verdade, um vulgar elétrico, só que debaixo do chão. Até as carruagens eram feitas de madeira, com o mesmo tipo de catenária que se encontrava geralmente nas ruas. Mas era subterrâneo e movia-se com uma eficiência razoável. Quase dez minutos depois de terem entrado, já estavam

na Vörösmarty Tér, ou seja, na praça do poeta Vörösmarty, não muito longe da Váci Utca. Não se deram conta de um homem que os acompanhava a uma curta distância, Tom Trent, que ficou surpreendido quando os viu caminhar para a Embaixada Britânica, na Harmincad Utca.

Ryan voltou ao quarto para ir buscar a gabardina, Hudson recomendara-lhe um sobretudo para o passeio da manhã, depois foi até ao átrio e saiu para a rua. Havia nuvens no céu que prenunciavam chuva para mais tarde. Hudson assentiu com um aceno de cabeça para o guarda de segurança que estava à porta, e saiu também na companhia de Ryan. Hudson olhou primeiro para a esquerda, para a sede da Polícia, mas, para sua surpresa, viu Tom Trent a cerca de cinco metros de distância…

Andava a seguir a família do *Coelho*.

— Jack?

— Sim, Andy?

— Ali está o sacana do *Coelho*, a Senhora *Coelho* e a *Coelhinha*.

Ryan voltou-se e ficou admirado ao ver as três pessoas da fotografia a virem na sua direção.

— Mas que diabo… Devem ir às compras no próximo quarteirão, que tem lojas e coisas assim. É uma coincidência lixada — observou Hudson, pensando no que tudo aquilo poderia querer dizer.

— Vamos segui-los? — perguntou Jack.

— Porque não? — retorquiu Hudson de um modo retórico. Este acendeu um cigarro (ele gostava dos pequenos) e esperou que o seu companheiro acendesse um, ao mesmo tempo que o *Coelho* passava em frente deles. Esperaram também que Trent passasse, antes de seguirem também nessa direção.

— Será que isto quer dizer alguma coisa? — perguntou Ryan.

— Não sei — respondeu Hudson. Mas, se bem que ele estivesse visivelmente pouco à vontade, o seu tom de voz transmitia uma mensagem própria. De qualquer modo, seguiram-nos.

As coisas tornaram-se claras quase de imediato. Dentro de minutos tornou-se óbvio que o *Coelho* andava às compras, com a Senhora *Coelho* na dianteira, como seria de esperar de uma mãe coelho.

Váci Utca parecia uma rua antiga, embora os edifícios devessem ter sido

restaurados após a Segunda Guerra Mundial, pensou Ryan. Tinham lutado terrivelmente por essa rua em 1945. Ryan olhou através das montras e constatou a variedade de artigos do costume, embora de pior qualidade e em menos quantidades do que ele via na América ou em Londres. Decerto, impressionavam muito a família *Coelho,* cuja matriarca gesticulava entusiasmadamente diante de cada montra que via.

— Esta mulher pensa que está na Bond Street — observou Hudson.

— Não é bem assim — disse Ryan, a rir-se. Ele já gastara lá muito dinheiro. Bond Street era talvez uma das melhores ruas de compras no mundo, para quem tivesse dinheiro para andar por lá pelos passeios. Mas, como seria Moscovo e de que modo é que um russo veria essa rua?

Todas as mulheres, segundo parecia a Jack, eram iguais numa coisa. Gostavam de andar a ver montras até que a tensão de não comprarem nada as pusesse fora de si. No caso da Senhora *Coelho,* isso durou apenas 0,4 de um quarteirão, antes de ela entrar numa loja de roupa, arrastando a Coelhinha com ela, enquanto o Senhor *Coelho* foi o último a entrar, com uma visível relutância.

— Isto vai demorar um bocado — previu Ryan. — Também já estive nessa situação, andar de um lado para o outro antes de comprar a *T-shirt*.

— Que está a dizer, Jack?

— É casado, Andy?

— Sim.

— Tem filhos?

— Dois rapazes.

— Tem sorte. Com as raparigas gasta-se muito mais dinheiro. — Avançaram, para ver a loja em questão. Coisas para senhora e meninas. *Pois*, pensou Jack, *vão estar aqui um bocado*.

— Ótimo, já sabemos o aspeto deles. É já tempo de nos afastarmos, Sir John. — Hudson gesticulou para a Váci Utca, como se a estivesse a descrever a um novo visitante de Budapeste e, em seguida, conduziu o seu convidado até à embaixada, com os olhos a varrerem tudo, como uma antena de radar. Ele continuou a gesticular fora de sintonia com as suas palavras. — Ora vejamos, conhecemos o aspeto deles. Não me parece que estejam a ser seguidos, o que é bom. Se se tratasse de uma das suas operações surpresa, não teriam deixado que o isco ficasse assim tão perto de nós. Pelo menos eu não o teria feito desse

modo, e o KGB é bastante previsível.

— Acha que sim?

— Sem dúvida, o Ivan é muito bom, mas previsível, um pouco como eles jogam futebol ou xadrez: um jogo muito direto com um excelente desempenho, mas com pouco no que diz respeito à originalidade e ao estilo. Eles não encorajam as pessoas a sobressaírem entre a multidão, pois não?

— É verdade, mas os seus líderes têm-no feito.

— Esse morreu há trinta anos, Jack, e não me parece que eles queiram outro.

— De acordo. — Não fazia sentido discutir esse ponto. O sistema soviético não encorajava qualquer tipo de individualismo. — Para onde vamos agora?

— Temos a sala de concertos, o hotel, pontos de interesse… Penso que já tivemos surpresas suficientes para uma manhã.

Os rapazinhos, geralmente, não gostam de compras, mas o mesmo nem sempre se aplica às meninas. Sem dúvida, não se aplicava à *zaitchik*, que nunca vira uma variedade tão grande de roupa com cores vivas, mesmo nas lojas especiais a que os pais tinham obtido acesso recentemente. Com a mãe a selecionar e a vigiar, Svetlana experimentou um total de seis casacos, desde um verde-floresta a um outro, encarnado incandescente com uma gola preta, e, se bem que ela tivesse provado mais dois depois desse, acabaram por se decidir pelo encarnado que a *zaitchik* insistiu em vestir logo. A próxima paragem foi para Oleg Ivanovitch, que comprou três leitores de vídeo, tudo cópias húngaras ilegais de aparelhos japoneses da *Sony Betamax*. A loja, segundo veio a saber, iria entregá-los ao seu quarto de hotel (os ocidentais costumavam fazer compras nessa loja) e, essa aquisição eliminava metade da sua lista de compras para o escritório. Decidiu juntar-lhe também algumas videocassetes do tipo que ele não queria que a filha visse, mas que teriam sido muito do agrado dos seus amigos no Centro. E foi assim que Zaitzev se desembaraçou de dois mil rublos do Comecom, para os quais não teria qualquer uso no Ocidente.

A expedição de compras continuou quase até à hora de almoço. Por essa altura estavam a carregar mais mercadorias do que seria confortável levar na mão, e foi assim que se dirigiram para o velho metro, para irem até ao hotel depositar as compras, antes de fazerem qualquer coisa que fosse mais do agrado da filha.

A praça dos Heróis fora construída pelos Habsburgos para comemorar a sua

posse da Hungria (ainda que tal não agradasse aos habitantes locais) no final do século prévio, com estátuas de antigos reis húngaros, recuando até Santo Estêvão (Istvan, na língua magiar), cuja coroa Jimmy Carter entregara ao país há já alguns anos, aquela que tinha uma cruz torta no topo.

— Aquilo aconteceu, segundo dizem — explicou Hudson —, quando Estêvão atirou com a coroa para cima da outra. Entregá-la foi talvez uma manobra inteligente por parte do Carter. É um símbolo da nação deles. O regime comunista não a poderia ter recusado e, ao aceitá-la, teve de reconhecer que a história do país precedia há muito o marxismo-leninismo. Eu não sou propriamente fã do Senhor Carter, mas penso ter sido uma manobra subtil por parte dos americanos. Quase todos os húngaros detestam o comunismo, Jack. A nação é bastante religiosa.

— *Existem* muitas igrejas — observou Ryan. Ele contara seis ou sete a caminho do parque.

— Isso é a outra coisa que lhes dá um sentido de identidade política. O governo não gosta, mas é algo demasiado grande e perigoso para ser destruído, de modo que existe uma paz intranquila entre as duas fações.

— Se eu fizesse uma aposta, punha o meu dinheiro na igreja.

Hudson voltou-se.

— Tal como eu, Sir John.

Ryan olhou em volta.

— É uma praça grande como tudo. — Parecia-lhe ter mais do que dois quilómetros quadrados de pavimento.

— Remonta a mil novecentos e cinquenta e seis — explicou Hudson. — Os soviéticos queriam-na suficientemente grande para poderem trazer as camionetas da tropa. Poder-se-ia aterrar um Cub NA-10 aqui mesmo, o que torna mais fácil ainda trazer tropas da força aérea, caso os locais se voltem a revoltar. Em dez ou doze Cubs, poderiam trazer cento e cinquenta soldados em cada um e estes defenderiam o centro da cidade contra os contrarrevolucionários e esperariam que os tanques chegassem do Leste. Não é um plano brilhante, mas é a forma como eles pensam.

— Que tal se estacionarem aqui dois autocarros e lhes derem tiros nos pneus?

— Não disse que era perfeito, Jack — respondeu Hudson. — Melhor ainda, algumas minas terrestres. Estas poderiam matar alguns desses cabrões e iniciar

um belo pequeno incêndio. Não haveria maneira de um piloto as poder ver ao aproximar-se. E os pilotos de transportes são os mais cegos e os mais estúpidos que existem.

E o Ivan pensaria que poderia aí inserir as suas tropas antes que as coisas se descontrolassem. Pois, fazia sentido, pensou Ryan.

— Sabe quem era o embaixador em mil novecentos e cinquenta e sete?

— Não… espere um momento… Já sei… Não era o Andropov?

Hudson anuiu com um aceno de cabeça.

— O próprio Yuriy Vladimirovitch. Isso explica porque é que os habitantes locais gostam tanto dele. Uma grande quantidade de pessoas perdeu a vida nessa aventura.

Ryan lembrava-se de que frequentava a escola primária nessa ocasião. Era demasiado novo para apreciar as complicações. Foi durante o outono de um ano de eleições presidenciais e, simultaneamente, a Grã-Bretanha e a França decidiram invadir o Egito para protegerem os seus direitos no canal do Suez. Eisenhower ficara paralisado por duas crises simultâneas e não pudera fazer muita coisa. Mas a América arranjara um bom grupo de imigrantes com isso. Não fora uma perda total.

— E a polícia secreta local?

— Fica ao fundo da Andrassy Utca, no número sessenta. É um prédio vulgar, de onde, positivamente, pinga sangue. Não é agora tão mau como costumava ser. O grupo original era devoto do *Félix de Ferro,* mais cruel do que a Gestapo do Hitler. No entanto, depois da revolta falhada, ficaram até certo ponto mais moderados e mudaram o nome de Államvédelmi Oszraly para Államvédelmi Hivatal, ou seja, *Gabinete* de Segurança do Estado, em vez de *Secção* de Segurança do Estado. Substituíram o antigo chefe e suavizaram-se um pouco mais. Antigamente tinham uma reputação bem merecida por se entregarem à tortura. Há quem diga que se trata de uma coisa do passado. Só a reputação deles é suficiente para vergar um suspeito. É bom ter-se um passaporte diplomático — concluiu Andy.

— E são bons? — perguntou então Jack.

— São uns imbecis. Talvez em tempos tivessem recrutado gente competente, mas isso foi mesmo há muitos anos. Talvez um efeito que tivesse ficado das décadas de quarenta e cinquenta. As pessoas boas não querem lá trabalhar e não

existem verdadeiros benefícios para o fazerem, do tipo dos que o KGB pode oferecer aos seus recrutas. De facto, este país tem algumas universidades excelentes. Saem delas engenheiros muito bons e gente ligada às ciências, e a Faculdade de Medicina de Semmelweis é de primeira qualidade.

— Que diabo, metade dos fulanos no Projeto Manhattan eram húngaros, não eram?

Hudson assentiu com um aceno de cabeça.

— Eram, de facto e, muitos deles eram judeus húngaros. Não houve muitos que tivessem saído, embora durante a Segunda Guerra Mundial os húngaros tivessem salvado metade deles. O chefe de estado, o almirante Horthy, foi provavelmente morto por causa disso. O Horthy morreu sob o que eufemisticamente se designa de «circunstâncias misteriosas». É difícil dizer que tipo de indivíduo ele era, mas há toda uma escola que afirma que se tratava de um violento anticomunista, mas, decididamente, não um pró-nazi. Talvez fosse um homem que tivesse escolhido um mau lugar e uma má época para ter nascido. Nunca o iremos conseguir saber com alguma certeza. — Hudson gostava desse papel de guia turístico Não era uma má mudança em relação a ser o rei, talvez o príncipe, dos espiões.

Mas era altura de voltarem ao assunto.

— Muito bem, como é que vamos fazer isto? — perguntou Jack. Estava à procura de alguém que os andasse a perseguir, mas, se havia alguma coisa desse género por ali, era invisível, a não ser que houvesse uma equipa de sujos automóveis *Lada* a segui-los. Teria de confiar em Hudson para examinar essa possibilidade.

— Voltemos para o carro. Vamos ver o hotel. — Eram apenas alguns minutos de automóvel até Andrassy Utca, um percurso com admirável arquitetura de estilo francês. Ryan nunca estivera em Paris, mas, ao fechar os olhos, pensava que poderia muito bem lá ter estado.

— Ora aqui estamos — disse Hudson, ao estacionar. Havia uma coisa boa nos países comunistas: não era difícil encontrar um sítio para estacionar um veículo.

— Estará alguém a observar-nos? — refletiu Ryan, tentando não parecer muito óbvio ao olhar em várias direções.

— Se está, estará a fazer um ótimo trabalho. Ora, mesmo ali, do outro lado da rua, fica o posto local do KGB. Tratava-se da Casa da Cultura e da Amizade

Soviética, tristemente sem cultura nem amizade, apenas com trinta ou quarenta tipos do KGB dentro dela, nenhum deles interessado em nós — acrescentou Hudson. — O cidadão húngaro normal talvez preferisse apanhar gonorreia em vez de entrar lá dentro. É difícil explicar-lhe como os soviéticos são tão detestados neste país. Os habitantes locais talvez aceitem o dinheiro deles, e até talvez lhes apertem as mãos quando o recebem, mas não muito mais do que isso. Eles aqui ainda se lembram de mil novecentos e cinquenta e sete, Jack.

O hotel relembrou a Ryan algo que H.L. Menken designara como a «era dourada» — ambições de champanhe com um orçamento para cerveja.

— Já fiquei em melhores sítios — observou Jack. Não era o Plaza em Nova Iorque nem o Savoy de Londres.

— Creio que esse não será o caso dos nossos amigos russos.

Porra, se os conseguir levar para a América, irão pensar que estão num mundo de facilidades, pensou logo Jack.

— Entremos. Eles têm um bar muito agradável — recomendou Hudson.

E assim era, à direita e depois de terem descido alguns degraus, entraram no que se assemelhava a um bar de disco em Nova Iorque, embora não tão barulhento. A banda ainda não chegara, estavam apenas a tocar alguns discos e não muito alto. A música, notou Jack, era americana. Que estranho. Hudson pediu dois copos de Tokay.

Ryan provou o dele, não era mau.

— Também é engarrafado na Califórnia, penso. Vocês chamam-lhe Tokay, a bebida nacional da Hungria. É algo de que se aprende a gostar, mas é melhor do que *grappa*.

Ryan riu-se.

— Bem sei, essa é uma palavra italiana para «álcool puro». O meu tio Mario costumava gostar dessa bebida. *De gustibus*,[37] como costumam dizer… — Ele olhou em volta. Não havia ninguém a uma distância de seis metros. — Será que podemos falar?

— É melhor limitarmo-nos a olhar em volta. Virei aqui esta noite. Este bar fecha depois da meia-noite, e eu preciso de ir buscar umas coisas. O nosso *Coelho* está no quarto trezentos e sete, ao canto, no terceiro andar. É facilmente acessível através das escadas de emergência. Três entradas, de frente de ambos os lados. Se, tal como estou à espera, houver apenas um empregado à secretária,

é só uma questão de o distrairmos de modo a levarmos os pacotes para cima e retirarmos a família *Coelho*.

— Pacotes para cima?

Hudson voltou-se.

— Não lhe disseram?

— Disseram-me o quê?

Raios partam, pensou Hudson, *nunca passam a informação necessária a todos os que precisam dela. As coisas nunca mudam*.

— Falamos nisso mais tarde — disse ele a Ryan.

Estou a ver, pensou logo Ryan. Havia qualquer coisa de que ele não iria gostar. Tão certo como dois e dois serem quatro. Talvez ele devesse ter trazido a sua *Browning*. *Oh*, *merda*. Acabou de tomar a bebida e foi à procura da casa de banho. A simbologia ajudava. Aquele lugar não fora limpo recentemente e ainda bem que ele não precisava de se sentar. Saiu, viu Andy à sua espera e seguiu-o até ao exterior. Em breve já estavam no carro dele.

— Pois bem, será que podemos discutir agora esse pequeno problema? — perguntou Jack.

— Mais tarde — disse-lhe Hudson. Isso acabou por fazer com que Ryan se preocupasse um pouco mais.

Os pacotes estavam a acabar de chegar ao aeroporto, três grandes caixotes com etiquetas do corpo diplomático, e um funcionário da embaixada estava na rampa para se certificar de que ninguém os abria. Alguém se assegurara de que eram postos em caixotes de uma companhia eletrónica (neste caso, a alemã *Siemens*), fazendo com que parecessem máquinas de encriptação, ou algo volumoso e sensível. Estes foram devidamente carregados na própria camioneta da embaixada, seguindo para o centro da cidade, com nada mais do que curiosidade à sua passagem. A presença de um funcionário da embaixada impedira que fossem radiografados, e isso era importante, pois poderia danificar os *microchips* que vinham lá dentro, é claro, pensaram as pessoas da alfândega, de modo que fizeram o seu relatório oficial para o Belügyminisztérium. Em breve seria relatado a todos os interessados, incluindo o KGB, que a Embaixada do Reino Unido em Budapeste adquirira material novo de encriptação. Essa informação seria devidamente arquivada e esquecida.

— Gostou do seu passeio? — perguntou Hudson, de volta ao escritório.

— É melhor do que fazer uma verdadeira auditoria, Andy — ripostou Ryan. — Será que me quer dizer o que se irá passar?

— A ideia vem dos vossos. Vamos tirar daqui a família *Coelho* de um modo tal que o KGB possa pensar que eles estão mortos, logo, que não são desertores capazes de cooperar com o Ocidente. Para esse fim, temos três cadáveres para colocar no quarto de hotel assim que conseguirmos retirar de lá Flopsy, Mopsy e Cotton-tail.

— Pois, é isso — disse Ryan. — O Simon contou-mo. E depois?

— Depois incendiamos o quarto. Os três corpos foram vítimas de incêndios domésticos. Deviam ter chegado hoje.

Tudo o que Ryan ainda conseguia sentir era uma visceral repugnância e o seu rosto mostrava-o.

— Isto não se trata de um assunto limpo, Sir John — informou o chefe de posto dos serviços secretos ao seu convidado.

— Meu Deus, Andy, e de onde são os corpos?

— Será que isso poderá interessar?

Um longo suspiro.

— Não, suponho que não. — Ryan abanou a cabeça. — E depois?

— Levamo-los para sul. Encontramo-nos com um agente meu, o Istvan Kovacs, um contrabandista profissional que está a ser muito bem pago para que possamos entrar pela fronteira da Jugoslávia. Daí, vamos para a Dalmácia. Há muitos conterrâneos meus que gostam de ir para lá apanhar sol. Pomos a família *Coelho* num avião comercial para os levarmos, como sabe, até Inglaterra, e a operação fica concluída para satisfação de todos.

— Muito bem. — *Que mais posso eu dizer?*, cogitou Jack. — Quando?

— Daqui a dois ou três dias, penso eu.

— Vai levar alguma coisa? — perguntou então ele.

— Estará a referir-se a uma pistola?

— Não me estou a referir a uma fisga… — clarificou Ryan.

Hudson limitou-se a abanar a cabeça.

— As pistolas não são coisas assim tão úteis. Se houver algum problema, teremos soldados com espingardas automáticas, e uma pistola não irá ajudar ninguém, exceto para fazer com que a oposição nos dê um tiro com grandes

probabilidades de nos acertar. Não, se isso acontecer, será melhor que nos afastemos, usando os nossos passaportes diplomáticos. Já temos passaportes britânicos para os *Coelhos*. — Levantou então um grande envelope da secretária. — Segundo dizem, o Senhor *Coelho* fala bem inglês. É quanto basta.

— Já vejo que está tudo muito bem pensado, não é verdade? — Ryan não tinha a certeza se isso lhe parecia assim, ou não.

— É para isto que me pagam, Sir John.

E eu não estou numa posição para o criticar, deu-se conta Ryan.

— Muito bem, você aqui é o especialista e eu sou um sacana de um turista.

— O Tom Trent enviou uma mensagem. — Esta estava em cima da secretária de Hudson. — Não viu ninguém a seguir a família *Coelho*. De modo que a operação, nesta altura, parece inteiramente normal. Eu diria que as coisas estão mesmo a correr muito bem. — *Exceto pelos corpos congelados e queimados, na cave da embaixada*, não acrescentou ele. — Vê-los esta manhã acabou por ajudar. Parecem inteiramente normais e isso é meio caminho andado. Pelo menos não estamos a tentar levar a Grace Kelly para fora do país. As pessoas assim dão nas vistas, mas esse não é o caso de mulheres como a Senhora *Coelho*.

— Flopsy, Mopsy e Cotton-tail… — murmurou Ryan.

— É só uma questão de os pôr numa toca diferente.

— É você que o diz — respondeu Ryan, com algumas dúvidas. Este sujeito tinha uma vida muito diferente da dele. Cathy ganhava a vida a cortar globos oculares às pessoas, e isso teria feito com que Jack desmaiasse, como se tivesse visto uma cobra-cascavel na banheira. Eram maneiras diferentes de se ganhar a vida. Mas não era a dele.

Tom Trent observou-os no longo passeio desde o hotel até ao jardim zoológico, que era sempre um local agradável para as crianças. O leão e o tigre macho eram magníficos, e a casa do elefante, construída num estilo ébrio e arabizante em tons pastel, alojava vários paquidermes. Com um cone de gelado comprado para a menina, o dia chegara ao fim. A família *Coelho* voltou para o hotel, com o pai a transportar a menina adormecida durante mais ou menos o último meio quilómetro. Esta era a parte mais difícil para Trent, para quem permanecer invisível numa área de dois quilómetros quadrados de uma zona plana punha à prova as suas aptidões profissionais, mas a família *Coelho* não estava assim tão

atenta e, ao chegar ao Astoria, ele meteu-se numa casa de banho para mudar o seu casaco reversível, a fim de alterar as suas cores exteriores. Meia hora mais tarde, os Zaitzev saíram mais uma vez, mas voltaram logo, para entrarem no restaurante ao lado. A comida ali era saudável, ainda que não muito excitante, e, além disso, não era muito cara. Ele viu-os a encherem os pratos com a comida local e a sentarem-se para a devorar. Todos arranjaram espaço para uma *strudel* de maçã que, em Budapeste, era tão boa como a que se poderia comer em Viena, mas por um décimo do preço. Quarenta minutos mais tarde já começavam a parecer muito cansados e muito cheios, nem sequer indo para um passeio em torno do quarteirão após a refeição, para digerirem melhor, antes de entrarem no elevador para o terceiro andar e, presumivelmente, para uma noite bem dormida. Trent demorou meia hora para se certificar, depois apanhou um táxi para a praça Vörösmarty. Tivera um longo dia e ainda tinha de escrever um relatório para Hudson.

O chefe de posto e Ryan estavam a beber cerveja na cantina quando ele chegou à embaixada. Fizeram-se as apresentações e pediram mais uma caneca para Trent.

— Pois bem, que é que pensas, Tom?

— Parece que eles são o que nos disseram que deveríamos esperar. A menina… o pai chama-lhe *zaitchik*, quer dizer coelhinha, não é verdade?, é um amor. Para além disso, trata-se de uma família normal a fazer coisas normais. Ele comprou três leitores de vídeo na Váci Utca. A loja irá entregá-los no hotel. Depois foram esticar as pernas.

— O quê?

— Dar um passeio por aí, como qualquer turista — explicou Trent. — Foram até ao jardim zoológico. A menina estava muito impressionada com os animais, mas, mais do que tudo, com um casaco encarnado novo, com uma gola preta, que eles lhe compraram esta manhã. No geral, pareceram-me uma família simpática — concluiu o espião.

— Nada fora do comum? — perguntou Hudson.

— Absolutamente nada, Andy, e se and,a alguém atrás deles, eu não vi nada. A única surpresa do dia foi de manhã, quando passaram aqui em frente da embaixada a caminho das compras. *Esse* foi um momento sensível, mas pareceu-me ter sido apenas uma coincidência. A Váci Utca é a melhor área de compras

para quem vem do Leste e do Ocidente. Creio que o rececionista lhes disse para apanharem o metro até lá.

— Tudo muito normal, não é verdade? — perguntou Jack, acabando a cerveja.

— Assim parece — retorquiu Trent.

— Então, quando é que iniciamos as coisas? — perguntou então o americano.

— Bem, esse tal Rozsa abre a sua série de concertos amanhã à noite. Que tal no dia seguinte? Assim, damos à Senhora *Coelho* uma oportunidade para ouvir música. Será que também podemos comprar bilhetes? — inquiriu Hudson.

— Está feito — respondeu Trent. — Um camarote do lado direito da sala, com ótima vista sobre todo o recinto. Ser diplomata, sempre ajuda.

— O programa é…

— Bach, os primeiros três «Concertos de Brandemburgo», depois mais umas outras obras dele.

— Deverá ser bastante agradável — observou Ryan.

— As orquestras locais são muito boas, Sir John.

— Andy, já chega dessa porra de títulos, está bem? O meu nome é Jack. John Patrick, para ser mais preciso, mas todos me chamam «Jack» desde os meus três anos.

— É uma honra, não sei se sabe…

— Muito bem, e já a agradeci a Sua Majestade, mas, onde vivo, não fazemos esse tipo de coisas, está a perceber?

— Bem, usar uma espada pode ser inconveniente quando nos temos de sentar — admitiu Trent.

— E tomar conta do cavalo, uma grande chatice. — Hudson riu-se muito. — Já para não falar das despesas com os torneios.

— Muito bem, talvez eu merecesse ouvir isso — admitiu Ryan. — Só quero tirar o *Coelho* daqui para fora.

— Algo que iremos fazer — assegurou-lhe Hudson. — E o senhor irá lá estar para ver.

— Está toda a gente em Budapeste — relatou Bostock. — O *Coelho* e a família estão numa baiuca chamada Astoria.

— Não há uma parte de Nova Iorque com esse nome? — perguntou o diretor-geral de Informação.

— Em Queens — confirmou Greer. — Que se passa com o hotel?

— De facto, encaixa-se bem no que pretendemos fazer — informou o vice-diretor de Operações adjunto. — O Basil diz que até agora a operação se mantém nominal. Não foi observada qualquer vigilância sobre os nossos sujeitos. Tudo parece ser rotineiro. Creio que os nossos primos têm um chefe de posto competente em Budapeste. Os três corpos chegaram lá hoje. Só nos falta uma última afinação de agulhas.

— Nível de confiança? — perguntou o vice-diretor de Informação.

— Digamos que setenta e cinco por cento, almirante — calculou Bostock. — Talvez mais.

— E o Ryan? — perguntou Greer, a seguir.

— Não tenho informações de Londres acerca dele. Creio que o seu rapaz se estará a portar bem.

— Ele é um ótimo indivíduo. Tem de o ser.

— Penso se estará muito feliz — observou o juiz Moore.

Os outros dois sorriram e abanaram a cabeça. Bostock foi o primeiro a falar. Tal como qualquer pessoa da Direção de Operações, eles tinham as suas dúvidas acerca dos membros da mais numerosa Direção de Informação.

— Talvez não tão confortável como estaria à sua secretária, sentadinho na sua cadeira giratória.

— Ele irá sair-se muito bem, meus senhores — assegurou-lhes Greer, esperando não se enganar.

— Dá que pensar o que esse tipo possa ter para nos dizer… — disse Moore, entre dentes.

— Dentro de uma semana já o iremos saber — afirmou Bostock. Ele era sempre um otimista. E três em quatro eram boas apostas, desde que a nossa pele não corresse perigo.

O juiz Moore olhou para o relógio que tinha em cima da secretária e adicionou seis horas. As pessoas estariam nesse momento a dormir em Budapeste, e quase o mesmo se passaria em Londres. Ele ainda se recordava das suas aventuras no terreno, na sua maioria, à espera que as pessoas aparecessem, ou preenchendo relatórios de contacto para os burocratas americanos que ainda geriam os assuntos na CIA. Não se poderia evitar o facto de a Agência ser uma operação governamental, sujeita a todas as mesmas restrições e ineficiências que

caracterizam a triste realidade. Porém, dessa vez, para aquela operação BEATRIX, *estavam* a ser extremamente rápidos… só porque esse tal *Coelho* afirmara que as comunicações do governo estavam comprometidas. *Não* por ele ter dito que tinha informação acerca de uma vida inocente que se poderia perder. O governo tinha as suas prioridades, e estas nem sempre correspondiam às necessidades do mundo racional. Ele era, supostamente, diretor da CIA e, de acordo com a lei federal, comandava todas as operações de recolha de informação e de análise do governo dos EUA. Porém, fazer com que aquela burocracia funcionasse convenientemente era o mesmo que arrastar uma baleia para a praia e pedir-lhe que voasse. Poderíamos gritar tudo o que nos apetecesse, mas não podíamos combater a gravidade. O governo era uma coisa feita de seres humanos e, assim sendo, teria de ser possível que estes o mudassem, mas, na prática, isso nunca acontecia. De modo que havia três hipóteses em quatro de que conseguissem retirar o *Coelho* da Rússia e interrogá-lo numa casa segura confortável, nas colinas da Virgínia. Depois de ouvirem tudo o que ele teria para dizer, talvez viessem a saber algumas coisas importantes e úteis, mas o jogo não iria mudar e o mesmo se aplicaria à CIA.

— Há alguma coisa que tenhamos de dizer ao Basil?

— Nada que me venha à cabeça, senhor juiz — respondeu Bostock. — Ficaremos à espera com todo o sossego possível, e oxalá que as pessoas concluam a sua missão.

— Pois — admitiu o juiz Moore.

Apesar das três canecas de cerveja preta britânica, Ryan não dormiu bem. Não conseguia pensar em nada que lhe tivesse falhado. Hudson e a sua equipa pareciam-lhe muito competentes, e a família *Coelho* tivera um aspeto normal ao passear pelas ruas no dia anterior. Havia três pessoas e uma delas queria desesperadamente sair da URSS, o que pareceu a Ryan inteiramente razoável… embora os russos fossem as pessoas mais encarniçadamente patrióticas de todo o mundo. Não obstante, para cada regra havia exceções, e era óbvio que aquele homem tinha uma consciência e sentia a necessidade de pôr um fim… a qualquer coisa. Fosse o que fosse, Ryan não o sabia e não se iria deitar a adivinhar. A especulação não era análise, e era para fazer boas análises que ele recebia o seu magro salário.

Seria interessante descobri-lo. Ryan nunca falara com um desertor ou com um dissidente. Lera acerca do assunto e enviara perguntas escritas a alguns deles, para obter respostas a inquéritos específicos, contudo, nunca estivera cara a cara com um deles nem lhe examinara o rosto enquanto ele respondesse. Como num jogo de cartas, era a única maneira de ler o outro indivíduo. Nesse aspeto, não tinha a habilidade da sua mulher. Havia algo a dizer acerca do treino médico, mas ele também não era uma criança de três anos que acreditasse em tudo. Não, ele queria ver esse fulano, falar com ele e saber que informação traria na cabeça, só para avaliar a fiabilidade do que ele dissesse. O *Coelho* poderia ser alguém infiltrado, apesar de tudo. O KGB fizera-o no passado, segundo o que Ryan ouvira. Houvera um desertor que fugira após o assassínio de John Kennedy, que gritara aos quatro ventos que o KGB nada tivera que ver com esse ato. Fora, de facto, o suficiente para que a Agência se interrogasse se o KGB não fizera precisamente isso. O KGB podia ser muito escorregadio, mas, como todas as pessoas espertas e trapaceiras, mais tarde ou mais cedo acabavam por cometer erros devido a um excesso de autoconfiança e, quanto mais tarde o fizessem, mais grave seria o erro. Eles compreendiam o Ocidente e o modo como as pessoas raciocinavam. Não, o Ivan não tinha três metros de altura, nem era um génio no que quer que fosse, apesar de certos apregoadores do medo em Washington, e até alguns em Langley, poderem pensá-lo.

Toda a gente tinha a capacidade de cometer erros. Ele aprendera isso com o pai, que ganhara a vida a apanhar assassinos, alguns dos quais se consideravam o suprassumo da inteligência. Não, a única diferença entre um sábio e um louco residia na magnitude dos erros. Errar era humano e, quanto mais esperto e poderoso se fosse, maior a dimensão do estrago — como Lyndon B. Johnson no Vietname, a guerra a que Jack escapara por um triz devido à sua idade, um erro colossal infligido ao povo americano pelo mais hábil estrategista político da sua era, um homem que pensava que os seus dons se poderiam traduzir em políticas de poder internacional, só para vir a saber que um comunista asiático não pensava da mesma maneira que um senador do Texas. Todos os homens tinham as suas limitações, só que alguns eram mais perigosos do que outros. E enquanto um génio estava ciente dos seus limites, um idiota não os conhecia.

Estava estendido na cama, a fumar um cigarro e a olhar para o teto, pensando no que se iria passar no dia seguinte. Outra manifestação de Sean Miller e dos

seus terroristas?

Felizmente não, pensava Jack, ainda a cogitar por que motivo Hudson não teria uma arma à mão para essas próximas aventuras. Tinha de ser uma coisa de europeus, decidiu. Os americanos em solo hostil gostavam de ter pelo menos um amigo por perto.

---

[37] Latim para «Quanto a gostos…». *(N. do T.)*

CAPÍTULO 27

CORRE, COELHO

Mais um dia numa cidade estrangeira, pensou Zaitzev, quando o Sol começou a nascer a leste, duas horas mais cedo do que em Moscovo. Na Rússia, ele ainda estaria a dormir, disse Oleg Ivanovitch para consigo. Em breve, esperava, acordaria noutro lugar, num fuso horário completamente diferente. Mas, por enquanto, estava deitado e quieto, a saborear o momento. Não havia, virtualmente, qualquer som lá fora, talvez o de algumas camionetas de mercadorias, nas ruas. Estava escuro, mas já não era de noite; estava a clarear, mas ainda não era manhã; tratava-se da parte média do começo do dia. Poderia ser um momento agradável. Era uma altura de que as crianças poderiam gostar, um instante mágico em que o mundo pertencia apenas àqueles que estivessem acordados e a todos os outros que ainda se encontrassem invisíveis nas suas camas, em que as crianças podiam passear como pequenos reis, até que as mães as agarrassem e arrastassem para as suas camas.

Mas Zaitzev estava apenas ali deitado, ouvindo a lenta respiração da mulher e da filha, enquanto ele estava completamente desperto, livre para pensar inteiramente sozinho.

Quando iriam eles contactá-lo? Que lhe iriam dizer? Será que mudariam de opinião? Será que trairiam a sua confiança?

Por que motivo estaria ele tão inquieto acerca de tudo? Não seria já tempo de confiar um pouco na CIA? Não iria ele ser um grande ativo para eles? Não viria a ser valioso? Até mesmo o KGB, avarento como uma criança com os seus melhores brinquedos, dava conforto e prestígio aos que desertavam para a URSS. Todo o álcool que Kim Philby poderia beber. Todos os vagabundos a quem Burgess[38] quisesse comer o cu. Em ambos os casos, segundo relatavam as histórias, os apetites eram insaciáveis. Mas essas mesmas histórias aumentavam sempre que eram contadas, e dependiam, em parte, da antipatia soviética pelos homossexuais.

Ele não era um desses. *Era um homem de princípios, não era?*, perguntava-se Zaitzev. Claro que era. Pelos seus princípios estava a tomar a sua vida nas próprias mãos e a fazer malabarismos com ela. Como facas num circo. E como o

malabarista, só que ele seria ferido por um erro de interpretação. Oleg acendeu o seu primeiro cigarro do dia, tentando pensar em tudo isso pela centésima vez, em busca de um outro rumo viável de ação.

Ele *poderia* ir aos concertos, continuar com as suas compras, tomar o comboio de regresso à estação de Kiev e ser visto como um herói pelos seus colegas de trabalho, por lhes ter arranjado os seus leitores de vídeo e as cassetes pornográficas, e os colãs para as suas mulheres, e, talvez, algumas coisas para si. E o KGB nunca iria saber de nada.

Mas, assim, o padre polaco iria morrer às mãos dos soviéticos… mãos que tu tens o poder de impedir, senão que homem irias ver no espelho, Oleg Ivanovitch?

Tudo regressava sempre à mesma coisa, não era?

No entanto, não adiantaria muito voltar a adormecer, de modo que continuou a fumar um cigarro ali deitado, vendo o céu a clarear através da janela do hotel.

Cathy Ryan não acordou realmente até a sua mão encontrar a cama vazia a seu lado, onde deveria ter estado o marido. Isso, até certo ponto, fez com que ela ficasse logo bem acordada num instante e, com a mesma rapidez, lembrar-se de que ele estava fora da cidade e do país (do dela e desse) e, como resultado, de que ela estava sozinha, de facto, uma mãe solteira, que não fora algo que ela negociara ao casar-se com Sir John Patrick Ryan. Ela não era a única mulher no mundo cujo marido fizesse viagens de negócios, o pai dela fazia-as muitas vezes e ela crescera com esse facto. Mas essa era a primeira vez para Jack e ela não gostava nada disso.

Não era que ela não pudesse lidar com essa situação. Tinha de lidar todos os dias com atribulações piores do que essas. Nem estava preocupada com o facto de que Jack pudesse arranjar um caso. Ela pensara-o muitas vezes quando o pai viajava (o casamento dos pais nunca fora muito sólido) e não sabia o que a mãe, já falecida, teria pensado. Mas com Jack, não, isso não seria um problema. Ela amava-o e sabia que ele também a amava e as pessoas apaixonadas deveriam estar juntas. Se se tivessem conhecido quando ele era ainda um oficial no Corpo de Fuzileiros, teria sido uma questão com a qual ela teria de ter lidado. Pior ainda, ela poderia um dia ter tido de lidar com um marido que pudesse ter estado numa situação perigosa e isso, tinha a certeza, era a forma de inferno mais

terrível com que viver. Mas não, ela não o conhecera senão depois de tudo isso. O seu pai levara-o a jantar e pensara trazê-lo até casa, um jovem corretor brilhante com instintos apurados, pronto a mudar-se do escritório de Baltimore para o de Nova Iorque, apenas para ser surpreendido, a princípio de um modo agradável, pelo interesse que tinham descoberto um pelo outro. Depois viera a revelação de que Jack queria pegar no seu dinheiro para ir, por incrível que pudesse parecer, ensinar história. Fora algo a que ela tivera de se adaptar, mais do que Jack, que a custo conseguia tolerar Joseph Muller, vice-presidente da Merrill Lynch Pierce Fenner and Smith, juntamente com não importava que aquisição que eles tivessem feito nos passados cinco anos. Joe ainda era o «paizinho» para ela e para «ele», o que, para Jack, se traduzia numa grande dor de cabeça.

Mas em que diabo estará ele a trabalhar?, pensou ela. *Em Bona? Na Alemanha? Em coisas da NATO?* Nesse maldito ramo da informação, a olhar para assuntos secretos e a fazer observações igualmente secretas acerca das mesmas, que seriam enviadas a outras pessoas que poderiam, ou não, lê-las e refletir sobre elas. Ela, pelo menos, tinha um trabalho decente, fazendo com que os doentes ficassem bons, ou, pelo menos, ajudava-os a ver melhor, mas Jack não.

Não era que ele fizesse coisas sem qualquer utilidade. Ele explicara-lho no princípio do ano. Havia pessoas más na sociedade e alguém tinha de as combater. Felizmente, ele não o fazia com uma pistola carregada — Cathy odiava armas, mesmo aquelas que tinham impedido o seu rapto e assassínio na sua casa do Maryland, na noite que acabara, graças a Deus, com o nascimento do pequeno Jack. Ela também já tivera a sua conta de feridas provocadas por tiros nas Urgências, durante o seu internato, o suficiente para ver os estragos que causavam, não os prejuízos que poderiam ter impedido noutros locais. O seu mundo era, até certo ponto, circunscrito a esse respeito, um facto que ela apreciava, e que era a razão pela qual ela permitia que Jack guardasse por perto algumas dessas malditas coisas, onde as crianças não lhes pudessem chegar, mesmo em cima de uma cadeira. Em tempos, ele tentara ensiná-la a usá-las, mas ela recusava-se sequer a tocar-lhes. Parte dela pensou que estaria a exagerar, mas ela era uma mulher… era tudo. E Jack não parecia importar-se muito com isso.

Mas por que motivo não está ele aqui?, interrogou-se Cathy, no escuro. Que

poderia ser assim tão importante para afastar o marido da mulher e dos filhos?

Ele não lho poderia dizer. E *isso* punha-a um pouco fora de si. Porém, não havia maneira de o evitar e não era como se ela estivesse a lidar com um doente com um cancro terminal. E não era como se ele andasse a comer uma galdéria alemã. Mas… raios partam. Ela queria o seu marido de volta.

A mil e duzentos quilómetros de distância, Ryan já estava acordado, já tomara o duche, já se barbeara e lavara os dentes, pronto para enfrentar o dia. Havia algo acerca de viajar que lhe tornava mais fácil acordar de manhã. Mas agora não tinha nada para fazer até a cantina da embaixada abrir. Olhou para o telefone ao pé da cama e pensou em telefonar para casa, mas não sabia como ligar através daquele sistema telefónico e talvez precisasse da autorização de Hudson, e da sua assistência, para o poder fazer. Caramba. Ele acordara às três da manhã, pensando voltar-se na cama para dar um beijo a Cathy. Era algo que Jack gostava de fazer, ainda que ela nunca se lembrasse disso. As boas notícias eram que ela retribuía sempre o beijo. Ela gostava mesmo dele. De outra maneira, não o teria feito. As pessoas não conseguem fingir quando estão a dormir. Era um facto importante no universo pessoal de Ryan.

Não adiantaria acender o rádio junto à cama. O húngaro, ou magiar, era uma língua que talvez só se encontrasse no planeta Marte. De certeza que não pertencia ao planeta Terra. Ele não ouvira uma palavra, nem uma, que tivesse reconhecido com base no inglês, alemão ou latim, as três línguas que ele estudara em vários momentos da sua vida. Os habitantes locais também pareciam metralhadoras a falar, aumentando assim a dificuldade da sua parte. Se Hudson o tivesse deixado num sítio qualquer dessa cidade, ele não teria conseguido encontrar o caminho para a Embaixada Britânica e *isso* dava-lhe um sentimento de vulnerabilidade que não sentira desde os seus quatro anos. Poderia muito bem estar num planeta alienígena, e ter um passaporte diplomático não ajudava, dado que era credenciado *pelo* país errado *para* esse mundo estranho. Até certo ponto, não refletira bem nisso enquanto se dirigia para lá. Como muitos americanos, pensava que com um passaporte e um cartão da American Express poderia viajar por todo o mundo em calções, mas esse mundo era apenas o mundo capitalista, onde alguém falaria inglês suficiente para lhe apontar para um edifício com a bandeira dos EUA no telhado e com fuzileiros americanos no

átrio. Não numa cidade alienígena. Ali, ele não sabia o suficiente para encontrar a casa de banho dos homens… bem, encontrara uma no bar no dia anterior, admitiu Ryan para si mesmo. O sentido de desamparo estava a pairar nas margens da sua consciência como o monstro proverbial por baixo da cama, mas ele era um cidadão americano adulto, com mais de trinta anos, um antigo oficial comissionado no Corpo de Fuzileiros dos EUA. Não era desse modo que ele geralmente sentia as coisas. De modo que se pôs a ver os números a mudarem no relógio digital, aproximando-o cada vez mais do seu encontro com o destino, fosse o que fosse que o mesmo pudesse ser, um número iluminado a vermelho depois do outro.

Andy Hudson já se levantara e saíra. Istvan Kovacs estava a preparar-se para uma das suas incursões no contrabando, dessa vez, trazendo ténis da *Reebok* da Jugoslávia para Budapeste. Tinha o dinheiro em notas, numa caixa por baixo da cama, e estava a tomar o pequeno-almoço e a ouvir música no rádio quando alguém a bater à porta fez com que ele levantasse os olhos. Levantou-se para a ir abrir na sua roupa interior.

— Andy! — disse ele, surpreendido.

— Será que te vim acordar, Istvan?

Kovacs convidou-o a entrar.

— Não, já me levantei há meia hora. Que te traz por aqui?

— Temos de levar o nosso pacote esta noite — respondeu Hudson.

— Quando, exatamente?

— Oh, por volta das duas e meia da manhã. — Hudson meteu a mão no bolso e retirou um molho de notas. — Aqui está metade do preço acordado. — Não havia necessidade de pagar àquele húngaro o valor total, pois isso iria alterar toda a equação.

— Ótimo. Queres um café, Andy?

— Sim, obrigado.

Kovacs fez-lhe sinal para que viesse até à mesa da cozinha e encheu-lhe uma chávena. — Como é que queres fazer a coisa?

— Vou levar o nosso pacote até ao pé da fronteira e tu leva-los para o outro lado. Presumo que conheças os guardas da fronteira no ponto de passagem.

— Sim, será o capitão Budai Laszlo. Há anos que faço negócios com ele. E o

sargento Kerekes Mihály é um bom rapaz, quer ir para universidade estudar engenharia. Eles fazem turnos de doze horas no ponto de passagem, da meia-noite ao meio-dia. Eles já estarão aborrecidos, Andy, e abertos a negociações. — Levantou a mão e esfregou o indicador no polegar.

— Qual é geralmente o preço?

— Para quatro pessoas?

— Será que eles precisam de saber que o nosso pacote são pessoas? — perguntou-lhe Hudson, por sua vez.

Kovacs encolheu os ombros.

— Não, suponho que não. Talvez uns pares de sapatos. Os *Reebok* são muito populares, não sei se sabes, tal como algumas videocassetes ocidentais. Eles já têm todos os leitores de vídeo de que precisam — explicou Kovacs.

— É bom que sejas generoso — sugeriu Hudson —, mas não muito. *Não devemos enchê-los de suspeitas*, não teve de acrescentar. — Se forem casados, talvez algumas coisas para as mulheres e para os filhos…

— Conheço bem a família do Budai, Andy. Isso não será problema. — Budai tinha uma filha pequena e dar alguma coisa à pequena Zsóka não causaria qualquer incómodo ao contrabandista.

Hudson começou a fazer cálculos em relação à distância. Uma hora até à fronteira da Jugoslávia deveria chegar a essa hora da noite. Iriam usar uma carrinha para a primeira parte da viagem. Istvan encarregar-se-ia do resto com a sua camioneta maior. E, se alguma coisa corresse mal, Istvan estaria à espera de ser baleado pelo agente do Serviço Secreto Britânico. Isso era o benefício dos filmes de fama mundial do James Bond. Mas, voltando a pôr os pés na terra, cinco mil marcos alemães davam para muita coisa na Hungria.

— Vou guiar para onde?

— Digo-to esta noite — retorquiu Hudson.

— Muito bem, vou encontrar-me contigo em Csurgo, de certeza, às duas e meia da noite de amanhã.

— Isso é ótimo, Istvan. — Hudson terminou o café e levantou-se. — É bom ter um amigo em quem se possa confiar.

— Pagas-me bem — observou Kovacs, definindo melhor a relação entre eles.

Hudson estava tentado a dizer quanto confiava no seu agente, mas isso não seria absolutamente verdade. Como muitos espiões no terreno, ele não confiava

em ninguém, não até que o trabalho estivesse concluído. Será que Istvan fazia parte da folha de pagamentos da AVH? Provavelmente, não. Estes não lhe poderiam pagar cinco mil marcos da Alemanha Ocidental numa base regular, e Kovacs gostava muito da boa vida. Se o governo comunista desse país alguma vez caísse, ele estaria entre os primeiros a tornar-se um milionário, com uma bela casa nas colinas de Buda, do outro lado do Danúbio, com vista sobre Pest.

Vinte minutos mais tarde, Hudson encontrou Ryan na parte da frente da fila para a cantina da embaixada.

— Já estou a ver que gosta de ovos — observou o chefe de posto.

— São locais, ou será que vêm da Áustria?

— Os ovos são locais. Os produtos das quintas húngaras são muito bons, mas nós gostamos do *bacon* inglês.

— Acabei por adquirir também esse gosto — admitiu Jack. — Que está a acontecer? — perguntou. — Os olhos de Andy mostravam uma certa excitação.

— É esta noite. Primeiro vamos ao concerto e depois vamos buscar o nosso pacote.

— Depois de os alertar para isso?

Hudson abanou a cabeça.

— Não, ele poderia agir de uma forma diferente. Prefiro evitar essa complicação.

— E se ele não estiver pronto? Se ele estiver com dúvidas? — preocupou-se Jack.

— Nesse caso, é uma missão abortada. E nós desaparecemos por dentro das brumas de Budapeste e chegaremos amanhã de manhã. Muitas caras irão ficar vermelhas em Londres, Washington e Moscovo.

— Para si é tudo muito fácil, meu amigo.

— Nesta linha de trabalho temos de aceitar as coisas tal como elas acontecem. Ficar muito excitado acerca das mesmas não ajuda muito. — Ele conseguiu sorrir. — Desde que eu receba o dinheiro da rainha e coma dos biscoitos dela, hei de fazer trabalho para Sua Majestade.

— *Semper fidelis* — observou Jack. Juntou natas ao café e bebeu um gole. Não seria o melhor, mas era quanto bastava de momento.

Tal como a comida na cafetaria gerida pelo Estado, ao lado do hotel Astoria.

Svetlana escolhera e quase inalara um pão de Viena, juntamente com um copo de leite gordo.

— O concerto é esta noite — disse Oleg à mulher. — Estás entusiasmada?

— Sabes há quanto tempo é que não vou a um verdadeiro concerto? — ripostou ela. — Oleg, nunca me irei esquecer desta tua simpatia. — Irina ficou surpreendida com a expressão no rosto dele, mas não fez comentários.

— Bem, minha querida, hoje temos mais compras para fazer. Coisas de senhora. Terás de te encarregar disso no meu lugar.

— Qualquer coisa para mim?

— Para isso, temos oitocentos e cinquenta rublos do Comecon, que podes gastar — disse-lhe Oleg Ivanovitch, com um sorriso aberto, pensando se o que ela fosse comprar ainda estaria a ser usado no final da semana.

— O seu marido ainda está fora em negócios? — perguntou Beaverton.

— Infelizmente — confirmou Cathy.

É uma pena, não disse o antigo paraquedista militar. Ele tornara-se um bom estudioso do comportamento humano ao longo dos anos, e o mal-estar dela com a presente situação era bem visível. Bem, Sir John estava ausente algures a fazer qualquer coisa interessante. Ele fizera já alguma pesquisa sobre os Ryans. Ela, de acordo com a papelada, era cirurgiã, tal como ele lhe dissera há algumas semanas. Por outro lado, o marido, apesar de dizer ser um agente júnior na Embaixada Americana, era provavelmente da CIA. Isso fora insinuado nos jornais londrinos, na altura em que ele tivera um mau encontro com os terroristas irlandeses, mas essa suposição nunca fora confirmada. Talvez porque alguém tivesse pedido a Fleet Street (delicadamente) para não voltar a dizer uma coisa dessas. Tal revelara a Eddie Beaverton tudo o que ele precisava de saber. Os jornais também diziam que ele estava, se não rico, muito bem na vida, de um ponto de vista monetário, e isso era confirmado pelo *Jagua*r de luxo na rampa da entrada da casa. De modo que Sir John estava ausente a tratar de assuntos secretos ou algo assim. Não fazia sentido especular, pensou o taxista, estacionando junto à diminuta estação de comboios de Chatham.

— Tenha um bom dia, minha senhora — disse-lhe ele, quando ela estava a sair.

— Esta é a sala de concertos.

Como o velho *Volkswagen Rabbit* de Ryan, a sala de concertos de Budapeste era bonita em todos os pormenores, mas era pequena, mal ocupando o quarteirão onde se situava, com a sua arquitetura a dar uma ideia do estilo imperial que se poderia encontrar em ponto maior em Viena, a cerca de trezentos quilómetros. Andy e Ryan entraram para irem buscar os bilhetes arranjados pela embaixada através do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Hungria. O átrio era dececionantemente pequeno. Hudson pediu licença para ver onde era o camarote e, devido ao seu estatuto diplomático, um empregado levou-o até lá acima e pelo corredor até ao mesmo.

A parte de dentro surpreendeu Ryan como sendo parecida com a de um teatro da Broadway, o Majestic, por exemplo. Não era muito grande, mas era elegante, com os seus assentos de veludo vermelho e com ornamentos em gesso cobertos com folha de ouro, um lugar onde o rei poderia vir sempre que se dignasse visitar a cidade subjugada, longe do seu palácio a montante do rio, em Viena. Um lugar para as personalidades importantes poderem saudar o seu monarca e fingirem que estavam no clube dos grandes, quando, tal como o seu soberano, sabiam que não era assim. Mas, apesar de tudo, era um esforço sério e uma boa orquestra chegaria para fazer esquecer os pontos fracos. A acústica era provavelmente excelente e era isso que importava. Ryan nunca fora a Carnegie Hall, em Nova Iorque, mas isso seria o equivalente local, um pouco mais pequeno e mais humilde, embora ressentidamente assim.

Ryan olhou em volta. O camarote era ótimo para o fazer. Poder-se-ia ver praticamente cada assento do teatro.

— E os lugares dos nossos amigos? Onde são? — perguntou ele, em voz baixa.

— Não tenho a certeza. O Tom irá segui-los quando entrarem, e ver onde se vão sentar, antes de vir ter connosco.

— E depois? — perguntou então Jack.

Mas Hudson cortou-lhe o discurso com duas palavras:

— Logo veremos.

De volta à embaixada, Tom Trent tinha o seu trabalho para fazer. Primeiro arranjou oito litros de álcool de cereais, com uma graduação de cento e noventa por cento. Tecnicamente era bebível, mas só para alguém que quisesse ficar

completamente bêbedo muito depressa. Provou-o, só um golo para se certificar de que tudo estava de acordo com o que constava no rótulo. Aquela não era uma ocasião para correr riscos. Um pequeníssimo gole foi suficiente para o confirmar. Era tão puro como o álcool alguma vez fora, sem cheiro percetível, e apenas com um certo sabor para nos indicar que não se tratava de água destilada. Trent ouvira dizer que algumas pessoas o usavam para dar mais força ao ponche, nos casamentos e em outras festas formais… para animar mais as coisas. Decerto seria ótimo para uma despedida.

A próxima parte era um pouco mais repugnante. Era altura de inspecionar os caixões. A cave da embaixada estava agora interdita a todos. Trent cortou a fita que selava a porta e levantou a tampa para revelar…

Os corpos estavam em sacos de plástico, do tipo que tinham pegas, usadas por agentes funerários para transportar cadáveres. Os sacos até vinham em várias medidas, segundo ele viu, talvez para acomodar os corpos de crianças e de adultos com várias dimensões. O primeiro corpo que ele descobriu foi o da menina. Graças a Deus, o plástico tapava-lhe o rosto, ou o que em tempos fora um rosto. Tudo o que ele conseguia ver era uma mancha escura e, de momento, isso era bom. Não precisava de abrir o saco e isso também era bom.

As outras caixas eram mais pesadas, mas, até certo ponto, mais fáceis. Pelo menos esses corpos eram de adultos. Ele pô-los no chão de cimento da cave e deixou-os lá, em seguida, pôs o gelo seco no canto oposto, onde o CO2 congelado se evaporaria por si sem causar dano ou chamar a atenção de quem quer que fosse. Os cadáveres teriam cerca de catorze horas para descongelar, um tempo que ele esperava ser suficiente. Trent deixou a cave, tendo o cuidado de trancar a porta.

Em seguida, dirigiu-se ao escritório de segurança da embaixada. A legação britânica tinha o seu destacamento de três guardas de segurança, todos eles ex-militares recrutados. Iria precisar de dois deles nessa noite. Ambos eram antigos sargentos do Exército britânico, Rodney Truelove e Bob Small, e estavam em boa forma física.

— Rapazes, esta noite vou precisar da vossa ajuda.

— Com o quê, Tom? — perguntou Truelove.

— Bem, preciso de mudar uns objetos e de o fazer de um modo a não dar nas vistas — explicou Trent, vagamente. Ele não se deu ao trabalho de lhes dizer que

se tratava de algo de uma grande importância, mas esses eram homens para quem tudo era tratado como se fosse qualquer coisa muito importante.

— Entrar e sair discretamente? — inquiriu Small.

— Isso mesmo — confirmou Trent ao antigo sargento negro do Regimento Real do País de Gales, conhecido como os Homens de Harlech.

— A que horas? — perguntou então Truelove.

— Sairemos daqui às vinte e quatro horas. A coisa não irá demorar mais do que uma hora.

— Vestidos como? — Era agora a vez de Bob Small.

E essa era uma boa pergunta. Usar casacos e gravatas não lhe parecia adequado, mas usar fatos-macaco era algo que um possível observador poderia notar. Tinham de se vestir de um modo a parecerem invisíveis.

— De um modo casual — decidiu Trent. — Nada de casacos formais. Podemos vestir-nos como os habitantes locais, com calças e camisa, isso será o suficiente. E luvas. — *Sim eles vão querer usar luvas, não há dúvida*, pensou o espião.

— Connosco não há problema — concluiu Truelove. Como soldados, estavam habituados a fazer coisas que não faziam sentido e a lidarem calmamente com elas. Trent esperava que eles se sentissem assim na manhã seguinte.

Os colãs *Fogal* eram de origem francesa, era o que dizia na embalagem. Irina quase desmaiou ao pegar neles. O conteúdo era bem real, mas não o parecia. Eram tão fininhos que pareciam feitos de sombras e não mais volumosos do que isso. Ela ouvira falar dessas coisas, mas nunca as tivera na mão, muito menos as usara. E pensar que qualquer mulher no Ocidente poderia ter tantos quantos desejasse. As mulheres dos colegas russos de Oleg teriam tonturas quando os usassem, e que inveja as suas amigas do GUM iriam sentir. E que cuidado teriam ao vesti-los, com medo das malhas caídas, tentando não roçar em nada com as pernas, como crianças que se ferissem todos os dias. Esses colãs eram demasiado preciosos para serem postos em risco. Ela teve de comprar a medida certa para as mulheres da lista de Oleg… mais seis pares para ela.

Mas qual a medida? Comprar uma peça de roupa que fosse demasiado grande era um insulto terrível para uma mulher, não importava de que estrato cultural, mesmo na Rússia, onde as mulheres tendiam a ser mais rubenescas do que as

lingrinhas esfomeadas do Terceiro Mundo… ou de Hollywood. As medidas que vinham nas embalagens eram A, B, C e D. Esta era uma complicação adicional, dado que em alfabeto cirílico o «B» correspondia ao «V» do alfabeto romano, e o «C» ao «S», mas ela respirou fundo e comprou um total de vinte pares de medida C, incluindo seis para ela. Eram horrorosamente caros, mas os rublos do Comecon que ela tinha no porta-moedas não eram todos dela, de modo que, com outro suspiro fundo, pagou com dinheiro, o que fez com que a empregada sorrisse, pois esta apercebeu-se do que se estava a passar. Ela tinha agora só quatrocentos e oitenta e nove rublos para gastar consigo e isso quase a fez entrar em pânico. Tantas coisas bonitas e tão pouco dinheiro. Tão pouco espaço no roupeiro…

Sapatos? Um casaco novo? Uma mala nova?

Ela nem sequer pensou em joias, pois isso era da responsabilidade de Oleg, mas, como a maioria dos homens, ele não fazia a mínima ideia do que as mulheres usavam.

Que tal roupa interior de senhora?, pensou então Irina. Que tal um sutiã *Chantarelle*? Atrever-se-ia ela a comprar algo tão elegante? Isso seria pelo menos cem rublos, mesmo com aquela taxa de câmbio favorável… E seria uma coisa que só ela sabia que estava a usar. Um sutiã desses iria parecer-lhe como… mãos. Como as mãos de um amante. Sim, ela tinha de comprar um desses.

E cosméticos. Ela tinha de comprar cosméticos. Era uma coisa a que as mulheres russas davam muita atenção e ela estava na melhor cidade para isso. As húngaras também se interessavam pelos cuidados da pele. Ela iria perguntar acerca disso numa boa loja, camarada para camarada.

Quem visse as húngaras, saberia que os seus rostos proclamavam a toda a gente que elas se interessavam pelos cuidados da cútis. Nesse aspeto, os húngaros eram muito *kulturniy*.

Demorou-lhe mais de duas horas de suprema felicidade, tão agradáveis que nem sequer se deu conta de que o marido e a filha estavam à espera dela. Estava a viver o sonho de qualquer mulher soviética, a gastar dinheiro (ainda que não no Ocidente) no melhor local onde poderia fazer compras. E era maravilhoso. Iria usar o *Chantarelle* para o concerto dessa noite, ouvir Bach e fingir que estava num outro tempo e num outro local, onde todos eram *kulturniy* e onde era bom ser-se mulher. Era uma pena que não existisse um lugar como esse na União

Soviética.

No exterior da sucessão de lojas para senhoras, Oleg ficou parado a fumar cigarros como qualquer outro homem, intensamente aborrecido com os pormenores das compras femininas. Como poderiam elas gostar do processo de escolher e comparar, nunca tomarem uma decisão, absorverem o ambiente de estarem rodeadas de coisas que não podiam usar, e das quais realmente até nem gostavam? Elas pegavam sempre num vestido, punham-no em frente do corpo, olhavam para um espelho e decidiam, *nyet*, este não. E assim se passava o tempo, para lá do pôr do Sol, até à noite, como se as suas próprias almas dependessem disso. Oleg aprendera a ser paciente, com essa aventura que ameaçava a sua vida, mas, uma coisa que nunca conseguira aprender, e nunca esperava aprender, era observar uma mulher a fazer compras… sem ter vontade de a estrangular. Ficar apenas ali, como uma besta de carga, segurando nas coisas que ela finalmente decidira comprar, depois esperar, enquanto ela decidia mudar, ou não, de opinião. Bem, aquilo não poderia durar para sempre. Eles tinham bilhetes para o concerto nessa noite. Tinham de voltar ao hotel, arranjar alguém que tomasse conta da *zaitchik*, vestirem-se e irem até à sala de espetáculos. Até mesmo Irina apreciaria isso.

Provavelmente, pensou com tristeza Oleg Ivanovitch. Como se não tivesse o suficiente com que se preocupar. Porém, Oleg reparava que a filha não se preocupava com nada. Ela comia o gelado e olhava em volta para aquele local diferente com as suas vistas diferentes. Havia muito de interessante na inocência de uma criança. Era uma pena que a perdêssemos. Por que razão tentavam as crianças tão desesperadamente crescer e abandonarem a sua inocência? Será que não sabiam como o mundo era maravilhoso para elas? Será que não o sabiam? Será que, com a compreensão, as maravilhas do mundo se tornavam fardos? E dor.

E dúvidas, pensou Zaitzev. *Tantas dúvidas*…

Mas não, a *zaitchik* não sabia disso e, quando o descobrisse, seria já tarde de mais.

Finalmente, Irina saiu para a rua com um grande sorriso, como ela não tinha tido desde que a filha nascera. Em seguida, surpreendeu-o de verdade. Ela veio ter com ele para lhe dar um abraço e um beijo.

— Oh, Oleg, tu és tão bom para mim! — Mais um beijo apaixonado de uma mulher saciada de compras. Melhor ainda do que se estivesse saciada de sexo, pensou de súbito o marido.

— Temos de ir para o hotel, minha querida. Temos de nos vestir para o concerto.

A parte mais fácil foi o percurso de metro, depois entraram no Astoria e no quarto 307. Uma vez lá, decidiram, mais ou menos por comum acordo, levar Svetlana com eles. Arranjar uma ama teria sido uma inconveniência. Oleg até tinha pensado numa mulher do KGB da Casa da Cultura e da Amizade do outro lado da rua, porém, nem ele nem a mulher se sentiriam à vontade com um arranjo desse género, de modo que a *zaitchik* teria de se portar bem durante o concerto. Os seus bilhetes eram para a plateia, fila 6, lugares A, B, e C, o que o punha mesmo ao lado da coxia, onde ele preferia estar. Svetlana iria usar a sua roupa nova nessa noite, o que, esperava ele, talvez a fizesse feliz. Era o que costumava acontecer, e essas eram as melhores roupas que ela alguma vez tivera.

A casa de banho do quarto ficou muito cheia. Irina esforçava-se bastante por acertar com a maquilhagem. Era mais fácil para o marido e ainda mais fácil para a filha, para quem uma toalha húmida passada pelo rosto era o suficiente. Oleg atou os sapatos pretos da menina sobre as meias brancas, pelas quais ela se apaixonara logo. Depois de vestir o casaco encarnado com a gola preta, a Coelhinha estava pronta para as aventuras da noite. Tomaram o elevador até ao átrio e apanharam um táxi na rua.

Para Trent era um pouco estranho. Vigiar o átrio deveria ter sido difícil, mas o pessoal do hotel parecia não ter reparado nele, de modo que, quando o pacote saiu, tratara-se apenas de uma questão de seguir o táxi até à sala de concertos que ficava mais ou menos a dois quilómetros, ao fundo da rua. Uma vez lá, conseguiu um lugar para estacionar bem perto e caminhou rapidamente até à entrada. Estavam a servir bebidas e os Zaitzev pegaram em copos do que parecia ser Tokay, antes de entrarem. A menina estava radiante como sempre. *Uma menina adorável*, pensou Trent. Esperava que ela gostasse de viver no Ocidente. Viu-os entrar na plateia do teatro para tomarem os seus lugares e depois voltou-se para subir até ao camarote.

Ryan e Hudson já lá se encontravam, sentados nos velhos cadeirões cobertos

com veludo vermelho.

— Andy, Jack — disse Trent, em jeito de cumprimento. — Sexta fila à esquerda, encostados à coxia.

Depois, as luzes começaram a tremeluzir. A cortina abriu-se, a confusão das tonalidades dos músicos a afinarem os seus instrumentos começou a ouvir-se, e o maestro Jozsef Rozsa apareceu no palco, vindo do lado direito. O aplauso inicial foi apenas por uma questão de delicadeza. Tratava-se do seu primeiro concerto daquela série, e era novo perante esses espectadores. Isso surpreendeu Ryan como algo estranho. Ele era húngaro, diplomado pela Academia Franz Liszt. Por que motivo não o teriam aplaudido mais entusiasticamente? Ele era um indivíduo alto e magro, com cabelo preto e com o rosto de um esteta. Fez uma vénia para a audiência e voltou-se para a orquestra. A sua pequena batuta, ou fosse lá como lhe chamassem, Ryan não sabia, estava lá em cima da estante e, em seguida, ele levantou-a, a sala mergulhou num silêncio profundo e o seu braço direito apontou para a secção de cordas da Primeira Orquestra dos Caminhos de Ferro do Estado Húngaro.

Ryan não era um estudioso de música como a sua mulher, mas Bach era Bach e o concerto entrou num crescendo majestático quase desde o início. A música, como a poesia ou a pintura, disse Jack a si mesmo, era um meio de comunicação, mas ele nunca descobrira o que os compositores estavam a tentar dizer. Era mais fácil com a música para cinema de John Williams, onde esta acompanhava perfeitamente a ação, mas Bach nunca conhecera o cinema, de modo que deveria «estar a falar» de coisas que as suas audiências originais deveriam reconhecer. Porém, Ryan não era um deles, assim só poderia apreciar as belas harmonias. Surpreendeu-o o facto de haver qualquer coisa estranha com o piano, mas só quando olhou para ele é que reparou que não era um piano, mas antes um velho cravo, tocado, assim lhe parecia, por um virtuoso igualmente velho com cabelo branco esvoaçante e as mãos elegantes de um… cirurgião, admitiu Jack. Ele conhecia a música para piano. A amiga deles, Sissy Jackson, uma pianista solo com a Orquestra Sinfónica de Washington, dissera que Cathy era demasiado mecânica na sua forma de tocar, mas Ryan apenas se dava conta de que ela nunca omitia uma tecla (algo que era fácil de nos apercebermos) e, para ele, isso era o suficiente. *Este fulano*, pensava, olhando para as suas mãos e apercebendo-se das notas através da maravilhosa cacofonia, *não omitia uma única nota*, e,

cada uma delas, segundo parecia, era precisamente tão alta e suave como o concerto requeria e, do mesmo modo, perfeitamente sincronizada, a fim de definir a perfeição. O resto da orquestra parecia ter tanta prática como a equipa de exercícios de demonstração do Corpo de Fuzileiros, tudo era tão preciso como uma série de raios *laser*.

A única coisa que Ryan não conseguia dizer era o que o maestro estava a fazer. Será que o concerto não estava escrito? Será que reger uma orquestra não seria uma questão de assegurar, antecipadamente, que todos sabiam a sua parte e a executavam a tempo? Ele teria de perguntar a Cathy, e ela reviraria os olhos e observaria que ele, na verdade, era um ignorante.

A secção de cordas também era excelente, e Ryan pensava de que modo se poderia passar um arco por uma corda e fazer com que esta fizesse o som exato que se pretendia. *Talvez porque esse é o modo como ganhavam a vida deles*, disse para si, e recostou-se melhor para saborear a música. Foi só então que reparou em Andy Hudson, cujos olhos estavam cravados no pacote. Ele aproveitou também para olhar nessa direção.

A menina estava um pouco inquieta, esforçando-se por se portar bem e talvez por reparar na música, mas esta não poderia ser tão boa como a da cassete do *Feiticeiro de Oz*, e não havia nada que ela pudesse fazer. Contudo, no geral, estava a comportar-se bem, aquela Coelhinha sentada entre o pai e a mãe *Coelho*.

Esta última estava a ver o concerto com uma atenção extasiada. O pai *Coelho* estava a ser delicadamente atento. Talvez eles devessem telefonar para Londres, para que arranjassem um *Walkman* para a Irina, ponderou Jack, juntamente com umas cassetes de Christopher Hogwood… Cathy parecia gostar muito dele, juntamente com Nevile Marriner.

De qualquer modo, depois de cerca de vinte minutos, terminaram o minuete, a orquestra silenciou-se e, quando o maestro Rozsa se voltou para encarar a audiência…

A sala de concertos parecia ter enlouquecido, com gritos de aplauso.

— Bravo!

Jack não sabia o que ele fizera de diferente, mas não havia dúvida de que os húngaros sabiam. Rozsa fez uma grande vénia para a audiência e esperou que o ruído acalmasse antes de voltar a pedir silêncio e erguer a sua batuta branca para

iniciar o Concerto de Brandemburgo n.º 2.

Este começava com cordas e instrumentos de sopro, e Ryan sentiu-se fascinado pelos músicos mais do que com o modo como o maestro os regia. *Quanto tempo terão de estudar até serem assim tão bons?*, pensou. Cathy praticava duas ou três vezes por semana no Maryland. A casa deles em Chatham não era suficientemente grande para um piano de cauda, para grande desapontamento dela. Ele oferecera-se para lhe arranjar um piano vertical, mas ela não aceitara, dizendo que não era a mesma coisa. Sissy Jackson dizia que tocava três horas ou mais todos os dias. Mas Sissy fazia-o como um modo de vida e Cathy tinha uma outra paixão mais imediata na sua vida profissional.

O Concerto de Brandemburgo n.º 2 era mais curto do que o primeiro, terminando em cerca de doze minutos, e o terceiro seguira-o logo. Bach deveria ter gostado dos violinos mais do que qualquer outro instrumento, e a secção de cordas locais era bastante boa. Em qualquer outro cenário, Jack talvez se tivesse entregado ao momento e bebido a música, mas tinha algo mais importante planeado para essa noite. Com um intervalo de poucos segundos, os seus olhos desviavam-se para a esquerda, para observarem a família *Coelho*.

O Concerto n.º 3 acabou mais ou menos uma hora depois do primeiro. As luzes acenderam-se e era altura para o intervalo. Ryan observou o pai e a Senhora *Coelho* a saírem dos assentos. A razão era simples. A coelhinha precisava de ir à casa de banho e talvez o pai fosse também experimentar a canalização local. Hudson viu-o e pôs-se rapidamente de pé, saiu do camarote para o corredor privado, seguido de perto por Tom Trent, e desceu as escadas até à casa de banho do átrio, enquanto Ryan permaneceu no mesmo sítio, tentando descontrair-se. A missão estava agora em marcha.

A menos de cinquenta metros, Oleg Ivanovitch estava na fila para usar a casa de banho. Hudson conseguiu pôr-se mesmo atrás dele. O átrio estava cheio do ruído das conversas sociais. Algumas pessoas foram até ao bar para mais umas bebidas. Outros fumavam cigarros, enquanto mais ou menos vinte homens estavam à espera para aliviar a bexiga. A fila movia-se com relativa rapidez (os homens são mais eficientes neste assunto do que as mulheres) e, em breve estavam na divisão forrada a azulejos.

Os urinóis eram tão elegantes como tudo o resto, aparentemente esculpidos

em mármore de Carrara para essa nobre finalidade. Hudson estava de pé como todos os outros, esperando que as suas roupas não o identificassem como estrangeiro. No interior da porta de madeira e de vidro, respirou fundo e, inclinando-se para a frente, dirigiu-se ao russo.

— Boa noite, Oleg Ivanovitch — disse Hudson, em voz baixa. — Não se volte.

— Quem é o senhor? — murmurou Zaitzev.

— Sou o seu agente de viagens. Creio que pretende embarcar numa pequena excursão.

— E para onde poderá ser?

— Oh, é em direção ao Ocidente. Está preocupado com a segurança de alguém, não é verdade?

— É da CIA? — Zaitzev não conseguia pronunciar a sigla senão com um sibilo.

— Estou num ramo pouco usual de trabalho — confirmou Hudson. Não fazia sentido estar a confundir o indivíduo de momento.

— Então, que vai fazer comigo?

— Esta noite vai dormir num outro país, meu amigo — informou-o Hudson, acrescentando: — juntamente com a sua mulher e com a sua filha encantadora. — Hudson reparou que os ombros de Zaitzev descaíam. Seria de alívio ou de medo?, pensou o espião. Talvez ambos.

Zaitzev pigarreou, antes de murmurar de novo:

— Que tenho de fazer?

— Primeiro tem de me dizer que deseja ir para a frente com o seu plano.

Houve apenas uma pequena hesitação, antes de ele retorquir:

— *Da*. Vamos para a frente.

— Nesse caso, faça o que tem a fazer aqui — estavam a aproximar-se do princípio da fila —, depois desfrute do resto do concerto e regresse ao hotel. Iremos falar lá outra vez, por volta da uma e meia. Pode fazer isso?

Apenas um assentir curto de cabeça e uma única sílaba:

— *Da*. — Oleg Ivanovitch estava agora mesmo a precisar de usar o urinol.

— Não se enerve, meu amigo. Está tudo planeado. Vai tudo correr bem — disse-lhe Hudson. O homem agora precisava de garantias e de sentir confiança. Deveria tratar-se do momento mais assustador da sua vida.

Não houve mais resposta. Zaitzev deu os próximos três passos até ao urinol de mármore, desapertou a braguilha e aliviou-se em mais do que uma maneira. Voltou-se, sem olhar para o rosto de Hudson.

Mas Trent observou o dele, enquanto mais tarde ia bebendo um copo de vinho branco. Se ele tivesse feito algum sinal para o colega espião do KGB, o oficial britânico não o vira. Não esfregou o nariz nem ajustou a gravata, não houve qualquer sinal físico. Ele limitou-se a passar pelas portas giratórias e a voltar para o seu assento. A Operação BEATRIX afigurava-se-lhe cada vez melhor.

Os espectadores estavam outra vez nos seus lugares. Ryan estava a fazer o seu melhor para parecer apenas mais um fã de música clássica. Em seguida, Hudson e Trent voltaram a entrar no camarote.

— Então? — perguntou Ryan, com voz rouca.

— A música é muito boa, não é? — respondeu Hudson, casualmente. — Esse tal Rozsa é mesmo de primeira classe. É curioso que um país comunista possa produzir algo melhor do que uma repetição da *Internacional*. Oh, depois de o concerto acabar — acrescentou Hudson —, que tal uma bebida com alguns novos amigos?

Jack respirou fundo.

— Sim, Andy, isso era ótimo. — *A filha da puta da operação vai mesmo para a frente*. Ele tinha muitas dúvidas, mas estas tinham baixado mais ou menos um grau. Não era muita coisa, mas estava a parecer-lhe muito melhor do que poderia ter sido.

A segunda metade do concerto começou com mais Bach, com a *Tocata e Fuga em Ré Menor*. Em vez de cordas, essa era uma celebração dos instrumentos de sopro e o cornetista principal poderia ter ensinado o próprio Louis Armstrong algo acerca das notas mais altas. Ryan nunca ouvira tanta música de Bach de uma vez só, e aquele velho compositor alemão sabia mesmo o que estava a fazer, pensou o ex-fuzileiro pela primeira vez, descontraindo-se o suficiente para o desfrutar. A Hungria era um país que respeitava a sua música, ou assim parecia. Se havia qualquer coisa de errado com a orquestra, ele não dera por isso, e o maestro parecia estar na cama com o grande amor da sua vida, tão transfixo estava pela alegria do momento. Jack pensou ociosamente se as mulheres húngaras seriam boas nisso. Elas tinham um olhar mundano, mas não sorriam

muito… Talvez devido ao governo comunista. Os russos também não eram conhecidos pelos seus sorrisos.

— Então, algumas novidades? — perguntou o juiz Moore.

Mike Bostock passou-lhe o despacho breve de Londres.

— O Basil diz que o seu chefe de posto em Budapeste irá fazer a sua manobra esta noite. Oh, o senhor vai adorar esta parte. O *Coelho* está num hotel que fica mesmo em frente da *rezidentura* do KGB.

Os olhos de Moore iluminaram-se um pouco.

— Deve estar a brincar…

— Senhor juiz, acha que eu ia dizer uma coisa destas só por brincadeira?

— Quando é que o Ritter regressa?

— Hoje, mais tarde, num voo da Pan Am. Pelo que nos mandou de Seul, tudo correu bem nos encontros com a CIA da Coreia.

— Ele vai ter um ataque de coração quando souber da BEATRIX — previu o diretor-geral de Informação.

— É capaz de lhe abrir bem os olhos — concordou o vice-diretor de Operações adjunto.

— Especialmente quando descobrir que esse tal Ryan também está envolvido?

— Assim mo disseram.

— Quando é que iremos saber?

— Espero que o Basil nos informe quando o avião levantar voo da Jugoslávia. Vai ser um dia muito longo para os nossos novos amigos.

A próxima seleção era a ária «Ovelhas podem pastar com segurança», de Bach. Ryan reconheceu-a como a melodia tocada num anúncio de recrutamento para a Marinha. Era uma peça suave, muito diferente daquela que a precedera. Ele não tinha a certeza se o espetáculo dessa noite era uma homenagem a Johann Sebastian ou ao maestro. Em qualquer dos casos era bastante agradável e os espectadores tinham-no apreciado muito, e tinham sido mais barulhentos do que no início do concerto. Faltava mais um número. Ryan tinha um programa, mas não se dera ao trabalho de olhar para ele, dado que estava impresso em magiar e ele não conseguia ler marciano melhor do que poderia decifrar a forma falada.

A última peça foi o *Cânone em Ré Maior* de Pachelbel, uma peça merecidamente famosa, uma que sempre fizera lembrar a Ryan o filme de uma

rapariga bonita a rezar no século xvii, tentando concentrar-se nas suas devoções em vez de pensar no belo rapaz ao fundo da ruela da casa da quinta, mas sem o conseguir.

No fim, Jozsef Rozsa voltou-se para os espectadores, que se puseram em pé e gritaram a sua aprovação durante muitos minutos. Sim, refletiu Jack, o rapaz local tinha-se ido embora, mas regressara a casa para remediar as coisas, e os seus conterrâneos dos velhos tempos tinham ficado felizes por vê-lo de novo. O maestro quase não sorria, como se estivesse exausto após ter corrido uma maratona. E estava a suar, reparou Jack. Será que reger uma orquestra seria assim tão árduo? Quando se estava a esse nível, talvez fosse. Ele e os seus companheiros britânicos estavam de pé a aplaudir tanto como quaisquer outras pessoas, pois não havia necessidade de se evidenciarem, até finalmente todo o ruído ter parado. Rozsa estendeu o braço em direção à orquestra, o que fez com que os aplausos continuassem, e depois para o concertino da orquestra, o primeiro-violino. Parecia simpático da parte de Rozsa, mas, provavelmente, era o que teria de fazer, caso pretendesse que os músicos lhe dessem o seu melhor. E em seguida, por fim, era altura de a multidão se ir embora.

— Gostou da música, Sir John? — perguntou Hudson, com um sorriso irónico.

— É melhor do que aquilo que eles tocam na rádio, na América — observou Ryan. — E agora?

— Agora vamos beber calmamente uma bebida num sítio sossegado. — Hudson anuiu com um aceno de cabeça em direção a Trent, que começou a sair com Ryan atrás de si.

O ar estava frio no exterior. Ryan acendeu logo um cigarro, juntamente com todos os outros homens que ali estavam e algumas mulheres. Os húngaros não planeavam viver por muito tempo, ou assim parecia. Ele sentia-se tão ligado a Hudson como uma criança à sua mãe, mas isso não iria durar muito mais tempo. No geral, a rua tinha prédios de apartamentos. Numa cidade do Ocidente teriam sido condomínios, mas estes, provavelmente, não existiam ali. Hudson fez um gesto para que Ryan o seguisse e percorreram dois quarteirões até um bar, acabando por seguirem cerca de trinta pessoas que também vinham do concerto. Andy arranjou uma mesa de canto da qual se poderia ver toda a divisão, e um

empregado chegou com dois copos de vinho.

— Então, sempre vamos? — perguntou Jack.

Hudson assentiu com um aceno de cabeça.

— Pois vamos. Disse-lhe que estaríamos no hotel por volta da uma e meia.

— E depois?

— Depois vamos de carro até à fronteira com a Jugoslávia.

Ryan não fez mais perguntas. Não tinha de as fazer.

— A segurança a sul não é nada de especial. É diferente do outro lado — explicou Andy. — Perto da fronteira com a Áustria é uma coisa séria, mas a Jugoslávia, como se devem lembrar, é um país comunista irmão, pelo menos é essa a ficção local. Politicamente falando, já não sei bem o que a Jugoslávia possa ser. Os guardas da fronteira do lado húngaro safam-se muito bem, têm muitos arranjos amigáveis com contrabandistas. Essa é uma indústria em crescimento, mas os mais espertos não crescem muito. Se o fizerem, o Belügyminisztérium, o Ministério do Interior, poderá notá-lo e será melhor que o evitem — lembrou-lhe Hudson.

— Mas se isto é a porta das traseiras para o Pacto de Varsóvia, que diabo, o KGB deve saber do assunto, não é verdade?

Hudson completou a pergunta.

— Se assim é, porque não fecham essa fronteira? Suponho que o pudessem fazer, mas a economia local iria sofrer e os soviéticos também arranjam aí muitas das coisas de que gostam. O Trent disse-me que o nosso amigo já fez aqui muitas compras. Leitores de vídeo e colãs… malditos colãs, as mulheres russas são capazes de matar para os arranjar. Provavelmente, muitos destinam-se a amigos e colegas em Moscovo. De modo que, se o KGB interviesse, ou forçasse a AVH a fazê-lo, perderiam uma fonte de bens que eles próprios ambicionam. Assim sendo, um pouco de corrupção não fará qualquer mal de maior, e satisfaz a ganância do outro lado. Não se esqueçam de que eles também têm as suas fraquezas. De facto, talvez até mais do que nós, se bem que as pessoas argumentem o contrário. Eles querem as coisas que nós temos. Os canais oficiais podem não funcionar muito bem, mas esse não é o caso dos não oficiais. Há um ditado em húngaro de que eu gosto: *A nagy kapu mellet mindig van egy kis kapu*, ou seja, junto ao portão há sempre uma portinha. Essa portinha é o que faz com

que as coisas funcionem aqui.

— E eu vou passar por ela.

— Pois vai. — Andy acabou de beber o vinho e decidiu que não iria pedir outro copo. Nessa noite teria de guiar pela escuridão, por estradas secundárias. Em vez disso, acendeu um dos seus charutos.

Ryan também acendeu um dos seus cigarros.

— Eu nunca fiz isto antes, Andy.

— Está com receio?

— Pois estou — admitiu Jack, sem rodeios. — Pois estou…

— Da primeira vez nunca é simples, mas eu nunca tive pessoas com metralhadoras a invadirem-me a casa.

— Não o recomendo como entretém após o jantar — retorquiu Jack, com um sorriso amarelo. — Mas, com sorte, conseguimos safar-nos disso.

— Na verdade, não acredito na sorte… bem, talvez às vezes. A sorte não anda à procura de doidos, Sir John.

— Talvez não, é difícil vê-lo a partir de dentro. — Ryan pensou mais uma vez naquela horrível noite. Ainda sentia a *Uzi* nas mãos e tinha de acertar naquele tiro. Não havia uma segunda hipótese nesse jogo. E ele apoiou-se num joelho, fez pontaria e acertou. Nunca soubera o nome do fulano no barco que baleara. *É estranho*, refletiu, *se matamos um homem mesmo ao pé de casa deveríamos saber o seu nome*.

Contudo, não havia dúvida, se ele conseguira fazer aquilo também iria conseguir fazer isto. Olhou para o relógio. Ainda iria demorar e ele não iria guiar nessa noite, de modo que outro copo de vinho lhe pareceu uma boa ideia. Mas também não iria beber mais do que isso.

De volta ao Astoria, os Zaitzev puseram a *Coelhinha* na cama e Oleg pediu que lhe trouxessem vodca ao quarto. Tratava-se da marca genérica de vodca russa que a classe operária bebia, uma garrafa de meio litro com um fecho em folha no topo que, essencialmente, forçava a que a bebessem numa única sessão. Não seria uma ideia má de todo para essa noite. A garrafa chegou dentro de cinco minutos e, por essa altura, a *zaitchik* já estava a dormir. Ele sentou-se na cama e a sua mulher num cadeirão. Beberam por uns copos que estavam na casa de banho.

Oleg ainda tinha uma tarefa à sua frente. A mulher não sabia do seu plano e ele não fazia ideia de como ela iria reagir. Sabia que ela não estava contente. Sabia que essa viagem era um ponto alto no casamento de ambos. Sabia que Irina detestava o emprego no GUM, que gostaria de desfrutar das boas coisas da vida. Mas será que estaria disposta a deixar a pátria para trás?

A favor do seu plano, sabia que as mulheres na Rússia não tinham muita liberdade, dentro e fora dos seus casamentos. Geralmente faziam o que os maridos lhes diziam, o marido poderia pagar por isso mais tarde, mas só mais tarde. E ela amava-o e confiava nele e ele mostrara-lhe o melhor nos últimos dias, de modo que, sim, ela iria concordar.

Mas iria esperar antes de lho dizer. Porquê estragar tudo ao assumir um risco nesse momento? Mesmo do outro lado da rua estava a *rezidentura* do KGB em Budapeste. E, se lhes chegasse aos ouvidos o que ele planeara, então seria decerto um homem morto.

Na embaixada britânica, os sargentos Bob Small e Rod Truelove levantaram os sacos de plástico para os levarem para a carrinha anónima da embaixada. As matrículas já tinham sido trocadas. Ambos tentaram ignorar os conteúdos, depois voltaram para irem buscar os recipientes com álcool, juntamente com uma vela e uma embalagem de leite em cartão. Estavam prontos. Nenhum deles bebera sequer um copo de cerveja nessa noite, embora ambos o desejassem. Começaram a andar mesmo depois da meia-noite, planeando usar parte do tempo para explorarem o objetivo, antes de decidirem pelo rumo da ação. A parte mais difícil era arranjarem o melhor lugar para estacionarem, mas, com mais de uma hora para o escolherem, estavam certos de que algum iria aparecer na altura devida.

O bar estava a ficar vazio e Hudson não queria ser o último a permanecer aí. A conta foi cinquenta florins, que ele pagou sem deixar gorjeta, porque não era o costume local e porque não seria bom que se lembrassem dele. Fez um gesto para Ryan e dirigiu-se para a saída, porém, pensando melhor, foi até à casa de banho. Esse pensamento também surpreendeu Ryan como sendo muito prático.

Na rua, Ryan perguntou o que se iria seguir.

— Subimos a rua a pé, Sir John — respondeu Hudson, usando o título de cavaleiro só para o picar. — É um passeio de meia hora até ao hotel, penso que

deverá ser isso. — O exercício também lhe daria uma oportunidade de se certificarem de que não estavam a ser seguidos. Se a oposição tivesse tido conhecimento da operação, não conseguiria resistir à tentação de seguir os dois oficiais de informação e, sobretudo em ruas praticamente vazias da cidade, seria muito difícil fazê-lo sem que fossem notados… a não ser que a oposição consistisse no KGB. Estes eram mais espertos do que os locais por uma grande margem.

Zaitzev e a mulher tinham a sensação reconfortante de terem bebido três bebidas simples, cada um. Estranhamente, a sua mulher não mostrava sinais de querer ir dormir, pois parecia estar ainda muito excitada pelo ótimo espetáculo da noite, pensou Oleg. Talvez isso fosse bom. Apenas mais uma preocupação com que lidar, exceto pelo modo como a CIA estaria a planear tirá-los da Hungria. Como seria? Um helicóptero perto da fronteira, a transportá-los sob a cobertura dos radares húngaros? Isso era o que ele teria escolhido. Será que a CIA conseguiria transportá-los da Hungria para a Áustria? Será que eram assim tão engenhosos? Será que o iriam informar? Tratar-se-ia de algo realmente perspicaz e ousado? E assustador?, pensou.

Iria ser algo bem-sucedido? Se assim não fosse… bem, as consequências de um fracasso não seriam difíceis de adivinhar.

Mas estas não iriam desaparecer na sua totalidade. Não era a primeira vez que Oleg considerava que a sua própria morte talvez resultasse dessa aventura, bem como uma infelicidade prolongada para a mulher e para a filha. Os soviéticos não as iriam matar, mas seriam para sempre marcadas como párias, condenadas a uma vida de indigência. De modo que também eram reféns da sua consciência. Quantos soviéticos tinham desistido de desertar apenas por causa disso? A traição, recordou-se, era o crime mais negro e as penalidades para tal eram igualmente desagradáveis.

Zaitzev encheu o copo com o resto da vodca e bebeu-o de um trago, esperando mais meia hora até a CIA chegar para lhe salvar a vida…

Ou fosse o que fosse que estivessem a planear fazer com ele e com a família. Ele continuou a olhar para o relógio até a mulher ter adormecido e voltado a acordar, trauteando o concerto de Bach com uma cabeça que andava para a frente e para trás. Pelo menos proporcionara-lhe a melhor noite que conseguira.

Havia um lugar para estacionar mesmo junto à porta lateral do hotel. Small aproximou-se mais com o carro e fez uma impecável marcha-atrás. O estacionamento paralelo era uma forma de arte em Inglaterra que ele ainda sabia efetuar. Ficaram ali sentados. Small com um cigarro e Truelove com o seu cachimbo de urze-branca favorito, a olhar para as ruas desertas, apenas com alguns peões na distância, com Small a olhar através do espelho retrovisor em busca de atividade na residência do KGB. Havia alguma luzes acesas no segundo andar, mas nada que ele pudesse ver que se mexesse. Talvez algum tipo do KGB se tivesse esquecido de desligar o interruptor quando saíra.

Ali estava, pensou Ryan. A apenas três quarteirões no lado direito da rua.

Hora do espetáculo.

O percurso que faltava foi transposto num instante. Tom Trent, segundo o que pôde observar, estava junto à esquina do edifício. Havia pessoas a sair, talvez do bar na cave que Hudson lhe mostrara. Eram já horas de fechar. As pessoas saíram em grupos de dois e de três e ninguém o fazia sozinho. *Deve ser um sítio de encontro para os solteiros locais*, pensou Jack, *à procura de um encontro de uma noite de amor para os que se achavam terminalmente sozinhos.* Via que também os tinham nos países comunistas.

Quando se aproximaram, Hudson pôs um dedo em frente do nariz. Esse era o sinal para Trent entrar e distrair o empregado da receção. Como o teria feito, Ryan nunca chegou a saber, mas, minutos mais tarde, quando transpuseram a porta, o átrio estava completamente vazio.

— Venham. — Hudson apressou-se até aos degraus que rodeavam a caixa do elevador. Chegar ao terceiro andar levou menos de um minuto. E ali estava o quarto 307. Hudson rodou a maçaneta. O *Coelho* não o trancara e Hudson abriu a porta devagarinho.

Zaitzev viu a porta a abrir-se. Irina estava agora praticamente a dormir. Ele olhou para ela, para se certificar, e depois levantou-se.

— Olá — disse Hudson, cumprimentando-o entre dentes. Estendeu a mão.

— Olá — respondeu Zaitzev em inglês. — É o agente de viagens?

— Sim, ambos somos. Este aqui é o Senhor Ryan.

— Ryan? — perguntou Zaitzev, surpreendido. — Existe uma operação do KGB com esse nome.

— Ai sim? — inquiriu Jack, cheio de surpresa. Ele ainda não ouvira falar dessa.

— Poderemos discutir isso mais tarde, camarada Zaitzev. Temos de nos ir embora agora mesmo.

— *Da*. — Ele voltou-se para acordar a mulher. Esta assustou-se quando viu os dois homens, de que não estava à espera, no seu quarto.

— Irina Bogdanova — disse Oleg, com um toque de severidade na voz. — Vamos dar um passeio inesperado. Vamos sair agora. Vai preparar a Svetlana.

Os olhos dela abriram-se muito.

— Oleg, que é isto? Que vamos fazer?

— Vamos sair agora para o nosso novo país de destino. Tens de te despachar.

Ryan não percebia as palavras, mas o conteúdo pareceu-lhe claro. Então a mulher surpreendeu-o, ao levantar-se e ao começar a mover-se como um autómato. A filha estava na cama pequena para crianças. A mãe *Coelho* levantou a filha adormecida que agora acordava, e arranjou-lhe a roupa.

— Que iremos fazer, exatamente? — perguntou o *Coelho*.

— Vamos levar-vos para Inglaterra, esta noite — enfatizou Hudson.

— Não vamos para a América?

— Primeiro para a Inglaterra — disse-lhe Ryan. — Depois eu levo-vos para a América.

— Ah. — Ele estava num estado de grande tensão, segundo o que Ryan podia constatar, mas isso era de prever. Esse tipo pusera a sua vida na mesa de jogo e os dados ainda estavam no ar. Era trabalho de Ryan certificar-se de que iriam marcar mais de dois pontos. — Que levo?

— Nada — disse Hudson. — Nem uma única coisa. Deixe todos os seus papéis aqui. Temos novos para vocês. — Ele ergueu três passaportes com vários carimbos falsos nas páginas. — Por enquanto, vou guardá-los.

— São da CIA?

— Não, eu sou britânico, aqui o Ryan é que é da CIA.

— Mas… porquê?

— É uma longa história, Senhor Zaitzev — disse Ryan. — Mas temos de nos ir embora agora mesmo.

A menina já estava vestida, mas ainda meio adormecida, tal como Sally naquela horrível noite em Peregrine Cliff, segundo o que Jack pôde observar.

Hudson olhou em volta, de súbito deliciado ao ver a garrafa vazia de vodca em cima da mesinha de cabeceira. Isso era mesmo uma sorte. A mãe *Coelho* ainda estava confusa, devido à combinação de três ou quatro bebidas e do terramoto após a meia-noite que explodira em torno dela. Tinham-se passado menos de cinco minutos e todos estavam prontos para sair. Depois ela olhou para o saco dos colãs e ia para o agarrar.

— *Nyet* — disse Hudson em russo. — Deixe-os ficar. Há muitos desses para onde vos vamos levar.

— Mas… mas… mas…

— Faz o que ele diz, Irina! — disse Oleg, com maus modos, com a mente perturbada pela bebida e pela tensão do momento.

— Todos prontos? — perguntou Hudson. Em seguida, Irina pegou na filha ao colo, com o rosto perturbado por uma imensa confusão e todos se dirigiram para a porta. Hudson olhou para o corredor, depois fez sinal para que os outros o seguissem. Ryan ficou para trás, para fechar a porta, após se ter certificado de que não estava trancada.

O átrio ainda estava deserto. Eles não sabiam o que Tom Trent tinha feito, mas, fosse o que fosse, funcionara. Hudson levou os outros pela porta lateral até à rua. Havia o automóvel da embaixada, que Trent trouxera, e Hudson tinha umas chaves extra. À saída fez sinal à carrinha onde estavam Small e Truelove. O carro era um *Jaguar*, pintado de azul-escuro, com o volante à esquerda. Ryan pô-los no assento de trás, fechou a porta e entrou pela porta da frente. O enorme V-8 rugiu instantaneamente. O automóvel era muito bem mantido para finalidades semelhantes, e Hudson começou a guiar.

As suas luzes traseiras ainda eram visíveis quando Small e Truelove saíram da carrinha, dirigindo-se para a parte de trás. Cada um deles levou os sacos com os adultos e dirigiram-se para a porta lateral. O átrio ainda estava vazio e eles subiram as escadas a correr, cada um deles com um volume pesado. Os dois soldados reformados entraram no quarto tão discretamente quanto possível. Uma vez lá, abriram os sacos e, com mãos enluvadas, retiraram os corpos. Isso não foi fácil para ambos. Apesar de serem soldados profissionais, com experiência de combate, a visão de corpos humanos queimados era bastante perturbadora e eles respiraram fundo, obrigando-se a controlar os seus sentimentos. Puseram o corpo

do homem e da mulher, de diferentes países e de diferentes continentes, lado a lado na cama de casal. Em seguida, saíram do quarto para voltarem à carrinha, levando os sacos vazios com eles. Small pegou no saco mais pequeno, enquanto Truelove pegou nos outros apetrechos necessários, antes de voltarem a entrar.

O trabalho de Small era o mais difícil. Retirar o corpo da menina do saco de plástico era algo que ele se esforçou bastante por apagar da memória. Ela ficou na cama mais pequena, com a sua camisa de dormir meio queimada. Ele poderia ter-lhe feito uma festa na cabeça se o cabelo não tivesse sido inteiramente queimado com um maçarico. Tudo o que ele pôde fazer foi murmurar uma oração pela sua alma inocente, antes que o seu estômago se descontrolasse e, para o impedir, voltou-lhe abruptamente as costas.

O antigo engenheiro real já estava a desempenhar a sua tarefa. Certificou-se de que nada era ali deixado. O último saco de plástico foi dobrado e entalado no cinto. Ambos ainda tinham as luvas calçadas, de modo que não havia mais nada destinado a ficar nesse quarto. Ele ainda demorou algum tempo a olhar em volta, e depois foi com Small até ao corredor.

Em seguida, rasgou a parte de cima do pacote de leite. Este tinha sido lavado e secado anteriormente. Acendeu a vela com o seu isqueiro a butano e deixou cair um pedaço de cera derretida no fundo do pacote, para se certificar de que esta ficaria aí agarrada. Depois apagou a vela e viu que a mesma estava no seu devido lugar.

Em seguida, veio a parte perigosa. Truelove abriu o topo do recipiente de álcool, pondo primeiro algum no pacote de leite, até ficar mais ou menos a dois centímetros do pavio da vela. Depois, espalhou o álcool pela cama dos adultos, e mais algum na cama da criança. O resto espalhou pelo chão, grande parte em volta do pacote de leite. Uma vez terminada essa fase passou o recipiente de álcool a Bob Small.

Muito bem, pensou Truelove, uns bons quatro litros de álcool de cereais tinham encharcado as roupas das camas, e outros quatro a carpete barata que estava no chão. Um especialista em demolições (de facto, tinha muitos campos de especialização técnica, como muitos engenheiros militares) sabia como ter cuidado com a próxima parte. Inclinando-se, voltou a acender o isqueiro e acendeu o pavio da vela com o mesmo cuidado com que um cirurgião cardíaco

poderia ter substituído uma válvula. Não demorou um segundo a abandonar o quarto, exceto para se certificar de que a porta estava devidamente trancada, com um cartão de «Não Incomodar» pendurado no fecho.

— Tempo de nos irmos embora, Robert — disse Rodney ao colega e, em trinta segundos, tinham saído pela porta lateral e já estavam na rua.

— Quanto é que irá demorar a vela? — perguntou Small junto à carrinha.

— Trinta minutos, quando muito — respondeu o sargento e engenheiro real.

— Aquela pobre menina, achas que…?

— As pessoas morrem em casas incendiadas todos os dias, meu amigo. Eles não o fizeram de propósito para esta operação.

Small anuiu com um aceno de cabeça.

— Pois…

Nesse momento, Tom Trent surgiu no átrio. Eles não tinham encontrado a câmara que ele perdera num quarto dos andares de cima, mas deu uma gorjeta ao empregado da receção pelos seus esforços. Este era o único empregado de serviço até às cinco da manhã.

Ou assim ele pensa, disse Trent para si, entrando para a carrinha.

— Para a embaixada, rapazes — disse o espião aos homens da segurança. — Há um bom *whisky* de malte à nossa espera.

— Ótimo, podia beber um copo — observou Small, a pensar na menina. — Ou dois…

— Será que me podes dizer em que consiste esta aventura? — perguntou Truelove.

— Esta noite, não. Talvez mais tarde — respondeu Trent.

---

[38] Referência a Guy Francis Burgess, um diplomata britânico que era também um agente soviético. *(N. do T.)*

CAPÍTULO 28

O VOO DA BRITISH MIDLANDS

A vela ardeu normalmente, não sabendo que parte estava a desempenhar nas aventuras noturnas, consumindo lentamente cera e pavio, descendo gradualmente até à superfície do álcool que, em breve, desempenharia a parte de acelerar esse fogo posto. No total, demorou trinta e quatro minutos antes de a superfície do líquido se ter incendiado. O que começou então é chamado um incêndio de Classe B pelos profissionais, um evento provocado por líquido inflamável. O álcool ardia com um entusiasmo que só poderíamos comparar com o da gasolina (isso fora a razão pela qual os alemães tinham usado álcool, em vez de querosene, no seu míssil V-2) e, rapidamente, consumiu o cartão do pacote de leite, atirando com uma porção de líquido para o chão. Isso incendiou a superfície bem embebida da carpete daquele quarto de hotel. A onda azul da frente de fogo correu pelo chão do quarto numa questão de segundos, como se estivesse viva, numa linha azul seguida por uma massa branca incandescente, à medida que o fogo se ia elevando para consumir todo o oxigénio que existia nesse quarto de tetos altos. Mais um instante e ambas as camas se incendiaram, envolvendo os corpos com chamas de um calor elevadíssimo.

O hotel Astoria era um edifício antigo, de modo que não tinha detetores de fumo, nem aspersores automáticos, para avisar acerca do perigo, ou para extinguir o incêndio antes que este ficasse fora de controlo. Em vez disso, as chamas treparam quase de imediato para o teto branco com manchas de humidade, queimando a tinta e chamuscando o estuque por baixo, atacando também a mobília barata do hotel. O interior do quarto transformou-se num crematório para três seres humanos já mortos, devorando os cadáveres como o animal carnívoro que os antigos egípcios pensavam que o fogo era. O maior dano demorou apenas cinco minutos, contudo, se bem que as chamas se aquietassem até certo ponto, após a sua primeira investida, ainda não tinham morrido por completo.

O empregado da receção no átrio tinha um trabalho mais complexo do que seria de esperar. Às duas e meia de todas as manhãs, colocava um sinal de «Por favor, espere. Volto já» e apanhava o elevador até ao último andar. Encontrou o

que já era costume, nada nesse andar nem nos outros, até ter chegado ao terceiro.

Ao descer as escadas deu-se conta de um cheiro estranho. Este despertou-lhe os sentidos, mas não muito, até os seus pés terem tocado no chão. Depois, voltou-se para esquerda e viu uma mecha de fumo a sair por baixo da porta do 307. Deu três passos até à porta e levou a mão ao puxador, encontrando-o quente, mas não a escaldar. Foi quando cometeu o erro.

Tirando a chave sobresselente do bolso, destrancou a porta e, sem tocar na parte de madeira para se certificar se estaria quente, abriu-a.

O fogo estava quase adormecido por falta de oxigénio, mas o quarto ainda estava quente, com as paredes do hotel a isolarem as chamas incipientes, de um modo tão eficiente como numa fornalha de churrasqueira. Abrir a porta deu lugar a que entrasse um enorme volume de ar renovado e de oxigénio no quarto, e ele mal se apercebera do horror lá dentro quando um fenómeno, chamado combustão súbita generalizada, aconteceu.

Era a coisa mais parecida com uma explosão. No quarto, as chamas voltaram a reacender-se e mais uma lufada de ar, suficientemente forte para quase atirar o empregado ao chão e para dentro do quarto, surgiu no momento em que uma eclosão de fogo o empurrou em sentido contrário, salvando-lhe a vida. Levando as mãos ao rosto chamuscado, caiu de joelhos e debateu-se para detonar o alarme manual na parede junto ao elevador, sem no entanto fechar a porta do 307. Isso fez com que soassem campainhas de alarme através do hotel, enviando também um aviso aos bombeiros mais próximos, que ficavam a três quilómetros. Gritando de dor, caminhou ou caiu pelas escadas abaixo até ao átrio, onde atirou com um copo de água para o rosto queimado e, em seguida, telefonou para um número de emergência, afixado junto ao telefone, para relatar o fogo ao departamento de bombeiros da cidade. Por essa altura, as pessoas já estavam a descer as escadas. Para elas, passar pelo terceiro andar fora angustiante e o empregado, apesar das queimaduras, pegou num extintor para os aspergir, mas não conseguiu subir para usar uma mangueira do seu pequeno gabinete no andar em questão. De qualquer modo não teria adiantado nada.

O primeiro carro de bombeiros chegou em menos de cinco minutos após o alarme ter começado a tocar. Sem necessidade de serem informados (o fogo era visível do exterior, dado que a janela do quarto se tinha partido devido ao calor das labaredas renovadas), abriram caminho à força por entre os hóspedes do

hotel, que desciam. Um minuto depois da chegada, a primeira mangueira de sete centímetros de largura estava a inundar com água todo o quarto. Levou menos de cinco minutos a dominar o fogo e, através do fumo e do cheiro horrível, os bombeiros entraram lá dentro para encontrar aquilo que temiam — uma família de três pessoas mortas nas suas camas.

O tenente em comando dos primeiros bombeiros a chegarem ao local ergueu a criança nos braços e correu rapidamente até à rua, mas pôde logo ver que não havia nada a fazer. A criança tinha ficado assada como um pedaço de carne no forno. Passarem-lhe com a água da mangueira apenas expôs ainda mais o tremendo efeito que um incêndio poderia causar a um corpo humano, e não havia mais nada que ele pudesse fazer senão rezar por ela. O tenente era irmão de um padre e um católico devoto naquele país marxista e rezou ao seu Deus para que se apiedasse da alma da menina, não sabendo que esse facto ocorrera a seis mil quilómetros de distância e há cinco dias.

Os *Coelhos* ficaram fora da cidade numa questão de minutos. Hudson guiou com cuidado, respeitando os limites de velocidade, não fosse haver por ali um polícia, embora não se visse qualquer tráfego, quando muito uma ou outra camioneta de mercadorias com os lados em lona, carregando sabia-se lá o quê, sabia-se lá para onde. Ryan ia no assento da frente, meio voltado para olhar para trás. Irina Zaitzev era bem o rosto da confusão embriagada, não percebendo o suficiente do que se estava a passar para se sentir assustada. A criança estava a dormir, tal como qualquer criança a essa hora da noite. O pai estava a tentar ser estoico, mas uma sombra de medo perpassava-lhe pelo rosto, mesmo no escuro. Ryan tentou pôr-se no seu lugar, mas achou que seria impossível fazê-lo. Trair o seu país era um salto de imaginação demasiado grande para ele. Sabia que havia aqueles que espetavam facas nas costas da América, principalmente por dinheiro, mas não pretendia perceber a motivação deles. É claro, nas décadas de 30 e de 40, houvera aqueles para quem o comunismo parecia a crista da onda da história da humanidade, mas esses pensamentos estavam todos mortos, como V.I. Lenine. O comunismo era uma ideia moribunda, exceto na mente daqueles que precisavam dele como uma fonte de poder pessoal… E talvez alguns ainda acreditassem nele porque nunca tinham estado expostos a outra coisa, ou porque a ideia lhes fora firmemente implantada durante a distante juventude, tal como um pastor ou um

padre acreditavam em Deus. Mas as palavras de Lenine na sua *Obra Completa* não eram nenhuma sagrada escritura para Ryan e nunca o seriam. Ao licenciar-se fizera o seu juramento de fidelidade à Constituição dos EUA e prometera «manter verdadeira fé e lealdade à mesma» como segundo tenente do Corpo de Fuzileiros dos EUA, e isso não estava aberto a discussões.

— Quanto tempo, Andy?

— Mais ou menos uma hora até Csurgo. O tráfego não será um problema — respondeu Hudson.

E não foi. Dentro de minutos estavam já fora da zona da capital húngara e, em seguida, as luzes das casas e das lojas cessaram, como se tivessem desligado a eletricidade em toda a região. A estrada era de asfalto com duas faixas, e nenhuma delas era muito larga. Viam-se postes de telefones, mas não existiam resguardos laterais. *E esta é uma das principais autoestradas*?, interrogou-se Ryan. Poderiam muito bem estar a guiar através do centro do Nevada. Via-se talvez uma ou duas luzes a cada quilómetro, casas rurais onde as pessoas gostavam de manter uma luz acesa para lhes indicar o caminho até à casa de banho. Até mesmo os sinais de estrada pareciam decrépitos e não muito úteis. Não eram os sinais cor de hortelã das autoestradas americanas, nem os azuis das inglesas. Também não ajudava que as palavras neles estivessem escritas em marciano. Os outros eram do tipo europeu, mostrando os limites de velocidade em números negros sobre um disco branco com um círculo vermelho.

Hudson era um condutor competente, fumando os seus charutos e guiando como se fosse a caminho de Covent Garden, em Londres. Ryan agradeceu a Deus ter ido à casa de banho antes de ir para o hotel, caso contrário talvez pudesse perder o controlo da bexiga. Bem, talvez o rosto não mostrasse o seu nervosismo, esperava Jack. Continuava a dizer a si mesmo que a sua vida não estava em perigo, mas antes as das pessoas que iam no banco de trás e que eram agora da sua responsabilidade, e algo nele, talvez qualquer coisa aprendida com o seu pai que era polícia, dava a tal uma suma importância.

— Qual é o seu nome todo? — perguntou-lhe Oleg, quebrando inesperadamente o silêncio.

— Ryan, Jack Ryan.

— Que tipo de nome é Ryan? — insistiu o *Coelho*.

— Descendo de famílias irlandesas. John corresponde a Ivan, penso eu, mas

as pessoas chamam-me Ryan, talvez como Vanya.

— E está na CIA?

— Pois estou.

— Que trabalho é que lá faz?

— Sou analista. Geralmente sento-me a uma secretária e escrevo relatórios.

— Eu também me sento a uma secretária no Centro.

— É um oficial de comunicações?

Oleg anuiu com um aceno de cabeça.

— *Da*, é esse o meu trabalho no Centro. — Em seguida, Zaitzev lembrou-se de que a sua informação importante não era para ser revelada na parte de trás de um automóvel, e voltou a calar-se.

Ryan apercebeu-se disso. Ele tinha coisas a dizer, mas não aí, e isso, de momento, parecia-lhe justo.

A viagem decorreu sem sobressaltos. Quatro charutos para Hudson e seis cigarros para Ryan, até se aproximarem da cidade de Csurgo.

Ryan estava à espera de algo mais impressionante. Csurgo não se estendia muito para além da estrada, sem que se visse sequer uma estação de gasolina e, decerto, não uma loja do 7-Eleven aberta toda a noite. Hudson saiu da estrada principal para um caminho de terra batida e, três minutos depois, viram o vulto de uma camioneta de mercadorias. Era uma grande *Tatra*, viu logo Ryan, com uma cobertura de lona preta na parte de trás e dois homens por perto, ambos a fumar. Hudson rodeou-a, encontrando um abrigo atrás de um armazém sem traços distintivos, que ficava a alguns metros, parando o *Jaguar*. Saiu e pediu aos outros para fazerem o mesmo.

Ryan seguiu o espião britânico, que se aproximou dos dois homens. Hudson dirigiu-se ao mais velho e apertou-lhe a mão.

— Olá, Istvan. Ainda bem que esperaste por nós.

— Olá, Andy, a noite está escura. Quem são os teus amigos?

— Este é o Senhor Ryan e esta é a família Somerset. Vamos atravessar a fronteira — explicou Hudson.

— Muito bem — concordou Kovacs. — Este é o Jani. É o meu motorista para esta noite. Andy, tu podes vir à frente connosco. O resto na parte de trás. Venham — disse ele, indicando o caminho.

A parte de trás da camioneta tinha uns degraus para ajudar as pessoas a subir.

Ryan foi o primeiro a fazê-lo e baixou-se para agarrar a menina (chamava-se Svetlana, segundo se lembrava), vendo o pai e a mãe a subirem depois. Na área das mercadorias havia, segundo reparou, umas grandes caixas de cartão, talvez embalagens para os leitores de vídeo que os húngaros construíam. Kovacs também entrou ali.

— Falam todos inglês? — perguntou, e assentiram com um aceno de cabeça. — O caminho é curto até à fronteira, apenas cinco quilómetros. Vocês vão esconder-se nessas caixas. Por favor, não façam barulho. É importante. Estão a perceber? Não façam barulho. — Eles anuíram com um aceno de cabeça. Kovacs deu-se conta de que o homem, que definitivamente não era inglês, segundo se podia ver, ia traduzindo para a mulher. Kovacs também reparou que o homem levava a menina. Com a sua carga escondida, fechou a porta de trás e dirigiu-se para a parte da frente.

— Cinco mil marcos alemães por isto, não é verdade?

— É isso mesmo — concordou Hudson.

— Devia ter pedido mais, mas não sou ganancioso.

— És um camarada em quem confio, meu amigo — assegurou-lhe Hudson, desejando por momentos ter uma pistola no cinto.

A grande camioneta *Tatra* a gasóleo iniciou a marcha com grande ruído e com alguns solavancos, até chegar à estrada principal, com Jani ao enorme volante.

Não demorou muito.

E isso foi uma boa coisa para Ryan, encolhido dentro de uma caixa de cartão na parte de trás. Podia apenas pensar de que modo se sentiriam os russos, como bebés por nascer num horrível útero, um deles com armas carregadas no exterior.

Ryan receava até mesmo fumar um último cigarro, com receio de que alguém pudesse sentir o cheiro a tabaco, para além dos fumos que saíam do enorme tubo de escape, o que não seria provável.

— Então, Istvan — perguntou Hudson na cabina —, qual vai ser a rotina?

— Como estás a ver, viajamos de noite, é mais dramático, não achas? Há muitos anos que conheço a Határ-rség. O capitão Budai Laszlo é uma boa pessoa com quem se pode negociar. É casado e tem uma filha, quer sempre presentes, que trago aqui comigo para a Zsóka — prometeu Kovacs levantando um saco de papel.

O posto da fronteira estava tão bem iluminado que eles conseguiam vê-lo a

três quilómetros de distância e, graças a Deus, havia pouco tráfego àquela hora da noite. Jani aproximou-se normalmente, abrandando e parando lá, quando o soldado dos guardas da fronteira, da Határ-rség, lhe fez sinal para pararem.

— O capitão Budai está por aqui? — perguntou logo Kovacs. — Tenho uma coisa para ele. — O soldado foi até à casa da guarda e voltou de imediato com um homem de uma posição superior.

— Laszlo! Como é que estás numa noite tão fria? — perguntou-lhe Kovacs em magiar, antes de ter saltado da camioneta, com o saco de papel.

— Istvan, que posso eu dizer, é uma noite aborrecida — disse o jovem capitão.

— E a tua pequena Zsóka está bem?

— Faz anos para a semana. Vai fazer cinco.

— Ótimo! — exclamou o contrabandista. Ele passou-lhe o saco. — Dá-lhe estes. —«Estes» eram um par de ténis *Reebok* de um vermelho-vivo, com fechos de velcro.

— São lindos — observou o capitão Budai, com um agrado genuíno. Ele levou-os até junto de um candeeiro para os ver melhor. Todas as crianças do mundo adoravam aquelas coisas e Laszlo estava contente, tal como a sua filha iria estar daí a quatro dias. — Você é um bom amigo, Istvan. Então, qual é o seu transporte esta noite?

— Nada de valor. No entanto, vou recolher umas mercadorias esta manhã em Belgrado. Alguma coisa de que precise?

— A minha mulher iria adorar umas cassetes para o *Walkman* que lhe arranjou no mês passado. — O que intrigava mais era o facto de Budai não ser obviamente muito ganancioso. Era por isso que Kovacs gostava de atravessar a fronteira quando ele estava de serviço.

— Que tipo de bandas?

— Os Bee Gees, acho que foi isso que ela lhes chamou. Para mim, algumas músicas de cinema, se não se importa.

— Alguma coisa em particular? A música da *Guerra das Estrelas*, talvez?

— Já tenho essa, mas não a nova, talvez a de *O Império Contra-Ataca*.

— Está feito. — Ambos apertaram as mãos. — Que tal algum café do Ocidente?

— De que tipo?

— Austríaco ou americano, talvez? Há um lugar em Belgrado que vende café *Folgers* americano. É muito bom. — assegurou-lhe Kovacs.

— Nunca o experimentei.

— Vou arranjar-te algum para provares… sem custos.

— Vejo que és um bom homem — observou Budai. — Tem uma boa noite. Podes passar — concluiu ele, acenando para o soldado.

E foi assim tão fácil. Kovacs voltou a subir para a camioneta. Ele não tinha de entregar o presente que trazia para o sargento Kerekes Mikaly e isso também era bom.

Hudson ficou surpreendido.

— E não te passou um recibo?

— O Laszlo envia apenas o nome através de teletipo para Budapeste e algumas pessoas lá também fazem parte da minha lista de pagamentos. São mais gananciosos do que este, mas a despesa não é muito alta. — Vai, Jani — disse ele para o motorista, e arrancou com a camioneta, atravessando a linha pintada no chão. E, com aquela facilidade, o veículo saiu do Pacto de Varsóvia.

Na parte de trás, Jack raramente se sentira tão bem com o facto de um veículo começar a andar. Este voltou a parar dentro de um minuto, mas tratava-se de uma outra fronteira.

E, ao entrar na Jugoslávia, Jani tratou do assunto, trocando algumas palavras com o guarda e nem sequer desligando o motor, até ter ordens para seguir para esse país semicomunista. Guiou três quilómetros até lhe dizerem para voltar para uma estrada secundária. Aí, depois de alguns balanços, a camioneta *Volvo* parou. A segurança de fronteiras da Jugoslávia, segundo Hudson sabia, era praticamente inexistente.

Ryan já estava fora da caixa de cartão e de pé na parte de trás, quando abriram a cobertura de lona.

— Já cá estamos, Jack — disse Hudson.

— Estamos onde?

— Na Jugoslávia, meu amigo. A cidade mais próxima é Légrád e é aqui que nos separamos.

— Oh?

— Sim, vou entregar-vos aos cuidados do Vic Lucas. Ele é o meu homólogo em Belgrado, este Vic — disse Hudson, acenando com a mão.

O homem que se tornou visível poderia ter sido o irmão gémeo de Hudson, exceto pelo cabelo, que era preto. Era também quatro ou seis centímetros mais alto, decidiu Jack, depois de olhar melhor para ele. Este avançou para retirar os *Coelhos* das caixas. Isso aconteceu muito depressa e Ryan ajudou-os a descer, passando a menina (que, por incrível que pudesse parecer, ainda estava a dormir) à mãe, que tinha um ar mais confuso do que nunca.

Hudson levou-os até uma carrinha que, pelo menos, tinha espaço para todos.

— Sir John, quero dizer, Jack, tudo correu bem e obrigado pela sua ajuda.

— Eu não fiz porra de coisa nenhuma, Andy, mas você lidou muito bem com isto — disse Ryan, apertando-lhe a mão. — Venha ver-me em Londres, para irmos beber uma caneca.

— Sem dúvida — prometeu Hudson.

A carrinha era uma *Ford* britânica. Ryan ajudou os *Coelhos* a sentarem-se e depois voltou para o assento na parte da frente.

— Senhor Lucas, para onde vamos agora?

— Para o aeroporto. O nosso voo está à espera — respondeu o chefe de posto em Belgrado.

— Oh, trata-se de um voo especial?

— Não, a aeronave comercial está com algumas «dificuldades técnicas» de momento. Espero que esteja tudo resolvido quando for tempo de entrarmos a bordo.

— É bom sabê-lo — observou Ryan. Isso era melhor do que um avião avariado, depois deu-se de conta de que mais uma aventura excruciante o esperava. O seu ódio às viagens de avião tinha de súbito regressado, agora que eles estavam num país semilivre.

— Bem, vamos arrancar — disse Lucas, ligando o motor e iniciando a marcha.

Fosse que tipo de espião fosse, Vic Lucas deveria ter pensado que era o irmão mais esperto de Stirling Moss.[39] O carro disparou pela estrada, na escuridão jugoslava.

— Então, como tem sido a sua noite, Jack?

— Cheia de ação — respondeu Ryan, certificando-se de que o cinto de segurança estava bem apertado.

O campo ali estava mais bem iluminado e a estrada mais bem concebida e

mantida, ou assim lhe pareceu, deslizando, pelo que calculou, a cento e vinte quilómetros por hora, bastante rápido para uma estrada desconhecida na escuridão. Robby Jackson também guiava assim, mas Robby era um piloto de combate, logo, invencível quando aos controlos de qualquer plataforma de transportes. Aquele Vic Lucas deveria ter-se sentido da mesma maneira, olhando calmamente para a frente e voltando o guiador de um modo rápido. No banco de trás, Oleg estava tenso, todavia, e Irina ainda tentava reconciliar-se com uma realidade nova e incompreensível, enquanto a filha continuava a dormir como um anjinho. Ryan não parava de fumar. Isso parecia ajudá-lo, ainda que, se Cathy o conseguisse cheirar no seu hálito, pudesse haver muitos problemas. Bem, ela teria de perceber, pensou Jack, olhando para os postes de eletricidade a deslizarem ao lado do carro como estacas de uma vedação. Ele estava a fazer o trabalho do Tio Sam.

Então, Ryan viu um carro da polícia estacionado num dos lados da estrada, com os ocupantes a beberem café ou a dormirem durante o turno.

— Não se preocupem — disse Lucas. — Temos matrículas diplomáticas. Sou um conselheiro político sénior, da Embaixada de Sua Majestade Britânica, e vocês são meus convidados.

— Se assim o diz. Quanto falta ainda?

— Mais ou menos meia hora. O tráfego tem estado bom e não apanhámos muitos camiões. Esta estrada pode estar muito ocupada, mesmo a meio da noite, devido ao movimento comercial através da fronteira. Esse Kovacs trabalha connosco há já uns anos, eu podia ter uma boa vida se me tornasse sócio dele. Muitas vezes traz leitores de vídeo da Hungria. São máquinas boas e eles estão praticamente a dá-las, devido aos baixos custos do trabalho nesse país. O que surpreende é que eles não as tentam vender no Ocidente, embora desconfie de de teriam de pagar aos japoneses pelas violações de patente. Não são assim tão escrupulosos acerca dessas coisas do outro lado da linha, não sei se está a ver… — Lucas continuou a andar a alta velocidade.

— Meu Deus, a que velocidade é que anda durante o dia?

— Não muito mais do que isto. Tenho boa visão noturna, está a ver, mas a suspensão deste carro acaba por me fazer abrandar. É da conceção americana. É demasiado suave para que possamos lidar com o carro devidamente.

— Então compre um *Corvette*. Tenho um amigo que tem um.

— São coisas bonitas, mas feitas de plástico. — Lucas abanou a cabeça e estendeu a mão para um charuto. Talvez um cubano, Ryan tinha a certeza. Eles adoravam-nos em Inglaterra.

Meia hora depois, Lucas deu os parabéns a si mesmo.

— Ora cá estamos. Mesmo a tempo.

Os aeroportos são aeroportos em todo o mundo. Talvez tivessem sido desenhados pelo mesmo arquiteto, pensou Ryan. As únicas diferenças eram as tabuletas para as casas de banho. Na Inglaterra usavam a mesma palavra que os americanos usavam para sanita, o que sempre lhe parecera um pouco rude para um país tão bem-educado. Então teve uma surpresa. Em vez de irem para o terminal, Lucas abriu caminho pelo portão aberto e foi direito à linha de voo.

— Tenho um arranjo com o gestor do aeroporto — explicou ele. — Ele gosta de *whisky* de malte. — Mesmo assim, Lucas permaneceu na linha amarela para os automóveis, dirigindo-se para a ponte telescópica de uma aeronave solitária que ali estava estacionada. — Aqui estamos — anunciou o espião britânico.

Todos saíram do carro, dessa vez com a Senhora *Coelho* a segurar na *Coelhinha*. Lucas ajudou-as a subir a escada exterior até chegarem à cabina de controlo e, daí, através da porta aberta da aeronave.

O capitão, sem boné mas com quatro barras douradas nos ombros, estava ali de pé.

— É o Senhor Lucas?

— Sou, sim, capitão Rogers, e aqui estão os seus passageiros adicionais. — Apontou então para Ryan e para a família *Coelho*.

— Ótimo. — O capitão voltou-se para o seu comissário de bordo. — Podemos agora embarcar na aeronave.

O subcomissário levou-os até aos quatro assentos da primeira fila da primeira classe, onde Ryan se surpreendeu ao sentir-se bem a pôr o cinto do assento 1-B, o assento da coxia, mesmo por detrás da antepara da frente. Ele viu cerca de trinta passageiros da classe operária chegarem a bordo, depois de terem apanhado sol na costa da Dalmácia, um lugar que, ultimamente, era muito preferido pelos britânicos. Nenhum deles parecia muito contente com o atraso de três horas, no que deveria ter sido o último voo para Manchester. As coisas aconteceram mais depressa depois disso. Ouviu ambos os motores a arrancar, e então o *BAC*-111 (o homólogo britânico do *Douglas* DC-9) desviou-se da ponte

e deslocou-se para a rampa.

— E agora? — perguntou Oleg, com uma voz quase normal.

— Vamos até Inglaterra — informou Ryan. — Dentro de mais ou menos duas horas estaremos lá.

— Tudo assim tão fácil?

— Acha que isto foi fácil? — inquiriu Ryan, com uma grande incredulidade na voz. Então o intercomunicador foi ligado.

— Senhoras e senhores, fala o capitão Rogers. Estou contente por vos informar que, finalmente, reparámos o nosso problema eletrónico. Muito obrigado pela vossa paciência e, depois de descolarmos, haverá bebidas grátis para todos os passageiros. — Esta última afirmação provocou um aplauso na parte de trás da aeronave. — De momento, por favor, tomem atenção aos comissários de bordo no que se prende com a mensagem de segurança.

Ponham os cintos, meus parvos, que funcionam assim, *para aqueles que são suficientemente estúpidos para não se darem conta de que também têm estas porras nos vossos automóveis pessoais*. E depois, dentro de três minutos, a aeronave da British Midlands elevou-se no céu.

Tal como prometido, antes de terem atingido os dez mil pés, o sinal que dizia «Não Fumar» foi apagado, e chegou o carrinho com as bebidas. O russo pediu vodca e deram-lhe três miniaturas da marca *Finlandia*. Ryan pediu um copo de vinho e prometeu não beber mais. Ele não iria dormir nesse voo, mas também não se iria preocupar tanto. Estava a deixar para trás o mundo comunista, a quinhentas milhas por hora, e essa era talvez a melhor maneira de o fazer.

Oleg Ivanovitch, segundo pôde constatar, bebia vodca como quem bebesse água, após um dia inteiro a cortar relva. A sua mulher, no assento 1-C, estava a fazer o mesmo. Ryan sentiu-se muito virtuoso ao dar pequenos e lentos goles no seu copo de vinho francês.

— Sinal vindo do Basil — relatou Bostock ao telefone. — O *Coelho* já vai no ar. Chegará ao aeroporto de Manchester dentro de noventa minutos.

— Ótimo — disse o juiz Moore, entre dentes, aliviado como sempre quando uma operação negra funcionava como fora planeada. Melhor ainda, tinham-na levado a cabo sem Bob Ritter, que, embora fosse um bom homem, não era inteiramente indispensável.

— Dentro de mais três dias poderemos interrogá-lo — disse Bostock. — Na bela casa de Winchester?

— Sim, vamos ver se ele gosta do campo e de cavalos. — A casa até tinha um piano *Steinway* para a Senhora *Coelho* tocar, e muitas áreas verdes por onde a menina poderia correr.

Alan Kingshot estava a entrar no estacionamento do aeroporto de Manchester, juntamente com dois subordinados. Haveria um grande *Daimler* preto para levar os desertores que estavam a chegar para Somerset, pela manhã. Esperava que não se importassem de ir de automóvel. Era uma viagem de cerca de duas horas. De momento, iriam ficar numa casa de campo muito agradável, situada a minutos do aeroporto. Já teriam viajado que chegasse, com ainda outro grande percurso antes do final da semana. Mas, depois, começou a pensar nisso. Será que iria ser muito difícil para eles? Essa questão deu-lhe algo em que pensar enquanto esperava no bar do aeroporto.

Ryan estava praticamente drogado. Talvez o álcool tivesse interagido com a ansiedade, pensou, demorando o seu tempo para ir à casa de banho da parte da frente do avião. Sentiu-se melhor ao regressar e ao voltar a pôr o cinto de segurança. Ele quase nunca tirava o cinto. A comida que serviram fora apenas sandes, inglesas, revelando a sua afeição por umas ervas silvestres chamadas agriões. O que ele queria agora era uma boa sandes de *corned beef*, mas os ingleses nem sequer sabiam o que isso era, pensando na carne enlatada e barata que se assemelhava a comida de cão para quase todos os americanos. Na verdade, talvez os britânicos dessem melhor comida aos seus cães, tão encantados estavam sempre com os seus animais de estimação. As luzes que se viam por baixo do avião indicavam que estavam a sobrevoar a Europa Ocidental. A parte do Leste nunca estava bem iluminada, como ele viera a constatar ao dirigir-se para sul de Budapeste.

Contudo, Zaitzev não tinha a certeza. E se isso não passasse de um estratagema altamente elaborado para que ele despejasse o saco? E se a Segunda Direção-Geral tivesse criado uma enorme aldeia *maskirovka*[40] para seu breve benefício?

— Ryan?

Jack voltou-se.

— Sim?

— Que irei ver em Inglaterra quando lá chegar?

— Não sei qual é o plano depois de chegarmos a Manchester — relatou Ryan.

— O senhor é da CIA?

— Pois sou — disse Ryan, anuindo com um aceno de cabeça.

— E como é que eu me posso certificar disso?

— Bem… — Ryan retirou a carteira do bolso. — Aqui está a minha carta de condução, cartões de crédito, algum dinheiro. O meu passaporte é falso, é claro. Sou americano, mas deram-me um britânico. Oh — deu-se conta Ryan —, será que está preocupado com o facto de isto ser tudo falso?

— Como é que me posso certificar?

— Meu amigo, em menos de uma hora irá ter a certeza de que tudo isto é verdadeiro. Veja… — Ele abriu de novo a carteira. — Esta é a minha mulher, a minha filha e o nosso filho mais novo. A minha morada, quero dizer, na América, está aqui na minha carta de condução: cinco mil, Peregrine Cliff Road, Anne Arundel County, Maryland. Fica mesmo na baía de Chesapeake. Demoro mais de uma hora a guiar até à sede da CIA em Langley. A minha mulher é uma cirurgiã de oftalmologia no hospital Johns Hopkins, em Baltimore. É um local mundialmente famoso, já deve ter ouvido falar dele.

Zaitzev abanou a cabeça.

— Pois bem, há cerca de dois anos, três médicos do Johns Hopkins curaram os olhos do Mikhail Suslov. Creio que ele acabou de morrer. Irá ser substituído, penso eu, pelo Mikhail Yevgeniyevitch Alexandrov. Sabemos algumas coisas acerca dele, mas não muito. De facto, não sabemos o suficiente acerca do Yuriy Vladimirovitch.

— O que não sabem?

— Se é casado… Nunca vimos nenhuma fotografia da mulher, se é que existe uma.

— Sim, todos a conhecem. A mulher dele chama-se Tatiana, é uma senhora elegante, a minha mulher diz que ela tem feições nobres. Mas não têm filhos — concluiu Oleg.

Ora bem, eis o factoide número 1, vindo do Coelho, admitiu Ryan.

— Como é possível que não saibam disso? — perguntou Zaitzev.

— Oleg Ivanovitch, há muitas coisas que não sabemos acerca da União

Soviética — admitiu Jack. — Algumas são importantes e outras não.

— Está a falar a sério?

— Sim, estou.

Algo não batia certo na cabeça de Zaitzev.

— Disse-me que se chamava Ryan?

— Pois disse.

— O seu pai foi polícia?

— Como é que soube isso? — inquiriu Ryan, com alguma surpresa.

— Nós temos um pequeno dossiê acerca de si, feito pela *rezidentura* de Washington. A sua família foi atacada por uns bandidos, não foi?

— Pois foi. — *Com que então o KGB está interessado em mim*, cogitou Jack. — Foram terroristas que me tentaram matar a mim e à minha família. O meu filho nasceu nessa noite.

— E depois disso juntou-se à CIA?

— Pois foi… de qualquer modo, oficialmente. Já há anos que trabalhava para a Agência. — Depois a curiosidade apoderou-se dele. — Que diz o dossiê acerca de mim?

— Diz que é um doido rico. O senhor foi oficial na infantaria naval, a sua mulher também é rica e casou-se com ela por causa disso, para arranjar mais dinheiro para si.

Então, até o KGB é prisioneiro dos seus próprios preconceitos políticos, pensou Jack. *Interessante*.

— Não sou pobre — mencionou Jack ao *Coelho*. — Mas casei-me por amor, não por dinheiro. Só um parvo faria uma coisa dessas.

— E quantos capitalistas são parvos?

Ryan riu-se com gosto.

— Bem mais do que possa pensar. Não é preciso ser-se muito esperto na América para se ficar rico. — Especialmente, Nova Iorque e Washington estavam cheias de idiotas ricos, mas Ryan pensava que o *Coelho* precisava de um pouco mais de tempo antes de aprender essa lição. — Quem é que fez o meu dossiê?

— O repórter do *Izvestia* na *rezidentura* de Washington é um oficial júnior do KGB. Fê-lo no verão passado.

— E como é que teve conhecimento disso?

— O seu despacho chegou à minha secretária, e eu enviei-o para o Instituto de Estudos Americanos e Canadianos, que tem relações com o KGB. O senhor sabe disso, não sabe?

— Sim — confirmou Jack. — Essa sabemos. — Foi quando sentiu um estalo nos ouvidos. O avião estava a descer. Ryan bebeu rapidamente o que restava do seu terceiro copo de vinho branco e disse a si mesmo que o voo iria terminar dentro de minutos. Uma coisa aprendera com a Operação BEATRIX — aquele trabalho no terreno não era para ele.

O sinal de «Não Fumar» voltou a aparecer. Jack endireitou a cadeira e, em seguida, as luzes de Manchester apareceram através das janelas, as luzes dos automóveis e as luzes da cerca do aeroporto. Dentro de mais alguns segundos… *catrapumba*, as rodas tocaram na velha Inglaterra. Poderia não ser como se tivessem tocado na América, mas, de momento, era quanto lhe bastava.

Oleg, segundo se podia aperceber, tinha o rosto contra a janela, observando as luzes da cauda dos aviões. Havia ali muito para que aquilo fosse uma base aérea soviética e uma enorme *maskirovka*. Começou visivelmente a descontrair-se.

— Bem-vindos a Manchester — disse o piloto através do intercomunicador. — De momento são seis e quarenta e a temperatura lá fora é de doze graus centígrados. Apreciamos a vossa paciência antes do voo e esperamos voltar a ver-vos na British Midlands Airways.

Sim, pensou Jack, *deves estar a sonhar*…

Jack esperou até o avião se começar a deslocar para a área de chegadas. Uma escada instalada numa camioneta encostou-se à porta da frente que o comissário superior abriu devidamente. Ryan e a família *Coelho* foram os primeiros a sair e a descer as escadas antes de serem levados para uns carros, em vez de terem de esperar pelos autocarros.

Alan Kingshot estava lá para lhe apertar a mão.

— Então como foi, Jack?

— Um pouco como uma excursão à Disneylândia — respondeu Jack, sem qualquer traço de ironia audível na voz.

— Bem, vamos tratar de tudo e levá-lo para um lugar confortável.

— Isso é ótimo, meu amigo. Que horas são? Um quarto para as sete? — Ryan ainda não tinha mudado a hora. A Grã-Bretanha estava uma hora atrasada em relação à Europa.

— Pois é — confirmou o espião no terreno.

— Raios partam! — reagiu ele. Era já muito tarde para telefonar à Cathy para lhe dizer que tinha chegado. Mas, na verdade, não tinha chegado. Agora teria de desempenhar o papel de representante da CIA para a primeira entrevista do Red Rabbit[41]. Talvez Sir Basil o tivesse destacado para isso por ele ser ainda muito verde para ser muito eficiente. Bem, talvez ele acabasse por mostrar ao seu hóspede britânico como era estúpido, resmoneou Ryan para si mesmo. Mas primeiro eram horas de dormir. O stresse, viera a saber, era quase tão cansativo como a corrida… só que mais intenso para o coração.

Em Budapeste, os três corpos estavam já na morgue, uma instituição tão deprimente por detrás da Cortina de Ferro como diante dela. Quando a identidade de Zaitzev como cidadão russo foi confirmada, telefonaram para a embaixada soviética, onde fora rapidamente estabelecido que o homem em questão era um oficial do KGB. *Isso* gerou interesse na *rezidentura*, do outro lado da rua e em frente ao hotel onde ele tinha obviamente morrido, tendo-se feito mais chamadas telefónicas.

Antes das cinco da manhã, o professor Zoltán Bíró foi acordado pela AVH. Bíró era professor de Patologia na Faculdade de Medicina Ignaz Semmelweis. Assim nomeada em homenagem a um dos pais da teoria dos germes, que transformara a ciência da medicina no século xix, permanecera uma boa instituição, atraindo mesmo alunos da Alemanha Ocidental, se bem que nenhuns deles fossem estar presentes na autópsia pedida pelo Belügyminisztérium, mas onde estaria o médico residente da Embaixada Soviética.

A primeira autópsia seria a do homem adulto. Os técnicos tiraram amostras de sangue dos três corpos para análise num laboratório adjacente.

— Trata-se do corpo de um homem caucasiano, com aproximadamente trinta e cinco anos de idade, com uma altura de aproximadamente um metro e setenta e cinco centímetros, com um peso de cerca de setenta e seis quilos. A cor do cabelo não poderá ser determinada devido às queimaduras extensas provocadas pelo incêndio doméstico. A impressão inicial é de morte devido a incêndio, mais provavelmente devido a intoxicação por monóxido de carbono, dado que o corpo não mostra provas de uma morte agonizante. — Então a dissecção iniciou-se com a incisão clássica em «Y», para abrir a cavidade do corpo com vista a um

exame dos órgãos internos.

Ele estava a examinar o coração, que não revelava nada de especial, quando chegaram os relatórios do laboratório.

— Professor Bíró, o monóxido de carbono nos três corpos atingiu proporções letais — disse uma voz, dando-lhe os números exatos.

Bíró olhou para o seu colega russo.

— Mais alguma coisa de que necessite? Posso autopsiar as três vítimas, mas a causa de morte foi determinada. Este homem não foi baleado. É claro que iremos fazer mais testes químicos ao sangue, mas não me parece que tenham sido envenenados e não existem feridas de bala ou outro trauma penetrante no que se prende com este indivíduo. Foram todos mortos pelo fogo. Irei enviar-lhe um relatório completo esta tarde. — Bíró respirou fundo. — *A kurva elu!*[42] — concluiu ele, com um popular epíteto magiar.

— Uma menina tão bonita…! — observou o interno russo.

A carteira de Zaitzev sobrevivera ao fogo, juntamente com as suas fotografias de família. A de Svetlana fora particularmente cativante.

— A morte nunca é uma coisa sentimental, meu amigo — disse-lhe Bíró. Como patologista estava muito bem ao corrente desse facto.

— Muito bem. Obrigado, camarada professor. — E o russo foi-se embora, já a pensar no seu relatório oficial para Moscovo.

---

[39] Ex-automobilista britânico da Fórmula 1. *(N. do T.)*

[40] Palavra que em russo está relacionada com a desinformação militar. Neste caso refere-se a uma aldeia falsa, de cenário. *(N. do T.)*

[41] Em português, Coelho Vermelho. *(N. do T.)*

[42] «Que porra esta!», em húngaro. *(N. do T.)*

CAPÍTULO 29

REVELAÇÃO

A casa segura era uma mansão, a casa de campo de alguém com dinheiro e bom gosto, edificada no século xix, ao que parecia, com estuque e com o tipo de traves de carvalho usadas para construir em tempos navios como o HMS *Victory*. Mas situava-se numa zona interior e tão distante do mar quanto seria possível nesse reino de ilhas.

Era evidente que Alan Kingshot a conhecia bastante bem, visto ter sido ele a guiá-los até lá e a instalá-los na casa. As duas pessoas que faziam parte do pessoal que cuidava da mansão pareciam polícias aos olhos de Ryan, talvez casados e reformados das forças policiais da metrópole, tal como a zona londrina era conhecida. Estes escoltaram simpaticamente os seus hóspedes para uns aposentos bastante agradáveis. Irina Zaitzev abria muito os olhos ao ver as acomodações que lhes estavam a ser dadas, que eram impressionantes, mesmos para os padrões de Ryan. Tudo o que Oleg Ivanovitch fez foi pousar o estojo de barbear na casa de banho, despir-se e colapsar em cima da cama, onde um sono, ajudado pelo álcool, provou não demorar mais do que cinco minutos.

A notícia chegou ao juiz Moore, mesmo antes da meia-noite, de que o pacote se encontrava escondido num local muito seguro e, com essa informação, também se foi deitar. Tudo o que restava era fazer com que a Força Aérea arranjasse um KC-135, ou uma aeronave semelhante, pronto para trazer o pacote para a América, e isso iria requerer uma mera chamada telefónica para um oficial no Pentágono. Pensou no que o *Coelho* iria dizer, mas podia esperar. A paciência, agora que os perigos tinham sido ultrapassados, não era algo assim tão difícil para o diretor geral da CIA. Era um pouco como a véspera de Natal e, se bem que ele não se pudesse certificar do que estava por baixo da árvore, poderia ter a certeza de que não seria qualquer coisa má.

Para Sir Basil Charleston, na sua casa em Belgravia, as notícias chegaram antes do pequeno-almoço, quando um mensageiro da Century House lhe tocou à porta. *Uma maneira muito agradável de iniciar o dia*, pensou ele, decerto melhor do que outros de que se poderia lembrar. Saiu de casa para o escritório mesmo antes

das sete, pronto para o seu *briefing* da manhã, em que sublinharia o sucesso da Operação BEATRIX.

Ryan acordou com o ruído do tráfego. Quem quer que fosse que tivesse construído aquela magnífica casa de campo, não antecipara a construção de uma autoestrada a apenas trezentos metros, mas, até certo ponto, Ryan evitara a ressaca provocada por todas as bebidas que tomara no voo, e a emoção prolongada do momento despertara-o por completo, após umas seis horas e meia de sono. Tomou banho e foi até à sala, não muito exígua, dos pequenos-almoços. Alan Kingshot já lá estava, de volta do seu chá.

— Talvez prefira café, não é verdade?

— Se houver algum…

— Só do instantâneo — avisou Kingshot.

Jack reprimiu o seu desapontamento.

— É melhor do que não beber nenhum.

— Ovos Benedict? — perguntou a mulher-polícia reformada.

— Minha senhora, por isso sou capaz de perdoar a ausência de um *Starbucks* — respondeu Jack, com um sorriso. Depois olhou para os jornais da manhã e pensou que a realidade e a normalidade tinham finalmente regressado à sua vida. Bem, quase.

— O Senhor e a Senhora Thompson tratam desta casa para nós — explicou Kingshot. — O Nick era um detetive de homicídios com a Scotland Yard, e a Emma estava na administração.

— Era isso que o meu pai costumava fazer — observou Ryan. — Como é que vocês começaram a trabalhar para os Serviços Secretos de Informação britânica?

— O Nick trabalhou no caso Markov — respondeu a Senhora Thompson.

— E fez aí um ótimo trabalho — corroborou Kingshot para Ryan. — Ele teria sido para nós um excelente agente no terreno.

— «Bond, James Bond»? — disse Nick Thompson, entrando na cozinha. — Não me parece. Os nossos hóspedes já estão a pé. Parece que a menina os acordou.

— Pois — observou Jack. — As crianças costumam fazer isso. Assim sendo, fazemos o interrogatório aqui ou noutro lado?

— Estávamos a planear fazê-lo em Somerset, mas decidi ontem à noite não

andar muito com eles de carro. Porquê enervá-los ainda mais? — perguntou Kingshot, retoricamente. — Só ficámos com esta casa no ano passado, e é bastante confortável. A de Somerset, perto de Taunton, é um bocadinho mais isolada, mas estas pessoas não vão fugir, pois não?

— Se ele voltar para o seu país é um *Coelho* morto — admitiu Ryan em voz alta. — Ele deve sabê-lo. No avião estava preocupado com o facto de nós podermos ser do KGB e de que isto pudesse ser uma elaborada *maskirovka*, penso eu. A mulher dele fez muitas compras em Budapeste. Talvez possamos arranjar alguém que a leve às compras aqui? — raciocinou o americano. — Assim poderíamos falar com ele mais à vontade. O inglês dele parece-me bom. Será que poderemos arranjar alguém que fale bem russo?

— É esse o meu trabalho — disse Kingshot a Ryan.

— A primeira coisa que queremos saber é o que o levou a tomar este curso de ação.

— Obviamente, mas então e essa coisa acerca das comunicações comprometidas?

— Pois. — Ryan respirou fundo. — Imagino que deve haver gente quase a saltar pelas janelas por causa disso.

— Sem dúvida — confirmou Kingshot.

— Então, Al, já trabalhou em Moscovo?

O britânico assentiu com um aceno de cabeça.

— Duas vezes. Foi interessante, mas bastante tenso durante todo o tempo que lá estive.

— E onde esteve mais?

— Em Varsóvia e em Bucareste. Falo todas essas línguas. Diga-me, como está o Andy Hudson?

— Ele é uma estrela, Al. Sempre muito calmo e confiante. Conhece bem o terreno e tem bons contactos. Tomou muito bem conta de mim.

— Aqui está o seu café, Sir John — disse a Senhora Thompson, trazendo-lhe uma chávena de Taster’s Choice. Os britânicos eram boa gente e a comida deles, pensou Ryan, era erradamente diabolizada, mas não sabiam patavina acerca de café e contra isso não havia nada a fazer. Mas, mesmo assim, era melhor do que o chá.

Os ovos Benedict chegaram quase depois e, na confeção desse prato, a

Senhora Thompson era exímia. Ryan abriu o jornal — era o *Times* — e descontraiu-se ao ficar de novo familiarizado com o mundo. Iria telefonar a Cathy dentro de uma hora, quando ela já estivesse no trabalho. Com sorte, talvez a pudesse ver no espaço de dois dias. Num mundo perfeito, teria um exemplar de um jornal americano, ou, talvez, do *International Tribune*, mas o mundo ainda não era perfeito. Não fazia sentido estar a perguntar como ia a Série Mundial. Iria começar no dia seguinte, não era? Será que os Phillies seriam bons nesse ano? Bem, como de costume, tinham de jogar para se descobrir.

— Então, como foi a viagem? — perguntou Kingshot.

— Alan, aqueles agentes no terreno merecem todo o dinheiro que ganham. Como conseguem lidar com uma tensão constante é algo que eu não consigo perceber.

— É como tudo, Jack, uma pessoa habitua-se. A sua mulher é cirurgiã. A ideia de cortar pessoas é algo que não me atrai nada…

Jack riu-se.

— Sim, eu também acho o mesmo. E ela lida com globos oculares. Nada de muito importante, não é?

Kingshot arrepiou-se só de pensar nisso, e Ryan lembrou-se de que trabalhar em Moscovo a gerir agentes (e quem sabe se a arranjar missões de resgate como eles tinham feito para o *Coelho*) não poderia ser muito mais divertido do que um transplante de coração.

— Ah, Senhor Somerset — ouviu Ryan a Senhora Thompson a dizer. — Bom dia e bem-vindo.

— *Spasiba* — respondeu Oleg Ivanovitch, com uma voz ensonada. As crianças podiam acordar um fulano às horas mais incríveis, com os seus sorrisos e a sua ótima disposição. — Esse é o meu novo nome?

— Mais tarde, iremos pensar em qualquer coisa mais permanente — disse-lhe Ryan. — Mais uma vez, seja bem-vindo.

— Isto é a Inglaterra? — perguntou o *Coelho*.

— Estamos a cerca de quinze quilómetros de Manchester — respondeu o oficial de informação britânico. — Bom dia, caso não se lembre, o meu nome é Alan Kingshot. Esta é a Senhora Emma Thompson e o Nick virá daqui a pouco. — Trocaram-se apertos de mão.

— A minha mulher descerá em breve. Está a arranjar a *zaitchik* — explicou

ele.

— Como é que se está a sentir, Oleg? — perguntou Kingshot.

— A viagem foi longa, o medo foi grande, mas agora sinto-me seguro.

— Sim, está inteiramente em segurança — tranquilizou-o Kingshot.

— E que gostaria de comer ao pequeno-almoço? — inquiriu a Senhora Thompson.

— Experimente isto — sugeriu Jack, apontando para o seu prato. — É ótimo.

— Sim, vou experimentar. Como é que se chama?

— Ovos Benedict — disse-lhe Jack. — Senhora Thompson, este molho holandês está na perfeição. A minha mulher vai querer a sua receita, se é que lha posso pedir. — E talvez Cathy a pudesse ensinar a fazer café como deveria ser. *Isso seria comércio equitativo*, pensou Ryan.

— Ora, com certeza, Sir John — respondeu ela, com um sorriso aberto. Nenhuma mulher no mundo tem objeções a que lhe louvem a forma de cozinhar.

— Então, para mim também — decidiu Zaitzev.

— Chá ou café? — perguntou ela ao seu hóspede.

— Tem chá English Breakfast? — perguntou o *Coelho*.

— Claro que sim — respondeu ela.

— Então traga um para mim, por favor.

— Com certeza. — E ela voltou a desaparecer na cozinha.

Era muita coisa para Zaitzev. Aí estava ele, na sala do pequeno-almoço de uma mansão digna da velha nobreza, rodeado por um relvado verde como se poderia ver no parque de golfe Augusta National, com enormes carvalhos plantados há duzentos anos, uma casa para carruagens e estábulos na distância. Era algo que ele poderia imaginar como estando à altura de Pedro, *o Grande*, coisas que se viam em livros e em museus. E ele estava ali como um hóspede especial?

— É uma bela casa, não acha? — perguntou Ryan, depois de ter acabado de comer os ovos.

— É fantástica — respondeu Zaitzev, a olhar em volta com os olhos muito abertos.

— Pertenceu a uma família de duques, foi adquirida por uma fábrica de têxteis, há cem anos, mas o negócio correu mal e o governo comprou-a no ano passado. Usamo-la para conferências e como casa segura. O aquecimento é um

pouco primitivo — comentou Kingshot. — Mas isso, de momento, não é problema. Temos tido um verão muito agradável e o outono também parece prometedor.

— Na América haveria um campo de golfe em volta deste lugar — disse Jack, olhando através das janelas. — Um dos grandes.

— Sim — concordou Alan. — Seria esplêndido para isso.

— Quando é que vou para a América? — perguntou o *Coelho*.

— Dentro de três ou quatro dias — respondeu Kingshot. — Gostaríamos de falar um pouco consigo, se não se importa.

— Quando é que começamos?

— Depois do pequeno-almoço. Não há pressa, Senhor Zaitzev. O senhor já não está na União Soviética. Não o iremos pressionar de modo algum — prometeu Alan.

Fia-te nisso, considerou Ryan. *Meu caro, eles vão espremer-te o cérebro como se fosse uma esponja e examinar os teus pensamentos, molécula a molécula.* Mas o Coelho acabara de ter uma viagem grátis para sair da Mãe Rússia, com a expectativa de uma vida confortável para ele e para a família no Ocidente, e tudo na vida tem o seu preço.

Ele adorou o chá. Então apareceu o resto da família e, durante os próximos vinte minutos, quase se esgotou o molho holandês, enquanto os russos recém-chegados asseguravam um emprego estável aos comerciantes de ovos locais.

Irina saiu da sala dos pequenos-almoços para ver o resto da casa e ficou muito entusiasmada ao ver um piano de cauda *Bösendorf*, transformando-se numa criança em vésperas de Natal ao perguntar se poderia tocar nas teclas. Há muitos anos que ela não praticava, mas a expressão que tinha no rosto era como um regresso à infância, enquanto tentava tocar «Sobre a Ponte de Avinhão», que fora a sua melodia preferida para exercitar os dedos há já muitos anos, mas de que ela ainda se lembrava.

— Uma amiga minha toca profissionalmente — disse Jack, com um sorriso. Era difícil não apreciar a alegria dela nesse momento.

— Quem? Onde? — perguntou Oleg.

— De facto, a Sissy, a Cecília Jackson. Eu e o marido dela somos amigos. Ele é piloto de combate na Marinha americana. Ela é a segunda pianista solo na Orquestra Sinfónica de Washington. A minha mulher também toca piano, mas a

Sissy é mesmo muito boa nisso.

— O senhor é bom para nós — disse Oleg Ivanovitch.

— Tentamos cuidar decentemente dos nossos hóspedes — disse-lhe Kingshot. — Será que podemos falar na biblioteca? — Ele apontou-lhe o caminho.

As cadeiras eram confortáveis. A biblioteca era outro exemplo espetacular do trabalho em madeira do século xix, com milhares de livros e três escadotes rolantes. Não seria uma verdadeira biblioteca inglesa sem um escadote. As cadeiras eram estofadas. A Senhora Thompson trouxe uma bandeja com copos de água gelada e a sessão teve início.

— Então, Senhor Zaitzev, será que nos pode dizer alguma coisa sobre si mesmo? — perguntou Kingshot. Este ficou então a saber o nome, os antepassados, o lugar de nascimento e a educação do russo.

— Não fez serviço militar?

Zaitzev abanou a cabeça.

— Não, o KGB descobriu-me e protegeu-me de fazer a tropa.

— E isso foi quando andava na universidade? — perguntou Kingshot por uma questão de esclarecimento. Tinham três gravadores a funcionar.

— Sim, foi isso o que se passou. Foi no meu primeiro ano que eles falaram comigo.

— E quando é que entrou para o KGB?

— Imediatamente depois de sair da Universidade Estatal de Moscovo. Levaram-me para o Departamento de Comunicações.

— E quanto tempo lá trabalhou?

— Desde… bem, durante nove anos e meio no total, excetuando o tempo que passei na academia e em outras formações.

— E onde trabalha agora — perguntou Kingshot, tentando levá-lo para onde pretendia.

— Trabalho nas Comunicações Centrais, na cave do Centro de Moscovo.

— E que fazia lá, exatamente? — perguntou finalmente Alan.

— Durante o meu turno, todos os despachos vinham do terreno para a minha secretária. O meu emprego era manter a segurança, assegurar-me de que os procedimentos adequados eram seguidos. Depois enviava-os para os oficiais de ação nos andares de cima. Ou, às vezes, para o Instituto de Estudos Americanos e Canadianos — declarou Oleg, gesticulando na direção de Ryan.

Jack tentou não abrir muito a boca. Aquele fulano era mesmo um fugitivo da organização homóloga do MERCÚRIO, na CIA. Aquele indivíduo tinha visto tudo. Tudo ou quase tudo. Ele acabara de ajudar a fugir «uma mina de ouro» para lá da Cortina. *Com um caraças!*

Kingshot conseguiu fazer um trabalho melhor ao disfarçar os seus sentimentos, mas os seus olhos deslizaram para Ryan e a sua expressão dizia tudo.

Raios partam.

— Então sabe os nomes dos seus oficiais no terreno e dos seus agentes? — inquiriu Kingshot.

— Sei muitos nomes de oficiais do KGB, mas poucos dos agentes. No entanto conheço os nomes de código. No Reino Unido, o nome de código do nosso melhor agente é MINISTRO. Ele dá-nos informação política e diplomática de alto valor, há anos. Há vinte anos, penso eu, talvez há mais.

— Disse que o KGB comprometeu as nossas comunicações — observou Ryan.

— Sim, até certo ponto. Esse é o agente NEPTUNO. Não sei que quantidade de informação fornece, mas sei que o KGB leu muitas coisas vindas das comunicações navais americanas.

— E as outras comunicações? — perguntou logo Jack.

— Quanto às comunicações navais tenho a certeza. As outras não sei, mas vocês usam máquinas de encriptação para todas elas, não é verdade?

— De facto, não — retorquiu Alan. — Está então a dizer-me que as comunicações britânicas estão seguras?

— Não sei se conseguiram entrar nelas — respondeu Zaitzev. — Grande parte da informação diplomática americana que obtemos vem do CASSIUS. Ele é o assessor de um político numa posição superior em Washington. Dá-nos boa informação acerca do que a CIA faz e acerca do que a CIA sabe de nós.

— Mas disse que ele não fazia parte da CIA? — perguntou Ryan.

— Não, penso que é o assessor de um político, um ajudante, um membro do pessoal… algo assim — afirmou Zaitzev, de um modo muito positivo.

— Ótimo. — Ryan acendeu um cigarro e ofereceu outro a Zaitzev, que o aceitou de imediato.

— Fiquei sem os meus *Krasnopresnenskiye* — explicou ele.

— Devia dar-lhe todos os que tenho. A minha mulher quer que eu pare de fumar. Ela é médica — explicou Jack.

— *Ora*… — respondeu o *Coelho*.

— Então, porque é que decidiu ir-se embora? — perguntou Kingshot, bebendo um gole de chá. A resposta quase fez com que ele deixasse cair a chávena.

— O KGB quer matar o papa.

— Está a falar a sério? — Foi o homem mais experiente que fez esta pergunta, não Ryan.

— A sério? Arrisquei a minha vida, a da minha mulher, a da minha filha. *Da*, estou a falar a sério — assegurou-lhes Oleg Ivanovitch, com uma certa frieza na voz.

— Grandes cabrões! — exclamou Ryan, entre dentes. — Oleg, precisamos de saber acerca disso.

— Começou em agosto. Começou a quinze de agosto — disse-lhes Zaitzev, contando-lhes os pormenores durante cinco ou seis minutos.

— E essa operação não tem nome? — inquiriu Jack, quando ele parou.

— Não tem nome, apenas o número do despacho, quinze-oito-oitenta e dois-seiscentos e sessenta e seis. Trata-se da data da primeira mensagem do Andropov para a *rezidentura* de Roma, juntamente com o número de mensagem. O Yuriy Vladimirovitch mandou perguntar como é que se poderiam aproximar do papa. Roma disse que era uma má ideia. Então, o coronel Rojdestvenskiy, que é o assistente principal do diretor, mandou uma mensagem para a *rezidentura* de Sófia. A operação virá de Sófia. De modo que a operação seis-seis-seis talvez esteja a ser montada para o KGB pelo Dirjavna Sugurnost. Creio que o nome do oficial é Strokov, Boris Andreyevitch.

Kingshot lembrou-se de uma coisa, levantou-se e saiu da sala. Regressou com Nick Thompson, o antigo detetive superintendente da Polícia Metropolitana.

— Nick, será que o nome Boris Andreyevitch lhe diz alguma coisa?

O antigo polícia pestanejou várias vezes.

— Diz, sim, Alan. Ele é o tipo que nós pensamos que matou o Georgiy Markov na ponte de Westminster. Tivemo-lo sob vigilância, mas ele conseguiu sair do país, antes de nós termos motivos para o determos para interrogatório.

— Será que ele não tinha proteção diplomática? — perguntou Ryan, e ficou surpreendido com a resposta de Thompson.

— De facto, não. Ele veio para aqui sem documentos e saiu da mesma maneira. Eu próprio o vi em Heathrow. Mas nós não juntámos as peças com a rapidez suficiente. Foi um caso feio. O veneno que deram ao Markov era uma coisa horrorosa.

— E viu bem esse tal Strokov?

Thompson assentiu com um aceno de cabeça.

— Pois vi. Ele talvez se tivesse dado conta da minha presença. Não estava a ser muito cuidadoso, dadas as circunstâncias. Foi ele quem matou o Markov. Tenho a certeza absoluta.

— E como é que nós poderemos ter essa certeza?

— Andei a caçar assassinos quase durante vinte anos, Sir John. Acabamos por os conhecer muito bem, e era isso que ele era, um assassino — afirmou Thompson, com toda a confiança. Ryan lembrava-se do seu pai ser assim, mesmo em casos frustrantes, quando sabia o que precisava, mas não o poderia provar perante um júri.

— Os búlgaros têm uma espécie de contrato com os russos — explicou Kingshot. — Mais ou menos em mil novecentos e sessenta e quatro, por aí, eles concordaram em encarregar-se de todas as «necessárias» eliminações para o KGB. Em troca, têm várias vantagens, especialmente políticas. Strokov, sem dúvida, já ouvi esse nome antes. Será que tem uma fotografia desse fulano, Nick?

— Mais de cinquenta, Alan — afirmou Thompson. — Nunca me hei de esquecer desse rosto. Ele tem os olhos de um cadáver, completamente sem vida, como os de um boneco.

— E é assim tão bom? — perguntou Ryan.

— Como assassino? Bastante bom, Sir John. Muito bom mesmo. O modo como ele eliminou o Markov na ponte foi habilmente executado… era a terceira tentativa. Os primeiros assassinos contratados não deram conta do recado, e acabaram por ir buscar o Strokov para fazer as coisas como deveriam ser feitas. E foi isso mesmo o que ele fez. Se as coisas se tivessem passado de um modo um pouco diferente, talvez não nos tivéssemos dado conta de que se tinha tratado de um assassínio.

— Pensamos que ele já trabalhou noutros locais no Ocidente — observou Kingshot. — Mas não temos muita informação fiável. De facto, apenas rumores.

Jack, isto é um desenvolvimento perigoso. Tenho de comunicar já esta informação ao Basil. — E, com isso, Alan saiu da sala para ir até um telefone seguro. Ryan voltou a interrogar Zaitzev.

— E foi por isso que decidiu sair?

— O KGB quer matar um homem inocente, Ryan. Comecei a ver a conspiração a tomar forma. O Andropov estava metido nisto. Era eu quem lidava com as mensagens. Como é que um homem pode parar o KGB? — perguntou. — Eu não posso parar o KGB, mas não os vou ajudar a matar padres… Ele é um homem inocente, não é?

Ryan pôs os olhos no chão.

— Pois é, Oleg Ivanovitch. — *Meu Deus do Céu*. Olhou para o relógio. Ele tinha de transmitir aquela informação o mais depressa possível, mas ninguém estava acordado a essa hora em Langley.

— Raios partam — disse Sir Basil no seu telefone seguro. — Esta informação é fiável, Alan?

— Sim, senhor. Creio que é inteiramente verdadeira. O nosso *Coelho* parece ser um tipo decente e bastante esperto. Creio que está exclusivamente motivado pela sua consciência. — Em seguida, Kingshot informou-o acerca da primeira revelação da manhã, o MINISTO.

— Precisamos que o MI-5 dê uma vista de olhos nisso. — O Sistema de Segurança Britânico (em tempos conhecido como MI-5) era o braço da contraespionagem do governo. Eles precisariam de mais informação específica para apanharem o traidor, mas já tinham um ponto de partida. Há vinte anos, não é? Que traidor mais produtivo esse fulano teria de ser, pensou Sir Basil. Já era tempo de ir ver a prisão de Parkhurst na ilha de Wight. Charleston passara anos a limpar a «loja», que em tempos fora um recreio para brincadeiras por parte do KGB. Mas isso não poderia acontecer mais, jurou o cavaleiro comandante de Bath a si mesmo.

A quem poderei dizer?, ponderou Ryan. Basil decerto telefonaria para Langley. Jack certificar-se-ia disso, mas Sir Basil era um indivíduo inteiramente confiável. Depois surgiu-lhe a questão mais difícil: *Que diabo é que eu ou nós poderemos fazer acerca deste assunto*?

Ryan acendeu outro cigarro para o considerar. Era mais trabalho para a polícia

do que para os serviços informativos…

E a questão central seria a classificação.

Sim, isso vai ser um problema. Se dissermos a alguém acabará por se saber, e então também acabarão por saber que temos o Coelho*, e, adivinha lá, Jack? O* Coelho *é agora mais importante para a CIA do que a vida do papa.*

Oh, merda, pensou Ryan. Era como um truque de *jiu-jitsu*, como uma súbita reversão da polaridade no mostrador de uma bússola. O Norte era agora o Sul. A parte de dentro era a parte de fora. E as necessidades da informação americana poderiam agora suplantar a vida do bispo de Roma. O seu rosto deveria ter revelado o que ele estava a pensar.

— Que está a ser omitido, Ryan? — perguntou o *Coelho*. Pareceu a Jack que era estranho que ele conhecesse aquele verbo.

— Estou a pensar na informação que nos deu. Há já dois meses que temos estado preocupados com a segurança do papa, mas não tínhamos informação específica que nos fizesse acreditar que a sua vida estava de facto em risco. Agora você informou-nos e alguém terá de decidir o que fazer com ela. Sabe alguma coisa acerca dessa operação?

— Não, quase nada. Em Sófia, o oficial responsável pela ação é o coronel Ilya Fedorovitch Bubovoy. Ele é… embaixador, será isso? É um coronel sénior que trabalha com o Dirjavna Sugurnost. Quanto ao coronel Strokov, conheço-lhe o nome de outros casos. Ele é o assassino oficial do Dirjavna Sugurnost. É certo que também faz outras coisas, mas, quando um homem precisa de ser baleado, ele dispara a bala.

Para Ryan, parecia tratar-se de uma coisa saída de um mau filme, exceto que nos filmes era a CIA que tinha um departamento especial dos assassínios, como um grande armário cheio de vampiros. Quando o diretor precisava que matassem alguém, abria a porta e um dos morcegos saía para proceder à eliminação. Em seguida, voltava a voar docilmente para o armário e aí ficava, pendurado de cabeça para baixo, até que fosse preciso matar outra pessoa. É claro. Hollywood tinha tudo planeado, exceto que as burocracias governamentais se alimentavam de papel. Nada acontecia sem um tipo de ordem escrita, porque apenas uma folha de papel branco com tinta preta poderia cobrir o coirão de qualquer pessoa quando as coisas dessem para o torto e, se alguém precisava realmente de ser assassinado, alguém dentro do sistema tinha de assinar essa ordem, e quem

poderia assinar uma ordem *desse género*? Esse tipo de coisa tornava-se um registo *permanente* de algo terrível, de modo que o espaço para a assinatura teria de ser apreciado pela Sala Oval e, uma vez aí, não era o tipo de papel que pudesse ser encontrado na biblioteca presidencial que preservava a memória da pessoa conhecida, dentro da comunidade de segurança, como a Autoridade do Comando Nacional. E ninguém entre eles assinaria essa ordem, porque os empregados do governo nunca põem muito a cabeça de fora, pois esse não era o modo como eram treinados.

Exceto eu, pensou Ryan. Mas ele não mataria alguém a sangue-frio. Ele nem sequer conseguira matar Sean Miller quando tinha o sangue bem quente e, se bem que fosse estranho orgulhar-se disso, fora bem melhor do que a alternativa.

Mas Jack não tinha medo de pôr a cabeça de fora. A perda de ordenado do governo seria um lucro líquido para John Patrick Ryan. Ele poderia regressar ao ensino, talvez numa bela universidade privada que pagasse mais ou menos decentemente, e poderia continuar a lidar, para além disso, com o mercado de ações, algo com que o seu trabalho corrente acabava por interferir bastante.

Que diabo irei eu fazer? A pior parte de tudo isso é que Ryan se considerava um católico, ainda que talvez não fosse à missa todas as semanas. Talvez nunca dessem o seu nome a uma igreja, mas, que diabo, o papa era um homem que ele se sentia compelido a respeitar devido à sua longa educação sempre em escolas católicas, incluindo quase doze anos nos jesuítas. E, a juntar a isso, havia outra coisa quase tão importante: a educação que ele recebera às mãos amigas do Corpo de Fuzileiros dos EUA, na Escola Básica de Quantico. Ensinaram-no que sempre que visse qualquer coisa que precisasse de ser remediada ele teria de o fazer, com a esperança de que os oficiais superiores o elogiassem por isso, porque uma ação decisiva salvara o dia, mais do que uma vez, na história do Corpo de Fuzileiros. «É mais fácil ter perdão do que permissão», foi o que o major que lecionava essa turma em particular dissera, com um sorriso aberto. «Mas nunca me citem acerca disso.» Tínhamos de aplicar discernimento às nossas ações e este vinha muito da experiência que, por sua vez, era por vezes o resultado de más decisões.

Já tens mais de trinta anos, Jack, e tiveste experiências que nunca quiseste ter, mas, será que não aprendeste tanta coisa com essas mesmas experiências? Por essa altura, já ele poderia ter sido promovido a capitão, refletiu Jack. Até mesmo

a major, como o Billie Tucker que lecionara essa turma. Foi quando, nesse momento, Kingshot entrou na sala.

— Al, temos um problema — disse-lhe Ryan.

— Bem sei, Jack. Acabei de falar com Sir Basil. Ele está a pensar no assunto.

— Você é um espião no terreno. Que é que pensa?

— Jack, isto está muito acima do meu nível de comando e de especialização.

— Será que desliga o seu cérebro, Al? — perguntou Ryan, de chofre.

— Jack, não podemos comprometer a nossa fonte, pois não? — ripostou Kingshot. — Essa é a nossa consideração primordial, aqui e agora.

— Al, sabemos que alguém quer dar cabo do chefe da minha Igreja. Sabemos o nome dele e o Nick tem um álbum de fotografias desse cabrão, lembra-se? — Ryan respirou fundo, antes de continuar. — Não vou ficar aqui sentado sem fazer nada acerca do assunto — concluiu, esquecendo-se por completo da presença do *Coelho* nesse momento.

— Vocês não fazem nada? Arrisco a minha vida por isso e vocês não fazem nada? — perguntou Zaitzev, apercebendo-se do sentido da rápida troca de palavras em inglês diante dele. O seu rosto mostrava indignação e perplexidade.

Al Kingshot encarregou-se da resposta.

— Não nos cabe a nós decidir sobre o assunto. Não podemos comprometer a nossa fonte… que é você, Oleg. Também temos de o proteger.

— Raios partam! — Ryan levantou-se e saiu da sala. *Contudo, que diabo poderia ele fazer?*, perguntou Jack a si mesmo. Em seguida, foi procurar o telefone seguro e ligou um número que sabia de cor.

— Murray — disse uma voz, logo que ambos os telefones estabeleceram contacto.

— Dan, fala o Jack.

— Onde é que tens estado? Telefonei-te à coisa de duas noites e a Cathy disse-me que estavas na Alemanha, numa reunião da NATO. Eu queria… — Ryan interrompeu-o.

— Deixa lá isso, Dan. Estava noutro lado a fazer outra coisa. Escuta. Preciso de informação e preciso dela depressa — anunciou Jack, com o tom de voz a descair-lhe por momentos para aquele que ele usava quando era oficial nos fuzileiros.

— Venha lá isso — respondeu Murray.

— Preciso de saber a agenda do papa para a próxima semana. — Era sexta-feira. Ryan esperava que o bispo de Roma não tivesse nada marcado para o fim de semana.

— O quê? — disse a voz do oficial do FBI, com uma perplexidade previsível.

— Ouviste bem o que eu disse.

— Mas por que diabo?

— Não to posso dizer… oh, merda — Ryan praguejou, antes de continuar. — Dan, temos razão para acreditar que o papa tem a cabeça a prémio.

— Quem? — perguntou Murray.

— Não se trata dos Cavaleiros de Colombo — foi o que Ryan se sentiu confortável a dizer.

— Merda, Jack, estás a falar a sério?

— Que porra é que achas? — ripostou Ryan.

— Muito bem. Calma. Deixa-me fazer alguns telefonemas. Que é que exatamente poderei eu dizer?

Esta pergunta fez com que Jack ficasse quase paralisado. *Pensa, rapaz, pensa*.

— Muito bem, és um cidadão comum e um amigo teu vai até Roma e gostaria de ver de perto Sua Santidade. Queres saber qual a melhor maneira para ele o fazer. Achas que chega?

— O que é que Langley está a dizer acerca disto?

— Dan, francamente, estou-me nas tintas para isso agora, está bem? Por favor, arranja-me essa informação. Telefono-te dentro de uma hora, combinado?

— Com certeza, Jack, dentro de uma hora. — Murray desligou. Ryan sabia que podia confiar nele. Ele também era um produto dos jesuítas, como muitos dos agentes do FBI, no seu caso um antigo aluno do Boston College, tal como Ryan, de modo que, fossem quais fossem as suas lealdades, estas viriam ao encontro das necessidades de Ryan. Respirando um pouco melhor, Ryan regressou à biblioteca ducal.

— Para quem é que telefonou, Jack? — perguntou Kingshot.

— Para o Dan Murray da embaixada, o representante do FBI. Deve conhecê-lo.

— O assessor jurídico. Sim, conheço. Bem, que lhe perguntou?

— Pedi-lhe a agenda do papa para a próxima semana.

— Mas nós ainda não sabemos nada — objetou Kingshot.

— E será que isso faz com que se sinta melhor, Al? — perguntou-lhe Jack, delicadamente.

— Você não comprom…

— Se comprometi a nossa fonte? Acha que sou assim tão estúpido?

O espião britânico assentiu com um aceno de cabeça diante da lógica do momento.

— Muito bem, não houve estragos, espero.

A próxima hora da primeira entrevista girou à volta de coisas de rotina. Zaitzev explicou aos britânicos o que ele sabia acerca do MINISTRO. Era suficientemente interessante para lhes dar uma pista inicial para poderem identificar o fulano. Tornou-se imediatamente claro que Kingshot queria o coirão desse homem bem exposto. Não havia como dizer quanta informação fiável o KGB estava a receber dele. Era definitivamente um deles, segundo o que Zaitzev dissera, e «ele» era provavelmente um funcionário público superior em Whitehall e, em breve, a efetividade ser-lhe-ia atribuída pelo Governo de Sua Majestade, «de acordo com o desejo da rainha» era a frase oficial. Mas Jack tinha preocupações mais prementes. Às duas e vinte da tarde, dirigiu-se ao telefone seguro na próxima sala.

— Dan, fala o Jack.

O assessor jurídico falou sem preâmbulos.

— O papa vai ter uma semana muito ocupada, segundo o que me diz a embaixada em Roma, mas está sempre em espaço aberto nas tardes de quarta-feira. Faz as suas voltas, no seu carro branco, na praça de São Pedro, mesmo em frente da catedral, para que as pessoas o vejam e recebam a sua bênção. Trata-se de um veículo aberto e, se o quiserem alvejar, parece-me uma boa altura para o tentarem, a não ser que tenham um atirador infiltrado bem lá dentro. Talvez um homem da limpeza, um canalizador, um eletricista, é difícil dizer. No entanto, teremos de assumir que o pessoal dele é bastante leal e que as pessoas manterão os olhos neles.

Claro, deduziu Jack, *mas esses são os melhores tipos para fazerem uma coisa dessas. As pessoas em quem confiamos são as que nos podem eliminar melhor. Raios partam.* As melhores pessoas para tratar deste assunto eram os Serviços de Segurança, mas ele não conhecia lá ninguém e, mesmo que fosse esse o caso, pô-las dentro da burocracia do Vaticano (a mais velha do mundo) iria requerer

intervenção divina.

— Obrigado, amigo, se precisares de um favor, já sabes.

— *Semper fidelis*, pá. Será que me podes dizer mais? Parece-me que estás a trabalhar num caso muito importante.

— Talvez não, mas não me cabe a mim dizê-lo, Dan. Vou ter de desligar, falamos depois. — Ryan desligou o telefone e voltou a entrar na biblioteca.

O Sol já ia alto e era altura para uma bebida. Uma garrafa de vinho acabara de aparecer, um branco francês do vale do Loire, talvez de uma boa e antiga colheita. A garrafa estava coberta de pó. Estivera na adega da cave durante algum tempo e esta não estaria fornecida com Thunderbird nem com Wild Irish Rose.

— Aqui o Zaitzev tem toda a espécie de boa informação sobre esse tal MINISTRO. — *É só uma questão de lha arrancarmos*, não acrescentou Kingshot. Porém, no dia seguinte iriam contar com a presença de hábeis psicólogos que usariam os seus conhecimentos psiquiátricos para massajarem as suas memórias… quem sabe se não usariam hipnose. Ryan não sabia se esta funcionava ou não; embora algumas forças policiais acreditassem nessa técnica, muitos advogados de defesa começavam a espumar pela boca quando lhes falavam disso, e Jack não sabia qual desses grupos tinha razão. No geral, era uma pena que o *Coelho* não pudesse ter trazido fotografias de ficheiros do KGB, mas seria pedir muito que esse indivíduo tivesse colocado o pescoço não bem em cima do cepo, mas mais entre as tábuas da guilhotina, para pedir ao carrasco que viesse fazer o trabalho. E, até essa ocasião, Ryan estava impressionado com a memória dele.

Seria ele alguém implantado, um falso desertor enviado para o Ocidente para dar à Agência e aos outros alguma informação falsa? Era possível, mas a prova de tudo isso estaria na qualidade dos agentes que ele identificasse para os serviços de contrainformação do Ocidente. Se o MINISTRO estivesse realmente a fornecer boa informação, a qualidade da mesma indicaria aos Serviços de Segurança se ele era um agente assim tão valioso. Os russos nunca eram leais para com os seus agentes. *Nunca*, nem uma vez sequer, tinham tentado negociar a libertação de um traidor americano ou britânico que estivesse a apodrecer numa das suas prisões, como os americanos tinham feito repetidamente, por vezes com sucesso. Não, os russos viam-nos como ativos dispensáveis e tais

ativos eram… consumidos, com pouco mais do que uma condecoração secreta que nunca seria usada pelo seu «homenageado» beneficiário. Tal parecia muito estranho aos olhos de Ryan. Em muitos aspetos, o KGB tinha serviços extremamente profissionais. Será que não sabiam que, ao mostrarem lealdade a um agente, isso faria com que os outros agentes corressem mais riscos a favor deles? Talvez fosse um caso de filosofia nacional que se sobrepusesse ao senso comum. Muito disso ocorria na URSS.

Pelas quatro, hora local, Jack tinha a certeza de que alguém estaria a trabalhar em Langley. Fez mais uma pergunta ao *Coelho*.

— Oleg Ivanovitch, sabe se o KGB consegue entrar nos nossos sistemas de telefones seguros?

— Não me parece. Não tenho a certeza, mas sei que temos um agente em Washington, o seu nome de código é GRILO, a quem pedimos para nos dar informação acerca dos vossos telefones seguros. Até agora ele não foi capaz de nos dar o que o pessoal de Comunicações desejava. No entanto, receamos que vocês possam ler o nosso tráfego telefónico, de modo que tentamos evitar os telefones para trocas importantes.

— Obrigado. — E Ryan foi até ao telefone seguro da sala ao lado. O próximo número era outro que ele sabia de cor.

— Fala James Greer.

— Senhor almirante, fala o Jack.

— Já me disseram que o *Coelho* está na sua nova toca — disse o vice-diretor de Informação, em jeito de cumprimento.

— Está sim, senhor almirante, e as boas notícias são que ele acredita que as nossas comunicações estão seguras, incluindo esta. Os primeiros receios parecem ter sido exagerados ou mal-interpretados.

— E há más notícias? — perguntou com uma certa preocupação o vice-diretor de Informação.

— Sim, o Yuriy Andropov quer matar o papa.

— Será que essa afirmação é fiável? — perguntou logo James Greer.

— Senhor almirante, foi por isso que ele se decidiu a fugir da Rússia. Irei dar-lhe todos os detalhes dentro de um dia ou dois, quando muito; mas é oficial, existe definitivamente uma operação do KGB para assassinar o bispo de Roma. Até temos o código da operação. Talvez queira também informar o senhor juiz

acerca disso, e talvez a Autoridade de Comando Nacional.

— Estou a ver — disse o almirante Greer, a cinco mil e quinhentos quilómetros de distância. — Isso irá ser um problema.

— É mesmo um grande problema. — Ryan respirou fundo. — Que poderemos nós fazer acerca disso?

— É essa mesma a questão, meu rapaz — retorquiu o vice-diretor de Informação. — Em primeiro lugar, será que podemos fazer qualquer coisa? Em segundo, será que iremos querer fazer qualquer coisa?

— Senhor almirante, por que razão *não iríamos* nós querer fazer qualquer coisa acerca do assunto? — inquiriu Ryan, tentando não dar um tom de insubordinação à sua voz. Ele respeitava Greer como chefe e como homem.

— Tenha calma, meu rapaz, pense melhor na questão. Em primeiro lugar, a nossa missão na vida é proteger os EUA e mais ninguém, bem, talvez também os nossos aliados, é claro — acrescentou Greer para os gravadores que pudessem estar nessa linha. — Mas o nosso primeiro dever é para com a nossa bandeira, não para com uma figura religiosa. *Iremos* tentar ajudá-lo, se pudermos, mas, se isso não for possível, paciência.

— Muito bem — respondeu Ryan, rangendo os dentes. *Que aconteceu à distinção entre certo e errado?*, queria ele ter perguntado, mas isso teria de esperar alguns momentos.

— Nós geralmente não revelamos informação classificada e poderá imaginar como essa deserção irá ser mantida em segredo — continuou Greer.

— Sim, senhor. — Mas, pelo menos, não seria de divulgação proibida aos estrangeiros. Os britânicos eram estrangeiros e estes já sabiam acerca da Operação BEATRIX e do *Coelho*, mas os britânicos não estavam muito inclinados a partilharem, exceto, por vezes, com a América e, geralmente, com um grande *quid pro quo* ligado a isso. Era assim que as coisas funcionavam. Do mesmo modo, Ryan não tinha permissão para discutir um único ponto acerca de operações em que tivesse participado. O nome de código era BURACO DA FECHADURA TALENTOSO: os satélites de reconhecimento, embora a CIA e o Pentágono não tivessem poupado esforços para transmitirem dados não tratados aos britânicos durante a Guerra das Falkland, além de todas as mensagens intercetadas que a Agência de Segurança Nacional conseguira obter da América do Sul. Havia ainda, apesar de tudo uma relação de sangue. — Senhor almirante,

como é que irá ser recebido pela imprensa se se tornar conhecido que a CIA tinha dados acerca da ameaça ao papa e que nós não fizemos nada para a deter?

— Isso é uma…

— Ameaça? Não, senhor almirante, não da minha parte. Eu sigo as minhas ordens e o senhor sabe-lo bem. Mas alguém irá com certeza passar esta informação, apenas por estar talvez zangado, e o senhor também o sabe, e, quando isso acontecer, irá ser um grande escândalo.

— Estou a ver… — concordou Greer. — Está a propor alguma coisa?

— Isso está bem acima das minhas funções, senhor almirante, mas teremos de pensar a sério em algum tipo de ação.

— Que mais temos vindo a saber do nosso novo amigo?

— Temos os nomes de código de três responsáveis por fugas de informação. Um é MINISTRO, o que parece indicar alguém relacionado com a política interna e estrangeira em Whitehall. Dois são do nosso lado do oceano: NEPTUNO, o que me soa a naval e que é a fonte da insegurança nas nossas comunicações. Alguém, na Terra Vermelha, anda a ler o nosso correio da Marinha. E há um em Washington, chamado CASSIUS. Parece ser alguém responsável por fugas de informação na colina do Capitólio, informação política de primeira categoria, a que se juntam elementos relacionados com as nossas operações.

— As nossas…? Estará a referir-se à CIA? — perguntou o vice-diretor, com uma súbita preocupação na voz. Não interessava quão antigo um jogador era, não importava quanta experiência se tinha, a ideia de que a sua agência-mãe pudesse estar comprometida era algo de muito assustador.

— Pois estou — respondeu Ryan. Ele não teria de insistir muito nisso. Ninguém em Langley estava inteiramente descansado com toda a informação que ia para os comités de informação «selecionados» do Senado. Para os políticos, falar era um modo de vida. Meu Deus, havia poucas coisas tão difíceis como fazer com que um político mantivesse a boca fechada. — Senhor almirante, este indivíduo é uma excelente fonte. Iremos levá-lo daqui, de Inglaterra, dentro de mais ou menos três dias. Creio que o interrogatório poderá demorar meses. Já conheci a mulher dele e a filha. Parecem pessoas simpáticas, a menina tem a idade da Sally. Penso que este fulano irá ser muito útil, já para não falar em grandes proveitos para nós.

— Será que ele está bem confortável?

— Bem, de momento estão todos muito cansados e um pouco desorientados com todas as novidades. Penso seriamente arranjar um psiquiatra para eles, para os ajudar com a transição. Talvez até mais do que um. Queremos mantê-los calmos e bem instalados. Queremos que ele se sinta confiante em relação à sua nova vida. Isso poderá não ser fácil, mas acabará por nos recompensar.

— Temos alguns fulanos para isso. Eles sabem como hão de lidar com eles na fase de transição. Será que no caso do *Coelho* existe o risco de ele querer regressar?

— Senhor almirante, não vejo nada que o possa sugerir, mas teremos de admitir que ele acabou de dar um grande salto e que pousou num sítio que não tem nada que ver com o que ele conhece.

— Bem sei. Isto foi uma boa chamada, Jack. Mais alguma coisa?

— É tudo, de momento. Ainda só falámos com ele durante cinco horas e meia, até agora apenas assuntos preliminares, mas as águas parecem-me bastante profundas.

— Muito bem. O Arthur está neste momento ao telefone com o Basil. Eu estou para ir para lá agora e vou-lhe dar as suas novidades. Ah, o Bob Ritter acabou de regressar da Coreia, está cheio de *jet-lag* e foi para casa. Vamos contar-lhe acerca da sua aventura no terreno. Se ele lhe quiser arrancar a cabeça, a culpa é sua, minha e do juiz.

Ryan olhou insistentemente para a carpete. Ele não percebia por que motivo Ritter não gostava dele, mas o certo é que não trocavam cartões de Natal.

— Obrigado, senhor almirante.

— Não exagere em nada. Pelo que eu consigo perceber, creio que você se saiu muito bem.

— Obrigado. Pelo menos não tropecei nos meus próprios pés. É tudo o que irei afirmar, se é que está tudo bem com o senhor.

— Parece-me ótimo, meu rapaz. Termine o seu relatório e envie-mo por fax o mais depressa que possa.

Em Moscovo, o fax seguro foi para o escritório de Mike Russell. Estranhamente era uma imagem, a cópia da capa da primeira edição de *A História de Pedrito Coelho,* de Beatrix Potter. A morada na primeira página indicava-lhe quem a

deveria receber. E, na página, havia uma mensagem escrita à mão: «Flopsy, Mopsy e Cotton-tail estão já numa nova toca.»

Assim sendo, pensou Russell, *tinham mesmo um* Coelho *e a corrida tinha sido bem-sucedida*. Não seria nada que ele pudesse afirmar saber com toda a certeza, mas conhecia a língua que se falava na comunidade. Foi até ao escritório de Ed Foley e bateu à porta.

— Entre — disse-lhe a voz de Foley.

— Isto acabou de chegar de Washington, Ed. — Russell estendeu-lhe o fax.

— Bem, são boas notícias — observou o chefe de posto. Ele dobrou a mensagem e pô-la no bolso do casaco para a mostrar a Mary Pat. — Há mais uma mensagem neste fax, Mike — retorquiu Foley.

— Qual?

— As nossas comunicações afinal estão seguras, meu amigo. Caso contrário não teria sido enviada deste modo.

— Ainda bem, graças a Deus — observou Russell.

CAPÍTULO 30

O ANFITEATRO DE FLÁVIO

— Ryan? Ele fez o quê? — resmoneou Bob Ritter.

— Bob, queres acalmar-te? Não é nada para perderes a cabeça — disse-lhe James Greer, quer para o tranquilizar, quer como um desafio indireto no recreio da sede da CIA. O juiz Moore olhava para ele, com um certo divertimento. — O Jack foi para o terreno para observar uma operação para a qual não tinha um agente no terreno disponível. Ele não se meteu onde não era chamado e o desertor encontra-se agora numa casa segura nas Midlands inglesas e, segundo me têm dito, canta como um canário.

— Ora, que nos está ele a dizer?

— Para começar — respondeu o juiz Moore —, parece que o nosso amigo Andropov quer assassinar o papa.

Ritter voltou de súbito a cabeça.

— E essa informação é fiável?

— Foi isso que fez com que o *Coelho* se sentisse com vontade de desertar — respondeu o diretor-geral de Informação. — Ele é desertor por uma questão de consciência, e isso distingue-o de muitos outros.

— Ótimo. Que sabe ele? — inquiriu o vice-diretor de Operações.

— Bob, parece que este desertor, que, a propósito, se chama Oleg Ivanovitch Zaitzev, era o oficial de vigia mais idóneo do Centro de Comunicações, a versão deles do MERCÚRIO.

— *Merda* — observou Ritter, um instante depois. — Isso é mesmo a sério?

— Como sabe, por vezes um fulano põe uma moeda na máquina, puxa a alavanca e ganha o *jackpot* — disse Moore ao seu subordinado.

— Bem, raios partam…!

— Não pensei que objetasse, e a parte melhor — continuou o diretor-geral de Informação — é que o Ivan não sabe que ele se pôs a andar.

— E como é que conseguimos fazer isso?

— Foram o Ed e a Mary Pat que nos indicaram essa possibilidade. — Em seguida, o juiz Moore explicou como tudo se desenrolara. — Eles merecem uma boa palmadinha nas costas, Bob.

— E tudo enquanto eu estava fora — disse Ritter, entre dentes. — Ora… raios me partam!

— Sim, há umas quantas cartas de louvor para serem escritas — disse então Greer. — Incluindo uma para o Jack.

— Creio que sim — admitiu o vice-diretor de Operações. Este ficou calado, por momentos, pensando acerca das possibilidades da Operação BEATRIX. — Alguma coisa boa até agora?

— Para além da conspiração contra o papa? Os nomes de código de dois agentes infiltrados que trabalham para eles são NEPTUNO, que parece alguém colocado na Marinha, e CASSIUS. Este último deve estar no Capitólio. Mas estou à espera que ainda haja mais.

— Falei com o Ryan há coisa de minutos. Ele está muito entusiasmado com este fulano, afirma que o conhecimento dele é enciclopédico, diz que ainda existe muita coisa preciosa para ser descoberta, para citar esse rapaz.

— E o Jack sabe alguma coisa acerca de coisas preciosas — pensou Moore, em voz alta.

— Ótimo, iremos fazer dele o nosso gestor de portefólios, mas ele não é um agente no terreno — lamentou Ritter.

— Bob, ele foi bem-sucedido e nós não punimos pessoas por causa disso, pois não? — disse o diretor-geral de Informação. Aquilo já estava a ir longe de mais. Era já tempo de Moore agir como o juiz do Tribunal de Recursos que ele fora até há dois anos: a Voz de Deus.

— Muito bem, Arthur, queres que assine a carta de recomendação? — Ritter viu que algo como um comboio de mercadorias vinha direito a ele, e que não fazia sentido manter-se no seu caminho. Que diabo, iria apenas para os ficheiros, de qualquer modo… As condecorações da CIA quase nunca viam a luz do dia. A Agência chegava a manter secretos os nomes de agentes no terreno que tinham morrido heroicamente há trinta anos. Era como uma porta das traseiras para o Céu, ao estilo da CIA.

— Pois bem, meus senhores, agora que tratámos das questões administrativas, que me dizem da conspiração para matar o papa? — perguntou Greer, tentando trazer uma certa ordem a um encontro de executivos superiores supostamente sóbrios.

— Essa informação é fiável? — quis saber Ritter.

— Falei com o Basil, há minutos. Ele acha que temos de levar isto a sério, mas eu creio que temos de ser nós a falar com esse tal *Coelho* para podermos quantificar o perigo a que o nosso amigo polaco possa estar exposto.

— Avisar o presidente?

Moore abanou a cabeça.

— Ele irá estar ocupado todo o dia com assuntos legislativos e vai apanhar um avião para a Califórnia logo à tarde. No domingo e na segunda-feira irá discursar no Oregon e no Colorado. Eu irei vê-lo na terça à tarde, por volta das quatro. — Moore podia ter exigido uma reunião urgente (ele podia interromper a agenda do presidente, caso houvesse assuntos prementes), mas, até eles terem uma oportunidade de falarem cara a cara com o *Coelho*, isso estaria fora de questão. O presidente poderia até querer falar com o fulano. Ele era uma pessoa assim.

— Como é que está a nosso posto em Roma? — perguntou Greer a Ritter.

— O chefe de posto é o Rick Nolfi. É um bom tipo, mas vai reformar-se dentro de três meses. Roma é o seu último cargo. Foi ele que nos pediu para terminar funções. A mulher dele, a Anne, gosta da Itália. Há lá seis agentes, a trabalharem principalmente em questões da NATO, dois com bastante experiência e quatro novatos — relatou Ritter. — No entanto, antes de os alertarmos, teremos de pensar melhor nesta ameaça e um pouco de orientação, por parte do presidente, não nos poderá fazer mal. O problema é de que modo iremos avisar as pessoas acerca disto, de maneira a não comprometermos a nossa fonte — fez notar Ritter. — Se nos demos ao trabalho de ocultar a fuga, não faz muito sentido espalharmos aos quatro ventos a informação que obtivemos dele, não sei se estão a ver?

— Esse é o problema — viu-se Moore forçado a concordar.

— O papa, sem dúvida, terá um destacamento de elementos protetores… — continuou Ritter. — Mas estes não podem ter a mesma amplitude que os Serviços Secretos, pois não? E nós não sabemos se eles são seguros.

— Trata-se da velha história — dizia Ryan, ao mesmo tempo, em Manchester. — Se usarmos a informação com demasiada liberalidade, comprometemos a fonte e perdemos toda a sua relevância. No entanto, se não a usarmos com medo de a comprometer, então também de nada nos adianta a porra da fonte. — Jack acabou de beber o vinho e encheu outro copo. — Existe um livro acerca disto,

sabe.

— Qual?

— O título é *Double-Edged Secrets*. Foi escrito por um tipo chamado Jasper Holmes. Era um simpático oficial da Marinha dos EUA durante a Segunda Guerra Mundial, trabalhava em informação de sinais na FRUPAC[43] com o Joe Rochefort e os seus funcionários. É uma boa obra que nos diz como o ramo da informação funciona quando as coisas se tornam sérias.

Kingshot tentou memorizar o título para consultar o livro. Zaitzev estava no relvado, muito verdejante, com a mulher e a filha, nesse momento. A Senhora Thompson queria levá-los todos às compras. Tinham de ter o seu tempo privado (a suite onde se situava o quarto estava cheia de escutas, é claro, completadas por um filtro de ruído branco na casa de banho), e manterem a mulher e a criança contentes era crucial para toda a operação.

— Bem, Jack, não importa o que oposição tenha planeado, irá demorar algum tempo até iniciarem qualquer ação. Lá, as burocracias são ainda mais moribundas do que as nossas, não sei se sabe.

— As do KGB também, Al? — perguntou Ryan. — Penso que é a única parte do sistema deles que funciona e o Yuriy Andropov não é conhecido pela sua paciência, pois não? Que diabo, ele era o embaixador em Budapeste em mil novecentos e cinquenta e seis, lembra-se? Os russos eram muito decididos nessa altura, não eram?

— Para eles, isso era uma ameaça política séria para todo o sistema — apontou Kingshot.

— E o papa não é? — ripostou Ryan.

— Aí, creio que me apanhou — admitiu o espião no terreno.

— Quarta-feira, foi o que o Dan me disse. Ele está sempre em espaço aberto todas as quartas. Pois bem, o papa poderá aparecer àquela varanda, que usa para dar as bênçãos, e um fulano relativamente hábil, com uma espingarda, pode alvejá-lo enquanto ele o faz, mas um homem com uma espingarda torna-se demasiado visível para um observador, e uma «espingarda» indica algo militar para as pessoas, e «militar» indica «governo» a toda a gente. No entanto, provavelmente isso não será agendado com muito tempo de antecedência (pelos menos, essas sessões são irregulares), mas, cada quarta-feira à tarde, ele sobe para o seu carro e desfila pela praça de São Pedro mesmo no meio da multidão

reunida, Al, e, nesse caso, podem usar uma pistola. — Ryan recostou-se melhor na cadeira e bebeu mais um gole de vinho branco francês.

— Não tenho a certeza se gostaria de disparar uma pistola assim de tão perto.

— Al, em tempos eles arranjaram um tipo para despacharem o Leon Trotsky com um machado de gelo a uma distância de dois palmos — relembrou-lhe Ryan. — É claro, agora trata-se de uma situação diferente, mas desde quando é que os russos têm hesitado em pôr as suas tropas em risco? E isso irá ser levado a cabo por aquele cabrão búlgaro. O *seu* fulano designou-o como um especialista em assassínio. É extraordinário o que um verdadeiro especialista pode fazer. Já vi um sargento-ajudante em Quantico que conseguia escrever o seu nome, com uma pistola de calibre quarenta e cinco, a treze ou quinze metros de distância. Vi-o a fazê-lo uma vez. — Ryan nunca dominara bem a grande *Colt* automática, mas esse não fora o caso do sargento-ajudante.

— Estamos talvez a preocupar-nos excessivamente.

— Talvez — admitiu Jack. — Mas eu sentir-me-ia muito melhor se Sua Santidade tivesse um colete de Kevlar por baixo das suas vestes. — É claro que ele não o iria usar, as pessoas assim não tinham os mesmos receios do que os civis. Não se tratava de uma impressão de invencibilidade que alguns soldados profissionais tinham. Era apenas que para pessoas como o papa a morte não era algo a temer. Qualquer verdadeiro católico praticante deveria sentir-se do mesmo modo, mas Jack não era um deles. Não totalmente…

— De um ponto de vista prático, que poderemos nós fazer? Tentar vislumbrar um rosto na multidão? E quem nos dirá que se trata do rosto que procuramos? — inquiriu Kingshot. — Quem nos assegura que o Strokov não contratou outra pessoa para se encarregar do tiro? Posso imaginar-me a alvejar alguém, mas não no meio de uma multidão.

— Nesse caso podem usar uma pistola com um silenciador muito bom, semelhante a uma pequena lata. Este corta o ruído e evita muito o perigo de virem a ser identificados. Todos os olhares irão convergir no alvo, lembre-se, e não vão olhar para os lados, para a multidão.

— Isso é verdade — admitiu Al.

— Sabe, é muito fácil encontrar razões para não fazer nada. Não foi o Doutor Johnson que disse que não fazer nada é o poder de qualquer homem? — inquiriu Ryan, já sem esperança. — É isso que estamos a fazer, Al, a encontrar razões

para não fazermos nada. Será que podemos deixar que esse homem morra? Será que poderemos ficar aqui, a beber o nosso copo de vinho, e *permitir* que os russos o assassinem?

— Não, Jack, mas também não podemos explodir como uma granada de mão que se soltasse. As operações no terreno têm de ser planeadas. São precisos profissionais para pensarem bem nas coisas. Há muito que eles podem fazer, mas, primeiro, têm de ter ordens para agir.

Contudo, isso estava a ser decidido noutro lado.

— Primeira-ministra, temos razões para acreditar que o KGB está a desenvolver uma operação para matar o papa de Roma — informou-a Sir Basil Charleston, que chegara com pouco tempo de aviso, interrompendo as funções políticas dela da tarde.

— Ai sim? — perguntou ela a Sir Basil, com uma certa secura. Ela estava habituada a ouvir as coisas mais estranhas do seu diretor de Informação, e desenvolvera o hábito de não reagir muito violentamente às mesmas. — Qual é a fonte dessa informação?

— Há já vários dias, informei-a acerca da Operação BEATRIX. Pois bem, nós e os americanos fomos bem-sucedidos a tirá-lo de lá. Até o conseguimos fazer de modo a que os soviéticos pensem que ele está morto. O desertor está agora numa casa segura nos arredores de Manchester — comunicou Charleston à sua chefe do governo.

— Já avisámos os americanos?

Basil assentiu com um aceno de cabeça.

— Sim, primeira-ministra. Ele é, apesar de tudo, a presa de caça deles. Vamos deixar que ele apanhe um avião para a América na próxima semana, mas discuti brevemente o caso hoje de manhã com o juiz Arthur Moore, o diretor-geral de Informação deles. Estou à espera de que ele informe o presidente no princípio da semana que vem.

— Que ação supõe que eles irão tomar? — perguntou então ela.

— É difícil dizer, minha senhora. Tratava-se, de facto, de uma proposta um pouco arriscada. O desertor (o nome dele é Oleg) é um ativo muito importante, e teremos de nos esforçar muito para proteger a sua identidade e também o conhecimento do facto de ele se encontrar agora do nosso lado da Cortina. De

que modo poderemos avisar o Vaticano do possível perigo é uma questão complexa, no mínimo.

— E trata-se de uma operação que os soviéticos têm estado a desenvolver? — perguntou de novo a primeira-ministra. Era muita coisa para digerir, mesmo para eles, que ela acreditava serem capazes de quase tudo.

— Assim parece — confirmou Sir Basil. — Mas não sabemos com que prioridade e, é claro, nada conhecemos acerca do agendamento.

— Estou a ver. — A primeira-ministra ficou calada por momentos. — As nossas relações com o Vaticano são cordiais, mas não especificamente próximas. — Esse facto remontava a Henrique VIII, embora a Igreja Católica Romana tivesse vindo a esquecer-se do sucedido ao longo dos séculos intermédios.

— Infelizmente, assim é — concordou Charleston.

— Estou a ver — disse ela, de novo, pensando melhor antes de voltar a falar. Quando se debruçou um pouco mais para a frente, fê-lo com dignidade e força. — Sir Basil, não é política do governo de Sua Majestade mantermo-nos inertes perante o facto de um chefe de Estado amigo poder ser assassinado pelos nossos adversários. Terá de examinar qualquer possível ação direta que possa evitar essa eventualidade.

Algumas pessoas reagiam muito rapidamente, sem olharem a sentimentos; outras com o coração, pensou Sir Basil. Apesar de toda a sua dureza exterior, a chefe do governo do Reino Unido inseria-se no último caso.

— Sim, primeira-ministra. — O problema era que ela não lhe dissera como diabo deveria ele fazer isso. Bem, poderia desenvolver um esforço coordenado com Arthur, em Langley. Mas, de momento, tinha uma missão que iria ser muito difícil. Que deveria ele fazer exatamente? Destacar um esquadrão do Serviço Aéreo Especial para a praça de São Pedro?

Porém, nunca se dizia que não à primeira-ministra, pelo menos numa sala de conferências do n.º 10 de Downing Street.

— Há mais alguma coisa que esse desertor nos tenha dito?

— Sim, minha senhora. Ele identificou pelo nome de código um agente soviético infiltrado, talvez em Whitehall. O nome de código dele é MINISTRO. Logo que tenhamos mais informação acerca do homem em questão, iremos pôr o Serviço de Segurança na sua peugada.

— Que lhes dá ele?

— Informação política e diplomática, minha senhora. O Oleg disse-nos que se tratava de material de alto nível, mas ainda não nos deu informação que nos permitisse identificá-lo.

— Interessante… — Não era uma história nova. Esse homem poderia fazer parte do grupo de Cambridge que fora de um valor incalculável para a URSS durante os anos da guerra e depois até à década de 60, ou uma pessoa recrutada por eles. Charles fora instrumental ao expulsá-los do Serviço Secreto de Informação, mas Whitehall não era a sua área. — Mantenha-me informada acerca disso. — Uma ordem casual dela adquiria a força de uma placa de granito entregue por mão no monte Sinai.

— Claro, primeira-ministra.

— Seria útil se eu falasse com o presidente americano acerca deste assunto relacionado com o papa?

— Será melhor deixar que a CIA o informe primeiro, penso eu. Não seria bom que nos adiantássemos. Retirar esse homem foi, apesar de tudo, uma operação americana e cabe ao Arthur falar com ele primeiro.

— Sim, suponho que sim. Mas, quando eu o contactar, quero que ele saiba que estamos a olhar para este assunto com toda a seriedade e que esperamos que ele tome medidas concretas.

— Primeira-ministra, nós próprios acreditamos que ele não irá olhar para o lado enquanto isto se estiver a passar.

— Concordo, ele é um indivíduo bastante simpático. — A história completa do apoio secreto da América na guerra das ilhas Falkland não iria ver a luz do dia durante muitos anos. Apesar de tudo, os EUA tinham de manter boas relações com a América do Sul. Mas a primeira-ministra não era pessoa para se esquecer dessa ajuda, secreta ou não.

— E essa tal Operação BEATRIX foi bem executada? — perguntou ela a Charleston.

— Impecavelmente, minha senhora — tranquilizou-a Sir Basil. — O nosso pessoal não se desviou de uma única regra.

— Espero que olhe por aqueles que estiveram envolvidos.

— Com certeza, minha senhora — retorquiu Charleston.

— Ótimo. Obrigada por ter vindo, Sir Basil.

— É sempre um prazer, primeira-ministra. — Charleston levantou-se,

pensando que esse tal Ryan lhe teria chamado o seu tipo de gaja. Como de facto ela era. Porém, a caminho da Century House, estava preocupado com a operação que ele agora teria de desenvolver. Que iria ele fazer exatamente acerca disso? Raciocinar sobre esse tipo de coisas era a razão pela qual ele era tão bem pago.

— Olá, querida — disse Ryan.

— Onde é que tu estás? — perguntou logo Cathy.

— Não te posso dizer exatamente, mas já estou em Inglaterra. A coisa que tive de fazer no continente deu lugar a outra que tenho de fazer aqui.

— Será que podes vir a casa para nos ver?

— Receio bem que não. — Um dos grandes problemas era que, embora pudesse ir até à sua casa em Chatham de carro, ainda não se sentia apto a ir até lá sem ter um desastre na estrada. — Estão todos bem?

— Sim, só que tu não estás aqui — respondeu Cathy com uma ponta de contrariedade ou desapontamento na voz. De uma coisa ela tinha a certeza: fosse para onde fosse que Jack tivesse ido, decerto não fora a Alemanha. Mas ela não o poderia ter mencionado ao telefone. Pelo menos percebia suficientemente bem o ramo da informação para não o fazer.

— Desculpa, querida. Posso dizer-te que aquilo que estou a fazer é bastante importante, mas é tudo.

— Tenho a certeza — admitiu ela. E percebeu que Jack queria estar em casa com a família. Ele não era pessoa para estar longe por prazer.

— Como é que vai o trabalho?

— Estive a receitar óculos o dia todo, embora tenha cirurgias amanhã de manhã. Espera um bocadinho, está aqui a Sally.

— Olá, papá — disse-lhe uma vozinha infantil.

— Olá, Sally, como estás?

— Estou bem. — Era o que as crianças diziam *sempre*.

— Que fizeste hoje?

— Eu e a Miss Margaret estivemos a colorir.

— Alguma coisa interessante?

— Sim, vacas e cavalos! — relatou ela, com um grande entusiasmo. Sally gostava especialmente de pelicanos e vacas.

— Olha, preciso de falar com a mamã.

— Está bem. — E Sally iria pensar que tinha tido uma longa conversa, ao regressar à sala onde continuou a ver o vídeo do *Feitceirodoz*.

— E como é que está o menino? — perguntou Jack à mulher.

— A roer as mãos, na maior parte dos casos. Ele está no parque infantil neste momento, a ver televisão.

— Não dá tanto trabalho como a Sally quando tinha a idade dele — observou Jack, com um sorriso.

— Pelo menos não tem cólicas, graças a Deus — concordou a Senhora Ryan.

— Tenho saudades tuas — disse Jack, com um tom desolado na voz. Era verdade. Ele *tinha* mesmo saudades dela.

— Eu também.

— Tenho de voltar ao trabalho — disse ele então.

— Quando é que vens para casa?

— Dentro de dois dias, acho eu.

— Muito bem. — Ela tinha de se render a esse triste facto. — Telefona-me.

— Vou telefonar-te, querida.

— Adeus.

— Até breve. Adoro-te.

— Também eu.

— Adeus.

— Adeus, Jack.

Ryan voltou a pousar o telefone e disse a si mesmo que não fora talhado para aquele tipo de vida. Tal como o seu pai fizera antes, queria dormir na mesma cama com a mulher. Será que o seu pai alguma vez dormira longe de casa?, interrogou-se Jack. Ele não era capaz de se lembrar de uma noite em que isso tivesse acontecido. Mas Jack escolhera um tipo de trabalho em que tal nem sempre era possível. Deveria tê-lo sido. Ele era um analista que trabalhava a uma secretária e dormia em casa, mas, até certo ponto, as coisas não se estavam a passar assim, raios partam.

O jantar foi bife Wellington com Yorkshire Pudding. A Senhora Thompson poderia ter sido a cozinheira-chefe de um grande restaurante. Jack não sabia de onde vinha a carne de vaca, mas esta parecia mais suculenta do que a normal carne de pastagem. Ou ela a arranjava num lugar especial (eles ainda tinham talhos especializados no país), ou então sabia como a tornar mais tenra, e os

Yorkshire Puddings eram verdadeiramente celestiais. Depois de lhe juntarmos vinho francês, aquele jantar era «brilhante», um adjetivo muito popular no Reino Unido.

Os russos atacaram a comida como Georgiy Jukov atacara Berlim, com um prazer considerável.

— Oleg Ivanovitch, tenho de o avisar que a comida na América nem sempre é assim tão boa — admitiu Ryan, num acesso de honestidade.

Ele dissera-o no momento em que a Senhora Thompson entrara na sala de jantar. Jack voltou-se para ela.

— Minha senhora, se precisar de uma carta de recomendação como chefe de cozinha, é só dizer-me, está bem?

Emma fez um sorriso cordial.

— Muito obrigada, Sir John.

— A sério, esta comida está divinal.

— O senhor é muito simpático.

Ryan pensou se ela iria gostar dos seus bifes grelhados e da salada de espinafres da Cathy. O segredo era arranjar carne de animais do Iowa que tivessem sido alimentados com milho, o que ali não era fácil de obter, embora ele pudesse tentar arranjá-los na delegação da Força Aérea, em Greenham Commons…

O jantar demorou quase uma hora e as bebidas que se lhe seguiram foram excelentes. Até serviram vodca *Starka*, num gesto de hospitalidade adicional para com os hóspedes russos. Oleg, segundo Ryan observou, bebeu-a de um trago.

— Nem mesmo o pessoal do Politburo come tão bem — observou o *Coelho* no final do jantar.

— Bem, nós criamos bom gado na Escócia. Esta era carne Angus, de Aberdeen — elucidou Nick Thompson, ao levantar os pratos.

— E alimentam as vacas com milho? — perguntou Ryan. Eles não tinham muito milho no Reino Unido, pois não?

— Não faço ideia. Os japoneses dão cerveja ao gado para obterem carne da vaca Kobe — observou o ex-polícia. — Talvez o façam na Escócia.

— Isso explicaria a qualidade — disse Ryan, com uma gargalhada. — Oleg Ivanovitch, irá ter de se familiarizar com a cerveja inglesa. É a melhor do

mundo.

— Então não é a americana? — perguntou o russo.

Ryan abanou a cabeça.

— Pois não. É uma coisa que eles fazem melhor do que nós.

— A sério?

— A sério — confirmou Kingshot. — Mas os irlandeses também são muito bons. Eu adoro a *Guinness*, ainda que esta seja melhor em Dublim do que em Londres.

— Porquê desperdiçar o que é bom com vocês? — disse Jack.

— Já vejo que um irlandês é sempre um sacana de um irlandês — observou Kingshot.

— Então, Oleg — perguntou Ryan —, há mais alguma coisa que devêssemos estar a fazer para que ficassem mais confortáveis?

— Eu não me queixo, mas espero que a CIA não me dê uma casa tão boa como esta.

— Oleg, sou um milionário e não vivo numa casa como esta — confirmou Ryan, com uma gargalhada. — Mas a vossa casa na América será mais confortável do que aquela que tinham em Moscovo.

— Será que posso ter um carro?

— Claro.

— E terei de esperar quanto tempo? — inquiriu Zaitzev.

— Esperar porquê? Para comprar um carro?

Zaitzev assentiu com aceno de cabeça.

— Oleg, pode escolher o carro que pretender nas centenas de *stands* de automóveis, pagar por ele e levá-lo para casa. Nós geralmente deixamos que as nossas mulheres escolham a cor — acrescentou Jack.

O *Coelho* estava incrédulo.

— É assim tão simples?

— Sim, eu costumava guiar um *Volkswagen Rabbit*, mas agora gosto do *Jaguar*. Talvez adquira um quando voltar para a América. Tem um bom motor. A Cathy gosta dele, mas creio que ela prefere um *Porsche*. Ela tem-nos guiado desde os seus tempos de juventude. É claro que não é muito prático com duas crianças — acrescentou Ryan, com uma certa esperança. Ele não gostava muito daquele carro alemão com dois assentos. O *Mercedes* parecia-lhe ter uma

conceção mais segura.

— E comprar uma casa também é fácil?

— Depende, se comprar uma casa nova, sim, é bastante fácil. Para comprar uma casa que alguém já possui, terá primeiro de se encontrar com o dono, depois fazer uma oferta, mas a agência talvez o ajude com isso.

— E onde é que iremos viver?

— Em qualquer lado que queiram. — *Depois de lhe termos espremido toda a informação,* não acrescentou Ryan. — Costuma dizer-se na América: «O país é livre.» Também é um país grande. Pode arranjar um lugar de que goste e mudar-se para lá. Há muito desertores que vivem na zona de Washington. Não sei porquê. Não é uma zona muito atrativa. Os verões podem ser horríveis.

— Quente como o diabo — concordou Kingshot. — E a humidade é insuportável.

— Se pensa que aí é mau, experimente a Florida — sugeriu Jack. — Mas há muita gente que gosta desse estado.

— E não são precisos papéis para viajar de um lado para o outro? — perguntou Zaitzev.

Para um sacana do KGB, este gajo não sabe uma merda, pensou Jack. — Não, não há papéis — tranquilizou-o Ryan. — Vamos arranjar-lhe um American Express para lhe tornar as coisas mais fáceis. — Em seguida, teve de explicar ao *Coelho* o que eram cartões de crédito. Demorou-lhe dez minutos, pois tratava-se de um conceito estranhíssimo para um cidadão soviético. Por fim, a cabeça de Zaitzev já estava a andar à roda.

— Terá de pagar a conta no final do mês — avisou-o Kingshot. — Há quem se esqueça de o fazer e, como resultado, pode vir a ter sérios problemas financeiros.

Charleston estava na sua casa geminada em Belgravia, a beber um *brandy* Luís xiii e a conversar com um amigo. Sir George Hendley era seu colega há já trinta anos. Era solicitador e trabalhara de perto com o governo britânico durante grande parte da sua vida, muitas vezes fazendo discretamente trabalho de consultadoria para o Serviço de Segurança e o Ministério dos Negócios Estrangeiros. Tinha uma autorização para lidar com assuntos ultrassecretos e outra para informação compartimentada. Fora confidente de vários primeiros-

ministros e era considerado tão confiável como a própria rainha. Ele pensava que essas coisas vinham com uma gravata do Winchester College.

— Com que então o papa…

— Sim, George — confirmou Charleston. — A primeira-ministra quer que o protejamos. O problema é que, de momento, não faço ideia de como o fazer. Não podemos contactar o Vaticano diretamente acerca do assunto.

— Pois não, Basil. Podemos confiar nas suas lealdades, mas não na sua política. Diz-me, será que eles têm um bom serviço de informação?

— Terei de dizer que é excelente em muitas áreas. Apesar de tudo, não existe melhor confidente do que um padre. E que melhor maneira de transferir informação do que um confessionário? Para não falar de todas as outras técnicas que se podem usar. A informação política deles é talvez tão boa como a nossa, quem sabe se ainda melhor. Imagino que estejam ao corrente de tudo o que está a acontecer na Polónia, por exemplo, e a Europa de Leste também terá provavelmente poucos segredos para eles. Não podemos subestimar a capacidade que têm para invocar a mais elevada lealdade por parte de um homem, apesar de tudo. Há anos que mantemos um ouvido atento às suas comunicações.

— Ai sim? — inquiriu Hendley.

— Sem dúvida. Durante a Segunda Guerra Mundial foram-nos muito úteis. Nesse tempo, havia um cardeal alemão no Vaticano, um fulano chamado Mansdorf, estranho, não achas? Até parece um nome judeu. O primeiro nome dele era Dieter, arcebispo de Mannheim, mais tarde promovido ao serviço diplomático do Vaticano. Viajou muito. Manteve-nos ao corrente dos segredos mais íntimos do Partido Nazi, desde mil novecentos e trinta e oito até ao fim da guerra. Ele não estava muito interessado no Hitler, não sei se estás a ver.

— E as comunicações deles?

— O Mansdorf deu-nos o seu próprio livro de cifras para copiarmos. Mudaram-no depois da guerra, como seria de esperar, de modo que, mais tarde, deixámos de poder entrar no correio privado deles, mas nunca alteraram o seu sistema de cifras, e os indivíduos da Sede de Comunicações Governamentais têm tido algum sucesso nas suas escutas. Era um bom homem, esse cardeal Dieter Mansdorf. Nunca lhe chegaram a agradecer pelo seu serviço, é claro. Creio que morreu em mil novecentos e cinquenta e nove.

— Então, não sabes se os romanos não têm já conhecimento da operação?

Não era uma má pergunta, pensou Charleston, mas há muito que ele próprio se interrogava acerca disso.

— A coisa está envolvida em grande segredo, segundo o que nos diz o nosso desertor. Mensagens entregues por mão, que não entram nas suas máquinas de cifras, esse tipo de procedimento. E apenas umas quantas pessoas envolvidas nisso. O único nome importante que conhecemos é o de um oficial no terreno que é búlgaro. Boris Strokov, coronel do Dirjavna Sugurnost. Suspeitamos que se trata do mesmo tipo que matou o Georgiy Markov, mesmo ao cimo da rua do meu escritório. — Algo que Charleston considerava um ato de *lèse-majesté*, talvez perpetrado como um desafio direto ao Serviço Secreto de Informação. A CIA e o KGB tinham um acordo informal: nenhum desses serviços matava na capital um do outro. O Serviço Secreto de Informação britânico não tinha esse acordo com ninguém, um facto que talvez tivesse custado a vida a Georgiy Markov.

— Assim sendo, achas que ele poderá ser o alegado assassino?

Charleston levantou as mãos.

— É tudo o que temos George.

— Não é muito — observou Hendley.

— Não é nada que nos faça sentir confortáveis, mas é melhor do que nada. Temos numerosas fotografias desse tal Strokov. A Scotland Yard esteve quase a apanhá-lo quando ele saiu por Heathrow. De facto, para Paris e daí para Sófia.

— Estaria ele talvez com pressa de sair? — sugeriu Hendley.

— Ele é um profissional, George. Quantos riscos tomam essas pessoas? Em retrospetiva, até é fascinante que a Scotland Yard tenha vindo a saber dele.

— Então, acreditas que ele possa estar na Itália. — Tratava-se de uma afirmação e não de uma pergunta.

— É uma possibilidade, mas quem poderemos nós avisar? — perguntou Charleston. — Os italianos têm jurisdição penal, até certo ponto. O Tratado de Latrão dá-lhes jurisdição discricionária, sujeita ao veto do Vaticano — explicou Charleston. Ele teria de examinar as questões legais da situação. — O Vaticano tem o seu próprio serviço de segurança, a Guarda Suíça, como sabes, mas, por melhores que esses homens sejam, será necessário alguém mais confiável, sobretudo com as restrições vindas de cima que lhes são impostas. E as

autoridades italianas não podem inundar a área com as suas próprias forças de segurança, por razões óbvias.

— Estou a ver que a primeira-ministra te encarregou de uma tarefa impossível.

— Sim, George, uma vez mais — teve de concordar Sir Basil.

— Que podes então fazer?

— A única coisa em que consigo pensar seria pôr alguns oficiais entre a multidão para manterem um olhar atento caso esse tal Strokov apareça.

— E se eles o virem?

— Pedirem-lhe delicadamente para abandonar o recinto? — interrogou-se Basil, em voz alta. — Se calhar, até funcionaria. Ele é um profissional e ser identificado (suponho que tirariam ostensivamente algumas fotografias dele) iria dar-lhe que pensar, talvez o suficiente para abandonar a missão.

— É pouco — admitiu Hendley acerca da ideia.

— Pois é. — Charleston teve de concordar. Mas, pelo menos, era já qualquer coisa que ele poderia dizer à primeira-ministra.

— E quem é que poderíamos enviar?

— Temos um bom chefe de posto em Roma, Tom Sharp. Ele tem lá quatro agentes e suponho que talvez pudéssemos enviar outros da Century House.

— Parece-me razoável, Basil. Porque me pediste para vir até cá?

— Estava à espera de que tivesses alguma ideia que me tivesse escapado, George. — Um último gole do cálice. Se bem que nessa noite lhe estivesse a apetecer mais *brandy*, refletiu.

— Só podemos fazer o que conseguimos — disse Hendley, pesarosamente.

— Ele é um homem demasiado bom para ser assim ceifado pelas mãos dos sacanas dos russos. E porquê? Por se ter posto ao lado do seu próprio povo? Esse tipo de lealdade deveria ser recompensado, não abatido em público.

— E a primeira-ministra é da mesma opinião.

— Ela não se importa de tomar uma atitude. — Atitudes pelas quais era famosa em todo o mundo.

— E os americanos? — perguntou Hendley.

Charleston encolheu os ombros.

— Eles ainda não tiveram uma oportunidade de falar com o desertor. Confiam em nós, mas não muito.

— Pois bem, faz o que puderes. De qualquer modo, esta operação do KGB talvez não vá acontecer num futuro imediato. Será que os soviéticos são assim tão eficientes?

— A ver vamos — era tudo o que Charleston tinha para dizer.

Era mais sossegado ali do que na sua casa, apesar da presença próxima da autoestrada, considerou Ryan levantando-se da cama às seis e meia da manhã. O lavatório continuava a obedecer ao modo excêntrico britânico de ter duas torneiras, uma para a água fria e outra para a quente, certificando-se de que a mão esquerda se queimava enquanto a direita ficava gelada, sempre que se lavava as mãos. Como de costume, soube-lhe bem barbear-se, lavar os dentes e preparar-se para o dia, mesmo que isso implicasse ter de beber Taster's Choice.

Kingshot já estava na cozinha quando Jack lá entrou. Era engraçado como as pessoas dormiam até mais tarde aos domingos, mas, na maior parte dos casos, não aos sábados.

— Temos uma mensagem de Londres — disse-lhe Al, como cumprimento.

— Qual?

— Uma pergunta. Que me diz a ir de avião até Roma esta tarde?

— Que se passa?

— Sir Basil está a enviar pessoas para o Vaticano, para aquietar mais as coisas. Ele quer saber se o Ryan quer ir. Apesar de tudo, trata-se de uma operação da CIA.

— Diga-lhe que sim — disse Jack, sem fazer uma pausa para pensar. — Quando? — Em seguida deu-se conta de que estava a ser outra vez precipitado. *Raios partam*!

— No avião do meio-dia que sai de Heathrow. Deverá ter tempo de ir até casa e mudar de roupa.

— E o carro?

— O Nick irá levá-lo até lá — informou-o Kingshot.

— Que vai dizer ao Oleg?

— A verdade. Talvez o faça sentir-se mais importante — pensou Al, em voz alta. Isso era sempre algo bom para os desertores.

Ryan e Thompson saíram dentro de uma hora, com as malas de Jack no porta-bagagens.

— Este Zaitzev — começou a dizer Nick, quando já estavam na autoestrada — parece ser um desertor importante.

— Pode apostar que sim, Nick. Ele tem todo o tipo de informações na sua cabeça. Vamos tratá-lo como um caixote cheio de lingotes de ouro.

— Foi bom que a CIA nos tivesse deixado falar com ele.

— Seria um pouco rude se o não fizesse. Vocês retiraram-no de lá para nós, e disfarçar a sua deserção foi uma manobra de peritos. — Jack não podia dizer muito mais. Se bem que confiasse em Nick Thompson, não sabia até que ponto ele estaria autorizado a saber certas coisas.

As boas notícias eram que esse homem sabia o que não perguntar.

— Então, o seu pai era polícia?

— Sim, era detetive, principalmente de homicídios. Fê-lo durante mais de vinte anos. Chegou ao posto de tenente. Dizia que os capitães não faziam mais nada senão trabalho administrativo e o meu pai não gostava disso. Gostava de apanhar bandidos e mandá-los para o xelindró.

— Para onde?

— Para a prisão. A Prisão Estadual do Maryland é uma estrutura com um aspeto horrível em Baltimore, junto ao vale de Jones Falls. É uma espécie de fortaleza medieval, mas ainda mais assustadora. Os detidos chamam-lhe o castelo de Frankenstein.

— Para mim, está muito bem, Sir John. Nunca tive grande simpatia por assassinos.

— O meu pai não falava muito neles. Não trazia trabalho para casa. A minha mãe não gostava de ouvir falar dessas coisas, exceto uma vez, quando um pai matou um filho por causa de um pastel de caranguejo. É semelhante a um pequeno hambúrguer mas feito de caranguejo — explicou Jack. — O meu pai disse que era um motivo ridículo para matar alguém. O pai, o assassino, arrependeu-se muito, ficando completamente destroçado. Mas isso em nada ajudou o filho.

— É interessante como tantos assassinos reagem assim. Acumulam a raiva para ceifar uma vida, depois ficam consumidos pelo remorso.

— Ficamos velhos depressa e espertos muito tarde. — Jack citou uma frase do velho Oeste.

— De facto, isso pode ser uma coisa tão triste.

— E esse tal Strokov?

— Trata-se de algo completamente diferente — respondeu Thompson. — Não se veem muitos desses tipos. Para eles, porem fim a uma vida é parte do trabalho que fazem. Não há motivo para o crime, no sentido comum, e deixam muito pouco em termos de provas físicas. Podem ser muito difíceis de descobrir, mas, no fim, acabamos por encontrá-los. Temos o tempo do nosso lado e, mais tarde ou mais cedo, alguém fala e isso acaba por nos chegar aos ouvidos. Há muitos criminosos que dão à língua até irem para a prisão — explicou Nick. — Mas tipos como esse tal Strokov não falam, exceto quando chegam a casa e escrevem o seu relatório oficial. Nós nunca os vemos. Ter uma informação acerca dele foi pura sorte. O Senhor Markov lembrava-se de ter sido picado com a ponta do chapéu de chuva e lembrava-se da cor do fato que esse homem tinha vestido. Um dos nossos agentes recordava-se de o ter visto com esse mesmo fato e pensou que deveria haver algo estranho acerca ele. Não sei se estão a ver, em vez de apanhar o avião para a sua terra, ficou à espera para se certificar de que o Markov morria. Eles tinham falhado em duas tentativas prévias, de modo que o foram buscar devido ao seu nível de especialização. É um bom profissional, esse Strokov. Queria estar mesmo certo e esperou até ter lido o obituário nos jornais. Durante esse tempo, falou com o pessoal do hotel e começou a reunir informação. O Serviço de Segurança acabou por se envolver, estes ajudaram em certas coisas mas não noutras, e o governo também se envolveu, pois estava preocupado que isso pudesse criar um incidente internacional, de modo que nos atrasaram. Custou-nos dois dias, creio eu. No primeiro desses dois dias, Strokov apanhou um táxi para Heathrow, onde se meteu num avião para Paris. Eu estava na equipa de vigilância, a uns cinco metros dele. Tínhamos dois detetives com câmaras e tirámos muitas fotografias. A última era do Strokov a caminhar pela manga telescópica para entrar no *Boeing*. No dia seguinte, o governo deu-nos autorização para o determos para interrogatório.

— Foi muito pouco e já tarde, não foi?

Thompson concordou com um aceno de cabeça.

— Pois foi, eu gostava de o ter visto no banco dos réus no Old Bailey, mas essa enguia acabou por nos escorregar das mãos. Os franceses puseram-se logo atrás dele no aeroporto internacional Charles de Gaulle, no entanto, ele nunca saiu do terminal, nunca falou com ninguém. Esse sacana não mostrava qualquer

remorso. Creio que para ele matar seria como rachar madeira — afirmou o antigo detetive.

— Sim. Nos filmes faz-se uma detenção e bebe-se um *Martini* bem misturado, não mexido. Mas é diferente quando se mata uma boa pessoa.

— Tudo o que o Markov fez foi agir como repórter para o Serviço Mundial da BBC — acrescentou Nick, agarrando mais no volante. — Acho que os fulanos em Sófia estavam danados com o que ele dizia.

— Os fulanos do outro lado da Cortina não são grandes apologistas da liberdade de expressão — recordou-lhe Ryan.

— São uns sacanas de uns bárbaros. E agora esse tipo está a planear matar o papa? Não sou católico, mas ele é um homem de Deus e parece ser boa pessoa. Não sei se sabe, mas o assassino mais perverso hesita antes de se meter com um homem do clero.

— Sim, bem sei. Não é bom irritar Deus. Mas eles não acreditam em Deus, Nick.

— Ainda bem para eles que eu não sou Deus.

— Sim, seria bom ter o poder de endireitar o que está torto no mundo. O problema é que é precisamente isso que os patrões do Markov pensam estar a fazer.

— É por isso que temos leis, Jack. Sim, bem sei, eles fazem as deles.

— É esse o problema — concordou Jack, quando estavam já a entrar em Chatham.

— Esta é uma área agradável — disse Thompson, começando a subir a colina pela City Way.

— Não é uma zona nada má. A Cathy gosta muito dela. Eu teria preferido ficar mais perto de Londres, mas ela acabou por ganhar.

— As mulheres, geralmente, conseguem impor as suas opiniões — comentou Thompson, rindo-se e voltando na Fristow Way para virar à esquerda em Grizedale Close. E aí estava a casa. Ryan saiu e pegou nas malas.

— Papá! — gritou Sally, quando ele entrou. Ryan pousou as malas e levantou-a nos braços. As meninas, segundo o que ele aprendera, davam os melhores abraços, embora os seus beijos tendessem a ser um pouco molhados.

— Como é que está a minha Sally?

— Bem. — Estranhamente, era como o miar de um gato que lhe saísse da

boca.

— Oh, como está, Doutor Ryan? — disse Margaret. — Não estava à sua espera.

— Estou só de passagem, para deixar a roupa suja e levar roupa lavada, mas vou ter de sair já.

— Vais viajar *outra vez*? — perguntou Sally, com um óbvio aborrecimento na voz.

— Desculpa, Sally, o papá tem de trabalhar.

Esta levantou os braços.

— Ora bolas! — E voltou para a televisão, pondo o pai no seu lugar.

Jack aproveitou para subir ao andar de cima. Três… não, quatro camisas lavadas, cinco conjuntos de roupa interior, quatro gravatas novas e… sim, também alguma roupa mais informal. Levaria dois casacos novos, dois pares de calças e o clipe de gravata dos fuzileiros. Isso era tudo. Deixou o monte de roupa suja em cima da cama e, com as malas feitas, voltou a descer. Bem, teve de pousar tudo e voltar para cima para ir buscar o passaporte. Não fazia sentido continuar a usar o britânico.

— Adeus, Sally.

— Adeus, papá. — Mas depois pensou melhor e levantou-se para lhe dar outro abraço. Ela não iria crescer para destroçar corações, mas para os arrancar e cozinhar no churrasco. Mas isso ainda seria uma longa espera e, por agora, o pai poderia aproveitar o facto de ela ser ainda criança. O pequeno Jack estava a dormir de barriga para cima no parque infantil e Ryan decidiu não o acordar.

— Adeus, rapazinho — disse Ryan, ao voltar-se para a porta.

— Para onde vai? — perguntou Margaret.

— Para fora do país, em trabalho — explicou Jack. — Irei telefonar à Cathy do aeroporto.

— Boa viagem, Doutor Ryan.

— Obrigado, Margaret. — E saiu de casa.

— Como é que estamos de tempo? — perguntou Ryan, já sentado no carro.

— Estamos bem — pensou Thompson, em voz alta. Se estivessem atrasados este avião também iria ter um problema mecânico.

— Ótimo. — Jack ajustou o banco para se poder recostar melhor e começou a pestanejar.

Acordou quando estava a chegar ao terminal três do aeroporto de Heathrow. Thompson guiou até onde um homem vestido à civil se encontrava de pé. Parecia-lhe ser um funcionário do governo.

E era. Assim que Ryan saiu do carro, o homem aproximou-se com um envelope com os bilhetes.

— Sir John, o seu voo parte dentro de quarenta minutos, na porta doze — disse-lhe o homem. — O Tom Sharp irá recebê-lo em Roma.

— Qual é o aspeto dele? — inquiriu Jack.

— Ele irá reconhecer o senhor.

— Muito bem. — Ryan pegou nos bilhetes e foi até à parte de trás do carro para ir buscar a bagagem.

— Eu encarrego-me disso — disse o homem.

Aquele modo de viajar tinha as suas vantagens, considerou Jack. Fez sinal a Thompson e entrou no terminal em busca da porta doze. Não foi difícil. Jack sentou-se junto dessa porta e olhou para o bilhete — mais uma vez, o seu assento era o A-1, um bilhete de primeira classe. O Serviço Secreto de Informação deveria ter um acordo com a British Airways. Agora, tudo o que ele tinha de fazer era sobreviver a esse voo.

Entrou no avião vinte minutos mais tarde, sentando-se, apertando o cinto e adiantando o relógio uma hora. Teve de suportar a lengalenga das usuais explicações de segurança e instruções acerca de como apertar os cintos, o qual, no caso de Jack já estava bem colocado no lugar.

O voo demorou duas horas, pondo Jack no aeroporto Leonardo da Vinci às três e nove minutos, hora local. Jack saiu da aeronave e procurou o Canal Azul para que lhe carimbassem o passaporte diplomático, após uma espera de cinco segundos. Havia um outro diplomata que estava à frente dele, e o cabeça de abóbora não sabia em que bolso pusera o passaporte.

Terminado isso, foi buscar as suas malas ao tapete rolante e saiu. Um homem com uma barba castanha e grisalha parecia estar a olhar para ele.

— O senhor é o Jack Ryan?

— O senhor deve ser o Tom Sharp.

— É isso mesmo, deixe-me ajudá-lo com as malas. — Por que razão as pessoas faziam aquilo era algo que Ryan não conseguia compreender, embora, pensando melhor, ele próprio o tivesse feito muitas vezes, e os britânicos eram

os campeões mundiais das boas maneiras.

— E o senhor é…? — perguntou Ryan.

— O chefe de posto em Roma — respondeu Sharp. — O Charleston telefonou-me a dizer que ia chegar, Sir John, e que eu deveria vir ao seu encontro pessoalmente.

— Ainda bem que o Basil o avisou — considerou Jack, em voz alta.

O carro de Sharp era, de qualquer modo, um *Bentley* sedã cor de bronze, com o assento do motorista do lado esquerdo, em deferência ao facto de estarem num país de bárbaros.

— Bom carro, meu amigo.

— O meu disfarce é de subchefe de missão — explicou Sharp. — Poderia ter um *Ferrari*, mas isso iria parecer um pouco ostentatório. Faço muito pouco trabalho no terreno, apenas coisas de natureza administrativa. Eu *sou* de facto o subchefe de missão da embaixada. Muito trabalho diplomático, o que pode dar connosco em doidos.

— Como é a Itália?

— Um local encantador com pessoas muito simpáticas. Não muito organizado. Dizem que nós, britânicos, atrapalhamos as coisas, mas somos prussianos comparados com esta gente.

— E os polícias deles?

— Na verdade, são muito bons. Têm várias forças policiais. As melhores são os Carabinieri, uma polícia paramilitar do governo central. Alguns deles são excelentes. Na Sicília estão a tentar controlar a máfia. Trata-se de um trabalho sujo, mas, eventualmente, creio que virão a ser bem-sucedidos.

— Está informado acerca da razão pela qual me enviaram para aqui?

— Porque há quem pense que o Yuriy Vladimirovitch quer matar o papa? Era o que dizia o meu telex.

— Pois. Acabámos de ajudar um desertor a abandonar a União Soviética e pensamos que ele nos está a dar ótima informação.

— Alguns pormenores?

— Receio bem que não. Creio que me enviaram até cá para trabalhar consigo até que se decidam qual a devida ação a tomar. Parece que poderá haver uma tentativa na quarta-feira.

— Durante a sua presença semanal na praça?

Jack anuiu com um aceno de cabeça.

— Sim.

Estavam na autoestrada que ligava o aeroporto a Roma. O país parecia estranho aos olhos de Ryan, mas demorou-lhe um minuto para se aperceber porquê. De súbito, teve a resposta. A inclinação dos telhados era diferente, mais planos do que ele estava habituado. Não devia ali cair muita neve no inverno. Para além disso, as casas pareciam cubos de açúcar, pintadas de branco para se protegeram do sol italiano. Bem, cada país tinha a sua arquitetura própria.

— Na quarta, não é?

— Pois. Também andamos à procura de um tipo chamado Boris Strokov, um coronel do Dirjavna Sugurnost da Bulgária. Parece-me ser um assassino profissional.

Sharp concentrou-se na estrada.

— Já ouvi esse nome. Não se tratava de um suspeito no assassínio do Georgiy Markov?

— É esse mesmo. Devem estar a enviar algumas fotografias dele.

— O seu avião trouxe correio — informou Sharp. — Irá entrar na cidade por outras vias.

— Tem alguma ideia acerca do que devemos fazer?

— Iremos instalá-lo na embaixada. De facto, na minha casa, que fica a dois quarteirões. É bastante agradável. Em seguida, vamos até à praça de São Pedro dar uma vista de olhos, ambientarmo-nos a esse espaço. Já lá estive para ver as obras de arte e afins, a coleção do Vaticano não se fica atrás da da rainha, mas nunca lá trabalhei propriamente. Já alguma vez esteve em Roma?

— Nunca.

— Muito bem, então creio que é melhor darmos uma volta pelo local, para ficar com uma ideia mais sólida.

Roma parecia ser uma cidade extremamente desorganizada, mas isso também se aplicaria a um mapa das ruas de Londres, cujos pais da cidade não teriam sido, evidentemente, casados com as mães da mesma. E Roma era mais ou menos mil anos mais velha, construída quando o transporte mais rápido era um cavalo, e eles eram mais lentos, na vida real, do que um *western* de John Ford. Não havia muitas linhas retas e o rio serpenteava pelo meio delas. Tudo parecia antigo para Ryan, não só antigo, mas *velhíssimo*, como se os dinossauros

tivessem em tempos passeado pelas ruas. Isso, é claro, era um pouco difícil de conciliar com o tráfego automóvel.

— Aquilo é o anfiteatro de Flávio. Chamaram-lhe Coliseu porque o imperador Nero mandou colocar lá uma estátua colossal dele — apontou Sharp —, e as pessoas começaram a usar esse nome para o estádio, para grande aborrecimento da família de Flávio, que construíra o local com receitas provenientes da rebelião judaica acerca da qual Josefo escreveu.

Jack já o vira na televisão e no cinema, mas não era a mesma coisa do que passar em frente dele. Os homens tinham construído aquela estrutura com o poder do suor e de cordas de cânhamo. A sua forma era estranhamente reminiscente do Yankee Stadium, em Nova Iorque. Mas Babe Ruth nunca pusera ao sol as tripas de um fulano, no Bronx. Muito disso acontecera aqui. Era já tempo de Ryan admitir uma coisa.

— Sabe, se eles alguma vez inventarem uma máquina do tempo, penso que gostaria de aqui voltar para ver como era. Esta minha ideia faz de mim um bárbaro, não acha?

— Tratava-se apenas da versão deles do râguebi — opinou Sharp. — E o futebol aqui também pode ser muito violento.

— Esse futebol parece um jogo de raparigas — disse Jack, com desprezo.

— Já vejo que *é* um bárbaro, Sir John. O futebol — explicou ele, com o seu melhor sotaque — é um jogo de cavalheiros jogado por arruaceiros, enquanto o râguebi é um jogo de arruaceiros jogado por cavalheiros.

— Acredito, só quero ver o *National Tribune*. A minha equipa de beisebol está na Série Mundial e eu nem sequer sei o que se está a passar.

— Beisebol? Estará a referir-se ao *rounders*? Isso sim, é um jogo de raparigas — afirmou Sharp.

— Já tive esta conversa antes, vocês, britânicos, não percebem.

— Tal como não percebe o verdadeiro futebol, Sir John. Na Itália é ainda mais uma paixão nacional do que no Reino Unido. Eles jogam-no entusiasmadamente, muito diferente do modo de jogar dos alemães, por exemplo, que o jogam como malditas máquinas.

Era como ouvir a distinção entre uma bola curva e uma bola deslizante, ou uma *screwball* e uma *forkball*. Ryan não era um fã de beisebol tão bom ao ponto de poder aperceber-se de todas as distinções; dependia do locutor da televisão,

que, de qualquer modo, talvez tivesse inventado os termos. Mas ele sabia que não havia um jogador de beisebol que pudesse atirar uma boa bola curva no canto exterior.

A basílica de São Pedro ficava a cinco minutos depois do Coliseu.

— Meu Deus! — disse Jack, entre dentes.

— É grande, não é?

Não era grande, era *vastíssima*.

Sharp dirigiu-se para o lado esquerdo da catedral, acabando no que parecia ser uma área de lojas — joalharias, segundo Jack se apercebeu —, onde acabou por estacionar.

— Que tal darmos uma vista de olhos?

Ryan aproveitou a oportunidade para sair do automóvel e esticar as pernas e teve de se relembrar que não estava ali para admirar a arquitetura de Bramante ou de Miguel Ângelo. Encontrava-se ali para explorar o terreno para uma missão, como fora ensinado a planear em Quantico. Não era assim tão difícil para quem falasse a língua.

De cima, deveria parecer-se com uma velha área restritiva de um campo de basquetebol. Dir-se-ia que a parte circular da *piazza* tinha uns bons duzentos metros de diâmetro, depois estreitava para talvez um terço, sobretudo quando nos afastávamos das monstruosas portas de bronze da própria igreja.

— Quando vê a multidão, ele vem no seu carro, que é uma espécie de mistura de jipe com carrinho de golfe. Ali mesmo. Depois segue por um caminho aberto entre a multidão — explicou Sharp —, em volta daquela parte, e depois volta. Leva para aí uns vinte minutos, dependendo das vezes que para o carro, para se encontrar com as pessoas mais pessoalmente. Creio que não o deveria comparar a um político. Parece um indivíduo muito decente, um homem genuinamente bom. Nem todos os papas o foram, mas este é-o. E não é nenhum cobarde. Ele teve de viver durante o nazismo e com os comunistas e, no entanto, nunca se desviou um centímetro do seu caminho.

— Sim, ele deve gostar de correr perigos — murmurou Jack, como resposta. Só havia uma coisa agora que lhe ocupava o pensamento. — Onde irá estar o Sol?

— Mesmo nas nossas costas.

— De modo que, se houver um bandido, ele irá pôr-se aqui, com o Sol atrás

dele e não nos olhos. As pessoas que estão no outro lado e olham nessa direção têm o Sol nos olhos. Talvez não seja muito, mas, quando se corre perigo, jogamos todas as cartas que temos na mão. Já vestiu farda, Tom?

— Sim, no regimento de infantaria do Exército britânico, era tenente, à espera de ser promovido a capitão. Estive em alguns combates em Áden, mas servi sobretudo no Exército Britânico do Reno. Concordo com o modo como avalia a situação — disse Sharp, voltando-se para fazer a sua própria avaliação. — E os profissionais são previsíveis até certo ponto, dado que todos seguem o mesmo plano de estudos. Mas, e uma espingarda?

— De quantos homens poderemos dispor?

— Quatro, para além de mim. O Charleston poderá enviar mais de Londres, mas não muitos.

— E se puserem um ali? — Ryan apontou para as arcadas. A uma altura de vinte metros? De vinte e cinco? Mais ou menos à mesma altura em que Lee Harvey Oswald se posicionou para matar o presidente Kennedy… *com uma espingarda italiana*, relembrou-se Ryan. Isso foi bom para obter um arrepio.

— Talvez consiga pôr um homem ali em cima disfarçado de fotógrafo. — E as lentes longas podiam funcionar como telescópios.

— Que tal rádios?

— Digamos seis civis, com *walkie-talkies*. Se não os tivermos na embaixada posso pedi-los a Londres.

— É melhor ter os de estilo militar, que são mais pequenos, para se poderem disfarçar. Tínhamos um, no Corpo de Fuzileiros, com um auricular como se fosse um transístor. Melhor ainda se for encriptado, mas isso poderá ser difícil. — *E esses sistemas*, Jack não o disse, *não eram inteiramente seguros*.

— Sim, poderemos fazer isso. Tem um bom olho, Sir John.

— Não fui fuzileiro por muito tempo, no entanto, do modo como dão as lições na Escola Básica, é difícil esquecê-las. Este é um espaço grande como o diabo para ser coberto por apenas seis homens, meu caro.

— E não é algo que os Serviços Secretos nos ensinem a fazer — acrescentou Sharp.

— Bem, o Serviço Secreto dos EUA cobriria este espaço com mais de cem agentes treinados, porra, talvez ainda mais. Para além de tentarem obter informação em cada hotel, motel ou pensão barata na área. — Jack respirou

fundo. — Senhor Sharp, isto não irá ser possível. Será que a multidão é muito compacta?

— Varia. No verão, na época turística, há aqui pessoas suficientes para encherem o estádio de Wembley. Na próxima semana? Decerto milhares — calculou ele. — Quantas é quase impossível saber.

Esta missão é uma grande merda, disse Ryan para si mesmo.

— Haverá alguma maneira de consultar os hotéis à procura desse tal Strokov?

— Há mais hotéis em Roma do que em Londres. É quase impossível fazê-lo com quatro agentes no terreno. Não podemos pedir ajuda à polícia local, pois não?

— Que instruções deu o Basil acerca disso? — perguntou Ryan, quase adivinhando a resposta.

— Tudo se encontra em segredo. Não, não podemos permitir que alguém saiba o que estamos a fazer.

Jack deu-se conta de que nem sequer podia pedir ajuda ao posto local da CIA. Bob Ritter nunca o aprovaria. *Uma grande merda* era já ser bastante otimista.

---

[43] Acrónimo de Fleet Radio Unit Pacific, uma secção de interceção de sinais e de criptografia da Marinha dos EUA. *(N. do T.)*

CAPÍTULO 31

O CONSTRUTOR DE PONTES

A casa oficial de Sharp era, no seu género, tão impressionante como a casa segura nos arredores de Manchester. Não havia maneira de se poder adivinhar para quê, nem para quem, fora construída, e Ryan, de qualquer modo, estava cansado de fazer perguntas. Tinha um quarto e uma casa de banho privada e isso era quanto lhe bastava. Os tetos eram altos em todas as divisões, talvez como defesa contra os verões quentes característicos de Roma. Tinham estado cerca de vinte e sete graus centígrados durante a viagem de carro ao longo da tarde. Estava calor, mas não demasiado para uma pessoa da área de Baltimore-Washington, embora para um inglês aquilo pudesse ter parecido a sala das caldeiras do inferno. *Fosse quem fosse que tivesse escrito acerca de cães raivosos e ingleses deveria ter vivido numa outra época*, ponderou Jack. Em Londres, as pessoas começavam a cair no chão quando estavam vinte e três graus. Tal como as coisas estavam, considerou ter três dias para se preocupar e um para executar não importava que plano ele e Sharp pudessem conceber, na esperança de que nada acontecesse e de que a CIA conseguisse arranjar um modo de avisar as tropas de segurança de Sua Santidade para se certificarem da sua proteção física. Meu Deus, o homem até usava roupa branca, algo que criaria o alvo ideal para não importava que pistola o bandido pudesse usar, semelhante a uma grande folha de papel branco numa carreira de tiro. George Armstrong Custer[44] penetrara num ambiente igualmente mau do ponto de vista tático, mas, pelo menos, fizera-o com os olhos abertos, se bem que turvados por um orgulho letal e por uma fé na sua própria sorte. O papa não vivia sob essa iluminação. Não, ele acreditava que Deus o viria buscar logo que o pretendesse, e era *tudo*. As crenças pessoais de Ryan não eram assim tão diferentes das do padre polaco, mas descobrira que Deus lhe dera um cérebro e livre-arbítrio por uma razão. Será que tal transformava Jack num instrumento da vontade de Deus? Era uma questão demasiado profunda de momento e, para além disso, ele não era um padre para a poder destrinçar. Talvez se tratasse de uma falta de fé. Talvez ele acreditasse muito no mundo real. O trabalho da mulher era remediar problemas de saúde e seriam esses mesmos problemas atribuídos por Deus? Alguns

pensavam assim. Ou seriam as mesmas coisas que Deus permitia que simplesmente acontecessem, para que pessoas como Cathy as pudessem remediar e, desse modo, proceder ao Seu trabalho? Ryan tendia para esta perspetiva e a Igreja teria concordado, dado que construíra tantos hospitais pelo mundo fora.

Não obstante, era certo que o Senhor não aprovava o homicídio e era agora a missão de Jack impedir que um acontecesse, se é que tal era possível. Decerto não era pessoa para cruzar os braços e para o ignorar. Um padre teria de se limitar à persuasão ou, quando muito, a uma interferência passiva. Ryan sabia que se visse um criminoso a fazer pontaria ao papa (ou a quem quer que fosse) com uma pistola na mão, não hesitaria mais do que uma fração de segundo para interromper esse ato com uma bala da pistola que tivesse consigo. Talvez fosse a forma como ele era, talvez fossem as coisas que ele aprendera com o pai, quem sabe se o seu treino no Exército, mas, por qualquer razão, o uso de força física não o faria desmaiar, pelo menos não até ele ter concluído a sua ação. Havia algumas pessoas no inferno para provarem esse facto. De modo que Jack iniciou a sua preparação mental para o que teria de fazer, talvez, se os bandidos chegassem a Roma e ele os visse. Depois, deu-se conta de que nem sequer teria de responder por isso devido ao seu estatuto diplomático. O Departamento de Estado tinha o direito de lhe retirar a proteção de acordo com a Convenção de Viena, mas não, não o iriam fazer num caso como esse. De modo que, fosse o que fosse que ele fizesse, seria uma borla, e isso não era algo assim tão mau, pois não?

Os Sharps levaram-no a jantar num restaurante da vizinhança, mas onde a comida era excelente, uma prova repetida de que os melhores negócios eram muitas vezes os familiares. Evidentemente, os Sharps comiam lá com alguma frequência, pois o pessoal era muito simpático para eles.

— Tom, que diabo vamos fazer? — perguntou Jack, abertamente, assumindo que Annie estaria ao corrente do tipo de trabalho do marido.

— O Churchill diria que era um trabalho para nos preocuparmos. — Encolheu os ombros. — Faremos o nosso melhor, Jack.

— Suponho que me sentiria bem melhor se tivesse um pelotão de fuzileiros a apoiarem-me.

— E eu também, meu amigo, mas temos de fazer o melhor que pudermos com

o que temos.

— Tommy — inquiriu a Senhora Sharp —, de que estão vocês os dois a falar?

— Não to posso dizer, querida.

— Mas o senhor é da CIA — disse então ela, olhando para Ryan.

— Sim, minha senhora — confirmou ele. — Antes disso ensinei História, na Academia Naval em Anápolis, e antes disso era corretor da bolsa, e ainda antes disso era fuzileiro.

— Sir John, foi o senhor quem…

— E também nunca me irei restabelecer disso por completo. — Que diabo, pensou Jack, por que razão não mantivera ele a sua mulher e a filha por detrás de umas árvores no Mall, em Londres, deixando que Sean Miller fizesse o que tinha a fazer? Cathy teria tirado algumas fotografias e isso poderia ter ajudado a polícia, apesar de tudo. Nenhuma boa (ou estúpida) ação deixaria alguma vez de ser punida, supunha ele. — E pode parar de me chamar Sir John? Não possuo um cavalo, nem uma cota de malha. — E a sua única espada era a mameluca que o Corpo de Fuzileiros oferecia aos seus oficiais quando estes acabavam o curso em Quantico.

— Jack, um cavaleiro é aquele que pega em armas para proteger o soberano. Já fez isso duas vezes, se a memória me não falha. Assim sendo, tem todo o direito a esse título — assinalou Sharp.

— Vocês nunca se esquecem, pois não?

— Não de algo como isso, Sir John. A coragem debaixo de fogo é qualquer coisa que vale a pena recordar.

— Especialmente em pesadelos, mas, nesses, a pistola nunca funciona e, sim, por vezes tenho-os — admitiu Jack, pela primeira vez na sua vida. — Que vai fazer amanhã, Tom?

— De manhã, tenho trabalho na embaixada. Porque não examina melhor a área antes de eu ir almoçar consigo?

— Parece-me bem. Encontramo-nos onde?

— No interior da basílica, à direita, junto à *Pietà* de Miguel Ângelo, à uma e um quarto em ponto.

— Ótimo — concordou Jack.

— Então, onde está o Ryan? — perguntou o *Coelho*.

— Em Roma — respondeu Alan Kingshot. — Está a ver o que pode fazer acerca do que nos disse. — Todo esse dia fora ocupado a descobrir o que ele sabia acerca das operações do KGB no Reino Unido. Era muito, o suficiente para a equipa de três homens do Serviço de Segurança ficarem a salivar, ao tirarem notas. Ryan tinha-se enganado, pensou Kingshot enquanto jantava. Aquele fulano não era uma mina de ouro. Não, ele era a mina Kimberly e os diamantes saíam-lhe pela boca. Zaitzev estava a descontrair-se um pouco mais, saboreando o seu estatuto. *Como deveria*, imaginou Alan. Tal como o homem que inventara os *chips* informáticos, aquele *Coelho* estava estabelecido para a vida — todas as cenouras que conseguisse comer, e homens com espingardas proteger-lhe-iam a toca contra quaisquer ursos.

A *Coelhinha*, como ele pensava nela, descobrira os desenhos animados ocidentais nesse dia. Adorava especialmente os do Papa-Léguas, vendo logo a semelhança com a série russa *Espera Um Momento*, e rindo-se com todos eles.

Por outro lado, Irina estava a redescobrir o seu amor pelo piano, tocando no enorme *Bösendorf* da sala de música da mansão, enganando-se, mas aprendendo com isso, e começando a readquirir os seus conhecimentos prévios perante a admiração da Senhora Thompson, que nunca aprendera a tocar, mas que encontrara resmas de partituras musicais para que a Senhora Zaitzev pudesse exercitar as mãos.

Esta família, pensou Kingshot, *irá dar-se muito bem no Ocidente*. A criança era uma criança. O pai tinha montes de informação útil. A mãe respiraria à vontade e tocaria música tanto quanto lhe apetecesse. Iriam usar a sua recém-readquirida liberdade como um traje confortável e folgado. Eles eram, para usar a palavra russa, *kulturniy*, ou seja, gente culta, representantes em forma da rica cultura que tinha há muito precedido o comunismo. Era bom saber que nem todos os desertores eram rufiões alcoólicos.

— Canta como um canário que tivesse tomado anfetaminas, diz o Basil — comunicou Moore ao seu pessoal superior no escritório de sua casa. — Diz-me que esse fulano nos irá dar mais informação do que a que poderemos usar.

— Ai sim? Então ele que nos experimente — pensou Ritter, em voz alta.

— De facto, Bob. Quando é que o vamos ter cá? — perguntou o almirante Greer.

— O Basil pediu-me mais dois dias antes de o trazermos para a América. Digamos que na quinta-feira à noite. Vou pedir à Força Aérea para enviar um VC-137 para os transportar. Poderão até trazê-los em primeira classe — observou o juiz, generosamente. Apesar de tudo, o dinheiro *não era* dele. — No entanto, o Basil alertou o seu pessoal em Roma, caso o KGB se apresse a pôr em prática a sua operação para eliminar o papa.

— Eles não são tão eficientes — afirmou Ritter, com alguma confiança.

— Eu não teria tanta certeza, Bob — refletiu o vice-diretor de Informação, em voz alta. — O Yuriy Vladimirovitch não é conhecido pela sua paciência. — Greer não era o primeiro a fazer essa observação.

— Bem sei, mas o sistema deles é mais lento do que o nosso.

— E os búlgaros? — inquiriu Moore. — O *Coelho* pensa que o atirador é um fulano chamado Strokov, Boris Strokov. Ele é talvez o indivíduo que matou o Georgiy Markov na ponte de Westminster. Trata-se de um assassino experiente, segundo o Basil.

— Parece que talvez usem os búlgaros — observou Ritter. — Eles são os Assassinos do Bloco de Leste, SA, mas são ainda comunistas, e jogadores de xadrez, não atiradores de pacotilha. No entanto, ainda não arranjámos maneira de avisar o Vaticano. Será que poderemos falar ao núncio acerca disto?

Todos tinham passado algum tempo a pensar na questão e agora tinham de voltar a confrontar-se com ela. O núncio papal era o embaixador do Vaticano nos EUA, o cardeal Giovanni Sabatino. Este era há muito um membro do próprio serviço diplomático do papa e era bem visto pelos oficiais de carreira do Serviço Exterior do Departamento de Estado, quer pela sua sagacidade, quer pela sua discrição.

— Será que o poderemos fazer de modo a não comprometermos a nossa fonte? — aventou Greer.

— Podemos dizer que houve um búlgaro que falou de mais…

— Escolha essa personagem ficcional com cuidado, juiz Moore — avisou Ritter.

— Lembrem-se, o Dirjavna Sugurnost tem essa subunidade especial que reporta diretamente ao Politburo deles, e não registam muitas coisas, de acordo com as fontes que temos nesse país. É uma espécie de versão comunista do Albert Anastasia.[45] Esse tal Strokov é um deles, ou assim temos ouvido.

— Podíamos dizer que o chefe do Partido falou com uma amante. Ele tem umas quantas — sugeriu Greer. O diretor de Informação dispunha de todo o tipo de dados acerca dos hábitos íntimos dos líderes mundiais, e o patrão do Partido búlgaro era um homem do povo, na verdadeira aceção da palavra. É claro que, se tal viesse cá para fora, a vida poder-se-ia tornar difícil para as mulheres em questão, mas o adultério tinha o seu preço e o diretor búlgaro era um bebedor tão compulsivo que poderia não se lembrar a quem ele (nunca) dissera o que lhe estavam a atribuir. Isso poderia servir para apaziguar um pouco a consciência deles.

— Parece-me plausível — opinou Ritter.

— Quando é que poderemos ver o núncio? — perguntou Moore.

— Talvez a meio da semana? — voltou a sugerir Ritter. Tinham todos uma semana de trabalho pela frente. O juiz estaria no Capitólio a tratar de orçamentos até quarta-feira de manhã.

— Onde? — Eles não o poderiam trazer até ali, vistas bem as coisas. Aquele homem da Igreja nunca viria. Seria um grande aborrecimento, se alguém se desse conta, e o juiz Moore não podia ir ter com o núncio. O seu rosto também era por demais conhecido pela nata da sociedade de Washington.

— Em Foggy Bottom — pensou Greer, em voz alta. Moore costumava ver o secretário de Estado com muita frequência e o núncio não era aí propriamente um estranho.

— Isso irá funcionar — decidiu o diretor-geral de Informação. — Vamos ver se o conseguimos organizar — acrescentou Moore. Ele detestava ter de trabalhar ao domingo. Até mesmo um juiz do Tribunal de Recursos tinha os fins de semana livres.

— Há ainda o problema do que eles poderão fazer com essa informação — avisou-os Ritter. — Que diz o Basil?

— Ele tem o seu posto em Roma a tratar do assunto, são apenas cinco, mas vai enviar mais tropas de Londres amanhã, caso eles planeiem fazer a sua jogada na quarta-feira. É quando Sua Santidade aparece em público. Creio que ele também tem uma agenda muito ocupada.

— É uma pena que não possa cancelar o percurso em torno da praça, mas não me parece que ele fosse dar ouvidos a alguém que lho pedisse.

— Também acho — concordou Moore. Ele não mencionou que Sir Basil lhe

tinha dito que Ryan fora despachado para Roma. Ritter voltaria a ter um outro ataque de raiva e Moore não estava disposto a aturá-lo num domingo.

Ryan levantou-se cedo, como de costume, tomou o pequeno-almoço e apanhou um táxi para a praça de São Pedro. Era bom andar por aquele recinto que era quase inteiramente quadrado, é claro apenas para esticar as pernas. Parecia-lhe estranho que ali, no meio da capital da República Italiana, houvesse um Estado, titularmente soberano, cuja língua oficial fosse o latim. Perguntou-se se os Césares teriam gostado dele ou não, sendo o único reduto da sua língua o agente que destruíra o seu império e que se espalhara pelo mundo, mas não podia ir até ao Fórum para o perguntar não importava a que fantasmas aí vivessem.

A igreja chamou-lhe a atenção. Não havia palavras para uma coisa tão grande. A obtenção de fundos para a construírem viera da venda de indulgências que levara Martinho Lutero a afixar o seu protesto na porta da catedral e, assim, a iniciar a Reforma, algo que as freiras da escola de St. Matthews não aprovavam, mas sobre a qual os jesuítas dos anos mais tardios da sua formação tinham opiniões mais abertas. A Sociedade de Jesus também devia a sua existência à Reforma, pois tinha sido fundada para lutar contra ela.

Mas isso não importava muito de momento. A basílica impossibilitava qualquer descrição e parecia uma boa sede para a Igreja Católica Romana. Ele entrou e pôde constatar que, quando muito, o interior parecia ainda mais vasto do que o exterior. Podia aí jogar-se uma partida de futebol. A uns bons cem metros ficava o altar-mor, reservado para o uso do papa, sob o qual se encontrava a cripta onde antigos papas tinham sido sepultados, incluindo, segundo a tradição, o próprio São Pedro. «Tu és Pedro», dizia Jesus nos Evangelhos, «e sobre esta pedra construirei a minha igreja». Bem, com a ajuda de alguns arquitetos, e o que deveria ter sido um exército de trabalhadores, tinham de facto aí construído uma igreja. Jack sentiu-se atraído por ela como se a mesma fosse a casa pessoal de Deus. A catedral em Baltimore não teria ali passado de uma alcova. Olhando em volta, viu os turistas, também a olharem para o teto de boca aberta. *Como teriam edificado esse lugar sem vigas de aço estrutural?*, pensou Jack. Era tudo pedra sobre pedra. *Aqueles construtores antigos sabiam mesmo o que estavam a fazer*, refletiu Ryan. Os descendentes desses engenheiros trabalhavam agora para a Boeing e para a NASA. Passou um

total de vinte minutos a passear lá dentro, antes de se lembrar de que não era, apesar de tudo, um turista.

Esse fora, em tempos, o local original do Circo Máximo de Roma. As grandes pistas para as bigas, como aquelas que se vêm no filme *Ben Hur*, tinham em tempos sido demolidas para aí construírem a igreja de São Pedro, a original, mas, ao longo das épocas, esta foi-se deteriorando, de modo que se tinham dedicado a um projeto, com mais de um século, para construir a presente, que fora terminada no século xvi, segundo Ryan se recordava. Foi até ao exterior para voltar a observar a área. Por mais que procurasse alternativas parecia-lhe que a sua primeira impressão fora a correta. O papa entrava no carro *ali*, contornava o recinto *por aquele lado*. O problema era que *aquele lado* era um espaço semicircular com talvez duzentos metros de comprimento.

Pois bem, pensou ele, *é já tempo de fazer alguma análise*. O atirador seria um especialista. Um especialista teria dois requisitos: o primeiro seria disparar um tiro certeiro; o segundo, sair rapidamente daí com vida.

De modo que Ryan começou a pensar nas possíveis rotas de fuga. À esquerda, perto da fachada da igreja, as pessoas amontoar-se-iam no desejo de verem o papa, assim que ele saísse. Mais abaixo, o caminho do veículo aberto alargava-se, aumentando assim o alcance do disparo, algo a ser evitado. Contudo, o atirador ainda necessitaria de fugir dali o mais rápido que pudesse e a melhor maneira de o fazer era pela rua lateral onde Sharp estacionara o carro no dia anterior. Poder-se-ia aí provavelmente esconder um carro e, se ele ali conseguisse chegar, poderia carregar no acelerador a fundo e seguir até onde houvesse um segundo carro sobresselente, pois os polícias iriam andar à procura do primeiro e Roma tinha um bom número de agentes que eram capazes de correr através do fogo para apanharem quem quer que fosse que tivesse metido uma bala no papa.

Mas era preciso recuar ao lugar do tiro. O atirador não iria querer estar na parte mais densa da multidão, de modo que não se encontraria muito perto da igreja. Mas quereria evadir-se através *daquele* arco. Talvez sessenta ou setenta metros. Dez segundos, talvez? Com um caminho desimpedido, sem dúvida. Aumentemos esse tempo para o dobro só para nos certificarmos. Ele talvez gritasse qualquer coisa como «*Ali vai ele*!», em jeito de distração. Isso poderia torná-lo mais fácil de identificar mais tarde, mas o coronel Strokov estava a

contar dormir em Sófia quarta-feira à noite. *Verificar as horas de voos,* disse Jack para si mesmo. *Se ele disparar e conseguir fugir, não irá nadar até casa, pois não? Irá optar pela saída mais rápida, a não ser que tivesse já um bom esconderijo em Roma.*

Isso era uma possibilidade. O problema era que ele estava a lidar com um espião no terreno com muita experiência, que poderia ter muitas coisas planeadas. Mas isto era a realidade, não um filme, e os profissionais mantinham as coisas simples, porque mesmo as mais simples poderiam ir por água abaixo no mundo real.

Ele terá pelo menos um plano B. Talvez mais, mas, decerto, há de ter um.

Talvez vestir-se como um padre… Haveria muitos à vista e também freiras, mais do que Ryan alguma vez vira. *Qual a altura do Strokov*? Qualquer coisa acima de um metro e setenta e três e seria demasiado alto para se disfarçar de freira. No entanto, se se vestisse de padre, poderia esconder um pequeno lança-granadas na sotaina. Isso seria uma boa ideia, mas será que poderia correr rapidamente com uma sotaina? Isso não seria muito recomendável.

Teríamos de assumir que usaria uma pistola, talvez com um silenciador. Uma espingarda… não, os seus perigos residiam nas suas vantagens. Era tão longa que o tipo que estivesse ao lado dele poderia desviar-lhe o cano e ele nunca conseguiria disparar um tiro certeiro. Uma *AK-47*, talvez, capaz de disparar uma rajada… Mas não, era apenas nos filmes que as pessoas disparavam metralhadoras num ímpeto. Ryan tentara-o com a sua *M16* em Quantico. Fê-lo sentir-se como se fosse John Wayne, mas não conseguira acertar em nada. As miras, disseram os sargentos-ajudantes a toda a turma na Escola Básica, estavam lá por uma razão. Do mesmo modo que Wyatt Earp a dar tiros na televisão, a tirar a arma e a disparar junto à anca, tal não funcionaria, a não ser que outra mão estivesse a agarrar o ombro do estupor. As miras existiam por um motivo, para nos dizerem para onde a arma estava apontada, porque a bala que se está a usar tem cerca de meio centímetro de diâmetro e a pessoa está a dirigi-la para um alvo também pequeno, e um soluço poderá desviar a trajetória do projétil e, sob pressão, a nossa pontaria tende a piorar…. A não ser que estejamos habituados a matar pessoas como Boris Strokov, o coronel do Dirjavna Sugurnost. E se ele fosse daqueles que nunca tremiam, como o Audie Murphy da Terceira Divisão de Infantaria, na Segunda Guerra Mundial? Murphy fora um

entre oito milhões de soldados americanos e ninguém observara essa qualidade mortífera nele até o verem no campo de batalha, algo que, provavelmente, até o surpreendera. O próprio Murphy nunca apreciara talvez o facto de ser diferente de todos os outros.

O Strokov é um especialista, relembrou-se Ryan, *de modo que irá agir como tal. Irá planear todos os pormenores, em especial, a fuga*.

— O senhor deve ser o Ryan — disse calmamente uma voz britânica. Jack voltou-se para ver um homem pálido com cabelo ruivo.

— Quem é o senhor?

— Mick King — respondeu o homem. — Sir Basil enviou quatro de nós até cá para examinarmos a área.

— Será que sou assim tão óbvio? — preocupou-se Jack, de súbito.

— Poderia muito bem ser um estudante de arquitetura — contrapôs King. — Que é que pensa?

— Acredito que o atirador se irá posicionar mesmo aqui e sair por aquele lado — observou Jack, apontando. King olhou em volta antes de falar.

— É uma proposta arriscada, não importa como a possamos planear, sobretudo com todas as pessoas que estarão presentes, mas, sim, parece-me a opção mais prometedora — concordou o espião.

— Se eu estivesse a planear fazê-lo, gostaria de usar uma espingarda desde ali de cima. Temos de colocar alguém lá, para tomar conta dessa possibilidade.

— De acordo. Vou pedir ao John Sparrow que se dirija para esse local. O fulano de cabelo curto que está ali. Ele trouxe montões de câmaras com ele.

— Mais um homem para ficar na rua daquele lado. O nosso fulano talvez tenha um carro para fugir de Roma e seria ali que eu o estacionaria.

— Demasiado conveniente, não acha?

— Olhe, eu sou um ex-fuzileiro, não um mestre do xadrez — retorquiu Ryan. Porém, era bom ter outra pessoa a dar-lhe uma opinião. Havia ali muitas possibilidades táticas e todos encaravam a questão de uma forma um pouco diferente, e quem sabe se os búlgaros não jogavam de outra maneira.

— Deram-nos uma porcaria de uma missão. A nossa melhor hipótese é que esse tal Strokov não apareça. Oh, aqui está — disse-lhe King, passando-lhe um envelope.

Este estava cheio de imagens fotográficas de dezasseis por vinte centímetros,

de facto com muito boa qualidade.

— O Nick Thompson disse-me que ele tinha uns olhos sem vida — disse Ryan, olhando para uma delas.

— Parece ser um tipo frio, não acha?

— Quando aqui viermos, na quarta-feira, vamos trazer armas?

— Eu vou — afirmou King, decididamente. — Uma *Browning* de nove milímetros. Deverá haver mais algumas na embaixada. Sei que não consegue disparar bem sob pressão, Sir John — acrescentou ele, com um respeito casual.

— Isso não quer dizer que goste desse facto, meu amigo. — E o melhor alcance para uma pistola seria perto do alvo, a segurá-la mesmo contra o outro sacana. Assim era difícil não acertar e também cortaria um pouco o ruído. Para além disso, era uma ótima maneira de dizer a alguém para não fazer algo que não devesse.

Durante as próximas duas horas, os cinco homens passearam pela praça, mas acabavam sempre por regressar ao mesmo sítio.

— Não podemos cobrir todo este espaço, precisaríamos de cem homens — constatou King, finalmente. — Se não pudermos ser fortes em todo o lado, então será melhor escolhermos um lugar e sermos fortes aí.

Jack concordou com um aceno de cabeça, lembrando-se de como Napoleão tinha ordenado aos seus generais para arranjarem um plano para proteger a França de uma invasão e, logo que um oficial superior espalhara as tropas ao longo da fronteira, ele inquirira agressivamente se esse indivíduo estava a tentar protegê-los em relação ao contrabando. De modo que sim, se não podiam ser fortes *em todo o lado,* então planeavam ser fortes *em algum lado,* esperando ter escolhido o sítio certo. A chave, como sempre, era colocarem-se na mente do assassino, tal como lhe tinham ensinado a fazer como analista de informação. Pensar, tal como o adversário, e pará-lo desse modo. Parecia uma coisa muito boa e muito fácil de um ponto de vista teórico, no entanto, no terreno não seria bem assim.

Viram Tom Sharp a entrar na basílica e, todos juntos, foram até um restaurante para almoçarem e conversarem.

— Sir John tem razão — disse King. — O melhor lugar é no lado esquerdo. Temos fotografias do sacana. Poremos o John — estava a referir-se a John Sparrow — em cima das arcadas, com a câmara. O vosso trabalho será examinar

a multidão e tentarem ver o bandido, enviando-nos essas informações por rádio.

Sparrow assentiu com um aceno de cabeça, mas o seu rosto dizia o que ele pensava desse trabalho, enquanto as cervejas iam chegando.

— Mick, tinhas razão desde o início — disse Sparrow — É uma porcaria de uma missão. Deveríamos ter aqui todo um regimento do Serviço Aéreo Especial e mesmo isso não seria suficiente. — O vigésimo segundo regimento desse serviço tinha apenas uma ou duas companhias, todos excelentes militares.

— Não nos cabe raciocinar acerca dos porquês, rapazes — disse Sharp a todos eles. — É agradável saber que o Basil conhece bem o seu Tennyson. — Os risinhos em volta da mesa que dali resultaram contaram a história.

— E os rádios? — perguntou Jack.

— Já estão a chegar por correio — informou Sharp. — São pequenos, cabem num bolso e têm auriculares, mas, infelizmente, não temos microfones pequenos.

— Merda! — exclamou Ryan. O Serviço Secreto tinha exatamente o que eles precisavam para a missão, mas ele não lhes poderia telefonar para que lhos enviassem. — E o destacamento de proteção da rainha? Quem é que se encarrega disso?

— A Polícia Metropolitana, creio eu, mas porquê…

— Estou a pensar nos microfones de lapela — respondeu Ryan. — É o que os Serviços Secretos usam na América.

— Posso perguntar — sugeriu Sharp. — Boa ideia, Jack, talvez eles tenham o que nós precisamos.

— Eles têm de cooperar connosco — considerou Mick King, em voz alta.

— Vou tratar disso esta tarde — prometeu Sharp.

Pois, pensou Ryan, *vamos ser os mais bem equipados a dar cabo de uma missão*.

— Chamam cerveja a isto? — perguntou Sparrow depois de ter bebido o primeiro gole.

— É melhor do que o mijo enlatado americano — comentou em voz alta outro dos recém-chegados.

Jack não mordeu o isco. Para além disso, as pessoas iam para Itália por causa do vinho e não da cerveja.

— Que sabemos acerca do Strokov? — inquiriu Ryan.

— Enviaram-me por fax o ficheiro que a polícia tem dele — revelou Sharp.

— Estive a lê-lo esta manhã. Tem um metro e oitenta de altura e cerca de noventa e cinco quilos. É óbvio que é um grande apreciador da comida. De modo que não é um atleta, sobretudo não é um corredor. Cabelo castanho, bastante espesso. Boas aptidões linguísticas. Fala inglês com sotaque, mas afirmam que fala também francês e italiano como um nativo. Dizem que é um especialista em armas pequenas. Já atua há vinte anos. Tem agora mais ou menos quarenta e três. Foi selecionado para a unidade especial de assassínios do Dirjavna Sugurnost há quinze anos e tem já oito mortes que lhe são atribuídas, talvez mais… não temos muita informação fiável acerca disso.

— Parece ser um rapaz fantástico — refletiu Sparrow, em voz alta. Pegou numa das fotografias. — Não será difícil vê-lo. É melhor reduzirmos estes retratos para formato de bolso, para que os possamos trazer connosco.

— Está feito — prometeu Sharp. A embaixada tinha o seu pequeno laboratório de fotografia, especialmente para esse uso.

Ryan olhou em torno da mesa. Pelo menos era bom estar rodeado de profissionais. Se tivessem uma oportunidade para atuar, talvez não fizessem um mau trabalho, como um bom grupo de fuzileiros. Não era muito, mas era alguma coisa.

— E armas que possamos trazer à cintura?

— Todas as *Brownings* de nove milímetros que precisarmos — assegurou-lhe Tom Sharp.

Ryan queria perguntar-lhes se tinham projéteis de ponta oca, mas, provavelmente, só tinham as balas normais fornecidas pelo Exército, devido a essa merda da Convenção de Genebra. Os cartuchos da *Parabellum* de nove milímetros eram vistos como sendo poderosos pelos europeus, mas não passavam de chumbos para pressão de ar quando comparados com as balas de uma *Colt* de calibre quarenta e cinco, para a qual ele fora treinado. Mas a arma que tinha em casa estava carregada com projéteis de ponta oca com 147 gramas, vistos pelo FBI americano como os únicos úteis para serem disparados, com uma boa penetração e capacidade de expansão para um diâmetro igual a uma moeda de dez cêntimos dentro do corpo atingido, fazendo com que a pessoa sangrasse num instante.

— Ele terá de estar muito perto. Há anos que não disparo uma coisa dessas. — O que recordava a Jack que a Inglaterra não tinha uma cultura de armas

semelhante à americana, nem mesmo nos seus serviços de segurança. James Bond era uma personagem dos filmes, tinha Ryan de se recordar. O próprio Ryan era talvez o melhor atirador de pistola que ali se encontrava e ele estava longe de ser um especialista. As pistolas que Sharp iria distribuir seriam fornecidas pelos militares, tinham miras invisíveis e maus punhos. As que Ryan possuía tinham punhos de borracha *Pachamayr* que se encaixavam tão bem na mão que poderiam passar por luvas feitas por medida. Raios partam, nada acerca daquela missão iria ser fácil.

— Pois bem. John, você irá ficar no topo das arcadas. Veja como é que pode subir para lá e veja se o faz na quarta-feira de manhã cedo.

— Ótimo — respondeu Sharp. — Vamos passar a tarde a rever tudo, a olhar para coisas que nos pudessem ter falhado. Estou a pensar que podíamos pôr um homem na rua lateral, para poder ver o nosso amigo Strokov assim que ele chegar. Se o virmos, podemos ir logo atrás dele.

— Será que não o poderemos parar logo lá? — perguntou Ryan.

— É melhor que ele se aproxime — cogitou Sharp, em voz alta. — Havendo mais de nós, reduzimos a hipótese de ele se poder escapar. Se estivermos em cima dele, Jack, ele não irá fazer nada de desagradável, pois não? Iremos certificar-nos disso.

— Será que irá ser tão previsível? — preocupou-se Jack.

— Ele já deveria aqui ter estado. De facto, talvez o vejamos hoje ou amanhã.

— Eu não apostaria muito nisso — ripostou Jack.

— Jogamos as cartas que nos são dadas, Sir John — disse King. — E esperamos ter sorte.

Ninguém pusera tal em questão, deu-se conta Ryan.

— Se eu estivesse a planear esta operação iria esforçar-me para a manter simples. A preparação mais importante que ele irá fazer é aqui — observou Sharp, batendo num dos lados da cabeça. — Ele também estará um pouco tenso, não importa a experiência que possa ter neste tipo de tarefas. Sim, ele é um sacana muito esperto, mas não é o cabrão do Super-Homem. A chave para o seu sucesso é a surpresa. Pois bem, ele não a irá ter, pois não? E, sem o fator surpresa, um agente no terreno entra num pesadelo. Se o perder, tudo se desmorona como se tivesse acabado de ser descoberto. Lembrem-se de que se ele vir qualquer coisa de que não goste talvez se vá embora, muito

simplesmente, adiando assim o seu ataque. Quanto a ele, não há nenhum relógio a funcionar nesta missão.

— Acha que sim? — Ryan não estava de modo algum seguro acerca disso.

— Acho, sim. Se eles estivessem tão seguros, de um ponto de vista operacional, já teriam executado a missão e o papa já estaria a falar diretamente com Deus. De acordo com o que ouvi de Londres, esta missão está a ser planeada há mais de seis semanas. De modo que é óbvio que ele não está com pressa. Ficaria muito surpreendido se acontecesse depois de amanhã, mas temos de agir como se tal fosse o caso.

— Quem me dera ter a sua confiança, meu amigo.

— Sir John, os agentes no terreno agem como tal, não importa quais possam ser as suas nacionalidades — observou Sharp, com confiança. — A nossa missão é difícil, não há dúvida, mas é como se nós falássemos a língua dele. Se se tratasse de uma missão agressiva, já teria sido levada a cabo. Não vos parece, meus senhores? — perguntou ele, obtendo acenos afirmativos das cabeças de quem estava em torno da mesa, exceto do americano.

— E se nos estiver a falhar qualquer coisa? — inquiriu Ryan.

— Isso é uma possibilidade — admitiu Sharp —, mas trata-se de uma com que teremos de viver e contar. Só temos a informação que possuímos e temos de desenhar o nosso plano em volta dela.

— Não temos muita escolha, pois não, Sir John? — perguntou Sparrow. — Só podemos contar com o que temos.

— É verdade — admitiu Ryan, lamentosamente. Chegara-lhe o pensamento de que outras coisas também pudessem estar a acontecer. E se houvesse uma diversão, um desvio? Se alguém, por exemplo, acendesse fogo de artifício para atrair os olhares para o barulho e assim os desviar da verdadeira ação? *Isso*, pensou ele de súbito, *era uma possibilidade real.*

Raios partam!

— Que se passa com o Ryan? — perguntou Ritter, entrando de rompante no escritório do juiz Moore.

— O Basil pensou que, dado que a BEATRIX era uma operação da CIA desde o início, porque não enviar um dos nossos agentes até lá para dar uma vista de olhos ao que se estivesse a passar? Não me parece que possa melindrar o que

quer que seja — disse Moore ao seu vice-diretor de Operações.

— Para quem pensa o Ryan que está a trabalhar?

— Bob, porque não se acalma? Que poderá ele fazer que possa prejudicar o andamento das coisas?

— Raios partam, Arthur…

— Tenha calma, Robert — ripostou Moore, com a voz de um juiz habituado a ter tudo à sua maneira, inclusivamente as condições meteorológicas.

— Arthur — disse Ritter, um pouco mais calmo —, não é o lugar dele.

— Não vejo motivo para objetar, Bob. Nenhum de nós pensa que algo poderá acontecer, pois não?

— Bem… não, suponho que não — admitiu o vice-diretor de Operações.

— De modo que ele está apenas a alargar os seus horizontes, e o que vier a aprender fará dele um melhor analista, não é verdade?

— Talvez seja assim, mas eu não gosto de ter um fulano, que está habitado a estar sentado a uma secretária, a desempenhar o papel de espião no terreno. Ele não foi treinado para isso.

— Bob, ele costumava ser fuzileiro — relembrou-lhe Moore. — E o Corpo de Fuzileiros dos EUA tem a sua própria categoria, independentemente da CIA. Decerto que ele não irá molhar as calças.

— Creio que não.

— E tudo o que ele irá fazer é observar uma coisa que não irá acontecer, e a sua exposição a agentes no terreno não lhe irá fazer mal nenhum, pois não?

— Mas são britânicos, não são dos nossos — objetou Ritter, pouco convicto.

— Os mesmos fulanos que conseguiram tirar o *Coelho* da Rússia para nós…

— Muito bem, Arthur, nisso tem razão.

— Bob, quando entra numa espécie de ataque de raiva, porque não o usa para qualquer coisa importante?

— Sim, mas sou eu que tenho de gerir a Direção de Operações. Quer que envolva o Rick Nolfi nisto?

— Acredita que é necessário?

Ritter abanou a cabeça.

— Não, creio que não.

— Assim sendo, vamos deixar que os britânicos giram a sua minioperação e manter as coisas calmas aqui em Langley, até podermos entrevistar o *Coelho* e

quantificar a ameaça para o papa, não lhe parece?

— Pois, Arthur. — E o vice-diretor de Operações da Agência Central de Informação voltou para o seu escritório.

O jantar correu bem. Os britânicos eram boa companhia, especialmente quando a conversa abordava temas não relacionados com a missão. Eram todos casados. Três tinham filhos, com um deles a esperar em breve o seu primeiro bebé.

— Segundo sei, tem dois filhos, não tem? — perguntou Mick King a Jack.

— Sim, e o segundo chegou numa noite atribulada.

— Tem toda a razão! — concordou Ray Stones, um dos recém-chegados, com algumas gargalhadas. — Como é que a sua mulher reagiu?

— Não muito mal, depois de o pequeno Jack ter nascido, mas o resto da noite não foi muito agradável.

— Acredito — observou Kingshot.

— Então, disse-nos que os búlgaros querem assassinar o papa? — inquiriu Sparrow.

— O KGB é que se quer ver livre dele — retorquiu Jack. — Nós acabámos de tirar de lá um desertor, que está agora numa casa segura, e ele está a cantar como a rapariga da *Aida*. Até agora esta é a coisa mais importante.

— Informação confiável? — perguntou King.

— Pensamos que ele até tem um banho de ouro e um fundo em cobre, não há dúvida. Sir Basil acredita no que ele diz. Foi por isso que vos trouxe a vocês até cá. — Jack informou-os daquilo, caso eles ainda não o tivessem descoberto. — Eu próprio já me encontrei com o *Coelho* e creio que ele é material legítimo.

— Uma operação da CIA? — era a voz de Sharp.

Jack concordou com um aceno de cabeça.

— Isso mesmo. Tivemos um problema operacional e vocês foram suficientemente simpáticos para nos ajudar. Não vos posso dizer muito mais, desculpem.

Todos eles perceberam. Não queriam ficar expostos a darem com a língua nos dentes acerca de uma operação negra.

— Isto deve ir até ao próprio Andropov… Com que então o papa está a causar-lhes problemas na Polónia, não está?

— Assim parece. Talvez ele comande mais divisões do que aquilo que possa

parecer.

— Mesmo assim, parece-me um pouco extremo. Como é que o mundo irá reagir ao assassínio de Sua Santidade? — refletiu King, em voz alta.

— É óbvio que têm menos medo disso do que de um colapso total na Polónia, Mick — ponderou Stones, dizendo-o em voz alta. — E receiam que ele o possa provocar. A espada e o espírito, como disse Napoleão. O espírito, no fim, acaba sempre por ganhar.

— Sim, creio que sim, e aqui estamos nós no epicentro do mundo do espírito.

— É a primeira vez que aqui venho — disse Stones. — É *bastante* impressionante. Tenho de trazer a família até cá um dia destes.

— Eles sabem muito de comida e de vinho — observou Sparrow, enquanto almoçava um prato de vitela. — E a polícia local?

— De facto, é bastante boa — respondeu-lhe Sharp. — É uma pena que não possamos recorrer à sua assistência. Eles conhecem bem este espaço. É a terra deles, apesar de tudo.

Mas estes tipos são os especialistas de Dover, cogitou Ryan, com alguma esperança. *Só que não estão aqui em número suficiente.*

— Tom, já falou para Londres acerca dos rádios?

— Sim, sim, Jack. Vão enviar-nos dez, juntamente com auriculares e microfones de lapela em que possamos falar. De banda lateral, como aqueles que o Exército usa. Não sei se estão encriptados, mas, de qualquer modo, são bastante seguros e iremos usar uma verdadeira disciplina de rádio, para que possamos comunicar com nitidez. Iremos experimentá-los amanhã à tarde.

— E na quarta?

— Vamos aqui chegar por volta das nove da manhã, escolher as nossas áreas de vigilância e andar por elas, enquanto chega a multidão.

— Não foi para isto que eles me treinaram no Corpo de Fuzileiros — refletiu Jack, em voz alta.

— Sir John — retorquiu Mick King —, nenhum de nós foi treinado para uma coisa destas. Sim, todos nós somos agentes de informação experientes, mas isto, na verdade, é um trabalho para alguém nos serviços de proteção, como os polícias que guardam Sua Majestade e a primeiro-ministra, ou os vossos indivíduos do Serviço Secreto. Isto é uma sacana de uma maneira de ganhar a vida.

— Pois é, Mick, espero que os apreciemos um pouco mais depois disto — observou Stones, encontrando um consenso geral em volta da mesa.

— John — Ryan voltou-se para Sparrow —, você tem a função mais importante, conseguir vislumbrar esse cabrão para todos nós.

— Fascinante — retorquiu Sparrow. — Tudo o que tenho de fazer é examinar cinco mil rostos ou mais, à procura daquele que poderá, ou não, estar lá. Fascinante — repetiu o espião.

— Que irá usar?

— Tenho três câmaras *Nikon* e uma boa variedade de lentes. Penso que amanhã irei também comprar uns binóculos. Só espero encontrar um bom poleiro de onde poder observar a multidão. A altura do parapeito preocupa-me. Há um espaço em vão que se estende desde a base das colunas, com cerca de mais ou menos trinta metros, que eu não irei conseguir observar. Isso irá limitar o que eu posso fazer, rapazes.

— Não temos escolha — pensou Ryan, em voz alta. — Não pode ver patavina a partir do chão.

— É esse o problema que temos — concordou Sparrow. — A nossa melhor escolha seria dois homens, um (de facto mais do que um) em cada lado, com uns bons binóculos. Mas não temos pessoal e teríamos de obter licença dos guardas de segurança do papa, o que, segundo penso, está totalmente fora de questão.

— Envolvê-los seria bastante útil, mas…

— Mas não podemos informar o mundo todo acerca do *Coelho*. Sim, bem sei, a vida do papa é secundária a essa consideração. Não acham que é uma coisa fantástica? — resmoneou Ryan.

— Qual é o valor da segurança do seu país, Sir John, e também do nosso? — perguntou King, de um modo retórico.

— Mais do que a vida dele — respondeu Ryan. — Sim, bem sei, mas isso não quer dizer que eu tenha de gostar desse facto.

— Será que alguma vez assassinaram um papa? — inquiriu Sharp. Ninguém sabia a resposta.

— Alguém o tentou uma vez. Os Guardas Suíços tentaram evitar que o assassino se aproximasse para o protegerem. Muitos deles morreram, mas o papa escapou ileso — informou Ryan, lembrando-se de algo de um álbum de banda desenhada que lera em St. Matthews, quando tinha sido?, no quarto ano de

escolaridade.

— Será que esses fulanos da Guarda Suíça são assim tão bons? — perguntou Stones.

— Eles ficam muito bem nos seus uniformes às riscas. Talvez muito bem motivados. Na verdade, é uma questão de treino — observou Sharp. — É essa a diferença entre um civil e um soldado, o treino. Os fulanos vestidos normalmente são, com toda a probabilidade, bem informados, mas, se tiverem pistolas, será que estarão autorizados a usá-las? Apesar de tudo, trabalham para uma igreja… Talvez não sejam treinados para atirarem sobre pessoas à queima-roupa.

— Houve aquele tipo que deu um salto de entre a multidão e que disparou uma pistola de partida apontada à rainha… a caminho do Parlamento, não foi? — recordou Ryan. — Havia ali um oficial de cavalaria que montava um cavalo. Surpreendeu-me o facto de ele não ter cortado esse sacana em dois com o sabre, pois esse seria o meu instinto, mas ele não o fez.

— Tratava-se de uma espada para paradas, apenas para ocasiões cerimoniais. Talvez ele nem pudesse cortar manteiga com ela — opinou Sparrow. — No entanto, quase ia dando cabo do tipo com as patas do animal.

— O Serviço Secreto tê-lo-ia eliminado logo ali. É claro que a pistola estava carregada com tiros de pólvora seca — explicou Ryan —, mas parecia e soava como se fosse um revólver verdadeiro. Sua Majestade nem sequer mexeu a cabeça. Eu ter-me-ia borrado todo.

— Tenho a certeza de que Sua Majestade teria recorrido às devidas instalações no palácio de Westminster. Ela tem lá a sua própria casa de banho, não sei se sabe — disse King ao americano.

— De qualquer modo, ele era um indivíduo com perturbações mentais. Decerto que está agora a recortar bonecos de papel num hospital psiquiátrico — disse Sharp. No entanto, como qualquer outro súbdito britânico, o seu coração parara ao observar o incidente na televisão, e também ele se surpreendera com o facto de aquele lunático ter sobrevivido a esse evento. Se um dos *yeomen*[46] da Torre aí tivesse estado, com a sua arma de combate cerimonial, chamada uma alabarda, tê-lo-ia pregado ao chão como se ele fosse uma borboleta numa caixa de colecionador. Talvez Deus, apesar de tudo, se apiedasse dos doidos, dos bêbedos e das crianças. — Assim sendo, se o Strokov aparecer e fizer pontaria,

acham que os italianos o vão eliminar?

— Esperemos que sim — disse King.

Isso seria excelente, ponderou Jack. Os profissionais não podem proteger o papa, mas os empregados dos restaurantes locais e os vendedores de roupa iriam dar cabo do cabrão. Isso iria parecer extraordinário nas *Notícias da Noite* da NBC.

Em Manchester, o *Coelho* e a família tinham acabado de comer uma outra ótima refeição cozinhada pela Senhora Thompson.

— Que come um vulgar trabalhador inglês? — perguntou Zaitzev.

— Não assim tão bem — admitiu Kingshot. Ele decerto não comia assim. — Mas nós tentamos tratar bem os nossos hóspedes, Oleg.

— Será que já disse o suficiente acerca do MINISTRO? — perguntou ele então. — É tudo o que sei. — O Serviço de Segurança tinha-o interrogado minuciosamente acerca desse assunto, nessa tarde, examinando cada facto pelo menos cinco vezes.

— Você já nos ajudou muito, Oleg Ivanovitch. Obrigado. — De facto, ele dera bastante informação ao Serviço de Segurança. Na maior parte das vezes, a maneira de apanhar aqueles agentes infiltrados era através da identificação da informação que eles transferiam. Só um número muito limitado de pessoas teria acesso a tudo, e o pessoal do MI-5 observaria todos eles até que houvesse um que fizesse algo difícil de explicar. Então veriam que indivíduo viria até ao local para recolher o pacote e, com base nisso, obteriam o bónus de identificarem o oficial de controlo do KGB e matariam dois coelhos de uma só cajadada, ou até talvez mais, pois o oficial de informação trabalharia para mais do que um agente, e as descobertas poderiam ramificar-se, como os ramos de uma árvore. Em seguida, tentava-se deter um agente periférico que andasse a perseguir o alvo principal, porque assim o KGB não poderia saber de que modo o seu agente infiltrado fora exposto, e *isso* iria evitar que a fonte primária, Oleg Zaitzev, fosse descoberta. O ramo da contraespionagem era tão barroco como a intriga numa corte medieval e era adorado e odiado pelos seus atores devido à sua complexidade, mas tal só fazia com que a detenção do verdadeiro «bandido» fosse muito mais gratificante.

— E o papa?

— Tal como disse no outro dia, temos agora uma equipa em Roma para examinar o assunto — respondeu Kingshot. — Não há muito que possamos dizer, de facto, não há muito que possamos fazer, mas estamos a agir com base na sua informação, Oleg.

— Isso é bom — refletiu o desertor, em voz alta, esperando que tudo não tivesse sido em vão. Ele não estava à espera de expor agentes soviéticos através do Ocidente. Ele fizera isso para salvaguardar a sua nova posição no novo país, é claro, e pelo dinheiro que iria ganhar por se ter transformado num traidor à pátria, contudo, a sua grande preocupação era salvar aquela vida em particular.

Terça-feira de manhã, Ryan dormiu mais do que o costume, levantando-se um pouco depois das oito, pensando que deveria reservar energias para o dia seguinte. Iria, sem dúvida, precisar delas.

Sharp e o resto da equipa já estavam a pé.

— Há alguma novidade? — perguntou Jack ao entrar na sala de jantar.

— Já temos os rádios — informou Sharp. Com efeito, havia um diante de cada lugar à mesa. — São excelentes, da mesma qualidade daqueles que o seu Serviço Secreto usa, e da mesma marca, *Motorola*. São novos e estão encriptados. Têm microfones de lapela e auriculares.

Ryan olhou para o seu. O auricular era de plástico transparente, encaracolado como um fio de telefone e quase invisível. Isso eram boas notícias.

— Baterias?

— Novinhas e duas sobresselentes para cada aparelho. É bom saber que Sua Majestade é bem vigiada.

— Pois bem, ninguém nos pode escutar e nós podemos trocar informação — disse Ryan. Eram mais boas notícias para contrabalançar todas as que eram más. — Quais são os planos para hoje?

— Vamos outra vez até à praça, fazemos outro exame do local e oxalá possamos dar de caras com o nosso amigo Strokov.

— E se o encontrarmos? — inquiriu Ryan.

— Seguimo-lo até ao sítio onde está hospedado e tentamos ver se existe uma maneira de podermos falar com ele esta noite.

— Se chegarmos até aí, falamos simplesmente com ele?

— Que acha, Sir John? — respondeu Sharp, com um olhar frio.

Está mesmo disposto a ir tão longe, Senhor Sharp?, não perguntou Jack. Bem, aquele sacana era um assassino que já ceifara várias vidas e, por mais civilizados que os britânicos fossem, com as suas boas maneiras de hospitalidade de fama mundial, sabiam como fazer as coisas e, ainda que Jack não estivesse inteiramente seguro de que poderia ir até às últimas consequências, aqueles fulanos talvez não tivessem as suas inibições. Ryan calculou que poderia viver com isso, desde que não fosse ele a disparar o gatilho. Para além do mais, talvez lhe dessem primeiro uma hipótese de mudar de país. Era melhor um desertor falador do que um cadáver silencioso.

— E será que isso iria revelar alguma coisa?

Sharp abanou a cabeça.

— Não, ele é o tipo que matou o Georgiy Markov. Poderemos sempre dizer que se trata de um caso de fazer justiça, em nome de Sua Majestade, sobre alguém que bem o merecia.

— Em Inglaterra não aprovamos os assassínios, Jack — avisou John Sparrow. — Mas de facto seria um prazer poder pô-lo num tribunal a responder pelo que fez.

— Muito bem. — Ryan também poderia lidar com isso, tinha a certeza de que o seu pai iria aprovar.

Oh, sem dúvida.

Durante o resto do dia, todos fingiram ser turistas enquanto testavam os rádios. Na verdade, estes funcionavam dentro e fora da basílica e, melhor ainda, de dentro para fora da enorme estrutura em pedra. Cada homem usaria o seu nome verdadeiro para ser identificado. Fazia mais sentido do que estar a arranjar números e nomes de código que todos eles tivessem de memorizar, mais um fator de confusão de que eles não iriam necessitar se as coisas dessem para o torto. Durante todo esse tempo, olharam em volta em busca do rosto de Boris Strokov, à espera de um milagre, e relembrando-se de que os milagres aconteciam por vezes. As pessoas ganhavam mesmo a lotaria, também tinham uma em Itália e apostas de futebol todas as semanas, de modo que *era* possível, só que muito mais raro e, nesse dia, não aconteceu.

Nem eles encontraram um lugar melhor ou mais apropriado para alvejar um homem num veículo lento. Parecia-lhe que a primeira impressão de Ryan acerca

das realidades táticas do lugar estava correta. Isso fez com que Jack se sentisse bem, até se dar conta de que caso fizesse um mau trabalho a culpa seria sua e não deles.

— Não sei se está a ver — disse Ryan a Mick King (Sharp tornara-se o subchefe de missão para o embaixador britânico) —, mas mais de metade da multidão irá estar ali no meio.

— Resulta bem para nós, Jack. Só um louco tentaria disparar um tiro a partir daí, a não ser que planeie ter o Scotty a trazê-lo pelo ar até à nave espacial *Enterprise*.

— Sem dúvida — concordou Jack. — E se estiver algures lá dentro e alvejar o papa enquanto este se dirige para o carro?

— Isso é possível — concordou Mick. — Mas também quereria dizer que o Strokov, ou alguém sob o seu controlo, já se encontra dentro da administração papal (a criadagem, ou lá como lhe chamam), estando assim livre para proceder ao assassinato sempre que o desejar. No entanto, creio que infiltrar uma organização desta natureza seria difícil. Exigiria assumir um disfarce psicológico que não seria fácil de manter durante um longo período de tempo. Não. — Ele abanou a cabeça. — Eu poria de parte essa possibilidade.

— Espero que tenha razão, meu amigo.

— Também eu, Jack.

Todos saíram por volta das quatro, cada um deles apanhando um táxi diferente para os quarteirões junto da Embaixada Britânica e indo a pé o resto do caminho.

O jantar nessa noite foi sossegado. Cada um deles tinha as suas próprias preocupações e todos esperavam que, fosse o que fosse que o coronel Strokov do Dirjavna Sugurnost estivesse a pensar, tal evento não ocorresse nessa semana e todos pudessem regressar a Londres, ao fim da tarde do dia seguinte, com o benefício da sua experiência. Uma coisa Ryan aprendera: apesar de serem espiões no terreno com experiência, os outros não estavam mais confortáveis acerca daquela missão do que ele. Era bom não se sentir sozinho na sua inquietação. Ou será que se tratava apenas de *Schadenfreude*[47]? Que diabo, seria assim que se teriam sentido na noite antes do Dia D? Não, não existia um Exército alemão à sua espera. O trabalho deles era prevenir um possível homicídio e o perigo nem sequer os atingia. Atingia outra pessoa que, ou não sabia, ou não se importava com o perigo que corria, de modo que eles tinham

assumido a responsabilidade pela sua vida. Mick King definira bem as coisas com base nas suas impressões do dia anterior. Era uma porcaria de uma missão.

— Mais material do *Coelho* — informou Moore durante a reunião do fim de tarde.

— De que se trata?

— O Basil diz que há um agente bem infiltrado no Ministério dos Negócios Estrangeiros, e o *Coelho* deu-lhe informação suficiente para podermos limitar a nossa busca a quatro indivíduos potenciais. O MI-5 já está a investigá-los. E também lhes deu mais dados acerca desse tal CASSIUS que aqui está. Ele trabalha para eles já há dez anos. Trata-se definitivamente de um assessor superior de um senador no Comité de Informação, talvez um conselheiro político. De modo que deve ser alguém que foi informado e que está na posse desses dados. Isso limita a nossa escolha a oito pessoas do Gabinete que deverão ser investigadas.

— Que lhes está ele a dar, Arthur? — perguntou Greer.

— Parece que tudo o que dizemos no Capitólio, acerca das operações do KGB, é comunicado à praça Dzerjinskiy em menos de uma semana.

— Quero que apanhem esse filho da puta! — exclamou Ritter. — Se isso for verdade, significa que perdemos agentes por causa dele. — E Bob Ritter, por mais defeitos que tivesse, olhava pelos seus agentes como uma mãe ursa pelas crias.

— Bem, ele já anda a fazer isto há tanto tempo que já se sente muito confortável com o seu domínio do terreno.

— Também nos informou de um fulano da Marinha, um tal NEPTUNO, não era? — relembrou Greer.

— Não há aí nada de novo, mas não poderemos deixar de lho perguntar. Isso poderá ser qualquer um. Será que a Marinha é muito cuidadosa com o seu material de criptografia?

Greer encolheu os ombros.

— Qualquer navio tem pessoal de comunicações, oficiais menores e um oficial de comunicações comissionado. Eles têm de destruir as folhas de configuração e os circuitos impressos diariamente, e atirá-los borda fora, algo que não envolve apenas um indivíduo. Supostamente, têm de ser dois a fazê-lo.

E têm todos autorização para isso.

— Mas só as pessoas autorizadas nos podem lixar — recordou-lhes Ritter.

— Só as pessoas a quem confiamos o nosso dinheiro nos podem roubar — observou o juiz Moore. Ele vira suficientes casos desse género. — É esse o problema. Imaginem como é que o Ivan se irá sentir se descobrir acerca do *Coelho*.

— Isso — disse Ritter — é diferente.

— Muito bem, Bob — reagiu o diretor-geral de Informação, com uma gargalhada. — A minha mulher diz-me isso o tempo todo. Deve ser o grito de guerra das mulheres em todo o mundo… *isso é diferente*. O outro lado também pensa ser as forças da Verdade e da Beleza, lembras-te?

— Sim, só que nós vamos dar-lhes uma tareia.

Era bom ver aquela confiança, especialmente num indivíduo como Bob Ritter, pensou Moore.

— Ainda está a pensar em A MÁSCARA DA MORTE VERMELHA?

— Estou a juntar umas ideias. Dê-me umas semanas.

— Parece-me bem.

Era apenas uma da manhã em Washington quando Ryan acordou segundo as horas italianas. O duche ajudou-o a despertar e barbear-se pôs-lhe o rosto suave. Às sete e meia já estava a descer para ir tomar o pequeno-almoço. A Senhora Sharp arranjou o café à moda italiana, o que, surpreendentemente, sabia como se alguém tivesse despejado um cinzeiro no pote. Os ovos e o *bacon* inglês eram ótimos, tal como as torradas com manteiga. Alguém decidira que os homens precisavam de barrigas cheias antes de entrarem em ação. Era uma pena que os britânicos não estivessem familiarizados com as batatas *hash brown*,[48] o mais reconfortante e pesado dos pequenos almoços.

— Todos prontos? — perguntou Sharp, que acabara de entrar.

— Creio que o teremos de estar. E o resto do pessoal?

— Reunimo-nos em frente da basílica dentro de trinta e cinco minutos. — E, de onde se encontravam, era apenas uma viagem de cinco minutos de carro. — Aqui está uma amiga para levar consigo — disse, passando-lhe uma pistola.

Jack pegou nela e retirou-lhe o carregador que, felizmente, não tinha balas.

— Também devem precisar disto. — Sharp passou-lhe dois cartuchos

carregados de balas. Como seria de esperar eram balas de aço com revestimento de metal que atravessariam logo o alvo, fazendo apenas um buraco de nove milímetros à entrada e à saída. Mas os europeus pensavam que isso era para caçar elefantes. *Sim, está-se a ver*, considerou Jack, desejando ter uma *Colt* de calibre 45 M1911A1, que era muito mais apropriada para pôr um homem por terra e deixá-lo aí até a ambulância chegar. Mas ele nunca dominara a grande *Colt*, embora a tivesse usado esporadicamente. Era com uma espingarda que Ryan se sentia mais à vontade, mas qualquer um podia disparar uma espingarda. Sharp não lhe dera um coldre. A *Browning Hi-Power* teria de ir entalada no cinto e ele teria de manter o casaco abotoado para a ocultar. A coisa desagradável acerca de levar uma pistola era que elas eram objetos muito pesados e, sem o coldre próprio, teria de estar sempre a ajustá-la ao cinto, para se certificar de que não caía ou lhe deslizava pelas calças. Não, aquilo não estava bem. Também lhe iria provocar uma dor nos intestinos quando se sentasse, mas hoje isso talvez não acontecesse. A carga extra foi posta no bolso do casaco. Retirou a carga vazia da arma e colocou a que tinha balas, depois travou-a. A pistola estava agora carregada e pronta a ser disparada. Refletindo melhor, deixou cair o cão. Um ponto de segurança poderia ser suficiente, mas Ryan fora treinado para não confiar neles. Para disparar a arma teria de se lembrar de engatilhar o cão, algo que ele felizmente se esquecera de ter feito com Sean Miller. Mas, dessa vez, se o pior acontecesse, não o iria fazer.

— É já tempo de começarmos a dançar? — perguntou Jack a Sharp.

— Isso quer dizer que temos de avançar? — perguntou o chefe de posto em Roma. — Eu tinha ideia de lho perguntar da última vez que o ouvi dizer isso.

— Sim, é uma coisa que costumamos dizer na América.

— E o seu rádio — apontou Sharp. — Pode prendê-lo no topo do bolso da carteira. Tem um botão para ligar e desligar — disse ele, fazendo uma demonstração —, terá de pôr o auricular no ouvido e o microfone no colarinho. É um aparelho muito interessante, não acha?

— Muito bem. — Ryan arranjou tudo devidamente, mas deixou o rádio desligado. Colocou as baterias sobresselentes no bolso esquerdo do casaco. Não estava à espera de precisar delas, mas era sempre melhor prevenirmo-nos. Ele foi mais uma vez à procura do botão de ligar e desligar para o experimentar melhor. — Qual é o alcance destes rádios?

— Cerca de cinco quilómetros, segundo o que diz o manual. Mais do que nós precisamos. Está pronto?

— Sim. — Jack levantou-se, encaixou a pistola no lado esquerdo do cinto, e seguiu Sharp quando este saiu para o carro.

O tráfego estava agradavelmente calmo nessa manhã. Os condutores italianos, pelo que ele vira até agora, não eram os maníacos furiosos sobre os quais o tinham avisado. De facto, as pessoas que até então ali estavam eram indivíduos que guiavam sobriamente a caminho dos seus empregos, fossem estes numa imobiliária ou num armazém. Uma das coisas difíceis para um turista se lembrar era que uma cidade era apenas outra cidade, não um parque temático que ali estava para o seu divertimento.

E, decerto, Roma não estava ali nessa manhã para o que quer que fosse que se parecesse com isso, pois não?, interrogou-se Jack, friamente.

Sharp estacionou o seu *Bentley* oficial no local onde estavam à espera que Strokov também estacionasse. Havia outros já nesse sítio, pessoas que trabalhavam numas quantas lojas, ou talvez compradores mais previdentes que quisessem fazer as compras antes do caos regularmente agendado das quartas-feiras.

— Muito bem — disse ele para o microfone de lapela. — Aqui Ryan, quem mais está na rede?

— Sparrow no lugar por cima das arcadas — respondeu uma voz de imediato.

— King no seu lugar.

— Ray Stones no seu lugar.

— Parker, no local — anunciou Phil Parker desde uma rua lateral, um dos últimos a chegar de Londres.

— Tom Sharp na companhia de Ryan. Iremos fazer uma verificação por rádio a cada quinze minutos. Relatem de imediato, caso vejam a mais pequena coisa que possa interessar. — Voltou-se então para Ryan. — Isto está feito.

— Pois. — Ele olhou para o relógio. Tinham ainda muitas horas pela frente, antes de o papa aparecer. Que poderia este estar a fazer, entretanto? Diziam que se levantava muito cedo. Sem dúvida, a primeira coisa mais importante a fazer pela manhã era dizer missa, como qualquer padre católico no mundo, e essa era talvez também a parte mais importante da sua rotina matinal, algo que lhe recordava quem ele era, um padre dedicado ao serviço de Deus, uma realidade

que ele conhecera e celebrara, na sua própria mente, através da opressão nazi e comunista, durante cerca de quarenta anos, servindo o seu rebanho. Mas agora esse seu rebanho, a sua paróquia, estendia-se por todo o mundo, tal como a sua responsabilidade para com ela.

Jack lembrou-se dos tempos em que estivera no Corpo de Fuzileiros. A atravessar o Atlântico no navio para a aterragem de helicópteros, a caminho, sem que o soubesse, de um desastre com um desses helicópteros, no domingo em que tinham tido serviços religiosos e, nesse mesmo momento, tinham hasteado a bandeira da igreja que voava então por cima da insígnia nacional. Era a maneira como a Marinha americana reconhecia que havia *uma lealdade* mais alta do que aquela que um homem tinha em relação ao seu país. Essa lealdade era para com Deus, o único poder mais alto do que o dos EUA, e o seu país reconhecia-o. Jack podia senti-lo nesse preciso momento ao transportar consigo uma pistola. Poderia sentir esse facto como um peso físico em cima dos ombros. Havia pessoas que queriam ver o papa, o vigário de Deus, morto. E isso era de súbito para ele uma grande ofensa. O pior bandido de rua não atacava um padre, um pastor protestante ou um rabi, porque poderia haver mesmo um Deus lá em cima, e não conviria prejudicar o Seu representante pessoal entre os povos. Por essa mesma razão, não iria ficar Deus muito mais aborrecido perante o assassínio do seu representante número um no planeta Terra?

O papa era um homem que talvez nunca tivesse agredido um único ser humano na sua vida. A Igreja Católica não era uma instituição perfeita, nada que tivesse meras pessoas no seu seio o poderia alguma vez ser. Porém, era fundada na fé num Deus Todo-Poderoso, e as suas normas raramente se afastavam, se é que alguma vez o faziam, do amor e da caridade.

Contudo, essas doutrinas eram vistas como uma ameaça pela União Soviética. Que melhor prova de quem eram os bandidos do mundo? Ryan jurara, como fuzileiro, combater os inimigos do seu país. Mas, aqui e agora, jurava combater os inimigos de Deus. O KGB não reconhecia qualquer poder acima do que tinha o Partido que servia. E, ao proclamá-lo, definia-se como sendo o inimigo de toda a humanidade, pois não seria esta feita à imagem de Deus? Não à imagem de Estaline ou Lenine, mas de Deus.

Bem, ele tinha uma pistola desenhada por John Moses Browning, um americano, talvez um mórmon (Browning viera do Utah, mas Jack não tinha

informação acerca da sua denominação religiosa), para que se pudesse encarregar disso.

O tempo passava devagar para Ryan. Olhar repetidamente para o relógio não ajudava. As pessoas iam chegando progressivamente. Não em grandes números, mas como uma multidão que viesse para um jogo de beisebol, com gente a chegar sozinha, em pares ou em pequenos grupos familiares. Muitas crianças, algumas ao colo das mães, outras pelas mãos de freiras (certamente excursões escolares) para ver o Sumo Pontífice. Este último termo também tinha uma origem latina, que, com uma claridade assinalável, comparava um padre com o pontífice, uma ponte entre um homem e algo maior do que um homem.

Vigário de Cristo na Terra era o que ocorria repetidas vezes a Jack. Meu Deus, aquele cabrão do Strokov seria capaz de matar o próprio Cristo. Um novo Pôncio Pilatos (se não ele mesmo um opressor, decerto um representante dos opressores) viria ali para cuspir no rosto de Deus. Não que ele pudesse atingir Deus, é claro. Ninguém era tão grande, mas, ao atacar uma das instituições de Deus e o Seu representante pessoal, tal já seria suficientemente mau. Deus deveria punir essas pessoas a Seu tempo… e talvez Deus tivesse escolhido os Seus instrumentos para tratarem disso por Ele… talvez até ex-fuzileiros dos Estados Unidos da América.

Meio-dia. Iria ser um dia quente. Como teria sido viver ali no tempo dos antigos romanos sem ar condicionado? Ora, eles não teriam conhecido a diferença e o corpo adaptava-se ao meio ambiente. Era algo que residia na medula, explicara-lhe Cathy um dia. Teria sido bem mais confortável ter tirado o casaco, mas não com uma pistola entalada no cinto… Viam-se vendedores de rua, a venderem bebidas frescas e gelados. *Como os vendilhões do Templo?*, refletiu Jack. *Talvez não, os padres que ali estavam não os tentavam afastar. Hum, seria essa uma boa maneira para o bandido se aproximar com a sua arma?*, pensou, de súbito. Mas eles estavam a uma boa distância e era tarde de mais para se preocupar com isso, para além do mais, nenhum desses vendedores se assemelhava aos rostos que ele podia ver nas fotografias que tinha. Jack tinha, na mão esquerda, um retrato pequeno do rosto de Strokov, para o qual olhava, mais ou menos, a cada minuto. Era óbvio que o sacana poderia vir disfarçado. Seria estúpido se o não fizesse e ele, provavelmente, não era estúpido. Não nesse ramo de atuação. Os disfarces não cobriam tudo. Cor e comprimento do cabelo,

talvez. Mas não a altura. Seria preciso uma cirurgia radical para o conseguir. Podíamos fazer com que um indivíduo parecesse mais gordo, mas não mais magro. Barba? *Muito bem, teria de procurar um tipo com uma barba ou um bigode*. Ryan voltou-se e examinou a área. Não, nada de óbvio, de qualquer modo.

Faltava ainda meia hora. A multidão era agora mais densa, com pessoas a falar mais de uma dezena de línguas. Podia ver turistas e fiéis de muitas terras. Cabeças louras da Escandinávia, negros africanos, asiáticos. Alguns obviamente americanos… mas nenhuns obviamente búlgaros. A que seria que estes se pareciam? Este novo problema era que a Igreja Católica era universal e isso pressupunha pessoas com todos os aspetos físicos. Toda uma série de possíveis disfarces.

— Sparrow, aqui Ryan. Vê alguma coisa suspeita? — perguntou Ryan à sua lapela.

— Negativo — respondeu-lhe a voz no ouvido. — Estou a olhar para a multidão à sua volta. Nada a relatar.

— Mensagem recebida — respondeu Jack.

— Se ele estiver aqui deve ser invisível — disse Sharp, de pé junto de Ryan. Estavam a oito ou a nove metros das barreiras de aço que ali tinham sido postas para a visita semanal do papa. Pareciam pesadas. *Dois ou quatro homens para as porem numa camioneta?*, refletiu Jack. Descobriu que a mente se tornava mais errática em alturas como essa e tinha de se proteger contra esse facto. *Continua a examinar a multidão*, disse a si mesmo.

Há muitas malditas caras!, respondeu-lhe zangadamente a consciência. *E, assim que o cabrão entrar no recinto irá desviar os olhos*.

— Tom, e se avançássemos e começássemos a andar ao longo da vedação?

— Boa ideia — concordou logo Sharp.

A multidão era difícil de monitorizar, mas não impossível de entrar no seu meio. Ryan olhou para o relógio. Um quarto de hora. As pessoas estavam agora a amontoar-se contra as barreiras, querendo aproximar-se mais. Havia uma crença medieval de que o mero toque da mão de um rei poderia curar os enfermos e trazer boa sorte, e era óbvio que essa crença permanecera, e não seria tanto mais verdadeira quanto o homem em questão era o Sumo Pontífice? Algumas das pessoas que ali estavam eram vítimas de cancro, suplicando a Deus

por um milagre. Talvez alguns tivessem acontecido. Os médicos chamavam-lhes remissões espontâneas e atribuíam-nas a processos biológicos que eles ainda não compreendiam. Mas talvez fossem mesmo milagres, para os beneficiários eram isso precisamente. Era mais uma coisa que Ryan não conseguia perceber.

As pessoas estavam a inclinar-se para a frente, as cabeças voltavam-se para olhar para a igreja.

— Sharp/Ryan, Sparrow. Possível alvo a seis metros à vossa esquerda, de pé, a três fileiras atrás da barreira. Casaco azul. — O auricular de Jack começou a fazer ruído. Ele começou a andar nessa direção sem esperar por Sharp. Era difícil abrir caminho através da multidão, e não se tratava de um desastre no metro de Nova Iorque. Ninguém se voltou para praguejar contra ele. Ryan olhou em frente.

Sim… mesmo ali. Voltou-se para olhar para Sharp e bateu duas vezes no nariz.

— O Ryan está perto do alvo — disse ele para a lapela. — Oriente-me até lá, John.

— Para a frente três metros, Jack, mesmo à esquerda da mulher de aspeto italiano no vestido castanho. O nosso amigo tem cabelo castanho claro. Está a olhar para a sua esquerda.

Bingo, pensou Jack, numa celebração silenciosa. Demorou mais dois minutos e ele estava mesmo atrás desse sacana. *Olá, coronel Strokov*.

Escondido entre a multidão, Jack desabotoou o casaco. O homem estava mais para trás do que ele pensava, caso contrário tê-lo-ia abordado. O seu campo para disparar estava limitado pelas pessoas à sua volta, mas a mulher, mesmo em frente dele, era suficientemente baixa para que Jack pudesse pegar na arma e atirar por cima dela, e o campo de visão da mesma era bastante restrito.

Muito bem, Boris Andreyevitch, se queres brincar, este jogo irá surpreender-te bastante. Se o Exército ou a Marinha tiverem uma visão aérea, irão ver que as ruas estão a ser guardadas pelos fuzileiros dos EUA, meu sacana.

Tom Sharp arriscou-se a deslizar pela multidão em frente a Strokov, passando por ele, à medida que avançava. Já do outro lado, voltou-se na direção de Ryan e ergueu o punho para o céu. Strokov estava armado.

O ruído da multidão começou a aumentar e as várias línguas misturaram-se num cicio de ruído que, de súbito, cessou. Uma porta de bronze abrira-se fora do

ângulo de visão de Ryan.

Sharp estava a cerca de um metro, apenas com uma pessoa (um rapaz adolescente) entre ele e Strokov… Era agora fácil fazer um movimento rápido e pôr as mãos nesse homem.

Em seguida, irromperam os gritos. Ryan desviou-se um pouco e retirou a pistola, destravando-a e pondo-a pronta a disparar. Tinha os olhos cravados em Strokov.

— King, o papa está a vir agora! Veículo à vista.

Mas Ryan não podia responder. Nem sequer podia ver o papamóvel.

— Sparrow, estou a vê-lo. Ryan/Sharp, ele irá entrar no vosso campo de visão dentro de alguns segundos.

Incapaz de dizer uma palavra, incapaz de ver a aproximação de Sua Santidade, Ryan tinha os olhos cravados nos ombros do seu alvo. Esse fulano não podia mover um braço sem os mover também e, quando o fizesse…

Alvejar um homem pelas costas é um assassínio, Jack…

Na sua visão periférica, Jack viu o lado esquerdo da parte da frente do papamóvel branco a percorrer lentamente o caminho da esquerda para a direita. O homem em frente dele estava a olhar nessa direção… mas não bem… porquê?

Contudo, o ombro direito desse homem moveu-se ligeiramente… No fundo do campo de visão de Ryan, o seu cotovelo direito tornou-se visível, o que queria dizer que o seu antebraço estava agora paralelo ao chão.

E, em seguida, o seu pé direito recuou, ligeiramente. O homem estava a preparar-se para…

Ryan pressionou-lhe o cano da pistola na base da espinha. Podia sentir as vértebras da mesma na ponta do cano da *Browning*. Jack reparou que ele recuara a cabeça, apenas alguns milímetros. Ryan inclinou-se para a frente e murmurou-lhe ao ouvido:

— Se a pistola que tem na mão disparar, irá mijar o resto da sua vida numa fralda. Agora, devagarinho, com as pontas dos dedos, passe-ma, ou dou-lhe um tiro aqui mesmo.

Missão cumprida, anunciou o cérebro de Ryan. *Este cabrão não vai matar ninguém. Vá, resiste se quiseres. Ninguém é assim tão rápido*. Tinha o dedo tão tenso no gatilho que, se Strokov se tivesse virado bruscamente, a pistola teria disparado por si mesma, partindo-lhe a espinha para todo o sempre.

O homem hesitou e, decerto, a sua mente estava a girar à velocidade da luz, revendo várias opções. Havia exercícios sobre o que fazer quando alguém tinha uma pistola contra as nossas costas, e ele até os praticara na sua academia, mas aí, nesse momento, vinte minutos mais tarde, com uma pistola verdadeira contra a espinha, essas lições com pistolas de brincar pareciam-lhe muito distantes e será que ele poderia afastá-la suficientemente depressa para evitar que a mesma lhe destruísse um rim? Talvez não. De modo que a mão direita se dirigiu para trás das costas tal como lhe fora pedido…

Ryan deu um salto ao ouvir um, dois, três tiros de pistola, a menos de quatro metros de distância. Era o género de momento em que o mundo cessa de girar, em que o coração e os pulmões param de funcionar, e cada mente tem um instante de total claridade. Os olhos de Jack voltaram-se para esse som. Ali estava o Santo Padre e, na sua sotaina da cor da neve, havia uma mancha vermelha no peito, do tamanho de uma moeda de cinquenta cêntimos, e, no seu rosto bem-parecido, um choque de algo demasiado rápido para que ele pudesse sentir dor, mas o corpo já lhe começava a colapsar, inclinando-se e voltando-se para a esquerda, vergando-se sobre si mesmo, à medida que ele começava a cair.

Não pressionar o gatilho exigiu toda a disciplina de Ryan . A sua mão esquerda retirou a pistola da direita do sujeito.

— Fique quieto, seu filho da puta. Não dê um passo, não se volte, não faça nada. Tom! — chamou ele, em voz alta.

— Sparrow, eles apanharam-no. Apanharam o atirador. Está estendido no chão, deve haver dez pessoas em cima dele. O papa foi baleado duas, talvez três vezes.

A reação da multidão foi quase binária na sua natureza. Os que estavam mais perto do atirador saltaram para cima dele, como gatos em cima de um único rato sem sorte, e, fosse quem fosse o atirador, era agora invisível sob um amontoado de turistas, talvez a três metros de onde se encontravam Ryan, Sharp e Strokov. As pessoas que estavam ao pé de Ryan começaram a desviar-se, com efeito, muito lentamente…

— Jack, vamos retirar o nosso amigo daqui, não acha? — E os três homens foram até ao arco de fuga, tal como Ryan pensara nele.

— Sharp para todos. Temos o Strokov connosco. Deixem a área separadamente e encontrem-nos na embaixada.

Um minuto mais tarde, estavam no *Bentley* oficial de Sharp. Ryan foi para a parte de trás com o búlgaro.

Strokov estava agora a sentir-se melhor acerca do que se passara.

— Mas que é isto? Sou membro da Embaixada da Bulgária e…

— Iremos lembrar-nos que nos disse isso, meu velho. Para já é um convidado do governo de Sua Majestade britânica. Vá lá, porte-se bem e sente-se quietinho, caso contrário, o meu amigo dá-lhe um tiro.

— Ora aqui temos uma ferramenta interessante de diplomacia. — Ryan levantou a pistola que retirara a Strokov, construída no Bloco de Leste com um estranho silenciador em forma de lata, aparafusado na ponta do cano. Era óbvio que ele estava a planear alvejar alguém.

Mas quem? De súbito, Ryan já não o sabia.

— Tom?

— Sim, Jack?

— Algo estava mais errado do que pensávamos.

— Creio que tem razão — concordou Sharp. — Mas temos alguém capaz de clarificar tudo isso para nós.

A viagem até à embaixada ilustrou o que fora para Ryan um talento escondido. O *Bentley* tinha um motor extremamente poderoso e Sharp sabia usá-lo, explodindo para fora do Vaticano como um eliminador de combustível de arrancada. O carro parou com um guincho de pneus no pequeno parque de estacionamento junto à embaixada, e os três entraram por uma porta lateral e daí para a cave. Com a cobertura de Ryan, Sharp algemou o búlgaro e sentou-o numa cadeira de madeira.

— Coronel Strokov, terá de responder pelo Georgiy Markov — disse-lhe Sharp. — Já há vários anos que andamos a tentar detê-lo.

Os olhos de Strokov arregalaram-se muito. Tão rápido quanto o *Bentley* avançara, a mente de Sharp era ainda mais rápida.

— Que querem dizer?

— Queremos dizer que temos as fotografias de si a sair através do aeroporto de Heathrow, após ter assassinado o nosso bom amigo na ponte de Westminster. A Scotland Yard andava a persegui-lo, mas você conseguiu escapar minutos antes de termos obtido a ordem para o podermos prender. Irá constatar que somos menos civilizados do que a Yard, coronel. Você assassinou um homem em

solo britânico. Sua Majestade, a rainha, não aprova esse tipo de comportamento, coronel.

— Mas…

— Porque nos estamos a dar ao trabalho de falar com este sacana, Tom? — inquiriu Ryan, entrando na conversa. — Temos as nossas ordens, não temos?

— Paciência, Jack, paciência. Ele agora não vai a lado nenhum, pois não?

— Quero um telefone para poder telefonar para a minha embaixada — pediu Strokov, com uma voz sumida, segundo o que pareceu a Ryan.

— A seguir, até pode querer um advogado — observou Sharp, com humor. — Bem, em Londres pode ter a assistência de um solicitador, mas não estamos *em* Londres, pois não, seu bandido?

— E não somos a Scotland Yard — acrescentou Jack, sobrepondo-se a Sharp. — Deveria tê-lo eliminado na igreja, Tom.

Sharp abanou a cabeça.

— Faria muito barulho. É melhor que o deixemos… desaparecer, Jack. Creio que o Georgiy iria perceber.

Tornava-se óbvio, pelo rosto de Strokov, que ele não estava habituado a ter homens a discutirem o seu destino do modo como ele determinara tantas vezes o destino de outros. Era mais fácil ser forte, estava agora a dar-se conta, quando era ele o indivíduo com a pistola na mão.

— Bem, eu não ia matá-lo, Tom, apenas cortar-lhe a espinha por baixo da cintura. Não sei se está a ver, pô-lo numa cadeira de rodas para o resto da vida, torná-lo tão incontinente como um bebé. Que lealdade supõe que o governo da Bulgária tenha para com ele?

Sharp quase se engasgou só de pensar nisso.

— Leal, o Dirjavna Sugurnost? Não tenha ilusões, Jack, volte à realidade. Eles apenas o poriam num hospital, talvez numa instituição psiquiátrica, onde lhe limpariam o cu uma ou duas vezes por dia, se ele tivesse essa sorte.

Esta última observação afetou-o bastante, segundo Ryan pôde verificar. Nenhum dos serviços do Bloco de Leste era dado à lealdade para os que estavam mais abaixo, mesmo para com aqueles que se tinham mostrado leais para com os seus superiores. E Strokov sabia-o. Não, logo que se tivesse dado cabo de uma operação ficava-se numa situação bem terrível, e os amigos evaporavam-se como a névoa da manhã e, de qualquer modo, Ryan estava quase certo de que

Strokov não teria assim tantos amigos. Mesmo no seu próprio serviço, ele fora como um cão de fila; valioso, talvez, mas sem ser amado ou merecer a confiança dos colegas.

— De qualquer maneira, enquanto eu e o Boris discutimos o futuro, o Ryan tem de ir apanhar um avião — disse-lhe Sharp. Jack estava a perder a capacidade de improvisar mais comentários. — Deem os meus cumprimentos a Sir Basil, se não se importam.

— Pode contar com isso, Tommy. — Ryan saiu da sala e respirou fundo. Mick King e o resto do pessoal estavam à espera dele. Alguém, na residência oficial de Sharp, tinha-lhe feito as malas, e havia um miniautocarro da embaixada para os levar para o aeroporto. Lá, um *Boeing* 737 da British Airways esperava-os, e eles apanharam-no mesmo a tempo, todos com bilhetes de primeira classe. Ryan ficou sentado ao lado de King durante o voo.

— Que diabo — perguntou Jack — iremos nós fazer com ele?

— Com o Strokov? Boa pergunta — retorquiu Mick. — Tem a certeza de que quer saber a resposta?

---

[44] Comandante de cavalaria no Exército do Norte durante a Guerra Civil americana. *(N. do T.)*

[45] Um dos fundadores da máfia americana. *(N. do T.)*

[46] Guardas da Torre de Londres. *(N. do T.)*

[47] Palavra alemã que significa alegria perante um dano. *(N. do T.)*

[48] Batatas raladas e fritas em jeito de tortilha espanhola. *(N. do T.)*

CAPÍTULO 32

BAILE DE MÁSCARAS

Durante o voo de duas horas até Heathrow, Ryan bebeu três miniaturas de *whisky* de malte, talvez porque fosse a bebida mais forte que tinham. De qualquer modo, o seu medo de voar foi atirado para trás das costas. Ajudou-o o facto de o voo ser calmo, como se o avião ainda estivesse no solo, mas Ryan também tinha a cabeça repleta de outros pensamentos.

— Que é que não funcionou, Mick? — perguntou Ryan, enquanto sobrevoavam os Alpes.

— O facto de o nosso amigo Strokov não estar a planear cometer o assassínio. Ele arranjou outra pessoa para disparar os tiros.

— Então, por que motivo tinha ele uma pistola com um silenciador?

— Quer que lhe dê um palpite? Aposto em como ele estava à espera de matar o próprio assassino e depois misturar-se na multidão, antes de se escapar. Não poderemos ler a mente de toda a gente, Jack — acrescentou King.

— Assim sendo, falhámos.

— Talvez, depende de onde as balas acertaram. O John disse que o corpo do papa fora alvo de um disparo, outro talvez na mão ou no braço, e ainda um outro que se deveria ter perdido, ou que, na pior das hipóteses, era um ataque periférico. De modo que o facto de o homem sobreviver, ou não, depende do cirurgião que neste momento o estiver a operar. — King encolheu os ombros. — Já está fora das nossas mãos, meu amigo.

— Porra — disse Ryan, entre dentes.

— Será que fez o seu melhor, Sir John?

Isso fez com que ele voltasse imediatamente a cabeça.

— Sim, quero dizer, todos nós o fizemos.

— E isso é tudo o que um homem pode fazer, não é? Jack, eu estou no terreno há quanto tempo? Há doze anos. Por vezes, as coisas funcionam tal como as planeámos, outras não. Dada a informação que tínhamos e as pessoas de que dispúnhamos, não estou a ver como poderíamos ter feito melhor. O senhor é um analista, não é?

— Pois sou.

— Bem, para quem está habituado a estar sentado a uma secretária, não se saiu nada mal, e agora ficou a saber bastante mais acerca de operações no terreno. Não existem garantias neste ramo de atividade. — King bebeu mais um gole da sua bebida. — Também não poderei dizer que gosto. Perdi um agente em Moscovo há dois anos. Era um jovem capitão do Exército soviético. Parecia-me ser uma pessoa decente. Era casado e tinha um filho pequeno. Eles mataram-no a tiro, é claro. Só Deus sabe o que poderá acontecer à família dele. Talvez se encontre agora num campo de trabalho, ou em alguma cidade perdida na Sibéria, tanto quanto sei. Nunca se descobrem estas coisas. São vítimas sem rosto nem nome; mas vítimas, apesar de tudo.

— O presidente está lixado — disse Moore aos seus executivos superiores, com o ouvido direito ainda a escaldar devido a uma conversa que ouvira há dez minutos.

— É assim tão mau? — perguntou Greer.

— É — confirmou o diretor-geral de Informação. — Ele quer saber quem o fez e porquê, e preferia sabê-lo antes de ir almoçar.

— Isso não é possível — disse Ritter.

— Está ali o telefone, Bob. Liga-lhe e diz-lhe isso mesmo — sugeriu o juiz. Nenhum deles vira alguma vez o presidente zangado. Era, sobretudo algo que as pessoas tentavam evitar.

— Segundo parece, o Jack tinha razão? — disse Greer.

— Ele poderia ter feito uma boa previsão, mas isso também não impediu que a coisa acontecesse — observou Ritter.

— Pois bem, ora aí tens alguma coisa que lhe poderás dizer, Arthur — sugeriu Greer, com uma pequena esperança na voz.

— Talvez. Será que os médicos italianos são bons?

— Que sabemos nós? — inquiriu Greer. — Será que sabemos alguma coisa?

— Um ferimento de bala grave no peito. O presidente irá poder identificar-se com isso — ponderou Moore, em voz alta. — Mais dois ferimentos, mas nada de sério.

— Então telefonem ao Charlie Weathers, em Harvard, e perguntem-lhe qual o possível prognóstico. — Era a voz de Ritter.

— O presidente já falou com os parvos dos cirurgiões no hospital Walter

Reed. Eles têm esperanças, mas não dão garantias.

— Tenho a certeza de que todos dizem «se eu estivesse a tratar do assunto, ele iria curar-se». — Greer tinha alguma experiência com os médicos militares. Os pilotos de combate eram como violetas murchas, quando comparados com os cirurgiões do campo de batalha.

— Vou telefonar ao Basil, e fazer com que o *Coelho* venha para cá assim que a Força Aérea possa arranjar um avião para o trazer. Se o Ryan estiver livre (devem estar a pô-lo numa aeronave neste momento para o trazerem de Roma, se bem conheço o Basil…), também o quero no mesmo avião.

— Porquê? — perguntou Ritter.

— Para que ele nos possa informar (talvez até mesmo o presidente) acerca da sua análise das ameaças antes do acontecimento.

— Meu Deus, Arthur. — Greer quase explodiu. — Eles informaram-nos acerca da ameaça há quatro ou cinco dias.

— Mas queríamos ser nós a entrevistar o fulano — reconheceu Moore. — Bem sei, James, bem sei.

Ryan seguiu Mick King ao saírem do avião. Ao fundo dos degraus havia alguém que teria de ser da Century House. Ryan reparou que o homem estava a olhar muito para ele.

— Doutor Ryan, não se importaria de vir comigo? Já arranjámos alguém para lhe levantar as bagagens — prometeu-lhe esse indivíduo.

— E para onde vamos agora?

— Temos um helicóptero que o irá levar até à RAF Mildenhall e…

— Uma porra é que vai! Não entro em helicópteros desde que quase morri num. É muito longe?

— Fica a uma hora e meia de carro.

— Pois bem, arranje um — ordenou Jack. — Obrigado por terem tentado, rapazes. — Sparrow King e os outros apertaram-lhe a mão. De facto todos tinham tentado, ainda que nenhum deles soubesse o resultado dos seus esforços. Em seguida, Jack começou a pensar no que Tom estaria a fazer com Strokov, e decidiu que Mick King tinha razão. Ele não queria saber.

A RAF Mildenhall fica a norte de Cambridge, a cidade onde se localiza uma das mais importantes universidades do mundo, e o condutor de Ryan estava num

outro *Jaguar*, sem se importar com os limites de velocidade nas estradas britânicas. Quando pararam junto às tropas de segurança do Regimento de Defesa Terrestre da RAF, o carro não se dirigiu para a aeronave que aí estava à espera, mas antes para um edifício baixo que parecia ser, e era, um terminal para as pessoas mais importantes. Aí um homem deu a Ryan um telex que ele demorou vinte segundos a ler e que resultou num murmurado:

— Só me faltava mais esta. — Depois, Jack encontrou um telefone e fez uma chamada para casa.

— Jack? — disse a mulher ao reconhecer-lhe a voz. — Onde diabo estás? — Ela deveria ter estado muito tensa, pois Cathy Ryan não falava geralmente desse modo.

— Estou na RAF Mildenhall. Tenho de apanhar o avião para Washington.

— Porquê?

— Deixa-me perguntar-te uma coisa, querida. Será que os médicos italianos são bons?

— Estás a referir-te ao caso… do papa?

— Pois. — Ela não podia ver o seu assentir breve com a cabeça.

— Todos os países têm bons cirurgiões… Jack, que se está a passar? Estiveste lá?

— Cathy, eu estava a cerca de dez metros, mas não te posso dizer muito mais do que isso e tu não o podes repetir a ninguém, percebeste?

— Está bem — respondeu ela, com uma ponta de frustração na voz. — Quando é que vens para casa?

— Talvez dentro de dois dias. Tenho de falar com umas pessoas na sede e depois devem mandar-me regressar para cá. Desculpa, querida, deveres profissionais. Então, será que os médicos italianos são bons?

— Sentir-me-ia melhor se ele estivesse a ser assistido pelo Jack Cammer, mas eles também têm bons médicos. Todas as grandes cidades os têm. A Universidade de Pádua é talvez a escola médica mais antiga do mundo. Os oftalmologistas deles são tão bons como os nossos no Hopkins. Para cirurgia geral devem ter alguns ótimos elementos, mas a melhor pessoa que eu conheço para isso é o Jack. — John Michael Cammer era o diretor do Departamento de Cirurgia no Hopkins, detentor da prestigiosa cátedra Halstead, e um excelente homem com o bisturi. Cathy conhecia-o bem. Jack encontrara-o uma ou duas

vezes, em angariações de fundos, e ficara impressionado com a sua conduta, mas não era médico e não podia avaliar os dotes profissionais desse indivíduo. — Na maior parte dos casos, tratar um ferimento provocado por uma bala não é muito difícil, a não ser que o fígado ou o baço tenham sido atingidos. O grande problema é a perda de sangue, Jack, como quando a Sally ficou ferida no carro quando ia comigo. Se o tiverem levado rapidamente para o hospital e o cirurgião souber o que está a fazer, tem uma boa hipótese de sobreviver, a não ser que tenha havido uma rutura do baço ou que o fígado tenha sido completamente lacerado. Vi a reportagem na televisão. O coração não foi atingido, o ângulo felizmente estava errado. Eu diria que, na melhor das hipóteses, ele irá sobreviver. Não é um homem novo, e isso não irá ajudar, mas uma boa equipa cirúrgica pode fazer milagres, caso ele lhe chegue rapidamente às mãos. — Ela não lhe disse nada acerca das variáveis da cirurgia do trauma. As balas podiam fazer ricochete contra as costelas e seguirem nas direções mais imprevisíveis. Podiam fragmentar-se e causar danos numa série de lugares diferentes. Fundamentalmente, não se podia fazer um diagnóstico, e muito menos tratar um ferimento de bala, com base em cinco segundos de uma reportagem televisiva. De modo que as hipóteses que o papa tinha de sobreviver eram melhores do que a maioria das apostas, mas muitos cavalos de quem ninguém suspeitava tinham, à última da hora, vencido o *derby* de Kentucky.

— Obrigado, querida. Talvez te possa dizer mais quando chegar a casa. Dá um abraço aos miúdos por mim.

— Pareces-me cansado — disse ela.

— É que *estou mesmo* cansado. Foram dois dias com muitos acontecimentos. — E as coisas não iriam sossegar. — Então, adeus.

— Amo-te, Jack — relembrou-o ela.

— Também te amo, querida. Obrigado por mo teres dito.

Ryan esperou mais do que uma hora pela família Zaitzev. De modo que a oferta de um helicóptero só lhe teria permitido esperar aí ainda mais tempo, era típico do Exército americano. Ryan sentou-se num sofá confortável e dormitou durante cerca de meia hora.

Os *Coelhos* chegaram de carro. Um sargento da Força Aérea dos EUA acordou Jack e apontou-lhe para o KC-135. Era, essencialmente, um *Boeing* 707 sem janelas, também equipado para dar combustível a outras aeronaves. A falta

de janelas não ajudava muito a sua má-disposição, mas ordens eram ordens, e ele subiu os degraus e encontrou uma poltrona de couro em frente da caixa da asa. O avião mal tinha levantado voo, quando Oleg se sentou no assento ao lado dele.

— Que aconteceu? — perguntou Zaitzev.

— Agarrámos o Strokov. Eu mesmo o apanhei e ele tinha uma pistola na mão — informou Ryan. — Mas havia outro atirador.

— O Strokov? Prenderam-no?

— Não o prendemos propriamente, mas ele decidiu vir comigo até à Embaixada Britânica. O Serviço Secreto tem-no agora.

— Espero que matem o *zvolotch*[49] — resmoneou Zaitzev.

Ryan não lhe respondeu, pensando se isso poderia realmente acontecer. Será que eles iriam tão longe? Ele cometera um horrível crime em solo britânico. Que diabo, mesmo à vista da Century House.

— E o papa? Irá sobreviver? — perguntou o *Coelho*. Ryan estava surpreendido com o seu grau de interesse. Talvez aquele homem fosse de facto um desertor por motivos de consciência.

— Não sei, Oleg. Telefonei à minha mulher. Ela é cirurgiã e disse-me que as hipóteses de ele sobreviver eram de cinquenta por cento.

— Isso já é alguma coisa — pensou Zaitzev, em voz alta.

— Então? — perguntou Andropov.

O coronel Rojdestvenskiy endireitou-se um pouco mais.

— Camarada diretor, sabemos muito pouco nesta altura. O homem do Strokov disparou e, tal como sabe, atingiu o alvo numa zona vital. O Strokov não o conseguiu eliminar, tal como tinha sido planeado, por razões que desconhecemos. A nossa *rezidentura* em Roma está a trabalhar afincadamente para descobrir o que aconteceu. O coronel Goderenko está encarregado disso. Iremos saber mais quando o coronel Strokov apanhar o avião para Sófia. Ele deve seguir no voo das sete da noite. De modo que, neste momento, parece que tivemos um sucesso parcial.

— Não existe tal coisa como um sucesso parcial, coronel! — exclamou Andropov, muito exaltado.

— Camarada diretor, eu disse-lhe há várias semanas que isto seria uma possibilidade. Não sei se se lembra. E, mesmo que esse padre sobreviva, não irá

regressar à Polónia nos tempos mais próximos, pois não?

— Creio que não — resmoneou Yuriy Vladimirovitch.

— E essa era a verdadeira missão, não era?

— *Da* — admitiu o diretor. — Ainda não há mensagens?

— Não, camarada diretor. Tivemos de treinar um novo oficial de vigia em Comunicações e…

— De que está a falar?

— Trata-se do major Zaitzev, Oleg Ivanovitch, ele e a família morreram no incêndio de um hotel em Budapeste. Ele tinha sido o nosso oficial de comunicações para a missão seis-seis-seis.

— Porque não me informaram disso?

— Camarada diretor — continuou Rojdestvenskiy, com uma voz suave —, tudo foi plenamente investigado. Os corpos foram trazidos para Moscovo e devidamente enterrados. Morreram todos devido a inalação de fumo. Os processos da autópsia foram presenciados por um médico soviético.

— Tem a certeza disso, coronel?

— Posso enviar-lhe o relatório oficial, se assim o desejar — afirmou Rojdestvenskiy, com confiança. — Eu próprio o li.

Andropov não se importou mais com essa questão.

— Muito bem, mantenham-me informado de tudo o que chegar. E quero ser logo notificado acerca do estado de saúde desse polaco problemático.

— Às suas ordens, camarada diretor. — Rojdestvenskiy saiu, enquanto o diretor regressava a outros assuntos. A saúde de Brejnev estava a deteriorar-se cada vez mais. Muito em breve, Andropov teria de se afastar do KGB a fim de proteger a sua ascensão ao assento à cabeceira da mesa, e esse era o assunto mais premente para ele, de momento. E, para além disso, Rojdestvenskiy tinha razão. O padre polaco não seria um problema nos meses mais próximos, mesmo que sobrevivesse, e isso, para já, era quanto lhe bastava.

— Bem, Arthur…? — perguntou Ritter.

— Ele acalmou-se mais. Falei-lhe da Operação BEATRIX. Disse-lhe que nós e os britânicos tínhamos lá pessoas. Ele quer encontrar-se pessoalmente com o *Coelho* que tirámos da Rússia. De modo que ainda está bastante incomodado, mas, pelo menos, não connosco — relatou Moore, depois de ter regressado da

Casa Branca.

— Os britânicos têm esse tal Strokov em detenção — comunicou Greer ao diretor-geral de Informação. Essas notícias tinham acabado de chegar de Londres. — Acredita que o Ryan foi quem lhe pôs as mãos em cima? Os britânicos têm-no agora na sua embaixada de Roma. O Basil está a decidir o que vão fazer com ele. A melhor versão que temos é que o Strokov estava encarregado da operação e contratou aquele turco vagabundo como atirador. Os britânicos dizem que o apanharam com uma pistola com silenciador na mão. Pensa-se que a sua tarefa era matar o atirador, como no caso da máfia em Nova Iorque, há já algum tempo, a fim de poderem negar qualquer envolvimento nessa tentativa de homicídio.

— E o seu rapaz capturou-o? — perguntou o vice-diretor de Informação, com alguma surpresa.

— Ele estava lá com uma equipa de experientes espiões no terreno britânicos e talvez o seu treino nos Fuzileiros tivesse ajudado — concedeu Ritter. — Assim sendo, James, o seu rapaz de ouro irá ter mais um louvor.

Não hesites quando tiveres de assinar a carta de recomendação, Robert, conseguiu Ritter não dizer.

— Onde estão eles agora?

— Talvez a meio caminho daqui. A Força Aérea está a trazê-los — disse-lhe Ritter. — Estima-se que cheguem a Andrews às onze e quarenta, segundo me disseram.

Havia janelas no escritório administrativo, reparou Ryan, e o pessoal de voo era muito simpático. Ele conseguira mesmo falar um pouco acerca de beisebol. Os Orioles só tinham mais um jogo para darem cabo dos Phillies, ficou ele surpreendido ao saber. O pessoal de voo nem sequer fizera qualquer alusão ao motivo pelo qual o estavam a trazer para a América. Tinham-no feito muitas vezes e, de qualquer modo, nunca obtinham boas respostas. Na parte de trás, a família *Coelho* estava a dormir profundamente, um feito que Ryan não conseguia.

— Ainda demora muito? — perguntou ele ao piloto.

— Bem, aquilo ali é o Labrador — apontou ele. — Daqui a três horas já estaremos quase a chegar. Porque não vai dormir um pouco?

— Não consigo dormir em aviões — admitiu Jack.

— Não se sinta assim tão mal, nós também não — disse-lhe o copiloto. E essas eram boas notícias, pensou Jack.

Sir Basil Charleston estava, de momento, a ter a sua reunião com a chefe do governo. Nem nos EUA, nem no Reino Unido, os repórteres escreviam histórias acerca de quando e porquê os chefes dos vários serviços de informação se reuniam com os seus superiores políticos.

— Fale-me então desse tal Strokov — ordenou ela.

— Não é um sujeito muito simpático — respondeu Charleston. — Acreditamos que ele se encontrava lá para matar o verdadeiro atirador. Tinha uma pistola com um silenciador para eliminar o ruído. Assim, parece que a ideia era assassinar Sua Santidade, deixando para trás um homicida morto. Não sei se está a ver, senhora primeira-ministra, mas os mortos ainda não conseguem contar o que quer que seja. Mas talvez este o faça, apesar de tudo. Imagino que a polícia italiana deva estar a falar com ele agora mesmo. Ele é um cidadão turco e aposto que tinha um cadastro, e/ou experiência em contrabandear coisas para fora da Bulgária.

— Então, eram os russos que estavam por detrás de tudo isto? — perguntou ela.

— Sim, minha senhora. Isso parece-nos absolutamente certo. O Tom Sharp está a falar com o Strokov em Roma. Iremos ver a lealdade que esse bandido tem para com os seus mestres.

— E que iremos fazer com ele? — perguntou a primeira-ministra. A resposta chegou-lhe sob a forma de uma outra pergunta a que ela teria de responder, o que não lhe demorou muito.

Não ocorrera a Strokov que, quando Sharp mencionara os nomes de Aleksey Nikolayevitch e Ilya Fedorovitch Bubovoy, o seu próprio destino estava fechado. Ficou simplesmente estupefacto com o facto de os Serviços Secretos britânicos terem penetrado tão completamente no KGB. Sharp não viu razão para o dissuadir dessa ideia. Tão chocado que perdera a capacidade para reagir de forma inteligente, Strokov esqueceu-se de todo o seu treino e começou a cantar. O seu dueto com Sharp durou duas horas e meia, todo gravado em cassete.

Ryan estava mais em piloto automático do que o *Boeing* antes de ter tocado na pista Zero-Um Direita, na Base Aérea de Andrews. Ele já estava a pé há quanto tempo? Vinte e duas horas? Algo assim. Era uma coisa mais fácil de fazer como segundo-tenente da Marinha (com vinte e dois anos) do que como um homem casado e pai de dois filhos (com *trinta e dois*) que tivera um dia muito cansativo.

Havia dois carros à espera, ao fundo das escadas. Andrews ainda não tinha uma manga telescópica. Ele e Zaitzev entraram no primeiro. A Senhora *Coelho* e a *Coelhinha* entraram no segundo. Dois minutos depois, já estavam na Suitland Parkway, a caminho de Washington. Ryan assumiu a tarefa de explicar por onde estavam a passar. Ao contrário da sua chegada a Inglaterra, Zaitzev não estava com a impressão de que aquilo pudesse ser uma *maskirovka*, e o desvio pelo edifício do Capitólio veio acalmar quaisquer possíveis suspeitas que ele pudesse ter. George Lucas, no seu melhor, não poderia ter criado um cenário semelhante. Os carros atravessaram o Potomac e seguiram para norte pela George Washington Parkway, tomando finalmente a saída marcada para Langley.

— Então, esta é a casa do Inimigo Principal… — disse o *Coelho*.

— Apenas penso nisto como o lugar onde eu costumava trabalhar.

— Costumava?

— Então não sabe? Eu agora trabalho em Inglaterra — retorquiu Jack.

Toda a equipa que fora montada para o interrogatório estava debaixo do toldo junto à entrada principal. Ryan só conhecia um deles, Mark Radner, um académico russo de Dartmouth que fora chamado para algum trabalho especial. Tratava-se de uma das pessoas que gostavam de trabalhar para a CIA, mas não a tempo inteiro. Agora Ryan já o conseguia compreender. Quando o carro parou, foi o primeiro a sair e dirigiu-se a James Greer.

— Você teve dois dias muito ocupados, meu rapaz.

— Nem me diga nada, senhor almirante.

— Como é que as coisas se passaram em Roma?

— Primeiro, dê-me notícias do papa — urgiu Ryan.

— Tudo se passou bem na cirurgia. Ele ainda está numa situação crítica, mas nós já inquirimos o Charles Weathers em Harvard acerca disso, e ele disse que não era nada de muito preocupante. As pessoas da idade dele que fizeram uma cirurgia são sempre designadas como estando em estado crítico, quem sabe se tal não será um modo de aumentar a conta médica. A não ser que surja qualquer

coisa de inesperado, ele irá ficar bem. O Charlie diz que eles têm ótimos manejadores de bisturis em Roma. Sua Santidade deverá ir para casa dentro de três a quatro semanas, segundo o que o Charlie me disse. Eles não querem apressar as coisas com uma pessoa da idade dele.

— Graças a Deus, senhor almirante. Quando agarrei aquele estupor do Strokov, cheguei a pensar que tínhamos posto um fim a esses planos. Depois ouvi os tiros. Meu Deus! Que momento aquele, senhor almirante.

Greer assentiu com um aceno de cabeça.

— Posso imaginar. Mas o bem venceu neste caso. Oh, os seus Orioles roubaram a Série aos Phillies. O jogo acabou há vinte minutos. Deve ser aquelas interbases que eles têm, o Ripken. Creio que ainda há de chegar a algum lado.

— Ryan — aproximou-se então o juiz Moore —, bom trabalho, meu rapaz. — Houve outro aperto de mão.

— Obrigado, senhor diretor.

— Excelente, Ryan — disse então Ritter. — Tem a certeza de que não quer experimentar o nosso curso de treino na Quinta? — O aperto de mão foi surpreendentemente cordial. Ritter deveria ter tomado uma bebida ou duas no escritório, deduziu Jack.

— Neste momento, já ficaria contente se voltasse a ensinar História.

— É muito mais divertido fazê-la, meu rapaz. Lembre-se disso.

O grupo entrou mais para o interior, passando pelo memorial aos soldados mortos, muitos dos quais ainda eram secretos, para em seguida entrar no elevador dos executivos. A família *Coelho* seguiu o seu caminho. Havia acomodações hoteleiras para visitantes importantes e para agentes no terreno vindos do estrangeiro, no sexto andar, e, como seria de esperar, a CIA estava a instalá-los aí. Jack seguiu os executivos superiores até ao escritório do juiz.

— Será que o nosso novo *Coelho* é mesmo bom?

— Bem, sem dúvida que ele deu-nos boa informação acerca do papa, senhor juiz — respondeu Ryan, com bastante surpresa. — E os britânicos parecem muito contentes com o que ele lhes disse sobre esse tal agente MINISTRO. Tenho uma certa curiosidade em saber quem é o CASSIUS.

— E o NEPTUNO? — acrescentou Greer. A Marinha precisava de comunicações seguras para sobreviver no mundo moderno e James Greer ainda tinha fardas azuis no armário.

— Mais algumas ideias? — voltou a inquirir Moore.

— Será que alguém se deu conta de como os russos estão desesperados? Quero dizer, é óbvio, o papa era, e creio que ainda é, uma ameaça política para eles, mas, raios os partam, isto não foi uma operação racional, pois não? — perguntou Jack. — Parece-me que estão muito mais desesperados do que normalmente pensamos. Temos de poder explorar esse facto. — A mistura do álcool com o cansaço fez com que fosse mais fácil para Ryan falar mais abertamente do que era costume, e ele estivera a pensar nessa ideia durante as últimas doze horas.

— Como? — perguntou Ritter, lembrando-se de que Ryan era, até certo ponto, um ás em questões económicas.

— Há uma coisa que lhe posso dizer com toda a certeza: a Igreja Católica não irá ficar muito contente, em especial, muitos dos católicos na Europa de Leste. Trata-se de uma capacidade que precisamos de usar. Se nos aproximarmos inteligentemente da Igreja, talvez esta coopere connosco. A Igreja gosta de perdoar, é claro, mas primeiro tem de se ir à confissão.

Moore elevou uma sobrancelha.

— Uma outra coisa é que tenho estado a estudar a economia deles. Está muito periclitante, mais do que muitos de nós possamos pensar, senhor almirante — disse Jack, voltando-se para o seu superior imediato.

— Que quer dizer?

— Bem, as coisas que os nossos especialistas têm vindo a examinar são os relatórios económicos oficiais que vêm de Moscovo, não é?

— Nós também trabalhamos bastante para os obter — confirmou Moore.

— Senhor diretor, porque pensamos que são verdadeiros? — inquiriu Ryan. — Apenas porque o Politburo põe esses dados cá para fora? Sabemos que eles nos mentem e que mentem ao seu próprio povo. Será que também mentem a eles mesmos? Se eu fosse um inspetor da Comissão de Títulos e Câmbio dos EUA, creio que poderia pôr muita gente na Prisão Federal de Allenwood. O que eles dizem ter não bate certo com o que nós podemos identificar que eles têm. A economia soviética está de rastos e, se a mesma piorar, mesmo um bocadinho, todo o castelo de cartas se desmorona.

— Como é que poderemos explorar isso? — perguntou Ritter. A sua própria equipa de segurança informática dissera algo muito semelhante há quatro dias,

mas nem sequer o juiz Moore o sabia.

— De onde é que eles obtêm a sua moeda forte… quero dizer, de onde a obtêm?

— Do petróleo — respondeu Greer. — Os russos exportam tanto petróleo como os sauditas.

— E quem é que controla o preço mundial do petróleo?

— A OPEP?

— E quem — continuou Ryan — controla a OPEP?

— Os sauditas.

— E não serão eles nossos amigos? — concluiu Jack. — É preciso olhar para a URSS como um alvo de aquisição, como nós olhámos para a Merrill Lynch. Os ativos valem bem mais do que a corporação-mãe, porque são muito mal geridos. Não é difícil darmo-nos conta disto. — *Mesmo para um indivíduo exausto devido a um longo dia, com cinco mil milhas de avião em cima e um pouco de bebida a mais*, não disse ele. Havia muita gente inteligente na CIA, mas estes pensavam mais como funcionários do governo, e não tanto como americanos. — Será que não temos *alguém* capaz de pensar fora da caixa?

— Bob? — perguntou Moore.

Ritter estava a simpatizar cada vez mais com aquele jovem analista.

— Ryan, já alguma vez leu Edgar Allan Poe?

— Quando andava no secundário — respondeu Ryan, um pouco confuso.

— Que tal um conto intitulado «A Máscara da Morte Vermelha»?

— Trata-se de algo acerca da peste que chega para arruinar uma grande festa, não é?

— Vá descansar. Antes de voltar a apanhar o avião para Londres, amanhã, irá ser informado acerca de uma coisa.

— O sono soa-me como um bom plano, meus senhores. Onde é que posso dormir esta noite? — perguntou ele, dando-lhes a entender que estava pronto a colapsar.

— Temos um quarto para si no Marriott ao cimo da rua. Já o instalámos lá e há um automóvel à entrada, à sua espera. Pode ir já para o hotel — disse-lhe Moore.

— Talvez ele não seja assim tão estúpido — especulou Ritter.

— Robert, é bom saber que tem fibra suficiente para mudar — observou Ritter

com um amplo sorriso ao estender a mão para a garrafa de *bourbon* especial que Moore tinha no escritório. Era altura para celebrar.

No dia seguinte, no *Il Tempo*, um matutino de Roma, havia uma notícia acerca de um homem encontrado morto dentro de um automóvel, aparentemente devido a um ataque de coração. Não demorou até o corpo ter sido identificado e, por fim, chegou-se à conclusão de que se tratava de um turista búlgaro que chegara inesperadamente ao fim da sua vida. Se morrera com a consciência tranquila era algo que não ficou aparente após um exame físico.

---

[49] «Miserável», em russo. *(N. do T.)*

BIOGRAFIA

TOM CLANCY foi autor de vários bestsellers do *The New York Times*. Apaixonado por história naval, sempre teve o desejo de escrever um romance. A sua primeira tentativa, *A Caça ao Outubro Vermelho*, revelou-se um estrondoso sucesso internacional.

O realismo e autenticidade dos seus livros, bem como o enredo complexo e o suspense que sempre imprimiu às suas histórias, valeram-lhe um lugar entre os grandes mestres do suspense e do *thriller*. Tom Clancy faleceu em outubro de 2013.

Pode consultar a página do autor em
tomclancy. com

Mais informações em
www.sde.pt